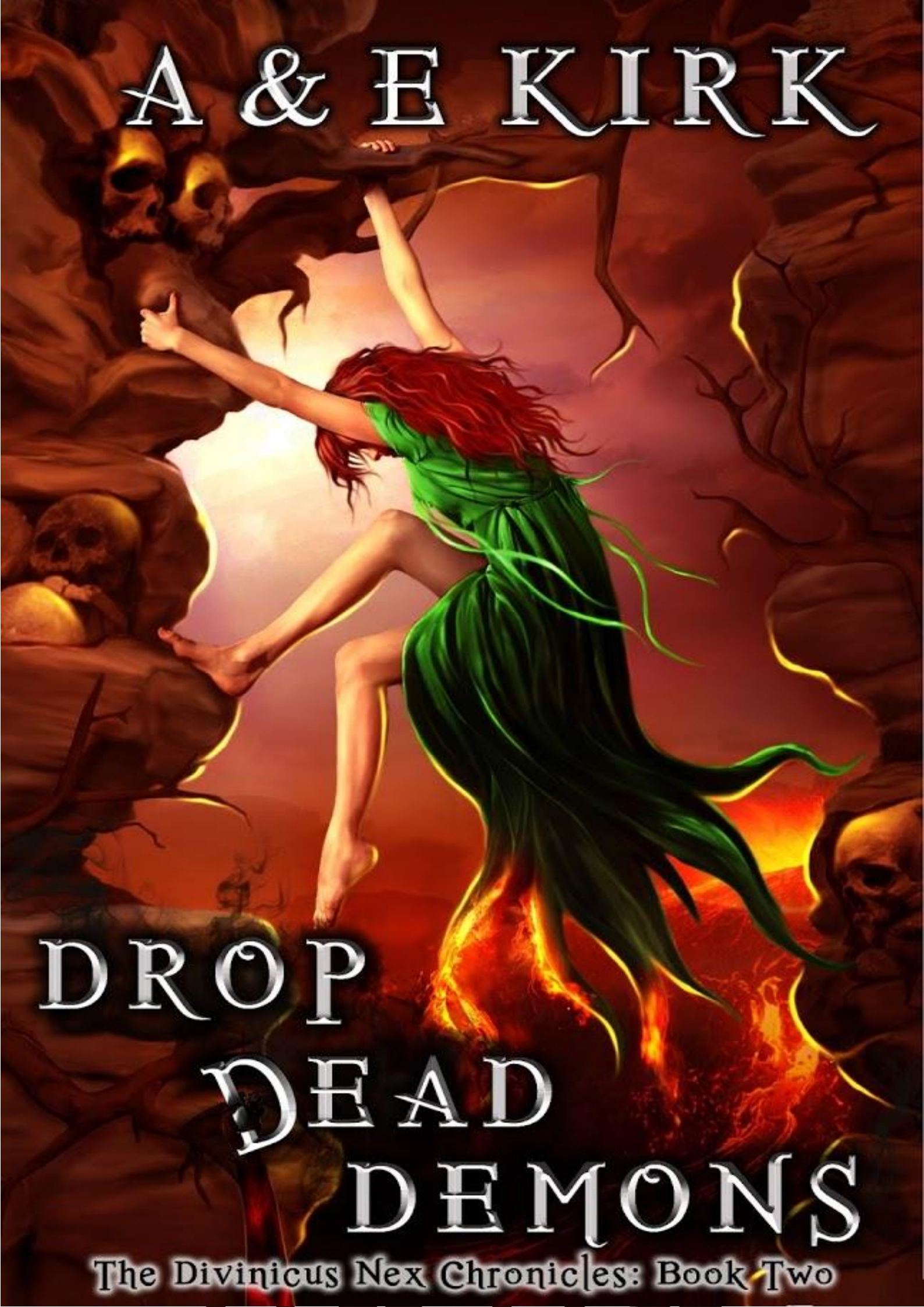

A & E KIRK
DROP DEAD DEMONS
The Divinicus Nex Chronicles: Book Two

SOBREVIVÊNCIA. É UMA BATALHA EM ANDAMENTO.

INDO EM UMA CAÇA AO TESOURO...

AURORA LAHEY FINALMENTE SABE POR QUE ASSASSINOS SOBRENATURAIS SALIVAM POR QUERER ABATÊ-LA, MAS COMO PARÁ-LOS? NÃO MUITO. CLARO, ELA DESCOBRIU SEUS PRÓPRIOS PODERES LETAIS, E TEM SEIS SEXYS CAÇADORES DE DEMÔNIOS SUPER ARMADOS COMO GUARDA-COSTAS – O MAIS GOSTOSO PROTEGENDO CADA PARTE DELA. MAS QUANDO UM ESTRANHO SEDUTOR ENTREGA UM ULTIMATO MORTAL, AURORA E OS MENINOS MALDITOS MERGULHAM EM UMA CAÇA AO TESOURO LENDÁRIO DO MANDATUM, QUE FINALMENTE VAI TRANSFERIR O PODER A SEU FAVOR. OU DESENCADEAR O INFERNO NA TERRA.

NEX MARCA O ALVO...

PERSEGUIDA POR DEMÔNIOS DE PROPORÇÕES MÍTICAS, AURORA E OS MENINOS MALDITOS ENTRAM MAIS FUNDO EM UM MUNDO SOMBRIO DE MISTÉRIOS E CONSPIRAÇÕES ONDE NADA É O QUE PARECE. ONDE O AMOR E TRAIÇÃO ANDAM LADO-A-LADO, E CONFIAR NA PESSOA ERRADA NÃO SÓ QUEBRA O SEU CORAÇÃO, MAS ACABA FAZENDO VOCÊ SER MORTA.

DEMÔNIOS EM SEU RASTRO...

REVELAR SEGREDOS CHOCANTES DO PASSADO DOS MENINOS MALDITOS, ESCONDER SUA IDENTIDADE DE DIVINICUS NEX, MENTIR PARA SEU NAMORADO FALSO-BEM-QUE-EU-GOSTARIA-QUE-FOSSE-REAL, ESQUIVAR DE DEMÔNIOS, INVADIR TUMBAS ANTIGAS, FAZER UMA VIAGEM INESPERADA PARA AS PROFUNDEZAS ESCURAS DO MUNDO EM ESPERA, RASTREAR UM TRAIDOR E PASSAR EM FÍSICA... AURORA CONSEGUIRIA FAZER ISSO DORMINDO. OU MAIS PROVAVELMENTE, MORRERIA TENTANDO.

NÃO SEJA PEGO!

CAPÍTULO UM

Eu fui amarrada e então raptada, o que levou ao meu estado atual de totalmente petrificada, presa em um espaço pequeno e escuro, e encharcada de suor frio, tremendo, esperando a minha *tão curta* vida acabar diante dos meus olhos. Confie em mim, quando eu fantasiei sobre "pular" o encontro de hoje, isso não era o que eu tinha em mente.

Se eu achei que o pano escuro sobre minha cabeça tinha me deixado em pânico, o fato de que eu agora estava presa no porta-malas de um carro multiplicou o pânico por fatores exponenciais. Eu conhecia a rotina do sequestro, e todos os especialistas concordam que você nunca deve entrar no carro, porque quando você está no carro, você está morto.

Bem, primeiro você é torturada ao ponto de desejar estar morta. Depois é morta. Sério. Essa sou eu, Aurora Lahey, sempre otimista.

Eu esfreguei meu rosto contra o tapete áspero alinhando o corpo até a capa escorregar. Não ajudou muito. Provavelmente porque um pedaço generoso dos meus longos cachos vermelhos tinha sido empurrado para minha boca, junto com um pano fedido que tinha gosto de fruta podre envolto em uma camada meias suadas.

Tentei entrar em estado Zen, indo fundo, dando respirações tremulas pelo nariz, o ar úmido grosso com odores de mofo, metal e borracha. Uma luz veio através do brilho vermelho de luzes traseiras, mas eu não conseguia ver muito.

Não importava. Eu sabia onde eu estava. No estacionamento do Sapori d'Italia, o único restaurante italiano na cidade no sul da Califórnia, Gossamer Falls, onde eu morava – ao lado do meu sempre esquivo possível/falso namorado que ao menos podia ser definido como meu guarda-costas.

Era uma clássica história milenar. Menina com superpoder de rastrear demônios através de visões psíquicas precisando de proteção



contra esses mesmos demônios e suas tentativas vorazes de esfolarem-na viva, mas sem querer despertar a suspeita de sua – felizmente – família sem noção.

Entãoooo... o que fazer?

No meu caso, a resposta veio na forma de Ayden Ishida, um pacote super-delicioso de caçador feroz de demônios, super sexy e quente com sua boa aparência e o fato de que ele controla o fogo. Ele se ofereceu para posar como meu namorado apaixonado, e apesar do fato de que eu sabia que era tudo uma farsa, eu estava me apaixonando loucamente por ele, e francamente – respire fundo, Aurora – eu achei que ele estava também, mas ultimamente ele tem estado mais ausente do que não, cancelando planos e desaparecendo sem explicação, por isso, quando ele insistiu em um encontro oficial com apenas nós dois, eu deixei minhas esperanças subirem ao céu.

Assim, naturalmente, acabei caindo no inferno.

Percebi que não era o momento ideal para contemplar a minha vida amorosa, porque, vamos falar a verdade, se a parte da vida em breve seria extinta, a parte do amor não importava muito. Mas, falando sério, o cara faz um grande estardalhaço sobre nós finalmente termos um tempo a sós e então cancela de última hora?

Claro, Ayden enviou outros quatro rapazes de sua equipe de caça ao demônio, conhecidos como Garotos Malditos, em seu lugar, mas que ajuda eles foram, sentados felizes degustando delícias enquanto eu fui pega durante uma ida ao banheiro.

Claro, distribui alguns bons chutes, mas no final, meu atacante venceu me amordaçando, colocando um saco na minha cabeça e me desarmando e agora eu estava presa no porta-malas de um carro. Cordeiro, pronto pro abate**.**



CAPÍTULO DOIS

A única vantagem para a minha perigosa atual situação era que, com base na sensação do corpo dele – eu não consegui ver seu rosto - meu sequestrador era humano. Não era geralmente uma definição de bom neste tipo de situação, mas para uma garota que normalmente vivia em alguma situação demoníaca, meu lado otimista tendia a pensar no melhor.

Quanto à identidade do culpado, eu tinha muitas opções. Alguém que trabalhava para um demônio, alguém na extração da equipe de Divinicus Nex da Madame Cacciatori, algum traidor trabalhando para o Mandatum tentando me assassinar, ou mesmo uma boa e repaginada versão de algum serial killer. Eu estava torcendo para este último.

Concentre-se, Aurora. Você foi treinada para isso. Mais ou menos. Ok, não realmente. Eu dobrei meus joelhos no meu peito, então ignorei a pontada nos meus ombros enquanto eu torcia e contorcia meus pulsos contidos, passando pela minha bunda, pernas, e em volta dos meus pés. Viva eu. Uma vitória pequena, mas eu aceito. Eu arranquei a mordaça e inalei várias, profundas e belas golfadas de ar.

Algumas semanas de treinamento *tão-intenso-que-deveria-ter-me-matado* com os Meninos Malditos não contaram muito quando este era o lugar onde eu vim parar. Matthias *nunca* ia me deixar esquecer disto. Ele foi uma constante no meu caso sobre quão bem eu não estava indo. Mas eu aceitaria a bronca.

Eu só tinha que sobreviver antes.

Eu ainda estava apertada - era um porta-malas afinal de contas. Minhas pernas longas tinham chance zero de alongamento. As amarras de plástico eram como uma jiboia apertada em torno de meus pulsos, mas eu lidaria com isso mais tarde. Sair antes que o carro ligasse e fosse até a Câmara de 1001 Torturas estava no topo da minha lista de tarefas.



Encontrar um pé de cabra ajudaria. E se era um carro de modelo recente, ele deve ter –

Bingo.

Enfiei os dedos trêmulos em um aperto forte em volta da trava do porta-malas e me esforcei para firmar minha respiração, porque milhas inalações irregulares tornavam um pouco difícil eu me movimentar. Eu precisava garantir que o atacante não estava esperando ao lado do carro, pronto para acabar com o meu plano de fuga.

Tudo parecia tranquilo.

Ainda cautelosa, eu arrastei meu antebraço pela minha testa cheia de suor, respirei fundo – o que quase me causou uma tosse - e puxei a trava para baixo, descendo lentamente contra a resistência até que...

No silêncio, mesmo o pop suave da trava liberando soou como um lançamento de foguete. Eu me encolhi e peguei a tampa antes que ela abrisse totalmente, mantendo apenas uma fresta aberta. Ar gelado entrou, transformando o suor já frio na minha pele em uma pista de gelo e dando crédito ao meteorologista pela previsão de uma tempestade de neve na primavera. Minha respiração embaçou quando eu dei uma espiada lá fora, os olhos correndo por meu campo de visão limitado.

Estava tranquilo e escuro neste fim distante do estacionamento. Isolado da estrada e do restaurante. Apenas alguns passos rápidos longe da floresta misteriosa com todas as suas sombras assustadoras e sons inquietantes.

Nesta área isolada, luz era irregular na melhor das hipóteses. Lançando sombras profundas em frente ao estacionamento, um limpa-neve amarelo apareceu à minha esquerda junto com um caminhão de reboque alguns corredores acima. Sem mencionar a quantidade de carros e SUVs enormes que todas as famílias - exceto os Laheys - pareciam possuir.

Eu não gostava de estar tão longe do restaurante e dos Meninos Malditos, mas eu era rápida, e logo que saí do porta-malas, eu corri a todo vapor para a segurança. Eu só tinha que ter certeza que –

Alguém estava a poucos metros de distância.



Minha garganta fechou com um som cheio de terror. Entrei em pânico, me contorci, e perdi meu aperto precário na tampa do porta-malas.

Ela começou a se levantar.

Procurei, frenética por ficar em silêncio. Na minha visão periférica, eu não podia ver os detalhes, mas a figura escura estava de costas para mim.

Sorte.

Ele começou a se virar. Sem tanta sorte. Se me visse agora, ele só me jogaria lá dentro de novo. Provavelmente com a cabeça primeiro.

Eu apertei meus lábios para silenciar o choro, peguei a ponta de metal, e desci a tampa para baixo, baixo o suficiente para que ela parecesse fechada, mas não tão baixo que ficasse realmente fechada. Oh, as sutilezas de sobreviver a um sequestro eram intrincadas, de fato.

Então eu segurei minha respiração. Esperei. Pronta para abrir o porta-malas com um chute se parecesse que ele estava vindo, o que eu provavelmente não conseguiria ouvir sobre as batidas irregulares do meu coração ou o sangue rugindo através das minhas orelhas. O suor escorria em meus olhos. Pisquei para cortar a picada.

Depois que preciosos segundos se passaram sem nenhum desastre impressionante, eu abri o porta-malas de novo, elevando-o apenas o suficiente para ver a parte de trás das coxas dele. Ele usava calça escura, parecia resistente e poderoso - para minha angústia - mas ele não tinha se mexido - para meu alívio - e estava virado para longe de mim - outra vantagem.

Lambi meus lábios salgados. Apertei os olhos. Ele estava a cerca de três ou quatro passos de distância. Eu poderia fazer isso. Eu era rápida o suficiente. Eu tinha que ser.

Contei até três - Ok, talvez fosse oito... ou mesmo doze, mas quem está contando? Oh, certo, essa era eu. Bem, na contagem de *qualquer* número quando finalmente minha coragem superou meu terror, eu soltei a tampa e saltei balançando.

O pé de cabra fez contato com meu agressor. Houve um baque satisfatório.

Tudo ficou mais gratificante quando eu percebi quem era.



A névoa da noite se reuniu, serpenteando para o solo e fazendo gotas grossas e frias que já se agarravam as minhas bochechas quentes brilharem na borda dos meus cílios. Pisquei para focar através da nevoa quando ele caiu no chão, mas não havia dúvida.

Eu conhecia meu sequestrador.

Atarracado, apenas um pouco mais alto que eu, seu cabelo cor de mogno ondulando ao redor do pescoço de seu casaco de lã e vestido todo com preto como a cova escura que ele chamava de lar. Matthias Payne, líder dos Meninos Malditos.



CAPÍTULO TRÊS

A satisfação foi curta quando angústia e confusão rapidamente tomou o centro do palco. Apesar de estar na minha lista das cinco melhores pessoas que eu gostaria de bater - missão cumprida - Matthias deveria, em primeiro lugar, ser meu aliado.

A contragosto, talvez, mas ainda assim.

Cutuquei o rosto imóvel de Matthias com o pé de cabra. Ele não se contorcia. Mesmo quando cutuquei com a extremidade pontiaguda. Ha. Eu tinha um balanço forte, claro, mas o suficiente para matá-lo?

Merda.

Eu me deixei cair ao lado dele mais rápido do que a queda livre do meu estômago e enfiei os dedos contra sua garganta.

— Que pena. Vivo. — Sentei-me em meus calcanhares com um suspiro de alívio. — Sequestro não faz sentido, Matthias. Você não suporta ficar perto de mim, então tentar um tempo só para nós? De jeito nenhum. A menos que... —

Algo feio e vil deslizou pelo meu intestino.

A não ser que ele planejasse me entregar para a sociedade secreta de caça ao demônio para qual os Meninos Malditos trabalhavam, o Mandatum. Da qual eu estava desesperada para me esconder. A que queria me aprisionar pelo resto da minha vida para me usar como radar de demônios pessoal. Assim como eles tinham feito para qualquer outro Divinicus Nex antes de mim.

Yeah, não obrigada. Eu tinha decidido romper com essa tradição encantadora.

Além disso, eu tinha feito um excelente trabalho de manter minha identidade Divinicus escondida dos Meninos Malditos. Claro, eles sabiam sobre o meu poder de explodir – uma luz branca que tinha o poder de acabar com tudo no caminho, incluindo demônios. Um poder que eu ainda



tinha que controlar ou mesmo replicar desde que eu quase levei um centro de convenções maciço para os ares em Los Angeles algumas semanas atrás. Não havia como Matthias ter encontrado outro esqueleto no meu armário.

E mesmo se tivesse, ele não me entregaria, não é? Ou iria?

— Nãão. Isso... ahhh... não pode ser. — Eu ensaiei uma risada. — Matthias, seu grande coringa.

— Coringa? O Australiano? Devo ter tido uma concussão.

Eu agarrei a gola de seu casaco, ergui sua cabeça, e me inclinei para olhar melhor para ele. Fiz uma pausa.

Lidando com o Australiano e seu temperamento desagradável era fácil esquecer da boa aparência dele. Mas no momento, relaxado e desprovido de sua careta quase perpetua, na maioria das vezes dirigida a mim - injustificadamente, obrigado – as belas feições de herói gótico clássico em seu rosto eram visíveis. E nas raras ocasiões em que ele deu um sorriso largo o suficiente para mostrar suas covinhas, ele poderia iluminar uma sala.

Mas na maioria das vezes ele a enegrecia. Literalmente. Ele controlava a escuridão e sombras. Eu às vezes me perguntava o que tinha fervido a alegria e bom humor de sua alma. Mas agora, eu não poderia me importar menos.

— Hey, idiota, o que está acontecendo? — Com minha mão segurando a lã grossa de sua jaqueta, eu o sacudi com força.

Sem resposta. Ele estava frio. Eu ouvi um barulho e tentei pular fora – não funcionou – eu cambaleei para trás enquanto deixava Matthias cair no chão

Vozes abafadas? Sabíamos que alguém do Mandatum estava enviando assassinos de demônios para me assassinar. Este traidor sem rosto em uma organização que deveria estar lutando contra demônios, trabalhando com eles para me remover como uma ameaça. Ameaça ao quê? Não faço ideia. Mas os Meninos Malditos, incluindo o Australiano, concordaram que enquanto rastreamos o culpado, eles me manteriam



longe da sociedade. Concordaram em me manter segura. Mas talvez o traidor não tenha recebido o memorando.

O estacionamento ainda estava desprovido de pessoas. Ou assim parecia. Um exército inteiro poderia estar escondido atrás dos carros e caminhões, ou agachados nas caçambas das caminhonetes.

Eu recuei em direção a floresta, mas –

Virei, mudando o meu olhar temeroso para a densa floresta, à procura de perigo no banco de árvores na escuridão. Eu estiquei meus olhos para travar o movimento, sombras, qualquer coisa.

Vozes novamente.

Merda, eles estavam vindo para mim. Mas de que direção? E quantos? Estavam armados? Será que eles planejam matar ou sequestrar?

Luz e som me chamaram a atenção. No chão. Eu respirei mais fácil. Era apenas o celular de Matthias que havia caído de sua mão. Peguei-o e o segurei no meu ouvido.

— você terminou com seu trabalho *super importante*? Eu não consigo falar com nenhum de vocês. Eles tomaram conta de Aurora? Matthias? Matthias, você está aí? O que —

Eu desliguei e deixei cair o telefone como se fosse uma granada. Mas eu já tinha sido atingida. Porque eu reconheci a voz. O som era profundo e rico e me causava arrepios na maioria das vezes. Especialmente quando estava sussurrando coisas doces no meu ouvido.

Era Ayden. No telefone. Colaborando com meu sequestrador.

Uma bigorna de pavor caiu sobre meu peito. Ele estava envolvido nisso? Eu poderia estar tão completamente errada sobre o que eu pensei que nós estávamos sentindo?

Fantástico. Eu estava caindo de amores, certo. Caindo em uma laje de concreto de engano e traição. Meus ossos gelaram. E não foi a noite gelada ou a névoa úmida saindo da floresta escura e rastejando ao redor dos meus tornozelos.

Olhei de volta para o carro do qual eu escapei.



Pânico renovou em raias de gelo pela minha espinha, pois mesmo sem o assento de Selena amarrado na parte de trás, eu conhecia aquela BMW preta e elegante.

Ela pertencia a Matthias.

Boa escolha, Aurora. Você sempre encontra as almas mais confiáveis. Meu instinto ameaçou devolver os palitos de pão e salada de mais cedo. Eu me inclinei para colocar minha cabeça entre as pernas.

— Boa mira, idiota. — A voz saiu de lugar nenhum.

Eu empurrei em surpresa e, como eu já estava inclinada, isso me custou o equilíbrio. Meus pés lutaram para recuperá-lo, sem sucesso. Eu caí para a frente. Meu ombro bateu duro. No último segundo, eu dobrei minha cabeça. O rolar estranho tinha que ser doloroso de assistir - Deus sabe que era doloroso fazer – então eu me levantei como um potro recém-nascido, todo perna e zero de graça.

— Eu sabia que fazíamos um bom time. — Mãos fortes pegaram um Matthias mole da terra como se ele não pesasse mais do que uma toalha úmida e o pendurou sobre seus ombros impressionantes. — Onde devo despachar esse filho traidor de um chacal?

Olhei, cambaleando para trás. Choque tremeu através de cada célula do meu ser.

— De jeito nenhum. — Eu balancei a cabeça, lentamente no início, e depois com empurrões frenéticos. Eu me belisquei para me certificar de que eu estava acordada – ouch – e acenei com os braços como se eu pudesse apagar o que estava na minha frente.

— Não está acontecendo. Nuh-uh

Negação e eu éramos velhos amigos. Era uma coisa boa também, porque se eu fosse acreditar no que os meus olhos estavam vendo, isso significava que a minha noite tinha acabado de ir de ruim a desastrosa.



CAPÍTULO QUATRO

Sem dúvida esse cara era um conto de fadas para se olhar. Olhos de cor de jade escuro e um toque de sensualidade que era tanto tímido quanto indecente. Perfeitamente bronzeado, com um físico de Adônis, seus cachos brilhavam com um tom de ouro queimado. E para completar tudo isso, lábios deliciosos que ofereciam o desejo do meu coração.

— O que você responde sobre a minha proposta sincera? — ele disse.

Provavelmente o que poucas já lhe responderam. — Não.

Semanas atrás ele apareceu em uma incômoda visão psíquica e romântica, onde eu tinha visto o suficiente de seu corpo para corar, e desejei ter visto mais – hey, eu nunca disse que eu não sou hormonal – e onde ele tentou me fazer concordar com algum acordo onde ele me daria tudo que eu quisesse por algum pequeno favor em troca.

Mas minhas visões rastreavam demônios e minha visão o tinha rastreado então..., ergo[1] – adoro quando posso usar essa palavra – eu saí da visão o mais rápido possível.

Agora ele estava ali, vestido como um aspirante a Indiana Jones. Camiseta khaki esticada sobre ombros largos e enfiada no cinto de uma calça cargo, com uma corda enrolada e pendurada em seu cinto, uma jaqueta de couro marrom velha e até mesmo uma bolsa de couro amarrada ao seu peito. Ele parecia ter vinte e poucos anos, mas exalava uma confiança de alguém muito mais velho e maduro.

Infelizmente, este não era o tipo de Príncipe Encantado que qualquer menina de dezessete anos precisava. Eu posso ter me confundido pela falta de presas, garras e odor pútrido, mas, demônio ou não, ele era problema em todo o sentido da palavra, especialmente no sobrenatural. Perigoso como uma cobra balançando, me hipnotizando logo antes de lançar seu ataque fatal.

[1] Ergo: Do latim, significa *por conseguinte, portanto*.



Eu queria correr, mas mesmo se eu pudesse com as minhas pernas feito geleia, ele ainda estava segurando Matthias. Não que eu me importasse.

Meus pulsos ainda estavam amarrados e eu levantei o pé de cabra com força para que ele não me visse tremer.

— Volte para onde você veio. — Eu lutei para não deixar transparecer o horror em cada silaba, mas temi que fosse uma batalha perdida. — Agora.

Ele deu o sorriso mais desarmante. Sério. Eu quase larguei o pé de cabra.

— Sua menina malcriada. — Ele balançou um dedo muito longo. — Na última vez em que nos encontramos, você fugiu antes de podermos concluir nossos negócios.

— Não, eu saí porque eu não queria fazer qualquer negócio com você. Nem antes. Nem agora. Nem nunca. Vá embora. Eu declaro isso aqui uma zona livre de demônios.

— Ah, eu entendo o mal-entendido. — Encantado assentiu e reajustou o peso morto de Matthias - má escolha de palavras - em seus ombros. — Isso teria ido muito melhor se esse idiota não tivesse interferido com os meus planos.

— *Seus* planos. — Eu pisquei. — Espere. Quem me sequestrou? Você?

— Não. O garoto estava sequestrando você — disse ele amigavelmente — Eu só estou aqui para te matar.

— Super — Meus pulmões gelaram. — Meu Deus, eu adoraria ajudá-lo com isso, mas as licenças para a Caça à Aurora deste ano acabaram de esgotar ontem. Sinto muito. Agora vá ou eu faço você ir. O que quer que isso signifique.

Eu girei o pé de cabra com ameaça. Ou teria girado, se quase não o tivesse deixado escorregar das minhas mãos, porque esqueci que meus pulsos ainda estavam presos pelas estúpidas amarras.

— Embora eu não posso culpá-lo. — Encantado suspirou e olhou pensativo enquanto ronronava em sua voz de veludo. — Você colocou todos os Meninos Malditos em uma situação precária de arriscarem suas



famílias para protegê-la. E esse aqui, acima de todos, não pode perder mais. Mas eu discordo. — Encantado deixou Matthias cair para trás de seus ombros. O Australiano bateu duro no chão, mas não mostrou sinais de acordar.

Encantado acenou com a mão ao redor. — Estou ciente de como tudo isso parece ruim.

— Você acha? — Eu soltei uma gargalhada e balancei o pé de cabra.

A extremidade curva enganchou a perna dele, fazendo-o cair de costas. Antes que ele pudesse se mover, eu bati nele com força na barriga. Uma, duas, três vezes. Eu estava em um frenesi, suando, o ferro deslizando na minha mão. Eu agarrei de novo. Não foi fácil com pulsos amarrados, mas eu consegui no quarto golpe e –

— Eu me rendo! — As mãos dele se ergueram.

Eu considerei bater nele mais uma vez, mas ele rolou em uma posição fetal. E tremia.

Ele espiou através de seus braços virados para cima. — Por favor, pombinha, se você apenas me ouvir.

— Cale a boca. — eu rebati. — Vire-se.

Ele obedeceu. Peguei a corda de seu cinto para amarrar suas mãos em suas costas.

Por que eu não apenas corria para longe do cara querendo me matar? Porque o estúpido do Matthias ainda estava deitado ali sendo inútil. A única razão lógica para por que eu estava protegendo meu sequestrador era por que eu queria mata-lo eu mesma. Mais tarde. De um jeito lento e doloroso.

Mas agora, se minhas mãos parassem de tremer, eu poderia, pelo menos, amarrar esse assassino lunático.

— Mas eu não tenho que matar você. — Encantado disse, com o rosto virado para a sujeira.

— Sorte a minha. — Eu me esforcei para enrolar a corda em torno de seus pulsos, feliz por ele não resistir, e notei que apesar de seu traje, ele exalava um perfume sedutor, algo fresco, perfumado e cheio de vida.



— Na verdade, sim. Ouça-me. Eu não sou nenhum demônio. Eu sou um ex-caçador do Mandatum. Me rebelei. — Ele riu. — Me chame de Rose. E por mais que eu odeie a sociedade, eu ainda amo a humanidade e preferiria não ajudar demônios a matar a Divinicus Nex.

Eu congelei. Olhei para Matthias. Ele ainda estava fora. Bom. Mas meu coração manteve sua batida impiedosa.

— Sim, Aurora. Eu sei quem você é, mas eu vou deixá-la viver e manter seu segredo. Tudo que eu preciso é uma pequena ajuda com um acordo mutuamente benéfico. — Quando eu enfim dei o último nó, ele recuou e fez uma careta por cima do ombro. — Ai! Isso é um pouco apertado.

— É para ser. — Eu me levantei e recuei, limpando o meu braço na minha testa, confiante de que a corda serviria. Por enquanto.

Rose rolou de costas e sentou-se. — Como vantagem contra mim, os demônios colocaram minha irmã no inferno. Quando eu te matar, eles a soltarão. Eu ganho, você perde.

Meu pé em seu peito o empurrou de volta ao solo. — Eu não acho que você entende o conceito de mutuamente benéfico.

Eu gostaria de poder sentir pena, mas a minha experiência dizia que era melhor apenas ir encontrar mais corda para amarrar os pés dele. Meu olhar varreu o estacionamento. A maioria das pessoas que moravam por perto mantinham todo tipo de lixo na parte de trás de suas caminhonetes. Correntes, cabos e até ferramentas. Tinha que ter algo que eu pudesse usar.

— No entanto - aqui é onde eu preciso de você, pombinha. — Rose deu um sorriso de dentes brilhantes. — O cenário alternativo seria em você me ajudar a resgatar minha irmã, depois de eu tê-la levado até seus inimigos e ajudá-la a despachá-los. Assim, como mencionado antes, ambos ganhamos.

— Que bondoso você.

— Você não tem ideia. — Ele me deu um olhar convidativo. — Mas eu gostaria de te mostrar.



— Ceeerto. Vamos reservar isso para o fim de semana entre *nunca* e *não nessa vida*. — Talvez eu pudesse amarrá-lo a um para-choques.

Ele continuou, um murmúrio confiante e suave — Tenha certeza de que eu tenho grandes esperanças com o nosso relacionamento, e é meu desejo mais sincero que você escolha este último cenário, porque senão você me coloca em uma situação embaraçosa. — Ele deu de ombros. — No entanto, família vem em primeiro lugar. Você entende.

Eu mais do que entendo. O que significava que eu precisava me livrar desse psicopata rapidamente.

— Oh meu Deus! — Veio uma voz de mulher.

Virei.

Um casal de meia-idade vestindo camisas de flanela combinando estava a alguns carros de distância. Chaves tilintavam enquanto giravam na mão da mulher. O homem jogou um braço protetor em volta dos ombros dela e ambos olharam horrorizados para Rose espancado e amarrado.

Mais alguns passos ofereceriam a eles uma vista mais deliciosa da minha outra vítima, como ele estava tão inconsciente quanto era inútil.

Enfiei o pé de cabra nas minhas costas. — Uh. Isto não é o que parece.

— É claro que é. — Rose deu um sorriso tão brilhante que praticamente trouxe o nascer do sol. — E daí que nós gostamos de fazer algo diferente. Nada para se envergonhar.

— Sr. e Sra. flanela engasgaram. Assim como eu.

— O que?! — Minhas bochechas queimaram até o ponto que eu tinha certeza de que minha pele faria bolhas.

— Mas nada temam. Nós temos uma palavra chave. Portanto, se vocês não se importarem em ir andando. — Rose piscou. — Eu ainda tenho uma fantasia que eu gostaria que ela cumprisse.

Eu me encolhi e apertei ainda mais o pé de cabra, pronta para bater nele, apesar do público.

O olhar do Sr. Flanela mudou de horrorizado a malicioso. Ele olhou para sua esposa. — Oh, é como aqueles livros que você gosta.

A Sra. flanela sussurrou: — Eu lhe disse para não contar a ninguém — então ela nos deu um sorriso envergonhado — Eu não sei do que ele



está falando. Boa noite. — Ela pegou as chaves e arrastou o Sr. Flanela para longe.

Bati minhas mãos sobre meu rosto e tentei massagear a dor da humilhação — Não acredito que funcionou.

Rose deu de ombros. — As pessoas tendem a acreditar no que eu digo.

— E por isso você saiu com essa? Minha reputação já era instável antes.

Eu observei o casal entrar no restaurante e examinar o lugar para garantir que não havia mais visitantes surpresa no caminho. Limpo até agora, mas até quando?

— Eu estou tentando ajudar, mas ficamos sem tempo. — Tristeza profunda percorreu suas palavras.

— Sim, ficamos. — Fiz um gesto em direção ao carro de Matthias. — Entre no porta-malas.

Uma solução temporária, com certeza, mas pelo menos tirava ele da cena imediata. Quem sabe que truques ou poderes ele tinha na manga? Eu comecei a tremer, observando minha respiração virar fumaça na noite fria.

Eu estava prestes a ir da sequestrada para a sequestradora. Melhor não colocar isso nas aplicações de faculdade.

— Esta não é uma boa ideia — disse Rose, mas levantou-se e caminhou em direção à BMW. Com um olhar apologético, ele caiu graciosamente no porta-malas. — Você vai se arrepender de não aceitar a minha ajuda — ele sorriu — três, dois...

Em seguida, a tampa magicamente se fechou sozinha, e eu estava prestes a fazer um comentário sarcástico quando -

O chão estremeceu atrás de mim e rachaduras apareceram no chão cimentado. Antes mesmo de eu virar eu sabia o que era - meus sentidos de Divinicus Nex estavam formigando. E por formigamento, eu quis dizer tremor com terror.

Demônio.



CAPÍTULO CINCO

O demônio vinha agachado. Era do tamanho de um gorila coberto de obsidiana e brilhando com a lava que corria pela superfície. Como uma corrente de lava ambulante de um vulcão hiperativo. Cada respiração exalava brasas.

Eu olhei para o meu pé de cabra e pulsos ainda amarrados. Olhei para a forma imóvel de Matthias. Olhei para o gorila flamejante de dois metros e meio.

— Rose! — Eu deixei cair o pé de cabra e bati minhas mãos no porta-malas. O caçador rebelde do Mandatum não surgiu, então eu me atrapalhei com as chaves no bolso de Matthias e abri o porta-malas.

Vazio. Não é bom. Muito ruim, na verdade. Minha cabeça girou. Nenhum sinal de Rose, mas o demônio vulcão havia subido em uma SUV prata a várias fileiras de distância.

— Matthias!

— Virei para minha única luz fraca de esperança e chutei seu lado como se eu estivesse tentando fazer um gol. A luz âmbar no estacionamento não conseguia esconder a palidez de sua pele.

— Acorde agora e você pode me torturar depois — eu disse.

Nada. Bem, se isso não o fez acordar...

O demônio bateu no peito. Manchas de lava escorreram.

Eu curvei, e com os músculos tensos até o limite, arrastei o Australiano até o limpa-neve. Nós dois nos agachamos atrás da lâmina de aço curvado ligado à parte frontal do caminhão amarelo brilhante, em seguida, eu usei a borda afiada da frente do para-choques para cortar a amarra dos meus pulsos.

Metal rangeu. O demônio aterrissou no telhado de uma SUV estacionada do outro lado do carro de Matthias.



Eu empurrei. Minhas mãos escorregaram e a borda de metal do para-choque fez cortes rasos em meus braços. O demônio agarrou a borda do carro, com os dedos derretendo através do metal enquanto ele abaixava a cabeça para procurar lá dentro. Por mim. Ele gritou de frustração. Eu acelerei meu serrar frenético.

Uma sombra e calor fantasma me pegaram por cima. O limpa-neve estremeceu e gritou quando o demônio desabou em seu teto. As janelas explodiram sob o peso. Vidro foi para todo o canto.

Quando o demônio me viu, uma explosão de calor e ar fedendo a enxofre soprou em meu cabelo quando o rugido da criatura quebrou a barreira do som. Seus punhos bateram no teto com um grito de metal. Lava salpicou. O demônio pulou para cima e para baixo e balançou os braços de lado a lado, arrastando faíscas ao longo do metal, e fazendo vários roncos baixos e graves que pulverizavam uma quantidade impressionante de ranho de lava.

Eu não estava nem perto tão emocionada quanto ele ao me ver.

A amarra se desfez com um estalo forte. Minhas mãos voaram ao se separar. Liberdade.

Sangue escorria de pequenos arranhões nos meus pulsos. Eu corri para pegar o pé de cabra, em seguida, cambaleei para longe do limpa-neve, na esperança de manter sua atenção longe de Matthias. O demônio bufou algumas vezes, sacudindo a cabeça com fúria. Crostas de rocha negra voaram. Ele fechou os olhos e recostou-se para bater em seu peito novamente, grunhindo, bufando como se estivesse na selva, fazendo uma grande demonstração de força e dando toda a impressão que estava prestes a atacar.

Ele estava tão consumido com essa grande exibição de poder gorila que não me viu erguendo o braço e arremessando o pé de cabra como uma vara de metal através do ar. Como uma lança.

Hey, dois podem jogar o jogo da selva.

Eu tinha uma propensão natural em jogar objetos pontiagudos e desta vez não foi exceção. O pé de cabra disparou através do espaço e se



enterrou no centro da barriga do demônio. Como se surgindo de uma enorme espinha, líquido jorrou e magma verteu da ferida.

Legal.

Eu balancei a cabeça e me dei um tapinha mental nas costas, desejando que houvesse alguém por perto para apreciar a minha grandeza e...

Ah, merda. Em segundos, o pé de cabra de metal simplesmente ficou vermelho de quente, começou a derreter e acabou desaparecendo no intestino do gorila, tornando-se uma parte inofensiva da massa quente agitada. Uma camada de rocha endurecida foi o que sobrou da ferida. O demônio não estava tão ferido quanto incomodado.

Ele passou a mão na barriga, juntando-se a si mesmo, e jogou o que me levou um tempo para perceber que era uma bola de lava crepitante.

Vindo direto para o meu peito.

Virei para trás e pulei na caçamba de uma caminhonete atrás de mim. Um tremor violento abalou o veículo quando a bola de lava bateu. Um rugir de um trovão seguiu. A caminhonete pulou e pendeu para um lado, quando outra bola de lava derreteu um dos pneus.

Eu fiquei agachada até o Kong Flamejante repetir seu grito de guerra e jogar outra bola de lava. Iluminada contra o pano de fundo do céu noturno, ela navegou um arco suave diretamente para o meu esconderijo. Eu empurrei de lado um saco de latas de alumínio e dei um aperto sólido em uma pá de neve. Levantei a pá e a balancei, jogando toda a minha força nela.

Tenho certeza de que teria sido um homerun, mas difícil provar, porque em vez de rebater, a bola de lava se dividiu em pedaços de fogo laranja, o calor intenso deformando o metal da pá.

O demônio continuou jogando bolas rápidas, e eu continuei a rebatê-las até a pá estar tão torcida que parecia uma peça de arte moderna abstrata.

E tornar-se totalmente inútil.

Eu pulei da caminhonete, saltando nos topos de dois sedans e escorregando nas superfícies molhadas pela névoa. Caí, tropecei em meus



joelhos e deslizei para trás de uma SUV. Quando outra bola de lava assobiou atrás de mim, eu me agachei e agarrei o gancho próximo do caminhão do guincho e pulei estilo Tarzan - pareceu apropriado - sobre um carro pequeno, e quando o caminho estava claro, eu soltei, viajando pelo ar.

Eu caí no chão e rolei. E só parei de rolar quando bati em uma moto Harley Davidson laranja e a fiz cair. Que bateu em outra Harley do lado. Que bateu na outra, e na outra e... você pegou a ideia. Uma disposição colorida de capacetes combinando também caíram na confusão barulhenta.

O Efeito Dominó Aurora Lahey derrubou sete motocicletas ao todo. Talvez oito.

Ótimo, agora eu teria demônios do inferno e *Hell's Angels*[2] atrás de mim.

O macaco deu um salto de cima, pousou na minha frente, e deu um soco com seu grande braço infundido com lava.

Eu caí no chão e mergulhei sob uma Harley caída. Metal guinchou e faíscas voaram quando o demônio agarrou e jogou a moto de lado sem esforço. Ele inclinou se rosto, as presas pingando lava derretida, um calor tão intenso que eu pensei que minha pele derreteria dos meus ossos. Entre seus olhos brilhantes, uma série de pequenas luzes vermelhas do tamanho de uma moeda piscavam.

Estranho, mas não há tempo para contemplar a esquisitice.

Peguei um capacete decorado com, dentre todas as coisas, chamas laranjas que adornavam toda sua extensão. Uma jogada inteligente deveria atrasá-lo o suficiente para que eu fugisse, mas ele arrancou o capacete com uma mão e o levantou, comigo ainda agarrada a ele - não sei porquê – e tênis balançando vários metros acima do solo. Ele me atirou pelo ar.

Eu pousei em um caminhão, em uma pilha de correntes enroladas em uma bobina. Isso ia formar uma contusão. Eu gostaria de poder colocar

[2] Anjos do Inferno. Refere-se a uma gangue de motoqueiros.



gelo, mas o demônio continuava vindo, jogando uma bola de lava de um tamanho considerável.

Eu rolei para o lado. A janela traseira do caminhão explodiu. Eu senti o cheiro de cabelo queimado e gritei de pânico. Depois de golpear o vapor dos meus cachos vermelhos, eu agarrei a corrente da pilha, a levantei, girei sobre minha cabeça e joguei com força.

Ela desenrolou no ar. O demônio berrou com raiva quando os nós chicotearam ao redor dele com um chiado alto, envolvendo-o de forma eficaz, confinando seus braços e pernas. Ele tentou andar, mas caiu no chão como um monte quente.

Eu joguei o punho no ar. — É disso que eu estava falando!

Exceto que... eu o observei lutar, os nós da corrente de metal derretendo aos poucos, liberando espaço. Essa amarra não duraria muito.

— Oh, vamos lá! — Bati as palmas das minhas mãos em cima da cabine do caminhão.

Se ao menos o meu superpoder de explodir e aniquilar demônios despertasse, eu poderia manda-lo de volta ao inferno num piscar de olhos. Mas não. Continuou impiedosamente desaparecido, o que me deixou sem opções.

Então eu pulei para o chão e corri para o que eu esperava não acabar sendo um erro colossal.



CAPÍTULO SEIS

Pela janela do restaurante eu vi o volume maciço de Blake e atirei os braços em movimentos frenéticos.

Ele estava muito ocupado flertando com a garçonete para perceber. Eu estava longe demais para ele ouvir meus gritos. O chão tremeu quando o demônio conseguiu se livrar do resto da corrente, se chacoalhando como um cachorro molhado. Ele rugiu e saltou atrás de mim.

Corri para o canto do edifício, mas a minha visão turvou e leveza tomou conta de mim quando meu poder de rastreamento Divinicus tomou conta.

Minha visão virou um túnel e deixou meu corpo, dando zoom para a frente e virando a esquina.

Uma criatura lupina do tamanho de um rinoceronte galopava em longos passos largos e flexíveis, cabeça caída, orelhas planas, seu corpo prostrado. Fumaça queimava de seu focinho, nas narinas. Olhos redondos e profundos brilhavam com um olhar prateado sem pupilas. A escuridão parecia abraçar o monstro, achatando o pelo rijo e espesso ao longo de sua coluna vertebral e cauda, pronto para me espetar se as enormes presas não resolvessem.

Minha visão retornou ao meu corpo. O retorno repentino de peso para os meus membros desorientou meu equilíbrio. Eu não lutei contra a queda. Em vez disso, virei de lado e me arrastei até virar a esquina. O demônio lobo veio correndo através do solo, não estourando com uma chuva de sujeira, mas parecendo mais que liquido simplesmente espirrava de debaixo da terra. Ele saltou no ar, escancarando uma boca cheia de dentes serrilhados prontos para me cortar ao meio. Com meu corpo tão baixo no chão, as patas dele só passaram rente à minha cabeça, mas se a visão Nex não tivesse me dito para desviar, eu estaria morta.



A criatura feroz pousou agachada, os olhos brilhantes examinando o chão como um laser prateado. Ele me viu. Um grunhido baixo retumbou o chão sob meus pés. Ele levantou o focinho e uivou um lamento solitário.

Chamando o resto de seu bando? Não é bom.

Ele deixou cair sua cabeça, lambeu seus lábios, e atacou.

Pior ainda.

Meus pés se esforçaram para encontrar tração no terreno contra o galope acelerado. Ele era rápido, e as presas e garras arrancariam minhas entranhas antes que eu tivesse a chance de correr. Um cheiro de podridão oleosa queimou minhas narinas enquanto ele se aproximava.

Do estacionamento veio um grito vicioso. Vomitando um rio de fogo de lava, o gorila flamejante saltou das sombras, trazendo uma onda de calor sobre meu corpo. Mergulhei de lado. Uma rajada de ar escaldante acertou minhas costas e me lançou no ar, o soco e queda subsequentes tirando o ar dos meus pulmões. Eu me perguntava se meus intestinos seriam arrancados de minha barriga antes ou depois da minha carne queimar até tostar.

O demônio lobo borrou no meu caminho e acertou o macaco de fogo como um trem de carga, catapultando ambos para a floresta em meio a um spray de rosnar vermelho. Árvores foram arrancadas do caminho, o som de destruição violenta continuando mesmo depois que eles desapareceram na noite.

Que legal. Eles estavam brigando por mim. Sobre quem iria me *matar*, mas uma garota tem que aceitar atenção onde puder.

Eu rolei para os meus pés e corri mancando até a janela do restaurante. Bati meu corpo contra ela, os braços espalmados.

A garçonete gritou. Blake sorriu. — Babe! Os caras estão tentando encontrá-la, mas eu sabia que você ia voltar para mim. Você parece tão engraçada — O rico bronzeado de sua pele empalideceu enquanto ele apertava seu rosto contra o vidro — Eu? Ainda irresistível, não é? Tire uma foto.

Yep. Eu estava morta.



CAPÍTULO SETE

Os olhos de Blake mudaram de sua cor avelã de sempre para um acobreado brilhante, o que significava que seus poderes estavam ativados. O que também explicava como ele literalmente caminhou calmamente através da janela sem quebra-la. Ele controlava tudo o que fosse feito de terra - como o vidro. Depois de eu ter explicado minha noite agitada de modo ofegante, com tons agudos e gestos de mão selvagens e embaraçosos, a expressão de Blake escureceu, e ele entrou em estado de caçador de demônios, ligando para Logan e pedindo que ele fosse ao local onde eu deixei um Matthias inconsciente.

Enquanto eu lutava para manter o ritmo dele enquanto corríamos pelo estacionamento, eu apontava para os jatos de fogo e sons selvagens da batalha feroz dos demônios que acontecia dentro na floresta.

— Eles vieram através do portal do inferno? — E se sim, isso significava que há mais chegando?

— Não — Blake me puxou junto ao seu lado, agindo como uma barreira formidável entre mim e os demônios. — Não houve um alerta. O portal está inativo desde antes de você se mudar para cá.

— Não deveríamos lidar com eles antes?

— Eles provavelmente vão se matar sozinhos — ele deu de ombros e continuou a avançar.

Quando chegamos ao extremo do estacionamento, eu disse: — E se não se matarem? — Ele não respondeu. Muito ocupado se agachando para estudar o terreno vazio atrás da lâmina do limpa-neve. Onde Matthias supostamente deveria estar.

Você acha que o tal do Rose o levou? — Eu perguntei. Hmmm. Não tenho certeza que eu estaria muito desapontada se fosse esse o caso. — Ou talvez ele saiu sozinho. — Humilhado pela forma como eu brilhantemente frustrei seu plano maléfico e então salvei a vida dele.



— Eu posso ver onde você o arrastou, mas nada mais está remexido em volta deste ponto. Sem pegadas além das suas. — O rosto com uma rara expressão de concentração sombria, Blake coçou sua confusão de cachos curtos cor de canela. — É como se ele simplesmente tivesse desaparecido.

Sonhos realmente se tornam realidade.

Blake mergulhou os dedos na poeira e trouxe para o nariz. — Cheira como... primavera.

— Eu sei, certo? É o Rose.

— O cara que você diz que desapareceu do...

— Do porta-malas. — Eu ainda tinha as chaves comigo.

Olhei para a minha antiga prisão que não estava tão vazia quanto eu previa. Emoção borbulhou. Transbordou. Em seguida, com os punhos batendo, eu lancei meu ataque.



CAPÍTULO OITO

— Calma, querida.

— Blake me tirou do meu frenesi de bater em Matthias, que, em algum momento, foi magicamente transportado para o porta-malas de seu próprio carro. Ainda inconsciente. E, até onde eu sabia, ele poderia ficar desse jeito. Para sempre.

Blake me levou alguns carros de distância quando Jayden surgiu, seus chinelos batendo em um ritmo frenético, sua camisa de estampa tropical desabotoada e batendo contra a parte superior de seu abdômen. Apesar do visual surfista de Jayden, seu cérebro funcionava com um QI uns 500 pontos além do nível gênio, então eu estava contando com ele para descobrir o que diabos estava acontecendo.

Ele parou em nossa frente, sua brilhante cortina de cabelos cor de ébano balançando em seus ombros enquanto suas mãos acariciaram vigorosamente o meu corpo. — Você descobriu alguma falha em sua anatomia?!

O único problema era quem em metade do tempo - okay, mais da metade - eu não conseguia entender o que diabos Jayden estava dizendo, sem ajuda do *Dicionários para Idiotas.*

— Eu não faço ideia. Por favor, pare. — Ainda com Blake me apertando, eu o empurrei da melhor forma que eu pude.

Jayden parecia perturbado. Seu estado habitual de corpo magro e relaxado ficou rígido, seus braços dobraram em seu peito enquanto ele me olhava com expectativa, polegares estalando furiosamente e fora do comum, um sinal claro de que ele estava nervoso.

— Ele quer saber se você está ferida — veio a voz atrás de mim.

Eu gritei.

Uma figura fantasmagórica capotou em uma caminhonete e desceu ao nosso lado. Não um ser etéreo assombrado, graças a Deus. Apenas um



assustadoramente pálido Menino Maldito que gostava de usar seu controle sobre o ar para cair do céu. Isso sempre me assustou.

Blake segurou meu corpo se contorcendo com pouco esforço e deu de ombros. — Eu estou bem, obrigado por perguntar. Mas babe aqui está chateada.

— Não você. Estamos falando de Aurora. — Logan enfiou a gravata de volta em seu colete e reajustou seu paletó esporte. Então, embora tenha metade do tamanho de Blake, ele bateu no ombro do grande cara. Não que o gigante tenha notado.

— Meu carro! — Lamentou uma mulher de algum lugar no estacionamento.

Saltos altos vieram clicando furiosamente, então nós a vimos correr de volta para dentro do restaurante.

Eu examinei o dano. Carros estavam amassados feito papel. Fumaça saia dos buracos de metal, que pingavam lava. As janelas estavam despedaçadas. Vidro brilhava no chão entre a névoa. Alguns caminhões estavam de lado, seus conteúdos espalhados no solo.

Mesmo tão longe do restaurante, pude ver figuras lá dentro começando a se levantar, lotando a janela. Muitas delas.

— Aw, merda. — eu disse.

— Tristan irá conter o tumulto — Jayden disse. Enquanto ele falava, as janelas apagaram. As pessoas sentaram-se novamente. Sinistro. O turbilhão de alabastro nos olhos de Logan finalmente retornou para o verde esmeralda escuro de sempre, mas seu olhar hesitante teve dificuldade em encontrar o meu. — Você está... bem?

— Eu não estou bem! — Eu estourei e vi Logan encolher. — Desculpe, não é você. É ele. — Eu apontei para Matthias. — Aquele filho desprezível de um chacal!

— Ela está bem — disse Blake.

O carro esportivo vermelho de Ayden derrapou no estacionamento. Ele derrapou para evitar colidir com uma caminhonete em busca de uma vaga de estacionamento e gritou ao parar em nossa frente. Sutil. Ele pulou sem se preocupar em desligar o motor ou as luzes. Ou fechar a porta.



Eles todos gemeram.

— Ele vai enlouquecer — disse Logan sob sua respiração.

— Aurora — Ayden gritou. — Sua mãe está no telefone!

Oh, ótimo.

Blake me pegou no colo e me levou até a BMW com os outros dois Meninos Malditos.

Covardes.

Enquanto eu observava Ayden se aproximar, o celular pressionado em seu ouvido, eu esperava sentir suspeita fria irradiar através de mim, mas pela primeira vez na noite, eu me senti segura. Devem ter sido os hormônios.

As belas feições de Ayden ainda me surpreendiam como no primeiro dia em que eu o conheci. Eu o chamava de Sr. Exótico por causa da mistura impressionante de sua ascendência havaiana e sangue europeu que se misturou em um lindo puro-sangue.

Suas maçãs do rosto poderiam cortar vidro. Sua pele parecia retocada ao longo de um queixo digno de Zeus. Seu cabelo cor de ébano curto e espetado estava despenteado em uma perfeita confusão não intencional, macio entre os meus dedos. Aqueles lábios cheios sempre prontos para um sorriso de parar o coração. Olhos de chocolate escuro que faziam promessas que traziam rubor às minhas bochechas.

Ele vestia uma jaqueta de couro preta que se esticava em seus ombros largos, e sua camiseta estava apertada o suficiente para deixar claro a boa condição de seu corpo. Peito sólido, abdômen marcado, cintura apertada. E sua calça jeans, sempre pendurada em seus quadris.

Eu parei a mim mesma antes do suspiro ser muito audível. O que foi difícil, porque enquanto ele se aproximava, eu senti um sopro da mistura inebriante de couro e sândalo e... Ayden.

Eu realmente tive que ir com calma. Esse cara me deixava uma bagunça. Metade feliz, metade miserável. E completamente confusa.

Tinha sido uma história diferente quando começou há semanas atrás. Fale sobre atencioso.



Além de todos os exercícios e treinamentos, Ayden me levava para a escola todos os dias, caminhava comigo até a aula, almoçava comigo e levava meus livros. Na parte da tarde, ele saia com a minha família para jogar. Ele me levava para assistir filmes, dançar no clube de campo, passear de caiaque no lago. Andar a cavalo na fazenda de Blake não tinha sido o desastre que eu esperava. E ordenhar as vacas foi legal, até a Bessie má me avisar - com um casco bem colocado - que ela tinha um problema com a minha técnica. Ainda tenho a marca.

Era um turbilhão maravilhoso quando conversamos, rimos, e compartilhamos experiências. Ayden exalava charme e sagacidade, fazendo perguntas e ouvindo todas as minhas respostas. Então do que eu estava reclamando?

Da falta de... momentos íntimos.

Claro, no começo eu era muito mais confortável com a galera. Ayden me assustava. Ainda me assusta. Mas agora...

Agora eu estava apaixonada. Agora eu ansiava por tempo sozinha com ele - muito tempo - e eu ansiava por ele apesar de estar com medo. Eu estava disposta a assumir o risco. Grande feito para mim.

Infelizmente, o nosso tempo juntos tinha o efeito oposto sobre Ayden.

Ele não tentava mais se livrar do resto do Meninos Malditos. Fazia séculos que ele roubou um momento tranquilo para segurar minha mão, acariciar meu pescoço, ou murmurar no meu ouvido. Eu juro, justamente quando a atração tinha se tornado demais para resistir, ele recuou.

Não a atenção, entretanto. Só... as coisas físicas.

Foi embaraçoso. Devo ter lido as coisas terrivelmente errado. Ao observá-lo agora, eu ainda o queria. Queria beijá-lo e chutar a bunda dele. Embora a bunda dele não tivesse nada de errado. O que somava aos meus problemas.

Ele sorriu ao telefone. — Não, está tudo bem. — Ele apertou o telefone celular no peito e sussurrou: — Ela acha que fomos jantar esse tempo todo. — Então ele estendeu-o para mim.

— Oi, mamãe.

— Por que você demorou tanto tempo para responder?



— Eu estava, uh...

Ayden sussurrou: — Eu disse a ela que você estava no banheiro.

Ha ha. Não, isso foi no início do meu suposto sequestro. — Precisei de alguns minutos no banheiro — eu disse.

Eu recuei quando Ayden começou a falar em voz baixa com Jayden. Era sempre um pouco estranho ver os dois lados a lado. Embora eles fossem gêmeos fraternos, não idênticos, os dois compartilhavam uma forte semelhança genética. Mas só um deles fazia meu coração vibrar em um ritmo acelerado.

A voz da mamãe levantou, interrompendo minhas reflexões, suas palavras apressadas. — Só checando, porque houve chamadas para a polícia sobre carros vandalizados no restaurante onde você está.

— Sério? — Eu sacudi alguns cacos de vidro e sujeira do meu cabelo. — Espera, como você sabe?

O rádio da polícia da sua tia. Uma mulher acabou de ver pessoas usando máscaras de ski fugindo da cena!

Hmmm. A criatividade de Tristan precisava melhorar se criminosos clichê eram a nova realidade que ele estava... implantando nas cabeças dos clientes do restaurante.

A sociedade chamava Tristan de Ilusionista, o que significava que ele tinha um tipo de controle da mente. Ele podia criar ilusões, fazendo as pessoas verem ou pensarem o que ele quisesse. E, em alguns casos, apagar completamente sua memória.

Não funcionou para mim, entretanto. Ele tentou... e bem, vamos apenas dizer que ele me mandou para um lugar que rima com inverno, mas que definitivamente não era frio. Inverno, é isso. É uma longa história.

— Eu estou bem, mãe. Não precisa se preocupar.

— O que mais uma mãe faz? — Ela tentou soar alegre, mas não conseguiu completamente. — E se você estava no banheiro, por que eu acabei de ouvir um carro?

Ah, ela estava em modo de mega-mãe.

— Porque eu estou no estacionamento agora.



Ayden começou a ficar mais barulhento. Fumaça até começou a surgir de seus ombros. Ótimo. Mais alguns minutos de aumento de temperatura e ele poderia realmente se transformar em uma tocha humana. Claro, Ayden controlava o fogo, mas às vezes parecia que era o fogo que o controlava.

Uma caminhonete estacionou algumas vagas depois e eu reconheci alguns caras da escola empilhados nela. Os Meninos Malditos estavam muito ocupados para notar. Eu me virei e coloquei a mão no meu ouvido livre para que eu pudesse ouvir melhor a minha mãe.

— Aurora — Mamãe aguçou o tom de voz: — Eu pensei que você estava jantando. Por que você está estacionamento?

Uma nova voz bufou no telefone. — Estacionando, obviamente.

— Foi a minha Tia M, esposa do irmão de meu pai. Ela está ficando conosco por algumas semanas.

— Eles são adolescentes, afinal de contas — disse ela.

— M — Mamãe disse, com irritação — por que você está no meu telefonema?

— Não fique arrogante. — Tia M soou arrogante. — Eu estava prestes a ligar para Ken.

Mamãe suspirou. — Ligue para o seu marido na hora certa com o seu telefone super secreto e indetectável.

— Telefone por satélite. Grande diferença. Mas... tudo bem. Desculpe. — Tia M não parecia arrependida. — Essa gravidez está fritando minha placa mãe. E por falar em bebês —

Lá vem.

— É o que acontece depois de estacionar com o namorado, Aurora. Poupe-se da agonia. Minha bexiga nunca mais será a mesma.

— Eu não estou estacionando com meu namorado! — Eu guinchei.

O grupo de rapazes da escola parou em seu caminho para o restaurante e riu.

Um deles gritou: — Você pode estacionar comigo, baby, e eu te mostro como é. — Ele bombeou seus quadris algumas vezes apenas no caso de eu



não ter entendido totalmente sua insinuação sexual totalmente sutil. — Como um homem de verdade faz.

— Hey! — Ayden virou um olhar furioso e levantou a mão. Faíscas voaram das pontas de seus dedos, iluminando a noite. As brasas vivas eram irregulares, raios laranjas que corriam pelo ar, em linha reta para o grupo espalhafatoso.

Minha respiração ficou presa. Por um lado, eu estava lisonjeada com a intensidade dele de proteger minha honra, mas pelo outro... as brasas afiadas e incandescentes ferveriam através de qualquer coisa em seu caminho. Especialmente pequenas coisas como carne, ossos e órgãos vitais.

— Ayden! — Jayden jogou sua própria mão rapidamente. Um turbilhão de flocos de neve veio do nada e se envolveu em volta dos estilhaços de calor como anticorpos em um vírus. Houve chiar de água no fogo. Vapor explodiu. Em seguida, a iluminação incandescente desapareceu borbulhante em poças no chão. Jayden usava frequentemente seu controle da água para neutralizar o fogo de Ayden, mas isso era algo que eu não tinha visto antes.

Ayden rosnou, e o seu braço tencionou, começando a subir novamente. — Não se envolva! — Jayden pegou o pulso de Ayden, lutando para prender o braço do irmão, vapor erguendo-se do couro enquanto água encharcava a manga de Ayden.

O cara que me ofereceu me mostrar como é apontou o caminho. — Você viu isso?

— Não vi nada! — Um de seus amigos o empurrou em direção ao restaurante. — Cale-se e entre, seu idiota. São os Meninos Malditos. Herman ainda está desaparecido, e eu não quero me juntar a ele.

— Herman não está desaparecido — meu pretendente a companheiro de estacionamento disse. — Ele está em algum lugar sobre aconselhamento familiar.

Seu amigo resmungou — Assim eles dizem — Então com um sorriso duro e desajeitado, ele empurrou todo o grupo para o restaurante.



Ayden soltou o aperto de Jayden e, braços voando pelo ar, continuou sua discussão acalorada. Eu não conseguia ouvir o que diziam porque mamãe também não parou.

— Querida, eu não acho que você deva ficar se é não é seguro.

— Mãe, estamos com os caras. Procurando por danos nos carros. Até agora tudo bem. — Eu coloquei o telefone no viva-voz. — Todo mundo diga oi!

— Ei, Mãe Lahey — disse Blake. — Quando você vai cozinhar outro delicioso jantar para mim?

— Sempre que você quiser, meu amor. — Eu ouvi o sorriso na voz de mamãe, a tensão desapareceu. — Ok. Bem, Ayden, você se lembra do toque de recolher... — Mamãe esperou com expectativa. — Ayden?

Fiz um gesto, e Blake bateu em Ayden para ganhar sua atenção.

Ayden tropeçou com o golpe e depois se recuperou. — Trinta minutos. Sim, senhora.

— Na verdade, trinta e dois. Eu não sou *tão* rigorosa, mas continue assim — disse mamãe em um alegre de voz. — Porque senão eu vou ter que usar a seringa de veneno do Dr. Lahey que é indetectável em uma autópsia.

— Mãe!

— Oh, ele sabe que eu estou brincando.

Ayden balançou a cabeça e gesticulou — Não, não sei — então ele e Jayden voltaram a brigar.

Algo caiu e trovejou na floresta. Virei. O demônio de lava abriu sua boca cavernosa e soltou um rugido ensurdecedor, batendo no peito com triunfo.

Entrei em pânico, saltando de um lado para outro. Pronta para correr e me esconder. Mas para onde? Encontre uma arma. Mas qual? Ele havia se provado invencível. O que poderia-

Logan gritou: — Vai! — A flecha albina de ar comprido materializou cintilante em suas mãos. Pés plantados, ele tencionou a arma, nós dos dedos escovando suas bochechas, olhos de alabastro brilhantes e penetrantes.



Sem olhar, e sem nem mesmo parar uma intensa conversa com seu irmão, a mão de Ayden se iluminou e ele casualmente jogou uma bola de fogo sobre seu ombro.

Logan liberou sua flecha. Ela disparou através do ar e perfurou a orbe flamejante de Ayden logo antes de ela chegar no demônio. A explosão abalou a terra debaixo dos meus pés e quebrou o gorila em pedacinhos de fogo, que choveram através do ar, espalhados por uma vasta área.

Os pedaços de demônio salpicaram e pipocaram, e depois de alguns segundos, se reuniram em um furacão escuro que subiu no chão.

Simples assim, o demônio se foi. Fácil fácil.

O arco de Logan dissipou. Ele se endireitou e sorriu como uma criança de cinco anos de idade. — Tão legal.

Eu olhei para ele. — Odeio você.

Ele piscou os olhos, o sorriso desaparecendo. — O que eu fiz?

— O que foi isso? — gritou mamãe.

— Parecia uma explosão — disse Tia M. — M, eu disse para você desligar o telefone. — A voz de mamãe foi aumentando. — Mas ela está certa, Aurora-

— Não — eu ri. — Foi só a lixeira... derrubando... coisas.

— Talvez você devesse voltar para casa agora — Mamãe disse com tensão renovada.

Uma mão trêmula começou a alcançar do porta-malas. Matthias tinha recuperado a consciência, e embora um pouco trêmulo, estava saindo do carro. O fato de que ele podia se mover era um problema que eu precisava corrigir. — Tenho que ir, mãe. Nos vemos em trinta minutos. Amo você.

— Também te amo, mas agora faltam vinte e sete. Não estou brincan...

Eu desliguei e fui até o Australiano.

Blake se mexeu para me bloquear, as palmas das mãos para fora. — Calma, gatinha.

— Ayden, espere! — Jayden agarrou seu irmão pela jaqueta.



Ayden sacudiu seu irmão gêmeo e passou por Blake para chegar em Matthias. Os olhos de Ayden o seguiam como presa.

Ele pegou o Australiano e o tirou do carro.

— Você armou para mim! — Faíscas voaram dos ombros de Ayden. — Você me fez ir naquele encontro com Bancroft esta noite. Você sabia que não poderia voltar atrás porque eu não podia dizer a ele que eu tinha um encontro. Você me quis fora do caminho. Esta era a coisa mais importante que você tinha a fazer!?

Então ele balançou um sólido gancho de direita. Quando ele conectou com a mandíbula de Matthias, um estalo ressoou. O Australiano girou e caiu.



CAPÍTULO NOVE

— Sim! Um exercício de treino! — Matthias estava no chão esfregando o queixo, sentado atrás de Blake, que se colocou entre o Australiano e Ayden. — Assim como os que nós todos fizemos. Se você estivesse agindo como um caçador ao invés de um menino apaixonado, você estaria bem com isso!

Ayden protestou: — Ela não estava pronta para isso!

— Obviamente — o Australiano disse secamente.

— Geralmente é feito no final de uma extensa formação. Isto foi cedo demais. — Os olhos de Ayden tinham um ar predatório e um brilho perigoso. — Ela ainda tem pesadelos do ataque por pessoas em quem ela *confiava*. Portanto, o seu pequeno truque só piorou tudo.

Pior do que o que?

— Ok, não precisa trazer meu histórico à tona. — Minhas entranhas já tremiam bastante agora.

— É melhor ela superar isso, companheiro. Rápido. — Matthias estava igualmente aquecido em sua fúria, mas ao contrário de Ayden, ele não chegou a soltar fumaça e quase entrar em combustão espontaneamente. — Temos caçadores, traidores e demônios vindo para nós e estamos voando cegos. Não temos o luxo do tempo.

— É verdade — comentou Jayden.

Ayden girou, os olhos dançando com brasas vivas. — Ninguém te perguntou, Jayden!

— É claro que eu não estava concordando com a parte do menino apaixonado. — Jayden pareceu não se incomodar com a explosão. — Só com o fato de que todos nós já passamos por isso. E o Mandatum era muito mais abominável em seu tratamento, então Matthias deve ter sido razoavelmente fácil nela porque ela não tem deslocamentos, ossos



quebrados ou salientes, lacerações, contusões ou fraturas. Nem mesmo uma patela quebrada.

Logan flexionou o joelho. — Aquilo foi doloroso.

Ayden voltou sua ira sobre seu irmão. — Como diabos você pôde deixar isso acontecer?

Agora Jayden parecia perturbado. Tipo magoado.

Eu coloquei a mão no ombro de Jayden. — Ayden, não foi culpa dele.

Jayden enfiou o longo cabelo preto atrás de sua orelha. — Nós fomos à procura dela quase que imediatamente. Mas Matthias ligou e disse que estava cobrindo o estacionamento, de modo que o resto de nós dispersamos em outras direções.

— Exceto eu — Blake acenou. — E fui eu quem a encontrou.

— Eu encontrei você — eu disse. Blake franziu os lábios. — Mesma coisa.

Logan olhou para o grandalhão. — Você ouve a si mesmo?

— Blake sorriu. — Sou o meu maior fã.

— Seu único fã — disse Ayden.

— Machucou, cara.

— A boa notícia — Matthias vociferou — é que ela realmente se libertou, então caso vocês a treinassem de verdade, ela poderia ter uma chance em não ser o elo fraco que nos faria acabar mortos.

Havia um elogio lá em algum lugar?

— Bom trabalho, querida — Blake sorriu. — Deu lhe um chute, certo? Eu disse que a verdadeira força de uma mulher está na parte de baixo de seu corpo.

— Sim, certo. — Tristan movimentou-se. Seu cabeço loiro caramelo estava preso como se tivesse sido eletrocutado, e seus olhos azuis céu pareciam cansados, mas fora isso, meu vizinho sardento parecia intacto. — Nós todos lhe dissemos isso. Agora vamos terminar isso porque-

— Mas eu sou o cara de treinamento de força, então sou eu quem ela ouve.

— Não é — disse Tristan. — Ela quase não tolera você. Mas vamos acertar isso antes que-



— Não. — Blake sacudiu um dedo. — Ela só faz parecer isso para que Fireboy aqui não tenha um colapso. Estamos tentando encontrar um jeito de despistá-lo. Como sempre, baby, você é minha heroína. Nada mais quente do que uma garota que pode mandar ver — Ele bagunçou meu cabelo. — Quer dar uns amassos?

Ayden bateu na mão do grande cara. — Sai fora. Ela passou por bastante.

— Parem de perder tempo. — Tristan olhou por cima seu ombro. — Se não nos apressarmos-

— Exatamente — disse Blake. — E eu sou a recompensa dela, Fireboy. Você realmente tem que saber quando desistir e deixar a dama cair nos braços do Time Blake.

— Mais como Time Idiota — Ayden murmurou. — Vocês são todos idiotas — Matthias rosnou. — Parem de mimá-la. — Então eles começaram a discutir, o volume crescente, e minha cabeça começou a doer onde eu tinha uma contusão. Muito obrigado, lobo estúpido.

— Calem a boca! — Eu acenei meus braços. — Então este sequestro não foi nenhum de vocês me entregando para o Mandatum para salvar a si mesmos e suas famílias?

Caiu um silencio mortal. Então Ayden explodiu. Ele pulou em Matthias. — Veja! Agora ela acha que estamos todos em seu esquema mirabolante!

Eu virei um polegar em direção ao idiota, aka Matthias. — Principalmente ele, porque ele me odeia, e ele não pode se dar ao luxo de perder mais alguém da família.

Houve um outro momento assustadoramente silencioso, então Matthias entrou em erupção, virando os olhos ônix para sua equipe, lívido e rugindo como um trem-bala.

— Quem disse a ela! — As luzes no estacionamento piscaram. Uma explodiu em uma chuva de vidro e faíscas, depois outra. — Quem quebrou o código e contou a ela?

— Rose me contou — eu disse antes que Matthias começasse a dividir átomos. — Ninguém quebrou código nenhum. Jeez. Quem é o idiota agora?



Os olhos do Australiano voltaram ao normal lentamente, atingindo uma cinza maçante antes que eu pudesse ter certeza de que ele tinha desistido de explodir. Autopreservação me alertou para não entrar no despejo tóxico ao redor de Matthias. Pelo menos não agora. Em vez disso, eu precisava de esclarecimento de algo que eu queria não acreditar.

— Deixe-me ver se entendi. — Eu massageei minha testa. — Você está me dizendo que todos vocês foram sequestrados como parte de seu treinamento?

— Mais do que uma vez. — O aceno de Jayden era nítido. — Um ataque surpresa executado por uma equipe experiente. É um teste para avaliar sua disponibilidade para o cenário real do mundo.

— O qual você falhou — Matthias gentilmente apontou — Mas muito poucas pessoas passam pela primeira vez — Logan disse com um sorriso tranquilizador.

— *Nós* todos conseguimos — Blake disse alegremente, depois olhou confuso quando Logan deu um tapa no ombro. — Ow.

— Ok. — Eu cavei meu polegar e indicador em meus olhos. Minha visão tinha fagulhas de luz ao redor das arestas. — Entendi. Então estarei pronta na próxima vez.

Matthias olhou desconfiado. — Que tipo de jogo ela está jogando?

— Nenhum jogo. — Eu pisquei. — Eu não gosto disso, ou de *você*, mas eu entendo.

Ayden falou baixinho: — Aurora, você não tem que fazer isso.

— Sim, eu tenho. Matthias está certo. — Uau. Isso teve gosto de bateria ácida, misturada com cianureto e enfiada na minha garganta com uma colher. Mas eu sempre reclamei que Matthias não me tratava como um membro da equipe de verdade e agora que ele faz isso, não vou reclamar. Cuidado com o que você deseja, Aurora. E não lamente quando conseguir.

Eu respirei fundo. — Se eu sou parte da equipe-

— Eu nunca disse isso.

— Cale a boca, Australiano — Minha voz era veneno. Eu não ia reclamar, mas ainda podia ser incomodada. E eu não tenho que gostar



dele. — Eu faço parte dessa equipe, quer você goste ou não. Vou fazer o que é preciso para ser útil, quer você goste ou não. — Eu o persegui de perto com os olhos. — E você, goste ou não, pode ajudar ou sair do meu caminho.

Sirenes foram ouvidas. Na distância, luzes azuis e vermelhas piscavam freneticamente.

Tristan olhou para nós. — Como eu tenho tentado dizer, a polícia e o resgate estão a caminho.

— Não! — Matthias parecia chocado. — Você deveria garantir que ninguém chamasse a polícia!

— Algumas pessoas precisam de atenção médica por alguns ferimentos leves de quando o demônio fez o prédio tremer e algumas prateleiras foram derrubadas. — Tristan estreitou uma olhada em Ayden. — E eu estava distraído, porque eu ainda tive que apagar as memorias dos amigos de Herman já que alguém usou seus poderes na frente de civis!

A mandíbula de Ayden se fechou. Dentes audivelmente rangeram. — Mas você não ouviu o que eles disseram.

— Eu ouvi! E querer ser o namorado ciumento macho não é uma razão boa o suficiente para quebrar as regras.

— Cale a boca! — Matthias cortou a mão pelo o ar. — Meu pai não pode encontrá-la aqui.

Tensão percorreu o grupo.

Eu levantei minha cabeça. — Mas seu pai é o xerife. Ele vai cobrir isso, certo?

Matthias virou-se para Ayden. — Ela não pode falar com ele.

— Por que não? — perguntei.

— Vamos para casa. — Ayden arrebatou minha mão e me arrastou enquanto corríamos para seu carro. — Eu realmente gostaria de evitar aquela seringa.

Meu sorriso era desolador. — Ela realmente está brincando.

— Eu não tenho tanta certeza.

— Ei, pessoal. — Logan estava próximo ao lugar onde o gorila foi fundido pela última vez. Ele pegou algo e segurou algo enquanto



caminhava de volta. Era um disco redondo preto de metal. Em torno da borda havia uma série de luzes vermelhas piscando em um círculo em movimento.

Logan parecia sombrio. — Nós temos um sério problema.



CAPÍTULO DEZ

Quando o carro de Ayden foi parando perto do quarteirão da minha casa, eu pulei fora.

— Espere! — Ayden desligou o motor, saiu, e foi até a parte de trás de seu carro.

— Vamos perder o toque de recolher!

— Eu sei, mas, — ele puxou algo do porta-malas — aqui — E me entregou um buquê de flores. — Eu queria dar a você mais cedo, mas - Oh. — Nós dois notamos que as flores estavam amassadas e quebradas. Seu rosto caiu. — Acho que elas amassaram enquanto eu estava dirigindo... em alta velocidade. Onde está Blake quando você precisa dele? — Ele voltou ao porta-malas e remexeu lá dentro. Só me dê um – Encontrei! Oh, merda. Isso, uh, isso não é bom.

— Está tudo bem. É a intenção que conta. — Eu beijei sua bochecha suavemente. Parecia recém-barbeada e tinha um aroma fresco e limpo. — Obrigada.

Parecia que ele queria dizer alguma coisa, mas então ele pegou minha mão e corremos ao longo da fortaleza de cercas que revestiam os fundos das casas em meu quarteirão. Ayden estava com uma mão acesa com fogo e parecia – ao menos para mim – uma tocha na luz noturna da lua.

— Sobre o rastreador — eu disse, referindo-me ao disco de metal com as luzes vermelhas que Logan encontrou no chão. Ele tinha sido incorporado no demônio de lava, e quando os rapazes o pulverizaram, o disco foi deixado para trás.

— Não se preocupe.

— Mas vocês disseram que é um dispositivo de rastreamento utilizado exclusivamente pelo *Mandatum*. Então, se o demônio foi enviado para cá atrás de mim, isso não significa que o Mandatum está me caçando? E que



eles estão prontos para me atacar? — Olhei para cima meio que esperando helicópteros de caçadores em cima de mim.

— Alguém poderia ter pego um desses rastreadores e plantado no demônio — Ayden disse por cima do ombro. — Poderia ser qualquer um. Até mesmo Rose.

Eu sabia que ele estava tentando me fazer sentir melhor.

— Além disso, Jayden o desativou. — Ele apagou as chamas quando chegamos e abriu a porta traseira do quintal do meu vizinho. — Se ele e Tristan conseguirem rastrear de onde veio, será uma bênção. Nos dá uma pista sobre quem está atrás de você.

O lado bom de cada tentativa de assassinato.

— Ok, então. — Eu exalei. — O último a chegar é um ovo podre. — Eu empurrei seu peito e corri pelo quintal.

— Aurora, espere. Você não deveria... — Corri pelo quintal, estourando através da porta dos fundos do vizinho e me dirigi para as escadas. Apesar da minha entrada menos que furtiva, ouvi um distinto clique.

Hmmm. Nada como uma arma mortal para impulsionar a velha adrenalina.

E te fazer congelar.

Fiquei olhando para o escuro, para os cilindros ameaçadores de duas espingardas de cano duplo. O que trazia o dobro da diversão. E eu seria morta duas vezes.



CAPÍTULO ONZE

Minhas mãos voaram para o céu, e depois de ter feito algum barulho estranho parecido com um cacarejo e um guincho, eu tentei e arrisquei — Não atire!

Como se isso sempre funcionasse com assassinos dementes prontos para explodir sua cabeça. Ayden gritou alguma palavra estranha enquanto corria e se jogava entre mim e o casal da morte e destruição.

Eu respirei um pouco mais aliviada quando vi quem me tinha em sua mira. O casal idoso de cabelos prateados segurando as armas relaxaram sua postura, mas não abaixaram as armas.

— Eu sinto muito — eu falei pelas costas de Ayden, mantendo minhas mãos altas porque idosos ou não, os avós de Tristan eram assustadores. — Eu nunca deveria ter entrado dessa maneira. Tão tarde. Sem avisar. Ou pedir a permissão de vocês, pessoas adoráveis. Eu fui rude e vocês tem todo o direito de me ameaçar com armas mortais, mas talvez possam encontrar em seus corações generosos o motivo para não borrifar minhas tripas e meu cérebro por toda sua bela morada. — Eu gaguejei com um sorriso fraco diante de todo aquele silêncio tenso.

Sra. Grant olhou para o marido. — Ela é sempre tão inquieta. Como um canário. — Ela estreitou os olhos para mim. — Eu odeio canários.

Eu guinchei novamente. Mas não como um canário. Eu esperava.

Seus rostos sérios de repente caíram na gargalhada. O Sr. Grant disse a sua esposa em seu tênue sotaque sulista. — Docinho, você tem que parar de assustar a criança.

— Ela faz com que seja muito fácil. Mas ele está certo. — A Sra. Grant baixou a espingarda e sorriu para mim. — Você perdeu o toque de recolher de novo?

— Por menos de quinze minutos desta vez — disse Ayden.

— Pff — Sr. Grant bufou. — Isso não é nada. Vamos indo.



Eles voltaram para a sala que estava repleta de cordas, mochilas, sacos de dormir, e pesados equipamentos para acampamento, isso sem contar os revólveres. E rifles. E facas muito perigosas.

Tristan disse que seus avós eram um casal tranquilo sustentados pela aposentadoria. Então por que eles estavam armados até os dentes e vestidos com camuflagem?

Ayden me empurrou escada acima.

— Eles não vão me dedurar, vão? — Eu subi as escadas de dois em dois degraus.

— Não desde que seus pais se referiam a pular de paraquedas como suicídio. — Ayden riu.

— Pular de paraquedas *é* suicídio.

Eu bati para abrir a porta do quarto de Tristan com o ombro. Também conhecido como paraíso dos nerds. Pôsteres esquisitos espaciais cobriam as paredes. As prateleiras estavam cheias de videogames, action figures, e revistas em quadrinho - desculpe, graphic novels. As portas do armário dele eram azuis e decoradas como se fosse uma cabine de polícia antiquada de Londres.

Isso deve ter dado trabalho.

No chão, pedaços de peças eletrônicas e ferramentas estavam espalhados por toda parte, como se um computador tivesse explodido. Ao longo de um balcão havia uma tela de computador maior do que as enormes janelas em seu quarto.

Cambaleei para parar porque aquilo era uma nova definição para um quarto de nerd.

Ayden bateu nas minhas costas.

— O QUE? Uau.

Fotos de uma mulher de trinta anos estavam pregadas na parede ao lado do computador, e também eram exibidas no monitor. Enquanto a cena atrás dela mudava de fotografia para fotografia, ela permanecia igual. Pálida, cabelo loiro cinza preso em um coque francês apertado, ela usava uma camisa de botão nitidamente passada com uma saia escura. Óculos retangulares moldavam seus olhos verdes gelados e calculistas.



Ah, e ela estava grávida de sete meses.

Fui até a parede. — Por que Tristan está perseguindo minha tia?

Haviam notas acima de todas as imagens e linhas de fios ligando todas elas. Eu comecei a tirá-las.

Tristan saiu de seu armário onde estava colocando um suéter.

— Hey! — Ele tentou bloquear a parede. Eu golpeei a cabeça de Tristan com um leque de fotos.

— O que é isso?

— Você sabe que a tia dela é casada, né? — disse Ayden.

— Nojento! — Tristan correu para pegar tudo o que eu estava destruindo. — Eu estou apenas...

— Obcecado? — Ayden sorriu.

— Sim. Não! Não desse jeito. — Tristan passou as mãos pelo cabelo. — Eu venho dizendo, tecnicamente, ela não existe. No papel, na Internet. Em qualquer lugar. E não é só ela! — Ele começou a digitar furiosamente em seu teclado. — Nem mesmo o marido dela - o irmão do seu pai. Nem seus avós. — Ele apontou para os documentos oficiais que apareceram em toda a tela, com os olhos mais selvagens que o oceano durante um furacão. — Eu até encontrei algumas certidões de óbito que dizem que eles morreram há 18 anos atrás!

— Oh meu Deus! — Agarrei o ombro de Tristan com falso medo. — Eu devo ser capaz de ver fantasmas também! Mas eles me pareciam tão reais quando eu os abracei há alguns meses.

Ayden riu. Tristan não.

Ignorei sua expressão sombria e fiz um gesto para o computador. — Eu não sei sobre nada disso, mas eu conheço meu tio a minha vida toda e os pais da minha mãe morreram há vinte e alguns anos atrás, talvez por isso você misturou as coisas.

Tristan balançou a cabeça.

— Você não acha que é estranho você não saber o primeiro nome de sua tia?

— É claro que eu acho estranho. Nada sobre ela não é estranho. — Eu dei de ombros. — Mas ela comanda alguma empresa de segurança



internacional e acha que os governos de todo o mundo querem torturá-la para conseguir os segredos superimportantes de seus clientes. Ela já nos disse que passou um pouco dos limites certificando-se de que ninguém pudesse localizá-la.

Ayden levantou uma sobrancelha.

— Um pouco?

Tristan deu um soco em seu teclado.

— Mas não há nenhum site para *M-terprises International* - que tipo de nome é esse? - Ou registro dessa empresa em qualquer lugar.

Abri minhas mãos. — Acho que é assim que operações clandestinas funcionam.

Tristan agarrou meus ombros e me deu uma sacudida. — Mas somos Mandatum. Ninguém pode apagar sua existência, digital ou de outra forma, tão bem que não podemos encontrar. Apenas não é possível.

— Ookay. — Ayden guiou Tristan para fora do quarto. — Assunto novo: seus avós, comprovadamente vivos, estão se preparando para uma missão.

— O quê?! — o loiro correu para descer a escada. — Vocês juraram que tinham se aposentado!

— Muito obrigado, Ayden! — Sr. Grant gritou.

— Você está dizendo que somos muito velhos? — A Sra. Grant estalou.

— Você é *velha*! E se você acha que eu vou deixar vocês saírem e se arriscarem... — Os gritos de Tristan diminuíram conforme ele se afastava.

Suspirei e continuei arrancando as fotos da parede.

— Lide com isso mais tarde. — Ayden colocou a mão no meu braço. — Vamos levá-la para casa.

— Ainda não. — Eu tirei meu casaco e usei-o como uma cesta para pegar todos os papéis caindo da parede. — Eu não quero minha família envolvida em nada disso. Eu sei que ele está tentando ajudar, mas isso é muito assustador.

Ayden pegou meu queixo suavemente com os dedos e levantou meu rosto de encontro a seus olhos estreitados.



— O que aconteceu com o seu nariz? Matthias jurou que não bateu em você. — Ele não bateu. — Eu larguei meu casaco e cautelosamente toquei meu nariz. — Isso fui eu. Uma cabeçada que deu errado.

Ele sorriu. — É, não é o seu forte. Vamos ter que trabalhar nisso.

— Quão ruim está? — Eu disse, cedendo a vaidade.

— Um pouco inchado, mas não terrível. Apenas mais a - Uh. — Ele deu um passo para trás, limpando a garganta. — Olhe. Me, uh, desculpe, por não estar lá essa noite.

— Você já disse isso. — Um trilhão de vezes. Mas eu não me importava de ouvir novamente. — Está tudo bem. Eu culpo Matthias porque ele merece. Não você.

— Obrigado. — Ele virou meu corpo de frente para o seu, suas mãos acariciando meus braços, sua expressão séria. — Mas eu quero que você saiba que eu realmente sinto. Eu sei que as coisas têm sido... — ele respirou fundo, traçando os nós dos dedos no meu rosto — meio estranhas e eu queria que essa noite fosse... diferente. Se eu soubesse o que iria acontecer, eu nunca — ele se inclinou mais perto — nunca teria deixado você sozinha.

— Eu sei. — Eu descansei minhas mãos em seu peito rígido, sentindo seu coração começar a bater mais rápido contra minhas mãos.

Quando olhei para cima, seu olhar me prendeu. Estava cheio de sinceridade e uma profunda necessidade desesperada de me fazer entender. A intensidade do seu olhar arrepiou minha pele. Meus olhos caíram, fugindo das emoções que se cresciam entre nós. Eu estava tão confusa e insegura. Sobre mim mesma. Sobre ele.

O ouvi suspirar e seus dedos inclinaram meu queixo para cima, e seu tom aliviou-se. — Não que você precisasse de ajuda, Lady Croft.

Eu sorri. — Sim, eu posso ter superestimado como toda a batalha aconteceu.

— Não seja modesta. Entre os demônios e Matthias, você chutou algumas bundas. — Seu sorriso era diabólico. — Nada mais sexy.

Eu ri. — Se você bagunçar meu cabelo, eu vou seriamente chutar a *sua* bunda.



Estar em seus braços eliminou qualquer pingo de frio. Mas eu continuava tendo calafrios. Sua voz diminuiu para um ronronar rouco.

— Não, hoje eu definitivamente tinha outra coisa em mente. Acabamos nos desviando. Mas talvez agora...

Ayden arrastou seus dedos sobre meu rosto, me observando de perto, estudando minha reação. Esperando. Seus dedos lentamente escorregaram de volta para o meu cabelo. Seu toque irradiou através de mim, afastando temores e terminações nervosas com deliciosa atenção. Quando meus lábios entreabriram, seus olhos foram atraídos para a minha boca.

Seu corpo ficou imóvel. Ele lambeu os lábios. Ingerindo. O ar quente girava em torno de nós. Minha respiração engatou. Meu corpo inteiro parecia prender a respiração, esperando que o prazer do toque dele trouxesse-a de volta. Em seguida, o canto de sua boca se contorceu para cima, e ele inclinou sua cabeça.

Seus lábios, cheios e sensuais, tocaram os meus, tocando-se em um delicioso ritmo. Rápido e então lento. Um jogo de toque de se afastar e voltar com fome renovada. Duro e exigente, depois macio e convidativo, sua boca se moldava contra a minha, acariciando com o aumento do desejo. Um lento calor viajou por toda a minha pele, penetrando em meus músculos, e eu relaxei contra ele, apreciando a sensação lânguida. Sua mão deslizou ao redor de seu pescoço, puxando sua boca para mais perto da minha.

Seu braço em volta da minha cintura apertou, me pressionando para perto enquanto minha outra mão se movia sobre seu ombro. Os músculos ondulavam sob meus dedos. Ele se moveu mais profundo, sua boca jamais soltando, saboreando cada centímetro. Parar para respirar não estava em seus planos.

Ou nos meus.

O beijo foi inebriante e quente, uma mudança deliciosa e bem-vinda dos beijinhos castos que eu estava recebendo. Este foi mais parecido com o momento em que ele mordiscou meu pescoço antes que tivesse que ir para outra reunião misteriosa, e parecia que... meu corpo tinha sua



própria festa de Quatro de Julho. Eu não estava reclamando. Eu me alegrava. Com fogos de artifício explodindo sob a minha pele, nervos explodiam, um formigamento quente que despertava meu corpo para gloriosas sensações.

Seu peito pressionou contra o meu, eu sentia seu coração batendo em um ritmo combinado com o meu próprio. Sua mão subiu pela minha cintura, amassando minhas costas, meu ombro, e em seguida, segurando a parte de trás da minha cabeça, para esmagar nossos lábios mais perto e..

— Ai! — Eu recuei para trás.

Ele pulou para longe, com os braços voando para o lado. Ele parecia aterrorizado. — Sinto muito! Eu não queria!

Ele estendeu a mão para mim, então se conteve e se afastou, olhando para as mãos com horror. Uma delas estava manchada de vermelho.

— Você está sangrando! Como eu fiz isso? — Ele passou os dedos pelo cabelo. Parou. Olhou para suas mãos novamente. Fechou as mãos e balançou-as no ar.

Ele estava tendo uma convulsão? Não parecia que ele estava respirando.

— Ayden. — Quando me aproximei dele, ele se afastou.

— Quão ru-? — Ele engasgou com a palavra. Virou-se para mim. Engoliu em seco. O sangue drenou de seu rosto. — Quão ruim eu te queimei?

Minha testa enrugou enquanto eu tocava suavemente a ferida na minha cabeça.

— É um corte. Do demônio lobo. Eu estou bem. *Você* está bem?

— Lobo? — Ele respirou. Finalmente. — Oh. Aquela coisa que é como um cão do inferno, mas não é. Eu não tenho certeza do que era, porque cães do inferno não tem espinhos. Ou olhos de prata.

— Seja o que for, me golpeou. Como eu disse, eu posso ter exagerado na minha personificação de Lara Croft. Foi uma sorte burra. — E uma visão Divinicus, mas ele não precisava saber dos detalhes.



— Então, eu não fiz nada para... te machucar? — Um pouco de cor voltou para suas bochechas.

— Não. Claro que não. Você só tocou por acidente. — Eu sorri. — Porque eu sou tão boaaaa[3].

Ele não riu. Apenas piscou como se tivesse acabado de se recuperar de um golpe na cabeça. Muito para a minha carreira cômica.

— Ok, o que está acontecendo? — Peguei a mão dele e limpei o sangue. — Desde quando você fica tão apavorado por causa de um pouquinho de sangue?

— Nada. Deixe-me ver.

Em seguida, suas mãos estavam em cima de mim. E não da maneira que você deseja que um cara superquente coloque suas mãos em cima de você. Não, estava mais parecido com uma macaca mãe procurando pulgas e carrapatos pelo meu cabelo. Eu estremeci.

— Ei

— Desculpe. Mas fique parada. Isso não parece nada bom.

— Não é grande coisa.

Quando eu comecei a empurrá-lo, tive um vislumbre da parede de Tristan e congelei. Havia algo de novo. Quando eu tirei aquela pilha de papel da parede, eu devo ter parcialmente descoberto outra imagem escondida por baixo. Eu reconheci aquele rosto também, mas em um contexto muito diferente.

Da última vez que nos encontramos, este alguém tinha tentado me matar.

[3] No original: Bootylicious. Uma gíria para sexualmente atraente, com muitas curvas



CAPÍTULO DOZE

Eu alcancei por cima de Ayden e peguei a foto, rasgando o papel e jogando a tachinha longe.

Minhas mãos tremiam. Meu estômago embrulhou, fazendo bile subir para minha garganta. Eu engoli, mas não consegui parar a memória daquela viagem estúpida da faculdade, a festa que correu mal, e eu caminhando de volta para o dormitório, sozinha, no escuro, onde as coisas tinham sido... fatais.

Pelo menos para partes minhas. Tal como o meu apêndice. Não que eu precisasse de qualquer maneira. Mas confiança? Sim, isso eu gostaria de ter de volta.

— Onde estão? — Eu fervia. — Onde estão as fotos dos outros? — Em uma explosão selvagem de energia, eu arranhava os papéis ainda fixados na parede.

— Pare! — Ayden me segurou por trás, prendendo meus braços para os lados. Ele falou perto do meu ouvido. — Não há mais. Apenas Heather.

Lutei muito, mas seus músculos superaram meu desespero, e eu finalmente parei. Meu peito chacoalhava e eu arfava com os dentes cerrados. Engasguei com as palavras algumas vezes antes que eu conseguisse formar a frase.

— Por que ele tem uma foto de Heather? Como você a conhece? — Meu cabelo enrolou em uma confusão vermelha através dos meus olhos. — Eu nunca a mencionei. Ou qualquer um deles. Eu nunca falei sobre eles, não pensei sobre eles. Nunca.

Meus olhos ardiam. Eu cerrei meus dentes e intimidei as lágrimas que ameaçavam cair, recusando-me a perder mais delas sobre o grupo maníaco de pessoas que tinham entregue o pesadelo mais horrível da minha vida. E por tudo que tem acontecido na minha vida ultimamente, isso dizia alguma coisa.



Ayden me virou e alisou meu cabelo. Ele sorriu, seus olhos cor de chocolate escuro cintilavam com compaixão.

— Ouça. — Ele segurou meu rosto em suas mãos quentes, seus polegares limpando suavemente as lágrimas dos meus olhos e então deu um beijo suave na minha testa. — Fiskick disse que seus amigos te atacaram porque um Ilusionista controlou suas mentes e os manipulou a... — Sua voz sumiu.

Eu dei-lhe um sorriso triste.

— Me dar uma surra?

Um músculo saltou em sua mandíbula.

— Sim. Então decidimos segui-los.

— E conseguiram todos os detalhes? Jayden tem o relatório da polícia para isso.

— Não. — Ele alisou as mãos sobre meus ombros. — Mas queríamos verificar uma teoria que... Tristan descobriu ser verdade.

Eu respirei fundo.

— O quê?

— Tristan pode entrar na mente de uma pessoa. — Ayden abaixou a cabeça para pegar o meu olhar. — Ele pode dizer se algum outro Ilusionista fez algo para mexer com seu cérebro. Ele deixa uma espécie de... — ele olhou para o lado, pensando — ele chama de assinatura. De qualquer forma, as crianças com quem Tristan conversou e que estavam envolvidas não se lembram nada do ataque a você, mas ele confirmou que cada uma de suas mentes tinha sido manipulada. E pelo mesmo Ilusionista.

Eu me deixei afundar. Eu me sentia muito pesada. Meus joelhos se dobraram. Ayden me pegou em seus braços e me puxou para o seu peito, me segurando de pé quando eu teria caído em um monte patético.

Esta noite... foi demais. Eu me sentia drenada e quebrada.

— Por que você não me contou? — Eu coloquei meus braços em torno dele, com as mãos sob a jaqueta, sentindo seu corpo forte e sólido através de sua camiseta, ouvindo a batida do seu coração. A foto ainda estava na minha mão. Eu amassei-a. — Por que ele ainda tem foto de Heather?

Ayden ficou tenso. Assim como eu.



— O que há de errado? — Eu inclinei minha cabeça para trás para olhar para ele. — Ayden?

Seus lábios rolaram para dentro e fora de sua boca.

— Ela está desaparecida.

— Desaparecida? — Eu me afastei e desta vez ele me deixou ir, me liberando para andar ao redor do quarto de Tristan. — Desaparecida do tipo ela escapou da detenção e está vagando com a mente manipulada e vai me encontrar e agir toda psicopata de novo?

— Não — Ayden ergueu as mãos para minha aparência assustada. — Desaparecida do tipo alguém se deu ao trabalho de falsificar documentos para transferi-la do centro de detenção, e, em seguida, de forma eficaz, escondê-la sem deixar vestígios. — Ele fez uma pausa. — Ou...

— Ou o quê?

Ayden parecia desconfortável.

— Talvez ela sabia de algo que eles queriam deixar quieto, e eles... — Senti frio.

— Mataram ela? Será que eles fizeram isso? O Ilusionista? O Mandatum?

— Nós não sabemos. Vamos continuar procurando. Ela ainda pode estar viva. E se encontrarmos ela, podemos obter respostas.

— Se ela ainda estiver viva.

Esfreguei o rosto com as mãos. É um pesadelo sem fim. Heather está morta por minha causa. Uma garota está no inferno por minha causa. Quem é o próximo?

Meu instinto borbulhou ácido.

— Aurora.

Ayden estendeu a mão para mim. Eu descansei minha testa em seu ombro, mas apenas por um momento. Aquela noite romântica tinha tomado golpes fatais demais para ser salva. Eu precisava de um tempo sozinha.

— Não se preocupe. Eu vou ficar bem. — Eu esperava que fosse verdade.



Abri a janela e escalei os galhos retorcidos do velho carvalho entre a minha casa e a de Tristan. O ar frio da montanha enfrentou o calor que assolava a minha pele. Aromas de terra da Mãe Natureza encheram a noite, mas uma motosserra ou furadeira gritou da minha garagem. Juntando-se a cacofonia tinha o choro de um bebê, a tristeza e melancolia da música de um adolescente angustiado no volume alto, e minha mãe gritando por silêncio.

Eu mal podia esperar para voltar para aquilo.

Eu montei no ramo e comecei a fazer o meu caminho para a janela do meu quarto.

— Espere. — Ayden pegou meu casaco, seu olhar preocupado difícil de notar. — Pelo menos me deixe limpar a ferida antes de ir.

— Eu faço isso. Além disso, eu sou uma curadora rápida, lembra? — Pelo menos fisicamente. Uma das vantagens de meus poderes Divinicus. — Eu alcancei meu casaco. — Só não conte para meus pais.

Ayden perdeu toda a cor. Sua voz inundou com pavor.

— Seus pais.

Ele puxou meu casaco e saiu correndo para fora do quarto, batendo a porta atrás dele.

Olhei para a porta fechada. Eu estava sozinha, miserável, e balançando dois andares acima do solo com o meu interior pronto para rachar o meu crânio no chão abaixo.

Eu balancei a cabeça.

— Sim, tudo certo.

Resmunguei todo o caminho entre o carvalho, abri a janela do meu quarto totalmente escuro e teria entrado em silêncio, se meu dedo do pé não tivesse pego no parapeito da janela, me jogando de cara no chão.

— Oh, pelo amor de- — Eu me arrastei para cima para fechar a janela, grata pelo barulho da minha família, porque com todo aquele barulho, ninguém notou a minha entrada fenomenal. As luzes acenderam.

— Peguei você!



CAPÍTULO TREZE

Virei, esbarrando meu ombro na cortina, que acabou enrolando em volta do meu rosto. *Cega! Eu estou cega!*

Me debati, puxando a cortina junto com o varão, que desabou sobre a minha cabeça. Verdadeiramente sutil. Um riso histérico se seguiu. E não era o meu.

— Muito obrigada, idiota! — Eu esfreguei meu couro cabeludo. Como se já não estivesse machucado.

Minha irmã Luna estava sentada na minha mesa, acariciando meu gato cinzento, Van Helsing, que estava sentado em seu colo. Ela finalmente controlou sua alegria.

— Bem, bem, bem. A filha de ouro -

O gato fez uma pausa de efeito.

— Helsing! — Luna se esforçava para controlá-lo, voltando a acaricia-lo metodicamente, e limpou a garganta para continuar com uma voz profunda, dramática. — A filha de ouro quebrou o toque de recolher. Mais uma vez. — Helsing soltou um miado baixo. — Shhh. — Ela esfregou sua cabeça e me deu um olhar astuto. — O que poderia me impedir de contar para nossos queridos pais? — Eu sorri.

— O fato de eu saber como você realmente passa o terceiro período.

— Blake estúpido! — Luna deu um tapa no joelho. — Eu sabia que ele não conseguia guardar um segredo.

Eu arranquei Helsing de seu colo e o acariciei até que ele ronronou.

— Agora, seja uma boa e pequena minion e suma daqui.

A campainha da porta da frente tocou. Luna e eu compartilhamos um olhar confuso.

— A esta hora? — Luna correu para fora do meu quarto. — Deve ser drama.

— Ótimo. — Joguei Helsing e a segui.



Do alto da escada, vi minha mãe atender a porta da frente ajustando meu irmão de um ano de idade, Oron, em seu quadril. Ela não estava feliz. Ela olhava para Ayden.

— Se você trouxe de volta a jaqueta da minha filha e não ela, o fato de que você quebrou o toque de recolher é o menor dos seus problemas, senhor.

Corri escada abaixo.

— Mãe, eu estou em casa faz séculos. Estava conversando com Luna. — Eu me virei para minha irmã. — Certo? — Luna me lançou um olhar frio.

— Sim.

Ayden riu nervosamente e mudou seu peso de um lado para outro, lançando um sorriso muito encantador.

— Eu estava a meio caminho de casa quando percebi que ela esqueceu isso no meu carro. — Ele estendeu a minha jaqueta.

— Como é gentil de sua parte, querido — Mamãe disse docemente, em seguida, deu um passo para trás para bater na parede da garagem e gritou — M! Já passou das nove horas! Se você não parar, vou fazer você trocar fraldas!

O silêncio repentino das ferramentas elétricas deixou um zumbido nos meus ouvidos.

Com um olhar atento, peguei minha jaqueta de Ayden.

— Obrigada. Até amanhã.

Ayden engasgou e apontou.

— Oh meu Deus! Sra. Lahey, olha, ela está sangrando!

Pela forma como a minha noite estava indo, eu realmente deveria ter previsto isso.



CAPÍTULO CATORZE

Minha cabeça bateu na lixeira. Eu desmaiei. A dor marretou meus ombros. Agarrei o chão, tentando encontrar algo para me arrastar para longe. Um outro golpe interrompeu meu fôlego. Meus lábios estavam molhados. Senti gosto de sangue.

Sem escapatória. Há muitos deles. E somente eu. Quebrada. Não consigo lutar. Não consigo entender. Eu confiava neles. Meus amig-

Unhas rasgaram meu braço quando eles me puxaram pelas costas. Uma madeira podre golpeou minha cintura com tanta força que voou longe, e eu não tinha certeza se o "crack" veio da madeira ou das minhas costelas se quebrando. Risadas maníacas aprovaram a dor fresca. Mãos deslizaram sobre o sangue na minha garganta. Senti-as me sufocando, tirando a vida de mim.

— Lute! — ordenou uma voz sussurrando severamente, como uma lixa por volta do meu cérebro, sacudindo sobre meu medo paralisante. Palavras entram e saem. — Eu vou encontrar... Você segura... Até... Agora...

Um rugido passou pelos meus ouvidos, cortando o resto das palavras. Havia uma pressão sobre o meu peito. Muita. Algo dentro da minha boca. Não conseguia respirar.

— Lute! — A ordem ecoou, fraca, mas não menos exigente.

Eu sabia que precisava agarrar, empurrar e...

***

Risinhos agudos me puxaram de volta para a consciência. Alguma coisa felpuda estava esmagada na minha boca. Alguém estava sentado no meu peito.



— Funcionou! — Um sorriso de cinco anos de idade ergueu o brinquedo de pelúcia do meu rosto e segurou-o no ar. — Príncipe Bubbles ao resgate!

— Selena? — Eu engoli o ar, piscando rapidamente.

Eu estava a poucos segundos de estrangular minha irmã, arrancando o único olho restante de Bubbles, e lançando o resto dele pela sala. Me acalmei, tirei ela do meu peito e a coloquei sentada ao meu lado.

— Papai disse que eu tinha que te acordar, mas eu não conseguia. — Ela enfiou o ornitorrinco de pelúcia na minha cara novamente. — Então Bubbles fingiu ser um príncipe e te acordar com um beijo como em A Bela Adormecida, e funcionou. — Ela me cutucou no rosto, quase a ponto de esfaquear o meu olho. — Por que você está chorando?

Papai, que estava passando pela porta, imediatamente entrou no quarto.

— E isso na sua cabeça? Eu sabia que deveria ter colocado pontos. Varões de cortina estúpidas!

A história do varão de cortina machucar minha cabeça não foi difícil de acreditar, já que eu tenho lutado com minha coordenação motora desde o nascimento.

Ele chutou a cortina ainda caída no chão.

— Quando sua Tia me deixar entrar na minha garagem, eu vou cimentar isso na sua parede.

— Eu estou bem. E não estou chorando. — Passei a mão pela minha cara para perceber que minha pele estava úmida de suor e lágrimas.

Selena deixou sua testa cair sobre a minha e me olhou nos olhos.

— Parece que você estava chorando — Eu a empurrei para longe, mas ela apenas se arrastou para subir no meu peito e olhar atentamente para meus olhos. — Você teve um sonho assustador? Eu tenho sonhos assustadores. Eles são assustadores, mas Bubbles consegue fazer eles irem embora porque seu tapa-olho pirata lhe deu superpoderes. Matty disse que sim. Aqui. — Selena enfiou o ornitorrinco debaixo das cobertas. — Você pode pegar ela emprestado.

Papai pegou Selena no colo.



— Vamos levar você e seu ornitorrinco transgênero para tomar o café da manhã. — Ele estudou o meu rosto, tocando meu nariz com os dedos. — Não está inchado, mas coloque um pouco de gelo antes de ir para a escola. Vou refazer o curativo da cabeça também. — Ele inclinou a cabeça. — Tem certeza que você não estava chorando?

— Sim. — Eu puxei as cobertas sobre minha cabeça para esconder as evidências contraditórias.

— Talvez um presente ajudaria — disse ele alegremente. — Você está esperando alguma encomenda hoje?

— Não — eu murmurei através dos cobertores. — Eu só preciso de mais alguns minutos. Sozinha. Por favor.

Selena fez beicinho.

— Ela é mal-humorada.

— No entanto, nós a amamos mesmo assim. Vejo você lá embaixo. — Papai deu um tapinha no meu braço antes de sair.

Mal-humorada? Pode apostar. Eu não exatamente dormi na noite passada. E quando consegui, tive visões deliciosas e satisfatórias sobre me vingar de Matthias dançando na minha cabeça.

Não, o pequeno truque dele na noite passada - e todo o fiasco de Heather - rachou a superfície da barreira onde eu guardava memórias para pesadelos enterradas com segurança por baixo de armadilhas de aço e montanhas de negação. Memórias da noite que parecia ter acontecido há uma vida inteira atrás e ainda assim estava fresca como se fosse ontem.

Os meus “amigos” tinham usado praticamente qualquer coisa que encontraram no lixo do beco. Punhos, pés e madeiras, tubos, frascos, e -

Eu joguei as cobertas, corri para fora do meu quarto e desci para o andar de baixo, com o coração bombeando sangue na minha cabeça com uma dor constante, como se o próprio Thor estivesse impiedosamente empunhando seu poderoso martelo dentro do meu crânio. Eu precisava não pensar sobre aquela noite se eu planejava sobreviver durante o dia.

A negação era como eu funcionava.

Pelo menos, A Voz estava de volta. A pessoa que aparece em meus pesadelos quando eu estou muito assustada. A que promete me encontrar,



me proteger. Ele era do sexo masculino, tanto quanto eu poderia dizer, mas não foi preciso mais do que um sussurro rouco para eu saber. O homem dos meus sonhos era o herói invisível que meu subconsciente fez surgir ultimamente para me ajudar a atravessar aquelas noites em que o Trem do Terror atravessava o túnel da minha psique.

Eu não o ouvia há algum tempo, mas foi porque eu não tinha tido pesadelos durante as últimas semanas.

Obrigado, Matthias.

Em algum ponto entre pesadelos, eu prometi encontrar uma maneira de me vingar do Australiano, mas meu cérebro estava em câmera lenta. Sem um plano diabólico brilhante. Ainda.

Abri a porta e tropecei em Van Helsing enquanto ele corria para dentro do quarto.

— Hey!

Ele me ignorou, correu para sua cama de gato roxa, freneticamente cavou debaixo da almofada, e em seguida, correu para fora, com uma pena presa entre os dentes.

— Você é tão estranho.

A pena era das asas do meu anjo da guarda, Gloria. Helsing estava obcecado com elas. Eu não tinha visto a minha alegre e amoroso anjo nas últimas semanas. Acho que isso era uma coisa boa. Enquanto ela estivesse na retaguarda protegendo minha família, era tudo o que me preocupava.

Na parte inferior da escada, eu apertei o corrimão com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos, determinada a limpar a minha cabeça pesada, cheia de uma lama de medo e exaustão. Eu precisava de algo para melhorar meu mau humor.

Como uma deixa, papai passou correndo para fora da sala de estar passando pelas janelas da frente, e em seguida, desacelerou para se rastejar pela entrada. Ele fez uma careta olhando pelo olho mágico da porta da frente e riu sombriamente.

— Você quer dançar, carteiro? Vamos dançar! — Então ele se desviou do lado de fora.



Sim, se havia uma coisa em que minha família era boa, era na distração.

— Café da manhã! — Na cozinha, Tia M apontou para uma panela fumegante no fogão. Sob um avental, ela usava o conjunto clichê de saia, blusa e blazer, e seu coque francês estava alisado com perfeição. Me senti mais zumbi do que nunca.

— Aveia queimada, duas semanas seguidas. Eba! — Luna fez uma careta de seu banquinho, realmente parecendo um zumbi com toda a maquiagem pálida e roupa escura, artisticamente irregular.

Meu irmão Lucian acariciou as costas da Tia M. — Talvez eu faça ovos mexidos amanhã.

Tia M cruzou os braços em cima de sua barriga inchada e estreitou os olhos.

— Você não gosta da minha comida.

— Porque você deixa queimar — Luna murmurou.

Lucian disse sobre as reclamações de nossa irmã: — Nós apenas queremos ajudar.

— E não ficar enjoados durante toda a primeira aula.

— Luna! — Eu bati nela.

M apontou uma colher coberta de aveia na direção de Luna.

— Seus pais me chamaram aqui para ajudar a cuidar de vocês e isso é o que eu estou fazendo.

— Nós não precisamos de uma babá, — Luna protestou.

M acenou com a mão sobre o conjunto Gótico de Luna.

— Sua maquiagem de necrotério diz que você não está recebendo atenção suficiente em casa.

Mamãe veio do quintal com Oron em seu quadril e flores frescas em sua mão.

— Eu gosto do seu look de vampiro. Me faz sentir bronzeada. Deixe-a em paz, M. E Luna, seja agradável.

— Ugh! — Luna pisou forte. — Por que não podemos simplesmente trancá-la na garagem?

M bufou.



— Quem dera.

Mamãe assistiu Luna ir.

— Qual é o problema dela?

Eu ri.

— M bloqueou a Internet dela na noite passada.

— Apenas os sites de redes sociais. Ela deveria estar fazendo lição de casa. Fale de crianças malcomportadas. — M olhou para mim. — Onde está o nervosinho da casa ao lado?

— Tristan? — Eu dei de ombros. — Em casa, eu acho. Por quê?

— Ele não passou a noite vasculhando o mundo em busca da minha identidade.

Eu suspirei.

— Você prometeu que não iria espionar as atividades dos computadores dos meus amigos.

— Eu não espionei. Principalmente porque eu não consegui. Ainda. Eles têm um firewall impressionante. — Ela despejou aveia em uma tigela com um plop maçante e entregou para mim. — Mas eu recebo um alerta quando alguém tenta me investigar. Apitou várias vezes por dia vindo desse pirralho nervoso desde o dia em que eu apareci. Um hacker pouco decente. Pensei que ele tentaria por um pouco mais de tempo.

— Vou transmitir seu desapontamento — Eu engasguei com a boca cheia do café da manhã, fatalmente esquecendo o sabor digno de vomito da mistura de M. Estava presa dentro da minha boca, tão grossa e saborosa quanto um cimento.

— Eu não quero que você transmita nada. — A colher que Tia M apontou para mim tinha mingau pendurado e caindo fora, como um cão babando. — Porque eu não quero que você fale, comente ou socialize de forma alguma com qualquer um deles. Eu verifiquei. Esses garotos, Meninos Malditos como são chamados, têm uma má reputação. Perigo os segue e até já te pegou em seu rastro em Los Angeles. Quase que você e Luna morreram naquela sala de concerto.

Mamãe balançou a cabeça para minha tia.

— A explosão não foi culpa dos meninos.



Ela tinha razão quanto a isso. *Eu* tinha explodido o edifício. Os meninos foram os heróis que evitaram um desastre.

— Eles salvaram minhas meninas, então seja legal, M — disse mamãe.

— E quanto às notas dela? — Perguntou M. — Eu invadi o sistema da escola e desde que ela esteve aqui e passou tempo com aqueles meninos, sua média despencou.

— Isso tem que ser ilegal! — E rude. Mas ela não estava errada. Com o olhar de questionamento irritado de mamãe, eu disse. — Não é culpa dos meninos. Eu comecei aqui no meio do ano e já estava para trás porque perdi muito na minha antiga escola, porque eu estava... Me recuperando. Então eu perdi a escola aqui por causa do coma e... — Eu dei de ombros. — Vou melhorar. Eu prometo. Por favor, me dê uma chance.

A explicação foi parcialmente verdadeira, e esperava que minha história patética de horror desviaria sua raiva e desconfiança e trouxesse o modo de mãe protetora.

Os olhos dela se suavizaram.

Cara, eu sou boa.

— Tudo bem — disse ela. — Mas se suas notas não melhorarem até o relatório de progresso na metade do semestre, contrataremos um tutor e você estará de castigo, sem vida social, até que elas melhorem.

M fez um barulho exasperado.

— Tudo bem, esqueça sua educação ruim. Você está me dizendo que não está preocupada com a sua filha andar com seis meninos de reputação duvidosa? E namorar um deles, que olha para sua filha com... Aquele olhar?

Minha testa franziu.

— Que olhar?

— Ah, por favor — Tia M zombou. — Aquele olhar. E para não mencionar o sorriso. Faminto — ela rosnou a palavra — e sexy o suficiente para fazer a calcinha de uma freira entrar em combustão espontânea.



Lucian engasgou ao rir, fazendo suco sair pelo seu nariz. Eu olhei para ele enquanto o sangue corria para minhas bochechas. Tia M me deu um olhar significativo.

— E você não é uma freira, querida. Estou apenas dizendo.

— Mãe! — Eu estava começando a simpatizar seriamente com Luna.

— M, já chega — disse minha mãe na voz dela de *Ponto Final*, e em seguida, beijou o topo da minha cabeça para disfarçar o fato de que ela estava lutando contra um sorriso. — Confiamos em Aurora e você também deveria. Mesmo que não simpatize com os meninos. Agora, eu tenho que abrir a loja. Eu não sei o que está no ar, mas as pessoas têm comprado buquês como se fosse o Dia dos Namorados. — Ela pegou sua bolsa e vasculhou o conteúdo. — Lembre-se, M, Clyde vai lhe dar uma carona para a igreja. Você já terminou seus planos de batismo do bebê com o Padre Bancroft?

— Nós estamos... trabalhando em algumas coisas ainda — M resmungou, enchendo o pote de farinha de aveia com água para deixar absorver.

Não que isso ajudou muito.

Fale de coisas que me deixam enjoada.

Não era como se eu invejasse meu primo ainda por nascer por ter um batizado, mas isso significava que - para minha sorte - minha tia, a pessoa mais antissocial no mundo, tinha começado a passar tempo com Padre Bancroft, o responsável do Mandatum na região. As responsabilidades do Padre incluíam supervisionar as atividades dos caçadores morando aqui, ou seja, os Meninos Malditos.

Eu não tinha certeza que tipo de desastre poderia vir dos dois passarem o tempo juntos. Eu só sabia que ia começar com uma letra maiúscula e terminar com um ponto de exclamação. Será que eu nunca teria uma folga?

— Sabe, — Tia M disse: — Até mesmo o Padre Bancroft tem reservas quanto a Aurora passar tempo com aqueles meninos. Ele diz que os ama, mas eles podem ser... indisciplinados.

Não. Sem folga hoje.



— Ele não disse nada para mim — respondeu minha mãe. — Além disso, Aurora pode cuidar de si mesma. Ela tem dois irmãos indisciplinados. E irmãs. — Enquanto vasculhava sua bolsa, ela acrescentou em voz baixa: — E tia, se quer saber.

Lucian e eu rimos.

— Ouvi isso — minha tia disse em voz alta.

A porta da frente bateu e papai disse.

— Aurora, tem certeza que não está esperando um pacote?

Eu me inclinei para vê-lo no chão se apoiando na janela na sala de estar, espiando o lado de fora. Como todos os pais fazem.

— Já lhe disse que não, Rambo.

— O novo carteiro está de volta. — Papai estendeu a mão e fechou as cortinas antes de se levantar e dar uma espiadinha. — Não chegue perto da porta.

— M atirou um dardo tranquilizante no último cara. — Mamãe lançou um olhar cansado para Tia M, que deu de ombros, sem falsa modéstia. — O fato de que há um novo cara disposto a passar na nossa calçada é um milagre. Não o assuste, Clyde.

Papai tentou me bloquear, quando eu fui para as cortinas.

— Ele não me deixa assinar para receber seu pacote. Exigiu que fosse você em pessoa.

— Vou pegar minha arma tranq-! — M fez menção de ir para o quarto dela.

— Não se atreva! — Mamãe correu atrás dela.

Abri as cortinas um pouco para dar uma olhada no carteiro petrificante.

— Acho o interesse dele na minha filha adolescente bem assustador — Papai resmungou.

Oh, ele não tinha ideia.



CAPÍTULO QUINZE

Um nevoeiro serpenteava através dos meus tornozelos, aumentando o já formidável sentimento de desgraça enquanto eu espreitava com o que esperava ser um ar de ameaça através de meu gramado.

Nosso novo carteiro sorriu e tirou o chapéu de carteiro para mim.

— Bom dia, Aurora.

— Estava sendo até você aparecer — eu disse.

Rose estendeu as mãos.

— Eu lhe permiti a noite para pensar, sozinha, quando poderíamos ter estado juntos fazendo... coisas muito mais *prazerosas*. — Ele piscou. — O que tem a dizer sobre minha proposta?

Eu fiz uma careta.

— Eu passo.

Eu tinha pensado. E conversado com os Meninos Malditos, que deveriam ficar de olho para que pudessem pegar Rose da próxima vez que ele aparecesse e interrogá-lo. Olhei para a casa de Tristan, mas não havia nenhum nervosinho à vista. Fico feliz que o plano estava funcionando bem.

— Ah, vamos lá — Rose parecia entediado. — Você quer que eu te mate ou não?

Eu estava muito cansada de sua atitude arrogante, mas mantê-lo falando e ganhar tempo parecia minha única opção. Tirei meu cabelo cacheado do meu rosto.

— Bem, quando você fala assim... — Me inclinei ligeiramente. — Estou ao seu serviço.

— Excelente. — Rose estalou os dedos. — Você não vai se arrepender de nosso flerte. Nenhuma mulher jamais se arrependeu. E quando você encontrar o tesouro, nós dois teremos tudo que precisarmos para ficarmos seguros. Nossos entes queridos também.

Ele acenou para o meu pai.



— A tia dela está carregando a arma tranquilizante — Papai gritou da varanda da frente. — Ela não erra o tiro.

— Pai, eu lido com isso! — Eu fiz um sinal de positivo. — Você pode entrar.

Papai ficou onde estava. Até mesmo pegou a mangueira e começou a regar as flores de mamãe enquanto apertava os olhos para Rose com desaprovação.

— Deve haver algo de errado com sua família. As pessoas costumam me achar irresisti- Ow! — Rose se encolheu e virou-se para pegar a parte de trás de sua perna.

Ele estava vestindo shorts, e vimos um corte fino e raso pingando gotas de sangue em toda a volta da sua panturrilha. Também dava para ver Helsing, com a pena em sua boca, correndo em um borrão até desaparecer atrás da garagem.

— Aquele felino acabou de me morder? — Rose estava completamente abismado.

Eu reprimi um sorriso. Às vezes eu acho que meu gato sabe mais sobre toda essa coisa sobrenatural do que eu.

— Podemos nos concentrar? — Eu disse. — Que tesouro? — Com um olhar obscuro lançado para a última localização de Helsing, Rose franziu a testa e começou a vasculhar sua mala postal. Eu levantei a mão. — Não importa. Em primeiro lugar, você tem que se encontrar com os Meninos Malditos.

Rose pareceu duvidoso.

— Os garotos que sequestraram você noite passada?

— Logo antes de você ameaçar me matar e então me deixar para morrer. O que posso dizer? Eu mantenho um círculo social disforme. Como você saiu do porta-malas?

Ele acenou com a mão desconsiderando a questão.

— Foi piada.

— As roupas definitivamente são uma piada. Você roubou o correio? — Embora se alguém conseguisse parecer bem na camisa azul e calção do serviço postal, esse alguém era Rose.



Ele me lançou um olhar sensual.

— Me falaram que as mulheres amam homens de uniforme.

— Não acho que estavam falando sobre este — Eu sorri.

— É uma pena — ele suspirou. — Minha inteligência deve estar defeituosa. E não é "piada"[4]. É J.O.A.T. Significa Jack-Of-All-Trades. Você provavelmente nunca ouviu falar de nós. Nós tendemos a ser considerados os homens mais baixos na lista do Mandatum. Não há muito respeito.

Então, como Mary Poppins arrancou uma luminária de chão de sua bolsa para tapetes pequena demais, Rose puxou uma caixa de papelão grande, do tamanho de uma gaveta de arquivo, de sua pequena mochila de carteiro azul. Eu bloqueei a visão do meu pai.

— Está demorando demais para uma entrega! — Disse papai.

— Porque você está deixando-o nervoso! — Fiz um gesto para ele ir para dentro.

— Isso deveria fazê-lo ir mais rápido — Papai apontou. — O que é isso, afinal?

— Uh.

Rose sussurrou

— Diga que é o livro do Kama Sutra que você pediu.

Eu gritei por cima do meu ombro.

— É o Kama Su- — Eu virei para Rose. — Espere. Isso não é o-?

— Guia antigo do prazer sexual? — Ele acenou com a cabeça. — Sim. Muito fascinante. Eu ficaria feliz em demonstrar. Minhas habilidades são lendárias.

— Oh, muito obrigado.

— Vou aceitar isso como um sim.

— Não! — Eu olhei para Rose. — Pai, são apenas mais alguns livros mitológicos!

— Certamente menos prazeroso, mas ainda uma excelente escolha de literatura. — Rose descansou a caixa em meus braços. — Agora, eu não estou tão confiante com aqueles garotos como você está, mas já que eu sei

[4] Aqui ela confunde a palavra JOKE (piada) com a sigla JOAT



que você irá mostrar o conteúdo para eles de qualquer maneira, eu sugiro não deixá-los encontrar isso.

Ele bateu um pedaço de pergaminho em cima da caixa pouco abaixo de meu queixo.

Eu estava lutando para segurar firme. Não teria ficado surpresa se ele tivesse escondido uma âncora nesta coisa.

— O que é isso?

— Onde você deve começar a sua caça. Eu aconselho você a chegar lá primeiro. Sozinha. Porque o papel e as circunstâncias poderiam... bem, é provável... — ele parecia aflito — que revele ao Meninos Malditos que você é a Divinicus.

A caixa deslizou pelos meus dedos.

Rose pegou a coisa ridiculamente pesada com uma mão e colocou-a em meus pés.

— Não se preocupe. Contanto que você colabore, eu prometo manter seu segredo. Você e seus meninos têm trabalho a fazer. Quanto mais rápido você passar pelos arquivos, mais rápido minha irmã estará fora do inferno, e mais cedo eu não terei que matá-la. Depois de ter o tesouro, eu vou explicar nosso próximo passo. Então seja rápida. Eu tenho um prazo a manter.

— Que prazo?

— Eu não cheguei a mencionar? Os detalhes são tão chatos. — Ao meu olhar de irritação, ele suspirou. — Além do prazo que me foi dado para a sua morte, pode haver alguns - talvez uma horda - de demônios em seu caminho para cá... com várias intenções.

— Quais intenções?

— Nenhuma boa, isso eu posso te dizer — ele riu, em seguida, fez um gesto de desdém. — Mas isso não vai chegar a acontecer antes de uma semana.

— Uma semana! — Eu lutei para manter minha voz baixa para meu pai não vir correndo.

— É pegar ou largar. Mais pegar do que largar. Mas eu tenho tomado algumas medidas de precaução.



— Quais medi-

— Esconda isso rapidamente. Eles estão vindo. — Ele empurrou o pergaminho em minha mão e apontou por cima do meu ombro.

Eu esmaguei o pergaminho no meu bolso e me virei, meio que com medo de que a horda de demônios já houvesse chegado. Mas a porta da frente de Tristan se abriu e o grupo dos Meninos Malditos saíram. Já era hora. Virei-me de volta para Rose. Ele já não estava à vista.



CAPÍTULO DEZESSEIS

— Eu não acredito que você disse sim! — Disse Ayden.

— Morte era minha única outra opção, já que vocês não estavam por perto. — Mordi o lábio. — E se realmente existe alguma garota no inferno por minha causa, nós devemos ajudá-la. — Esse pensamento tinha me atormentado durante minha noite sem dormir. Claro, eu estava sempre preocupada com a minha família sofrendo com os danos colaterais do meu drama Divinicus, mas estranhos?

— Se é que há uma irmã, — Ayden rosnou. — E a parte sobre matar você faz ele perder alguns pontos de simpatia.

— Eu sei, mas... — Eu olhei em volta. — Nenhum de vocês viu ele?

— Nadinha — Ayden agarrou a minha mão parecendo preocupado. — Eu acordei, vi você lá fora conversando com um carteiro e viemos correndo, mas ele já tinha ido.

— Vou checar a filmagem de segurança. — Jayden correu de volta para dentro da casa.

— Nós passamos a noite no Tristan para ficar de olho em você — disse Logan.

Eu fiz uma careta.

— Onde está Tristan?

Ayden olhou cada centímetro da rua.

— Saiu às três da manhã para levar seus avós para o aeroporto. Eles estão indo para o Nepal.

— Em uma missão para acabar com uma fuga em massa de demônios. — Blake bocejou. — O Mandatum teve uma denúncia anônima, pode até não ser nada, mas eles gostam de se voluntariar para esse tipo de coisa. Achei que Tristan nunca pararia de gritar com eles.

Então eles eram caçadores.



— Quais são os poderes deles? — Supondo que já não é incrível jogar Shuffleboard.

— Só não os deixe com raiva. — Blake deu um tapinha no meu ombro. — Nós não teríamos tido esse problema com Rose se vocês tivessem me deixado dormir na casa de -

— Cale a boca, Blake!

Nós quatro nos posicionamos ao redor da caixa estúpida de Rose em meu gramado. Van Helsing tinha voltado sem a pena. No momento, ele ronronava vigorosamente enquanto alternava entre esfregar o rosto contra as minhas pernas e contra a caixa. Os barulhos e gritos das ferramentas elétricas sinalizavam que minha tia estava de volta para trabalhar em seja-lá-o-que-fosse na nossa garagem. Papai tinha ido explicar - mais uma vez - porque ela não poderia começar a trabalhar até que tivesse dado a chance de, pelo menos, um galo começar a cantar.

Ayden esfregou os olhos.

— Eu coloquei o alarme para despertar. E todos nós estávamos trocando os turnos, mas... nenhum conseguiu ficar acordado.

Blake se espreguiçou.

— Eu estava tendo alguns sonhos impressionantes. Fazendo aulas de hula com um bando de beldades seminuas com saias de palha e coco em seus cocos, se vocês entendem o que quero dizer. — Ele colocou as duas mãos sobre o peito e balançou os quadris.

— Por favor, pare. — Ayden levantou seus braços para bloquear os giros de Blake. — Será que Rose nos drogou?

— De jeito nenhum — disse Logan, mas ele parecia preocupado.

— Ele disse que era um JOAT — eu disse. — Eles podem fazer isso?

Os rapazes trocaram um olhar, mas Ayden balançou a cabeça.

— Precisaria ser alguém poderoso, e JOATs não são tão bons assim — disse Ayden.

Helsing saltou em cima da caixa e mordeu um canto. Eu o enxotei.

— Vá fazer coisas normais de gatos.



Que na língua felina deve significar sentar e encarar a caixa. Eu pediria para ele um brinquedo de papelão não relacionado a coisas sobrenaturais depois.

— Vamos ver o que tem dentro — falei.

Logan se ajoelhou e abriu a caixa. Dentro havia um tronco de madeira antigo e conservado enfeitado com tiras de metal preto e couro desgastado. Blake sorriu.

— Um baú do tesouro?

Logan apontou para a letra M estilizada queimada no topo.

— O símbolo do Mandatum. Isso não pode ser bom.

Quando foi alguma vez?

Com um olhar nervoso ao redor, ele abriu a tampa articulada com um barulho estridente. Não havia pedras preciosas ou ouro, apenas uma confusão de arquivos e documentos.

Logan arrancou uma pasta e começou a ler.

— Flint?

— Nathan Flint? — Ayden pegou os papéis e xingou baixinho.

— O duque europeu que construiu a nossa escola? — Eu vacilei sob seus olhares intensos. — O quê? Eu presto atenção na aula de história.

Ayden foi para o lado de Logan e procurou pelo conteúdo.

— Não pode ser. Não! Não os arquivos de Flint. Logan, chame Matthias.

Logan caminhou em direção a casa e pegou seu telefone.

Algo bateu na garagem e depois o silêncio finalmente abençoou o amanhecer. Até que M começou a gritar com o meu pai.

Blake ergueu as sobrancelhas.

— O que exatamente sua tia está aprontando lá?

— Algum presente surpresa que não podemos ver ainda. — Eu comecei a escolher uma pasta da caixa, mas Ayden me empurrou.

— Blake, tire isso daqui. — Ayden bateu com a pasta de volta para o peito. — Agora!

— Por que estamos com medo de um arquivo? — Eu disse.



Ayden arrastou a caixa com um grunhido e despejou-a nos braços de Blake.

— Quanto menos você souber, melhor. Confie em mim.

— Eu confio. — Coloquei a mão na caixa e dei um olhar de advertência para Blake. — Mas já que é a minha vida em risco, vamos levar isso para o meu quarto.

— Isso é exatamente o que você disse em meus sonhos na noite passada.

— Cale a boca, Blake. — Ayden empurrou-o em direção à rua. — Coloque em meu carro.

— Espere — Eu bati a mão no abdômen de Blake – eca! - e olhei para Ayden. — Quando foi que você guardando segredos não terminou em uma enorme falta de comunicação onde eu acabo perseguida e quase morta por demônios?

Ayden apertou a mandíbula.

— Meu encontro com Bancroft ontem à noite tinha a ver com os arquivos de Flint. Esses arquivos.

Ele bateu com a mão na caixa e chamas irromperam, chamuscando o papelão e assustando Blake, deixando cair o pacote e derrubando o baú, derramando a confusão de papéis para o gramado. Van Helsing imediatamente entrou em ação, pulando em cima dos papéis com muita alegria felina.

— Blake! — Ayden parecia chocado e ajoelhou-se, empurrando Helsing de lado, que soltou um miado de protesto, e recolhendo os documentos em um ritmo frenético.

Blake começou a ajudar.

— Isso é culpa sua, cara. Ultimamente você está acendendo por qualquer coisinha. O que há com você?

— Nada! — Ayden estalou, em seguida, fez uma pausa e colocou o antebraço sobre o joelho. — Bem, o que está errado é que esses arquivos foram roubados de Sophina Cacciatori e dados a nós, e Rose acabou de nos colocar na mira dela.



CAPÍTULO DEZESSETE

Eu pulei para longe da caixa como se ela fosse granada e nós tivéssemos acabado de puxar o pino.

— Blake, tire isso daqui! — Eu corri para pegar os papéis soprados pelo vento. Arranquei alguns de Helsing. Eles murcharam, já úmidos e frágeis por causa do orvalho na grama. — Por que Cacciatori está interessado no Flint há muito morto?

— Porque ele era do Mandatum. — Ayden virou um arquivo fechado e empurrou-o no porta-malas.

Entreguei-lhe mais papéis, percebendo que um pouco da tinta estava manchada, fazendo com que algumas palavras ficassem juntas.

— Um caçador?

— Sim e não. — Os lábios de Ayden apertaram. — Ele era um mecânico.

Engoli em seco.

— Um assassino? Como o cara no filme?

Ayden suspirou.

— Não, um mecânico do Mandatum tem a capacidade de inventar... engenhocas. E no caso de Flint, ele conseguia criar máquinas muito além do que estava disponível no final de 1800.

Blake esmagou mais papéis na caixa.

— Sua antiga casa - a escola - está equipada com todos os tipos de portas escondidas e passagens secretas. E algumas engenhocas estranhas que até mesmo o Mandatum não consegue descobrir.

— Não se preocupe — disse Ayden. — O Mandatum fechou todas essas coisas há muito tempo atrás.

Blake aprofundou sua voz para um tom ameaçador.



— Mas você deve se preocupar que Flint era um homem mau que praticava as artes das trevas, fez experiências estranhas, e era conhecido por — ele sussurrou as próximas palavras — ressuscitar os mortos.

— Blake, aqueles eram rumores estúpidos — disse Ayden, em seguida, levantou-se e me fez uma massagem reconfortante. — A verdade é que, quando eles encontraram o portal do inferno, aqui em Gossamer Falls, Flint era o cara que eles enviaram para analisar e gerenciar os caçadores que vieram. Basicamente, o que o Padre Bancroft faz agora.

Blake disse: — Ele construiu máquinas legais para limpar as passagens para o portal e manter a segurança.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris.

— O portal que está atrás da cachoeira? O portal que vocês não me deixam ver?

Ayden me deu um olhar cansado.

— É mais seguro assim.

— É verdade, querida. Portais são perigosos. Pode sugar você direto para as profundezas do inferno se você não for cuidadoso.

Sim. Não é bom.

— Mas Flint morreu há mais de cem anos atrás — eu disse. — Por que é que o arquivo se tornou tão importante agora?

Ayden esfregou o queixo.

— Lembra-se que eu mencionei que a escola tinha um histórico obscuro?

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Eu acredito que você disse “manicômio”.

Ayden passou as mãos no cabelo.

— Quando Flint comandava, caçadores de todos os lugares passavam por sua propriedade o tempo todo. Tudo correu perfeitamente até que o Mandatum descobriu que Flint era um assassino em série.

— Eu avisei — Blake assentiu. — Mortos foram ressuscitados. Zumbis vagavam.

— Não havia zumbis, — Ayden disse, dando a Blake um olhar irritado. — Mas em algum momento, Flint começou a, silenciosamente, matar



caçadores e roubar seus artefatos Mandatum. Não há registro do que exatamente, mas, provavelmente, joias, livros, armas, artes. Qualquer coisa na qual o psicopata pudesse colocar suas mãos.

— Coisas poderosas e inestimáveis com certeza, querida.

Abracei-me.

— Alguma coisa que pudesse ajudar Rose a recuperar sua irmã?

— Não sei. — Ayden deu de ombros. — O Mandatum não conseguiu achar nada. Flint enlouqueceu antes que pudessem fazê-lo falar.

Blake estava tentando encher uma pasta de arquivo fina com muitas folhas.

— Então, para que eles pudessem passar anos procurando, eles transformaram a casa em um asilo de loucos.

— Foi uma boa ideia — disse Ayden. — Tornou-se uma academia de prestígio, que obteve um bom lucro, e se alguém visse alguma coisa estranha, eles eram loucos. Certo?

— Inteligente — eu disse. E assustador. — Mas nunca encontraram nada?

— A lenda do tesouro perdido de Flint vive — Blake sorriu.

Ayden soprou ar.

— De vez em quando alguém vive a sua fantasia de Indiana Jones e procura pelas coisas. Como -

— Rose, — eu murmurei lembrando do traje de Rose da noite passada.

— Com os arquivos roubados — Ayden disse — o Mandatum assumiu que um outro caçador de tesouros está a caminho, e nós deveríamos parar isso porque, se há um tesouro, a sociedade quer. Se admitirmos que temos os arquivos, eles irão exigir saber como conseguimos e, provavelmente, enviar uma equipe. — Ayden socou o ar e rosnou, colunas de fumaça saíram de seu punho e fizeram desenhos encaracolados no ar. — Ugh! Rose. Eu odeio esse cara. Vamos apenas matá-lo. Ele já ameaçou Aurora, por isso é só atraí-lo e -

O chão debaixo de Ayden tremeu o suficiente para quase derrubá-lo. Firmou-se e ele fez uma careta para Blake.



O grandalhão deu de ombros.

— Tem que relaxar, cara. Nós não podemos matar um caçador companheiro a sangue frio. Precisamos de uma ordem de Cessação Diretiva que o classifica como um perigo extremo. Além disso, ela está bem.

Claro. Por enquanto.

— Por que Cacciatori está tão interessada? — Perguntei no que esperava ser uma voz casual. — Existe uma conexão Divinicus?

— Não que eu saiba. — Ayden passou a mão pelo rosto.

Lucian colocou a cabeça para fora da porta da frente.

— Aurora, você devia tirar Ayden daqui. Lembra-se da conversa no almoço da Tia M?

— Lucian, não se atreva! — Eu avisei, Tia M passou por Lucian indo para a varanda da frente.

Ela nos viu e ordenou, — Vocês dois se apressem. Seu namorado vai me dar uma carona para a igreja.

Ayden levantou uma sobrancelha.

— Eu vou?

— Desde quando? — Eu disse.

— Desde que eu disse a seu pai que você não era freira. — Ela voltou para dentro.

— Era só o que faltava. — Meu suspiro saiu como um rosnado.

Ayden me olhou de cima a baixo, em seguida, sorriu e se dirigiu para o meu irmão.

— Ei, Lucian, eu acho que preciso de mais detalhes sobre essa conversa no almoço.



CAPÍTULO DEZOITO

Papai decidiu que a grande barriga de Tia M era muito difícil de comprimir para ser segura no pequeno carro esporte de Ayden, então nós conseguimos nos livrar do problema, e antes que ele mudasse de ideia, fomos para escola cantando pneus.

O país das Maravilhas Góticas que Flint construiu, e que agora se chamava de ensino médio, era um monólito de pedra esculpido, com arcos elevados, e espirais que perfuravam o céu, com torres elevadas protegidas por gárgulas sombrias esperando por donzelas, e centenas de corredores torcidos para que uma garota acabasse se perdendo. Pertencia a névoa dos pântanos da Inglaterra medieval com belas bustle-skirt[5], cavalheiros de coletes e amantes de um romance gótico que roubavam beijocas em recantos secretos e escuros.

Ao invés disso, eu estava em um recando escuro – sozinha – me escondendo em um dos moletons pretos de Luna, tentando camuflar minha massa de cachos vermelhos em um dos bonés de baseball de Lucian e espiando no corredor para garantir que este lado esteja calmo.

Um forte aroma floral flutuou pelo ar quando várias garotas e garotos vestindo capas vermelhas brilhantes passaram carregando uma grande variedade de flores pelos corredores. Como parte da arrecadação de fundos para o Baile de Primavera no próximo mês, os alunos podiam escolher comprar uma única flor, para qual a loja da minha mãe fornecia um desconto substancial, e pedirem para entregá-la para aqueles ou aquelas a quem o aluno queria pedir uma dança, ou pelos menos reservar uma em seus bilhetes de dança. Os negócios cresceram especialmente essa semana.

Me curvando para evitar me elevar sobre o resto, eu puxei meu capuz sobre meus cachos vermelhos e entrei na multidão de estudantes com seu

[5] Espécie de saia sem volume na frente e volumosa atrás usada na era Vitoriana.



zumbido de conversas indefinidas, tentando me manter discreta. No terceiro andar, eu andei ao longo da parede de janelas, rosto virado para o lado de fora para evitar contato visual e evitar ser notada.

Através dos intermináveis painéis de vidro brilhante, névoa rodava ao longo dos gramados espalhando-se pela extensão do chão. Cisnes brancos deslizavam através da lagoa, árvores altas pontilhavam a paisagem bem cuidada, flores germinavam através da terra, e a floresta margeava as bordas distantes.

Apesar da beleza serena, minhas entranhas se contraíram porque a qualquer momento Rose poderia aparecer saído do manto de névoa branca, como algum ser etéreo vindo coletar sua recompensa. Eu. Apesar de ter preferido a antecipação ansiosa da desgraça atualmente borbulhante em meus intestinos.

Fiquei duplamente nervosa porque eu estava em processo de matar a aula Física e me esconder dos Garotos Malditos. O terceiro período era uma aula que eu não compartilhava com nenhum deles, e portanto, uma classe que eu poderia abandonar e não ser seguida, permitindo que eu fizesse algo sozinha sobre o papel suado e amassado em meu bolso.

O documento em papel de pergaminho amarelado que Rose tinha me dado, aquele que ele alegou que poderia revelar meu segredo Divinicus para os garotos, era um mapa. Tinta desbotada esboçava uma planta de um quarto que, usando minhas habilidades loucas de dedução, eu supus ser uma biblioteca nessa mansão que Flint construiu.

Bem, loucas habilidades de dedução juntamente com o fato de que alguém – provavelmente Rose – tinha usado tinta fresca e uma letra curvada e fluída para escrever no topo da página — Biblioteca do Flint.

De qualquer forma, no mapa, uma das paredes estava marcada com um estranho rabisco. Era uma única linha curvada em cada extremidade em duas espirais distintas. A espiral em uma extremidade era feita de linhas retas conectadas em ângulos agudos. Muito geométrico, me lembrava do desenho da chave Grega que eu lembrava das aulas de artes. O outro espiral era uma típica curva lisa.



Não sei o que isso significava, mas a antiga biblioteca de Flint era também a extravagante atual biblioteca da escola e era para onde eu iria para investigar um pouco. Oh, por mim mesma.

— Blake!

Eu congelo ao ouvir a voz de Ayden.

— Hey! — Algumas crianças diretamente atrás de mim tropeçam e batem em meu ombro, esquivando-se para evitar uma colisão certeira. — Cuidado — elas resmungam.

— Sinto muito — eu murmuro.

Mantenho minha cabeça abaixada, mas observando Blake, que estava vindo em minha direção. Ele fez uma pausa e se virou, esperando que Ayden o alcançasse. Mas de repente Ayden parou, um olhar de fúria cintilou e ele empurrou seu caminho através do corredor, ignorando todos os protestos, muito focado em...

Hum, ôh. Era o cara que tinha me oferecido seus serviços de "estacionamento" na noite passada. Fora do fluxo de corpos, Ayden o agarrou com os dois punhos pela camiseta, e com um violento balanço, ele bateu o cara de costas contra a parede. Os pés do cara balançaram fora do chão. Seus olhos saltaram. Ayden segurou um antebraço em sua garganta, prendendo-o como um inseto em um projeto de ciências.

Um suspiro coletivo e um par de gritos ecoaram através do corredor quando uma multidão se afastou em um semicírculo. Então houve um silêncio, exceto pelos barulhos de asfixia do cara.

Ayden acertou o rosto do cara e falou em tons ásperos e guturais. — Você achou a noite passada divertida?

O cara agarrou o braço de Ayden. — Do que diabos você estava faland...

— Não fale — Ayden empurrou a garganta do cara ainda mais. Houve ruídos borbulhantes desesperados e o rosto do rapaz pareceu ficar vermelho o bastante para estourar. — Você *jamais* dirá nada para minha namorada *de novo*. Ou então, Deus me ajude, porque –

— Cara! — Blake cortou através da multidão como um touro através da grama alta, sorrindo facilmente para todo mundo antes de colocar uma



mão no espesso ombro de Ayden e mover-se para que ele pudesse entrar na linha de visão de Ayden. — Você pegou o cara errado. Era algum *outro* idiota que balbuciou para Aurora. Eu tenho certeza que esse fino cavalheiro não se lembra de nada sobre a conversa na noite passada. Apenas pergunte a Tristan.

Com aquele sutil lembrete que Tristan tinha alterado a memória dos garotos sobre o incidente na noite passada, o conjunto firme dos ombros de Ayden balançaram, afastando sua ferocidade. Ele soltou seu antebraço e recuou.

Blake agarrou o garoto e alisou sua camiseta para aliviar a situação. — Só um caso de erro de identidade. Ayden sente muito. Certo, Ayden? — Ayden assentiu. — E eu também sinto. Então sem danos, sem golpe. Estamos bem?

O cara esfregou sua garganta e parecia que ia reclamar, mas depois de um olhar em Ayden, que parecia pronto para estourar, e então colocar a cabeça para trás para ver melhor o tamanho total de Ayden, ele encolheu os ombros.

— Yeah, estamos bem.

— Maravilha — Blake deu um tapa no ombro dele e levou Ayden para longe.

A multidão murmurou suavemente, abrindo-se para os caras passarem, então fluiu novamente, o drama acabou, e levou alguns minutos para perceber que Blake e Ayden estavam indo em minha direção mais uma vez. Eu virei e corri em outra direção, mas eu estava contra a maré de estudantes, e isso dificultou a minha velocidade. Eu ouvi a voz de Ayden chegando mais perto.

— Obrigado, mas eu não tenho tempo para explicar. Eu estou indo para a aula de Física agora. Tristan me deu a atribuição como um Professor Assistente até essa coisa com Rose terminar, mas certifique-se que você esteja disponível.

Ótimo. Mesmo se eu o despistasse agora, ele entraria em Alerta Vermelho quando não me encontrasse na aula. Já tão estressado, seria



fácil ele explodir. Minha pele coçava. Parecia como se baratas deslizassem em minha espinha. Eu não tinha muito tempo.

Ayden continuou, — Quando você levar Aurora para casa depois da escola...

Desde quando Blake me levaria para casa?

— ... não mencione onde eu estarei.

— *Mas* eu não sei onde você vai.

— Exato.

— Oi Blake. Oi Ayden.

— Olá, senhoritas — Eu ouvi um sorriso na voz de Blake. — Peguei meus bilhetes de dança para o Baile da Primavera. Não sei como sobrevivi sem eles até então — As garotas riram, e depois que elas passaram, Blake se aproximou também. Tão macho. — Cara, eu amo nossas novas vendedoras. Luna e Danica realmente falaram bem de nós depois de a salvarmos na sala de música. Pessoas – *garotas* – realmente falam comigo agora. Então, onde você disse que iria depois da escola?

— Eu não disse.

— Vamos, o que poderia te manter longe de uma garota quente, exceto... eu entendi. Você vai ver outra mulher.

— O quê? — Ayden fez um monte de cuspe.

— Caramba. Olhe para seu rosto. *É* outra mulher! Oh, você é um – *ah.*

Eu tropeço. Quase caindo de cara no chão.

— Blake — Ayden sibila — não é isso.

— Então porque você parece tão culpado? Explique porque você perece estar no limite.

— Eu não – Argh! Você precisa calar a boca. Eu contarei tudo a você quando eu terminar com a.. minha...

— Outra mulher?

— Vou matar você.

— Você pode tentar. Qual é o nome dela?

— Se você até mesmo mencionar isso para Aurora, eu vou...



A voz de Ayden desvaneceu quando eu deslizei ao redor do canto e lutei contra a urgência de fugir, mas não havia outro caminho que eu pudesse fazer através da multidão sem aparecer na frente dos caras.

Estava difícil respirar. Outra mulher? Então porque defender minha honra? Poderia ele realmente estar vendo mais alguém? Não pense sobre aquilo agora. Eu preciso de uma saída.

Diversos armários de serviço ficavam ao longo desse corredor. Eu empurrei através da multidão em direção ao mais próximo, arriscando um olhar para trás de mim – sem Ayden e Blake – agarrando um cabo curvado longo, empurrando para baixo e...

Batendo na porta, minha bochecha esmagou totalmente. Estava trancada. Eu enfiei a alça para cima e para baixo umas poucas vezes – apenas porque eu não estava frustrada o bastante – então me dirigi para a porta seguinte, e a seguinte. Mas todas estavam trancadas.

Enquanto o suar borbulhava sobre minha testa, minha visão periférica pegou a enorme forma de Blake movendo-se ao redor do canto. Eu virei e fui para frente. A próxima porta era velha, uma peça de madeira original adornada com dobradiças de ferro forjado e espessas faixas de ferro preto enrolada ao longo horizontalmente. Com pouca esperança, eu agarrei a maçaneta.

Ela não se moveu. É claro.

Eu inclinei minha testa em ebulição contra uma das frias mãos de metal, esperando pelo próximo movimento brilhante entrar em meu cérebro.

A porta estremeceu com um zumbido baixo. A maçaneta tremeu na palma da minha mão. Eu ouvi uns *estalidos* metálicos e engrenagens girando, e logo quando eu estava pronta para pular para trás, a maçaneta cedeu, a porta abriu, e eu caí em um buraco negro.



CAPÍTULO DEZENOVE

Ok, não era um buraco negro. Apenas um pequeno espaço redondo sem janelas em uma das muitas torres enormes da mansão de Flint. Eu bati no chão de pedra com um golpe doloroso em meu cotovelo, em seguida, cai para o lado. Então a porta se fechou, e eu fiquei na escuridão.

Eu me levantei com ajuda das minhas mãos e dos blocos ásperos e irregulares de pedra das paredes para me firmar, então fiz meu caminho até a porta. Suspirei de alívio quando a maçaneta se abriu facilmente e dei uma espiada. Ninguém no corredor parecia ter notado a minha saída. Eu me apoiei na porta fechada e esperei os meninos passarem.

A escuridão era absoluta. Pisquei, meus olhos imploravam por um feixe de luz. Um som apressado sussurrou ao redor da sala. Eu levantei minha cabeça. Vento? Mas eu não sentia nenhuma brisa.

O som ficou mais alto, se tornando um zumbido mecânico, como se uma grande máquina fosse ligada após um longo tempo desligada. Engrenagens clicaram devagar e então pegaram ritmo. O piso retumbou sob os meus pés. Um perfume oleoso afastou o aroma floral que havia me seguido.

Luzes de várias cores cintilaram na minha esquerda. Logo acima da maçaneta da porta, como novos brotos estourando através da terra, uma série de interruptores e botões piscando apareceram em um painel de metal, surgindo de dentro da madeira maciça da porta.

Eu respirei fundo e recuei, minhas costas pressionadas contra a parede, e coração saltando.

— Ai, não.

O brilho dos controles iluminou o quarto. As paredes de pedra estavam embaçadas. Esfreguei os olhos, mas em vez de limpar minha visão, eu vi o brilho da pedra sendo substituída por grandes folhas



retangulares de metal. Bronze escuro. Reluzente. Parafusos pesados nas emendas que prendiam as peças.

Eu fiquei tensa. Alguém na parede estava me encarando. Uma figura com um capuz preto e olhos arregalados, boca aberta e parecendo como se estivesse pronta para surtar e atacar — Oh. Certo. Meu cérebro finalmente calculou o óbvio. Era meu próprio reflexo nas paredes cintilantes.

— POR FAVOR, INDIQUE O DESTINO REQUISITADO. — Uma voz feminina ecoou pelo espaço revestido de metal.

Eu me abaixei, cobrindo a cabeça com os braços, esperando pelo perigo.

Nada aconteceu. A não ser meu coração estar batendo que nem o de um canário e de meus órgãos vitais terem virado mingau.

— POR FAVOR, INDIQUE O DESTINO REQUISITADO. — ela zumbiu.

Meu olhar percorreu a sala vazia.

— Que tal o fora daqui?

Minha cabeça virou para a porta, onde, um pouco além das dobradiças, com um sonoro metálico e estrépito *clank, clank, clank*, uma parede de uma polegada de largura rolou para fora da estrutura de metal e começou a cobrir a porta.

Me enjaulando lá dentro.

A estrutura deslizava sem problemas. Estava quase chegando na porta.

Eu lancei o meu corpo para cima, joguei todo o meu peso na maçaneta, a senti resistindo, e achei que eu pudesse acabar quebrando a coisa toda. A estrutura deslizava atrás de mim, pressionando minhas costas.

Eu apoiei o meu pé na borda fina da porta e usei o meu peso para empurrar para trás, lutando contra o metal ameaçando me privar da liberdade.

A estrutura continuou chegando, me forçando a ir para frente. Eu bati na porta.

— Socorro!



Havia menos de dezoito polegadas até que a parede se movendo me jogasse contra a porta. Eu estava perdendo espaço. E perderia uma mão se eu não conseguisse abrir a maçaneta nos próximos poucos seg...

A maçaneta girou, a porta se abriu, e eu me joguei através dela. Esbarrando em outro corpo e derrubando os dois no chão.



CAPÍTULO VINTE

As luzes dos vitrais formavam um arco-íris de cores ao longo dos acres de livros na biblioteca cavernosa de Flint. Era tão impressionante quanto o resto de sua propriedade, com tetos altos, estantes de madeira esculpidas, polidas e brilhantes. Muitas foram construídas nas paredes e atingiam dois andares. Escadas em espiral levavam a estreitos corredores através do segundo andar. Tapetes pesados cobriam os pisos de madeira, abafando os passos dos estudantes e qualquer tentativa de romper o silêncio reverente.

Havia áreas abertas com mesas de estudo, alguns arranjos de assentos casuais com confortáveis cadeiras e sofás, e vários cubículos que abrigavam computadores. O lugar tinha um cheiro de limão e as superfícies brilhavam.

A bibliotecária, Sra. Caviezel, levava seu trabalho muito a sério, executando-o como um contingente militar, mantendo tudo em ordem usando sua determinação obstinada e um exército de estudantes voluntários.

E por sinal, minha irmã Luna, era um deles agora. Um fato que ela queria esconder de nossos pais — não quis me dizer o porquê – e a razão pela qual ela concordou em me ajudar a encontrar a parede marcada com as espirais que aparecia no pergaminho.

Ela estava me procurando quando eu consegui sair daquela sala e derrubá-la no chão. Não tinha como explicar o que eu estava fazendo. Aquilo era um dos aparelhos de Flint? Não parecia estar desligado. Mas ela estava mais interessada em reclamar sobre a queda ter quebrado seu brinco ear cuff.

Uma vez na biblioteca, ela me guiou pelas profundezas do labirinto de livros até uma sala remota na parte de trás sem nenhuma janela. O



interior escuro possuía uma pequena mesa retangular e uma lâmpada de mesa que fornecia pouca iluminação.

— Esta é a seção com informações locais — Luna me disse. — Todos os livros são sobre a história da queda de Gossamer e coisas sobre Flint. Você sabia que este lugar era um manicômio? — Ela deu um arrepio e baixou a voz. — Há rumores de que nunca se livraram das enfermarias nos porões e nem das cruéis câmaras de tratamento com máquinas de torturas. É por isso que os andares mais baixos estão fora dos limites e completamente bloqueados. — Ela falou em um assombro e um uivo sobrenatural. — Os fantasmas dos loucos ainda estão presos lá, vagando por passagens secretas, fadados a reviver seu tormento dia após dia, e na calada da noite, seus gritos de horror ainda reverberam através da própria fundação.

— Sim, certo. — Ela ama drama.

— Você não tem imaginação – Luna rolou seus olhos, e então tirou um molho de chaves de seu bolso – Eu me pergunto se as chaves da biblioteca abrem os porões.

Depois que ela saiu correndo, eu estudei a parede marcada no mapa do Rose. Tinha cerca de cinco metros de comprimento e três de altura e tinha uma única estante solitária.

A parede atrás era feita de pedra. Passei a mão sobre todas as prateleiras de madeira e depois pelas lombadas dos grossos volumes, muitos feitos de couro liso e todos muito empoeirados. Eu estava procurando por algo… não tenho certeza do quê… uma espiral dupla? Mas não encontrei nada.

Algo brilhou no canto do meu olho, à minha direita e ao alto. Eu pulei e olhei. Não havia nada.

— Viu? — eu disse a ninguém – Minha imaginação está ótima — Eu cocei a cabeça e estudei as prateleiras. — O que eu devo encontrar?

Os livros não responderam. E meus sentidos de aranha não estavam formigando. Então eu agachei, empurrei as mangas e comecei a tirar os livros da prateleira de baixo, me movendo metodicamente até a prateleira



seguinte, esperando que um dos livros fosse uma alavanca que abria uma passagem secreta.

Vai saber.

Escalei as prateleiras para alcançar os níveis mais altos, o que me fez puxar os livros lentamente e de uma maneira estranha, porque eu ainda tinha que me segurar sem cair. Mas eu me segurei e, eventualmente, por trás dos livros, em uma das prateleiras superiores, algo chamou minha atenção. Uma gravura na pedra parede. Uma espiral dupla. Igual ao desenhado no pergaminho.

Eu sorri. — Bingo.

Eu cheguei mais perto, empurrando os livros para o lado e estendi minha mão, pairando sobre as espirais. Algo vibrou em minha palma. Eu pensei ter visto as espirais se movendo. Estranho. Então eu senti algum tipo de calor que não fazia sentido. Não que alguma coisa fizesse ultimamente. Eu alcancei com meu dedo indicador e —

— Eu acabei de sair do escritório do diretor.

Matthias invadiu.

Meu dedo escorregou da prateleira de baixo. Segurei em uma das bordas e enganchei meu cotovelo na outra para não cair. Na melhor das hipóteses, era uma situação precária.

O Australiano estava de costas para mim, andando, um telefone pressionado contra sua orelha.

Prendi a respiração e tentei segurar firme, esperando que ele desaparecesse logo.

Não tive essa sorte.

Ele inalou profundamente e baixou a voz.

— Ela está bem, mas... sim, o treinamento funcionou, mas agora é um grande espetáculo e... Eu não sei, mas... Aham... certo...— Ele suavizou seus ombros e sua voz. — Você está certo. Obrigado.

As camadas de verniz sobre a madeira deixavam a superfície escorregadia, e por isso meu cotovelo estava escorregando em direção à borda. Tentei empurrá-lo de volta, me contorcendo o mais silenciosamente



possível, os músculos se esforçando, mas para cada polegada para frente, eu voltava duas, e, por fim, escorreguei completamente.

Eu caí com uma total falta de graça. Matthias, por outro lado, agarrou um livro em um movimento suave, virou-se e atirou-o. Ele não poderia ter tido tempo para mirar, no entanto, a capa dura veio na direção da minha cabeça, pronta para me levar para o esquecimento. Seu único erro foi não antecipar minha manobra furtiva de cair, por isso, passou raspando por cima do meu crânio e colidiu contra a estante de livros na mesma hora que minha bunda bateu no tapete. Não tão confortável quanto eu gostaria.

— Maldição! — Os olhos de Matthias brilharam. — Você está me seguindo?

— Claro que não. — Eu esfreguei meu traseiro e me levantei. — Fique quieto ou Caviezel vai colocar nós dois na detenção.

Matthias olhou por cima do ombro, em seguida, pareceu lembrar-se do telefone e o escondeu atrás das costas.

— Então o que você estava fazendo aqui?

— Nada. O que você está fazendo aqui?

— Nada.

Olhamos um para o outro por um longo momento, então eu perguntei

— Quem era no telefone?

Ele empalideceu.

— Meu... hum... pai. — Ele colocou o telefone de volta na orelha e falou. — Vou ter que ligar de volta depois... Pai. — Ele me lançou um olhar desagradável. — Não, eu estou com Aurora... O quê?... Eu não estou *com* Aurora... Não seja...

Eu observei. — Novo celular?

— Não. — Ele olhou ofendido. — O mesmo. O único que eu tenho. Por que eu teria outro celular?

— Aconteceu de eu dar uma boa olhada no seu celular quando você estava apagado ontem à noite e não é o mesmo.

— Você está errada. Idiota. Esse é o único celular que eu tenho.

Um celular tocou. E não era aquele em sua mão. Era outro. No bolso do paletó dele. O celular de sempre dele. Eu reconheci o toque.



Matthias desviou seu olhar do meu. Eu sorri. Ele fechou os olhos e suspirou, deixando cair o queixo ao peito. Depois de um momento ele falou no primeiro celular.

— Tenho que ir. — Em seguida, ele empurrou o telefone em um bolso e tirou seu telefone normal de outro. — O que é?!

Eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas eu sentia que tinha acabado de ganhar alguma influência sobre o Australiano.

— Espere, Ayden. — A expressão irritada de Matthias se desmanchou e ele realmente sorriu. — O que tem a Aurora? Ela deu o bolo em você e você não sabe onde ela está? Isso é interessante, porque eu acho que eu poderia ajudá-lo com isso.

Bom demais para ser verdade. Acenei minhas mãos e balancei a cabeça sussurrando um frenético. — Não, eu não estou aqui!

Matthias segurou o telefone contra o peito e sussurrou

— E eu não tenho outro telefone, certo?

— Tudo bem. — Eu dei-lhe um olhar. — Sem segundo telefone.

Matthias voltou a falar com Ayden.

— Sim, eu a encontrei.

Bati meu pé.

— Sério?

Ele revirou os olhos.

— Ela está na biblioteca. Não, ela não te abandonou. Luna precisava da ajuda dela. Tudo bem. Vá para a aula. Vou me certificar de que ela vá para a Educação Física — Ele terminou a chamada e voltou sua atenção para mim. — Eu preciso saber o que você está fazendo aqui?

— Não. — Eu passei por ele. — Mas você pode querer verificar um certo buraco no segundo andar. Acho que algo de Flint ainda está ligado.

— Ótimo. O que você fez agora?

— Não fui eu.

— Nunca é.

Eu comecei a sair da biblioteca em direção ao ginásio com Matthias atrás de mim.

— Eu sei chegar lá sozinha.



Ele não respondeu, não olhou para mim, só fez um desdenhoso gesto de — continue andando.

Se ele não fosse embora, eu não poderia dar a voltar e descobrir o que estava acontecendo com a espiral. Normalmente, não era difícil conseguir distância do Australiano. Tinha que haver algo que eu poderia... Joguei meu cabelo para trás e sorri por cima do meu ombro.

— Não consegue ficar longe de mim, hein? Primeiro, o sequestro, depois me seguindo até a biblioteca e agora o ginásio.

— Eu não quis... fazer nada disso.

— Claro, Matthias. Entendi. Você me adora.

Ele bufou.

— Você é definitivamente louca.

— Mas você continua me seguindo, o que só prova o quão profundamente você me ama e —

As luzes se apagaram. Pessoas gritavam e corriam ao redor na escuridão total do corredor sem janelas. As paredes e pisos estremeceram e gemeram, como se o edifício fosse um gigante de pedra acordando de um sono profundo.

Algo me empurrou contra a parede.

— Me solta! — Bati meus punhos, lutando pela liberdade, mas o monstro era feito de força bruta e músculos, além de ser rígido como uma rocha.

E não estava me soltando.



CAPÍTULO VINTE E UM

— Cale a boca! — Matthias sussurrou no meu ouvido. — Fique quietinha.

Oh. O Australiano tinha me prendido. Seu peito subia e descia rapidamente, os músculos flexionando fortemente. No começo, ele tinha sido empurrado pela multidão correndo e ao mesmo tempo estava me protegendo da briga, mas depois ele usou seu poder de enxergar no escuro para empurrar as pessoas antes mesmo de elas chegarem perto.

— Você fez isso? — Eu tentei coçar meu nariz.

— Não — ele retrucou. — Eu disse para ficar parada.

— Então pare de mexer a cabeça. Seu cabelo está fazendo cócegas no meu nariz. Está ficando muito longo.

— Bem, me desculpe, mas estou procurando alguma ameaça para tentar salvar sua pele sem valor.

— Se é tão sem valor, por que você está tentando me salvar?

— Porque eu sou um idiota.

— Finalmente estamos de acordo. — Cheirei. — Você está usando perfume? — Era gostoso, mas eu não lhe diria isso.

— Quieta!

A escola ficou imóvel. As luzes se acenderam. A multidão enlouquecida congelou, olhou em volta com antecipação, e quando as luzes permaneceram acesas, eles relaxaram. Alguém começou a piar, outros aplaudiram. Matthias me manteve coberta, seu cabelo ainda balançando no meu rosto. Eu já estava quase espirrando.

Três meninas da minha aula de educação física estavam perto, e uma delas, Katie, nossa astro do basquete local, que era bem maior do que eu, bateu levemente no ombro de Matthias.

— Caramba, vocês dois. Vão para um quarto.



Matthias olhou como se ele tivesse acabado de beber esgoto. Ele rapidamente se distanciou da parede – e de mim — mas continuou a analisar o local inteiro.

— O que foi aquilo? — Perguntei.

— Não sei, mas não gostei. Vou pegar Blake ou Jayden para verificar. — Ele agarrou meu bíceps e me deu um empurrão forte. — Logo depois de eu te levar.

Caminhamos por um tempo, então eu disse sobre o meu ombro.

— Por que você não vai cuidar disso agora? Pode ser sério. Eu consigo chegar até o ginásio.

— Continue andando.

Ele pressionou os dedos em minhas costas e me empurrou para a frente.

— Ai! — Peguei minha panturrilha, pulei alguns passos para o lado, e me apoiei na parede. — Droga! Devo ter dado mal jeito quando caí na biblioteca. — Eu massageei minha perna. — Mas, ei, não me deixe atrasar você. Vá atrás dos meninos e cuide das coisas. Eu vou, uh, descansar um minuto e, em seguida, ir até o ginásio. A menos que — eu estendi a mão e agarrei seu pulso, com um olhar patético e suplicante — você queira me carregar até lá?

Ele olhou para a minha mão em seu braço, depois de volta para mim, seus olhos cinzentos frios e duros.

— Acho que não. — Ele sacudiu meu aperto. — Você consegue.

— Sim, claro. Vá lá salvar... coisas.

Eu esperei até que ele virou as costas antes de sorrir. Essa foi fácil. Minha falsa atuação de donzela angustiada enganou ele. Brilhante. Agora eu só precisava dar a volta e —

Matthias se virou e me pegou em seus braços tão rápido que meus pulmões expulsaram todo o ar.

Ele pegou o olhar no meu rosto e sorriu.

— Não desta vez.

Eu o olhei.

— Você se acha tão esperto.



— Mais esperto do que você. — Ele seguiu pelo corredor.

Eu me contorci.

— Me coloque no chão.

Seu aperto se tornou aço.

— Ah, não. Você queria jogar este jogo. Vamos jogar. — Ele pegou o ritmo e empurrou através da multidão falando muito alto. — Desculpe! Cuidado! Estamos passando.

Recebemos um monte de olhares e vários assobios enquanto ele me carregava pelos corredores.

— Eu odeio você — eu murmurei sob a minha respiração.

Isso o fez sorrir.

— Eu disse que ia te levar até a educação física e agora — ele empurrou a porta de vaivém para o vestiário das meninas e literalmente me jogou — você está na aula. Faça o que quiser daqui, não é mais problema meu.

Quando minha bunda bateu no linóleo frio, eu arranquei meu sapato e joguei em cima dele, mas acabou só batendo na porta que já tinha se fechado atrás do Australiano irritante.

— Idiota – Me levantei e encontrei as três meninas que haviam nos visto no corredor olhando fixamente de modo sonhador para onde Matthias estava.

— Ele é tão legal — disse Mika, uma pequena morena que parecia incrivelmente tímida, mas trabalhava diligentemente como editora, jornalista e fotógrafa para o jornal da escola e a Central da Fofoca. As outras duas meninas assentiram.

— Pode ficar. — eu murmurei.

— É o que desejamos — suspirou Katie. Ela pegou meu sapato, o ofereceu para mim, e me deu uma mão para levantar, sorrindo com facilidade. — Mas quando Mika pediu uma entrevista sobre como ele salvou sua irmã em Los Angeles, ele foi muito frio. Ela conseguiu algumas fotos antes dele ir embora. Ela até as deixa penduradas na parede de seu quarto. — Ela se virou para Mika. — Aurora pode não gostar disso.

Mika corou.



— Não se preocupe comigo. — Caramba, todo mundo nesta cidade tem uma parede de stalker?

A terceira garota, Natasha, era a capitã das líderes de torcida e também capitã do time de debate, fundadora e capitã do time de arco e flecha, presidente do clube de xadrez e representante de sala. Tantas conquistas alcançadas me fizeram pensar que ela devia ser algum ser sobrenatural.

Ou eu que estava com inveja.

Por trás de seus óculos de armação preta e grossa, e que de alguma forma, conseguia ser legal em vez de nerd, ela estreitou os olhos grandes escuros de indiana para mim.

— Eu pensei que você estava namorando Ayden.

— Eu também — Embora a esta altura, pode não ser tão exclusivamente quanto eu pensava.

As meninas me rodearam.

Natasha empurrou seus óculos não tão nerds para cima de seu nariz.

— Porque ele negou meu pedido de dança no Baile da Primavera. Disse que elas eram todas para você.

— Foi o que ele me disse também — disse Mika.

Katie revirou os olhos.

— É o que ele disse para todo mundo.

Eu me encontrei sorrindo.

— Oh, bem, isso é bom.

— Então, se você está namorando com ele, o que está acontecendo com Matthias? — Perguntou Natasha.

Mika balbuciou

— E os outros Meninos Malditos?

Então só porque ela podia – estúpida garota mais alta do que eu — Katie me deu um tapinha brincalhão na cabeça.

— Isso. Quando você vai começar a compartilhar? Desista de pelo menos um deles.

— Confie em mim — eu ri. — Não é desse jeito.



O rabo de cavalo loiro de Katie balançou quando ela inclinou a cabeça.

— Isso é o que você sempre diz, mas você nunca diz o que realmente é.

Natasha tirou os óculos e começou a mordiscar o fim de uma das hastes.

— Vamos, Aurora. Nos dê alguma coisa.

Mika sorriu maliciosamente.

— Ou alguém.

Houve um alvoroço coletivo. Eu cruzei os braços e sorri. Normalmente, eu desconsiderava todas as perguntas que recebia sobre os Meninos Malditos, mas hoje um pensamento agradável escorregou na minha cabeça.

— Ok. Na verdade, — Eu olhei por cima do meu ombro e baixei a minha voz – tem algo que vocês talvez possam ficar interessadas.

As meninas ansiosamente se reuniram em torno de mim e minutos mais tarde, quando eu terminava de contar para minhas novas BFF's a grande fofoca, a porta do ginásio abriu e uma menina enfiou a cabeça para dentro, seu rosto estava vermelho e os olhos brilhantes.

— Oh, meu Deus! — Ela gritou. — Vocês têm que ver o nosso professor substituto. Ele é tão gostoso! — E em seguida, ela desapareceu.

O resto das garotas no vestiário correram para a porta e espiaram para fora.

— Ela está certa! — Confirmou Katie.

— Senhoritas, por favor, se juntem a nós – Uma voz profunda veio de dentro do ginásio.

As meninas se empurraram e lutaram entre si para ver quem sairia primeiro.

Eu corri também, mas parei quando olhei para fora da porta.

— Oh não.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Segurando uma prancheta e vestindo um agasalho azul, boné de beisebol, tênis de cano alto, um lápis atrás da orelha e um apito laranja pendurado em uma corda em volta do pescoço, Rose conduzia os alunos em direção a porta que dava para os campos ao ar livre. Ele me deu um breve olhar e piscou antes de voltar sua atenção para a classe.

— Sim, eu estarei lá em breve, mas agora todo mundo, especialmente vocês senhoritas encantadoras, certifiquem-se de que o jovem Logan inicie aquela aula de dança. Ouvi dizer que ele é parecido com Fred Astaire.

— Quem é esse? — Alguém perguntou.

— Oh — Rose deu um suspiro cansado.

Após o ginásio esvaziar, Rose saiu apressado. Eu considerei correr, mas tive um pensamento assustador. Eu o encontrei no meio do caminho e bati no seu ombro com o meu punho.

— O que você fez com o treinador Slader? É bom que ele esteja bem ou eu—

O Treinador Slader explodiu de dentro do vestiário masculino vestindo roupas casuais e bateu nas costas de Rose enquanto ele andava. — Obrigado novamente! Que sorte você estar aqui visitando justo quando eles insistiram que eu levasse meu carro ou desistisse do pedido. Idiotas.

— Treinador — eu disse — você está bem?

— É que a estúpida empresa de seguro está exigindo outro investigador para que possam ver por si mesmos. Eles nunca acreditam em mim. Como eu poderia saber como alguns arruaceiros cobriram meu carro com lava? — Ele recuou para fora da porta. — Eu estava dentro do restaurante desfrutando de um prato de espaguete!

— Oh — eu suspirei — Eu sinto muito

O treinador desapareceu sem me escutar, mas Rose ergueu a sobrancelha.



— Alguma coisa que você queira me dizer?

— Não enche.

— Interessante — Rose tirou a caneta detrás da orelha e rabiscou alguma coisa na prancheta. — Agora talvez você queira fazer outra rachadura na biblioteca?

— Como você sabe sobre isso?

— Você deveria se apressar. Eu não sei quanto tempo eu posso manter o jovem Logan ocupado.

— Se eu for, você promete que ninguém vai se ferir?

— Não pelas minhas mãos hoje — Ele se curvou profundamente e sua expressão ficou séria. — Eu juro solenemente. E no meu mundo, isso significa muito.

Eu estava saindo quando ele disse — Entretanto....

— O que agora?

— Com tudo isso, — ele apontou graciosamente da sua cabeça aos pés, — Eu não posso prometer que corações não serão quebrados.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Eu teci através da biblioteca e o quarto dos fundos, tirando o mapa de Rose da minha mochila, estudando-o como se pudesse encontrar algumas respostas. Não aconteceu. Eu quase cheguei na seção do Flint quando as garotas que estavam trabalhando no balcão disseram — Oi Ayden!

Ah, fala sério! Eu derrapei para direita e me agachei, espiando através das prateleiras. Ayden passou pela recepção. — Damas. Vocês parecem radiantes hoje.

Elas riram como bebês. Tão fáceis.

— Ayden, você pode nos ajudar a colocar alguns livros nas prateleiras mais altas?

— Não posso. Desculpe — Ele encarou-as, mas andou para trás de braços abertos. — Eu estou em uma missão. Talvez vocês possam ajudar. Por acaso vocês viram uma ruiva impressionante? Alta, longilínea. Eu a chamo de minha deusa de namorada.

Mais risadinhas. De mim. Controle-se, Aurora.

— Ela acabou de ir por ali — uma das traidoras disse a ele. — Matthias está com você?

— Não é meu dia de cuidar dele. Vejam com Blake.

Elas riram. — Iremos.

Enfiei o mapa no meu bolso traseiro e corri de volta ao longo da parede do fundo de um corredor remoto em alta velocidade. Mas não rápido o suficiente. Eu senti a presença de Ayden atrás de mim.

— Ai está minha...

— Deusa — eu bufei e continuei andando. — Sim, sim, eu ouvi

— Para onde você está correndo? Mas obrigado — eu ouvi o sorriso em sua voz. — A vista é agradável.



— Oh, pare — Joguei a mochila para trás. — Ahhh, isso é apenas cruel.

Eu me virei e fui para trás. — Você poderia, por favor…

— Frontal completo. — Seu sorriso se alargou. — Isso funciona também.

— Não! — Oh, esqueça. — Peguei um livro da prateleira e olhei para as páginas para esconder meu sorriso.

— Você sabe que gosta. — Ele caminhou pelo corredor, um sorriso malicioso no rosto. — A perseguição. Segurar o fôlego por antecipação enquanto você espera que eu vá atrás de você. É a única explicação do porquê você saiu da aula de Educação Física e correu para a parte mais isolada da biblioteca sem o seu namorado super sexy.

— Você precisa deixar essa passar. — Mas eu ri.

Enquanto ele se aproximava, o cheiro de sândalo e couro veio com ele, o aroma se esgueirando em meu subconsciente e agindo como uma droga para aliviar a minha tensão e afugentar a dúvida.

Ele estava perto. Eu senti seu olhar sobre mim. Eu tentei controlar minha respiração, mas meu coração fora de controle não estava ajudando. Olhei para as páginas do livro, as palavras turvas e instáveis. Como as minhas emoções.

Sua mão acariciou minha bochecha. — Imagine as coisas que poderíamos fazer.

Fechei os olhos enquanto alguns pensamentos me vieram à mente. Mais do que alguns. Entre a minha imaginação lasciva e seu toque suave, o calor não demorou a infiltrar minhas bochechas.

De repente, sua boca estava escovando minha bochecha, arrastando beijos sobre a minha pele. Em seguida, seus lábios fizeram cócegas no meu pescoço enquanto ele falava junto ao meu ouvido, sua voz baixa e gentil, uma carícia suave.

— E que prazer seria para nós fazer mais do que apenas imaginar. — Ele acariciou minha nuca. — Mas gerar esse tipo de calor precisa de energia e para criar a energia você precisa de sustento. — Seus dentes



beliscaram baixinho, e eu tremi. — Então eu pensei que seria prudente oferecer um de seus favoritos.

Ele se afastou e jogou algo para mim. Depois de alguns malabarismos desajeitados, eu segurei a pera verde e amarelada em minhas mãos.

— Para mim uma maçã. — Ayden levantou uma fruta vermelha brilhante, seu sorriso perverso. — Porque eu amo uma boa tentação. — Ele deu uma mordida generosa e mastigou lentamente, encostando na estante. E parecendo ser bastante comestível do meu ponto de vista. Estremeci minha respiração de volta ao normal e fiz o meu melhor para ignorar o frio que eu senti desde que ele se afastou. A pera era suculenta e doce, embora eu tivesse certeza que nem de longe era tão gostosa como o Menino Maldito me encarando.

— Então — ele disse com um olhar conhecedor demais — Confesse.

Estudei a minha fruta com grande atenção. — Sobre o quê?

— Oh, vamos lá. — O tom de Ayden tinha uma borda de frustração enquanto ele descansava ambas as mãos contra as prateleiras ao lado dos meus ombros, ficando muito perto de mim para manter meu juízo. — Chega de segredos. Desista de qualquer missão obscura e secreta que você anda fazendo.

— Não sei do que você está falando.

Uma mão caiu no meu ombro, deslizou pelo meu braço, e caiu sorrateiramente na curva da minha cintura. Ele me puxou para perto. Senti seu corpo, duro e inflexível. Mais uma vez, meu coração tentou escapar do meu peito.

— Talvez — disse ele, a respiração quente na minha bochecha, — eu pudesse encontrar alguma maneira de derrubar suas defesas. Alguma maneira de fazer você divulgar os segredos destes lábios muito... gostosos. — Seu dedo indicador traçou lentamente o contorno da minha boca.

O toque fez meu corpo arrepiar. Minha mão convulsionou em torno da pera apertando tanto que o suco escorreu entre os dedos. — Ah, eu não tenho... nenhum....

Sua voz se aprofundou. — Ou talvez eu descubra que a sua operação secreta tem algo....



Os nós dos dedos deslizaram do meu queixo enquanto ele se inclinava. Em seguida, seus lábios quentes tocaram suavemente nos meus. Uma vez. Duas vezes. Oh, o delicioso sabor dele. Sua respiração ainda doce do fruto proibido.

Arrepios subiram na minha coluna, fazendo cócegas na minha nuca. Enquanto eu esperava pelo charme de um terceiro beijo, a mão na minha cintura deslizou para baixo, por cima do meu quadril. Em seguida, ele mergulhou mais baixo, deslizando através da curva das minhas costas... e mais ainda. Prendi a respiração, imaginando o quão longe ele estava planejando ir com esta... exploração. Até onde eu deixaria. Porque até agora, foi tudo para ação e se...

— Algo a ver... com isso. — Ayden arrebatou o mapa do meu bolso traseiro e se afastou de repente.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— Não! — Eu corri, agarrando-o, mas ele se moveu para fora do meu alcance.

Ele abriu o mapa e segurou-o alto. Eu pulei vigorosamente, tentando pegá-lo, mas ele apenas o manteve fora do meu alcance. Ele passou um braço em volta de mim, o punho de ferro segurando nossos corpos juntos como um.

Ele disse com diversão. — Assim é melhor.

Na verdade, não.

Porque enquanto ele estudava o papel, sua expressão quebrou de diversão para...seriamente *menos do que* divertido. Até o momento em que ele baixou o olhar para mim, um que poderia se dizer totalmente hostil.

Ele falou lentamente, claramente tentando controlar suas emoções. — *Onde* você conseguiu isso?

Melhor do que "Oh meu deus, você é a Divinicus", mas não muito.

— Devolva.

Ayden agarrou meus braços e me prendeu contra a parede, o papel crepitando enquanto esmagava o mapa em sua mão. Seu olhar me prendeu tanto quanto qualquer vício. O calor estava aumentando, redemoinhos de ar quente agitando meu cabelo, aumentando aquela essência de sândalo que emanava de sua pele.

— Onde? — Os músculos de sua mandíbula se apertaram em nós. Sua voz endureceu. — Foi Rose, não foi? — Seus olhos procuraram meu rosto.

Eu limpei a garganta. — Sim, mas...

Ele se afastou.

— Você me deu bolo para cumprir as ordens dele? — Ambas as mãos varriam através de seu cabelo. — Poderia ser uma *armadilha*. Poderia ser perigoso. Como você pode confiar em algum estranho mais...mais do que eu?



— Não é assim.

— É exatamente assim — Seus olhos brilharam. — Como você pode?

— Foi o sequestro — Logan saiu do canto da sala. — Ela ainda está assustada. Não confia em nós.

Eu balancei minha cabeça. — Isso não é verdade —... exatamente. Cara, eu queria poder sapatear. — É só que vocês têm suas prioridades e –

— Sim! — Ayden virou-se para mim. — E *minha* prioridade *é você!* — Ele pausou. Desviando o olhar e agarrando a parte de trás do pescoço. — Eu quero dizer, você é — seu braço fez um gesto selvagem em direção a Logan — *nossa* prioridade. Manter você segura e...

— Não se preocupe — Logan pegou o livro que eu tinha derrubado e o recolocou na prateleira. — Nissa estava observando.

— Nissa? — Eu disse.

— Minha guardiã — Logan me ofereceu seu lenço de bolso para que eu pudesse limpar a metade de pera esmagada. — A que parece um vagalume.

Enquanto eu limpava meus dedos, eu lembrei do flash de luz, e me perguntei quanto ela tinha visto.

Ayden fez uma careta. — Nós concordamos em manter nossas guardiãs longe de Aurora.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Elas estão sob juramento de nos proteger — Ayden disse relutantemente. — E se elas considerarem você uma ameaça, elas poderiam ignorar nossos comandos e entregar você para o Mandatum.

Ótimo. Como se eu não tivesse ameaças o bastante sobre minha cabeça.

— Relaxe — Logan disse enquanto ele pegava outro lenço dentro de seu casaco e o arrumava ordenadamente no bolso de seu casaco esporte. — Ela somente informou o paradeiro de Aurora, então eu a afastei. Quando o professor substituto desapareceu e eu não consegui encontrar Aurora, eu vim aqui.



Estremeci em antecipação da próxima revelação. — O substituto... era Rose.

Ayden me deu um olhar mortal. — Então agora você está trabalhando com ele?

— Não! — Isto era uma bagunça.

— Ela estava com isso — Ayden entregou o mapa para Logan.

Ele assentiu, e ambos praticamente correram para o fundo da biblioteca. Para a sessão de Flint, onde eles começaram a verificar a parede dos livros.

No final errado.

— Ah, dane-se — eu murmurei. Não era como se eles não fossem encontrar alguma hora. Eu subi nas prateleiras e empurrei os livros para o lado, revelando a gravura. Eles estavam muito ocupados para notar. — É por aqui.

Logan virou.

Ayden continuou procurando através dos livros. — O que é isso?

— O desenho — Eu olhei atentamente para as espirais. Quando meus dedos se aproximaram, elas definitivamente mudaram. Tipo um pulsar mais escuro e amplo para *fora* da parede. Eu ondulei minha mão sobre ele. Senti o calor de novo, e um puxão, como um imã. — Isso realmente parece estranho.

— Aurora, não — Logan deu um passo em minha direção, uma mão para cima.

Nós todos ouvimos um click. Minhas palmas formigaram.

Uma explosão de calor explodiu da parede. Como uma múmia zumbi saindo da tumba, uma mão de metal explodiu através da pedra.

Eu gritei, cambaleando para trás, e perdendo o equilíbrio. Mas eu não caí porque os dedos finos da mão do esqueleto robótico agarraram meu pulso e forçaram minha palma para baixo sobre as espirais. Meus ombros quase saindo para fora do encaixe enquanto eu pendia acima do solo.

Repentinamente não havia parede. Nada feito de pedra, de qualquer maneira, apenas uma teia de metal serpenteando que *ritmava* e deslizava e abria um buraco negro no centro. Meu coração apertou. Minha mão livre



arranhou os dedos do monstro ao redor de meu braço, mas o metal continuou me apertando.

— Aurora! — Ayden soou longe.

Eu virei minha cabeça. Vento soprou. O rugido encheu meus ouvidos. Ayden voou de costas. Livros caíram em cima dele até que ele estava completamente enterrado.

Eu tentei ir até ele, mas como as pernas de alguma aranha robô alienígena, cabos brilhantes de metal estouraram do buraco negro na parede e me agarraram. O vento aumentou, uivando e rodando e espiralando em um tornado furioso. Meu cabelo chicoteava meu rosto. Os tentáculos de metal apertaram suas ligações, me catapultando dentro das profundezas da escuridão.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

Uma parada abrupta. Eu estava de pé no chão. Mas entre minha cabeça girando e estar cercada por um campo preto – não importava o quão forte eu piscasse para me concentrar - eu desisti da luta pelo balanço e deixei meus joelhos dobrarem.

As palmas das minhas mãos achataram-se no chão frio de terra. O som alto de algo clicando foi seguido pela luz. Algumas lâmpadas antigas de aparência vitoriana deslizaram ao longo das paredes e vieram a vida, uma por uma, vibrando com um barulho baixo, uma silenciosa luz âmbar iluminando algumas jardas abaixo de cada lado do túnel. As paredes eram de tijolo aparente com pedras de formas variadas de cinza e marrom. Mais para baixo, uma passagem fria e mofada fazia uma curva até além da vista.

Ótimo, eu estava presa nos túneis de Flint com os fantasmas loucos revivendo seus tormentos. E gritos de terror. Como eu esqueci disso?

Estúpida Luna.

Pelo menos meu braço ainda estava preso ao meu corpo.

Eu fiquei em pé, deslizando em pequenas rochas. Talvez tenha se quebrado quando eu passei, mas não havia mais buraco. Eu pressionei meus ouvidos na parede e bati minha mão sobre ela, gritando — Ayden!

Alguma coisa agarrou meus ombros. Eu gritei e lancei um cotovelo.

Logan se abaixou para fora do caminho. — Calma. Apenas eu.

— Eita! — eu caí. Tentando engolir meu coração que foi parar na garganta. — Onde está Ayden?

— Ainda na biblioteca — Logan lambeu os lábios. — Eu acho.

— Como você chegou aqui?

— Junto com o vento antes da porta fechar.

— O quê? — Eu lembrei do vento, mas não da porta. Eu esfreguei minha testa. As coisas ainda estavam confusas.

Logan estudou a parede de pedra de onde nós tínhamos acabado de passar. Outra espiral dupla estava esculpida na pedra.



Ele apontou e disse. — Toque isso de novo.

Eu vacilei para trás. — Não obrigada. Uma vez já foi uma ideia ruim o bastante.

— Vamos, Aurora — A voz de Logan passou a mão sobre ele. Nada aconteceu. — Eu acho que é nosso caminho de volta.

— AVISO — Uma voz de mulher veio do nada. — MANDATUM INFILTRADO. AVANCE PARA O SANTUÁRIO.

Eu girei em um círculo rápido, mas não vi ninguém. Logan tinha seu arco pronto, uma flecha de ar comprimida pronta para voar. Seus olhos brilhavam brancos na escura luz amarela.

— O que é isso? — Eu sussurrei. — Eu ouvi a mesma voz de quando eu estava presa na alcova.

— Não sei — Sua voz estava baixa e apertada. — Matthias disse não ter encontrado nada naquela alcova. Veremos isso mais tarde. Agora, já que você não está machucada — ele indicou minha mão — toque isso e tente nos tirar daqui.

Eu soprei entre meus dentes e movi uma mão hesitante sobre a espiral, pronta para fugir, mas...nada. Eu mexi meus dedos, movendo-os mais perto. Sem resposta. Eu coloquei minha palma sobre a gravura. Esbofeteei. Então empurrei. Uma sensação de respiração fria arrepiou em cima do meu braço.

— AVISO — a voz repetiu. — MANDATUM INFILTRADO. AVANCE PARA O SANTUÁRIO.

Uma das lâmpadas soprou fumaça. Um pedaço do tamanho de uma bola de beisebol de metal cinza estalou, pairando sob a luz. Fileiras de pontos clicavam dentro da superfície das bolas, cada um botando para fora uma chama.

Então, porque já não era letal o bastante, a superfície das esferas começou a girar como uma minisserra, e em seguida a coisa voou diretamente para nós.

A flecha de Logan *acertou* bem no alvo e destruiu a esfera em uma explosão de chamas. Brasas cascatearam para o chão. Bom tiro, exceto

que uma dúzia de bolas de fogo de metal estavam aparecendo em cima das lâmpadas ao logo do corredor e vindo em nossa direção.

— Depressa, Aurora! — Ele continuava atirando e explodindo mais bolas de fogo pontiagudas. — Antes que as coisas piorem!

— Não está funcionando! — Eu tentei esfregar. Forte. A pedra áspera, com muitas bordas afiadas, estava raspando e cortando minha mão em carne viva. Eu estava sangrando, mas eu ainda continuei esfregando...

Calor borbulhou embaixo da minha mão. Eu me afastei, engolindo em seco.

Logan gritou alguma coisa, mas eu não podia ouvi-lo. Eu estava muito ocupada encarando.

Com horror.

Meu sangue tinha se infiltrado na gravura, e estava fluindo em algum tipo de forma de antigravidade bizarra, de um lado ao outro das extremidades da espiral, um brilhante rio vermelho furioso. Oh, e aquele sangue?

Estava fervendo.

Um vapor crescente borbulhava completamente fervente.

— ATENÇÃO — a voz feminina incorpórea entoou. — CONTRATO DE SANGUE ATIVADO.

As costas de Logan bateram nas minhas com uma batida acentuada. — O que aconteceu?

— As coisas acabaram de piorar.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

O chão retumbou embaixo de nossos pés.

— O que você fez? — Logan gritou.

— Eu não sei! — Eu me escondi atrás de Logan enquanto as faíscas voavam.

As bolas pontudas aumentaram em número e rapidez. Logan continuou atirando. Faíscas, chamas, brasas voadoras. O corredor acendeu como os fogos no céu do 4 de Julho. O cheiro cáustico queimou minhas narinas e quando atingiu minha garganta, me causou um ataque de tosse. Eu cobri minha garganta.

A concentração de Logan era absoluta, sem errar um tiro.

— Se continuar assim, o lugar todo pode explodir — ele disse.

Ao contrário da crença popular, eu não gosto de uma boa explosão.

Eu peguei o maior número de pedras que cobriam o chão e as joguei nas bolas de metal flamejantes.

— O que você está fazendo? — disse Logan.

— Tentando com tecnologia obsoleta.

Enquanto as rochas não explodiam as bolas de fogo de metal como os truques legais de Logan, meus estelares arremessos Lahey fizeram várias cair no chão onde elas rolavam e paravam, apagando as chamas.

— Bom trabalho — Logan disse.

— Obrigada, mas estou ficando sem rochas e não consigo fazer a parede abrir! O que faremos?

— Estou pensando — Os olhos de Logan sacudiam constantemente. — Okay. Corra para o lado oposto do túnel e abaixe-se. No três, eu vou explodir a parede.

— Mas...

— Um.



Eu precipitei-me através do túnel e me joguei na parede. — Talvez nós devêssemos repensar...

— Dois.

Acho que não. Curvei-me em posição fetal enquanto Logan girava para que ficasse de costas para mim.

— Três!

Ele puxou a corda do arco. Não só uma, mas seis flechas apareceram alinhadas no arco. Ele soltou e todas voaram de uma vez direto para a parede. Assim que ele as lançou, o arco de Logan desapareceu em uma nuvem de fumaça. Ele empurrou o braço para cima e mergulhou em minha direção. A força de um vendaval soprou em linha reta acima, agindo como um escudo enquanto ele derrubava seu corpo sobre mim.

As flechas bateram com um grande ruído de trovão e vibração em massa. Mas ao invés de explodir a parede, elas ricochetearam para trás com ainda mais força.

Logan tinha antecipado um sopro da explosão, e agiu com um escudo de força de ar nos protegendo. No entanto, ele não chegou a explodir a parede, refletindo um ataque de força total contra nós. O efeito bumerangue foi tão forte que nós literalmente rolamos para cima na parede do túnel, até que atingimos o teto, e então caímos de volta.

Eu caí em cima de Logan, que tinha se enrolado ao meu redor. Claro que ele perdeu a cobertura por mais do que uns poucos centímetros, mas era a intenção que contava, e seu corpo tinha amortecido o meu passeio de montanha russa na parede e todas a consequências. As mãos sobre os ouvidos tinham me impedido de ficar surda. Esperançosamente. Eu levantei. Poeira engrossava o ar. Detritos *tilintavam* e caiam.

Logan não estava se movendo. Olhos fechados. Rosto sujo de terra.

E sangue.

— Logan? — Eu bati longe da sucata de metal sem chamas das bolas pontiagudas cintilantes no meio dos escombros ao nosso redor e o balancei, tossindo a poeira e a sujeira revestindo minha garganta. — Logan!



Eu repeli meu pânico, então medi seu pulso, e respirei mais facilmente. Inconsciente, sim, mas respirando normalmente, e seu ritmo cardíaco *batia* forte e constante. Eu me convenci que ele não estava mais pálido do que o habitual. Sério, como eu poderia saber?

Um baixo *zumbido* bagunçou meu cabelo. Pontos de fogo brilhavam das nuvens de poeira. Outra bola pontiaguda estava rasgando direto para nós. Rápida.

Eu me encontrei de frente a Logan, prendendo sua forma inclinada contra a parede atrás de nós. Eu levantei minhas palmas das mãos, esperando que meu poder enfim aparecesse, mas apenas no caso, agarrei uma pedra para atingir a esfera voando no ar. Chegando mais perto. Eu podia ver o fogo vermelho alaranjado brilhante das pontas, esperando para ficar mais perto, assim eu poderia atacar.

Eu golpeei. E perdi.

Porcaria!

Eu me preparei para o impacto de fogo retalhando minha pele.

Através do nevoeiro em meus tímpanos danificados, eu ouvi um sibilo estranho, mas eu não *parecia* estar em chamas. Ou sendo esfolada viva.

Eu abri meus olhos.

Três bolas pontudas pairavam logo fora do alcance dos braços. Elas estavam paradas a centímetros das minhas mãos ainda flamejantes. Eu abri outro olho. Eu podia ver os retalhos de rebites abaixo das pontas.

— AVISO. MANDATUM –

— Não há nenhum intruso! — Eu gritei para a garota sem rosto.

As bolas pontudas subiram para cima, como um cavalo pronto para pisotear. As chamas apagaram. As pontas *clicaram* de volta para dentro das bolas e todas elas, de alguma forma, cruzaram sobre si mesmas até que eram simples esferas lisas. Elas caíram do ar.

Eu peguei uma, é claro. Estúpida! Estúpida!

Me lancei através do túnel. Alguma coisa *retumbou* em meu peito.

— Ack! — Eu bati nos globos brilhantes no chão e as chutei longe. Elas se espalharam inofensivamente, em seguida, todas as três mudaram



de curso e rolaram de volta. Eu fiquei de pé, e me afastei. Elas me seguiram como se eu fosse algum tipo de mamãe pata.

— Lisonjeiro, mas eu já tenho uma comitiva — eu murmurei.

Eu cuspi areia da minha boca, ajoelhei e puxei o lenço de linho do bolso do terno de Logan para limpar o fio de sangue ao longo de sua têmpora. Apenas um arranhão acima de sua sobrancelha. Eu senti um galo em sua cabeça, mas nenhum outro dano visível.

Quando coloquei o lenço de volta em seu bolso, senti um caroço dentro do bolso de seu casaco. Eu puxei seu telefone celular, mas... sem serviço.

Chocante.

A voz da mulher zumbiu irritantemente calma. — VIOLAÇÃO NEUTRALIZADA. SENTINELA EM TRÂNSITO. CONTINUE ATÉ O SANTUÁRIO. ESPERE POR AJUDA.

A medida em que a poeira baixava eu vi as paredes do túnel intactas. A explosão de Logan não tinha feito nem um amassado na pedra. Não havia escapatória.

Um barulho. Um zumbido aumentando. Eu me preparei para outro ataque e cobri Logan. Mas tudo que seguiu foi uma série de *rangidos* enquanto as lâmpadas vitorianas acendiam no final do túnel abaixo, iluminando tanto quanto eu podia ver. Como se me chamando a seguir.

Então o sangue de minha mão, que esteve borbulhando na espiral, se arrastou por toda parede como alguma fina linha vermelha cheia de vermes, e desceu através do teto do túnel. Escorregou umas poucas jardas, então parou, cintilando e espiralando de lado a lado, mas não foi mais longe.

Opções? Bem, as flechas não funcionaram. Pelo menos as esferas pontudas tinham parado. Agora eu apenas sentava e esperava?

As luzes ao longo da parede piscaram.

— AVANCE ATÉ O SANTUÁRIO.

Obedecer a voz incorpórea não era minha primeira escolha, mas o santuário soava bom. Assim eu teria assistência. Especialmente para Logan.



Eu comecei a andar, transportando Logan em meus ombros e deslocando-o para uma posição pouco confortável. Espero que esse *santuário* não seja longe.

— AVANCE PARA –

— Sim, eu ouvi — eu respondi alto para sua voz irritante, em seguida, peguei uma rocha. — E é melhor você estar certa.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Apesar da pequena estrutura de Logan, meus ombros estavam em chamas. Apesar do frio, minhas roupas grudavam de suor. E apesar da minha garganta seca, eu não me arriscava a beber a água que escorria das paredes dos túneis enquanto eu mergulhava mais profundamente no túnel.

Do desespero.

Ok, eu estava sendo dramática, porém não havia nenhum sinal de santuário, e o ar continuava a ficar mais pesado, mais mofado e mais úmido. Às vezes, o túnel abria e uma série de sons se arrastavam ao longo do caminho antes de desaparecer na rocha.

Eu estava caminhando pelo que pareciam horas, seguindo o caminho da luz. E sangue. Uma vez que eu comecei a me mover, meu sangue no teto se manteve em um ritmo constante a minha frente. Um pouco assustador. Eu também não estava muito emocionada pelos meus fieis patinhos dourados ondulando atrás de mim. Eu vacilava cada vez que as bolhas pontudas *retiniam e apitavam* ao desativar. Eu ainda estava preocupada que elas iam atacar.

As luzes pareciam estar inclinando-se para mim em um tiro direto, sem virar ou curvar, mas era difícil dizer. Se elas apagassem e eu tivesse que virar e voltar, Logan e eu poderíamos estar perdidos para sempre. Eu tinha acabado de passar através de uma intersecção escura quando eu ouvi os gritos.

— Sem chance!

Eu parei. — Matthias?

Eu retrocedi meus passos. O cruzamento estava em uma câmara redonda com seis túneis descendo em direções diferentes. Quatro deles estavam escuros.

— Tentem de novo, seus loucos desgraçados!



Era o Australiano. Tanto quanto eu o odiava, eu estava contente por ouvir sua voz.

— Oh, não nenhum de vocês. Eu estou – uau! Cacete! Agora você pediu!

Som de surras. Um açoite de *chicotada*. Um guincho de raiva seguido de vidro quebrando. E sons de batalha.

Aquilo não era Matthias ganhando.

Eu não podia correr com Logan em meus ombros, mas eu tentei. Seguindo o túnel que ecoava os gritos do Australiano mais altos.

— Seu filho de uma – urgh!

Eu virei. Nada, Matthias estava definitivamente do outro lado dessa parede. Eu coloquei Logan no chão e levemente bati em seu rosto.

— Ei, acorde.

Nada.

Eu estapeei – ok, esbofeteei – mais forte. — Logan!

Os sons de combate estavam piorando. Os grunhidos de Matthias aumentavam. Assim como os palavrões proferidos. E minha ansiedade. Meu corpo começou a formigar. Eu estava cansada e assustada, e ele precisava *acordar!*

— *Logan!*

Eu agarrei seus ombros. O contato veio com um flash de luz de minhas mãos. Seu corpo saltou, olhos voaram abertos.

Eu pulei para trás, soltando-o. — O que eu fiz?!

Ele se jogou no chão, tossindo. Vivo. Eu respirei aliviada.

Logan empurrou seu cabelo para trás, borrando sangue no branco de seu rosto, e olhou em volta.

— O que aconteceu? — Ele tocou sua bochecha. — Ai.

— Matthias está com problemas.

Eu o ajudei a levantar e ele inclinou a cabeça para os sons de batalhas que ecoavam.

Logan colocou seu ouvido contra a parede, deslizando as mãos sobre a pedra, olhos vagando pelo espaço. — Eu nunca vi esses túneis antes. Eu não sei onde nós estamos.



Oh, ótimo. Porque eu esperava boas notícias? Nós estávamos perdidos para sempre.

O chão tremeu. Logan pulou para trás enquanto a parede da caverna desmoronava e ruía. Mantendo meus olhos para frente, ele gesticulou para eu recuar. O chão balançou mais forte. Mais e mais pedras caíam de cima.

Eu cobri minha cabeça com os braços. — O que aconteceu?

— Não tenho certeza.

Seu arco e flecha translúcido materializaram-se em suas mãos. Seus olhos espiralaram pálidos como fossem creme de leite. Ele apontou para a parede.

Nós ouvimos gritos abafados e a parede balançou como se uma bola de demolição colidisse do outro lado. Fissuras rachavam a pedra, em forma de teia.

Alguma coisa estava vindo.

— Saia! — Gritou Logan.

Eu queria cumprir, mas meus músculos se revoltaram. Eu estava cansada demais para correr.

Um pequeno tornado espiralava ao redor e o levitava do chão. Enquanto o tornado o carregava para trás em minha direção, mais quatro flechas apareceram em seu arco. Legal.

Outro golpe poderoso bateu, e a parede cedeu, se despedaçando como um painel de vidro, quando um demônio demente com olhar amarelo com alucinantes chamas de sol explodiu no meio.

De repente, eu não estava muito cansada para correr. Mas a explosão me jogou no ar. Eu pousei de bruços, pulmões colapsaram e eu rolei para os lados, parando atrás da pilha de rochas caídas, lutando para sugar um precioso ar.

Pulverizando pedras juntamente com pedaços da afiada chuva de metal torcido, *batendo* contra a rocha ao meu redor.

Eu fiquei abaixada enquanto a criatura com a cabeça do tamanho de uma minivan e corpo de uma centopeia gigante movimentava-se em direção a Logan. O valente Garoto Maldito permanecia levitando, com o



arco posicionado e mantendo sua posição, deixando o demônio se aproximar... mais e mais ...esperando para disparar as flechas porque...

O que diabos eu sabia? Era estupidez!

— Logan, atire!

Ele atirou. Cinco flechas voaram. Mas três acertaram inofensivamente o lado do demônio, e as duas que queimaram em sua carne não pareceram pará-lo de forma alguma.

Logan recarregou e...

— Não! — veio um comando gutural.

Quatro cordas pretas dispararam através da abertura, viraram o corpo do demônio e pararam em seu curso.

Matthias deu um passo através da parede quebrada.

Carrancudo, esfolado, arranhado, sangrando, com o cabelo escuro coberto de sujeira e suor pegajoso, camiseta rasgada e olhos cheios de um negro impenetrável, o Australiano tencionou as extremidades das cordas negras. Ou como eu as chamava, seus chicotes de sombras.

— Deem o fora! Esse desagradável demônio é meu! — O demônio cambaleou e quase empurrou Matthias. Ele grunhiu em um sorriso enlouquecido para Logan. — Pensando bem, companheiro, talvez você pudesse me ajudar a mandá-lo de volta para o portal.

Logan caiu sobre seus pés e disse. — Fique para trás.

A maravilha de cabelo branco estudou o demônio, rolou seus ombros, e subiu seu arco e flecha, deixando-os prontos. No último segundo, ele mudou seu objetivo para esquerda.

As flechas despareceram na parede e ricochetearam de volta em direção ao demônio. Ao invés de perfurar a carne, as flechas circularam ao redor do demônio em rotação em espiral abaixo do corpo. Criando um turbilhão, encapsulando o demônio e levantando-o do chão, enrolando-o como um bebê no olho do tornado de Logan.

A flecha fez uma passagem final para espiralar mais uma vez ao redor de Matthias, despenteando seu cabelo suado, antes de evaporar em nuvens de fumaça perolada.



— Essa é nova — Matthias comentou, grunhindo um puxão dos chicotes de sombras e arrastando o bicho centopeia com relativa facilidade ao longo de uma lufada de ar. — Algo em que você vem trabalhando?

Logan corou. — Bem, sabe, apenas tentando, hum, mudar as coisas.

O arco desapareceu quando Logan seguiu Matthias, reajustando seu paletó.

— Eu gostei. — Matthias disse. — Então onde você e a idiota foram?

Eu saí do esconderijo e levantei um dos lados de meus lábios em um sorriso de escarnio. Ele zombou de volta. Tão maduro.

Logan balançou sua cabeça. — A coisa mais louca…

Ele levantou Matthias com velocidade enquanto eles carregavam o monstro, chutando e gritando, mas mantido firme pelo vento, de volta através do buraco e corredor abaixo. Eu comecei a seguir, mas as esferas douradas estavam quentes em meus calcanhares. Elas iriam atrás do Australiano? Não me chateava, mas eu as peguei e larguei em meu bolso. Eu corri para acompanhar os caras no que eu esperava ser uma distância segura, tentando ficar fora da linha de visão do demônio porque ele seriamente me assustava.

Eu odiava insetos.

Mesmo ele não tendo um metro de altura, ele tinha um corpo segmentado mais longo do que um ônibus, e parecia uma centopeia demoníaca coberta de mato. Por que os demônios não podiam ser bonitos uma vez para variar?

Ondulando de cada seção de seu corpo estavam dezenas de finas pernas amarelas pontudas, em camadas de pontas afiadas. O corpo estava coberto, em partes por escamas – mais como placas de blindagem – e do resto germinavam castanhas espessas alinhadas com as listas pretas irregulares.

Na cabeça, exceto pelos seus olhos amarelos brilhantes, era igual. Longa e cônica com um nariz pontudo e longos bigodes. As orelhas estendiam como peças enroladas de couro rosa, e ao lado delas se projetavam mais dois longos… chifres, eu acho que eles agiam mais como braços e terminavam em algo que pareciam com pinças sujas. Uma das



pinças estava atada por um chicote negro, mas o repetido *click, click* da outra era um som sinistro.

Quando seus olhos amarelos me rastrearam, um grunhido baixo retumbou em sua garganta. Eu senti uma séria necessidade de coçar. Em toda a parte. Eu fiz meu melhor para sair do alcance dos olhos redondos.

Nós nos arrastamos desajeitadamente por um tempo e eu eventualmente entrei na caverna maciça. Meu pescoço se esticava ao absorver tudo.

Sobre seus ombros, Logan sorriu para o meu olhar estranho. — Bem-vinda ao portal.



CAPÍTULO VINTE E OITO

Era um espaço do tamanho de um estádio de basquete. Talvez maior. O teto era em forma de domo, algo como dez metros de altura, dando a ilusão de parecer maior.

Estalactites penduradas acima pareciam dedos retorcidos de um gigante antigo. Elas pulsavam com luz que banhava a sala com um brilho estranho refletido na piscina de água azul clara logo abaixo. Líquido pingava de suas pontas e pequenas ondulações se espalhavam na piscina de vapor, levemente borbulhando na superfície. O espaço inteiro estava quente e úmido com um leve aroma de enxofre.

Matthias limpou o suor de sua testa. — A piscina começou a borbulhar e o lugar tem sido uma sauna desde que seu sangue de tampinha abriu caminho.

Ele fez um gesto através da caverna de metal maciço, uma enorme estrutura que alimentava do teto ao chão, cerca de seis metros em frente ao portal. Feito de tiras de metal entrelaçadas, tecidas juntas em várias cores de prata brilhante e aço maciço, bronze e cobre reluzente. Metade como uma ponte levadiça de um castelo medieval, metade como uma rede entomológica. Só que ao invés de borboletas, pegava monstros.

— Rasgando o caminho como se fosse a merda de um papel — Matthias apontou para um enorme buraco no centro. — Nunca vi isso antes. E difícil de matar. Continuou rompendo meus chicotes, me criando problemas. Mas deve ter alguma coisa a ver com Rose, então nós manteremos vivo por hora. Talvez nós possamos usar isso contra ele.

A estrutura de metal parecia poder segurar um tanque, mas o buraco dizia o contrário. Através dele, eu tinha uma visão ininterrupta da longa parede de pedra.



Pelo menos eu achava que era pedra. Atualmente, ela brilhava dentro e fora de foco, borrando periodicamente como se estivesse tentando se transformar em algo mais. Ou estivesse tentando se dissolver.

Quando Logan cortou o vento ao redor do demônio, a criatura caiu ao seu lado. Matthias imediatamente lançou-se para uma das seções do meio. Músculos salientes e esticados através dos quase restos de sua camisa esfarrapada, ele rapidamente tinha o demônio se contorcendo algemado com dezenas de cordas de sombras.

Matthias deu um sorriso amplo com aquelas covinhas em suas bochechas.

— Isso quase foi um desafio — ele disse para Logan, em seguida se virou para mim. As covinhas desapareceram.

— Pare de tocar as coisas que você não deveria.

Eu rolei meus olhos. — Cala a boca. Fui eu quem te encontrou, então você é que me deve.

De cima do demônio, o Australiano estalou um chicote aos meus pés. Eu pulei para trás com um grito e encarei ele.

— Pare!

Ele fez de novo.

— Wow! Você acertou meu dedo do pé!

— Eu estava mirando seu rosto — Suas covinhas estavam de volta. — Dessa vez, eu não errarei.

Enquanto Matthias erguia o outro braço para “bater” em mim – idiota – a besta gritou e lutou embaixo dele, forçando o Australiano a ficar de joelhos estilo surfista para montá-lo. O demônio lançava sua cabeça de um lado para o outro. Espessas teias de baba penduraram-se através da caverna e ficaram presas nas paredes como espaguetes cozidos.

Logan deu um passo na minha frente e em uma posição de tiro, começou a preparar lentamente seu arco com seis flechas. — Aurora, fique em terreno seguro.

Como se eu soubesse onde era isso nesse labirinto da Cidade da Loucura.



O rosnado baixo da criatura amplificou aos níveis de guinchos frenéticos, me assustando em estúpidos segundos. A rocha rachou e os seixos se desintegraram da parede. Em uma colossal explosão de poder e raiva, as pinças quebraram os chicotes de sombras ao meio e estalaram abertas.

Click. Click. Click.

Matthias puxou de volta os chicotes apertados ao redor das pernas, mas a fúria cega do demônio torcia e contraia, quase dobrando seu corpo ao meio e arremessando o Australiano para cima e através da sala. Ele saltou fora do alcance da estalactite com um *ruído* horrendo, fazendo uma pirueta através do ar e pousando com um baque *surdo*, levantando uma nuvem de poeira.

Ele não se moveu.

Os chicotes ao redor das pernas do monstro desenrolaram e o chão tremeu quando o diabinho pesado saltou para seus pés com um rugido feroz.

— Para trás! — Logan disse e começou a disparar flechas, mas antes que ele pudesse conseguir um disparo decente, o demônio ondulou seu rabo ao redor e bateu no ar próximo a ele. Ele ricocheteou para a parede ao lado como uma boneca de pano e bateu ao parar ao lado do Australiano.

Logan não se levantou também.

Justo quando eu pensei que meu estômago não poderia mergulhar mais baixo, a fera suspendeu o corpo dos garotos no ar e deixando escapar outro estrondo sônico, fez jorrar saliva em esguichos. Eu lutei contra o instinto de cobrir meus ouvidos contra a dor perfurante, e ao invés disso, ondulei minhas mãos sobre a cabeça pulando para cima e para baixo, gritando.

— Ei! Por aqui!

O diabinho balançou a cabeça maciça. O nariz trêmulo caiu no chão e empurrou para trás e para frente, avançando para mim, um faro de cão de caça.

Eu virei e fugi.



Uma garra deslizou para baixo na minha frente. A coisa tinha uns dois metros de largura e cavava seu ponto final na sujeira, bloqueando meu caminho. Eu virei, mudando de direção.

Outra garra veio para baixo bloqueando. Eu corri de um lado para outro, para frente e para trás, mas para cada escape, uma garra gigante caia como uma porta da prisão. Enquanto o gato brincava com sua comida, ser o rato era horrível.

A mandíbula dele se abriu tanto que praticamente o desequilibrou. Eu vi presas. Longas. Uma explosão de ar trouxe camadas de vapor de ar fedendo com o pútrido cheiro de carne podre. Um braço de esqueleto, ainda jogado com tiras de carne em decomposição, estava encravado entre dois dentes de trás do monstro.

Meu estômago embrulhou.

A boca *fechou*, o nariz de apressou ao longo do chão e circulou meus dedos dos pés. A cabeça levantou, em seguida inclinou para um lado enquanto me estudava de perto. Longos bigodes faziam cócegas em meu pescoço. Sua língua estalou. Eu me encolhi, tentando me espremer através das garras. Senti o calor e a pressão ao redor do meu corpo. Se meu poder de explodir simplesmente aparecesse, eu poderia salvar minha lamentável...

Muito tarde. O demônio fez contato.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

— Você não pode matá-lo.

— Oh, eu posso.

Eu olhei de soslaio para Matthias e dei um passo em frente ao demônio que tinha rolado sobre suas costas, pés ondulando sem rumo no ar. Ele até se mexia para frente e para trás, como se fosse se coçar.

Vinha fazendo essa rotina de um cãozinho em um salão desde que sua língua bateu ao meu lado com uma nojenta quantidade de saliva de vômito. Eu gritei, batendo para afastar o monstro, esperando a besta tirar meu braço fora e prendê-lo entre seus dentes serrilhados, ao invés disso, um frio barulho molhado tinha se intrometido sob minha axila, lambendo meu braço para cima e para baixo até que eu finalmente descobri que ele queria que eu fizesse carinho no curto cabelo fino de seu focinho.

Ele rosnou quando eu fui até Logan e Matthias, que acordaram rapidamente. Jogar água no rosto de Matthias o ajudou a acordar.

Agora, de cabeça para baixo, uma multidão de olhos brilhantes me observava enquanto uma... uma língua verde e roxa – eca – caia no chão, sujeira grudando nela como mosca no papel. Uma leve tremida fez cócegas em sua garganta. Ela acariciou minhas mãos.

Como eu sabia que a centopeia era uma fêmea? Eu não sabia. Mas já que eu estava cercada demais por testosterona, isso fazia eu me sentir melhor.

Eu empurrei e apontei um dedo em aviso. — Me lamba de novo, Fido, e eu não o deterei de matar você.

Matthias bufou. — Fido?

Em encolhi os ombros. Ignorante como um filhote de cachorro, o demônio virou para ficar em posição de quatro de novo e inadvertidamente bateu no chão antes de aprisionar alguma coisa preta sob suas patas da frente e usar seus dentes para rasgá-lo.



— Matthias! — A voz frenética de Ayden ecoou através da caverna antes que ele entrasse correndo. — Esqueça o portal! Nós ainda podemos encontrar Aurora e Lo... — Ele tropeçou quando nos viu. — Oh, obrigado Deus.

— Estamos bem — eu disse.

Ele me pegou em um abraço de quebrar as costelas e bateu no ombro de Logan. — O que aconteceu? Eu estaria aqui antes mas a Caviezel me encontrou e teve um ataque por causa dos livros. Eu tinha que limpar ou pegar detenção, então eu liguei para Blake e Jayden para – Seus olhos focaram sobre meu ombro. — Porque há um demônio aqui? E porque está usando o casaco de Matthias como um brinquedo de mascar?

— O quê? — O Australiano empurrou em direção a pilha de baba de tecido preto, em seguida, empurrou um punho através do ar. — Ahh! Eu devia matar você apenas por isso.

— Não!

Matthias apontou um dedo zangado para mim. — Sim!

— Não — Ayden ficou em pé próximo a criatura. — Você não pode.

Matthias deu um olhar feio para ele — Eu deveria saber que você ficaria do lado dela.

— Oh, cresça — Ayden correu sua mão sobre o pescoço do demônio. Ele pescou algo, então puxou fora um pedaço circular de metal, uma etiqueta pendurada em uma corrente que nenhum de nós tinha percebido. No interior do metal algo rodava.

Ayden deu a Matthias um olhar cansado. — Você não pode matá-lo, porque um contrato de sangue foi ativado.

A cabeça de Matthias caiu para trás. — Sem. Chance — Ele deu um suspiro dramático em seguida virou-se para mim, furioso. — Eu não consigo acreditar que você saiu correndo e fez um contrato de sangue com um demônio!

— Sim, Matthias — eu sorri docemente. — Entre Tristan correndo comigo às quatro da manhã para os Ishida onde Ayden e Jayden me treinam no combate corpo-a-corpo logo antes de Ayden me levar para escola onde eu estou presa com vocês todos os dias até que todos, exceto



você, vão até a casa de Blake para o treinamento de musculação, fazer a lição de casa e aprender táticas de dissimulação antes de Ayden me levar para casa onde minha tia fugitiva de alguma operação clandestina me tranca no quarto, eu fugi e fiz um contrato de sangue com um demônio — eu bufei um suspiro. — A propósito, o que diabos é um contrato de sangue?

— Não se preocupe — Ayden me levou para a abertura na caverna.

Eu resisti ao seu puxão em meu braço. — Mas um contrato de sangue parece sério. Eu realmente gostaria de saber em que tipo de perigo eu me meti.

— A escola está quase acabando — Ayden disse. — Você tem muito tempo. Luna cobriu suas outras classes. Eu ficarei contente quando Tristan voltar. Mas agora eu preciso levar você de volta para que Blake possa te levar para casa, porque o perigo de verdade são seus pais se descobrirem que você está desaparecida.

Ou verem o D na minha última lição de casa. Esperançosamente, Jayden poderia me tutorear hoje à noite.

— Mas precisamos de Blake para que ele possa mapear aqueles túneis novos — Logan disse.

— Ele está certo, companheiro. Não sabemos nada sobre eles. Eles podem levar a um tesouro.

A mandíbula de Ayden moeu fechada. — Então Matthias, você pode levá-la.

— Muito ocupado — Matthias penteou os tufos de cabelo para fora de sua testa. — Além disso, ela é *sua namorada. Você* tem que desempenhar o papel até mesmo quando não é mais divertido.

Ouch. Eu acho que ele acertou uma artéria.

Ayden bateu um cotovelo no ombro do Australiano. — Cala a boca!

— Esqueçam isso. Eu posso chegar em casa sozinha. — Eu virei para ir embora.

— Sem chance — Ayden agarrou meu pulso e me puxou. — Não o ouça. Não é isso que eu quero.



O piso retumbou. Ayden me empurrou para trás dele e se virou para encarar o portal, braços acendendo com chamas.

A parede ainda brilhava, mas agora, como se feita de uma fina membrana de borracha, estava esticada em direção a nós em três lugares. Como se algumas *coisas* estivessem determinadas a irromper.

Estendendo-se mais e mais, até que com um *som de metal*, dois demônios invadiram a caverna.

Com tamanho e forma de pôneis gordinhos, eles voavam com asas de couro e gotejavam gosma verde de sua pele sem pelos. Eles tinham crinas e caudas de fogo ardente que refletiam nas esferas brilhantes de seus olhos negros esbugalhados.

A flecha de Logan pegou um logo quando Fido virou sua cabeça e estalou sua mandíbula maciça ao redor do segundo, fácil como apanhar mosca. Ela mastigou algumas vezes, engolindo em seco, então voltou mancando para baixo para rasgar a jaqueta de Matthias, agora tingindo a lã verde com baba.

Um terceiro demônio finalmente passou com um barulho, mas a parede de repente se solidificou e cortou a criatura em duas. Sua cabeça caiu parede abaixo, espirrando o lodo verde pegajoso de seu pescoço cortado. Antes até de que seu corpo flamejante batesse no chão da caverna, uma das antenas de garras de Fido agitou-se fora e o agarrou, trazendo a coisa de volta para sua boca. A coisa foi embora em um gole. Ela sequer mastigou.

Os braços de Ayden apagaram. — O que aconteceu?

— Inferno se eu sei — Matthias deixou seus chicotes desaparecerem. — Eu vim aqui porque os sensores de alerta ativaram. Então essa coisa — ele fez uma careta para a centopeia — apareceu e desde então o portal tem estado instável. Eu acho que ele o quebrou.

Eu espreitei por cima do ombro de Ayden. — O portal para o *inferno* quebrou?

— Para o Mundo em Espera — Ayden disse. — É como uma estação de transferência para o inferno.



— Uau — Eu recuei. O Mundo em Espera era meu lugar menos favorito na vizinhança.

— Nós deveríamos estar tão próximos? E se isso nos sugar?

— Bem pensado — disse Matthias. — Você devia chegar mais perto.

Eu recuei mais. — Então não deveria estar fazendo...isso?

Eu apontei para a parede que continuava mudando de forma, piscando dentro e fora da pedra sólida para um cintilante redemoinho de líquido, como se um liquidificador gigante estivesse tentando fazer uma vitamina de rocha.

— Não — Ayden disse enquanto nós todos olhávamos através do buraco. — Deveria ser uma rocha sólida em noventa e nove por cento do tempo. Mas então, sem aviso, ela pode abrir, a rocha desaparecer por poucos segundos e um demônio ou dois podem sair — Ele olhou para a centopeia mastigando a jaqueta de Matthias. — Normalmente, a rede contém o que saiu até que nós cheguemos aqui para enviá-lo de volta.

Olhei para o borrão hipnótico da parede. — Como vocês abrem o portal para enviar o demônio de volta?

— Sua idiota — Matthias zombou. — Ninguém pode abrir um portal. Nós matamos o demônio como de costume e ele desaparece de volta para o inferno. Como de costume — Ele rolou seus olhos. — Abrir o maldito portal. Você é tão idiota.

— Bem, como é que eu vou saber, Capitão Sabe Tudo? Não é como se vocês me contassem algo.

Logan encolheu os ombros. — A verdade é, Aurora nem mesmo precisa de um portal para viajar para o Mundo em Espera.

Ele disse isso como se fosse uma coisa boa.

— Verdade — Ayden empalideceu e me moveu para trás. — Mas já que isso coloca seu corpo em coma *neste* mundo, enquanto ela arrisca sua vida no Mundo em Espera, vamos manter ela longe, muito longe.

— Soa bom para mim — Eu recuei ainda mais. — Isso pode realmente nos sugar como Blake disse?



— Houve histórias — Ayden disse. — Portais são imprevisíveis e incontroláveis. Já que o Mandatum os encontra, nós na maioria das vezes apenas monitoramos a atividade e contemos o que vem através deles.

Eu continuei recuando, porque se o Mundo em Espera estava logo do outro lado de alguma portal sobrenatural *instável,* muito, muito longe era perto demais para mim. Minha tensão diminuiu quando, alguns momentos depois, a parede ficou sólida com somente alguns poucos pontos de borrão líquido.

— Parece que está estabilizando — Ayden soou aliviado.

— A rede está subindo para reparos — Logan apontou para uma grande rede de metal que estava se erguendo e avançando até o teto. Os pedaços quebrados no meio acenderam e chiaram, já começando a recolocarem-se. — Conserta-se sozinho lá em cima — ele me disse. — Desce quando está terminado. Eu esperarei para ter certeza que ele rolou todo o caminho para cima. E manterei esse demônio também — Logan fez um sinal com a cabeça para a centopeia — Não quero isso correndo ao redor da escola.

— Tudo bem — Ayden me levou para fora da caverna. — Nós enviaremos Blake para ajudar.

A centopeia começou a nos seguir, a jaqueta pendurada em sua boca babona.

Ayden disse, — Aurora, diga a ele para ficar.

— Por quê? — Eu olhei de volta nervosamente.

Ayden soou sombrio. — Porque se você não der a ele uma ordem para obedecer, ele seguirá você e potencialmente comerá alguém em seu caminho.



CAPÍTULO TRINTA

Ayden estava apressado e no limite desde que ele me empurrou para fora da caverna para dentro de seu carro, no qual nós estávamos sozinhos, já que Luna e Lucian estavam em seus clubes após as aulas. Ele estava falando tão rápido quanto estava dirigindo.

— Eu cancelei nosso jogo de golfe no country club hoje, mas mantive a reserva de tênis na próxima semana. Por agora. E eu já tinha nos inscritos para o passeio de balão de ar quente. Eles começam no próximo mês então não deve ser problema. — Ele riu nervosamente. — Nós esperamos, certo?

Eu acho que nós poderíamos espremer um miniencontro na agenda, uma forma de compensar o fiasco da última noite, talvez até mesmo descobrir sobre o que ele quer falar. Eu estava tentando encontrar um pouco de vida pessoal em meio dessa porcaria de demônios que tomavam conta da minha existência, mas ele não calava a boca em todos os aspectos.

— Tem certeza que você não quer parar para um café? — Eu tento de novo, falando com pressa para conseguir formar uma sentença completa. — Por minha conta.

Ele parece desconfortável. — Eu gostaria, mas eu tenho que ir para uma... reunião. Que tal remarcarmos?

— Certo.

Por que não? Eu posso estar morta pela manhã, com toda a coisa de assassinos e tudo mais, mas que diabos, remarcar parecia ótimo. Os meus nós dos dedos ficaram brancos enquanto Ayden derrapava em outra curva.

Quando o carro estava de volta nas quatro rodas, eu disse — Eu posso pegar o ônibus.

— Não seja ridícula — Ayden balançou sua cabeça, olhando para frente. — Se você não estiver em um edifício blindado então você precisa



estar com um caçador. E se você se lembra, a última vez que você me abandonou por um ônibus, as coisas acabaram sendo desastrosas.

— Certo — Eu bati no assento. — Isso de novo. Como se eu pudesse saber que um Kalifera me caçaria.

— Eu sinto muito. Eu apenas estou... — Ele suspira. — Por favor. Fique em casa para que eu saiba que você está segura enquanto eu descubro algumas coisas. Agora, o que eu estava dizendo antes? — Ele forçou a engrenagem de seu Audi, pisando duro enquanto avançava dentro e fora daquele pequeno tráfico que Gossamer Fall conseguia reunir à tarde nos dias úteis. Alguém buzinou. De novo. — Certo. Explique os contratos de sangue.

Porque isso era tão romântico.

— Eu entendi o básico. — Eu agarrei meu banco para me segurar. — Alguém, em algum lugar, alguma vez fez um contrato com o demônio para se proteger se certas condições fossem encontradas. Nós não sabemos quais condições ou quem colocou isso, mas minha mão sangrou. Isso ativou. E agora eu tenho um cão de guarda demônio babão. Viu, eu estava ouvindo. — Eu mordi meu lábio. — Ela virá atrás de Rose?

— Se ele estiver atacando você diretamente, sim — Ayden disse. — Mas ele é muito esperto para isso. E já que ela é mais músculo do que cérebro, é com sua família que você se preocupar. Melhor ela ficar nos túneis.

— O que quer dizer?

— Por exemplo, se ela vir Lucian brigando com você pelo controle remoto ou Oron atirando aveia em sua cabeça, ela os pegaria tão rápido quanto como se Rose estivesse vindo atrás de você com uma motosserra. Ela não pode diferenciar entre as duas ameaças.

Meus olhos saltam. — Oh, Deus. E se ela se aparecer em minha casa? — Eu me inclino em direção a ele e coloco uma mão em sua coxa.

Ele salta, o carro puxa para esquerda, nós desviamos dentro do tráfico na direção contrária quando buzinas soam. Ayden balançou a roda direita. O cinto de segurança evitou minha queda livre para os lados enquanto nós derrapávamos brevemente sobre o cascalho sobre o



acostamento, cortando o parapeito de metal com um zunido agudo e estabilizando na pista correta em seguida.

— Você está bem? — ele quase gritou, sua cabeça girando para trás e para frente da estrada para mim.

— Eu estou bem. — Uma vez que eu engoli em seco a multiplicidade de órgãos internos que tinha se arremessado garganta acima.

Ele xingou sob sua respiração e bateu no volante. — Nós não temos que nos preocupar sobre Rose matar você. Eu farei isso por ele! Eu sou tão idiota.

Eu quase engasguei com o cheiro pungente de borracha queimada. — O que está errado? Você está preocupado sobre o encontro dessa tarde?

— O quê? — Ayden latiu outra risada nervosa então limpou sua garganta e varreu sua mão através de sua boca. — Por que você está dizendo isso?

— Eu não sei. Talvez... — Se dividir entre duas mulheres pode deixá-lo nervoso... Literalmente. — Sobre o que é a reunião?

Ele agarrou de novo o volante. — Coisas chatas. Você não ficaria interessada.

— Certamente ficaria. — Eu lutei para manter a frustração de minha voz. — Coisas do Mandatum?

— Hum, sim. — Ele assentiu. — Coisas que eu sou obrigado, como parte de meu treinamento, a analisar com... algo que meu pai saiba sobre os recentes incidentes e qual a melhor forma — ele puxa suas mãos fora do volante para ondular no ar — de lidar com as consequências de algumas reações sobrenaturais que podem ter efeitos desastrosos a longo prazo... vários cenários com que caçadores tem que lidar e – Confie em mim. Coisas chatas. Oh, olhe, nós chegamos.

Nós na verdade não chegamos. Nós estávamos ainda a poucas quadras de minha casa, mas Ayden cortou seu balbucio e usou o tempo para pegar minha mochila do banco traseiro e colocá-la em meu colo. Enquanto nós estacionávamos até parar do lado de fora de minha casa, ele se inclinou sobre mim para o que eu achava ser o movimento para um beijo amoroso, então eu comecei a fazer biquinho. Até fechei os olhos.



— Aquele filho da... — Ayden olhou para fora da janela.

Em seguida ele estava fora do carro. No meio da entrada, ele se dobrou e abriu minha porta.

— Desculpe. — Ele pegou minha mochila e me puxou para fora do carro, me cutucando e retalhando meu ego ainda mais rápido.



CAPÍTULO TRINTA E UM

Nossa cozinha cheirava celestialmente, mas eu fiz uma careta porque estava infectada com a escória Australiana. Ayden não ficou feliz quando viu a BMW de Matthias na entrada de carros. Eu ainda menos.

Minha mãe colocava um pedaço de pão de banana no prato de Matthias.

— Outro não. — O Australiano sentado na nossa mesa da cozinha brincava de guerra de polegares com Selena, que estava empoleirada em seu colo. — Eu estou cheio.

Minha mãe apontou a faca para ele. — Ainda está quente. Coma.

— O que Royal Payne[6] está fazendo aqui? — Às vezes eu me achava louca. O que não me fazia sorrir era minha mãe tratá-lo como rei e servi-lo com deliciosos artigos cozidos que ele não merecia.

O vidro das portas francesas para o quintal chiou com as batidas frenéticas de Helsing para entrar.

— Urgh. — Minha mãe gemeu. — Ayden, você poderia abrir a porta? Que indeciso! Ele estava fazendo isso algumas horas atrás para sair. Faça sua escolha, gato.

Ayden abriu a porta e olhou o pátio. Helsing disparou, atirando um sibilo para Matthias e se entrelaçou através de meus tornozelos com um ronco de motor de barco. Pelo menos um membro da família estava do meu lado contra o Australiano.

— Eu achei que você estava ocupado — Ayden bateu com os dedos na parte de trás da cabeça de Matthias, em seguida roubou o pão de banana que minha mãe tinha colocado no prato do Australiano e fez um grande show ao dar uma mordida enorme.

— Ayden! — Minha mãe advertiu.

[6] Personagem australiano de uma série de tv.



— Desculpe — Ayden disse através de bocadas culpadas. — Muito deliciosos para resistir.

— Há o bastante. — Minha mãe sorri e usou sua garra de lagosta vermelha brilhante como suporte para tirar uma nova fornada de pão fresco do forno. — Mas Matty fica com a maior parte porque ele salvou meu bebê.

Matthias cora. — Eu não fiz nada.

Selena prende seu polegar. — Eu venci!

— Salvou ela do quê? — Um demônio centopeia? Meu coração se despedaça. Não. Isso não faz sentido.

— Um rapaz tentou beijá-la no playground. — Minha mãe vira para Selena. — Mostre a eles o que você fez, querida.

Minha irmã menor deslizou fora do colo de Matthias, entregou-lhe Bubbles, e entrou em uma postura de luta, pés plantados, punhos erguidos como Popeye depois que ele comia uma lata de espinafres. Ela franziu o rosto em uma carranca e gritou com fraco sotaque australiano. — Infernos, fiquem longe de mim! — então ela cravou um pequeno punho no ar.

— Yep — Ayden sorriu afetadamente. — Parece totalmente com você.

Selena subiu de volta no colo de Matthias. — Então ele chorou. Houve sangue.

— Um pequeno sangramento no nariz. Nada que ele não merecesse. O Diretor ameaçou suspendê-la. Inacreditável. — Minha mãe fez um barulho de desgosto. — Eu falei tudo o que eu pensava sobre isso. Então Tia M ameaçou um processo por assédio sexual com a equipe de sua empresa de "melhores advogados que o dinheiro pode comprar", e o Xerife Payne apareceu para acalmar as coisas. Está tudo bem agora.

Ótimo. O idiota era um herói. Cara, eu odeio quando eles tratam meu inimigo como se fosse o garoto de ouro. Se eles soubessem. Sequestro, que tal?

Matthias viu meu escárnio, e sorriu docemente. — Senhora Lahey, eu apenas estou contente que *alguém* conseguiu protegê-la.

O que isso significa?



Eu queria estrangular o idiota, mas tinha que me controlar porque minha mãe sorriu e beijou o topo de sua cabeça enquanto ela passava. Ele se encolheu. Minha mãe não notou.

Mas eu notei.

Eu caminhei por trás e envolvi um braço ao redor do pescoço de Matthias em um estrangulamento horroroso, e então usei minha voz mais alegre, infundida com entusiasmo no nível de líder de torcida.

— Oh meu Deus, Selena, Matty não é como o melhor irmão mais velho?!

Então eu comecei a beijar sua bochecha mais e mais com barulhos de *smach*.

— Mas que...

Ele endureceu e estava prestes a me empurrar, mas Selena gritou. — Isso, isso, isso! — e começou a beijar sua outra bochecha – como eu sabia que ela faria – e minha Mãe soltou um sentimental — Ahhhh — ele congelou e parou de respirar. Era uma coisa bonita.

Até Ayden me puxar.

— Minha namorada não pode beijar outros caras — ele disse com um sorriso. — Selena, eu acho que as órbitas oculares de Bubbles estão saindo.

— Não! — Selena levou o brinquedo para uma luz melhor e estudou-o de perto.

Um estranho olhar passou entre Ayden e Matthias. Eu não entendi, mas a alta coloração nas bochechas do Australiano começou a se dissipar.

Ótimo. Junto com manter segredos e sua distância, Ayden estava arruinando minha pequena diversão ao torturar Matthias. Eu não conseguia vencer.

— Eu tenho lição de casa. — Eu olhei para Ayden e agarrei minha mochila, mas ele deslizou do meu alcance com seus pés e agarrou meu cotovelo.

— Certo, logo depois de me mostrar aquela coisa lá fora que você prometeu me mostrar. — Quando eu tentei me afastar, ele sussurrou. — Eu acho que o demônio seguiu você para casa.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Enquanto Ayden me levava através das portas francesas de correr e se dirigia para a parte de trás do quintal, eu freneticamente varria a área.

— Onde você a viu?

— Eu não vi — ele diz. — Você estava zangada e eu precisava que você estivesse sozinha para dizer que sinto muito, mas eu tive que parar aquilo. Matthias não podia mais suportar.

— O quê? Você me assustou demais! — Eu sibilei enquanto minhas bombas de adrenalina mudavam de baseadas no medo para fúria desenfreada. — Além disso, eu achei que era porque você não queria sua namorada beijando outros caras.

Ele me puxou para trás de alguma cobertura então soltou, me encarando.

— Não que eu esteja preocupado com Matthias, mas pensando nisso, não, eu não quero minha namorada beijando outros caras

— Por que não? — Eu resmunguei. — Não é como se você estivesse fazendo muito isso.

Descrença contorceu seu rosto. — O qu... quê?

— Nada. — Eu cruzei meus braços e chutei a grama com a ponta dos pés.

— Oh, não. Vamos... *explorar* isso. — Ele bateu com os dedos em sua jaqueta de volta e descansou suas mãos em seus quadris. — Eu te levo a lugares. Nós fazemos coisas juntos. Compartilhamos interesses. Eu adoro sua companhia porque eu adoro passar tempo conhecendo você. Nós conversamos. Mas... deixe-me ver se eu entendi, eu sou um namorado ruim porque não estou tentando pular em você o tempo todo. Eu... — ele limpou sua garganta — eu entendi isso direito?

Eu não sabia para onde olhar. Apenas sabia que não queria olhar para ele. — Eu não disse “ruim”.



— Não com essas palavras... — Ele tentou capturar meu olhar. — Você sabe como isso soa, certo?

— Certo, agora que você disse desse jeito. — Isso era embaraçoso. O cara praticamente descreveu o Manual do Namorado Perfeito, e eu estava reclamando.

— Desse... jeito? — Ele abriu os braços e inclinou-se para trás. — De que outra forma eu deveria dizer?

— Talvez um termo melhor seria... negligente?

— Negligente.

— Não tanto quanto... fazendo coisas. — Explicar isso era um pouco mais difícil do que eu pensava.

Seus lábios se curvaram em um sorriso sugestivo. — Não. Tanto quanto *fazendo coisas.*

Eu corei. — Sabe, talvez eu queira dizer que você parece...desinteressado. Tipo, ah, uh — eu movi as palmas das mãos em círculos no ar na minha frente.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Desinteressado em seus... *peitos?*

— O quê? — Eu percebi que minha mão estava circulando direto sobre meus peitos. Movimento legal, Aurora. Eu rolei meus olhos. Ele estava brincando comigo? Não importa. — Não! Não...isso!

— Bom. — Seus olhos escuros cintilaram com diversão. — Porque eu posso assegurar você que eu acho seus peitos *muito* interessantes. Ás vezes, absolutamente fascinantes.

Eu cruzei meus braços sobre meu peito. — Em mim! Desinteressado em *mim.*

— Desinteressado. — Ele olha para o céu por um breve momento e suspira em seguida. — Você quer dizer sexualmente. Sexualmente. Desinteressado. Em você.

Porque ele continuava repetindo todas as coisas que eu disse? Certamente não soava melhor uma segunda vez.

Ele balançou sua cabeça. — Isso apenas fica melhor e melhor.

Sério? Porque não era assim que eu estava vendo.



Em seguida ele começou a rir. Riu tanto que seu ombro começou a tremer, e ele quase estava se ajoelhando de tanto gargalhar.

Eu apertei os olhos. — Isso está divertindo você?

— Oh — ele enxugou os olhos — você não tem ideia.

Humilhação picou. — Ainda bem que eu posso ser uma piada.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Você devia ir. — Eu fiz um movimento de enxotar. — Não quero privar você da sua coisa de reunião importante.

— Não vai me ajudar muito se você acha que... — Ele riu de novo. — Deixa para lá. Sinto muito. Todas as coisas podem esperar. Vamos continuar no assunto. Você sente que eu tenho negligenciado você. Fisicamente no geral. Especificamente sobre beijar. Justo. Desafio aceito.

— Desafio? Eu não fiz nenhum desafio. — Eu fiz?

— Vamos fazer isso.

— Fazer o quê?

— Eu vou beijar você.

— Ei! — Minhas mãos voaram no ar e me movi para fugir. — Isso é estúpido.

Ele bloqueou meu caminho. — Aguente. Não é estúpido de jeito algum. Você tem um ponto válido, apenas me dê um minuto. — Ele revirou os ombros, balançou seus braços, sacudiu o corpo algumas poucas vezes, respirou fundo e exalou lentamente. — Ok. Eu estou pronto.

Eu fiz uma careta. — Você tem que *estar pronto* para me beijar?

— Aurora. — A voz de Ayden era baixa e profunda e parecia me alcançar, acariciando minha pele. Ele caminhou em minha direção com lentos passos medidos. As pálpebras abaixaram pesadas, seus olhos me espreitaram, o âmbar mais fraco brilhando nos profundos olhos escuros. — Você não tem ideia do que eu passo quando eu estou perto de você.

Ele estava perto de mim agora. Então o calor de seu corpo próximo serpenteou ao redor e me envolveu, nos mantendo em um casulo, nos isolando do frio do mundo lá de fora. Mesmo sem me tocar, eu me sentia como uma prisioneira, embrulhada dentro de uma aura de emoções ousadas que ondulavam a nosso redor, esperando por uma chance para



atacar. Esperando uma chance para se agarrar sob minha pele e nunca deixar ir.

Ele murmurou. — Feche seus olhos.

— O quê? — Eu dei um passo para trás, mas ele agarrou meus braços, dedos apertados ao redor dos meus bíceps, mantendo seu corpo próximo.

— Aurora. — Sua voz assumiu uma borda de comando que deixou claro que ele não esperava resposta. — Você deixou seus argumentos claros. Agora me dê a chance para... resolvê-los.

— Me beijando?

— Beijando você.

Ele realmente gostava de repetir coisas.

Um lado de sua boca curvou-se para cima. — Pelo menos é aí onde vamos começar.

Ohhh, garoto.

Ele suspirou. — Sem pânico.

— Eu não estou em pânico. — Eu estava tão em pânico.

— Eu posso ver seu pânico.

— Como você pode ver meu pânico?

— Eu vejo muito mais do que você me dá crédito. Então, por agora, apenas um beijo, eu prometo. O melhor para nós dois de qualquer forma. — Antes que eu pudesse perguntar o que isso significava, ele deslizou ambos os dedos das mãos em meu cabelo e manteve meu rosto em suas mãos. Seu olhar cheio de intensidade. — Feche os olhos. Não, eu não disse para revirar os olhos. Você sabe, só fique quieta.

— Uau. Você realmente sabe como convencer uma garo...

Ele me beijou. Muito rápido. Como se estivesse saboreando um medicamento com um gosto horrível.

Estranho. Beirando ao insulto.

Ele levantou sua cabeça e deixou seu olhar vaguear sobre minhas feições. Ele pareceu satisfeito, pareceu relaxar. Um leve sorriso tocou seus lábios. Ele respirou fundo, dando um aceno quase imperceptível, então sua cabeça abaixou.



Dessa vez, o beijo foi mais lento. Mais suave. E curto. Seus lábios mal roçaram os meus antes que ele se afastasse. Mas sua boca pairava, sua respiração deslizando através de meus lábios e bochechas, fazendo cócegas em meu pescoço. Eu cheirei o doce aroma de pão de banana. E lambi meus lábios.

Minhas mãos subiram, roçando através de seu estômago. Meus dedos deslizaram sobre os contornos firmes de seu abdômen e através de sua fina camiseta, eu senti os músculos tencionaram mais duro sob meu toque. Sua respiração parou. Seus olhos foram para baixo, mas do contrário ele pareceu congelar. Quando eu coloquei as palmas das mãos de leve em seu peito, seu coração *retumbou* várias batidas mais rápido, em seguida estabilizou. Ele inalou lentamente, agarrando meu rosto de novo com suas mãos, e movendo-se de novo.

Lábios contra os meus. Mais cuidadosos. Demorando mais tempo entre os momentos onde ele afastava sua boca. Arrepios ziguezagueavam através de minha pele. Eu estava mais *vigorosa.* Grande nova palavra. Eu levantei na ponta dos pés, tentando seguir seus lábios cada vez que ele recuava, porque o vigor era, oh, tão delicioso, mas suas mãos seguravam firmemente meu rosto e me mantinham longe.

Ele estava brincando? Jogando com minhas emoções. Mas sua expressão estava tão séria, como se ele estivesse fortemente concentrado para...

O quê? Eu não sabia. Mas eu tinha toda sua atenção agora e não queria quebrar seu foco ávido. Minha pele eriçou com arrepios, despertando novas sensações, sentimentos de desejo borbulhando do meu interior.

Sua mão deslizou atrás do meu pescoço, sua cabeça mergulhou, e eu me preparei para um beijo real, um beijo duro, algo para aliviar a crescente pressão em meus desejos. Mas seus lábios meramente escovaram os meus, tão suaves que quase não havia um toque, mas meu corpo reagiu como se eletrificado.

Nervos inflamaram. Antecipação vibrou em meu estômago quando seus lábios derrubaram leves beijos na linha ao longo da minha boca,



tomando muito cuidado para cobrir cada centímetro, e levando muito mais tempo nisso.

Minhas mãos apertaram. Ele estava me beijando, mas ele não estava me *beijando*, e ele não deixava que eu o beijasse como eu... queria.

Quando sua língua colidiu com o canto de minha boca, minha respiração engatou e meus lábios separaram-se com um suspiro. Como eu ainda podia respirar estava além de mim. Meus joelhos estavam tremendo. Eles provavelmente cederiam a qualquer segundo. Não que isso me importasse. Eu fechei meus olhos séculos atrás porque aquelas sensações esmagadoras minaram minhas forças, deixando apenas esse lado mole, e era muito trabalhoso manter as pálpebras abertas.

A língua de Ayden traçou ao longo da pele delicada ao lado de meus lábios. Era como se cada terminação nervosa se reunisse em cada ponto que ele tocava, deixando a carne terrivelmente sensível ao contato, quase dolorosa. Quase.

Quando eu tremi, ele parou, e aproveitou a abertura para capturar meus lábios com os seus. Finalmente.

Ele pulou pelo contato. Suas mãos apertaram meu rosto, tornando-se mais quentes, e justo quando eu achei que ele recuaria, seus ombros relaxaram e voltaram ao beijo. Um enorme alívio, porque parar agora poderia ser contra a lei. Talvez fosse.

Punição cruel e incomum.

Seu toque era sensual, sem pressa e conduziu toda minha energia para algo lânguido. Eu me inclinei nele, meus dedos espalhados sobre a sólida sensação de seu peito. O ritmo e pressão de seus beijos aumentaram, e ele parecia mais e mais relutante em puxar seus lábios dos meus.

Suas mãos deslizaram abaixo de meu pescoço em conchas, polegares acariciando lentamente para cima e para baixo em minha garganta. Meu pulso acelerou. Eu levantei uma mão para deslizá-la ao redor de seu pescoço, para nos puxar mais perto, deixando sua boca parando para provocar a minha, para esmagá-la em mim.

Mas ele se afastou, e deu um passo para trás.



Eu queria lhe dizer para ficar perto, para continuar me tocando, mas com minha respiração vindo em explosões vacilantes, eu não conseguia falar.

Olhei para o chão, ele lambeu os lábios – deliciosos lábios que deviam estar em mim. Então engoliu em seco. Piscou lentamente, as pálpebras pesadas. Eu conhecia aquela sensação. Mas nesse caso ele provavelmente estava tendo problemas para manter aqueles cílios ridiculamente grossos que lançavam misteriosas sombras sexys em suas bochechas. Misteriosas sombras sexys? Sim, eu estava em apuros.

A ascensão e queda de seu peito aumentou. — Aurora, eu...

Em um movimento deliberado que pareceu levar um grande esforço, seu olhar se levantou para encontrar o meu. O chocolate escuro quase desapareceu, quase superado pelas faíscas de vermelho e laranja, como brasas prontas para ignição.

Minha respiração ficou presa no calor daquele olhar. Alguma coisa tangível e viva pulou através do espaço entre nós, alguma coisa em uma quente corrida para infiltrar-se em meu corpo, pulsando com as batidas de meu coração, selvagem e forte e pedindo por mais.

— Eu acho... — sua voz estava rouca, cada sílaba patinava como uma lixa. Ele balançou sua cabeça, sua expressão frustrada. — Isso foi... mais do que ambos estávamos procurando?

Mais? Eu quase ri. Oh, sim, foi mais. Mais do que eu esperava. E todas as coisas que eu tinha imaginado. Pelo meu silêncio, emoções escuras cintilavam através das belas linhas de seu rosto. Sua mandíbula apertou.

Eu toquei sua bochecha. — Eu acredito que foi mais que isso e — eu respirei fundo — também nem perto o suficiente.

Levou uma batida, mas em seguida um sorriso de satisfação curvou seus lábios, e quando minhas mãos deslizaram até emaranharem-se na seda de seu cabelo e o puxando para mim, ele não resistiu.

Eu amava seu doce sabor. A sensação da sua boca quando se movia com desejo sensual sobre a minha. Calor vibrou ao longo da parte de trás de meu pescoço, deslizando abaixo da minha espinha. Seus braços



deslizaram ao redor de minha cintura enquanto sua boca pressionava mais forte. O formigamento de calor veio ao redor de minha caixa torácica, provocando um fogo que queimava em minha barriga. Meu corpo arqueou contra ele, tentando desesperadamente capturar a sensação de cada parte dele. Seus braços ao redor do meu peito apertaram. Suas mãos começaram a percorrer, explorando meu corpo.

Ele afrouxou seu aperto. Eu pressionei mais perto, mas suas mãos se moveram para os meus lados, sua boca se afastando.

— Aurora, isso não é...

— Sim, é. — Eu não sabia o que ele ia dizer, mas eu estava certa de que não concordaria, porque aqueles sentimentos eram tão vitalmente importantes para meu bem estar físico e emocional imediato, e fazer algo além disso seria agir contra eles.

Ayden tinha suas mãos em meus pulsos, tentando soltar. — Não, eu realmente acho...

— Não ache. — Eu o beijei para silenciá-lo. — Você fala demais. — E eu não queria ouvir isso.

Ele começou a me beijar de volta, então gemeu e deslizou suas mãos para meus quadris para me afastar, então eu levantei os braços e os envolvi ao redor de seu pescoço. O movimento levantou minha camisa sob suas mãos e quando sua pele fez contato direto com a minha, algo estalou.

Ele ficou estranhamente imóvel. O ar ficou espesso. Uma brisa quente espiralou ao nosso redor como o enrolar de uma serpente. Uma intensa energia pareceu ondular através de todo seu corpo. E então ele se moveu.

Uma mão deslizou sob minha camisa e ao redor da minha cintura, dedos quentes espalmaram-se contra minha pele nua e me esmagaram nele. Sua outra mão cavou a carne de meu quadril e de alguma forma um momento depois minhas costas estavam contra a árvore, a superfície áspera picando através da minha camisa.

Sua boca nunca deixou a minha. Não havia alívio, nem contenção. Seu beijo estava consumindo tudo, seu único objetivo. Seus lábios cavavam com uma intensidade voraz, exigentes, inflexíveis. Meu peito apertou. O estômago contraiu. Meu corpo inteiro estava pronto para



explodir, coração batendo através de minhas costelas, veias incapazes de conter a torrente de sangue. Calor encheu meu âmago e prazer se alastrou, interminável, estimulante e correndo através de cada parte de mim.

Enquanto seu corpo prendia o meu contra a árvore, ele correu a mão pelo meu lado, sobre meu quadril, minha coxa e de volta para cima. A outra mão em concha no meu pescoço, minha bochecha, enrolada em meu cabelo. Sua boca tomou o controle da minha. Faminta e quente. Meus lábios se separaram e sua língua...

Ele puxou meus braços ao redor de seu pescoço e saltou longe. Literalmente, saltou para trás e ergueu as mãos.

— Uau! Isso é, ah... — Ele olhou sobre meus ombros, respiração pesada, rosto corado. — Você estava certa. Eu devia ir.

— Ir? — Ele estava brincando? Eu tive que me apoiar na árvore para não cair. — Agora?

— Sim, sim, sim. — Ele assentiu. — Eu disse a você que eu tinha aquela coisa de reunião.

— O que aconteceu com tudo pode esperar?

— Não mais. E, eu, hum, nós tivemos o bastante de... — sua mão meneou no ar — disso.

— Bastante? — Ótimo. Agora eu estava repetindo tudo. — Você teve o bastante? — E eu não podia parar a mim mesma.

— Porque eu não quero... eu não posso... — Ele tentou sorrir, mas não conseguiu totalmente. — Eu ligo para você. Mais tarde.

Ele passou suas mãos através de seu cabelo, recuando mais e mais para longe, parecendo perdido e miserável, e me deixando com um sentimento de frio e vazio.

— Liga para mim? — Eu realmente precisava dizer alguma coisa mais efetiva, mas eu estava tão confusa e machucada. Eu acabei de ser... jogada de lado? Ele me deixou toda quente e incomodada somente para *me rejeitar*? Sim, foi isso que ele fez e... espere, porque eu não estava dizendo isso em voz alta? Porque eu era uma grande covarde. Não. Aurora, você pode fazer isso.



Eu respirei por algum encorajamento e abri minha boca para falar logo quando um monstro cuspidor de fogo virou a esquina.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Com seus olhos piscando de maneira fria e cinzenta como a pele de um tubarão, Matthias apontou um dedo hostil em minha direção. — Que diabos foi aquilo?

— Matthias, — Ayden gemeu — não é uma boa hora.

— Como se eu me importasse. — Matthias começou a reclamar para mim, mas, em seguida, olhou duas vezes para Ayden. — Qual o problema? Você parece horrível. — Ele olhou de mim para Ayden, em seguida, pareceu enjoado. — Oh. Bem, não é de se admirar. Mas ainda bem que ela está beijando você e não eu.

— Matthias, cale a boca! — Ayden fuzilou-o.

Calor pinicou meu rosto. Como diabos Matthias sabia? O que Ayden falou sobre mim?

— Ei, companheiro, não desconte seu mau humor em mim. Você se inscreveu para o fiasco desse namoro falso. — O Australiano olhou incisivamente na minha direção.

Oh, pelo amor de... — Já chega! — Ayden estava furioso.

Eu estava tombando para o reino dos humilhados.

— Que seja. — Matthias caminhou até mim e fez um show enquanto enxugava a bochecha que eu tinha beijado com a palma da mão. — Não se atreva a fazer isso de novo. Nojento. E não venha falar nada sobre deixar Selena em apuros.

Eu o olhei. — Se você não fosse tão idiota, eu realmente poderia agradecer você porque, por mais que me machuque, quando você ajuda a proteger a minha irmã, é difícil te odiar.

Seu rosto se contorceu.

— Não comece a ser toda sentimental.

— Eu disse *difícil*. Não impossível.

— Bom. Porque eu não tenho nenhum problema em odiar você. — Seus olhos se estreitaram. — Temos sorte que era só um garoto idiota.



Você trouxe os demônios que bateram em sua porta. Você a colocou em perigo. Você deve dar ferramentas para ela sobreviver. É uma maravilha que ela já não esteja morta graças a você.

Eu dei um passo para trás. Senti o sangue drenar do meu rosto. Eu estava quente, agora eu estava com frio... e ficando dormente.

— Matthias! — Ayden empurrou o Australiano forte o suficiente para fazê-lo tropeçar. — Isso foi um golpe baixo.

— Mas é a verdade. — disse Matthias com satisfação. — E ela sabe disso.

Ayden se moveu em direção a mim.

— Não dê ouvidos a ele.

Eu levantei a mão para detê-lo e optei por deixar minhas pernas ganharem. Minhas costas deslizaram para baixo da árvore, e eu me estatelei na grama. Que tarde divertida.

— E você. — Matthias atirou uma mão para Ayden. — Não fique muito apegado, porque se chegar um momento em que ela virar um perigo para a Selena, ou qualquer um de nós, traidor ou não, eu vou arrastá-la para o Mandatum com minhas próprias mãos.

Ayden olhou para o Australiano.

— Você é inacreditável. Depois que eu salvei sua bunda lá. — Uma brisa quente rodou em torno de Ayden trazendo consigo as camadas de aromas perfumados do jardim da mamãe. — Dê o fora antes que eu...

— O quê? — Matthias abriu os braços. — Vai me bater de novo? Dê o seu melhor, companheiro.

— Ayden, não. — Eu respirei fundo, mas o doce aroma do jardim não apagou o revestimento amargo na minha língua. — Ele tem razão.

— Viu? — Matthias sorriu.

Ayden falou entre dentes

— Não, ele não tem.

— Você mesmo disse. — Eu o lembrei. — Fido está do meu lado, e ela poderia atacar minha família.

— Não é a mesma coisa. — Ayden estava de igual para igual com Matthias. — E a verdade é que ele está apenas tentando passar sua própria



culpa para você. Não é mesmo, companheiro?

O mundo escureceu sob o céu sem nuvens. O preto parecia querer preencher o branco dos olhos de Matthias.

— Culpa? — Olhei de um para o outro, esperando o chão quebrar com tanta tensão — Sobre o que?

As narinas de Matthias queimaram e seus lábios se curvaram em um sorriso tóxico. — Eu acho que meu companheiro está se referindo ao fato de que eu matei minha mãe e irmã.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Fiquei parada na calçada. Ayden estava na rua, seus olhos seguindo a BMW de Matthias enquanto ele virava em uma esquina e desaparecia. Ayden ficou completamente imóvel por um momento, em seguida, seu corpo sofreu um espasmo, seus punhos socando o ar, girando o corpo e chutando. Foi a bola de fogo voando de sua mão e caindo no asfalto que, finalmente, lhe deu um descanso. Ele olhou em volta, preocupado, e me viu observando.

— Então... — Eu arrisquei. — Você estava falando sério? Matthias matou a mãe e irmã?

— Eu não disse isso. Ele disse. Porque ele é um... — Ayden socou o ar mais um pouco — maldito idiota.

Nenhum argumento aqui.

— Ok, mas a mãe e irmã dele estão mortas, certo? — Eu sabia que a mãe dele não esteve por perto, e ela era definitivamente um assunto proibido, mas eu não tinha ouvido os motivos, e esta era a primeira vez que eu ouvi falar de uma irmã.

— Eu não posso dizer.

— Você está brincando? Você não pode simplesmente me deixar no escuro.

Ayden esfregou a testa.

— É pessoal. Eu não posso falar sobre isso.

— Como por que Tristan vive com os avós e Blake com seu Tio Reece.

— Certo. Qualquer que seja a história, eles que devem contar — Ayden estudou a rua vazia, com o rosto sombrio. — Mesmo que eles falem da pior maneira possível.

— Ótimo — eu murmurei. — Eu amo ficar de fora deste muro de segredos

— Segredos? — Seu tom era distraído. — Olha só quem fala.

— Como é que é?

— O quê? — Ele arrastou os olhos para longe da estrada. — Esqueça



isso. — Ele olhou para o relógio. — Que tal eu te levar para o café antes de ir embora?

— Para a sua grande reunião importante? Bom, acho melhor não, senhor última bolacha do pacote. — Meu ego ainda ardia com a recente rejeição.

Ele piscou.

— Qual o problema agora?

— Na última vez que saímos houve um sequestro no menu, comigo sendo o prato principal. — Isso ainda faz sentido?

— Aquilo não foi culpa minha. Foi Matthias tentando provar um argumento.

— De que eu sou um pedaço inútil de merda?

— Sim.

— O quê?

— Não!! — Os braços de Ayden se debateram. — Você sabe o que eu quis dizer.

— Sei? — Eu chutei meu cavalo e deixei as rédeas soltas em um galope. — Talvez eu guarde coisas de você porque você faz o mesmo comigo, me deixando no escuro, saindo em "reuniões" misteriosas. E quando você finalmente aparece, você fica tão quente quanto um vulcão logo antes de me dar um banho frio, como uma prostituta boba que você usa enquanto espera uma namorada de verdade ao invés dessa lengalenga que nós temos — Eu apontei para nós dois — E para jantar com ela, aposto que você ia aparecer.

Silêncio se seguiu, quebrado apenas pela minha respiração pesada. Ayden franziu a testa.

— Do que você está falando? Você acha que eu... — Parecia que ele estava tentando traduzir um idioma alienígena — Que eu tenho outra garota?

— Sim! — Eu bati meus dentes. — Ok, não. Não exatamente. Mas pode haver. Quero dizer, você tem essa coisa de quente e frio. Tipo agora. — Eu aponto o dedo para o meu quintal — quando eu tenho que te implorar para me beijar e as coisas finalmente estão acontecendo... e então



você me rejeita. — Pronto, eu disse isso em voz alta.

— Rejeito você?

— Pare de repetir tudo o que eu digo!

— Sinto muito, mas rejeição é o que você tirou dessa experiência? — Ele engasgou uma risada áspera. — Isso é uma loucura.

— O que é loucura é que você me beija desse jeito — não que eu me importe — e então corre para as montanhas. É como se você não quisesse chegar muito perto ou até mesmo ficar sozinho comigo.

Ayden passou a mão pelo cabelo já bagunçado.

— É porque eu não quero.

Ah.

Eu olhei para o meu peito, imaginando que tinha um buraco de bala. Ou uma flecha saindo. Algo para explicar a dor. Mas então eu percebi que era apenas o meu coração. Quebrando. Por que eu achei que...?

Estúpida.

— Isso é, hum — Eu limpei minha garganta — é bom saber.

— Não... — Ayden deslizou ambas mãos pelo cabelo, então entrelaçou os dedos, segurando a parte de trás de sua cabeça como se estivesse tentando impedir seu crânio de explodir. — É complicado. Há tanta coisa acontecendo. — Ele deixou cair as mãos e deu um passo em minha direção. — E para explicar...

— Não, eu entendo. — Eu dei um passo para trás e levantei a palma da mão. — Faz sentido manter distância. Especialmente para quando eu me tornar muito perigosa e você precisar ajudar Matthias a me arrastar para o Mandatum para salvarem a si mesmos.

Golpe baixo, eu sei. O resultado de uma combinação letal de humilhação, dor e paranoia. Ayden olhou como se eu o tivesse socado. Suponho que seja o que eu fiz. Eu sabia que deveria levar numa boa, mas minha boca grande deveria ter um botão de desligar e um de rebobinar.

Me perguntando o quanto de nós eu havia acabado de jogar fora, eu caminhei de volta para casa. Antes que ele pudesse ver as lágrimas. Antes que ele pudesse me parar.

Não que ele tivesse tentado.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Debaixo da água apenas um pouco escaldante, o chuveiro não estava afastando a tarde frenética de pânico como eu esperava. Mesmo o delicado aroma floral do chique shampoo francês de Jayden não ofereceu alívio.

Houve uma batida e minha mãe abriu a porta.

— Entrega especial. — ela disse com alegria exagerada. — A cafeteria entregou o seu favorito. Mocha com raspas de chocolate branco e framboesa. Humm. Cheira bem.

Movi a cortina do chuveiro e espreitei para vê-la colocar o copo em cima do balcão.

— Obrigado. Como você conseguiu que eles entregassem?

— Não fui eu — disse ela. — De acordo com a barista loira que trouxe, Ayden conseguiu que eles entregassem, com uma condição, que ele comprasse muitos - ela usou outro termo que eu não vou repetir - grãos de cafés e várias mercadorias, incluindo uma máquina de cappuccino e uma generosa gorjeta para todos eles.

Claro que era uma menina. *Aposto* que ele deu uma generosa gorjeta para ela.

— Apenas deixe aí. — Eu deixei a cortina cair e enfiei a cabeça sob a água, meio que esperando me afogar até o esquecimento.

— Isso tem algo a ver com você chorando? — Disse a Mãe. — Eu notei quando você entrou e correu para cá. Quer falar sobre isso?

— Realmente não.

— Aurora...

— Mãe, por favor. Agora não.

Como ela poderia entender? Os segredos, as mentiras, as camadas e camadas de lixos empilhados em minha vida. E todos que eu amei sofreram com o peso. Esfreguei meu couro cabeludo para enxaguar a espuma, em seguida, coloquei um pouco de condicionador.



Escuto mamãe suspirar. — Tudo bem. Por agora. Olha, eu não sei o que aconteceu, mas eu vejo como vocês dois se olham. Todo amor e paixão.

— Mãe! — Meu tom de aviso era para evitar mais conversa. Então, por que ela continuava falando?

— Coisas muito ruins aconteceram que assustaram você, ainda a assustam, e isso é compreensível, mas não tenha medo do amor. — Sua voz suavizou. — O amor sempre vence o medo, querida, mas você tem que deixá-lo entrar.

— Entendi, Dra. Freud. Agora, eu posso tomar banho em paz? — Eu sabia que ela tinha boas intenções, mas a minha festa de piedade era melhor chafurdada sozinha.

— Bom. Estou aqui quando você quiser conversar. Eu te amo.

— Eu também te amo. — eu disse baixinho quando ela foi embora.

Essa parte era fácil. Amar a minha família. Eles são previsíveis e sólidos como uma rocha. Mas e as outras coisas? Muitas delas desconhecidas.

Talvez eu deva terminar com o falso namoro, "o fiasco". Claro, isso pode estar me mantendo viva, mas também estava me matando, porque a cada batimento cardíaco, meu coração parecia partir a uma nova rachadura, e, eventualmente, ele quebraria.

Inclino a cabeça para trás no fluxo pulsante do chuveiro, respirando o vapor, saboreando o calor, esperando o alívio chegar.

— Eu exijo sua ajuda. — uma voz masculina sussurrou.

Fiquei boquiaberta. — Ahhgaluhg! — Eu engasguei - quase me *afoguei* - em uma enorme quantidade de água e perdi o equilíbrio. A cortina rosa do chuveiro provou não ter nenhuma resistência, e eu a rasguei indo para baixo comigo, escorregando para dentro da banheira com um *mergulho*, um *grunhido* irritado e um tremendo *baque*.

— Jay...! — eu reprimo um grito e sibilo a segunda sílaba com os dentes cerrados — ...den!

— Você se machucou? — O rosto de Jayden pairava sobre a banheira.



— Não até você aparecer! — Lutei para me sentar. A cortina do chuveiro estalou em protesto quando eu a puxei para me cobrir. — Você não pode entrar no meu banheiro!

— Eu precisava falar em particular e as chances eram prováveis de que você estivesse tomando banho sozinha. Além disso, ninguém iria interrompê-la.

— E você não acha que isso deveria incluir você? — Eu empurrei o cabelo dos meus olhos.

Ele inclinou a cabeça com um olhar vazio. — Era a forma mais vantajosa para ficarmos sozinhos.

— Isso é estúpido de muitas formas — eu soltava fumaça. — Além disso, minha mãe estava aqui, seu idiota.

— Então devemos ser rápidos no caso de ela voltar. Venha.

Ele ofereceu uma mão. Eu a estapeei para longe. Em seguida, escorreguei tentando levantar.

— Grrrr! — Eu apontei para a porta. — Vá! Espere no meu quarto. — Quando ele hesitou, apontei mais forte. — Fora! E feche a porta.

Ele abriu a boca, então a fechou, deu um aceno afiado, e retirou-se para o meu quarto, fechando a porta suavemente.

Minha saída da banheira foi tudo menos graciosa. Não ajudou que eu estivesse furiosa. Eu lutei para tirar a cortina e a joguei na banheira com um barulho decisivo, juntamente com a haste. Ótimo, papai acabou de consertar meu quarto e agora eu tenho que explicar isso. Eu agarrei uma toalha do rack.

Jayden falou através da porta — Posso perguntar...

— Não!

— Excelente. Estou bem aqui se você precisar de alguma coisa.

— Você se mancar seria bom — eu murmurei, me secando.

Ele bateu na porta. — O que foi isso?

— Jayden!

— Certo. Vou simplesmente esperar aqui no seu quarto.

Sem roupas limpas no banheiro, minha única opção era enrolar a toalha em volta de mim, respirar fundo, e abrir a porta.



Houve um grito.

De Logan.

Ele tinha acabado de entrar pela minha janela. Ao me ver – e depois de gritar – ele se virou e tentou recuar. Em seu pânico, ele calculou mal e bateu a testa na borda da moldura. O impacto o cambaleou de volta. Ele tropeçou e caiu de costas, segurando sua mão à cabeça, gemendo.

— Aurora?! — A voz da minha mãe estava estridente no andar de baixo.

— Eu estou bem! — Eu grito, então solto o ar entre meus lábios e me aproximo para oferecer a Logan uma mão para levantar. — Que bom que você grita como uma garota.

Encolhido como um rato diante de uma matilha de leopardos vorazes, ele cobriu os olhos, rolou de joelhos e se arrastou para longe.

— O que você está fazendo n... n... nua? Com Jayden?

— Fique calmo. — Eu me virei para fechar a janela e cortinas. Foi mais difícil com uma mão porque a outra tinha que garantir que a toalha ficasse onde estava. Caso contrário, Logan podia realmente perder a consciência. — Eu não estou nua.

— Tem mais alguém nu? — Logan estava sentado no chão, de costas contra a minha cama, protegendo os olhos com uma mão e esfregando a testa com a outra. — Ficar nu é uma nova moda entre as garotas agora?

Jeez, eu espero que não.

Eu me troco dentro do meu closet e reapareço vestindo moletom para encontrar os dois rapazes em meu banheiro recolocando a cortina e a haste.

Bom.

Continuei com a minha rotina de cuidados com o cabelo enquanto Logan batia no ombro de Jayden. — É ruim o suficiente que você faça isso com a gente. Você não pode fazer com garotas.

Aparentemente, Jayden fazia suas visitas — surpresas — ao banheiro com todos os meninos. O que deveria me fazer sentir melhor.

Mas não fez.



— Quando eu preciso encontrar cada um de vocês sozinhos, o chuveiro é a localização perfeita. — Jayden deslizou os parafusos na haste, imperturbável pela bronca. Tive a sensação de que ele já tinha ouvido isso antes.

— Não, o chuveiro não é perfeito, — Logan disse com um nível cada vez maior de frustração — porque...

— Eu sei. — Jayden fez um aceno de desprezo pelo ar. — A questão da nudez. Mas nu é um estado natural. Eu não possuo inclinações lascivas em direção a qualquer um de vocês. Suas formas físicas primordiais devem ser um ponto de orgulho. E quanto a Aurora ser uma mulher, seu status como um membro da equipe a incorpora como uma presença assexual.

— Nossa, obrigada.

— Não foi um elogio.

— Não brinca.

— É mais uma observação sobre a percepção agâmica que eu tenho de você. — Ele ficou na borda da banheira e prendeu a haste no lugar — Jayden! — Logan deslizou a cortina para frente e para trás algumas vezes. — Ninguém se importa.

Jayden disse uniformemente — O que eu quero dizer é, estar nu na minha presença não deve invocar um nível tão elevado de ansiedade. Não faz sentido lógico.

— Bem, isso não é necessário. — Eu rebati. — Então pegue a sua lógica e enfie na bunda. E não deixe isso acontecer novamente. *Capiche?*

Jayden eriçou-se. — Eu ouvi o seu pedido desnecessariamente hostil, e farei o meu melhor para aceitar.

— Vou tomar isso como um sim. Agora, vamos pegar um pouco de pão de banana e fazer a lição de casa.

— Não. — Jayden agarrou meu braço e me arrastou para fora do banheiro. — Já que a aquisição do tesouro de Flint provou ser impossível para uma civilização avançada de seres humanos aperfeiçoados com recursos ilimitados há bem mais de um século, eu tenho planejado um esquema para dar a Rose o que ele tanto deseja, sem a oneração e restrição de tempo de descobrir o tesouro, evitando assim, sua morte.



A lição de casa podia esperar.

— Isso é mais importante. — Eu paro para pegar os meus sapatos e corro escada abaixo. — Me deixe dizer a minha mãe.

— Jayden já disse a ela que vamos até a casa do Blake. — Logan escorregou pelo corrimão e abriu a porta da frente.

— Eu sou a isca? — Não é a minha estratégia favorita. Além disso, da última vez que tentamos, aconteceu um desastre.

Jayden me deu um olhar firme. — Não, você é a sine qua non[7].

Parei na entrada. — Sabe, eu odeio quando você diz coisas como se eu já soubesse o que elas são.

— Anotado — Jayden disse, então concordou e me incentivou a ir para a calçada.

Logan falou sobre seu ombro enquanto ele pulava em seu elegante carro esporte, rebaixado. — Ele quer dizer que todo o plano depende de você.

— Ótimo. Sem pressão. O que eu preciso fazer?

— Usar sua habilidade. — Jayden segurou a porta do passageiro aberta para mim.

Eu mergulhei no banco de trás. — Nós desistimos na semana passada de desencadear meu poder de explosão.

— Eu não "desisti" — Jayden deslizou no banco da frente e bateu a porta, conforme Logan acelerava para fora da minha garagem. — Eu simplesmente decidi que iríamos esperar que sua capacidade ocorresse naturalmente, em vez de forçá-la a um estado tumultuado.

Soou muito como desistir para mim. — Como funciona o meu poder de explodir em seu plano?

— Não funciona. — Jayden virou em sua cadeira para me encarar. — Se encontrarmos os demônios que contrataram Rose, vamos usá-los para recuperar a irmã dele e então vamos erradicar esses mesmos demônios, e Rose sairá satisfeito, deixando você ilesa.

Eu franzi a testa. — Eu ainda não entendo como eu ajudo.

[7] Sine qua non ou condição sine qua non originou-se do termo legal em latim para "sem o qual não pode ser". Refere-se a uma ação, condição ou ingrediente indispensável e essencial.



— Rastreando os demônios, Aurora. — Jayden me deu um olhar que questionou claramente a minha inteligência. — Você é a Divinicus Nex. Isso é o que você faz.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Eu chutei uma janela, passei através do vidro quebrado, rolei para frente da estrada, e corri por minha vida.

Eu chego em casa, pego uma bolsa, e... depois? Onde eu poderia ir? Como eu poderia me esconder? Não tenho certeza, mas eles não vão me levar. Não sem uma luta.

— Aurora? — Jayden estalou os dedos na frente dos meus olhos. — Aurora? — Ele estudou o meu rosto. — Ela parece ter ficado em uma espécie de estado catatônico. Ela está muito pálida.

Logan deu um soco no braço de Jayden. — Nós não íamos dizer a ela que nós sabíamos!

— Como iríamos pedir sua ajuda enquanto fingíamos que ela não é a Divinicus? — Disse Jayden.

— Eu não sei, você disse que tinha um plano!

— Sim. Confiná-la no carro e depois revelar que sabíamos seu segredo.

— Oh, pelo amor... — Logan gemeu. — Blake poderia ter planejado algo melhor.

Minha fuga tinha sido apenas uma ilusão provocada por meu pânico. Eu estava respirando? Não importava. Eu tinha que me *mover*. Desta vez eu consegui chegar na janela, o vento batendo o meu cabelo contra o meu rosto, as linhas do asfalto desfocando debaixo de mim.

O carro guinchou e derrapou. Jayden agarrou minha cintura e me puxou de volta para dentro, pairando sobre o banco traseiro para me prender no lugar.

— *Blake*? — Eu mal podia respirar. — Para quem mais você contou? Porque você não deveria, porque... — eu ri, bem, mais um barulho de arquejo já que o ar estava escasso — Vocês são loucos, já que o Divinicus... er... ou é Divinic..i? Sempre são meninos, e eu tenho certeza que agora Jayden pode confirmar que eu sou uma menina, e eu posso explodir



demônios e um Divinicus não pode fazer isso, o que significa que eu não sou isso, então você pode cancelar a equipe de extração Mandatum porque será um desperdício de tempo.

— Ela está tagarelando. — Jayden disse para Logan.

— Porque você a assustou. Da próxima vez eu lido com isso. — Logan suspirou e pegou o meu olhar pelo espelho retrovisor. — Aurora, eu sinto muito sobre o modo de agir de Jayden.

Jayden me liberou e voltou ao seu assento com uma bufada. — Meu modo de agir foi bom.

— Aurora, apenas Jayden e eu sabemos. Ele descobriu quando...

Jayden cortou — Minhas suspeitas foram *confirmadas* quando ela me salvou durante a briga com Fiskick e Echo na sala de concertos, mas antes disso...

— Sim, nós entendemos, você é um gênio — Logan disse, então me disse. — Eu escutei o Kalifera chamar você de Divinicus antes de matá-lo. Mas nós não contamos a ninguém. O resto dos meninos não podem saber, assim eles poderão ter negação plausível no caso de sermos pegos escondendo você e o Mandatum proporcionar consequências. Nós não contamos a Cacciatori então não há nenhuma equipe de extração, mas temos que nos livrar da ameaça de Rose. Ele sabe o que você é?

Depois de uma pausa, eu concordei. — Prometeu não contar enquanto eu ajudasse a pegar sua irmã.

— Como se ele pudesse ser confiável. — Logan soltou um longo suspiro. — E se ele sabe, os demônios com quem ele está trabalhando provavelmente sabem também. Mas se encontrarmos os demônios e pegar a irmã dele, nós podemos acabar com toda essa situação. É um tiro no escuro, mas... você pode confiar em nós e nos ajudar a rastreá-los?

Bem, são tantas opções tentadoras. Eu afundo no meu lugar e resmungo. — Não.

A esperança nos olhos de Logan se apagou.

— Não é porque eu não quero, mas porque eu não posso. Não há nenhum controle. Eu só encontro demônios quando eles estão dentro de um determinado intervalo. E quando eu digo *encontrar*, eu não estou



procurando, eu de repente tenho a visão e sei exatamente onde estão e como chegar a eles. Ou, na maioria das vezes, eles vêm atrás de mim. Tipo o Fido.

Logan apertou os olhos. — Fido?

— O contrato de sangue de demônio — eu disse.

— Você deu um apelido a ele?! — Jayden disse. — Oh, Aurora, isso é perigoso!

— Até que ponto é o seu alcance? — Logan perguntou.

Dei de ombros. — Alguns quilômetros? Geralmente menos.

— Eu posso trabalhar com isso. — Jayden concordou.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

Eu me contorci. — Isso não está funcionando.

Jayden apertou os lábios. — Porque você não está criando um estado tranquilo.

— Porque eu pareço com o Frankenstein. — Eu levanto minhas mãos, arrastando os fios que estão presos em todo os meus braços, cabeça, pescoço e peito com pequenas ventosas. Algumas piscavam com cores brilhantes neon.

Eu estava sentada em algo parecido com uma cadeira de dentista na sala secreta na casa Ishida. O espaço estava separado para duas funções. Na outra extremidade, sem janelas, o espaço retangular abrigava uma extensa variedade dos mais modernos computadores. Os monitores alternavam diferentes cenas das câmaras de vigilância em volta da cidade, e algumas tinham documentos aleatórios deixados abertos. A outra metade onde eu estava sentada foi transformada em um laboratório de estação espacial intergaláctico digno da NASA.

O teto era de dois andares como na sala de jogos, mas em vez de anéis de ginástica balançando encaixados acima, vários tubos de todo tipo de equipamento extraordinário ziguezagueavam transversalmente em linhas puras.

Os aromas estranhos das porções de arco-íris estavam constantemente borbulhando em frascos sobre os bicos de Bunsen que sempre faziam meu nariz franzir. Frascos de vidro mantendo... espécimes, e partes de espécimes. De variedade sobrenatural. Eu tentei não estudá-los muito de perto porque os itens bizarros e grotescos, que vinham com garras, entranhas, órgãos internos, e coisas com muitos olhos mortos — que eu juro que eu vi piscar — me deixaram louca. Me chame de medrosa.

Infelizmente, agora eu me senti como uma delas.

Jayden me deu um olhar perturbado, em seguida, abriu um refrigerador e olhou para o monte de frascos.



— Talvez um sedativo ajude.

— Nooope. — Eu comecei a levantar.

Logan colocou a mão no meu ombro. — Jayden!

— Tudo bem. — Jayden pegou um béquer, despejou um líquido espesso e escuro em uma pia, adicionou água, então me ofereceu, bolhas melosas de verde azeitona flutuando no topo. — Talvez hidratação possa ajudar?

— Ew. — Eu acenei para ele afastar, mantendo um olhar atento sobre as duas paredes longas. Ambas tinham portas escondidas. Uma leva para a sala de jogos, e a outra abre diretamente para o quarto de Ayden.

— E se os meninos aparecerem aqui?

— Não há ninguém por perto — Logan me assegurou.

— Relaxar é essencial para a meditação, Aurora, — disse Jayden. — A tensão do seu poder Divinicus nunca cessa. Ela constantemente examina seu ambiente no... fundo de sua mente.

— Como no seu computador — eu digo. — O antivírus está sempre fazendo escaneamentos, mas você não vê.

— Exato — Jayden parecia satisfeito. — Atualmente, você só percebe isso quando localiza um demônio. Um bip no seu radar, em termos banais, e apenas quando um demônio está muito próximo. Hoje, no entanto, tentamos fazer você não só perceber o poder do escaneamento, mas efetivamente procurar no ambiente, expandir o parâmetro, e se concentrar em um alvo definitivo.

— Nossa, parece simples. — Nós não tínhamos nenhuma chance de conseguir.

— Apenas tente limpar sua mente. — Logan começou a abrir gavetas. — Nós podemos colocar o scanner cerebral para ajudá-la a relaxar.

— Não é um "scanner cerebral", mas, sim, poderíamos usar o aparelho para induzir um lugar plácido. Deveria estar aqui, mas... — Jayden fez um grande gesto para um armário e franziu a testa. — Ayden vêm usando ele.

Ele cruzou o espaço e colocou a mão em um painel ao lado da porta do quarto de Ayden e apertou um botão. A porta na parede abriu.



Jayden começou a andar para dentro. Em seguida, congelou. O quarto não estava vazio.

Ayden estava sentado de pernas cruzadas em sua cama plataforma rodeado por vários livros parecendo antigos que estavam abertos como se ele estivesse estudando para um teste sobre história arcaica. De uma tigela no colo, ele pegou alguns grãos de milho e os jogou no ar. Fogo *sibilou* de seu dedo, os milhos estalaram em tufos brancos e macios, ele inclinou a cabeça para trás, e os pegou com a boca.

Uau. Tanto para sua reunião de alto nível, super importante e estressante no Mandatum. Ele era tão cheio de si.

Os olhos de Logan se arregalaram, e ele entrou com sua forma pequena na minha frente.

Jayden gaguejou — O... o que você está fazendo aqui?!

— No *meu* quarto? Que gênio você. — Ayden continuou esquentando os milhos e capturando-os com a boca. Eu ficaria impressionada se eu não estivesse tão incomodada. — Papai enviou a mãe para a cidade para pegar mantimentos de emergência. Seja lá o que for isso. Então, se você quer algo, ligue para ela.

— Papai está em casa? — Jayden desapareceu dentro do quarto de Ayden.

— Ligou do escritório. Eu acho. Por que você está pegando o scanner cerebral?

— Sim, sim, vou pegar. — Jayden correu de volta para o laboratório segurando algum tipo de capacete feito de fio de prata, trançado com tentáculos espirais e espigões cutucando do topo.

Sim, aquilo não ficaria na minha cabeça.

Embora eu felizmente quisesse colocá-lo em Ayden. Grande mentiroso.

Ayden me viu e deu uma guinada para cima, esquecendo a tigela em seu colo. Milhos voaram. — Aurora! O que você está fazendo aqui? — Ele pulou da cama e se dirigiu para nós, estreitando os olhos para o irmão. — Jayden, o que quer que você esteja tentando, não *se atreva.*



Logan bateu a mão no painel na parede e a porta fechou na cara de Ayden.

Eu olho com raiva. — Você disse que ele tinha ido embora!

— Ele deveria estar com...

A porta abriu e vimos Ayden brevemente antes de Logan dar um soco no painel e Ayden ter que saltar para trás para que a porta não batesse nele enquanto fechava novamente.

De dentro de seu quarto, Ayden bateu com o punho na parede. — Sério?!

— Tranque as portas. — Logan ordenou.

— Estou *realmente* relaxada agora. — eu disse secamente.

— Coloque nela. — Jayden jogou o capacete para Logan, em seguida, digitou em um teclado. — Está programado.

— Uau. — Eu levantei as minhas mãos. — O que é isso...

Logan o colocou na minha cabeça.

Minha respiração bateu no meu peito. Um suave zumbido soava sobre o meu couro cabeludo e o mundo em torno de mim diminuiu. A batida de Ayden na porta foi de pancadas rápidas às lentas, como batidas de um gongo. Os movimentos de Logan pareciam ficar atrasados por um segundo ou dois. Muito confuso.

— Tuuudo bem. Você está seguuura. — As palavras de Logan estavam distorcidas, lentas, prolongadas. — Agooora, feche seuuus olhos e se coooncentre. Tente peeensar em Rose. Veja se você pooode... — Sua voz de desvaneceu.

Então Logan bateu com um machado na minha cabeça.

Pelo menos parecia assim. Dor. Cortando meu crânio. Explodindo massa encefálica. Eu queria correr, mas não podia me mover. Queria gritar, mas não podia emitir um som. Eu estava amarrada a um dispositivo de tortura sem meios para escapar. Isso estava me matando.

— Você deve repor na cabeça dela, — Jayden parecia aborrecido.

A dor desapareceu. A maior parte dela de qualquer maneira. A dor surda ainda sombreava em meu crânio. Eu poderia aguentar. Minhas pálpebras, pesadas como concreto, se abriram.



— Ela estava fazendo barulhos estranhos. — Logan abraçou o capacete ao peito, fora do alcance de Jayden. — E você disse que isso estava fazendo seu cérebro morrer!

— Eu disse que os computadores não tinham qualquer leitura da atividade neurológica dela.

— Sim. — disse Logan. — Morte cerebral.

— Eu não estou com morte cerebral. — Eu arranquei as ventosas e fios com um *pop pop pop.* — Ai! Mas ficarei se você colocar essa coisa em mim novamente. Isso *dói*.

— Vê? — Logan abraçou o capacete mais apertado.

— Quem está morto?! — A voz de Ayden estava abafada pelas paredes, seguida por batidas furiosas. — Abra a porta!

Jayden trouxe seu rosto perto do meu e levantou minhas pálpebras. — Descreva o desconforto.

— *Desconforto?* — Eu o empurrei e deslizei da cadeira, pegando o capacete de Logan. — Me dê essa coisa e não se atreva a tentar de novo!

Luzes vermelhas brilharam. A tela do computador encheu com um triângulo vermelho gigante piscando a palavra “SOBRECARGA!” no centro. Mais batidas. Desta vez, na porta da sala de jogos.

A voz de Logan subiu. — Ayden está usando a senha administrativa para entrar.

Jayden correu para o outro lado da sala e começou a apertar botões. — Mas Ayden não possui a senha administrativa. Apenas mamãe e...

A porta da sala de jogos abriu e uma forma alta saiu das sombras.

— Pai! — Jayden gritou.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

Mesmo sem Logan me dando um gesto frenético de *Fique quieta!* — eu sabia que não devia dizer uma palavra. Como poderíamos explicar a minha presença na sala secreta? Com um scanner cerebral? Mas nós tínhamos que planejar alguma coisa porque assim que o Ishida Pai entrar, nós estaremos encrencados.

Vento correu pela sala. Papeis flutuaram como a neve. Um forte vendaval soprou um socou na minha barriga e me lançou no ar. Minhas costas bateram contra o teto, batendo a minha cabeça em uma tubulação.

Alguém disse em voz alta — Ahhh, ahhh!

Vidro quebrou abaixo. Eu comecei a cair. Algo brilhou. Uma dúzia de facas de caça voaram, rasgaram minhas roupas, e se enterraram no teto, efetivamente me segurando no lugar. Eu olhei para o meu corpo. As facas atingiram apenas o tecido, delineando a minha forma, mas sem pegar em nenhuma pele. Com um olhar mais atento, eu vi que as lâminas eram brancas e brilhantes. Água congelada.

Lâminas de gelo. A arma preferida de Jayden.

Eu ainda tinha o capacete em uma das mãos. Gravidade me puxou para baixo. O tecido esticava conforme meu corpo cedia para o chão. Eu apertei meu abdômen e empurrei minhas costas contra o teto, enganchando meus dedos do pé sob um tubo e tateando com a outra mão que não segurava o scanner cerebral. Eu não podia fazer isso para sempre, mas com o pesado treino psicológico de Blake, eu devo ter força para aguentar por um tempo. Só tinha que ter um controle sobre a minha vertigem.

— Quando eu virei *Pai*? — O Sr. Ishida entrou apressado e se dirigiu para os computadores.

Não precisava adivinhar de onde Ayden puxou aquele físico e aquelas maçãs do rosto. O Sr. Ishida era um cara de olhar afiado. Os cabelos negros estavam com gel para trás e terminavam em cachos na nuca de seu



pescoço. Ele tinha um bigode negro bem aparado que se curvava em uma linha fina, diretamente aos lados de sua boca e que levavam até uma barba curta que cobria seu queixo pontudo.

Seu terno ébano e impressionante camisa branca de botão parecia feito sob medida, e dava a ele a aparência de um legal e concentrado CEO. Ou um vilão desagradável e inteligente. Até que ele sorriu. Então seus olhos negros de carvão brilharam, e ele parecia adorável e inofensivo.

— Pai. Ha. Ha. — Jayden estava fazendo um grande esforço para não olhar para mim, os polegares estalando e deslocando em um ritmo rápido. — Apenas uma tentativa fracassada de humor. *Pai.*

— Fracassada não. — Sr. Ishida sorriu gentilmente. — Eu só estou distraído. Desculpe. — Ele bateu em alguns papéis que voaram para o seu rosto. — Logan, o que é tudo isso?

— Eu... eu espirrei. — Logan escondeu sua expressão de pânico sacando seu lenço e limpando o nariz. Os papéis restantes caíram no chão.

— Oh. Saúde. Agora, eu tenho alguns problemas a resolver. Preciso de privacidade. O que aconteceu aqui? — Sr. Ishida se curvou. O béquer com a água que Jayden tinha me oferecido anteriormente tinha quebrado sobre o chão de ladrilhos. — Não se preocupem — disse ele e espalmou a mão sobre a confusão irregular.

Os cacos brilhantes de vidro tremeram e se contraíram, então, como lascas de metal que reagem a um ímã poderoso, saltaram no ar e pairaram abaixo de sua palma. Ele esfregou o polegar contra seus dedos em um movimento circular. Os pedaços de vidro giraram no ar com um *tilintar* macio, em seguida, juntaram-se, retornando a seu estado original. O Sr. Ishida virou a palma para cima e o copo agora sem danos flutuou em sua mão.

— Perfeito. — disse ele e depois de uma inspeção mais minuciosa, jogou-o para Jayden. — Sejam mais cuidadosos, rapazes.

Okayyy. O Sr. Ishida tinha... Poderes de supercola? Isso era novo.

— Ei, vocês têm algo a ver com as fontes termais? — Sr. Ishida sentou-se em frente às telas de computadores e começou a digitar.

— Que fontes termais? — Logan disse.



— Elas estão por toda a montanha — Sr. Ishida disse. — Estiveram adormecidas por décadas, mas Reece disse que todas as que estão na fazenda dele de repente começaram a borbulhar novamente. Pegue Ayden, vão encontrar Blake, e vão até lá. Meu negócio pode demorar um pouco, por isso, é melhor vocês irem.

Ótimo. Meus músculos já estavam queimando, e as facas de Jayden estavam molhadas. Quanto tempo antes que elas derretessem?

Jayden e Logan atiraram um olhar um para o outro. Eu não podia dizer quem estava mais pálido.

— Não! — Logan disse bruscamente.

Jayden assentiu como um boneco bobble head, seu cabelo saltando de forma irregular. — Talvez seu escritório seja mais adequado.

E já que parecia não ter gente suficiente, Jocelyn Ishida, uma pequena versão feminina de seus irmãos mais velhos por um ano, deslizou para dentro do laboratório. Ela tinha uma estrutura óssea impecável, pele perfeita, e uma cascata brilhante de cabelo cor da meia noite, que no momento estava torcido em uma complicada trança espinha de peixe. Ninguém imaginava que Matthias tinha uma paixão secreta por ela. Felizmente, a pobre moça não tinha a menor ideia.

— Ei, Pai, posso ir ao cinema com Ashley hoje à noite?

— Saia! — Jayden empurrou sua irmã.

— *Saia você*. — Jocelyn rodopiou passando por seu irmão e deslizou para dentro da sala.

Jayden agarrou-se a ela.

Meus músculos gritavam por liberação, e as lâminas de gelo estavam definitivamente começando a derreter, as gotas de água escorrendo para baixo e pendurando-se com tremenda antecipação nas extremidades das facas.

— Vão para fora. — O Sr. Ishida soou exasperado e começou a abrir gavetas. — Jocelyn, você pode ir se levar um de seus irmãos com você.

Os tubos que eu estava usando para ajudar a me segurar deslocaram-se de repente. Meu peso adicional deve ter soltado seja o que for que estava mantendo-os no lugar, então eu soltei. As lâminas de gelo continuaram



me segurando, mas o movimento libertou várias das gotículas precárias de água que se penduravam em suas bordas.

Jocelyn e Jayden estavam em uma estrondosa briga diretamente debaixo de mim, mas ela parou e gemeu para o pai dela. — Sério? Ugh! Eles arruínam cada... — Ela se encolheu, e parou para limpar seu rosto. — Que diabos?

Ela olhou para os dedos, estudando a água que caiu das lâminas derretendo em seu rosto. Sua cabeça girou ao redor.

— Nada! Não! — Jayden tentou empurrá-la para fora outra vez, mas ela girou para longe dele e, em seguida...

Jocelyn olhou para cima.

— Oi — eu murmurei. Acenei. Parecia a coisa educada a se fazer.

As facas pingavam em torno do meu braço. Meu corpo inteiro deu uma guinada. Eu deixei cair o capacete. Minhas mãos se debateram, tentando alcançar o capacete antes de ele cair no chão, mas as mãos de Jayden sacudiram e as facas voaram de volta para cima, prendendo o meu braço conforme elas esfaqueavam minha camiseta contra o teto e me prendiam mais uma vez.

O capacete continuou sua descida. Eu assisti, enquanto ele rolava em lenta queda livre. Eu me encolhi, prendendo a respiração. Logan mergulhou para pegá-lo.

Ele errou.

Porque Jocelyn pegou.

Ela ficou boquiaberta com o capacete nas mãos. Então olhou para mim. Depois para os meninos, que estavam gesticulando tanto para ela ficar quieta que você pensaria que eles estavam golpeando um enxame de abelhas assassinas.

— Todos para fora! — De uma gaveta, o Sr. Ishida pegou um pedaço circular de metal cinza do tamanho e formato de uma coroa. Tinha bordas recortadas afiadas no topo com espigões e algum tipo de pregos ou joias ao lado. Qual era a coisa com todos esses capacetes bizarros? O armário tremeu quando ele fechou as gavetas. — Estou interceptando uma chamada. Eu preciso desligar o Holocom antes de chegar ao fim.



Um zumbido suave vibrava no ar.

Jayden praticamente bateu o pé. — Uma chamada de quem?

Como isso poderia piorar?

Uma voz ofegante de mulher reverberou por toda a sala. — Madame Cacciatori. Paris.

Desse jeito.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

— Filho de uma... — O Sr. Ishida bateu a coroa de metal em cima do balcão com um *estrondo* violento, se levantou com um pulo, e abotoou o paletó, apunhalando um dedo de advertência a seus filhos e Logan, seu tom de voz como um fio de navalha. — Sem. Uma. Palavra.

Sophina Cacciatori, a caçadora Mandatum encarregada de rastrear o Divinicus Nex, e uma das pessoas com maior poder de arruinar a minha vida, apareceu.

Olhando de perto, sua forma era um pouco transparente e um pouco brilhante, devido a alguma ciência Mandatum mágica chamada Holocom que transmitia sua imagem 3D através do espaço em tempo real, e em forma de holograma. Neste caso, enquanto a víamos aqui, ela estava realmente em Paris, França.

Mas isso não me fez ficar menos aterrorizada.

Não que ela parecesse assustadora. Na verdade, ela era uma mulher atraente em algum lugar em seus quarenta anos, com características fortes e uma risada gutural que eu achei bastante contagiante. Seu cabelo castanho espesso estava puxado para trás em um rabo de cavalo baixo, e ela usava uma jaqueta ajustada sobre um vestido claro que fracamente deslizava em sua figura voluptuosa e mostrava suas, como Blake sempre lembrava — ótimas pernas.

Parecendo furioso, Ayden voou através da porta da sala de jogos, de boca aberta e pronto para reclamar. Ao ver Cacciatori ele parou, os olhos arregalados. Jayden o puxou, mas Ayden não parava de olhar em volta, inclinando-se, tentando olhar debaixo dos móveis, até mesmo abrir um armário de uma maneira despreocupada.

Jocelyn sorrateiramente bateu no braço dele, balançou a cabeça para cima, em seguida, apontou. Ayden ergueu o olhar, e quando ele finalmente me viu pendurada, ele parecia positivamente doente. Ele fechou os olhos brevemente, engoliu em seco e olhou fixamente para Cacciatori.



— Meu Deus! — Madame Cacciatori exclamou com um sotaque italiano pesado e sorriu largamente ao redor da sala. — Eu estou sendo agraciada com uma ampla audiência.

Você não tem ideia.

Os rapazes e Jocelyn permaneceram em silêncio, obedecendo às ordens do Sr. Ishida. Certo. Sorriam e acenem meninos, sorriam e acenem.

— É sempre um prazer, Madame. — Sr. Ishida deu um aceno diferente. — E, por favor, aceite minhas desculpas. Como eu disse ao seu assistente, uma visita tão particular... um membro tão importante e extremamente ocupado da sociedade, é um desperdício de seu tempo valioso. Minha esposa não está aqui e atualmente está inacessível, mas vou transmitir o seu pedido assim que eu puder.

Os rapazes trocaram um olhar cauteloso.

— Eu é que devo pedir desculpas pela intromissão. — Cacciatori disse agradavelmente. — Eu simplesmente temia que o meu assistente talvez não traduzisse a natureza extrema das circunstâncias e o quanto sua esposa é necessária. Ele mencionou que Donal Jensen foi visto? Uma ocorrência extremamente rara e uma oportunidade que não podemos deixar de aproveitar. Como você sabe, a ordem direta do conselho para matar a primeira vista ainda está em vigor. Ele é considerado uma ameaça muito perigosa.

— Sim. Seu assistente transmitiu a gravidade da situação de forma eloquente, eu lhe garanto. — Sr. Ishida cruzou as mãos atrás das costas. — Assim que eu estabelecer uma comunicação, tenho certeza que minha mulher vai responder prontamente ao seu pedido. Como ela sempre faz. Agora, se você me dá licença?

— Sim, claro.

Obrigado, Senhor.

Sr. Ishida tinha o dedo sobre um botão quando Cacciatori o deteve e se virou para os meninos. — Mas eu tenho uma pergunta para os jovens caçadores.



— Certamente. Jocelyn, vamos embora. — O Sr. Ishida deu aos meninos um olhar de advertência, em seguida, saiu com sua filha, um braço protetor envolvido em torno de seus ombros.

Meu corpo cedia, músculos perdendo a batalha contra a contração. O suor escorria do meu rosto. Água pingava das facas. Um ou dois pingaram sobre a cabeça de Ayden. Ele se contorceu, sua mão pulou para o seu couro cabeludo, mas ele se deteve de olhar para cima, e escondeu o movimento correndo os dedos pelo cabelo.

— Vocês já tiveram algum progresso nos arquivos Flint? — Cacciatori perguntou.

— Nenhum, Madame. — Ayden mentiu sem hesitação.

— Lamentável. — Ela bateu os nós dos dedos no queixo. — Mas ainda há esperança. Quando conseguirmos reativar o rastreador, vocês serão notificados imediatamente.

Os meninos enrijeceram, mas mantiveram os olhos em Cacciatori.

Depois de um longo segundo, Ayden disse — Rastreador? — Colocando um propósito para toda a coisa de repetir que ele gostava de fazer.

— Rastreadores foram eletronicamente embutidos nos arquivos. Uma medida de segurança padrão com os nossos documentos mais importantes. — Cacciatori inclinou a cabeça para o lado. — O Padre Bancroft não contou isso a vocês?

Eu parei de respirar. Rastreadores do tipo, rastrear os arquivos? Aqui? Até nós? Eu não sabia onde os meninos colocaram os arquivos de Flint, mas os documentos tinham que estar em algum lugar perto. Eles estiveram no meu gramado! Se o Mandatum poderia acompanhar o seu progresso, identificar todos os lugares onde esteve, eu estava ferrada. Nós estávamos ferrados.

— Não. — A voz de Ayden estava tensa. — Padre Bancroft não deve ter tido a oportunidade de mencionar isso já que a nossa reunião foi interrompida. — Seus olhos deslizaram para Jayden e Logan. — Devido a uma questão urgentemente inesperada.

Como o meu sequestro. Ótimo.



— Que dados você recuperou antes do rastreador se tornar inoperável? — Jayden disse.

— Viajou para o oeste — Cacciatori disse. — Ao longo do Atlântico, na direção dos Estados Unidos.

Jayden interveio rapidamente — Ou no Canadá ou América do Sul, ou até mesmo...

— É verdade — ela concordou — mas teremos respostas em breve. Os arquivos desapareceram do meu posto aqui em Paris, por isso é uma afronta pessoal, e devo corrigir isso sozinha. — Seus olhos brilhavam sombriamente. — Como você sabe, eletrônica é meu... *forte*, por isso mesmo se os arquivos e o rastreador forem destruídos, posso traçar o espectro do caminho que eles viajaram até então. Vamos ter respostas em questão de dias.

— Uau, impressionante — Ayden sorriu largamente. — Quantos dias seria isso?

— Quatro. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Cinco, talvez, mas somente se a pessoa que o moveu for de habilidade suprema. E se Gossamer Falls for o destino, equipes de apoio tático podem estar à sua porta em questão de horas.

Yeah. As boas notícias são que eu não preciso me preocupar com um rebanho de demônios no meu caminho nesse período.

Cacciatori virou em um círculo lento para examinar o quarto. — Eu vejo, talvez, que vocês podem usar várias das nossas últimas atualizações. — Seu olhar permaneceu no nível dos olhos ou abaixo. No início. Em seguida, começou a levantar. Mais e mais e...

Meu corpo tremeu. Eu senti os olhos dela vindo para mim.

— Você sabe o que?! — Ayden disse bruscamente.

Blake irrompeu na sala. — Madame Cacciatori!

Matthias entrou com Blake e notou Logan gesticular sutilmente com o queixo para cima. O Australiano olhou para cima. Seus olhos se tornaram lascas de gelo. Seu pé ficou na frente do tornozelo de Blake, e ele deu uma cotovelada sutil nas costas dele.



Blake estava sorrindo para Cacciatori. — Você é uma visão de beleza e... Oh! Omph!

E a montanha veio abaixo.

Impulso tomou posse de seu corpo maciço, e agitando os braços, Blake tropeçou e rolou e não mostrou sinais de que ia parar. Como uma bola sobrecarregada em uma máquina de pinball, ele bateu em bancadas, derrubou equipamentos, atirou documentos para o ar, enviou cadeiras de rodinhas disparadas através da sala para bater em mesas e armários, chacoalhando frascos e copos, e ressoando em microscópios e aparelhos que pareciam muito caros.

Houve um *som estridente* e uma enxurrada de ruído, e quando ele finalmente bateu no chão, a imagem holográfica de Madame Cacciatori gaguejou e sumiu.

Blake se sentou, fez uma careta, e enfiou uma mão debaixo de sua bunda. Ele puxou a coisa de metal que tinha perdido algumas das peças anexadas ao lado, o topo estava dobrado, e a forma circular estava seriamente deformada.

O Sr. Ishida entrou correndo. — O que aconteceu?

Blake disse timidamente — Desculpe, pessoal, acho que quebrou. — Ele apontou para Matthias. — Ele me empurrou!

— Desculpas? — Sr. Ishida respirou fundo, segurou a mão de Blake e puxou-o para cima. — Você... é, — seu rosto abriu-se num sorriso radiante — brilhante! — Ele agarrou os lados da cabeça de Blake e beijou sua bochecha.

— Eu sou?

— Pai, nós podemos consertar — disse Ayden.

— Não! — O Sr. Ishida estalou. — Não toquem em nada. Bem, limpem, mas o Holocom permanece quebrado. Entendeu? — A meio caminho da porta, ele parou, uma mão segurando a moldura. Seu rosto vacilou. — Nem uma palavra para sua mãe. Não atenda as ligações de Cacciatori. Eu vou sair para falar com Bancroft. Nós vamos pensar em algo. Os Grants podem ter morrido naquela miserável missão, mas... Eu tenho que concordar com Tristan nisso, os avós dele são loucos.



Concordo plenamente.

Depois que ele saiu, a porta fechou, as facas se desintegraram, e eu despenquei no chão.

Uma rajada de vento parou o impacto da minha queda e eu cai nos braços de Ayden. Ele me deu um sorriso brincalhão. — Vem por aqui muitas vezes?

— Ha ha. — Eu me contorci.

Ele apertou os braços em volta do meu corpo e me abraçou, sussurrando em meu ouvido. — Sobre mais cedo. Nós precisamos conversar.

Não, obrigado! Não estou pronta! Com um giro duro, eu me livrei de seus braços, e cai nada graciosa de barriga no chão duro. Não que cair de barriga no chão seja gracioso. Minha menor preocupação agora. Ouch.

Ele olhou para mim, divertido. — Acho que você não quer falar agora?

— Ou nunca — eu estremeci.

Ayden se inclinou para me ajudar a levantar, mas Jayden o empurrou para fora do caminho. — É claro que ela não quer falar sobre isso.

Ayden franziu a testa. — Você nem mesmo *sabe* sobre o que nós estamos falando.

— Eu assumi que você estava indo emboscá-la com uma enxurrada de perguntas sobre os testes que estávamos fazendo. Os quais são simplesmente de rotina. — Jayden me pegou e estava espanando o meu corpo.

— Jayden, está tudo bem. Não... — usei meus braços para bloqueá-lo. — Não, não os... — Não os seios, Jayden, não os seios. Deus, ele era burro.

— Então, por que todo esse segredo? — Ayden bateu as mãos de Jayden para o lado. — Pare de tocá-la.

Jayden fez uma careta. — Eu deveria procurar por lesões já que você acabou de derrubá-la.

— Sem apalpação. — Ayden estalou. — Eu não a deixei cair, ela... pulou. Mais ou menos.



Jayden deu a seu irmão um olhar de desaprovação. — Uma vez que você provou ser inepto para a tarefa, talvez eu deva assumir como o namorado dela.

— O quê? — Ayden e eu dissemos ao mesmo tempo.

Logan correu para afastar Jayden e me conduziu para longe. — Não dê ouvidos a ele. Ele esteve lendo livros de relacionamento, ah, para melhorar suas habilidades sociais e pensou que poderia usar Aurora como teste. — Logan fez um barulho exasperado. — Eu disse a ele que era estúpido.

Jayden pareceu ofendido. — Eu nunca...

— Jayden! — Logan apontou para a tela do computador que monitorava a sala de jogos. Jocelyn estava olhando diretamente para a câmera. — Eu acho que nós temos coisas mais importantes para nos preocupar agora.

Jayden estreitou os olhos para sua irmã. — Sim, a violação da segurança.



CAPÍTULO QUARENTA

Dentro do pub de madeira dos Ishida na sala de jogos, você pensaria que precisaria de uma maldita motosserra para quebrar a tensão.

Situado na parte de trás da casa, no segundo andar, o teto abobadado e a janela na parede ofereciam vistas deslumbrantes sobre o lago e as montanhas, atualmente embaçados por uma ligeira garoa sobre a vista. O clima espelhava os tons sinistros na sala. Um vento frio uivava, guiando as nuvens escuras cor de ardósia e asfalto, engrossando o ar com um perfume de terra molhada agitando através das várias portas abertas e para a varanda coberta.

O adverso clima ao ar livre deixava a sala ainda mais convidativa com seu mobiliário estofado e oportunidades de entretenimento sem fim. Desde a mesa de bilhar esculpida de mogno, à redonda mesa de jogos coberta de feltro no centro, até os alvos dos dardos, as máquinas de pinball, um jukebox, caixas de som e o sistema home theater, além de uma TV de tela grande com uma coleção épica de jogos e filmes.

Mas, no momento, ninguém se importava.

Sob o retangular abajur vitral da Tiffany acima da mesa de bilhar, Blake reunia as bolas coloridas em suas mãos, em seguida, as ricocheteava através do feltro. Elas retumbavam e faziam um ruído agudo como trovões e relâmpagos ameaçando entrar em erupção como se a tempestade estivesse chegando.

Por trás do brilhante bar de bronze, Matthias estava em sua segunda — não, terceira — garrafa de Milo[8] — sem se preocupar em pegar o seu copo de costume nas prateleiras na parede espelhada atrás dele. Jayden estava estalando os polegares com estaladas molhadas conforme ele balbuciava mais e mais, e Logan suavizou sua gravata tantas vezes que estava faltando uma camada de tecido.

[8] Bebida achocolatada.



Sentei no sofá entre Jayden e Logan. Cuidando para evitar os olhos de Ayden. E *aquele* sorriso.

Tia M estava certa. Eu era uma bagunça quente. Melhor manter minha distância. Abracei a mim mesma, esfregando meu bíceps.

Quase imediatamente, eu ouvi alguém fechar as portas francesas da varanda cortando o vento frio, vi as madeiras na lareira estourarem rugindo em chamas, e senti um cobertor de lã sendo colocado delicadamente sobre meus ombros. Mãos quentes escovaram meu pescoço quando elas levantaram meus longos cachos e colocaram o material macio contra a minha pele.

Tanto para manter distância.

Os dedos de Ayden apertaram meus ombros. Lutando contra o desejo de colocar meu rosto em sua mão, meu corpo ficou tenso. Ele fez uma pausa, em seguida, parou o seu toque, e apesar do cobertor quentinho, eu tremi. Como se alguém acendesse o forno, o calor de repente irradiava através do espaço e aquecia minhas costas.

Fechei os olhos. Confusão quente. *Definição* de confusão quente.

— Jayden, pare. — Jocelyn levantou uma mão delicada brilhando com anéis. — Você está fazendo aquela coisa de falar em círculos usando grandes palavras que ninguém entende na esperança de que desistam de perguntar e vão embora. — Ela caiu graciosamente em uma cadeira de couro estofado. — O que eu entendi é que ela vê demônios, mas ninguém pode saber, porque há uma ameaça. Você tem que protegê-la e eu tenho que manter minha boca fechada.

Jayden parecia irritado. — Afirmativo.

O olhar de Jocelyn desviou de mim para Ayden. — E você é o guarda-costas dela, não namorado?

Oh, obrigado por apontar isso.

— Sim, — eu disse antes que Ayden tivesse chance, esperando que eu não parecesse tão miserável como eu me sentia.

O calor nas minhas costas desapareceu. Logan e Blake me lançaram olhares estranhos.



— Sério? Vocês dois parecem... aconchegantes. — Jocelyn girou uma de suas tranças em seus dedos e franziu a testa para o irmão. — Então Ayden, por que você...

— Joce! — A advertência severa de Ayden chicoteou através da sala. Ela se encolheu. — Perguntas demais. Nós temos alguns sérios problemas com o Mandatum. Você sabe que a família quer você fora do negócio. É muito perigoso. Mesmo papai teve que mentir para proteger a mãe. *Mamãe*! De todas as pessoas.

— Claro, eu nunca faria nada para machucar Aurora. — Jocelyn disparou para Ayden, em seguida, sorriu para mim. — Você salvou a minha vida na história do Echo. Vou manter minha boca fechada. Além disso, vai ser bom ter uma menina por perto para conversar. Ajudar a lidar com esses idiotas. — Ela olhou com raiva ao redor da sala. — Mas vocês sabem que eu odeio ser deixada de fora dessas coisas! Eu sei mais sobre o Mandatum do que Blake!

— Ei! — Blake protestou.

— Tudo bem. — Jocelyn vibrou os cílios grossos para o grandalhão. — Quais são os nomes dos membros do Alto Conselho?

Blake jogou uma bola branca no ar. — Ahhh...

Matthias revirou os olhos. — Cara, vamos lá! Você tem que saber. São sete *líderes* do Mandatum!

— Eu sei. — Blake bateu os dedos contra a sua cabeça. — Me dê um segundo. Tem uma garota loira.

— Essa era a assistente. — Logan suspirou.

— Tem a Madame Cacciatori, — Blake disse com confiança.

— Não! — Matthias bateu sua lata. — Ela não está no Alto Conselho. Ela responde diretamente a eles. Ela está na Divisão de Inteligência. Executa a Força Tarefa Divinicus. Você tem que saber um nome.

Com o silêncio de Blake, Matthias desistiu com um rosnado.

— Viu? — Jocelyn sorriu.

As portas para a sala de jogos se abriram.

— Meu pai! — Tristan ofegava. — Ele está desaparecido!



CAPÍTULO QUARENTA E UM

— Você não está fazendo nenhum sentido. — Matthias disse enquanto o resto de nós seguia um Tristan frenético para a sala secreta. Jocelyn tinha saído rapidamente, prometendo ficar em casa esta noite.

— Sério? — As sardas de Tristan se destacaram contra sua pele pálida. — Que parte de "meu pai foi sequestrado" você não entendeu?

Para mim? Não muito. Já que esta era a primeira vez que eu ouvia falar sobre Tristan ter qualquer parente vivo.

— Sequestrado? — Jayden disse. — Eu pensei que você tinha dito que o médico dele o levou para um passeio?

— Sim. — Tristan sacudiu a cabeça. — Mas é um novo médico que eu nunca tinha ouvido falar.

A testa de Ayden franziu. — Mas este médico trabalha em Novo, certo? E eles aprovaram a liberação?

— Sim! Os idiotas. — Os dedos de Tristan bateram sobre teclado. — Depois que eu deixei meus avós no aeroporto, liguei para a Novo para verificar meu pai, e eles me disseram que ele estava indo tão bem com este novo médico que os dois iam a uma — suas mãos estapearam o ar para ele poder usar aspas — "excursão". Durante a noite! Mas não tem como meu pai sair... Na condição dele.

Os rapazes compartilharam olhares preocupados.

— Talvez você esteja exagerando, companheiro. — Matthias disse pacientemente.

Logan ergueu os ombros. — Você tende a pensar o pior.

Quando Tristan atirou aos meninos um olhar furioso, Matthias pegou seu telefone e se dirigiu para a varanda. — Mas vou fazer algumas ligações.

— Bom. — Tristan disse. — Não posso estabelecer ligações com meus avós até esta estúpida missão acabar, então eu vou entrar no sistema de segurança da Novo e ver o que posso encontrar nas imagens de vigilância.



— Não é uma boa ideia — Logan disse. — Eles vão acompanhar a invasão e você estará em sérios problemas. Espere para ver o que Matthias descobre.

Tristan respirou fundo. — Bem. Vou ver o que posso descobrir sem hackear.

— Cara — Blake colocou a mão no ombro carnudo de Tristan — até eu sei que a Novo é uma das instalações Mandatum mais seguras que existe. Ninguém poderia sequestrá-lo.

— O que é Novo? — Perguntei.

— Um hospital Mandatum de primeira. — disse Jayden. — É especializado na reparação de pessoas debilitadas por Ilusionistas. Por anos, eles tentaram curar o dano cerebral causado por Tristan, mas, infelizmente, mesmo com um algo nível de recursos, o caso do Sr. Grant provou ser muito grave para o tratamento ser bem sucedido.

O silêncio imediato foi intenso. Tristan congelou do seu estado de extrema agitação e olhava fixamente para frente.

Então o resto dos meninos gritaram em acusação — Jayden!

Jayden parecia imperturbável. — Não era uma recriminação. E estamos todos cientes das circunstâncias que — ah, eu vejo meu erro. — Ele olhou para mim. — Aurora.

Ótimo. Agora eu era o grande erro na sala. Melhor do que o elefante rosa. Por pouco. Tristan se virou para mim com os olhos azuis tão assombrados, que meu coração parou uma batida hesitante.

Eu concordei. — Vou sair para que vocês possam conversar.

Uma estranha no ninho? Não é a minha posição favorita, mas isso era família e levava prioridade sobre os meus sentimentos de serem magoados.

Eu estava a meio caminho da porta quando Tristan começou a falar novamente. Ele limpou a garganta. — Foi depois do ataque do demônio quando éramos crianças. O que matou Garrett. O irmão de Herman.

Parei e me virei.



Ayden chamou minha atenção, acrescentando: — Aquela vez na cachoeira onde os nossos poderes foram ativados mais cedo, com o fim de nos proteger.

Como se eu pudesse esquecer aquela história de terror. — Certo. Vocês estavam com... oito anos de idade?

Ayden concordou. A parte de trás do meu pescoço se arrepiou. Lembrei de ver os meus primeiros demônios perto dessa idade. Nenhum ataque, apenas o vislumbre ocasional com o canto do meu olho, o que me mandava gritando para os braços dos meus pais. Não é bom para uma criança. Me deu...

— Pesadelos. — Tristan soltou um suspiro. — Eu tive alguns ruins. Mas mesmo acordado eu me apavorava. Constantemente imaginando monstros e violência.

— Nós todos nos sentíamos dessa forma. — Logan disse e os outros meninos murmuraram em acordo.

— Mas eu não sabia como controlar os meus poderes. — A voz de Tristan era áspera. — Então, tudo o que eu imaginava eu acidentalmente forçava na mente dos meus pais. Eu estava literalmente os levando à loucura. Estávamos sozinhos, isolados em uma casa segura na Europa. Meu pai mandou minha mãe para longe. Pensou que poderia lidar com isso, mas ele ficou muito tempo tentando me proteger. Eu causei muito dano.

Uau. Fale sobre culpa. — E sua mãe?

— Ela está bem. — Seu sorriso era fraco. — Eu a vejo com frequência. Mas em doses curtas. Depois do que eu fiz, não vou arriscar nada a longo prazo.

— É por isso que você vive com seus avós. — eu disse. — Eles são boas pessoas. — Assustadores, mas boas.

— Você não tem ideia. — Tristan esfregou a parte de trás do seu pescoço. — Eles são a única razão do meu pai estar vivo. Eu poderia ter literalmente transformado o cérebro dele em mingau se passasse mais tempo. Mas, felizmente, eles nos encontraram a tempo.



— Não foi sorte — Ayden disse. — Você os chamou. Você salvou o seu pai.

— Da morte, talvez. — Os olhos de Tristan estavam nublados com miséria. — Mas ele perdeu contato com a realidade. Ele está na Novo desde então. Não me reconhece, nem a minha mãe. Nada. Quando ele fala, é incompreensível. — Tristan enxugou os olhos. — O que eu fiz foi... incomum. Muito perigoso, especialmente em alguém tão jovem. O Mandatum queria me levar para longe, me isolar, mas meus avós... se recusaram.

— Ameaçaram o maldito Mandatum, — Blake disse com admiração. — Não sei com o que, mas isso é o que a mãe de Logan disse.

— O que era para ser um segredo. — Logan murmurou.

Tristan sorriu. — Meus avós encontraram uma maneira de lidar com... o meu problema, e com a ajuda deles e o treinamento Mandatum, eventualmente eu aprendi a controlar, e nós voltamos para cá.

Quando Matthias voltou, Tristan ficou de pé. — E aí?

— É verdade. — Matthias disse. — Eu conversei com o próprio diretor da Novo. Ele realmente está muito animado sobre o caso do seu pai. Este novo médico veio do estrangeiro e entrou há algumas semanas e tem tido muito sucesso com o seu pai. Ele vem tendo conversas, tem perguntado sobre sua família. Perguntado sobre você. — Matthias quase sorriu. — Ele está se lembrando. De tudo.

Tristan caiu sobre sua cadeira, os braços pendendo flácidos em seus lados. — Por que eles não nos disseram?

— Eles estão sendo cautelosos. — A voz de Matthias estava firme. — Eles não têm certeza do quão permanente é a recuperação e tinham medo de que ver sua família muito cedo o faria regredir. Esta excursão é para outra unidade segura do Mandatum, então não se preocupe. É um jeito de fazê-lo experimentar um ambiente diferente, ver como ele reage, e esperançosamente, fortalecer sua capacidade...

— Para lidar com novas situações e ambientes. — eu disse. — É algo que eles fizeram quando eu estava com medo de deixar o hospital. — Então eu adicionei rapidamente — Não que seu pai esteja com medo, mas se ele



esteve na Novo por tanto tempo, faz sentido que eles estejam tentando ambientá-lo para outros lugares. O que também significa que eles pensam que ele tem uma chance de sair de lá em algum momento. Isso é uma boa notícia.

Jayden me deu um olhar surpreso — Na verdade, eu concordo com essa avaliação.

— Veja, cara, você exagerou — Blake deu uma tapa no ombro de Tristan. — É uma boa notícia.

Tristan soltou um pequeno fôlego, depois sorriu. — Quando eu posso vê-lo?

— É delicado, companheiro. — Matthias disse com simpatia. — Eles querem que você aguente firme por hora. Disseram que vão ligar em alguns dias quando ele voltar. Vão te contar sobre o estado dele. Mas de qualquer forma, eu os fiz prometer que você poderia visitá-lo em breve.

Tristan revirou os olhos. — Eu deveria apenas sentar e esperar?

— Entre túneis escondidos, tesouro perdido há muito tempo, e um rastreador Mandatum que poderia nos destruir totalmente, eu acho que nós podemos mantê-lo ocupado. — Logan disse.

Tristan piscou. — É por isso que eu não posso deixar vocês sozinhos, mesmo que por algumas horas.



CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Depois que atualizamos Tristan, ele e Blake ficaram ocupados. Eles se sentaram no console do computador criando um mapa dos túneis antes desconhecidos com Tristan inserindo coordenadas com base nas orientações de Blake e notas rabiscadas no papel. Os restos dos rapazes tinham desaparecido para fazer várias pequenas incumbências. Nós devemos chamá-los quando o mapa estiver pronto.

— Faça outro para mim. — Tristan entregou sua caneca de café para Blake.

Tristan estava em seu terceiro cappuccino da nova máquina brilhante atrás do bar. Era uma coisa elaborada de cobre e bronze, do tamanho de uma casa de boneca de uma criança e cheio de tantos cilindros abobadados que me lembrou de um castelo de conto de fadas.

— Faça você mesmo, cara. — Blake olhou para a mão trêmula de Tristan. — E você provavelmente deveria mudar para descafeinado.

Tristan *bateu com força* sua caneca e continuou trabalhando.

Sentada ao lado de Blake, e bebendo a minha própria bebida deliciosa, eu tinha acabado de compartilhar o que eu lembrava sobre o layout dos túneis onde Logan e eu passamos. Blake adicionou minhas lembranças em seus muitos cadernos de desenho.

— Impressionante. — eu disse, com sinceridade, admirando não só seu talento artístico, mas o extenso nível de informação. — Você entendeu tudo isso sem entrar em qualquer um dos túneis?

— Sou capaz de ler a terra, babe — ele sorriu. — Quase tão bem como eu leio as mulheres, e uma vez que os véus forem quebrados...

— Véus? — Eu fiz uma careta.

— Um tipo de dispositivo de camuflagem. — Tristan disse. — Ainda não sei como Flint o colocou, mas todos esses anos, manteve os túneis invisíveis para até mesmo o caçador Mandatum mais forte.

— Mas não para mim. — Blake disse com orgulho.



Eu dei a ele um olhar duvidoso. — Você disse que Fido quebrou a parede de véus e é por isso que você pode finalmente "ver" os túneis.

— Eu disse que essa poderia ser a razão. Mais provavelmente, era apenas meu dia de ser *maravilhoso.* — Ele cantou a última palavra, então, apontou para a tela do computador. — Cara, isso está errado em três graus. — Ele se virou para mim. — De qualquer forma, tudo o que eu fiz foi tocar as paredes e o chão *fora* dos túneis, e eu pude literalmente ler através dos quilômetros do terreno. Fazer um tipo de mapa geológico na minha cabeça. Então eu dei ao garoto da tecnologia aqui as coordenadas. — Ele bateu em Tristan.

— E eu faço o trabalho importante — Tristan disse.

— De jeito nenhum, cara. — Disse Blake. — Minhas habilidades conseguiram tudo isso sem ninguém precisar ir aos túneis com aquela garota louca jorrando ameaças e tentando matar qualquer coisa ou qualquer um no Mandatum. — Ele pensou por um momento. — Mas ela tem uma voz sexy. Aposto que ela é gostosa.

— Não, ela é fria. — Tristan disse sem tirar os olhos de sua tarefa. — Tipo fria de pedra. Ela está morta.

— Ew, — Blake encolheu-se. — Não é um bom visual para minhas fantasias.

Tristan sorriu. — Nenhuma de suas fantasias são bons recursos visuais.

— Ha! Se você estivesse *em* minhas fantasias...

— Eu quero me matar.

— Isso não foi o que eu quis dizer.

Eu balancei minha cabeça. — Tristan, por que você acha que ela está morta?

— Ela se matou porque ela está nas fantasias de Blake.

Eu ri, feliz com seu humor alegre.

Blake bateu na parte de trás da cabeça de Tristan. — Magoa, cara.

Tristan chutou a cadeira de Blake, que rolou alguns pés. — Tenho certeza que a voz é apenas uma gravação que Flint fez com uma de suas



engenhocas. E que deve ter sido a mais de cem anos atrás. Então sim. Morta.

Logan entrou na sala de jogos. — Está pronto?

— Quase. — Blake disse. — Onde está Jayden?

— Na cozinha. — Ayden disse, seguindo Logan de perto. Suas roupas e cabelos estavam encharcados, pingando um rastro de água atrás dele enquanto ele arrastava para dentro um grande baú de metal.

Ele o carregava pelas tiras de couro grossas anexadas em cada extremidade, e eu percebi que era pesado porque era como um concurso de camiseta molhada aqui. O tecido encharcado agarrou-se a todas as linhas esculpidas do torso de Ayden e revelava em detalhes como seus músculos flexionaram-se para carregar o peso. Era glorioso. Se você gostava desse tipo de coisas. E com base em como a minha respiração ficou presa com a visão, eu gostava.

Ayden reagrupou as alças e como ondulações num lago, tendões corriam sob sua pele. — E o meu querido irmão está aparentemente muito ocupado para ajudar a pegar os arquivos do Flint que estavam no esconderijo na casa de barcos que ele projetou e que é claro, fica debaixo d'água e que ele podia pegar sem se molhar. Mas o resto de nós? Não muito.

Logan parou na porta da varanda. — Eu disse que eu poderia ajudar com isso.

— Não penso assim. — Ayden despejou o baú no chão e sacudiu-se como um cachorro.

— Só vai demorar um segundo. — Logan persistiu.

— Deixe para lá, Logan. — Ayden disse. — Eu estou bem.

Ele começou a levantar a bainha da sua camisa para limpar as gotas de água de seu rosto. Quando o tecido subiu por sua barriga, pronto para expor um pouco de pele importante, uma turbulenta explosão de ar veio do nada. Como um furacão em torno dele, chicoteando sobre o seu corpo e agitando suas roupas.



Eu pulei e quase mordi a língua, porque... Eu *poderia* ter estado lambendo meus lábios quando a rajada atingiu. Vai entender. O turbilhão durou apenas alguns segundos.

Imperturbável, Ayden soltou sua camiseta e olhou para Logan. — Sério?

Mas a maravilha de cabelos brancos o ignorou, já pulando no parapeito da varanda como um ginasta de classe mundial na trave.

Ayden levantou a voz. — Eu não gosto desse seu truque novo. — Seu cabelo estava grudado por toda a sua cabeça. Ele usou as duas mãos para alisá-lo de volta, o que o fez parecer mais velho. E do tipo... sexy perigoso.

Ele pegou o meu olhar. Algo registrou em seus olhos, e ele me deu um lento sorriso malicioso. Calor lambeu minha espinha e um vermelho profundo atacou através das minhas bochechas. Eu afastei o meu olhar, uma mão na minha garganta, porque parecia que algo ameaçou me estrangular.

— Nós não estamos, ah — Tossi para remover o chiado do meu tom e reiniciei minhas cordas vocais — preocupados com o rastreador nos arquivos?

Boa menina, Aurora, foco sobre as ameaças à sua vida, não ao seu coração.

— Tire isso daqui! — Tristan olhou assombrado para a sala de jogos, inclinando sua cadeira para tão longe que ele teria caído se Blake não o tivesse pegado. — Cacciatori pode estar rastreando!

— Não agora. — Ayden sentou no baú e bateu os nós dos dedos na borda. — Jayden diz que essa liga de metal especial vai enfraquecer o rastreador. Ou algo assim. Vai deixar Cacciatori devagar. Nos dar aquele dia extra ou mais porque...

— Ele é tão superior assim? — Tristan se intrometeu com uma pitada tensa de sarcasmo. — É melhor ele estar certo. Eu não estou prestes a ter o meu pai de volta só para ele ter que me visitar em uma masmorra do Mandatum.

Comecei a rir com o comentário sobre masmorra, mas estudando o resto dos rostos dos meninos, percebi que ele não estava brincando.



Fantástico. Se nós não nos apressássemos, todos nós estaríamos em masmorras[9]. Pelo menos eu teria companhia.

Levantei e caminhei, pegando um béquer, tilintando nervosamente com a minha unha. Eu parei quando percebi que era o que foi quebrado e depois reconstruído pelo Sr. Ishida.

— Ele é um Revertor, — veio a voz de Ayden imediatamente atrás de mim.

Assustada, eu deixei cair o vidro, mas ele esticou a mão e o pegou facilmente, o seu peito tocando minhas costas. No contato, calor deslizou sobre meus ombros. Meus olhos varreram para o lado, viajando pelo seu longo braço nu, observando riachos de água sobre sua pele serpenteando através dos contornos de seus músculos.

Seu hálito quente deslizou sobre a minha nuca. O aroma úmido do lago agarrou-se a suas roupas, mas o aroma de sândalo ainda permanecia debaixo. Ele levantou o béquer e o girou na luz.

— Vê, nenhuma rachadura. — Sua voz ressoou próximo ao meu ouvido.

E sob a minha pele, pronto para se infiltrar em meu coração e abalar qualquer determinação de manter distância.

Agarrei o vidro e me afastei. — O que você está fazendo?

— Contando algo que você não sabia. Chama-se *compartilhar*. — Ele seguiu minha retirada, sorrindo. Como um gato. Um gato Cheshire. Que sabe muito. Isso me deixou inquieta. — Meu pai meio que pode... rebobinar os danos em objetos inanimados. Eu disse que a coisa de caçador é genética. Temos muitos poderes em nossa linhagem familiar.

Apesar da minha irritação, eu estava interessada. — Você não ganha os mesmos poderes que os seus pais?

— Às vezes nenhum. — ele deu de ombros. — Como Jocelyn.

— Não se esqueça que seu pai também é um contrabandista — Blake disse. — Muito mais legal.

Ayden riu. — Às vezes sim. Mas aposentado. Semi.

[9] Aqui ela faz uma referência ao jogo de RPG Dungeons and Dragons, sendo masmorra a tradução literal da palavra Dungeons.



— O que ele contrabandeou? — Eu tinha que perguntar.

— Minha mãe foi uma. Contrabandeou ela de um pedaço do inferno. — Ayden se aproximou e baixou a voz. — E de acordo com ela, sequestrou seu coração ao mesmo tempo.

Seus olhos escuros e brincalhões não deixavam os meus. Eu senti a intensidade aumentar. Ele se moveu para enfiar uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, mas eu bati em sua mão e me afastei.

— Tristan, você ainda não acabou? — Eu disse.

— Porque perturbar é tão útil. — Tristan girou sua cadeira e encarou o meio da sala. — Mas, sim. É hora do show.

Houve um zumbido. Luzes piscaram. Em seguida, a mágica aconteceu.



CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Como se alguém estivesse desenhando em uma super velocidade usando um bastão neon, uma interpretação holográfica em 3D em miniatura da cidade de Gossamer Falls veio à vida em pleno ar. Pairando um pouco acima do nível dos olhos e medindo dois metros de comprimento, o holograma brilhava e parecia oscilar em tons de branco, azul e verde.

Na fantástica imagem, o lago tomou o centro do palco, o litoral irregular quebrado por ramificações de grandes baías e pequenas enseadas. Após a sua margem, edifícios da comunidade ao redor, estradas, parques e florestas surgiam em detalhes. E tudo parecia vivo.

Uma brisa agitava as folhas das árvores, a água fluía através dos riachos sinuosos e desfiladeiros íngremes, e as alucinantes correntes da cachoeira se derramavam da borda do penhasco, colidindo dentro das piscinas profundas abaixo de uma névoa ondulante. As únicas coisas que estavam faltando eram os carros e pessoas em miniatura se movendo pelas suas vidas diárias.

A forma do lago era basicamente oval, encontrando-se longitudinalmente de leste a oeste, escondido em um vale longo com as montanhas sobressaindo-se em torno dele. Começando na extremidade oeste estava a rua principal com casas e vários edifícios, como o clube de campo. Esta seção continuava no sentido horário para o norte e leste, cobrindo cerca de dois terços do perímetro norte. Em seguida, as montanhas assumiam, e no extremo leste, em frente da cidade, estava a cachoeira com o portal atrás dela.

Continuando ao redor do lago, curvando-se para baixo e no sentido horário no lado sul, os sinais de civilização eram escassos. O rancho de Blake tinha uma casa, o celeiro, e vários anexos, incluindo cabanas para hóspedes. Também localizado nessa seção apareceu a imponente e velha casa gótica de Flint e os vários edifícios menores da propriedade. O



restante deste extremo sul levemente habitado estava coberto com infinitos acres de floresta inabitável e terras de pastagem que pertenciam a família de Blake.

Enquanto todos nós ficávamos em êxtase, Matthias tinha chegado. Ele bateu no ombro de Tristan. — Muito legal, companheiro.

Blake zombou — Por favor, ele fez a parte fácil. Eu forneci o que todos estavam esperando.

Ele colocou sua enorme pata no meio da imagem holográfica e passou a mão. O modelo da superfície da cidade permaneceu acima, mas o movimento de Blake puxou para frente um outro holograma diretamente abaixo. A camada subterrânea.

Na mesma linha brilhante de luz holográfica, uma enorme rede de túneis apareceu. Corriam por debaixo de Gossamer Falls em um esquema complicado de passagens que se cruzavam e que corriam para cima, para baixo ou estabilizavam-se. Algumas eram retas e outras eram curvas, com várias curvas fechadas e algumas até mesmo em espirais. Honestamente, isso me fez lembrar da fazenda de formigas de Selena.

— Isso é incrível, — murmurei.

— Eu disse. — Blake sorriu. — Observe isso.

Quando ele tocou o holograma de várias formas, as coisas se moveram, permitindo-lhe manipular a imagem luminosa. Ele conseguia girar completamente em ambas as direções. Ele conseguia aumentar e reduzir toda a ilustração ou apenas uma área particular. Ele conseguia separar uma seção inteira para um estudo mais profundo, destacar uma seção dentro do holograma, ou mudar as coisas para cores diferentes. Era muito legal.

— Isto é realmente assustador. — Ayden inclinou sua cabeça para olhar mais atentamente. — Todo esse tempo e nós nunca soubemos. Que os túneis de Flint, não apenas correm detrás da cachoeira para o portal como nós sempre pensamos, eles correm...

— Por debaixo da cidade inteira. — Blake estava quase tremendo de emoção.



— Alguns chegam a sair. — Tristan apontou para alguns canais que serpenteavam para fora da cidade sob as montanhas.

Blake empurrou Tristan para o lado. — Você *encontrou* os túneis? Ah, não. Eu encontrei.

— Eu não me importo com quem descobriu o quê — Matthias retrucou. — Um de vocês comecem a falar.

Blake apontou para a imagem trêmula de nossa escola situada no lado sul do lago. — Os túneis se originam em Gossamer High, a velha torre da condenação de Flint.

Ele traçou um dedo ao longo dos túneis e girou a imagem, destacando as passagens onde elas corriam ao redor do lago para a cidade principal e a maior parte das casas e bairros. Como onde eu morava.

— Separam-se em centenas de túneis curtos e estreitos sob a cidade, — Blake continuou. — Conectando-se com vários edifícios. Então, eles ficam mais longos e maiores conforme avançam através do lago para o norte sob o clube de campo, escola particular, e as casas de pessoas ricas. — Blake girou o holograma e chamou nossa atenção para um corredor que corria sob uma grande estrutura. Ele tocou o edifício e alargou o espaço entre os dedos. A casa ampliada era facilmente reconhecível. Ele disse para Ayden, — tipo a sua, cara.

Ayden estendeu a mão e tocou o edifício, estreitando os dedos para reverter para o tamanho menor.

— Sim, bem, eu não sou a única família que é praticamente dona de toda a montanha.

— Apenas alguns milhares de acres. — Blake riu e bateu em Ayden, que acabou batendo em Tristan. — Porque nós somos muito inteligentes e temos poderes sobrenaturais impressionantes, de modo que os britânicos prósperos não puderam roubar de nós. Sem ofensa, Matthias.

O Australiano fez uma careta. — Mas eu não sou... Esquece.

Minha testa franziu. — Britânico?

— Eu sou parte nativo americano, babe. — Ele bateu em sua bochecha. — Você não notou minha tez morena?

Ayden bufou. — Morena?



— É assim que o Tio Reece chama. — Blake balançou as sobrancelhas. — Soa sexy. Porque nós somos. Então é fato que alguns da minha família estiveram nesta montanha antes dos colonos aparecerem. Faz você querer pular em mim, agora, hein, babe?

— Foco, Blake — Matthias rosnou.

— Você está apenas com ciúmes. Desculpe, gata. — ele disse com uma piscadela. — Você terá que pular na minha atitude sexy e morena mais tarde. Quando não tivermos uma multidão. A menos que você goste disso. Porque eu sou muito legal com grupo...

— Blake!

— Infelizmente, o dever me chama. — Blake me ofereceu um olhar de desculpas e voltou para o mapa. — Não há muitos túneis que vão além das montanhas e penhascos. Veja, nada nas margens do nordeste perto de sua casa, Matthias. Mas eles começam a ramificar novamente no portal. Por aqui, babe. — Blake girou o holograma e me cambaleou para o lado dele para apontar para enseadas do lago no extremo leste, onde as icônicas cachoeiras formavam um nevoeiro em frente à cidade principal.

Eu sabia como ler um maldito mapa, especialmente um em 3D e à prova de idiotas. Mas mordi minha língua. Blake estava tão feliz sendo nerd.

— Este grande túnel aqui vai desde as cachoeiras ao redor da extremidade do lago até todo o caminho de volta para a escola. Mas aqui está a parte estranha.

— Não era estranho ainda? — Eu sorri.

Blake sorriu de volta. — Aquele grande túnel ao longo da extremidade tem todas aquelas pequenas ramificações que vão para longe do lago. Esse é o meu rancho. Abrange toda a terra ao redor da cachoeira e da escola. Esses túneis chegam a nada. É apenas floresta e pasto. Mas aqui está a parte estranha. — Ele ampliou uma parede do túnel e apontou para o que parecia ser peças de máquinas. — A maioria das paredes do túnel têm engrenagens e outras coisas do tipo construídas dentro deles.

Eu me lembrei dos pedaços de metal voando para fora quando Fido passou. — Para defesa?



— É mais do que isso. — Tristan deu um olhar mais atento. — É algum tipo de trator. Pode jogar coisas como luzes e bolas de fogo. E qualquer uma das outras engenhocas que Flint construiu para seu sistema de segurança.

— Ele também construiu um acesso secreto para a igreja, e para muitos dos edifícios originais. — Ayden apontou para a cidade principal, em seguida, arrastou um dedo através dos pálidos túneis iluminados no extremo oeste. Os que se curvavam para dentro dos edifícios ficaram vermelhos.

Eu fiz uma careta. — Aposto que isso tornou fácil sequestrar e transportar as vítimas de assassinato sem que ninguém o visse.

— Gata, essa não é a parte mais assustadora. Olhe. — Blake deu um estremecimento dramático quando ele cutucou dois túneis que se cruzavam, seu toque conferindo a eles uma cor amarela brilhante. — Quase todos os túneis, eventualmente, se encontram em dois locais. A escola e o portal.

— Por que ele construiria tantos túneis secretos para o portal? — Tristan disse.

Logan deu de ombros e inclinou-se para apertar os olhos para o mapa. — Eles nunca encontraram os corpos das vítimas de Flint.

Silêncio encheu a sala porque...

Eu me encolhi — Ew, ele jogou os corpos no portal?

— Doente e eficiente. — Ayden disse.

Logan caminhou lentamente ao redor do holograma. — Você não encontrou os quartos?

Blake fez uma careta. — Que quartos?

— O tesouro que ele roubou. — Logan afrouxou a gravata. — O Mandatum diz que poderia preencher três trens de carga. Mas fora a caverna do portal, não existe quaisquer espaços abertos. Onde ele poderia guardá-lo?

— Eu acho que algumas coisas ainda estão escondidas da minha capacidade. — Blake ampliou uma área debaixo da escola. — Aqui parece ser parte de um espaço aberto. Tem muitas coisas mecânicas.



Logan balançou a cabeça. — Não é grande o suficiente.

Blake expandiu o holograma em torno das montanhas. — Há algumas lacunas e becos sem saída aqui. Eu poderia tentar mapear os que se dirigem para fora da cidade.

— Como é que Rose espera que procuremos por tudo isso? — Tristan jogou uma mão para o mapa, então caminhou freneticamente, braços sacudindo. — Há uma horda de demônios vindo. E Cacciatori. E equipes táticas. Não temos esse tipo de tempo!

— Vocês não podem procurar de qualquer forma. — Eu encontrei seus olhares zombeteiros com uma firmeza que eu não sentia. — Tem que ser eu.

Ayden balançou a cabeça. — Absolutamente não.

Eu não estava louca por isso também, mas...

— Quando Logan e eu estávamos nos túneis, o sistema de segurança tentou matá-lo, mas não a mim. — Eu levantei um ombro. — Eu não sei porque, mas eu estarei segura. — Assim eu esperava.

— Esqueça. Flint era um serial killer. — O olhar de Ayden estava escuro. — Com sua habilidade super nerd ele poderia inventar uma porcaria muito à frente de seu tempo. Tipo Da Vinci. Mas a grande diferença é que Flint realmente tinha os meios para construir as coisas. Essas pequenas coisas de lançar chamas são, provavelmente, o menor dos nossos problemas.

Matthias assentiu. — Concordo. Até sabermos mais e termos um plano, ninguém — ele ergueu as sobrancelhas para mim — vai em qualquer lugar perto dos túneis. Precisamos examinar os arquivos de Flint agora mesmo para ver o que podemos encontrar que possa nos ajudar com a busca.

— O risco é muito grande. — Jayden chegou carregando um prato de biscoitos recém assados. — Devemos dar às documentações, pelo menos, mais uma noite no metal para desativar ainda mais a eficácia do rastreador.

Tristan gemeu. — Mais atrasos?



— Fantástico. — Matthias soltou um suspiro frustrado. — Bem. Nós poderíamos usar uma boa noite de sono. — Ele apontou para o mapa. — Tristan, imprima cópias para que todos possamos nos familiarizar.

— Vou enviar a imagem para o celular de todos. — Tristan cheirou o ar. — São barras de chocolate e aveia?

— Seu favorito. — Depois de golpear a mão de Blake para longe, Jayden presenteou os aperitivos para Tristan. — Um regozijo feliz para venerar a recuperação de seu pai. E mais uma prova de que estou propagando frivolidade emocional em meus esforços.

Porque isso soou tão frívolo.

A campainha soou de repente, mais e mais, como se um garoto estivesse cutucando com uma intenção implacável.

— Quem diabos é?

Tristan ampliou a imagem da câmera de segurança da porta da frente dos Ishidas. A pessoa não convidada tinha um boné de beisebol puxado para baixo para esconder seu rosto, mas nada podia disfarçar a barriga enorme.

— Aurora! — Tia M guinchou no aparelho, ecoando pelos alto-falantes do computador e através da porta da frente e até a escada. Ela apertou a campainha mais algumas dezenas de vezes.

Eu verifiquei o horário e comecei a desviar dos meninos. — Merda. Estou atrasada para o jantar.

Logan deu a Jayden um olhar perturbado. — Você não disse para a família dela que estávamos na casa do Blake?

— Sim. — Jayden disse.

Parei minha corrida para fora da sala. — Como diabos ela sabia que eu estava aqui?

— Eu disse que há algo estranho sobre a M. — Tristan disse. — *Agora* você acredita em mim?

Matthias passou a mão pelo rosto. — Estranho que uma mulher que é especializada em segurança seja capaz de rastrear sua sobrinha idiota? Não, companheiro. Eu acho que é a coisa mais normal acontecendo por aqui.



CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Escuridão sombreia, desliza para as sombras verdes, solidificadas dentro das árvores. Carvalhos e pinheiros. O luar filtrado por tufos rendados de nuvens que mergulhavam através de intervalos dos galhos.

Presas com as pontas com sangue estalando nas névoas deslizando através da noite. Enormes olhos prateados olhavam através de mim. Eles pertencem a um dos demônios, quase um cão do inferno, que na sua forma atual é selvagem e feroz com pernas longas e finas. Uma espessa camada de pele salpicada de tons sujos de madeira podre e cogumelos secos expelidos em uma massa dura, emaranhados contra os chifres curvados em espirais que espetavam ao longo de sua espinha e cauda.

Estava agachado, a língua lambendo os dentes arreganhados.

— Oh, excelente — Rose sai de trás de uma árvore. — Agora você está em alerta máximo. Onde estava essa ferocidade na noite passada?

Mais cães de olhos prateados esgueiram-se da floresta para cercar Rose, e rosnam babando no ar. Com um salto gracioso, Rose pega um galho baixo da árvore e balança-se para fora do alcance dos dentes arreganhados.

— Onde está minha pedra? — Uma voz de mulher, plana e sem emoção, flutua de baixo para cima.

Sua forma humana fica posicionada em um galho de árvore, muito alto dentro das sombras da noite para que eu visse mais do que um borrão.

— Segura. — Rose retrucou. — Ao contrário da Nex. Onde você estava? Um demônio passou pelos seus cães e quase a mataram!

— Ele estava ficando muito perto — ela diz, sem se preocupar com a angústia de Rose. — Fui obrigada a colocar uma pista falsa, a fim de distraí-lo. Mas o tempo é curto.

Rose escala para ficar em um galho grosso e se inclina contra o tronco. — A Nex encontrou os túneis.



— Mas os caçadores a proíbem de entrar. — Sua voz fica fria. — Mais uma vez os homens impedem uma mulher de alcançar seu verdadeiro potencial.

Rose zomba — Eles agem dessa forma para mantê-la viva.

— Tolos. Os túneis de Flint são projetados para protegê-la. A menina precisa de menos campeões e mais incentivos. — Sua voz assume um tom perigoso. — Uma circunstância que eu estou feliz em facilitar.

— Não! — Rose ferve. — Sua sede de sangue estraga tudo. Eu cuido disso.

— É melhor, ou a sede de sangue irá prevalecer. — Ela encolhe os ombros — Independentemente disso, eu posso procurar o tesouro sozinha.

— Agora, quem brinca de tolo? Nenhum de nós pode entrar.

A mulher ri e levanta, a silhueta de um arco esticado em suas mãos. — Você está preocupado que eu não tenha mais uso para a Nex?

Rose dá um olhar aborrecido para a flecha voltada para sua cabeça. — Prejudique-a sem meu consentimento, e vou assegurar a entrega da sua pedra para o Mandatum. Ou pior. Não vamos esquecer quem tem o poder nesse relacionamento.

Os cães rosnam.

— Sim. — a mulher abaixa a arma. — Há muitas víboras neste poço.

Rose faz uma careta com intensidade sombria. — Eu juro que vou acabar com todos eles quando pegar a minha amada de volta. Eu só preciso abrir...

Eu acordo na escuridão. E com um peso pressionando meu peito. Minhas mãos atacam. Pelos deslizam entre meus dedos. Olhos prateados brilham e um grunhido baixo retumba no quarto. Uma criatura da morte.

Ou não.

— Helsing! — Eu segurei meu gato no alto. — Durma na sua própria cama!

Ele *miou* e se contorceu para fora das minhas mãos, saltando para as sombras.

— Louco.



Na viagem para casa com a Tia M, tive que suportar uma palestra sobre os Garotos Malditos. Fora declinar firmemente de um convite para ouvir uma bronca do Padre Bancroft para permanecer longe deles, eu não me envolvi na conversa. Eu estava muito preocupada com o plano que os rapazes estavam tentando fazer para infiltrarem-se nos túneis sem serem mortos.

Depois do jantar, eu me desculpei e fui para o meu quarto, usando as técnicas de meditação de Jayden para induzir uma visão Divinicus. Eu tentei durante horas, mas depois de não conseguir nada, eu caí em um sono profundo, frustrada com o meu fracasso. Ou talvez não. Porque eu gostaria de pensar que depois que eu dormi, os meus esforços valeram a pena nessa coisa de sonho/visão. De qualquer forma, eu já tive uma dessas antes, e ignorá-la quase custou à vida de Jocelyn.

Não dessa vez. Eu me convenci de que essas visões eram indícios da minha excêntrica habilidade Divinicus que conseguiu prender o meu subconsciente, ou tanto faz, e eu precisava agir. Nós estávamos correndo contra o tempo.

Os números no meu relógio digital brilharam na escuridão, confirmando que eu acordei uma hora mais cedo do que o costume. Mas apesar do meu estado grogue, eu rolei para fora da cama e vesti roupas escuras e moletom com capuz da Luna. Então depois de uma breve espreitadela em seu quarto para um indispensável exame final, eu pendurei minha mochila sobre meu ombro e desci as escadas. No momento que eu cheguei à cozinha, eu tinha um plano na minha mente, mas quando eu fui abrir a porta da garagem, estava trancada.

— Não. — Eu batia minha cabeça contra moldura da porta.

Tia M tinha colocado uma tranca para que ninguém pudesse entrar até que ela terminasse com seu projeto estúpido. Provavelmente estava armado com alarmes também, se eu fosse tentar quebrar.

— Eu disse para você não ir aí.

Eu gritei com a voz. — Tia M!

— Muitos fios desencapados. É perigoso. — M arrastou seu manto sobre ela e jogou Helsing em meus braços. — Seu gato estúpido estava



arranhando a minha porta. Se você acha que vai se esgueirar durante o meu turno, pense novamente.

— Não vou me esgueirar. — Eu estava me esgueirando. — Todo mundo sabe que eu saio mais cedo para os treinos.

— Não tão cedo.

— Não consegui dormir. — Pelo menos essa parte era verdade. — Eu estou seguindo seu conselho e indo sozinha.

— Sem os Garotos Malditos? — A boca de M torceu com suspeita.

— Eu estou sem os Malditos. Mas eu preciso da minha bicicleta. — Eu coloquei Helsing para baixo. — Ou vou ter que chamar um deles para uma carona.

Ela balançou um dedo de advertência. — Não se atreva. Espere aqui. — Ela tirou uma chave do bolso.

— E os fios? Podem eletrocutar, o que iria machucar você e o bebê.

— Eu sou imune. — Ela abriu a porta, deslizando para dentro da garagem escura. Momentos depois, ela espremeu-se para fora com a minha bicicleta. Quando eu a virei para a porta da frente, M gingava ao meu lado.

— Que bom que você está saindo mais sem aqueles garotos. Você precisa participar de um clube como fazia antes. Fazer novos amigos.

— Vou procurar um. — eu menti. A rotina normal de estudante não entra na minha mente desde... Eu não sei, sempre?

— E sobre aquela viagem que você estava planejando? Onde era? Áustria? Espanha?

— Não, era... esqueça. — Isso tudo pareceu uma vida atrás. Eu sentia falta daqueles dias despreocupados de completa ignorância.

— Diga-me onde então, — Tia M disse. — Eu tenho escritórios no mundo todo, e se eu não tiver um, aonde você quer ir, eu consigo um. — Quando eu sorri e balancei a cabeça, ela se apressou. — Londres, Roma, Atenas. Ou Paris! Até eu gosto desse.

Certo. Ótimo plano, me jogar nos braços de Madame Cacciatori.



— Obrigado, mas não. — Eu abri a porta da frente e coloquei a cabeça para fora. As luzes estavam apagadas na casa de Tristan. Bom. Eu me esquivei para fora. — Eu não estou mais interessada em viajar.

Tia M me seguiu para a varanda, envolvendo seu manto mais apertado contra o frio implacável. — Mas não era esse o ponto de se tornar fluente? Eu coloco você para fazer um estágio durante um semestre. E o verão. Ou o ano todo!

— Você nunca quis eu fosse de qualquer maneira, — eu sussurrei, apontando para ela manter a voz baixa enquanto eu vestia um gorro e luvas. Estava mais frio do que eu esperava. — Vê? Eu estou seguindo seu conselho. Além disso, eu encontrei um novo hobby. Me manter saudável.

Do tipo me manter viva, era mais próximo da verdade. E era mais um trabalho de tempo integral.

— Eu desejo que sua lição de casa seja seu hobby, — Tia M disse. — Eu poderia ensiná-la. Ou o Bancroft. Ele é realmente muito experiente. E mais paciente. Eu posso levá-la para vê-lo quando você voltar.

— Não, obrigado. — Eu dou-lhe um beijo na bochecha. — Vejo você depois da escola. Ah, e, se aquele carteiro voltar, atire nele com sua arma tranquilizante.

Ela sorriu. — Essa é minha garota.



CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

No meio da noite, a mansão que teve assassinato/que virou um manicômio/que virou uma escola era arrepiante. Vai entender.

Tia M nos deixou na nossa escola/mansão gótica uma única vez para que ela pudesse verificar a segurança. Ela tinha ficado... Impressionada, para dizer o mínimo. O que não seria tão ruim se ela não tivesse acabado em um discurso muito alto no escritório sobre todas as falhas de segurança. Embaraçoso na hora. Super útil quando eu decidi dar uma de invasora.

Embora o início de minha jornada seja menos do que agradável.

Pedalar minha bicicleta através da névoa espessa como lodo era ruim o suficiente, mas neve começou a cair na metade da viagem. A onda parecia amortecer o som, adicionando uma borda estranha. Uma umidade congelante passou através das minhas roupas e picou meu rosto. Eu derrapei em poças lamacentas no asfalto liso e pisquei para tirar flocos dos meus cílios, o farol da minha bicicleta lutando por visibilidade suficiente além da luz do luar para me impedir de cair.

Momentos de diversão.

Mas pelo menos o ar cheirava fresco, e depois de quase me arremessar pelos portões de quatro metros de altura da escola, porque minha paranoia de ser seguida me fez ficar olhando sobre meu ombro com muita frequência, eu tinha escondido minha bicicleta nos arbustos que revestem a parede de pedra. Então antes dos meus dedos ganharem o status oficial de picolé, eu tirei a gazua que Tia M me deu no meu aniversário de doze anos e abri o cadeado na corrente segurando os portões fechados. Desde que Ayden me algemou na sala de armazenamento sob a sala de concertos, eu estive praticando. Legal ver que valeu a pena.

Com as mãos enfiadas debaixo de minhas axilas para buscar calor, corri até a entrada, neve sendo esmagada debaixo dos meus pés, a respiração soprando em pálidas rajadas.



Eu caí duas vezes ao subir as escadas escorregadias antes de trabalhar brevemente nos pinos e trancas na fechadura da porta da frente, então empurrei completamente. Me encolhi com o alto rangido e o baque quando fechou, mas o lugar parecia vazio. E estava oh — tão quente. Tirei as minhas luvas para soprar alternadamente entre minhas mãos e as esfreguei.

O saguão de entrada de três andares tinha uma área de mármore que se espalhava para a grande escadaria. A sala desaparecia em sombras à minha direita e esquerda, mas através da enorme janela redonda acima das portas, luar cintilava por trás dos tentáculos fantasmagóricos de nuvens e lançava um círculo de prata nas escadas.

Algo cortou os raios lunares. Uma sombra escura voou lá fora e aterrissou na borda inferior da janela, formando uma silhueta predatória. Eu achatei meu corpo contra a porta.

A sombra se moveu. Uma gárgula? Havia várias delas ao longo dos perímetros superiores da escola, e eu sempre pensei nelas como protetoras. Mas talvez esta noite eu fosse o inimigo e uma das esculturas grotescas tinha vindo à vida para me abater. Um intruso indesejável a ser morto sem piedade.

A gárgula fez um som. — Hooo — hooo.

Eu suspirei de alívio.

Em um estudo mais aprofundado, a “gárgula” pode ter sido uma coruja. Mais duas sombras apareceram e aterrissaram ao lado da primeira, as formas fundindo-se juntas quando um trio de buzinas misteriosas flutuou através da noite. Então, alguma coisa com uma envergadura impressionante deslizou através da luz e soltou um guincho estridente.

Cada um dos fios do meu cabelo ficou em pé. Hora de ir.

Eu continuei a lançar a luz da lanterna sobre as paredes e pisos, e quando nenhum duende apareceu no raio de luz, eu fui até as escadas, sentindo o peso dos olhares das corujas nas minhas costas enquanto subia através da sombra prateada da lua. Navegando pelos corredores intermináveis, eu me perguntava se alguma das vítimas de Flint conseguiu



escapar de sua tortura apenas para se perder nesse labirinto e ser recapturado novamente. Um psicopata. Quantas passagens secretas ainda estavam escondidas?

A iluminação da minha luz manteve uma vigília constante, mas qualquer ameaça poderia estourar sem aviso na escuridão circundante. Para um prédio vazio, fazia um monte de estalos, rangidos, gemidos e lamentos.

Com os nervos em alerta máximo, eu pulei e me contraí tantas vezes que eu parecia um feijão saltitante mexicano. O que significaria que eu estava com algum tipo de verme contorcendo-se tentando sair. Não é uma ótima analogia. Especialmente já que isso me fez lembrar daquele filme sci-fi que me faz gritar cada vez que o alien de larva sai da barriga do cara e depois o alien crescia para um alien gigante gosmento com cento e uma bocas, cheias de um milhão de presas pontiagudas e...

Tuuudo bem. Eu estava muito mais assustada agora. Não achava que isso era possível.

Coração batendo como se estivesse pronto para quebrar uma costela, eu acelerei o passo. Quando eu passei pela alcova, onde as paredes internas se transformaram em metal e tentaram me prender dentro, eu tentei a porta. Apenas por diversão. A alça resistiu, estava trancada, e eu me afastei, imaginando que não teria tempo para uma breve excursão.

Atrás de mim, alguma coisa estalou. Me virei e observei com crescente horror. Com um longo e estrondoso rangido, a porta da alcova abriu. Sozinha.

Estava escuro lá dentro. E silencioso. Eu congelei, tremendo de antecipação por algum ataque iminente. O sangue martelava em meus ouvidos. O feixe tremendo da minha lanterna tomou conta da sala. Estava vazio. Mas era isso? *Alguma coisa* abriu a porta. Poderia estar escondido atrás.

Eu recuei, com passos apavorados. Quando eu estava quase correndo, virei e fui correndo para a biblioteca, tirando minha mochila e procurando a chave da porta da biblioteca que eu tinha pegado do quarto da Luna. Com as mãos tremendo, precisei de várias tentativas para inserir



a brilhante chave esqueleto e destravar a porta para que eu pudesse estourar para dentro e fechá-la com um baque estrondoso que sacudiu o chão debaixo dos meus pés.

Corri ao redor acendendo luminárias porque eu tive o suficiente de escuro assustador, então eu fui para a parte de trás e quase cheguei à seção de Flint quando algo disparou ao meu lado.

Com o estômago vibrando, eu me abaixei e me debrucei contra uma estante, e então espiei através dos volumes. Uma sombra se esgueirava ali. Limpei a minha mão suada na minha calça e apertei o controle sobre a lanterna.

Um demônio? Não, porque então os meus sentidos Divinicus estariam formigando. Ao menos *em teoria*.

Rose? Não tinha certeza. O fantasma de Flint? Nestes dias, era possível.

De qualquer forma, eu atacaria – só espero que eu não sangre — isso estava se transformando em uma...

— ...péssima, péssima ideia. — Eu sussurrei para o final do meu pensamento assustador, porque ouvir o som da minha voz servia para me fazer sentir melhor. Ainda esperando que isso desse certo.

Eu me agachei e fui para trás. Lentamente. Se eu pudesse chegar até a porta secreta...

Uma mão segurou no meu ombro. Eu gritei.



CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Eu joguei um cotovelo para trás. Acertou em algo. Eu ouvi um grunhido, então virei com um chute para o lado. Voltei com um soco, a lanterna apoiada na minha mão para ter força extra. Ele bloqueou, pegou meu pulso e o torceu. A lanterna bateu ruidosamente na prateleira atrás de mim. Ele bateu minhas costas com força contra a estante de livros, meu corpo preso pelo comprimento do dele, uma de suas mãos segurando meus pulsos acima da minha cabeça.

— Bom. Mas tem que ser mais rápida para acompanhar da próxima vez.

— Ayden! — Eu chiei. — O que no mundo alienígena de larvas você está fazendo aqui?!

— Não vou nem fingir que entendi essa referência. Mas ei, você me atacou. — O brilho da lanterna caída destacou seu sorriso malicioso. — Preciso dizer. Foi meio sexy. Pronta para a segunda rodada? Ou devemos fazer uma pausa. — Ele cheirou meu pescoço. — Seu cheiro é tão bom. Eu voto na pausa.

— Oh, não. — Eu o empurrei. — Você não pode fazer essa coisa de "*Eu sou tão sexy e adorável que você não pode ficar com raiva de mim*".

Seu olhar se encheu com surpresa agradável. — Você acha que eu sou sexy e adorável?

— Não! — Eu menti, em seguida, bati as palmas das minhas mãos em seu peito. Ow.

Seu sorriso se alargou. — Ah não. Você disse. Você falou sério. Você não pode voltar atrás.

— Afaste-se. Vá embora. — Eu peguei minha lanterna e fui com raiva em direção à seção de Flint.

Ayden gemeu e me seguiu. — Não, isso é uma boa notícia. Além disso, eu não vou deixar você ir embora novamente. Me deixe explicar, porque mais cedo, em sua casa, não foi aquilo que eu quis dizer.



— Não se preocupe, eu entendi a mensagem.

Eu cheguei na entrada da porta para a seção de Flint, empurrei a maçaneta e puxei. Então bati na porta. Claro que estava trancada. Tentei a chave de Luna. Não funcionou. Ugh! A vida claramente não queria me dar a satisfação de uma saída dramática, terminando comigo batendo a porta na cara de Ayden.

Me ajoelhei, peguei minha gazua e comecei a trabalhar. Mergulhar em um labirinto de um assassino em série prometia ser muito mais divertido do que deixar meu coração ser partido.

Ayden encostou-se no batente da porta. — Você sabe que as nossas emoções estão ligadas a nossa capacidade sobrenatural.

— Você fica com raiva, você pega fogo. Eu já vi isso. Notícia velha. Vá embora.

Parei meu trabalho para empurrá-lo, mas ele apenas desviou e andou em um semicírculo em volta de mim. Ele engoliu em seco antes de continuar.

— Não apenas raiva. Qualquer emoção intensa. A maioria das quais eu treinei extensivamente para poder lidar, mas essa... circunstância em particular não surgiu antes, e eu não quero te machucar.

— Qual circunstância faria você me machucar?

Ele passou a mão pelo seu rosto e murmurou em sua mão algo que eu não consegui decifrar. Então ele sorriu tão apertado que era quase uma careta.

— Quando eu *quero* você, quando as coisas esquentam entre nós, eu fico... — Ele ergueu as mãos na frente de si mesmo, e elas explodiram em chamas.

Senti o calor de suas mãos, senti o cheiro quente. Houve um momento de silêncio. Em seguida, quando o último pino do bloqueio fez um barulho para destravar a porta, as engrenagens da lógica se encaixaram dentro do meu cérebro.

Eu fiquei de pé, deixando cair minhas ferramentas quando soltei um longo e extenso — Ohhhh. Huh. Então, você estava evitando ficar sozinho comigo porque...



— Porque eu tenho dificuldade em me controlar quando estou perto de você. — Ele ergueu suas mãos ardentes para enfatizar o ponto. — Entendeu?

Sim. Sim, creio que sim. Enquanto eu processava a notícia, uma sensação de calor gotejava sobre mim, curando algumas das fissuras no meu coração. Me senti sorrir.

— De qualquer forma... — Ayden, corando de verdade, apagou suas mãos e inclinou-se contra a moldura de novo, parecendo partes iguais de desconfortável e aliviado. — Chega disso. Vamos voltar para mim sendo sexy e adorável.

— De jeito nenhum, — eu disse. — Você deveria ter me contado. — Sim, Aurora, porque você está sempre tão aberta sobre tudo. Cale a boca, Aurora. Não, cale a boca *você*. — Por que você está aqui?

— Que bom que você perguntou — ele disse com uma piscadela maliciosa antes de correr.

— Como você me encontrou?

— Por favor — disse ele com desdém, de algum lugar nas sombras. — Um, estava escrito nos seus olhos. — Ele caminhou de volta para a luz carregando duas canecas de metal para viagem e me entregou uma da cor de lavanda brilhante. — E dois, Matthias lhe disse que não. Então, é claro, você viria para as cavernas pela porta secreta da biblioteca. Fiz café, dirigi, esperei fora de sua casa, e segui você.

Eu odiava ser tão previsível.

— Então, você está aqui para me parar? — Uh— oh. Eu teria que deixar. Correr até a porta secreta. Mas, primeiro, eu precisava de um impulso de energia. Agarrei a caneca quente e tomei um gole. Yum. — Isto é?

— Seu favorito? Porque, sim, é. — Ele *brindou* sua caneca contra a minha, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — Chocolate branco com framboesa e chantilly extra. Eu fiz com a nova máquina. Jamie me deu a receita.

— Jamie, a loira bonita que ri toda vez que você entra?



Ele levantou uma sobrancelha. — Ciúmes? Isso é promissor. — Ele inclinou a caneca em um gesto de triunfo. — Mas eu só a conheço Jamie como a barista que gentilmente me ajudou a impressionar minha namorada. Em um movimento ousado de gênio criativo, eu adicionei uma pitada de canela moída na hora — você sabia que ela vem em paus? — e polvilhei raspas de chocolate branco no topo. O que você acha?

Esse cara não podia ser de verdade. Mas eu tomei outro gole e disse — Ousado, seu gênio criativo valeu a pena.

— Excelente — ele sorriu. — E não, eu não estou aqui para impedi-la. Simplesmente vim dar apoio na minha posição de guarda-costas oficial.

Minha expressão era cautelosa. — Então você deveria ter me oferecido uma carona. Eu estava congelando a minha bunda na bicicleta.

— Seu traseiro parecia perfeito... do meu ponto de vista. — Sob seus cílios grossos, ele me deu um olhar malicioso. — Eu fiz questão de observar de perto. É uma das minhas partes favoritas do seu corpo para cuidar. Juntamente com o seu peito, me deixe acrescentar, antes que eu seja acusado de negligência.

Esfreguei os olhos para ajudar a cobrir o vermelho. — Não tem desculpa. Você deveria ter me dado carona.

— E perder toda a intriga sexy? De jeito nenhum. — Ele traçou um dedo ao longo da minha mandíbula. O gesto foi inesperado e me atingiu como uma carga elétrica. Engasguei e quase bufei o café. Um sorriso puxou sua boca. — Eu amo este encontro romântico secreto tarde da noite na biblioteca.

Eu engoli a meleca de café e sorri. — Eu estava pensando em uma vibe mais assustadora.

— Funciona pra mim. — Ele olhou ao redor e sua voz ficou toda suave e misteriosa. — Banhada em um fulgor mágico, você me oprime com sua beleza deslumbrante, me fazendo esquecer toda a razão e emprestando o clima certo para suportar a minha alma e seduzir você para uma posição comprometedora.

— Ou atear fogo em mim.



Ele suspirou com decepção dramática. — Você não está me ajudando a ajustar o humor. Eu tenho muito para lhe ensinar.

Revirei os olhos. — Manda a ver — oh, meu mestre.

— Manda a ver? — Ele levantou uma sobrancelha. — Uau. Isso é quase um equivalente do seu uso mais cedo do termo "prostituta". — Mas eu vou ter que "mandar a ver" em outra oportunidade. — Ele se inclinou e, lentamente, trouxe sua boca pairando sobre a minha. Ele falou em um baixo estrondo que deslizou fogo debaixo da minha pele. — Por que por mais que eu queira beijá-la agora, profunda e completamente... — Ele afastou meu cabelo e acariciou minha bochecha suavemente. — Eu aprendi minha lição. Lento é o nome do jogo. Nós temos todo o tempo do mundo. E eu pretendo tirar proveito. — Ele lambeu os lábios, sua voz rouca e cheia de promessa. — Um imenso proveito. Mais tarde.

Ele deixou cair um leve beijo na minha testa, em seguida, abriu a porta da seção de Flint e caminhou em direção a parte de trás, girando sua caneca.

Esperando na porta, respirei fundo e então exalei para limpar a minha cabeça, tentando assimilar... Tudo. Enquanto eu o observava se mover com tanta graça descontraída, bem, vamos apenas dizer que falando sobre traseiros, eu era seriamente uma fã.

Eu percebi que estava encarando.

— Pare de me admirar, Lahey — Ayden ordenou por cima do ombro. — Lidamos com seus pensamentos libertinos mais tarde. Agora, nós estamos desperdiçando tempo, e o tempo não espera por ninguém. Siga-me.

Eu ri. Segui-lo? Sem problema.

— A propósito — ele fez uma pausa para saborear seu café, — você disse que os túneis não vão te machucar, mas eu sou Mandatum, então como você planeja fazer para evitar que eles me matem?

Oh, certo. Isso pode ser um problema.



CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Na seção de Flint, eu escalei a prateleira do nível superior e empurrei livros para o lado para revelar a espiral. — Quando as bolas flamejantes atacaram, eu disse a elas para parar, e elas simplesmente pararam, então eu estou pensando que a mesma estratégia vai funcionar se elas forem atrás de você... Ouch! — Eu gritei. — O que você está fazendo?

— Ajudando você subir. — Ayden disse.

Olhei para baixo. — Não. Você está agarrando minha bunda.

— Não. — Ayden disse suavemente — Estou simplesmente fornecendo apoio. Isso seria agarrar sua bunda. — Suas mãos se moveram. Eu gritei. Ele sorriu. — Vê a diferença?

Apertei os lábios. — Ayden.

— Tudo bem. — Ele se arrastou ao meu lado e travou os seus braços em volta da minha cintura.

Eu franzi a testa. — E agora?

— Estou apenas garantindo que você não vai passar sem mim desta vez.

— Eu não tenho certeza se isto é uma ótima ideia. E se a voz não escutar desta vez? Ou alguma coisa mais atacar?

— Você vai me salvar e exigir favores sexuais em troca. Ou pelo menos assim eu espero. — Ele empurrou o queixo em direção à parede. — Vamos, garota sensual.

Sorrindo apesar do meu medo, eu pairei minha mão sobre a espiral dupla. Senti calor. Arrepios sobre a minha pele. Uma corrente de ar, e desta vez eu realmente vi a estante de livros e a parede balançarem para trás na escuridão. Um *clique estrépito* e tentáculos de metal dispararam, enrolando ao redor de nós dois, e com um som sibilante, nós passamos.

Fomos jogados em nossos pés na escuridão quando a porta fechou, mas as lâmpadas rapidamente saltaram a vida iluminando o túnel úmido e mofado.



— Bom trabalho — Ayden parecia impressionado.

A voz da segurança Sally[10] ecoou pelas paredes — INTRUSO DO MANDATUM.

— Ou não. — eu disse para Ayden, em seguida, o empurrei para trás de mim e gritei — Não há nenhum intruso! — A bola flamejante inchou para a vida. — Retire-se! Dê meia volta! Cessar! Desistir! Abortar!

A bola de fogo iniciou suas rotações de motosserra. Ayden chegou por trás de mim, os braços delimitando cada lado do meu rosto, as palmas das mãos voltadas em direção da ameaça, e produziram uma faixa de fogo. E conectaram de uma mão para a outra, me bloqueando do ataque. Senti o calor no meu rosto e senti cheiro de queimado.

— Abaixe-se! — Ele ordenou.

— Não! — Eu agarrei seus pulsos e empurrei seus braços bem abertos. Quebrando a faixa de fogo. — Que se lasque a missão!

A bola de fogo atirou em nossa direção. A mão de Ayden agarrou a parte de trás do meu capuz e começou a me abaixar, pronto para explodir as mini granadas de fogo de Flint.

Eu gritei para a mulher sem rosto. — Acabar! Faça isso... *agora!*

A bola de fogo derrapou até parar na minha frente, apagou e caiu no chão com um som queixoso. Sorte, já que eu tinha acabado o meu repertório de comandos altamente clichês. Eu me mantive entre Ayden e a bola de fogo quando ela entrou em colapso em uma pequena suave esfera, e rolou em direção a nós. Eu a chutei, mas ela deslizou de volta. Irritante. Mas pelo menos não estava mais atacando.

— Vê, — eu disse. — Eu posso proteger você de vez em quando.

Ayden me girou e agarrou a minha jaqueta, me puxando para frente para colocar a boca firmemente na minha. O beijo foi profundo e deliberado, misturando os meus pensamentos, roubando a minha sanidade. Então ele deu um passo atrás, respirando com dificuldade, cabelo caiu sobre sua testa, os olhos de chocolate brilhando com malícia.

Eu olhei fixamente, engolindo com força. — O que foi isso?

[10] Sally é uma gíria para uma mulher independente, forte, sexy e corajosa.

— Um reembolso parcial das suas demandas lascivas por salvar a minha vida. — Ele ajustou sua jaqueta. — Mas o resto vai ter que esperar. Eu estou aqui como guarda-costas, de modo que você tem que parar de tentar me seduzir e vamos começar a trabalhar. — Ele fez uma saudação. — Lidere o caminho.

Com os lábios ainda formigando do… contato vigoroso, olhei ao redor dos túneis vazios antes de pegar a bola desativada ainda me seguindo e a empurrei no bolso.

Ignorando o olhar questionador de Ayden, eu disse, — Certo. Me dê um minuto para lembrar — ou planejar algo — de todos os detalhes do meu plano super seguro e sadio.

Ele ergueu as mãos em súplica. — Sem pressa. Eu sou apenas o músculo, estou aqui seguindo ordens.

— Como se fosse possível. — Embora eu tivesse que admitir, os músculos eram muito bons.

— Tente. — Ele se inclinou de forma cortês. — Me dê um comando.

Me beije, seu bobo! Oh espere. Ele fez isso. Não que não pudéssemos fazer isso novamente, mas – continue nessa linha de pensamento, Aurora.

Tire sua camisa! Sim, meus hormônios estavam em fúria.

Suspirei e cocei a minha cabeça. — Você consegue assobiar?

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

As mãos de Ayden tocavam de leve nas minhas coxas. — Seu plano super seguro e sadio era vagar pelos túneis de um serial killer montada no demônio de estimação dele? — Sua mão se moveu sobre a protuberância da bola espetada no bolso da frente. — E as mini bombas incendiárias dele?

Suspirei. — A última vez que verifiquei, guarda-costas são do tipo fortes e *silenciosos*.

Com o assovio de Ayden, Fido, meu demônio centopeia de confiança, tinha vindo correndo em um impulso rápido. Eu quase não consegui desviar do cãozinho entusiasmado e desleixado com a língua para fora quando ela gingou para onde eu estava.

Agora, eu e Ayden estávamos no topo do pescoço dela, aconchegados atrás das antenas posicionadas convenientemente em um vale, grande o suficiente para um casal de pessoas sentarem em segurança, contanto que eles tivessem uma definição abstrata da palavra segurança. Ele tirou minha mochila por cima do ombro para que ele pudesse se movimentar logo atrás de mim e dar direções usando o mapa em seu telefone. Eu guiei puxando as antenas de Fido. Por enquanto, tudo bem.

Ela se apressou com facilidade e propósito, suave como um trem. Lâmpadas vitorianas iluminavam alguns segundos, antes de as alcançarmos e iluminarmos o caminho do nosso jeito. Eu estava danada de orgulhosa de mim mesma.

— Nós não estamos perambulando. — eu lembrei. — Nós estamos indo para aquela lacuna que Blake falou. Seja paciente.

— Eu não estou dizendo nada. — ele assegurou, em seguida, passou os braços em volta da minha cintura. Seu corpo quente pressionado perto demais.

— Então, hum, essa... questão do fogo. É normal?



Eu o senti sorrir contra a minha nuca. — Na verdade, é muito comum em nosso círculo... no Mandatum. É que isso simplesmente nunca apareceu para mim antes. Mas agora que apareceu, eu estou recebendo ajuda.

— Que tipo de ajuda?

Ele levou um momento para responder, remexendo desconfortavelmente atrás de mim. — Eu estou aprendendo como controlar quando estou perto de você, de certa maneira... supondo que você esteja interessada, então eu não vou te machucar. Então, quando eu vou para algum lugar, ficando indisponível, é para onde eu vou.

Minha boca abriu e fechou algumas vezes. — Tipo um terapeuta?

— Não exatamente. — Ele deixou escapar um longo suspiro. — É alguém que já passou por isso antes e controlou com sucesso.

— É Bancroft? — Eu estava morrendo ao pensar que ele estava falando com um padre sobre nós, mas um padre teria este problema? Talvez ele não tenha sido sempre um padre.

Ayden bufou. — Ele não ajudaria. Como sua tia, ele ficaria feliz por outra razão de me manter longe de você.

— O que ele tem contra mim? E o que se passa com os dois trabalhando juntos?

— Nada. E eu não sei. O motivo, é que ele é protetor. — Ayden disse. — Historicamente, os caçadores e civis se aproximando é arriscado para ambos os lados. Exposição para nós, fisicamente perigoso para eles...

Fido correu uma curva acentuadamente à direita. Os braços de Ayden me espremeram em um aperto de quebrar a costela. Quando ela parou, nos empurrou para frente e para trás de volta.

Minha voz ecoou na escuridão. — Agora vamos fazer algum progresso.

As luzes da sala começaram a se formar, iluminando o espaço para revelar...

Um beco sem saída. Ótimo.

Ayden baixou o queixo no meu ombro. — Bom trabalho.

Eu lancei a ele um olhar irritado. — Blake disse que pode estar escondido.



Ele deu de ombros e balançou-se para fora de Fido, em seguida, estendeu a mão para mim, guiando minha descida, então eu comecei a deslizar contra ele com uma lentidão dolorosa. Quando meus pés finalmente tocaram o solo, nossos corpos estavam encostados um no outro, e eu estava achando aquilo muito mais quente naquela caverna fria e úmida do que eu esperava.

Limpei a testa. — Acho que é melhor começar a procurar.

— Certo, — ele disse, com a voz rouca. — Por espirais que literalmente abrem portas para você. — Ele se virou e examinou a sala. — Alguma ideia de por onde começar, Lady Croft?

Antes que eu pudesse dar uma resposta — não que eu tivesse uma — minha mente saiu para fora do meu corpo quando uma visão assumiu.

Vento soprou através dos meus ouvidos, em seguida, morreu em um silêncio anormal. Fido e Ayden tornaram-se menores quando eu voei para trás, refazendo nossos passos. As paredes turvaram em uma névoa de tons castanhos. Então tiras de mercúrio irregulares brilharam quando eu me movimentei até parar. As tiras consolidaram em esferas redondas.

Olhos de prata. Ameaçadores. Movendo-se para cima e para baixo quando um bando inteiro de cães infernais etéreos vinha em minha direção.

Esferas cravadas com fogo cuspiram das lâmpadas, subindo em direção a pelo menos uma dúzia de cães demônios. Mas pouco antes das esferas fazerem impacto, os cães de caça caíram no chão, como se a terra rochosa fosse nada mais do que água do pântano. As esferas explodiram como granadas contra a pedra, transformando o túnel numa zona de guerra. Entre nuvens de poeira, pedaços voaram, deixando crateras pretas queimadas no chão, mas os demônios estavam intocados. Rompendo do solo a metros de distância daquele ponto, eles continuaram correndo.

Com a graça e agilidade, eles saltaram, abaixaram-se, correram, e, como último recurso, mergulharam de volta para a terra. Alguns foram atingidos, deixando restos de couro cheios de lodo de seus corpos que explodiram nas paredes antes de cair em uma confusão agitada no chão.



Muitos foram cortados, os ganidos revelando que desistiram. Mas a maioria moveu-se para frente, prontos para nos deixar em pedaços.

Eu me encolhi quando o bando atacou, mais como um fluxo sobre mim, e eu só sentia um formigamento estranho. Meu corpo zuniu para trás, e eu vim parar nos braços de um frenético Ayden.

— Me diga qual é o problema! — Ele estava me sacudindo forte. Escovando meu cabelo para trás. — Aurora, o que está acontecendo?!

Eu me firmei com os braços ao redor de seu pescoço. Testando minhas pernas. — Nada. Jeezy, eu estou bem.

— Você não está *bem*.

Eu afastei seus braços e corri para a parede. Estávamos em um tipo de cul-de-sac[11], as lâmpadas circulando para iluminar o espaço ao redor. Fora isso, nada.

— Tem que estar aqui, Ayden. Lembre-se, foi o que Blake disse. Coisas mecânicas. Nas paredes. — Eu corri minha mão sobre a pedra bruta. O ar úmido e mofado se misturava na caverna, e juro que eu podia sentir o cheiro de cachorro molhado.

Fido ficou subitamente alerta, com o nariz apontado para o túnel. Ela tremeu. Seu nariz levantou. Cheirou. Sua cabeça baixou e ela soltou um rosnado baixo.

— Aurora, fale comigo. — Ayden me girou para encará-lo.

— Eu acho, — sim, *acha*, Aurora — Que eu tenho – por causa do contrato de sangue - algum tipo de conexão mental com Fido e ela sente que algo ruim está chegando. E nós temos que encontrar uma saída. Agora!

Alguma emoção correu sobre suas feições muito rápido para que eu lesse, então seu rosto ficou sombrio.

Ele assentiu. — Engrenagens. Coisas mecânicas. Algo tem que abrir…

Ambos olhamos para as lâmpadas e dissemos. — Alavancas.

[11] Termo utilizado com a função de designar "becos-sem-saída" e "ruas sem saída".

— Você puxa. Só abrirá para você. — Ayden enfrentou o túnel e os braços *ficaram* em chamas. Os sons de explosões ecoaram. — Vou segurá-los. Rápido.

Não, eu estava planejando ir devagar, poderia até tirar um cochilo. Corri para a lâmpada mais próxima e comecei a empurrar. Fido vigiou e enrolou seu longo corpo para bloquear a entrada da caverna.

Os uivos guincharam, e os sons de suas respirações ofegantes e raivosas estavam suficientemente próximas para repercutir nas paredes e colidir com o espaço aberto. Minhas mãos tremeram e escorregaram várias vezes até que uma das lâmpadas estalou sob o meu aperto.

— Ayden! — Quando eu soltei e cambaleei para trás, vi uma espiral dupla gravada no metal da lâmpada.

A coisa bateu e fragmentou. Ao lado da lâmpada, vento disparou e poeira explodiu da parede. Um círculo de três metros de diâmetro recortou na pedra, em seguida, bateu para trás, e o círculo de pedra rolou para a vista, deixando um buraco. Uma entrada. Do outro lado, vapor sibilava e calor explodia como se um dragão estivesse prestes a aparecer. Através da escuridão turva, *trituração e marteladas* batiam em um ritmo caótico.

Uma visão brilhou feia e rápida através da minha mente. Empurrei Ayden para o lado e usei a força para me empurrar de volta, derrapando duro no chão. De onde ele estava segundos antes, um demônio explodiu do chão, mandíbulas estalando.

Tudo ao redor, demônios jorravam da terra como um filme de horror, línguas sacudindo avidamente sobre presas reluzentes. Ayden e eu tínhamos absolutamente um pequeno exército entre nós.

— Aurora! — Chamas lamberam os braços de Ayden quando ele virou as costas para os demônios atrás dele para lutar com aqueles entre nós.

— *Proteja-se*! — Eu disse. — Eles não vão me machucar, porque eles estão trabalhando com Rose!

O cão mais próximo investiu contra minha garganta.

Eu chutei sua cabeça para os lados. — Esquece! Você pode ajudar!

Os demônios vieram para cima de nós.



CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Fido golpeou rapidamente como uma víbora. Suas mandíbulas estalaram em volta do demônio. Um grito assustado. Ossos quebrados. Fido engoliu o demônio em um gole. As bolas cravadas de fogo explodiram das lâmpadas e cortaram o ar, ignorando Fido enquanto ela comia mais demônios. As bombas de fogo convergiram como gafanhotos raivosos sobre os cães demônios, mas eles apenas mergulharam na terra. O chão explodiu em torno de mim como se alguém continuasse a explodir minas terrestres.

Eu fiquei abaixada, desviando dos detritos bombardeando, esperando não correr direto para uma bola de fogo voadora. Poeira cobria o ar espesso como palha de aço deixando um gosto granuloso na boca. Nosso mundo cheirava a chamas.

— Ayden? — Eu golpeei as nuvens de areia, olhando para ele.

— Pegue Fido! — Ele ordenou.

Eu virei quando ele emergiu da fumaça, jogando bolas de fogo nos demônios que rastejavam em torno de mim. Uma visão brilhou, mas eu já tinha visto os olhos de prata de um demônio atrás dele, moldado no chão, olhando como um crocodilo à espreita logo abaixo da superfície de um pântano.

Ele se lançou. Eu dei um grito de guerra e levantei meus braços, correndo a toda velocidade, pensando que o meu poder de explodir poderia aparecer. A qualquer momento agora... A qualquer momento... Neste *exato* segundo seria fantástico...

Eu ataquei um demônio cão em pleno ar. Dor perfurou meu ombro. Nós colidimos no chão. A variedade de pontas letais cravadas ao longo do corpo de Lassie e embutidas no solo com o impacto o deixou imobilizado. O impulso me arremessou. Eu pousei na cratera no campo de batalha. Lassie estava preso ao chão de pedra quando eu me levantei e senti o calor vazando no meu peito.



Sangue. Ótimo.

O demônio se soltou, enviando sujeira e pedras ao ar, então deu uma guinada para cima com suas patas. Um dos chifres pingava vermelho de onde ele perfurou meu ombro. Então, talvez enfrentar o ouriço espinhoso não tenha sido a melhor ideia.

Lassie saltou sobre mim para atacar Ayden. Eu caí para trás, balancei as pernas para cima, e enterrei um sólido chute com os dois pés em seu estômago. O demônio navegou para cima, caiu lateralmente para longe de Ayden, então eu acompanhei o meu impulso para uma cambalhota para trás até levantar. Suave. Profissional. Onde estava Matthias quando eu precisava me vangloriar?

Eu me virei. Lassie atacou. Eu mal agarrei sua garganta antes dele bater nas minhas costas, estalando as presas a centímetros do meu rosto. Engasguei com o fedor desprezível de sua respiração. Garras cortando as pedras em ambos os lados da minha cabeça. Meus braços esticaram e queimaram, meus cotovelos giraram para evitar que as garras arrancassem meu cérebro. Saliva espirrou e babou por meus braços. Tão nojento.

— Ayden! — Meus músculos estavam perdendo força. Rápido. A boca cheia de adagas de Lassie estalou mais perto.

Um calor afiado perfurou meu estômago. Pressão comprimiu meu corpo. Meus pulmões contraíram. Então, num piscar de olhos, a minha pele iluminou como um bastão neon radioativo com luz brilhante, liberando o peso que estrangulava meu corpo. A corrida de poder levou toda a fadiga dos meus ossos. Energia zumbia de novo pelos meus braços, indo todo o caminho até minhas palmas.

Debaixo das minhas mãos, Lassie começou a esfumaçar. Suas mandíbulas raivosas congelaram no meio de um estalo. Tentei me afastar.

— Oh, não. — Eu aumentei meu aperto. — Vamos nos abraçar.

Brasas choveram como fogos de artifício. O cheiro enjoativo de pele queimada encheu o ar. Luz branca crepitou dos meus dedos em todo o rosto e focinho de Lassie. Alarme brilhou em seus olhos de prata, em seguida, toda a sua luz se apagou.



Quando o corpo caiu sobre o meu, ele estilhaçou em poeira, o pó sujo passando por mim e desaparecendo no chão.

Eu sorri. — Como uma profissional.

Bati as minhas mãos sobre mim mesma. Meu ombro ardia. Havia sangue. As minhas costas tinham um hematoma agonizante. Eu tinha baba ensopando meus braços, sujeira estragando o meu cabelo. Eu ainda brilhava. Nenhuma pista de como desligar esse interruptor nuclear, mas não importa, porque finalmente liguei isso novamente. Sozinha. Sem a ciência sem sentido de Jayden.

Ouvi rosnado e olhei para cima. Ayden estava cercado. Demônios lobos começaram a aparecer da terra. Mas nem um estava olhando para mim, escolhendo convergir toda a sua atenção para o sangue vigoroso de Ayden. Fantástico. Eu não estava sendo atacada. Porque eu não estava sendo atacada? Eu estava um pouco ofendida.

Minhas mãos ainda brilhavam, mas meu poder não estava realmente explodindo. Eu estendi meus braços. Tentei reunir a energia.

Chamas colidiram sobre o chão, queimando os lobos em ondas em espirais de incêndio. Eu engasguei com o doentio cheiro doce de pele e carne queimada. Um alto círculo de fogo sangrou do chão e me cercou. Eu vacilei para trás devido ao calor furioso.

— Fique parada! — Ayden gritou.

Claro, como se eu pudesse me mover de qualquer maneira. Fido saiu correndo para parede para pendurar-se no teto.

Como um lança-chamas, fogo jorrou do braço de Ayden. Sua camisa estava triturada com marcas de garras, sua pele perfeita estava arranhada e sangrando, mas ele caminhou com propósito através do lago de chamas parecendo um demônio cuspidor de fogo diabólico, selvagem e descontrolado, queimando tudo em seu caminho, cores quentes furiosas refletindo mortalmente através de sua pele. Gemidos estridentes soaram quando os demônios tentaram mergulhar de volta para a terra.

Outros demônios saltaram sobre o fogo. Ayden soltou um chute circular que arrastou um rastro de chamas e chicoteou um demônio em dois. Antes de ele tocar no chão, o outro pé chutou um arco em chamas



que dividiu outros dois demônios que escavavam o chão. Ele aterrissou em uma guinada profunda, e o fogo em volta de mim desapareceu.

Ele estendeu a mão sem chama, seu sorriso feroz. — Como isso foi forte e silencioso?

Eu fiquei boquiaberta. Ayden estava sobre mim. Cinzas pairavam no ar ao seu redor. Ele parecia um guerreiro feroz, todo perigoso e pronto pra batalha com seus músculos sexys brilhando.

— INFESTAÇÃO DE DEMÔNIO — uma voz de mulher ecoou. — AVANCE PARA O SANTUÁRIO.

Bati minha mão brilhante na de Ayden, e ele me puxou para cima. Pelo menos ela não tinha dito *Mandatum*. As bolas espetadas restantes de Flint zumbiam abaixo no túnel e fora de vista. Pequenos tubos saltaram de debaixo de cada lâmpada. Um som borbulhante encheu o ar.

— AVANCE PARA O SANTUÁRIO.

Eu apontei para o buraco escuro escancarado na parede onde a pedra abriu uma porta. Vapor emanava, ruídos batendo trovejavam naquela direção.

— Vamos escapar através disso. — eu disse.

Ayden apagou suas chamas, me pegou em seus braços, e correu através do mar de fogo. Demônios cães saltaram do chão para nós. Alguns desapareceram em um furacão de fumaça preta e um aroma acentuado de enxofre quando o fogo os esmagou, mas um conseguiu passar. Ele uivou em desafio, chamas queimando suas patas quando ele avançou na nossa frente em direção a abertura na parede.

Quando ele passou o limiar, houve um zumbindo violento e grandes discos de prata girando brilharam da moldura da porta. O cão parou tão subitamente que foi quase cômico.

O zumbido das serras cessou, as que foram atiradas na porta de pedra, gemeram ao parar, e depois de um momento de pausa, o corpo do cão demônio deslizou em pedaços. Quando a carne se partiu, uma rede de energia elétrica pulsou da entrada da porta em um azul brilhante, incinerando o que restava do cão antes mesmo dos restos dele caírem.

— Uau! — Ayden derrapou até parar.



— Minha nossa! — Eu praticamente subi nos ombros dele.

Os tubos debaixo das lâmpadas arrotaram alto, em seguida, expeliram uma onda de um líquido verde doentio, que corria para baixo das paredes e se espalhava rápido e grosso no chão. Os cães retornaram através do chão, em seguida, gritaram e uivaram em agonia ao tocarem a gosma. A pele deles esfumaçou e seus corpos distorceram dobrados sobre si mesmos quando o fluido derreteu através deles, desintegrando-os diante de nossos olhos.

— Serras circulares, eletricidade, e ácido? — Eu fervi. — Você está brincando comigo!

Ayden me lançou um olhar exasperado de *o-que-você-esperava*. — Um. Serial. Killer. Gênio.

Ácido agrupou-se, comendo demônios e o chão. Quando encostou nas chamas de Ayden, ferveu em um gás nocivo que fez nossos olhos e garganta coçaram e começamos a tossir.

— Fido! — Ayden gritou.

Havia uma agitação nervosa insistente. A centopeia correu diretamente acima de nós, pendurada no teto, sua cabeça tombando como uma garra daquela máquina de agarrar brinquedos, pronta para pegar seu prêmio.

Ayden disse, — Diga para ela...

— Nos tire daqui, Fido! — Eu disse, então um pulmão deu uma tosse seca. Meus olhos lacrimejaram contra os vapores pungentes.

Agitando-se com o que eu esperava ser um sim, Fido nos prendeu em uma de suas antenas de garras, e nos arremessou forte. Então ela foi embora.

Acima das chamas, da fumaça mortal, do ácido, e dos cães se desintegrando, nós nos lançamos em direção à abertura da parede. Onde as serras circulares e eletricidade e quaisquer outras torturas da mente psicopata de Flint estavam prontas para nos receber.



CAPÍTULO CINQUENTA

Nós batemos no chão. Ayden me segurou contra seu peito, então ele acabou recebendo o impacto da queda nas costas, amortecido um pouco pela minha mochila que ele ainda conseguiu colocar. Nós derrapamos até parar. Poeira nublou tudo, obscurecendo a pouca luz filtrada através da entrada.

Eu tossi. Pisquei para afastar a poeira. Nós parecíamos ilesos. Os membros ainda presos, mas Ayden não estava se movendo. Terror torceu meu intestino. Bati minhas mãos sobre ele com um leve — tudo bem, *grande* — pânico. Nenhum ferimento fatal.

— Ayden, fale comigo. Você está bem? Ayden!

— Não tenho certeza. — ele gemeu. — Talvez você deva continuar me agarrando. Na verdade, você deve ir um pouco mais para baixo.

— Não me assuste assim. — Eu bati em seu ombro, o que explodiu uma dor quente e profunda no meu próprio ombro. — Ow.

— Merda. — Ayden se sentou e pegou meu braço gentilmente.

Olhei para a perfuração, cintilante com filetes de sangue. — Acha que o treinador vai me deixar pular educação física? Já fiz meu exercício.

Um estalo alto vibrou no ar. As serras circulares voltaram a vida e retornaram para a parede. Então, como uma peça de quebra cabeça que faltava, a porta de pedra deslizou de volta pra o lugar, nos trancando com um chiado ecoando.

As lâmpadas vitorianas voltaram à vida.

— Não! — Corri e chutei a parede. Bati até doer. Ow. Estúpida. — Há uma alavanca ou uma espiral ou algo assim?

Virei para exigir a ajuda de Ayden, mas ele estava olhando ao redor, de boca aberta, visivelmente atordoado.

Segui seu olhar. Temor tomou conta de mim também.



— Oh. Meu. Deus. — Eu mal podia respirar. — Flint não tem um tesouro. Ele tem uma arma de destruição em massa.

Lâmpadas gaguejavam e lentamente iluminaram o espaço. Ayden e eu estávamos em uma saliência estreita com um corrimão cor de bronze apagado. Além dele, o mundo desaparecia em um poço escuro sem fim de desgraça, rodando com névoa. Até onde ia? Quinze ou dezoito metros abaixo. Não poderia dizer com certeza, mas nós continuamos olhando com assombro, no entanto, esticando o pescoço para o espaço maravilhoso.

Flint tinha escavado na montanha de alguma forma, e nós estávamos de pé no centro do seu enorme núcleo mecanicamente enlouquecido.

Luz dourada refletia de um quebra-cabeça brilhante e caótico, de engrenagens enferrujadas e bastões conectados para cima e para baixo em torno das paredes. Tubos brilhavam em cobre, ouro e prata conforme serpenteavam em um intricado labirinto para os lados. Contadores, parafusos e medidores estavam presos em lugares estranhos, as vezes anexados em metal ou caixas de madeira presas nas paredes como pulgas. Na parte bem abaixo, uma floresta de máquinas ondulava vapor e faíscas.

Engrenagens gemeram. Bombas assobiaram. Correias zuniram. Correntes agitaram. Pistões bombearam. Era uma sauna, úmida e quente, minhas roupas começaram a ficar pegajosas, minha pele brilhava com gotas de suor. Tinha cheiro de terra molhada e metal velho.

Erguendo-se no centro estava o que tinha que ser um raio da morte. Um cone transparente preenchido com uma pálida neblina azul se contorcendo.

Nós caminhamos através de uma passarela de metal que se projetava da nossa plataforma através do abismo para uma sala circular envolta com vidro. Dentro, o ar estava seco e fresco. Cheirava obsoleto, mas ainda um alívio bem-vindo. A sala era uma versão clássica da mesa de controle dos Ishida, fazendo com que o local se parecesse com uma espaçonave da era vitoriana.

Teclas de bronze de máquina de escrever. Botões de cobre parecendo com parafusos desaparafusados. Uma série de interruptores brilhantes implorando para serem ligados ao lado de mostradores de rádio velhos e



botões piscando de várias cores: vermelho, amarelo e verde. Onde painéis estavam faltando, fios serpenteavam em torno das engrenagens girando. Acima das mesas estavam cabos verdes oxidados montados em linhas e colunas. Uma grade de metal estava pendurada com ferramentas enferrujadas.

Eu disse — Se Rose colocar as mãos nisso, ele vai explodir alguma cidade para fora do mapa.

Ayden estremeceu quando ele tirou a mochila do ombro e a deixou deslizar para o chão. — Eu não acho que nada disso seja uma arma.

Eu apontei para a caixa central. — Você não vê o raio da morte cheirando a fumaça ali?

— É uma torre de resfriamento ou ventilação. — Ayden inclinou-se sobre uma das mesas de metal. — Tira o vapor daqui, não a fumaça. Esta é uma sala de controle.

— Oh. — Eu estiquei o pescoço para cima, em seguida, para baixo, para examinar as criaturas gigantes de metal, fazendo ruídos de fábrica logo abaixo. — Isso alimenta tudo? Os túneis, a segurança?

Ayden assentiu enquanto seus dedos se arrastavam sobre as máquinas. — E, provavelmente, a escola, a casa dele antigamente.

— Como?

— Eu estou supondo que seja com a força da água — disse ele. — Vinda dos desfiladeiros, rios, cachoeiras. Isso é incrível, mas — ele tirou as mãos dos controles e olhou para o relógio — nós temos que sair daqui. As aulas vão começar e sua família vai começar a fazer perguntas.

— Um desses tem que abrir aquela porta. — Eu fui cutucar um botão.

— Whoa! — Ayden agarrou meu pulso. — Não toque! Todas essas máquinas lá embaixo, mesmo que negligenciadas por cem anos, podem estar instáveis e podem explodir.

— Tudo beeem. — Eu franzi a testa e toquei um cabo saindo da parede. Quebrou na minha mão. Inchando. — Desde quando você sabe alguma coisa sobre engenharia?

— Eu tento ignorar Jayden, mas alguns de seus balbucios entram na minha cabeça. — Ayden olhou para os botões e interruptores.



Eu gentilmente puxei outro cabo. Uma gaveta longa e estreita deslizou para fora da parede. Alguma coisa brilhou e estremeceu. Eu recuei.

— Pare de tocar nas coisas! — Ayden me colocou atrás dele.

Uma vitrine apareceu. Os aros de prata emolduravam dois pedaços de vidro que guardavam um mapa encrespado cor de creme.

— Eu acho que é o desenho da planta abaixo de nós, — disse Ayden.

Eu girei ao redor. — O desenho da cidade está do outro lado. Olhe para as cachoeiras e por trás delas, o portal.

O rosto de Ayden era sombrio. — Por que ele desenharia uma espiral dupla sobre o portal? Não há uma lá. Nós sabemos sobre as da escola, sobre as que rodeiam a cidade. Sem ideia do que sejam. Eu pesquisei o símbolo, mas não há nada nos livros de história Mandatum.

Eu olhei para o mapa. — Eu não vejo qualquer menção a tesouro. Ou a um santuário.

— Vamos ter que olhar mais tarde. — Ayden passou a mão pelo cabelo, que tinha perdido muito do seu espetado com a umidade. E pelo ataque de demônios. — Verifique as outras gavetas. Vou procurar uma saída.

Algumas gavetas mais tarde eu descobri uma série de livros com títulos como *Refrigeradores Centrífugos*, *Sistema Pneumático e Associação de Sistema de Bombeamento.* Insignificantes. Chato. Até que...

Num segundo olhar, eu reconheci três palavras. *Divinicus Nex* e *Bellator.*

— Encontrou algo? — Disse Ayden.

— Não tenho certeza. — Eu o coloquei no fundo da minha mochila esfarrapada que Ayden tinha deixado no chão, em seguida, enfiei alguns dos outros livros que encontramos no topo. — Vou dar estes a Jayden. — Se houvesse uma conexão com o Divinicus, eu estava apostando que ele poderia descobrir.

Três gavetas depois...

— Manual do elevador! — Eu o segurei no alto.

Ayden olhou em volta. — Não tem elevador.



CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Ayden abriu as portas de metal, em seguida, virou a maçaneta da porta atrás dela e fez sinal para eu sair do elevador primeiro. Saí e virei ao redor. Mesmo sem a lanterna, eu sabia onde estávamos.

A escola. Especificamente, nós estamos no corredor na mesmíssima alcova em que tropecei quando estava tentando me esconder de Ayden e Blake. Aquela em que as paredes de pedra tinham se transformado em metal, e alguns botões tinham aparecido do nada, e o metal tinha tentando me "prender" lá dentro. De acordo com os mapas e diagramas de Flint, os túneis e escola estão cheias delas.

Ayden riu. — Esta era a criatura tentando comer você?

— Como eu poderia saber? — Eu dei uma tapa no braço de Ayden, mas lamentei instantaneamente o movimento quando nós dois estremecemos.

Ele pegou minha mão conforme continuamos mancando, através da névoa e para baixo para a entrada da escola, patos grasnaram longe conforme o dia se preparava para emergir de seu sono. Enquanto Ayden trancava o cadeado e corrente sobre os portões de ferro, eu fui pegar minha bicicleta, o doce forte aroma de madressilva quando afastei as videiras pesadas subindo a parede de pedra.

A bicicleta não estava lá.

Olhei em volta, confusa. — Devo estar procurando no lugar errado.

Virei para verificar uma área diferente, mas o distinto clique de uma arma sendo acionada - e uma lanterna me inundando com luz – me fez congelar, o coração trovejando.



CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Uma voz autoritária ordenou — Mãos para cima e vire-se lentamente.

Eu virei, então apertei os olhos e trouxe uma mão um pouco para baixo para me proteger da luz vindo diretamente nos meus olhos. Eu não podia ver muito mais do que uma silhueta vaga de um homem, mas havia definitivamente um revólver. Apontado para mim.

Fantástico. Quem queria me matar agora?

Uma sombra correu pela lateral. A lanterna caiu no chão e o capanga estava subitamente beijando sujeira com o joelho de Ayden nas suas costas, a arma pressionando contra a base da cabeça do homem.

— Não se mova — Ayden rosnou.

Houve um momento de silêncio, em seguida, o homem disse, — Ayden?

Ayden olhou para ver melhor o rosto do rapaz. — Walter?

— Filho de uma... — Sim, seu idiota. Saia de cima de mim.

Ayden levantou-se e ajudou o oficial a se levantar. Sim, era um dos oficiais do Xerife Payne.

— Desculpe, cara. — Ayden espanou o uniforme do Oficial Walter e devolveu sua arma. — Não tinha percebido.

O oficial colocou a arma no coldre e olhou para mim. — A menina Lahey, certo?

— Sim, senhor — Eu assenti. A menina Lahey que ficaria seriamente de castigo quando os pais Lahey tivessem que socorrê-la da cadeia. E Tia M. Oh, querido Deus, eu ouviria sobre isso por um longo tempo.

Ayden colocou a mão no ombro do oficial. — Walter, eu posso explicar. Isto não é o que parece.

— Nunca é. — O oficial respirou fundo, parecendo nada feliz. — Vocês causaram algum dano?

— Não. Você nunca vai saber que estivemos lá.

Uma nova voz retumbou da escuridão. — Eu cuido disso, oficial.



A mão do oficial empurrou para o seu coldre, depois parou quando viu o homem que saiu da sombra.

Com esporas tilintando em botas de cowboy de couro vermelho, Rose chegou vestido como um xerife dos tempos antigos. Longos cachos dourados saltavam de um chapéu de cowboy, e ele usava um casaco de couro marrom, calça jeans, camisa e colete, completando com uma brilhante estrela de xerife presa ao peito. Os dois revólveres no coldre em sua cintura capturaram a maior parte da minha atenção.

Eu congelei, antecipando um tiroteio digno do filme *Sem lei e sem alma*, mas mesmo com a arma na mão, o oficial Walter ficou reto e assentiu respeitosamente.

— Xerife Payne. — ele disse. — Boa noite, senhor.

Isso foi... Estranho. Rose não parecia em nada com o pai de Matthias. Especialmente vestido assim. Eu mantive minha boca fechada e disparei um olhar interrogativo para Ayden. Ele deu de ombros, parecendo tão confuso quanto eu, e moveu-se para minha frente. Rose usou um dedo para levantar seu chapéu, em seguida, enfiou os polegares no cinto.

— Vou cuidar destes jovenzinhos. Você vai cuidar do seu negócio. — Rose levantou sua calça, — E não vamos falar disso novamente. Esclarecido, parceiro?

Oh, jeez. Isto era um péssimo faroeste espaguete.[12]

Mas o oficial apenas concordou de novo, disse — É isso aí, senhor — e desceu a rua onde, agora que o sol começou a nascer, vi sua viatura estacionada, a minha bicicleta ao lado.

Quando o oficial se afastou, Rose tocou a aba do chapéu em reconhecimento.

Observando o oficial saudar de volta, perguntei, — O que foi isso?

— Ele mexeu com a cabeça dele — Ayden me disse por cima do ombro, em seguida, encharcou sua voz com suspeita quando ele inclinou a cabeça para Rose. — Desde quando um JOAT tem um poder de Ilusionista assim?

[12] Faroeste espaguete é um subgênero de faroeste de produção italiana das décadas de 1960 e 1970, muitas vezes com a participação de atores famosos, mesmo em início de sua carreira que mais tarde viriam a tornar-se estrelas internacionais.



Rose soltou um sorriso tão deslumbrante que eu tinha certeza de que o nascer do sol estava atrasando o seu aparecimento, com vergonha de tentar competir com o brilho.

— Você me lisonjeia, jovem caçador. — Ele inclinou-se ligeiramente. — No entanto, é a fraqueza patética de espírito do cavalheiro que permite que meus parcos poderes pareçam grandes. Mas aos assuntos mais importantes. O que você descobriu? Aguardo com a respiração suspensa. — Suas mãos repousavam sobre as pontas dos revólveres nos coldres.

Os braços de Ayden moveram-se nos seus lados e suas mãos iluminaram com chamas. Rose ergueu as sobrancelhas, em seguida, muito lentamente, ergueu as palmas das mãos voltadas para cima.

— Perdoe-me, — Rose disse solicitamente. — Não represento ameaça.

— Perdoe-me, eu represento. — Ayden rebateu. Fogo lambeu seus braços inteiros. — Você precisa começar a responder algumas perguntas.

— Outra hora talvez. — Rose suspirou, e em um redemoinho de fumaça rosa, ele desapareceu.

Apenas *poof.* Em fumaça *rosa.*

Ayden e eu nos encaramos. Grilos cantaram. Patos grasnaram. Cisnes buzinaram. E até mesmo uma coruja piou.

— Uhh, — eu finalmente registrei depois que eu levantei meu queixo do chão. — Ele deveria ser capaz de fazer isso?



CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

— Eu disse para você que se eu não voltar para casa, meus pais vão enlouquecer. — Meu sussurro soou alto no silêncio da manhã conforme Ayden e eu nos agachamos do lado de fora do nosso portão do quintal. Apesar da chegada do sol, nossa respiração condensou no ar frio enquanto continuamos a discutir.

— E eu disse para *você*, — Ayden insistiu — se você aparecer desse jeito, seus pais vão pirar ainda mais. Vamos lá, vamos ligar da minha casa, dizer que o treinamento foi atrasado. Você pode tomar banho, e levo você para a escola depois.

Ele começou a voltar para o carro como se tivéssemos resolvido o assunto.

— Mas eu não deveria estar treinando, — eu lembrei. — Tia M vai ficar em alerta máximo. Além disso, se eles acharem que o treinamento me deixa assim, — Fiz um gesto sobre o meu corpo, — com todos os cortes e contusões, será o fim de tudo.

Mas o que poderíamos fazer? Me esgueirar pela janela do meu quarto estava fora de cogitação já que minha família estava a todo vapor se movendo pelo andar de cima. Mesmo se eu pudesse entrar e me livrar das roupas rasgadas, e combater o penteado de noiva do Frankenstein, e limpar o mau cheiro completo de esgoto, ainda havia a questão das lesões múltiplas. Eu me curo sobrenaturalmente rápido, mas não era uma recuperação supersônica.

Meus pais notariam. E loucura aconteceria.

Ayden fez uma pausa, sua expressão espelhando a minha frustração. — Vamos pensar em alguma coisa. Aqui, me deixe... — Ele molhou a bainha de sua camisa com a língua. — Você está suja e...

Quando ele tentou limpar meu rosto com o tecido encharcado de saliva, eu me esquivei e o encarei. — Sério? O que eu tenho, dois anos?



— Esse argumento pode ser bem válido. — ele fez uma careta, mas deixou cair a camisa. — Bem. Eu só estou tentando ajudar. Você não pode esconder isso. E se eles acharem que os meninos e eu estamos envolvidos, — ele fez um esforço para conter a voz subindo — Seus pais nunca mais deixarão você passar o tempo conosco novamente. Cuidado! — Ayden me puxou para fora da vista.

Olhei por cima da cerca. Papai estava de moletom correndo ao lado da casa, acabando de voltar de sua corrida matinal.

Ayden estava certo. Eu não podia esconder isso e se eles achassem que... espere um minuto. Ohhh, sim. Ele *estava* certo. Um sorriso calculado percorreu sobre a minha boca.

Ayden sacudiu a cabeça. — Aurora, o que quer que você esteja pensando, não. Nós podemos tentar outra coisa. Algo mais.

Agarrei folhas sujas e galhos e os espalhei por todo o meu cabelo e roupas. — Você é brilhante.

— Não. Eu realmente não sou.

— Eu sei o que estou fazendo.

— Nada de bom vem depois dessa declaração.

— Tenha um pouco de fé. — Levantei e peguei a minha bicicleta.

Ayden acenou para eu me manter para baixo. — Ele vai vê-la!

— Vá para casa. — Eu falei através do lado da minha boca. — Vou encontrá-lo na escola. Vou me atrasar, mas não se preocupe.

Ayden estendeu a mão para mim. — O que você está fazendo?!

Eu bati minha bicicleta no portão do quintal antes que ele pudesse me parar. Pelo som vindo de trás, a fé de Ayden estava em crise, mas eu o ignorei.

— Pai! — Eu gritei.

— Ei, querida. — Ele acenou. — Como foi o passeio? — Ele viu a minha aparência e ficou da cor de cola. — Meu Deus!



CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Alguém me cutucou para me acordar do tipo de sono morto-para-o-mundo que eu desfrutava a alguns dias. Sem sonhos, sem pesadelos. Era glorioso.

— Senhorita Lahey?

Uma voz de homem. Que não reconheci. Quem ousa perturbar meu sono?

O lado do meu rosto ainda descansava sobre meu braço, mas meus olhos se abriram, e depois de um momento, foquei em Logan. Desde quando ele parecia tão velho?

Algo cortou minha visão, e meu professor da segunda aula do dia estava inclinado sobre mim.

— Eu entendo que você estava atrasada esta manhã por causa de um acidente. — Sua voz parecia distante. — Você parece um pouco desgastada. Seus pais pediram que ligássemos se você mostrasse quaisquer sinais de fadiga. Eu acho que isto se qualifica.

— Não. — Minha cabeça disparou. Muito rápido. Ow. Eu estremeci. Dor. Na minha cabeça, braços, ombros. Oh, diabos, praticamente em todos os lugares.

Logan sacudiu seus dedos em seus lábios. Recebi a mensagem e limpei uma teia de baba pendurada no canto da minha boca. O que me fez ganhar um riso abafado dos meus colegas.

— Eu estou bem. — eu engoli ruidosamente. — Apenas um pouco cansada. Meu pai checou no hospital, nada está quebrado, e não tenho tonturas ou náuseas, sem sinais de concussão. Por favor, não ligue para eles. Eu gostaria de ficar.

O professor parecia duvidoso. — Alguns podem dizer que querer ficar na escola é um sinal de concussão. — A classe retumbou com uma risada coletiva. — Mas tudo bem. Se você se sentir mal, vai avisar?

— Absolutamente.



Meu rosto estava quente. De dor ou constrangimento, eu não podia ter certeza. Senti uma brisa fresca sair do nada e vi os dedos de Logan movendo-se sorrateiramente. Eu sorri de gratidão.

Eu fiquei acordada durante o resto do período, principalmente devido a Logan mandando uma brisa ártica no meu caminho quando a consciência vacilava. O sino tocando era como uma navalha na minha cabeça. Esfreguei a testa enquanto meus colegas serpenteavam para fora.

— Você tem certeza que está bem? — Logan colocou os meus livros na minha mochila e me levou para fora. — Ayden nos disse o que aconteceu. Ele está meio que... preocupado. Os túneis não são um lugar para ir sozinho. Especialmente para... — ele baixou sua voz — um Divinicus. Você deveria ter chamado Jayden ou a mim.

— Divinicus. — Eu parei, me lembrando do livro que encontrei com a dupla espiral na capa. Ele ainda estava na minha mochila, que eu arranquei de Logan e comecei a vasculhar. Eu encontrei os manuais mecânicos na parte superior e os entreguei. — Faça que Jayden dê uma olhada nestes. — Eu continuei procurando pela capa que tinha uma pequena espiral. — E há um outro que eu estou esperando que ele possa traduzir...

Se eu conseguisse encontrar. Eu devia limpar isso aqui.

— Ei! — Alguma garota acenou bruscamente quando entrou correndo na sala.

Óculos, morena, olhos escuros, grandes e exóticos. Eu a conhecia, mas havia uma chave inglesa presa nas engrenagens do meu cérebro.

— Merda, qual é o nome dela? — Eu disse.

— Natasha. — Logan disse sem hesitar.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ele. O pequeno fantasma corou e ajustou seu casaco.

Eu sorri. — Bem, bem, bem.

— Matthias vai levá-la para a aula hoje? — Natasha perguntou.

— Eu espero que não. — eu digo.

Ela franziu a testa. — Sabe onde ele está?



— Aposto que Logan poderia ajudá-la a encontrá-lo. — Eu bati no ombro do pequeno garoto. — Certo, Logan?

Logan olhou com os olhos arregalados dignos de um Bambi olhando para um T-Rex raivoso e perdeu o pouco de cor que suas bochechas tinham momentos atrás. Ele abriu a boca. E guinchou. Como um camundongo.

Foi doloroso assistir.

— Sem tempo. — disse Natasha. — Eu tenho prática de debate durante o almoço. — Ela puxou um pedaço de papel do bolso e estendeu para Logan. — Você pode dar isso a ele? — Sem esperar por uma resposta, ela enfiou o papel no bolso da frente dele, deu uma tapinha na cabeça dele, e disse — Obrigado! — E saiu.

Ele olhou para ela.

Eu balancei minha cabeça. — Explique para mim como foi *Jayden* o único que quase falhou no curso de Sedução.

— Logan. — A voz de Ayden cortou através da sala, seu tom tão duro que Logan se encolheu. — Eu assumo daqui.

Eu me virei e sorri, fechando minha mochila. — Ei.

Ayden não sorriu de volta. Ele esperou na porta, aparentemente alheio ao fato de que ele estava bloqueando a maior parte dela. Ele não se moveu. Os alunos tiveram de se contorcer para passar por ele, mas ninguém reclamou, já que seu comportamento sugeria que ele podia agarrar seus pescoços se ousassem.

Com uma carranca dura e as narinas queimando, seus olhos castanhos escuros piscaram por cima de mim, avaliando, frios. Logan me cutucou para ir para frente. Silencioso, Ayden pegou minha mochila, em seguida, meu cotovelo, e me levou para longe.

— Vou com você. — Logan ofereceu, mas um olhar brutal de Ayden o parou no meio do caminho. — Ou não. — ele murmurou, em seguida, me deu um sorriso vacilante. — Eu, uh, a vejo na aula de Educação Física.

Eu tentei sorrir de volta, mas Ayden já nos passava através do corredor lotado.



Estudando o perfil dele, já que ele não olhava para mim, Ayden parecia abatido, os ângulos sob aquelas maçãs do rosto do Himalaia estavam mais pronunciados do que o habitual, quase afundando, e círculos escuros penduravam sob seus olhos. Ele pode ter espirrado um pouco de água no rosto e cabelo, mas não tomou banho ou fez a barba.

Você pensaria que depois de uma visita com Bancroft e seus poderes de cura instantânea, Ayden ficaria melhor, mais como se tivesse tomado café e ganhado energia do que colocado uma simples maquiagem.

Com base na sujeira e alguns restos de respingo de corpo de demônio endurecido no jeans, o jeans sendo o mesmo que ele usou na noite passada. Ou foi esta manhã? Ele tinha trocado a camiseta rasgada para uma que ele provavelmente emprestou de Tristan já que era muito pequena, e agarrava-se a todos os músculos de seu torso.

Ele cheirava a suor e couro. De alguma forma, ainda não desagradável.

Ao contrário de seu humor. Ele estava com raiva, tenso, o corpo rígido, como se cada movimento seu tivesse que ser controlado, caso contrário detonaria.

— Bom dia. — eu disse em uma voz alegre, na esperança de penetrar na escuridão. Eu não o via desde o quintal de casa e talvez ele não soubesse o quão bem o meu plano deu certo. — Meu pai me levou para o hospital para um check-up. Raio-X, tudo o que tinha que fazer. Você sabe como ele é. Mas eu estou bem. Coisas superficiais. Exceto o meu ombro. — Eu bati um dedo perto da minha clavícula e rolei meu ombro. Senti uma dor maçante. — Mas isso só precisou de um par de pontos.

Ele olhava para frente, os olhos examinando a multidão. Um músculo pulsando em sua mandíbula. Quando ele finalmente falou, foi num tom gelado. — Eu sei.

Uau. Duas sílabas inteiras. Eu queria revirar os olhos, mas parei. Em seu estado atual de mal humor, não parecia como se ele fosse apreciar o gesto. Eu estampei um sorriso.



— Você sabia que eu disse aos meus pais que fui andar de bicicleta nas montanhas e levei uma queda terrível para fora da pista e parei dentro do córrego?

— Não. — Sua boca mal se movia.

Uh, oh. A extensão das sílabas está se deteriorando. Não é um bom sinal. Isso era ridículo. — Puxa, fui uma garota má?

Humor negro caiu sobre ele. — Não brinque comigo.

— Engraçado, — eu disse timidamente — Eu pensei que você gostava quando eu brincava com você.

— Aurora, estou sendo incrivelmente paciente. — ele grunhiu.

— Incrível. Isso pode estar longe de ser verdade. — eu disse.

Seus dedos apertaram o meu braço e calor ondulou para fora de seu corpo em ondas. As bordas de suas pupilas brilharam laranja. Então eu fiz o que qualquer pessoa sensata faria ao manusear explosivos instáveis. Puxei-o para dentro de uma despensa utilitária em meio a um aroma pungente de material de limpeza altamente inflamável, e o ataquei.

— Ei! — Ayden tropeçou para trás, enviou um esfregão fazendo barulho no chão, e, finalmente, bateu contra as prateleiras que se alinhavam na parede do fundo.

— Qual é o problema? — Eu fechei a porta e me encostei nela, de braços cruzados. — Tanto quanto eu posso ver, foi tudo bem. Meu plano foi brilhante. Agora eles querem que eu sempre esteja com amigos de treino. Como vocês. — Eu fiz uma careta. — Ou o papai. Mas esse não é o fim do mundo. Lucian e Luna também foram oferecidos como sacrifícios, mas posso rejeitar isso.

— Aurora. — Ele estava lutando por paciência.

— O quê? — Eu estava lutando contra uma crescente irritação com o fato de que ele não apreciou meu talento. — Crise evitada. Exceto por todo esse bafafá. — Fiz um gesto para abranger sua atitude. — Jeez, relaxe.

— Você ainda não entendeu. — Suas palavras estavam secas. — Mesmo depois de ontem à noite, a nossa conversa na biblioteca e o erro colossal de você quase ir sozinha...

— Eu me ofendi com a palavra *colossal*...



— … você continua me deixando de fora!

— … e a palavra *erro*.

Ele inclinou-se perto o suficiente para que eu visse uma veia latejante na sua têmpora e sangue seco manchado ao longo de seu couro cabeludo. — Em vez de estar com você no hospital, eu tive que me esconder e me esgueirar em volta da sala de emergência como um delinquente, espionando, com medo de mostrar minha cara porque eu não sabia o que você tinha contado aos seus pais. Então eu tive que seguir você de novo aqui e esperar horas antes que eu estivesse perto o suficiente para me certificar de que estava tudo bem.

— Primeiro de tudo, eu pensei que você iria para o Padre Bancroft enquanto eu estava no hospital. E em segundo lugar, se você esteve me seguindo, não foi nem por uma hora. — Eu sorri. — Nós vamos ter que trabalhar no seu senso de tempo…

Ele bateu a mão na borda de uma prateleira. O metal amassou.

— Isto não é uma piada! E eu não posso ir até o Bancroft. Ele vai fazer muitas perguntas. — Ele se afastou suas mãos, chegando a apertar os lados da sua cabeça, como se estivesse tentando manter evitar que seu cérebro explodisse. — Nossos caminhos regulares de ajuda estão cortados. Tudo está fora de controle. Estou morrendo de medo. Então você continuar se colocando em perigo e eu continuo tentando, lutando para protegê-la, mas eu não posso. — Ele caiu contra as estantes, plástico sacudindo e líquidos derramando, enchendo o ar com um cheiro de água sanitária quando sua voz tornou-se abatida. — Porque você continua me tratando como se… *Eu* fosse a ameaça.

Seus olhos escuros de chocolate fecharam, mas não antes que eu visse a dor que eles tinham.

Ah. Esse era o problema.

Minha própria irritação com o seu comportamento começou a se dissipar. Porque sua ira não era um elemento, era um composto. Viu, eu presto atenção na aula de ciência. Um composto emocional de medo, impotência e mágoa porque eu não confiava nele. A dor disso não era difícil



de imaginar já que não foi há muito tempo que eu estava fora do círculo porque ele não confiava em mim.

Ele ficou em silêncio, mas estava dando longas e lentas respirações. Estendi a mão e deslizei-a na dele. Ele não abriu os olhos, mas os dedos entrelaçaram nos meus.

Eu inclinei meu ombro contra o dele e disse baixinho. — Eu sinto muito.

Depois de um longo momento, ele sacudiu a cabeça e disse com uma voz áspera. — Não importa. O que importa é que você está bem. Seu pai a deixou muito bem.

Eu apertei sua mão. — Ele pode consertar você também. Vamos ligar para ele.

— Ele vai fazer muitas perguntas. E envolvê-lo poderia colocá-lo em perigo. Nenhum de nós quer isso. Vou ficar bem.

Ficamos em um silêncio quieto, então ele me juntou a ele, os braços envolvendo apertado, sua cabeça apoiada na minha.

— Quando você é Mandatum, — disse ele — a única coisa que você pode sempre ter é confiança na sua equipe, e você deveria estar na nossa agora. — Ele beijou meu cabelo, então pegou meu rosto com as duas mãos e puxou para que ele pudesse olhar nos meus olhos, sua expressão intensa. — Você tem que confiar que defenderemos você, confiar em mim, e parar de guardar segredos e de sair sozinha sem preparação. Entendeu?

— Sim. — eu disse.

E eu entendi. Intelectualmente. Ele estava apenas colocando o fator confiança em uma ação emocional onde eu estava tendo problemas.

— Mas você está errado sobre uma coisa. — Eu sacudi um dedo. — Desta vez eu estava total e completamente *preparada*[13]. — Eu terminei com um aceno confiante.

Ayden fez um som de asfixia. Gaguejou e depois riu. Quando ele enfim conseguiu ganhar o controle, inclinou a cabeça para olhar para mim.

[13] No original, a palavra usada é cocked, que também pode ser usada de forma pejorativa.



Então, ele levantou uma sobrancelha em uma inclinação altamente sugestiva.

— Total e completamente preparada**,** não é? — Ayden disse. — Ah, Senhorita Lahey, as coisas que você diz.

Oh.

Rubor começou a encher meu rosto e pescoço.

— Uhhh, é que não saiu direito. Eu quis dizer... — Sério, Aurora? Minhas mãos deram uma tapa na minha cara e, lentamente, deslizei para baixo, na esperança de apagar a mortificação. Não estava funcionando. Dei-lhe um olhar suplicante. — Você sabe o que eu quis dizer.

— Oh, bem. — ele vociferou com uma consternação fingida, — Eu estou pensando em todos os tipos de coisas sobre o que você queria dizer, e estou absolutamente *escandalizado.*

— Ayden!

— Tudo bem. — Ele olhou para o céu, sacudindo a cabeça ligeiramente, um sorriso exasperado puxando o canto de sua boca. — Mas quando esta crise mais recente estiver acabada, você e eu vamos...

— ... ter uma sessão séria de pegação! — Blake irrompeu pela porta e encheu o pouco que restava da despensa minúscula. Ele sorriu com satisfação. — Eu lhes disse que iria encontrá-los. Posso participar?

— Não. — Ayden de uma cotovelada no grandalhão para nós passarmos e me levou pelo corredor em direção a terceira aula, o braço em volta da minha cintura. — Consiga sua própria namorada.

— Por que não podemos compartilhar? Você é um hipócrita. — Blake arrastou-se atrás de nós. — Além disso, vocês dois não são namorados de verdade de qualquer forma, então é um jogo justo. E eu sou o melhor jogador na cidade.

Ayden bufou. — Mesmo se você estivesse no jogo, e não está, ela não é um jogo justo.

Dei-lhe um olhar estranho.

Ele vociferou. — Uh, eu quero dizer, é claro que você é.

— Apenas justo? — Disse Blake. — Fraco, cara.

Eu sorri.



Ayden olhou para o grandalhão. — Quero dizer que estamos namorando, idiota.

— Você tem certeza disso? — Blake coçou o queixo, pensativo. — Porque eu sei que uma garota *linda* como a baby aqui não gostaria de namorar um cara que é estúpido o suficiente para pensar que ela é apenas justa. Quando você pediu ela em namoro? Oficialmente.

Ayden deu de ombros. — Eu não pedi... exatamente. Blake, isso não é da sua conta.

— Não. Não oficial então, — disse Blake. — Ela ainda é um jogo justo. Venha para o papai, gata.

Quando Blake fez um movimento para colocar o braço em volta de mim, Ayden bateu com a palma da mão sobre o peito de Blake. — Saia de perto. Ela não é...

— Ow! — Blake gritou e pulou para trás.

Senti o cheiro de queimado. Blake colocou uma mão em seu torso, onde sua camisa de flanela estava enegrecida e queimada.

Ayden empalideceu. — Jeez, cara. Eu sinto muito.

Ele começou a escovar a camisa de Blake, mas o grandalhão o empurrou, perplexo. — Não se preocupe com isso, cara. Eu sou mais resistente do que eu pareço. Ao contrário de você. Grande bebê.

Ele começou a se mover, mas Ayden o deteve. Estávamos quase na minha sala de aula. A porta estava aberta e as crianças nos empurraram levemente enquanto se dirigiam pelo corredor e para dentro quando a campainha de aviso tocou.

— Você está certo. — Ayden disse.

— Claro que estou. — Blake cruzou os braços. — Sobre o que?

Ayden olhou ao redor, poupando um olhar levemente irritado para Blake, então ele me encarou e falou em voz baixa. — Aparentemente, eu me esqueci de perguntar *oficialmente* na última noite — ou essa manhã, tanto faz — e eu estou com uma pequena restrição de tempo, sinto muito pela a ausência de... delicadeza no meu pedido, mas, uh, não sei como dizer isso então... — ele baixou a voz ainda mais — você quer ser minha namorada?



Uma gargalhada escapou antes de eu apertar minha mão sobre a boca. Blake fez um par de sons de *tsk, tsk.*

Ayden encolheu-se. — Sim, sim, como se eu já não soubesse que soou ruim. Mas eu estou sob um pouco de pressão aqui, então... somos namorados? Sem mais fingir. Você e eu juntos. De...

— Verdade? — Eu disse, então engasguei com diversão.

Ele gemeu. — Você não está ajudando. Um simples sim ou não é tudo que eu preciso.

Eu abafei um sorriso. — Isso significa que nós estamos ficando firmes também?

— Ha ha. Vou levar essas risadas às minhas custas como um sim. — Ele virou-se para Blake. — Vê? Oficial.

— Ainda assim meio duvidoso porque você massacrou totalmente essa proposta, — disse Blake com um aceno de desaprovação de sua cabeça. — Mas vou ter que treinar você mais tarde. Agora Matthias quer todos nós em sua casa para que possamos examinar os arquivos e livros e fazer as coisas básicas da caça ao tesouro. Ele está ligando para você a manhã toda. Tristan está no escritório cuidando para que possamos sair.

— Eu não posso sair mais cedo, — eu disse. — Eu praticamente acabei de chegar aqui.

— Desculpe, querida, acho que você não foi convidada.

Eu bufei — O que você quer dizer com *eu não fui convidada*?

— Diga para Matthias que eu estarei lá *depois* da escola, — Ayden disse com firmeza. — Com Aurora. Eu não vou deixá-la sozinha.

Eu dei em Ayden uma cotovelada encorajadora. — Vá. Você está exausto. Tome banho e descanse em casa, então me encontre depois da escola. Eu vou ficar bem.

— Vou ficar aqui, — Blake ofereceu. — Vigiando ela como se fosse minha própria namorada, que, com base em suas habilidades de sedução desleixada, eu ainda afirmo que ela é. Ela estará segura com o grande, e malvado eu. — Blake colocou o braço sobre os ombros de Ayden. Ayden estremeceu ao contato. — Muito melhor do que o fracote Garoto Fogo aqui.

— Tudo bem. — Ayden disse. — Mas vou voltar. Em breve.



— Esperamos, com a sua já pequena grandiosidade restaurada. — Blake enfiou um dedo através dos buracos que Ayden tinha queimado em sua camisa. — Cara, você me deve uma camisa nova. É feita de seda. Damas amam tocar seda. Quase tanto quanto gostam de me tocar. Mostre a ele, Aurora.

Ayden me girou para longe de Blake para deslizar uma mão quente no meu pescoço e beijar minha bochecha. — Cuide dela. — ele disse para Blake e se dirigiu para o corredor. Seus passos estavam bambos o suficiente para que ele esbarrasse em três pessoas antes de chegar na esquina.

Olhei para suas costas, preocupada. — Blake...

— Vou pegar Logan para levá-lo para casa, querida. — O grandalhão bagunçou meu cabelo. — Volto logo.

Eu sorri e perambulei para dentro da sala de aula.

Alguém gritou — Ei, você! — E deslizou uma espada diretamente para minha garganta.



CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Eu balancei minha mochila e bati na arma nas mãos do meu atacante. Caiu no chão, e eu vi que na verdade era uma vareta de professor. Ei, quando estava balançando em um borrão na minha visão periférica, *parecia* uma espada.

A classe irrompeu em exclamações com a minha professora gritando mais alto.

— Sra. Lahey, eu não permiti que você esperasse sua sobrinha para que você pudesse se envolver em violência, para não mencionar o uso flagrantemente inadequado de materiais didáticos em sala de aula!

Tia M olhou com desgosto para ela. — E com essa atitude imbecil, é por isso que você vai ser a primeira a morrer.

Meus colegas começaram a dizer coisas como “Ooh” e “Essa doeu”.

O queixo da minha professora caiu. Junto com, provavelmente, a minha nota. Que era algo que eu *não* precisava.

— Táticas e treinamento adequado são essenciais. — Imperturbável, Tia M cutucou um dedo do pé sob a vareta jogada no chão e a atirou habilmente em sua mão para que ela pudesse girá-la conforme ela continuava a abordar os estudantes, andando na frente deles como um sargento. — A melhor oportunidade para manter alguém na ponta dos pés e prontos para a batalha é um ataque surpresa quando eles estão no ponto mais baixo da exaustão, porque nesse momento... — Ela girou para enfrentar seu público extasiado e apontou a vareta para eles. Todos eles recuaram em seus assentos. — ...é quando os inimigos atacam. Todos vocês farão o melhor para lembrar-se disso, se quiserem sobreviver.

Os alunos começaram a bater palmas e a gritar vaias.

Eu sorri fracamente para a minha professora atordoada. — Tem sido uma... gravidez difícil.

Tia M bufou. — Não dê desculpas. Eu estou oferecendo uma educação *útil.*



A turma falou “Oooo” novamente.

Oh, jeez.

— Ela está saindo. — Eu agarrei o braço da Tia M e a arrastei para a porta dizendo — Antes de você dizimar ainda mais a minha média de notas.

— Não coloque esse desastre sobre mim. — M disse.

Ela jogou a vareta para a professora que gritou de surpresa, se atrapalhando e deixando-a cair com estrondo. A turma riu. A professora não.

Tia M olhou para ela e murmurou — Inútil — em seguida, virou-se para mim. — Vamos tomar um chá.

Pisquei. — O que?

M parecia impaciente. — Estou aqui com o Padre Bancroft, ajudando-o a entregar ao departamento de teatro um pouco daquela parafernália medieval que ele gosta de colecionar. Ele está emprestando como adereços para a próxima produção.

Certo. Alguma peça de Shakespeare. Bancroft ser um colecionador de artefatos medievais não era surpreendente. Após o ataque do Kalifera na igreja, os meninos tinham me levado para seus aposentos pessoais para me recuperar, e considerando o entalhado mobiliário pesado e batalhas antigas retratadas em pinturas e tapeçarias, fazia sentido.

Minha tia também sorriu brilhantemente. — Junte se a nós para o chá no auditório.

E deixar os dois me encherem sobre os horrores de sair com os Garotos Malditos? Sem mencionar que eu ficaria sob um escrutínio de um figurão do Mandatum? Não, obrigado.

Então eu disse, — Não, obrigado — beijei sua bochecha, e voltei para a sala. M tentou me seguir, mas minha professora fechou a porta na cara dela, depois balançou a vareta apontando para ela enquanto minha tia ficava atordoada e olhava através da janela pequena.

Peguei minha mochila e estava retornando os vários conteúdos que tinha saído quando notei que algo estava faltando. Ah não. Procurei freneticamente, mas...



— Procurando por isso? — Veio uma voz do fundo da sala. Era Luke Alguma coisa que sentava à minha direita. Ele mostrou o livro com a espiral estranha na capa e a estranha linguagem escrita dentro das páginas.

Como um linebacker do time da escola, ele era do tamanho de um freezer e tinha talento para quebrar as coisas. Ele era agradável o suficiente e me dava pouca atenção, exceto para copiar as respostas dos eventuais testes de mim. Neste ponto da minha carreira acadêmica, não era sua jogada mais inteligente.

Eu estava quase no meu lugar quando Mika da aula de Educação Física, a tímida do jornal da escola/revista de fofocas que estava sentada atrás dele, agarrou meu pulso.

— Ei — ela disse com uma urgência tranquila, — diga para Matthias que eu estou ajudando a cuidar do... problema dele.

Eu quase ri e perguntei — Qual deles? — Mas ela parecia séria. Assim, sem ter ideia do que ela estava falando, eu concordei solenemente e respondi — Eu tenho certeza que ele vai gostar.

Sim, certo.

Quando me sentei, Luke o Linebacker sorriu e me entregou o livro de espiral dupla. Ele parecia pequeno em sua mão.

— Obrigada. — eu disse com alívio genuíno.

Ele concordou e a professora começou sua aula, escrevendo no quadro enquanto falava. Deixei o livro encadernado de couro na minha mesa e comecei a copiar as notas da professora.

— É um elixir fascinante de línguas antigas, — Luke o Linebacker disse calmamente.

Havia uma cadência ímpar em sua voz, mas eu não prestei muita atenção até que ele estendeu a mão e bateu com o lápis sobre o livro com a capa de couro com espiral. Em seguida, ele tocou o lápis em sua bochecha, como se ponderando um grande mistério.

— Eu reconheço o Latim, é claro, mas estas são misturas de linguagens dentro de elementos complexos de Etrusca, Lepôntico, bem como o Grego Antigo e Demótico.



— Grego Demônico? — Isso soou assustador. Como é que esse cara sabe?

— Eu disse, *Demótico,* pombinha. Nada a ver com demônios.

A respiração congelou em meu peito, enviando pingentes esfaqueando minha barriga. Me virei para ele lentamente. E encarei. Quando ele finalmente me encarou, eu podia ver que seus olhos brilhavam da cor rosa. A mesma cor de quando um certo alguém fazia *poof* para desaparecer.

— Rose. — eu respirei.

Ele sorriu, mostrando muitos dentes.

— Olá, pombinha. — ele disse com aquela voz estranha. Como se estivesse vindo de um rádio.

— Como você está fazendo isso? *O que* você está fazendo? — Meu olhar desviou ao redor da sala para a multidão desavisada antes de se estabelecer nervosamente sobre Luke o Linebacker. Que não era o Luke o Linebacker afinal. Pelo menos, não neste momento. — Você está aqui? Em que parte? Não o machuque. Ou a ninguém.

— Eu não estou próximo a você, — ele disse suavemente. — Mas já que este corpo está, eu posso comandar a mente dele como um recipiente temporário. Vou deixar tudo ileso. Agora, para o manuscrito que você adquiriu, a linguagem interior foi formada por um indivíduo que possui uma capacidade excessiva pelas palavras. Imagino que seja a Escriba favorita de Flint. Igual ao dom único que eu possuo.

— Um o quê?

O Não Luke Linebacker disse com irritação — Não leu os arquivos?

— Estive um pouco ocupada, — eu respondi, me sentindo no limite porque isto não era nada assustador. Era enlouquecidamente aterrorizante. — Sabe, tentando cumprir as ordens de algum *psicopata* para que ele não me mate.

— Senhorita Lahey, você tem algo a dizer? — A professora perguntou.

Eu pulei, batendo o meu caderno para fora da mesa. — Não, senhora.

Até o momento que eu peguei o caderno, Mika estava correndo seu dedo indicador lentamente pela espinha do Não Linebacker. Ele se virou para ela. Ela prendeu a respiração, os olhos vidrados, e um pequeno



gemido escapou de seus lábios. Ela se inclinou para frente. Ele estalou os dedos e se afastou. Mika caiu para trás, parecendo atordoada.

— Que diabos?! — Eu assobiei. — Eu disse para não machucar ninguém.

Ele riu sombriamente — Confie em mim, ela não sentiu dor. Talvez eu pudesse mostrar a você?

— Não, obrigado, Romeo. Apenas mostre o que você sabe sobre estes rabiscos. — E saia da cabeça desse pobre garoto. E da minha sala de aula. E da minha vida. Ugh!

— Lamentável, — ele deu de ombros. — No entanto, estes *rabiscos* são nada. Eu acredito que seja um código usado como um comunicador secreto em meio a alguns únicos que entendem sua criptografia. Você não pode traduzi-lo?

— Exceto a palavra *Divinicus Nex* e *Bellator*, não. Você pode?

— Infelizmente, não. Mas eu acho que você pode.

— Por quê?

— Porque Flint marcou você anos atrás.

— Mais uma vez, por quê? Como ele poderia me conhecer? Eu não era nem nascida nos últimos cem... — Minha voz sumiu quando calafrios passaram sobre meu corpo. Falei lentamente. — Ele estava marcando o próximo Divinicus. — Eu balancei a cabeça tentando libertar algumas respostas. — Mas, ainda assim, por quê?

— Leia o arquivo — disse ele, em seguida, virou-se para Mika que começou a tocá-lo novamente.

A porta se abriu e Blake caminhou segurando um maço de flores embaladas individualmente e vestindo uma capa vermelha que não chegava muito além de seus ombros.

— Ei, caras e meninas, saudações e entregas do Rei da Corte, o Diretor da Paixão. Diretor, entendeu? Porque estamos em uma escola. Tudo bem, vamos ver quem é minha primeira vítima do amor. — Ele folheou uma pilha de cartões cor de rosa.



Rose, no corpo do Linebacker, esteve fazendo a coisa da mão vibrando em Mika quando Blake entrou. A interrupção fez Rose voltar-se para frente, e nesse instante, Mika fez sua jogada.

Ela se lançou para fora de seu assento com um grito gutural. Sua mesa/cadeira foi arremessada para o lado, colidindo em um outro estudante com um estrondo e eu gritei quando ela se jogou sobre o Não Luke Linebacker, jogando ele e sua mesa para o chão. Ela colocou os braços em torno dele, em seguida, trancou os lábios no dele como uma sanguessuga.

A sala irrompeu em som. Gritos, vaias, mais mesas colidiram, a professora abriu caminho entre a multidão, e acima do barulho eu ouvi Blake dizer — Maldição, eu sou bom.



CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

— Isso é a coisa mais estúpida que eu já ouvi! — Minhas mãos estrangularam o ar desejando que fosse a garganta de Matthias.

— Isso é o que eu acho a cada vez que você abre a boca. — o Australiano disse secamente.

Depois que Ayden me pegou na escola, nós nos reunimos na sala de jogos dos Ishida. Eu avisei minha mãe que eu estava fazendo a lição de casa e prometi estar em casa para o jantar. Tínhamos o lugar só para nós porque o Sr. Ishida tinha surpreendido sua mulher e filha com uma viagem para o teatro em Los Angeles, e uma noite no hotel. Os meninos tinham certeza de que era sua contínua tentativa de manter sua mãe longe de seja o que for que o Mandatum precisa que ela faça.

A orgia na minha turma tinha terminado rapidamente quando os olhos do Linebacker tinham parado de brilhar na cor rosa. Ele ficou um pouco confuso, mas não desagradavelmente, já que estava "acordando" com um beijo quente. Mika estava toda envergonhada e confusa. Pela última coisa que eu soube, ambos foram enviados para o escritório do diretor.

Ayden estava sentado na extremidade oposta do sofá com um arquivo apoiado nas minhas pernas e em seu colo.

Tristan estava dentro do laboratório secreto usando o grande número de monitores que cobrem as paredes para executar algum tipo de algoritmo para comparar e encontrar conexões entre as imagens das páginas dos livros de Flint, bem como os arquivos. Documentos eram lançados através das telas na velocidade da luz. Em pé e em constante movimento, os dedos de Tristan voavam através de um pequeno exército de teclados, touch screen, e coisinhas flutuantes de holograma, que incluía as novas partes subterrâneas de Flint, energia hidráulica, e energia elétrica funcionando como mágica.



Matthias acenou o pedaço de papel que Natasha tinha dado a Logan. — Que diabos que eu vou fazer com isso?

— Você não sabe o que fazer com o número de telefone de uma menina? — Eu bufei. — Alguém, por favor, explique como Jayden foi o único que foi reprovado no curso de Sedução.

— *Quase* reprovado — Jayden corrigiu. Ele estava pendurado de cabeça para baixo nos anéis no teto abobadado, lápis na mão, lendo o diário com a espiral dupla, a fim de decifrar o código. — *Blake* foi expulso por completo.

Na mesa de bilhar, Blake estava pegando arquivos, em seguida, empilhando-os em pilhas organizadas com base em "assuntos correlacionados" — Ele sorriu — Vou ligar para ela por você!

— Uma menina na minha aula de história tinha um bilhete para você também, Matthias, — disse Tristan. — Está na minha mochila.

— Fique com ele. Diabos. — Matthias amassou o papel e o jogou em direção ao fogo.

Mas antes da nota descartada poder desaparecer em um flash de chamas, uma rajada de vento o pegou e rodou o papel para a mão de Logan. Ele enfiou-o dentro de seu blazer, resmungando. — Eu lido com isso.

Quando ele se retirou para a varanda, os garotos trocaram um olhar, mas não disseram nada. Momentos depois, Logan estava caminhando no parapeito enquanto os papeis dos arquivos de Flint, literalmente, pairavam no ar enquanto ele os lia.

Muito legal.

E então havia Matthias. Então, *não* legal.

— Você deveria estar nos agradecendo por conseguir todas essas informações, — eu disse, fazendo um intervalo da matemática para acenar um braço para os manuais da sala de controle de Flint espalhados. — E por encontrar o centro do universo mágico de Flint. Foi um sucesso, não estúpido, e assim que eu acabar, eu vou ajudar.

— Nós conseguimos sem seu tipo de ajuda, — Matthias disse. — Você desafiou uma ordem direta e pôs em perigo um membro da equipe, o que



é a definição final de estúpido. — Ele pegou uma pilha de documentos e os espalhou no balcão com força o suficiente para derrubar alguns. Não que ele tenha notado, já que estava muito ocupado tentando me matar com sua carranca. — Isto é secreto. Apenas para olhos Mandatum. Apenas cale a boca e faça sua lição de casa. — Ele olhou para Ayden. — Por que não podemos deixá-la em casa? Ou em um penhasco?

Ayden não ergueu os olhos de seu arquivo. — Mas isso seria mais romântico para vocês dois, em vez de amordaçada no porta-malas de seu carro.

— Será o fundo do lago próxima vez, — Matthias rosnou. — Precisamos formar um plano antes de sairmos correndo para os túneis como idiotas novamente. — Ele olhou para mim. — Ou idiota. No singular. Ou seja, você.

— Sim. Eu entendi. — Eu lancei um chumaço de papel na cabeça de Matthias. — Mas eu sou a única com os dias contados. E a única que precisa do tesouro de Flint antes que Rose decida me matar.

— Ei. — Ayden levantou a cabeça do arquivo que estava lendo. — Eu disse que não vamos deixar isso acontecer.

Levantei e andei pelo ambiente, mãos arremessando no ar. — Claro, claro. Mas ele pode controlar a mente de alguém de longe para me matar. Tipo algum drone assassino voando. E ele pode *fazer poof em fumaça rosa.* Em *rosa*. Todos os JOAT podem fazer isso? Porque está é uma habilidade ótima, e ele poderia apenas, você sabe, *poof* com uma arma, atirar para me matar, e *poof* antes que alguém possa impedi-lo. Beijo, beijo, *Bang, bang, puf, puf*, eu estou morta.

Ayden pegou minha mão e me guiou de volta para o sofá, os olhos de chocolate escuros cheios de confiança. — Confie em mim.

— E em mim. — Tristan segurava algemas parecendo futurísticas com mostradores e botões e um monte de coisas brilhantes. — Estas são as mais sofisticadas. Vai neutralizar qualquer caçador ou habilidade de demônios. Nós colocamos nele e ele não poderá desaparecer novamente.

Os lábios de Ayden curvaram em um sorriso torto. — E não se esqueça, você tem alguns movimentos próprios.



Ignorei o bufo de Matthias.

Blake parecia estar tendo uma epifania. — Ei, querida, devemos conseguir algumas botas para você. Uma saia curta. E um monte de couro para acentuar a complementaridade das suas partes femininas deliciosas.

Ayden levantou uma sobrancelha. — Eu estou bem com isso.

Quando eu bati em seu ombro e voltei a fazer a lição de casa, o sorriso de Ayden ficou sombrio. — Mas Rose não é um JOAT. Eles nunca são muito bons em qualquer coisa e seus poderes são muito mais do que bons. E eu nunca ouvi falar de um com a habilidade de se teletransportar.

— Isso seria o *poof* que você falou, Aurora. — Jayden disse de cima.

— Eu sei o que teletransporte significa.

Matthias abriu um arquivo. — O que vamos fazer se encontrarmos o tesouro de Flint? E se Cacciatori descobrir, inferno, estamos melhor se isso permanecer enterrado.

— Mas, cara, nós seríamos heróis, — Blake disse melancolicamente. — Fortuna, fama, damas caindo aos nossos pés.

— E todo o Mandatum vindo para Gossamer Falls. — Matthias vasculhou os documentos. — Não que estejamos mais perto de encontrá-lo. Eu tenho visto os antecedentes de Flint aqui, algo sobre uma irmã que foi Mandatum também, e ele tinha um grande interesse em qualquer coisa relacionada com o Divinicus. Talvez seja isso que chamou a atenção de Cacciatori. Há alguma nota de rodapé sobre uma reportagem de capa sobre o seu "verdadeiro propósito". O que é isso?

— Não está muito melhor do meu lado, — Tristan falou da sala de computador. — Eu tenho um número de série no rastreador para encontramos o demônio, mas se eu tentar acessar o relatório sobre o ultimo caçador que o assinou para poder usar, todo o Mandatum vai saber que eu estou cortando seus registros. O que iria expor a nós e a Aurora.

— Bem, nesse caso, algumas questões são deixadas sem resposta. — Eu bati meu lápis contra o meu joelho e tentei me concentrar na lição de casa. — O que são sistemas lineares de igualdades de novo?

— Desigualdades — Jayden corrigiu.



— Eu poderia fazer com um computador indetectável ao Mandatum, — Tristan disse. — Mas os únicos computadores sofisticados o suficiente para invadir seus sistemas sem deixar vestígios são aqueles projetados por eles.

Eu rabisquei uma resposta. — O que significa que a minha melhor aposta é encontrar essa arma antes que os cães dela me cacem.

— Ela? — Matthias disse.

Eu fiz uma careta para o meu papel. Não, isso definitivamente não era a resposta certa. Eu apaguei, mais uma vez, cuidando para não rasgar a página que ficou perigosamente fina.

— A cúmplice de Rose. — Eu esfreguei meus olhos coçando. Os números estavam virando um borrão. — Eu não dei uma boa olhada nela, mas eu tive um pensamento de que talvez seu cão demônio estava realmente tentando me salvar do demônio gorila, então isso me fez pensar que talvez ela é o 'ela' para quem Fiskick estava trabalhando, mas depois os cães tentaram nos matar na noite passada, então eu não tenho certeza. — Um bocejo rachou minha mandíbula. Deixei minha cabeça cair de volta para encarar Jayden fixamente. — Ei, menino morcego, poderia tentar explicar isso novamente usando palavras pequenas?

Matthias rosnou — Quando você conheceu a parceira de Rose?

Eu tinha outro bocejo atrás da palma da minha mão. — Quem disse que eu a conheci?

— Você acabou de dizer — Ayden grunhiu.

Olhei para ele, confusa. Ele tinha parado de ler, e estava me observando com uma dura expressão hostil. Então meus lentos sentidos tiveram uma pista do silêncio repentino. Palpáveis e trêmulos. Lá fora, ainda lendo, Logan permaneceu inconsciente, mas Blake tinha parado de organizar, Tristan saiu da sala de computador, e Jayden estava pendurado de cabeça para baixo, com uma careta no rosto que parecia um sorriso estranho.

Todos eles estavam olhando. Para mim.



— Oh... — Merda. Eu deveria ter apenas ido para casa. Sentei e esfreguei os olhos na esperança de acabar com a exaustão e colocar uma pitada de bom senso. — Eu não... exatamente... a conheci, eu...

— Teve uma visão — Ayden disse calmamente.

Meu estômago torceu. Meu Deus, ele sabia que eu era o Divinicus. Como? Onde foi que eu estraguei tudo? Olhei nervosamente para Jayden que parecia tão chocado quanto eu.

Então eu vociferei, — Por favor. O que? Visão? Por que eu teria uma visão?

— Ou um sonho. — Ayden levantou abruptamente, derrubando os papéis no ar. — Tanto faz como você chama isso. Como aquela coisa que você teve quando viu Fiskick e Echo falando sobre ferir Jocelyn.

Eu respirei um pouco mais fácil. Mas não muito. A expressão de Ayden lutou entre raiva e mágoa quando seus dedos se fecharam em punhos.

— Eu deveria saber. É uma das razões do porquê você foi para os túneis naquela noite. Eu estou certo. E você escolheu não nos dizer. Mais uma vez.

Eu coloquei meu livro para baixo. — Eu posso explicar.

— Poupe-me do drama — Matthias disse cansado. — Apenas nos diga o que você viu.

Pela primeira vez, eu estava feliz em cumprir as ordens de Matthias, evitando o olhar de Ayden conforme eu dava os detalhes da conversa de Rose e da mulher misteriosa. Menos a conversa sobre o Nex, é claro.

Quando terminei, o Australiano esfregou as têmporas. — Que pesadelo. Portanto, temos uma mulher com cães demônios que quer alguma pedra que Rose tem, mas ambos querem o tesouro, e ela está distraindo algum “patife” e há mais jogadores neste jogo.

— Víboras no poço, ela os chamou — eu disse.

— E ela usa um arco e flecha? — Tristan voltou para a sala secreta. — Eu vou colocar tudo isso no computador. Ver se surge alguma coisa.

— Eu entendo completamente o que você está passando. — Duas cambalhotas depois, Jayden ficou em pé, agarrou meu pulso e me puxou.



— Um chá iria acalmar seus nervos. Vamos para cozinha! Vamos pegar o Logan.

— Ei, pessoal! — Logan voou da varanda, tão animado que suas bochechas, na verdade, tinham um pouco de cor. — Vocês não vão acreditar nisto. É Flint. Ele era...

Lá fora alguma coisa bateu mais alto do que um acidente da NASCAR e fez toda a turma sair correndo.



CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

No final da calçada dos Ishida, Rose lutava com uma montanha de latas de lixo e os seus conteúdos que estavam empilhados em cima dele.

— Bem, isto é embaraçoso; — Rose disse com uma risada suave.

Matthias e Ayden lançaram-se sobre Rose, empurrando-o para baixo e colocando as super algemas que pariam sua habilidade de se teletransportar.

Uau. Impressionante. Nós acabamos de prender o meu assassino sobrenatural.

Blake pegou meu ombro e me cambaleou para trás entre ele e Tristan quando Rose sentou-se no meio do lixo. O resto dos rapazes circulavam-no, os olhos brilhando.

Os dedos de Logan se contraíram e um redemoinho rodou do lado de fora do nosso perímetro, criando uma parede que sugava tudo o que cruzava o seu caminho. Chamas lambiam os braços de Ayden. Chicotes de sombra desenrolaram das mãos de Matthias e dançaram como cobras balançando ao som da música de uma flauta de um encantador. Facas de gelo brilharam com uma ameaça letal nas mãos de Jayden.

— Calma, senhores. — Rose parecia entediado. — Eu vim para conversar, não para cometer um assassinato. Infelizmente, estava escuro e eu encontrei alguns animais selvagens inesperados que me atrasaram e, — ele deu de ombros — eu estou à mercê de vocês.

Matthias quebrou um de seus chicotes. — Levante-se e entre na casa.

— Como quiser. — Rose torceu o nariz, pegou uma casca de banana do seu colo e levantou nos últimos raios fracos de sol.

— Whoa!

— Ele está vestindo um macacão de couro?

— Santa Mãe!

— Cara!



Todos os meninos rapidamente desviaram os olhos e levantaram as mãos para bloquear qualquer chance de ver mais do visual. Qualquer coisa para não ver Rose em seu macacão de couro que não deixava absolutamente nada para a imaginação. Suas reações eram puro entretenimento.

— Impressionante, não é? — Rose estendeu as palmas das mãos até onde os punhos permitiriam.

— Oh, eu estou enjoado. — Ayden parecia doente.

Rose olhou para si mesmo com admiração. — Não há muitos homens que podem conseguir este visual.

— Nenhum homem pode conseguir este visual.

— Na verdade, seu físico elegantemente esculpido seria considerado o complemento perfeito para este tipo de traje anatomicamente revelador que acentua seu...

— Caramba, Jayden, cale-se!

— Cara, isso não está certo.

— Eu sinto que está olhando para mim.

— Sinto como se estivesse olhando para... Oh. Oh! Ugh, agora eu sinto como se estivesse olhando para mim também.

— Como é que pode estar olhando para nós dois?

— Você está falando sério?

— Vou ficar doente.

— Alguém, por favor, arranque meus olhos.

— Ele poderia muito bem estar nu.

— Já estive, — Rose disse secamente e me deu uma piscadela sugestiva. — Pergunte a Aurora.

— O que!

Agora o grupo tinha os olhos sobre mim.

Eu freneticamente balancei a cabeça. — Não, não, não. Não é o que vocês pensam. Ele estava com a maior parte na água, — as minhas mãos circularam sobre meu abdômen, — o material estava coberto.

— A maior parte? — Ayden quase gritou. As chamas vermelhas e alaranjadas em seus braços brilharam azuis e brancas.



— Confie em mim. — Eu o encarei. — Você acabou de ver mais do que eu.

— Tudo bem, fique parado, Rose. — Matthias manteve os olhos para cima. — Mas cubra-se.

— E exatamente como é que eu vou fazer isso?

— Certo. — Matthias acenou para os meninos. — Um de vocês cubra ele.

— Eu não vou tocá-lo.

— Nem eu.

— Uh

— Cresçam, pessoal. — Eu chutei uma lata de lixo caída em direção a Rose. — Coloque isso na sua frente.

Rose endireitou o recipiente e o colocou na frente de si mesmo. Cobriu o que precisava ser coberto, e os caras relaxaram visivelmente.

Rose suspirou com diversão cansada. — Enquanto minha anatomia é impressionante, o que deve preocupar vocês é a nossa missão. Vocês já encontraram o tesouro de Flint?

— Por que você quer tanto isso? — Matthias disse.

— Eu só quero um item. Uma pedra. Muito grande. — Suas mãos formaram a forma de um ovo. — Ela ferve com vida. Dentro de seus limites as cores pulsam e vibram, em constante mutação. É uma arma que pode ser usada para tirar minha irmã do inferno. Você pode manter o resto do tesouro. A pedra é tudo com o que eu me importo. Uma vez que pegar a minha irmã, eu não tenho mais interesse nela.

— Por que deveríamos ajudá-lo? — Tristan queria saber.

Rose pressionou as palmas das mãos, como se em oração. — Porque eu sou Mandatum. Ajudamos os nossos companheiros, não é mesmo?

— Nós não conseguimos encontrar nenhum registro de você. Você não é um JOAT. — Ayden disse. — O que você é?

— Alguém que pode ajudá-los. Isso é tudo o que importa. — Rose estava perdendo a paciência. — Aqueles que querem que Aurora morra enviarão outros se eu falhar. Eu estou oferecendo ajuda para destruí-los pelo bem. Até mesmo ajudar a descobrir o traidor no Mandatum. Em troca,



vocês só precisam resgatar uma mortal dos demônios. Uma mortal *inocente* que só está em perigo porque os demônios desejam que Aurora morra. — Suas mãos apertaram. Sua voz tremia de emoção. — Na verdade, isso não é exatamente o tipo de cruzada que vocês comprometeram suas vidas a evitar?

O silêncio desconfortável resultante parecia uma indicação de que Rose tinha razão. Se ele estivesse dizendo a verdade.

— Essa pedra. — eu disse. — Como ela pode tirar sua irmã?

— Estou tão feliz que você perguntou. — Ele inclinou-se ligeiramente. — Ela dá ao portador a capacidade de abrir qualquer portal. *Deste* lado.

Os meninos balançaram a cabeça.

— Impossível. — Jayden disse enfaticamente. — Nos séculos de história Mandatum, ninguém jamais abriu um deste lado. Jamais.

— Você sabe apenas o que o Mandatum lhe diz. — A voz de Rose transbordava condescendência. — Essa pedra foi encontrada séculos atrás, e considerada muito poderosa. Então, todas as evidências de sua existência foram apagadas dos arquivos. A pedra foi mantida escondida, deixada sob os cuidados de uma pequena seita de indivíduos, a responsabilidade transmitida através de gerações.

— Se houvesse algo assim, nós saberíamos, cara. — Blake olhou ao redor. — Não é?

Rose deu de ombros. — É apenas mais um exemplo de uma verdade que o Mandatum não quer que vocês saibam. Assim como ter vocês encontrando a verdade sobre Flint.

Matthias cruzou os braços. — Que verdade?

— Vocês já leram o arquivo? — Rose reprimiu seu tom exasperado e afiado, e apertou os dentes em irritação. — Flint não roubou nenhum artefato. Nunca matou ninguém. Ele *salvou* milhares de vidas. Ele usou sua propriedade aqui para executar uma ferrovia subterrânea para caçadores Mandatum e qualquer membro que quisesse fugir da sociedade.

— Não há nenhuma comprovação de tais afirmações. — Jayden disse com firmeza.



— Não essas informações mentirosas dadas a pessoas como vocês. — Rose começou a andar, mas parou quando os rapazes gritaram para ele ficar parado. — Oh, pelo amor de... É por isso que eu queria que vocês vissem o arquivo *original*. Então vocês saberiam a verdade. Veriam as mentiras.

— Você é um mentiroso. — Tristan disse.

— Na verdade... — veio uma voz calma — ele não é.

Todos nós viramos para Logan.

Ele encolheu os ombros. — Ele está certo sobre Flint. Eu estava lendo o arquivo antes dele aparecer.

Rose usava uma expressão satisfeita. — Bravo, jovem Logan. Talvez você possa iluminar seus companheiros caçadores.

Logan balançou a cabeça. — Não. Primeiro você nos conta sua versão. Vou ver quão verdadeiras elas são.

— Como quiser, — Rose concordou. — O Mandatum não estava disposto a deixar as pessoas saírem da sociedade. Para sair, você tinha que fugir, e se forem encontrados, bem, digamos que você era melhor morto.

— Não é assim agora. — disse Ayden disse.

— Sério? — Rose levantou uma sobrancelha. — Será que eles permitem que vocês simplesmente vão embora? E se é tão diferente agora, por que escondem a extensão de seus poderes para evitarem serem forçados a entrar no Sicarius?

Ou no meu caso, em serviço como o Divinicus. Eu não repreendi suas alegações. E nem os Garotos Malditos.

Rose conteve um sorriso e continuou. — Acreditem no que vocês quiserem nos dias de hoje, mas no final do século XIX, Flint escondeu as pessoas até que fosse seguro saírem para o mundo. Ele fornecia documentos falsos com o qual iniciavam uma nova vida. Ele nunca *roubou* artefatos. Caçadores felizmente pagavam Flint por sua liberdade de um tirano opressivo. É assim que ele adquiriu o tesouro.

Os Garotos Malditos viraram para Logan que concordou, parecendo triste.



Rose deu de ombros. — Honestamente, eu não me importo com nada disso. Estou apenas apontando que a nossa sociedade não é tão benevolente quanto vocês gostariam de acreditar. Quando descobriram o que ele estava fazendo, eles torturaram Flint por informação e o paradeiro das pessoas que ele tinha ajudado, o tesouro e, especialmente, a pedra, mas ao invés dele abrir mão de qualquer coisa, ele aceitou o castigo e enlouqueceu.

Olhei para os meninos. — O Mandatum ainda faz isso?

— Claro que não. — Tristan disse bruscamente.

— Pelo menos não que saibamos. — Logan murmurou.

Isso foi tranquilizador.

— Encontre o tesouro, — Rose disse. — Use a pedra para libertar minha irmã. Em seguida, use tudo isso como alavanca para se tornarem livres. Mas façam com pressa, porque mesmo eu tendo passado a ter bastante afeto por Aurora, e embora isso possa ser agridoce, eu vou matá-la para salvar minha família.

— Você está dificilmente em posição de fazer ameaças. — Matthias disse.

— Vocês ainda não entendem o jogo que estamos jogando. — Rose parecia desanimado. — Talvez algum... incentivo seria o melhor para estimulá-los com mais entusiasmo para o propósito.

Não gostei de como aquilo soava. Ou o brilho frio nos olhos dele.

— Hmmm. — Rose colocou um dedo delgado ao longo de sua mandíbula, como se imerso em seus pensamentos, então ele se virou para mim. — Eu acredito que a perda de um dos seus amados irmãos deve aperfeiçoar meu argumento.

Medo cortou através da minha barriga. Então meus olhos se estabeleceram nas algemas. — Ameace o quanto quiser. Você não vai chegar perto da minha família.

— Obrigado. — O sorriso de Rose tinha uma curva maliciosa. — Isto virá a calhar.

Quando ele levantou os braços, sua pele brilhava translúcida, e as super algemas de alta tecnologia caíram através do ar. Rose as pegou antes



de elas caírem no chão, então ele se dissipou em um redemoinho de fumaça rosa pálido.

Uau. Impressionante. Nós acabamos de perder o meu assassino sobrenatural. E o deixamos solto com um novo alvo.

Matthias ficou mais pálido do que a lua. — Aurora, onde estão os seus irmãos?



CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Eu escorreguei ao redor de um canto, amaldiçoando quem tinha polido o piso do hospital e o deixado tão escorregadio.

— Aurora, espere!

Eu não podia ver Ayden. Eu o tinha deixado na poeira quando saltei para fora de seu carro antes que ele tivesse a chance de estacionar.

De volta para o pátio do lado de fora da casa dos Ishidas, Logan tinha disparado para o ar como se tivesse levado um tiro de um canhão e voou através do céu para verificar Lucian na minha casa. Jayden tinha disparado para o ar também, indo para o hospital infantil onde meu pai estava trabalhando até tarde.

E, não, eu não sabia que eles podiam voar assim. Logan fazia sentido, tipo, usando o ar e tudo mais, mas Jayden tinha algo a ver com manipulação de moléculas. Eu não entendia, e nem me importava. Eu estava feliz com a velocidade.

Em carros e fornecendo apoio, Matthias e Blake seguiram Logan, enquanto eu e Tristan fomos no carro de Ayden onde eu nunca tinha estado tão grata por suas habilidades de condução que desafiavam a morte.

Mas, no fundo, eu sabia que não importa o quão rápido todos nós fossemos. Nada supera teletransporte. Meu pior pesadelo — minha família sofrer por minha causa — poderia ser uma realidade.

Eu abri a porta da creche do hospital para uma mistura estonteante de cores brilhantes, mobiliário pequeno, brinquedos esparramados, e desenhos de animais salpicados nas paredes. Nem uma única criança à vista.

Uma mulher estilo avó gentilmente me cumprimentou. — Senhorita Lahey?

— Oron, — eu disse entre arquejos irregulares. — Eu estou aqui pelo meu irmão.



— Você acabou de perder ele.

— Não. — Meu estômago caiu em queda livre, pronto para levar os meus joelhos no caminho.

— A enfermeira acabou de levá-lo para seu pai. — Ela sorriu. — Eles irão para casa em breve.

— Enfermeira? — Eu disse.

— Uma loira bastante atraente, — ela riu. — E tão encantadora.

E perigosa. Estúpido, Rose psicótico.

Eu corri para fora da sala e colidi com Ayden.

Ele falou rapidamente. — Lucian está seguro. Os caras disseram que sua casa está segura.

Minhas emoções giravam em uma confusão angustiante de feliz, aliviada, e aterrorizada.

— Rose está com Oron. — Eu botei para fora, em seguida, o empurrei e corri pelos corredores, com lágrimas escorrendo, procurando por meu pai, porque talvez, apenas talvez, eu estivesse errada.

Mas o escritório do meu pai estava vazio. Apenas uma mesa com arquivos de pacientes e imagens de uma família Lahey feliz que eu oficialmente arruinei. Eu caí contra a moldura da porta, cansada, com medo, com raiva, e não sei o que mais, mas nada bom.

Jayden agarrou meus ombros. — Tenho certeza que Oron está bem. Jayden nunca deixaria nada acontecer com ele.

— Onde está Jayden? Ele deveria ter nos alcançado aqui.

— Se não é minha esquiva filha! — Meu pai acenou do posto dos enfermeiros à frente. — Não vi você o suficiente recentemente.

Corri para frente. — Você está com Oron?

— Obrigado. — Papai disse para uma mulher atrás da mesa quando ele passou suas várias pastas. Ele virou para mim e franziu a testa. — A enfermeira está trazendo ele agora. O que está errado? Você esteve chorando? De novo? — Ele lançou um olhar abertamente hostil para Ayden, que se encolheu visivelmente.

— Não, pai, é... eu tenho, ah, tenho que te dizer... — Engasguei procurando uma maneira de dizer que seu filho foi sequestrado, perdido



nas garras de um assassino, porque eu era uma aberração sobrenatural e uma covarde egoísta, indisposta a se entregar há muito tempo para salvar sua família.

— Você parece um pouco corada. — Papai colocou a mão na minha testa. — Alguma tontura? Deixe-me verificar seu ombro. Podem estar infectados.

— Dr. Lahey, aqui está você, — disse uma mulher atrás de mim. — Eu tenho uma preciosa entrega para você.

Eu conheço essa voz. Eu virei lentamente, de queixo caído.

A mulher tinha estatura mediana, trinta anos, bonita, mas mais memorável por seus trajes sempre em mudança. Em vez do típico uniforme de enfermeiro, seu uniforme azul estava pontilhado com flutuantes penas brancas que combinavam com sua adorável figura. Seu cabelo estava penteado para baixo em uma trança simples, mas seus cabelos loiros mudavam de cor e sangravam em azul petróleo nas extremidades, combinando com o uniforme e idêntico a sombra de seus olhos.

— Gloria? — Engoli em seco.

Claro que estava faltando as asas dela, mas era definitivamente o meu anjo da guarda. Ela tinha um bebê dormindo com uma confusão de cachos vermelhos em seus braços. Oron. Eu quase entrei em colapso de alívio.

— Aurora. — Gloria assentiu para mim.

— Vocês duas se conhecem? — Papai disse.

Gloria sorriu. — Eu estava aqui quando ela estava no hospital durante seu coma. Você está pronto para levar Oron para casa, Dr. Lahey? Ou eu deveria levá-lo de volta para...

— Casa! — Eu peguei meu irmãozinho de Gloria, segurando-o no meu peito como se ele fosse um saco de diamantes e todos os outros fossem parte de um assalto. — Nós estamos indo para casa. Certo, papai? Estou bem. Apenas um pouco cansada. Vamos.

— Sim, senhora. — Papai riu e me deu uma continência. — Eu posso examinar você lá. Deixe-me recolher minhas coisas do escritório.

— Leve Ayden e mostre a ele as fotos de tumores. Eu vou esperar por você no posto de enfermagem. Gloria e eu precisamos nos atualizar. — Eu



agarrei o braço dela e a arrastei pelo corredor fora do alcance da voz, então chiei — Onde você estava? Um assassino está me ameaçando, a mim e à minha família. Seu nome é Rose.

Gloria deu de ombros. — Não me é familiar.

Eu bufei. — Você pensaria que o Divinicus Nex conseguiria um melhor anjo da guarda do que isso.

Gloria estreitou um olhar de desaprovação. — Ninguém pode chegar até sua família no meu turno.

— Ele ameaçou levar um dos meus irmãos.

— Impossível. — ela disse com firmeza. Um momento depois sua boca torceu para o lado, e ela inclinou a cabeça. — A menos que...

Agarrei Oron mais perto. — A não ser o quê?

— Tem certeza de que ele ameaçou levar os *seus* irmãos?

Meu estômago estava de volta em queda livre. — Onde está Jayden?

Gloria ofereceu um sorriso triste. — Não é o meu trabalho. — Então ela mergulhou em um canto.

Eu ouvi uma onda de penas como milhares de pombas esvoaçando pelos corredores. Quando eu alcancei, Gloria tinha ido embora. Eu teria gritado de frustração, mas Oron estava dormindo no meu peito em uma paz absoluta.

Tristan correu segurando um tablet e parecendo triste. — Onde está Ayden?! Jayden nunca chegou aqui. Olhei no feed de segurança.

Eu assisti a um vídeo granulado de Jayden caminhando em direção à entrada da Sala de Emergência. Quando ele passou por uma ambulância estacionada, as portas traseiras se abriram, e um paramédico usando um boné saltou. Ele bateu em Jayden desequilibrando-o, então colocou as algemas futurísticas de Tristan sobre os pulsos de Jayden.

Jayden deu um soco e um chute, mas Rose desviou, pegou o punho de Jayden com o seu, olhou diretamente para a câmera, e ainda teve tempo de piscar e baixar seu boné antes de ambos desaparecerem em um redemoinho de fumaça rosa.



CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

Nuvens sufocavam a lua, e no escuro no portão do meu quintal, eu olhei com expectativa em direção à floresta. Nada ainda. Eu ainda não tinha certeza se isso era uma boa ideia, mas era tudo o que eu tinha.

Os meninos estavam fora tentando caçar Jayden, que é o que eu deveria estar fazendo, mas meu pai não sairia do hospital sem mim, então eu estava em casa.

Enlouquecendo.

Depois do jantar, tentei telefonar para saber de algum progresso, alguma maneira de ajudar, mas eu só tinha conseguido falar com Matthias.

— Fique em casa e fora do maldito caminho. — ele retrucou e desligou.

Estúpido, filho de um chacal.

Com um plano nascido do desespero e da culpa, eu sorrateiramente entrei no quarto de Tristan, ainda cheio de coisas dos meninos de quando eles dormiram ali para observar Rose. Foi fácil encontrar algo de Jayden. A bermuda de surfista coberta de figuras de orcas tinha muitas cores brilhantes. Então eu fui lá para fora para a borda da floresta atrás de nossa casa e comecei a chamar por Fido.

Ei, eu tinha como detalhe uma proteção sobrenatural com um nariz do tamanho de um ônibus espacial à minha disposição, então porque não usá-la?

Eu franzi os lábios e assobiei. Tudo bem, *tentei* assobiar, mas eu só conseguia produzir poucos decibéis. Tentei a estilosa técnica de Ayden de usar dois dedos na boca, com ainda menos sucesso. Por isso, eu voltei a sussurrar tão alto quanto eu poderia. Tão ágil. E quando não funcionou, eu estava prestes a esfaquear a palma da mão para conseguir algum sangue quando me ocorreu que eu já tinha muitas outras feridas. Então,



lutando com gemidos, eu golpeei os pontos no meu ombro até que o sangue começou a escorrer.

Pouco depois, ouvi fissuras e folhagem sendo destruídas. Algo grande estava a caminho.

Senti o cheiro fresco de terra revolvida e fiquei posicionada em alerta, pronta para correr de volta para a segurança da barreira de proteção que os rapazes colocaram ao redor da casa, quando Fido apressou-se através da floresta em suas infinitas pernas finas. Ela correu até parar como uma locomotiva, a parte de trás parecendo parar cerca de uma hora depois da parte da frente. Eu ziguezagueava e movia para cima e para baixo para evitar que ela batesse na minha direção. Seus quatro olhos piscaram quando sua cabeça inclinou para o lado, e ela fez aquele barulho de tremedeira que retumbava no chão sob meus pés.

Após uma tapinha desajeitado em seu rosto, eu pressionei a bermuda de Jayden contra seu nariz. Ela provavelmente não poderia cheirar muito mais do que sua própria respiração pútrida.

— Vamos, garota. Sinta o cheiro.

O demônio centopeia balançou a cabeça enorme, fazendo ressoar nos equipamentos de jardinagem da mamãe no chão, e farejou em torno do cheiro podre da caixa de compostagem.

— Não isso. — Eu agarrei a pele em seu pescoço e tentei puxá-la ao redor. Não ajudou em nada.

— Aurora, você está bem? — Mamãe falou da varanda dos fundos. — Colocar restos no adubo não deveria ser um evento perigoso. Precisa de ajuda?

— Não! — Eu gritei, empurrando Fido de lado quando ela farejou até o portão para ver a mamãe. — Só vou ver se consigo encontrar Helsing. Acho que ele foi atrás de um rato.

— Está bem. Não vá para longe.

Meu brilhante cão não iria a lugar nenhum tão rápido. Eu agarrei um bigode grosso e áspero e usei como corda de escalar da educação física, envolvi em torno da minha mão, e puxei sua cabeça. Pronta para gritar,



definitivamente a beira das lágrimas, eu coloquei o pano agrupado na minha mão contra o nariz dela novamente.

— Concentre-se, Fido. Esta é uma ordem do contrato de sangue. — Uau, isso soou estúpido, mas eu não sabia mais o que fazer. — Encontre Jayden!

Por vários momentos, ela não se moveu. Então eu senti seu hálito quente na minha mão quando ela respirou fundo. Fido recuou e ficou de pé, nariz levantado para o céu, tremendo, sem dúvida pegando o cheiro. Eu sorri. Matthias ia comer vidro quando isso funcionasse. Ela gritou e inclinou-se para trás em suas patas traseiras e levantou suas patas dianteiras. Eu pulei para trás e quase perdi o equilíbrio quando ela mergulhou no chão. Detritos espalharam no meio de um poderoso rugido de quebrar terra quando Fido mergulhou primeiro o nariz no chão e enterrou-se profundamente até que desapareceu por completo.

Houve um estrondo sob os pés que lentamente desapareceu. Dei um passo para a borda do buraco enorme que ela tinha criado. Estava começando a desabar sobre si mesmo, mas ainda era grande o suficiente para que pudesse engolir nossa minivan.

Ótimo.

Peguei uma pá e comecei a encher. Indo devagar. Praticamente inútil uma vez que, para não forçar meu ombro, eu só conseguia usar uma mão, mas melhor do que estar sob o escrutínio dos olhos de falcão da minha família.

Eu enlouqueci Lucian por inconscientemente acariciar ele e Oron durante todo o jantar. Isso foi depois de ele me acusar de estar preparada para um ataque de um franco- atirador quando eu verifiquei que todas as portas e janelas estavam trancadas, e fechei as cortinas. Já que eu tinha reclamado ao voltar para casa, papai havia dito a mamãe que talvez eu realmente estivesse passando muito tempo com os Garotos Malditos. Pelo menos ele estava feliz por minha ferida não estar infectada. Eu não fiquei feliz quando ele me deu algo para a dor. Eu me senti ligeiramente grogue. Não é uma boa ideia quando eu precisava estar extremamente bem.

Não que eu fosse tão longe.



Eu já era atrapalhada em dias bons, e agora o meu equilíbrio estava pesado. Se pudéssemos encontrar o tesouro. E a tal pedra. E nos livrar de Rose. Então... o quê? Minha vida voltaria ao normal? Que piada.

Eu estava trabalhando na pá por um tempo quando um ramo estalou na escuridão. Pesado demais para uma criatura da floresta, não pesado o suficiente para Fido.

— Rose?

Sem resposta.

O que era definitivamente pior do que ter uma resposta, porque eu podia sentir uma presença. Algo estava me observando. Algo poderoso. Energia percorreu o ar. O silêncio se transformou no tipo onde até mesmo o zumbido sutil de natureza parava.

Os cabelos em meus braços se arrepiaram como se dedos frios fantasmagóricos se arrastassem até a minha espinha. Meus instintos gritaram e correram para longe, me deixando vazia e fria.

Segurei a pá e dei um passo hesitante para trás. Em seguida, outro. Chegando mais perto do portão. Eu não tinha certeza de onde a barreira de proteção ao redor da casa começava. Eu deveria ter pedido que os meninos marcassem. Eu poderia estar além da linha e vulnerável, mas certamente o portão era seguro, e eu estava quase lá.

Da esquerda, algo quebrou rápido nas sombras.

Um homem usando um chapéu e casaco comprido era tudo que eu poderia registrar antes de bater a pá em seu peito. Ele a pegou, arrancou-a de minhas mãos, e girou. Eu caí no chão. Senti *a lufada* de ar sobre minha cabeça quando ele errou.

Eu rolei para o lado e chutei seus tornozelos. Ele caiu sobre suas costas com um grunhido. Eu pulei em cima de seu torso, que parecia tudo menos humano — coisas irregulares, duras e afiadas morderam minhas pernas — agarrei o cabo da pá que agora estava em suas mãos, e a prendi contra sua garganta. Eu me inclinei para frente, pressionando forte. Ignorei o grito de dor no meu ombro. O ligeiro aroma de álcool — whisky talvez — me fez parar. Eu pensei que era Rose, mas o corpo não parecia certo. Mais velho, mais gordo.



O homem resistiu, quase me jogou. Eu recuei uma mão e bati o calcanhar da palma da minha mão sobre o seu nariz.

Uma mão fechou ao redor do meu pulso. Algo se iluminou abaixo de mim na escuridão. Pequenas esferas redondas brilharam e racharam com uma luz amarela elétrica, como arames em uma lâmpada incandescente.

Os olhos. Olhos brilhantes.

Caramba, ele era Mandatum. Parte de um esquadrão de ataque? Uma equipe de ataque?

Não importava. Eu precisava correr.

Antes que eu pudesse me afastar, energia escorreu pelo meu braço. Poder. Meu poder, voltando à vida.

Leveza sacudiu o meu corpo. Eu rompi com gravidade e minha mente disparou para baixo da rua em uma visão. Essa parecia estar se movendo mais rápido do que as anteriores. O mundo desfocou em tons de preto e cinza. Vislumbrei uma árvore, o luar brilhando sobre a água, pouco antes de eu explodir através da rocha e parar na frente de...

Rose estava em uma caverna, uma mão firme em seu prisioneiro alto e magro em pé perto da piscina brilhante da cor da água do mar. Jayden usava as super algemas que reprimiam os poderes dos caçadores. As que antes foram ineficazes em Rose.

Rose estava revirando os olhos. — Pare com o heroísmo desnecessário. Desarme a segurança. Me ajude a ajudá-lo.

Fido retumbou na caverna. Rose deu uma dupla olhada, e, pela primeira vez, um vislumbre de medo cintilou em suas presunçosas características bonitas. — Como em Hades isso conseguiu sair?

O rosnado de Fido estremeceu as paredes e ondulou a superfície da cintilante piscina azul turquesa sob as afiadas estalactites iridescentes.

Essa é minha garota.

Jayden parecia igualmente preocupado. — É volátil.

— Então é melhor você desarmar o sistema antes que isso fique com fome, — Rose disse com urgência.



— E alertar o time sobre o meu paradeiro? — Os olhos de Jayden estreitaram. — Eu não vou compactuar com qualquer traição que você tenha planejado.

— Talvez eu simplesmente planeje a sua liberdade.

— Eu não quero isso. — Jayden arrancou a mão de Rose. — Não à custa de suas vidas.

Fido esgueirou-se para mais perto, antenas estalando.

— Eu desejo pela minha vida, então desarme o sistema ou enviarei um alerta. Faça agora. — Rose empurrou Jayden.

Em um piscar de olhos, minha mente correu de volta da visão e colidiu com o meu corpo. Meu olhar desembaçou e bloqueou nas esferas amarelas esquisitas embaixo de mim.

Espere... o que... Ah, certo, eu estava em uma luta com um caçador louco. Merda. Me senti mais desorientada do que o habitual. Minha visão estava começando a nadar. Respirar tornou-se uma luta, como se bolas de algodão fossem empurradas goela abaixo.

Eu tentei me afastar, mas ele estava segurando os meus pulsos e me empurrou para o lado, então nós dois rolamos e ele estava em cima, prendendo os meus pulsos para o chão. Ele era pesado. E forte. Levantei meu joelho. Acertei algo duro, afiado, e pareceu como metal, o que só enviou um zunido de dor na minha perna. Eu estava perdendo vapor. Perdendo a luta. Apenas... Perdendo. Meus músculos desabando sobre si mesmos. Meu ombro queimava com dor quente. Toda a minha energia estava fugindo do meu corpo. Eu me senti como um balão perdendo ar, e eu não conseguia tapar o buraco antes de esvaziar até o nada. Abri a boca, tentei encontrar fôlego para gritar.

Um uivo retalhou a noite. Não meu. Não humano.

Na minha visão periférica, uma sombra saltou no ar e travou sua massa rosnando no rosto de meu atacante.

O homem me soltou, rolou para longe e arrancou a besta irracional arranhando sua pele. Meus músculos folgaram, eu relaxei como uma boneca de pano e rolei para o lado, tentando me arrastar para longe. O homem levantou e correu para a escuridão. Eu respirei fortemente, tossi,



e cambaleei para os meus pés, segurando meu braço junto ao peito. Movimentos além de lentos, eu me atrapalhei para abrir a porta de trás e tropecei para dentro.

— Pai. — Eu queria gritar, mas saiu um sussurro rouco.

Meus joelhos tremiam. Caí em nosso balanço do jardim e plantei a cara nas almofadas. Preto apagou minha visão. O que diabos esse caçador fez comigo?

O balanço balançava sob o novo peso. Algo suave se esfregou contra a minha bochecha. Um *miado* suave.

Van Helsing. Claro. O animal raivoso, que chegou para me defender

Ele se enrolou contra mim e arrancou outro uivo, em algum lugar entre o uivo gutural de um jaguar e o lamento penetrante de uma sereia. O mesmo som que ele fez quando, como uma vagabunda, ele tinha me encontrado em um beco sujo, quebrada, espancada e morrendo.

Um pensamento inquietante bateu na minha mente conforme eu apaguei.

Eu tinha meu próprio banshee pessoal.



CAPÍTULO SESSENTA

Pesadelos me perseguiam, me acordando.

Eu estava deitada no macio e envolta em calor, os últimos restos de sono paralisando meus membros.

— Não se atreva a enviar uma equipe, — A voz de Tia M me despertou. — Se eu sair, isso deixa apenas Bancroft para vigiar...

A porta se fechou, e eu não podia ouvir mais.

Lembrei da minha mãe me encontrando no balanço. Ela gritou pelo meu pai que, depois de ter certeza que eu não estava em coma, carregou a minha pessoa grogue para cima até o meu quarto. Mesmo apenas meio acordada, eu vi que eles estavam furiosos com o medo. Papai reparou que minha ferida havia aberto completamente e estava sangrando profusamente. Ambos me repreenderam por não descansar o suficiente. Eu estava dormindo antes deles dobrarem o edredom em volta de mim.

Eu arrastei meus braços para cima, meu ombro apenas com uma dor leve, e esfreguei minhas pálpebras que pareciam revestidas com uma lixa. Meu quarto estava coberto na calada da noite. Van Helsing enrolado em uma bola arrumada no meu peito perdido em sonhos, onde eu gostaria de estar. Em vez disso, algo arrancou as cordas da minha mente e me incomodou até que eu acordasse totalmente.

— Ken, eu acho... que através de alguma coisa e... mas se esses Garotos Malditos...

Através da porta, a voz sussurrada de M era ouvida pelo corredor. Então a porta cedeu como se ela estivesse encostada do lado de fora e...

— Eu já pedi, e eles não vão considerar visitar, e muito menos ir embora para sempre. A última vez que conversamos sobre se aproximar, Aurora quase morreu. Eles não vão nos ouvir novamente, mesmo se... — A porta rangeu, e eu perdi a voz dela novamente.



Minha cabeça latejava, um dedilhar no meu cérebro que, de repente brilhou tenso, me incitando a lembrar de algo... importante...

Eu disparei, ignorando o resmungar de Van Helsing quando ele caiu do meu peito, e tateei nas sombras sobre minha mesa de cabeceira. Encontrei um telefone e disquei. A conexão da visão de Fido ainda era forte.

— Aurora? — Logan respondeu.

— Eu sei onde Jayden está, — eu sussurrei e pulei para fora da cama.

— Pule da sua janela — Logan disse.

Fiz uma pausa. — Uh, eu disse que encontrei Jayden, não que eu sou suicida.

Logan disparou.

Um som suave veio da minha janela da frente. Eu afastei a cortina. Logan pairava no ar.

Oh. Claro. Isso é normal.

Abri a janela. Atrás de mim, a porta do quarto abriu. Mergulhei para minha cama e puxei as cobertas.

— Aurora?

Eu permaneci quieta.

— Só um minuto, Ken. — M sussurrou. — Eu pensei ter ouvido alguma... Ahh! — Ela cortou seu próximo grito, então sussurrou, — Não, era o gato estúpido. Me dê um minuto.

Através dos olhos semicerrados, vi M ir aleatoriamente até a janela aberta. Prendi a respiração, esperando por um grito assustado a respeito de um dos Garotos Malditos voando. Ela olhou para fora, em seguida, fechou a janela e as cortinas antes de rearranjar as cobertas em torno dos meus ombros e ir para a porta.

— Sim, eu ouvi você. Ladrão. Ha ha, — M sussurrou ao telefone quando ela saiu do meu quarto. — O que? Não, eu não vou recuar. Ela rasgou a ferida no ombro dela de alguma forma. Estava tão cansada que dormiu no frio. Poderia ter causado sua morte.

Se ela soubesse.



— Proteção é o que eu faço, Ken. Eu juro, esses Garotos Malditos são más notícias, e eu vou enterrá-los de uma maneira ou de outra antes de deixar que alguém machuque um cabelo da...

Sua voz se desvaneceu, e eu esperei até ouvir a porta do seu quarto fechar antes de voltar para ação.

Eu pulei em um pé, amarrando meu sapato, e sibilei para fora da janela, — Logan!

Logan foi como um tornado de baixo para cima. — Onde está Jayden?

— O portal. — Deslizei meu casaco no ombro, aliviada que o meu ombro pareceu quase dormente. Lembrei do meu pai me dar algo. Analgésico provavelmente.

— Já olhei lá. Seu código de segurança foi usado para entrar, mas nenhum sinal dele. Nós continuamos recebendo alertas, mas deve haver uma falha.

— Não sei nada sobre isso, mas eu ainda posso senti-los com a conexão Divinicus, então vamos. — Eu me inclinei para fora da janela. — Onde está seu carro?

Logan deslizou para perto e estendeu uma mão. — Eu tenho uma ideia melhor.



CAPÍTULO SESSENTA E UM

Logan *não* tinha uma ideia melhor. Claro, voar com um albino baixinho com super poderes mentais, impendido você de se espatifar metros abaixo do solo poder ser considerado divertido por inúmeras razões.

Apenas não para mim.

Especialmente já que Logan boiava, tecia, e até mesmo nos girava através das copas das árvores. Em seguida, a floresta deu lugar ao luar brilhando nas altas águas trovejantes de Gossamer Falls. Logan desceu sobre a praia e se dirigiu a uma catarata, passando diretamente através da água batendo. Eu estava pronta para ficar encharcada, mas um gesto de sua mão trouxe um vento feroz que separou as águas, e nós navegamos através dela apenas com a fraca umidade umedecendo nossa pele.

Nós pousamos em um pequeno recanto iluminado pelo aperto nervoso na minha lanterna. Água escorria pela rocha cinza malhada. Vento soprava névoa contra a minha pele. As cataratas caiam como uma cortina escura atrás de nós, prata brilhando quando a lua espreitou nas nossas costas, o ar úmido e mofado. Parecia ser um beco sem saída.

— Onde está a entrada?! — Eu gritei sobre a água trovejando.

Logan enfiou a mão em uma cavidade na parede, em seguida, afastou-se, sangue escorrendo em fina linha em seu dedo. A pedra se dividiu e retraiu para revelar um teclado. Logan colocou um código e recuou, me puxando com ele.

O chão estremeceu, pedra desmoronando em pequenos seixos quando a divisão da parede revelou uma porta. Nós entramos em uma sala cavernosa iluminada com um estranho brilho verde de algum material orgânico nas paredes molhadas.

— Algas que brilham no escuro, — Logan disse. — Jayden jura que não deveria existir aqui, mas...



— Legal. — Eu comecei a me mover pelo o único túnel, mas Logan levantou uma mão. Eu fiz uma careta. — O que estamos esperando?

— Nós. — rosnou uma voz em meu ombro.

Virei, fazendo malabarismos com a lanterna até que o feixe pousou em — Matthias!

E Ayden, e Blake, e Tristan.

— Tire essa maldita coisa da minha cara. — Matthias deu uma tapa na minha lanterna.

Fiz uma careta para Logan. — Você os chamou?

Calado, ele de repente achou suas abotoaduras muito interessantes.

— Claro que ele nos chamou. — Matthias me puxou de lado. — *Nós somos* a equipe dele.

Ayden mal me poupou um olhar quando ele sacudiu a água de sua jaqueta e se dirigiu para o túnel. Será que ele me culpa pela situação de Jayden? Provavelmente. Eu me culparia.

— Você é todo o apoio que eu precisaria, gata. — Blake bagunçou meu cabelo quando ele passou. — Eu ainda não entendo por que estamos aqui. Mais uma vez. Nós já procuramos nesse lugar. Jayden não está por perto.

— Mas Logan disse que ela fez Fido rastrear Jayden até aqui. — Ayden me deu com um olhar frio. — Embora ela não tenha pensado em *me l*igar.

— E dar-lhe falsas esperanças? Não. — eu disse, me sentindo culpada. Não era exatamente uma mentira, mas... ugh, eu odiava todos esses segredos, eu só não tinha certeza se a verdade era uma boa ideia.

— As câmeras estão desligadas por algum motivo. — Tristan tinha um tablet translúcido na mão e estava usando sua jaqueta para limpar as gotas de água. — O portal está fechado. Aurora pode entrar, mas é mais seguro se ela esperar aqui fora.

— Um caçador a atacou em sua casa. — Logan fez sinal para eu ir para frente. — Ela fica com a gente.

Matthias me puxou de volta, descrença e indignação giraram comicamente no seu rosto. — Você só pode estar brincando.

— Rose? — Tristan perguntou.



— Não. — disse Logan. — Mas Rose pode tê-lo enviado.

Ayden virou-se, pálido e preocupado. — Você está bem?

— Em uma escala de um a importante, isso sequer se registra agora. — Eu os empurrei para o túnel.

— É um maldito desperdício de tempo. — Matthias disse. — Logan, espere. Conte mais sobre este caçador.

Corri à frente dos rapazes e quase escorreguei quando o túnel se estreitou e os meus pés baterem no metal liso. O piso tinha mudado e se transformado em uma passarela. Grandes pedras brilhavam embutidas na parede em intervalos regulares que davam luz, e através da grade de aço sobre os meus pés, eu vi água correndo abaixo iluminada com alguma luz azul girando nas correntes. Havia um cheiro de terra e o ar cheirava a molhado. Gotículas agarravam-se ao corrimão que eu usei para me firmar conforme eu continuei correndo.

Cheguei a uma porta brilhante que se abriu com a minha aproximação. Através do limiar, entrei em outra caverna iluminada por algas, cruzei outra passarela, e, finalmente, cheguei à terra firme de um túnel que abria o portal, onde eu derrapei até parar ao lado de Fido.

Ela me cutucou e tremia nervosamente, olhando para o portal e o corpo ali deitado golpeado, sangrando, e imóvel.



CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

Jayden parecia mal. Apoiado contra a parede do portal, olhos fechados, queixo caído em seu peito. Seus longos cabelos negros estavam emaranhados em aglomerados e caiam sobre a maior parte de seu rosto, mas eu podia ver o sangue escorrendo pela sua testa. Ele ainda usava as algemas de Tristan, mas era as muitas correntes laçadas e trançadas apertadas em torno de seu corpo, e presas em torno da pedra maciça, que estavam tornando difícil para ele se libertar.

— Jayden! — Minha voz saltou sobre a pedra cavernosa.

Sua cabeça caiu de um lado para o outro, seus olhos tremeram, e os nós em meu peito afrouxaram. Ele estava vivo.

A rede de metal que Fido rompera não estava à vista porque nada bloqueou meu caminho enquanto eu corria em direção a ele. Jayden me viu e se esforçou para ficar alerta, arregalando os olhos, balançando a cabeça e expelindo um surto de palavras. Tenho certeza de que, sem a mordaça rosa quente amarrada em torno de sua boca, ele estaria dizendo algo brilhante, mas só saiu um absurdo ilegível.

— Não se preocupe, os meninos estão vindo — eu assegurei a ele.

O chão e as paredes estremeceram violentamente. Na superfície da piscina borbulhante, os reflexos das estalactites penduradas acima turvaram, e eu caí.

Jayden ficou mais frenético, lutando contra as correntes. A parede de pedra atrás dele, o próprio portal, começou a mudar. Tornou-se confuso, distorcido, como se eu olhasse através de uma câmera que entrava e saia de foco.

Hmmm. Apenas reiterando aqui, não sendo uma especialista do portal nem nada, mas eu coloco isso na categoria de “não é bom” — Era quase como se o portal estivesse tentando — engoli em seco — abrir.

Agora? Com Jayden ali, pronto para ser sugado.

Minha boca ficou seca.



— Meninos, socorro! — Eu gritei por cima do meu ombro.

Houve um estalo crepitante de estouro na pedra e outro estremecimento de chocalhar os nervos, e uma longa rachadura abriu através da parede do portal. Conforme se alongava, uma luz surgiu no meio. Vermelho, escuro e ameaçador. A cor de sangue enegrecido. O feixe banhou a caverna em sua luz sangrenta enquanto a rachadura abria mais e mais a cada segundo.

Era perigoso chegar perto. A coisa poderia abrir de uma vez e soltar uma torrente de lava, demônios, ghoulies, fogo genuíno e enxofre — seja lá o que isso fosse — e quem sabe mais o quê.

Mas quem disse que eu era inteligente?

— Ah, dane-se — eu murmurei.

Eu me levantei e corri através do espaço, ignorando os frenéticos protestos abafados de Jayden. Pulei a pedra envolta com correntes, em seguida, escorreguei do meu lado. Poeira voou. Meus pés bateram na parede. A pedra era sólida, graças a deus, mas a teia de rachaduras fez novas fissuras. Luz vermelha mortal se infiltrou através dela.

Jayden gemeu e revirou os olhos.

— Oh, cale a boca. — Eu arranquei a mordaça e depois o tecido encharcado de saliva colocado em sua boca. Que nojo. — Como faço para tirar as algemas?

— Saia! — Jayden gritou quando ele plantou o pé contra o meu estômago e empurrou, saltando para trás.

No ar, minha pele se iluminou de repente. Conforme eu caía no chão, faíscas voaram dos meus dedos e se transformaram em linhas de energia elétrica branca que cravaram em tiras irregulares diretamente no portal. Quando as correntes bateram na parede, o portal quebrou como um martelo quebrando um copo.

E as linhas de corrente permaneceram conectadas.

Tão forte quanto eu pude, eu empurrei e puxei, grunhi, gemi, e gritei com o esforço, mas não consegui puxar minhas mãos. Era como se elas estivessem amarradas ao portal.



Ayden chegou do nada e pulou na minha frente. Ele agarrou meus pulsos e os puxou de lado, em seguida, com uma careta, caiu de joelhos. As tiras de eletricidade vindas das minhas mãos foram cortadas. Flexionei meus dedos. Minha pele ainda brilhava e formigava, mas eu estava livre, tinha o controle.

— Você... está bem? — Ayden tossiu e colocou uma mão em seu peito, parecia ter dificuldade para respirar.

Eu concordei. — O que há de errado?

— Nada. — ele disse rapidamente. — Vamos ajudar Jayden.

Matthias berrou da passarela. — Ayden, Aurora, saiam daí agora! O portal está abrindo!

Caramba, você acha?

— Eu faço isso! — Blake levantou as mãos.

As correntes em torno de Jayden sacudiram e começaram a esticar, soltando-o. Então, do outro lado da caverna, uma nuvem de algodão doce estourou ao lado de Blake. Um cotovelo se materializou e bateu em seu peito, jogando o grandalhão para trás como se ele tivesse sido atingido por uma bala de canhão. As correntes de Jayden tilintaram e caíram.

A névoa rosa clareou de repente. Logan e Tristan correram para Blake, que não estava se movendo. Eu realmente odiava Rose e seus truques baratos.

Chamas explodiram nas mãos de Ayden. Ele pegou um pedaço de corrente que ainda prendia seu irmão. Quando o metal ficou em um tom vermelho rubro e amoleceu, Ayden a quebrou. Olhei para as minhas mãos, ainda brilhando, em seguida, agarrei as correntes. Em meus dedos, os aros de metal aqueceram e tornaram-se tão maleáveis quanto macarrão cozido. Sensação estranha, mas útil.

— Ayden, tire-a daqui. — Jayden. — É um estratagema!

— Um o quê? — Ayden disse conforme despedaçávamos as correntes derretidas.

— Um... um... — Jayden realmente lutou por palavras. — Uma armadilha!



O portal continuava se desintegrando. Novas fissuras apareceram fazendo mais pedras serem atiradas nas minhas costas. Vento açoitava meus cachos vermelhos no meu rosto. O cheiro de terra era forte e se misturava com o metal em chamas. O ar estava com um cheiro nocivo de enxofre e assobiou e vaiou através das rachaduras, como se um gigante esperasse do outro lado do portal pronto para nos sugar com uma respiração e triturar nossos ossos em sua mandíbula maciça.

Com um rasgo de pânico, minha mão despedaçou a última das correntes. Senti um alívio imediato e rapidamente a luz sobre minha pele apagou. Coisa boa, porque caso contrário, eu queimaria Jayden quando ajudei a carregá-lo. Ofegante, eu virei para Ayden, mas ele não estava lá. Ele estava...

— Não! — Eu gritei.

Jayden girou livre, correntes deslizando dele conforme ele mergulhou para seu gêmeo, caído e semienterrado sob a rocha. Com uma tempestade de maldições, Matthias correu em direção a nós, o resto dos meninos seguiram. Eu rastejei para Ayden.

Uma nuvem de rosa me cegou. Eu golpeei para afastá-lo, mas bati em carne em vez de fumaça.

Rose pegou meu pulso. — Demorou, pombinha.

Tristan gritou — Cuidado!

Eu pensei que ele queria dizer para ter cuidado com Rose, mas um ruído borbulhante me fez virar.

Através de uma das rachaduras algo brilhante, laranja avermelhado e grosso como massa de biscoito escorreu para fora.

Magma.

Chiou, esquentou, encheu de vapor, e pronto para cair sobre Rose e eu. Deslizou por baixo da pedra como se o portal fosse um vulcão prestes a explodir. Eu perdi minha respiração quando Rose bateu minhas costas contra o que restava da parede quebrada. E diretamente sob a lava que se aproximava.

— Pare! — Eu gritei e tentei me afastar, mas a batida profissional tentando me matar era desumanamente forte.



Um chicote preto cortou o ar atrás de Rose. Da mesma forma que estava prestes a envolver em torno de sua garganta, Rose graciosamente abaixou a cabeça para os lados. O chicote estalou inofensivamente no ar.

Rose sorriu e puxou minha mão para baixo, a palma da minha mão contra a pedra. Calor queimou sobre a minha pele.

— Boa sorte. — Ele me jogou um beijo e desapareceu na poeira como o maldito gato Cheshire.

Eu arranquei minha mão para longe da parede e vi...

— Uh oh.

Rose colocou a minha mão sobre uma dupla espiral esculpida na pedra.

Calor escaldante queimou minha bochecha. Uma gota rolou para baixo da parede, derramando pequenas gotas de lava para a minha manga. Eu gritei e bati no tecido escaldante, em seguida, me virei para correr quando um chicote preto cercou minha cintura e me puxou para fora do caminho do magma quando ele acabou de espirrar no chão.

O chicote desapareceu. Com uma onda de seus braços, Blake tirou as pedras caídas. Jayden e eu ajudamos um Ayden grogue a levantar. Voltei a olhar para a espiral dupla, em seguida, passei os olhos em torno das portas abrindo ou tentáculos sairiam para me puxar para alguma passagem escondida.

Boas notícias?

Nada disso aconteceu.

Más notícias?

O chão se abriu.



CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

Eu caí. Rápido.

Água fria molhou minhas costas enquanto eu deslizava, correndo para baixo e ganhando velocidade. Como montar nos tobogãs no parque aquático que eu visitei com a minha família no verão passado. Mas isso estava escuro como breu. E não havia garantia de uma aterrissagem segura.

Eu chapinhei de um lado para o outro, deslizando. Minhas mãos se estenderam em uma tentativa inútil de me parar e apenas agravou o meu movimento oscilante. Eu quase rodei a trezentos e sessenta graus. Eu queria gritar, mas estava com muito medo de me afogar nesse monte de água espirrando.

Eu queria que isso parasse.

Então eu fui atirada para fora do tubo e desejei estar de volta porque algum dos meus piores horrores estava provavelmente esperando para me devorar com extremo prejuízo. E me mastigar com dentes afiados.

Voei pelo ar, em seguida, cai, e respinguei dentro da água ainda mais fria. Profunda. Congelante. Ainda mais escura. Bolhas pegaram explosões de fraca luz turquesa. Eu bombeei meus braços, chutei freneticamente, quebrei a superfície, e respirei fundo.

Algo espirrou perto de mim. Eu gritei e nadei para longe. Uma cabeça apareceu.

— Ayden! — Eu nadei para mais perto quando ele tirou o cabelo e água de seus olhos.

Estávamos em uma grande piscina com paredes íngremes em três lados, um dos quais estava os buracos de onde fomos atirados. Mais algas brilhantes com a estranha luz cruzavam através das paredes, teto, e até mesmo interligados debaixo da água profunda até desaparecer no escuro. Uma massa de raízes grossas e videiras estavam emanharadas com as



algas, algumas penduradas do teto como flâmulas, outras agarradas às paredes.

Alguém espirrou ao nosso lado, em seguida, surgiu cuspindo — Toda a maldita culpa é dela!

Oh, sim, Matthias sobreviveu.

Um dueto de gritos estridentes cortou o seu interessante discurso. Blake apareceu, Tristan em seus braços. Seus gritos abafaram quando eles caíram como balas de canhão bem em cima do meu Australiano favorito. Logan estava ao lado, agitando os braços.

Jayden deu um salto ornamental. Sem afundar.

— Você está bem? — Ayden pegou minha mão.

— Não quando o que está na água nos pegar! — Tristan deu um mergulho espasmódico para a costa irregular. — Provavelmente há um monstro lá embaixo esperando para nos comer! Ou sanguessugas!

— Sanguessugas?! — Eu chutei forte, rápido e frenético para a costa irregular.

Matthias cuspiu água. — Tolo idiota.

— Tudo bem! Seja comido por tubarões. — Tristan disse.

Eu me arrastei até a borda rochosa, usando as raízes grossas alinhadas nos lados para me puxar para fora da água. Nossa praia rochosa afunilava em um túnel iluminado por algas que parecia muito mais seguro do que as águas turvas da morte. Eu ajudei a transportar Ayden para fora e acenei para o resto dos meninos para se apressar.

— INFILTRAÇÃO MANDATUM — entoou uma voz.

Ótimo. Segurança Sally estava de volta. — Cale-se!

— Amo essa voz sexy. — Blake saiu da piscina. — Porém não é tão sexy quanto a sua, querida.

Ele pegou Tristan e Logan e os levantou como se fossem sacos de marshmallows encharcados. Matthias ignorou minha mão e saiu por conta própria. Jayden estava dando cambalhotas e mergulhos sob a superfície.

— É muito refrescante!

— Vamos, Golfinho — Matthias disse.



— Todos nós vamos morrer! — Tristan sacudiu a água do corpo. — Nós não podemos sair. Não tem comida. — Ele girou, batendo nas algas em suas costas. — É uma sanguessuga? Não é?!

— Acalme-se. — Ayden bateu na planta verde viscosa do ombro de Tristan. — Nós ficaremos bem.

A água na piscina começou a borbulhar e agitar, ganhando velocidade e rodando em um redemoinho que pegou Jayden em seu vórtice. Seus braços se agitaram quando ele foi para baixo.

— Pare de brincar. — Ayden disse.

Mas quando Jayden finalmente veio à tona, ele parecia confuso e assustado. — Eu não consigo...

A corrente acelerou e puxou Jayden para baixo novamente.

Matthias estalou a mão dele. — O que... — Ele repetiu o movimento, mas nenhum chicote saiu de seus dedos.

Blake estendeu um braço, agarrou o ar, em seguida, atirou-o para baixo. Franziu a testa. Repetiu o movimento. Logan moveu suas mãos em espiral, em seguida, olhou para elas quando nada aconteceu.

— *Agora* seria a hora certa para salvá-lo! — Eu disse.

— Meus poderes não funcionam! — Blake caiu de joelhos e deu um tapinha na terra.

— Mesmo aqui, companheiros. — Matthias olhou para o túnel escuro como se ele pudesse assustar as sombras em movimento.

— O que está acontecendo? — Tristan agarrou ambos os lados de sua cabeça.

Ayden apontou para a água com uma mão enquanto tentava, e falhava, inflamar a outra. — Precisamos tirá-lo de lá!

Não brinca. Peguei uma das raízes e puxei. Ela não se moveu. Blake me afastou, pegou um monte em uma mão, e as rasgou, em seguida, vasculhou até encontrar uma que ele gostasse.

Ele arremessou para Jayden. — Agarre!

Parou bem perto, mas Jayden perdeu. Blake tentou novamente. E mais uma vez, mas Jayden continuou desaparecido, sumindo sob a água por períodos muito longos.



Ayden amarrou uma raiz em torno de sua cintura. — Vou entrar. Alguém segure a ponta.

— Ele conseguiu! — Blake gritou triunfante.

Jayden envolveu a raiz em torno de seu braço. Blake a agarrou e tencionou em seguida, então recuou e plantou os pés. — Todo mundo puxe!

Corri atrás de Ayden quando todos nós agarramos e puxamos. Suor escorria em meus olhos quando fizemos força no ar mofado e úmido, arrastando Jayden através da corrente pesada e mais perto da costa. Ele nadou os últimos metros.

Ele estava com uma mão na borda rochosa quando um animal monstruoso irrompeu da água.



CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

Pelo menos uma parte.

Um enorme tentáculo, do tamanho daquelas sequoias gigantes que se consegue dirigir um carro através delas, atirou-se sobre nossas cabeças. Algas penduradas como tendões rasgados, o apêndice torcido agarrado no ar, nos encharcando com água e cheiro úmido.

Nós mergulhamos. A videira que estávamos apertando escorregou para frente. Algo se lançou no chão ao nosso lado. Eu pulei para longe de uma... Lâmina gigante de metal?

Sim. Com esta visão super de perto e de forma muito pessoal, eu vi que a criatura era toda de metal. Uma enorme lula mecânica, o membro mortal construído de placas entrelaçadas de metal que estreitavam-se no final em um arpão afiado, de aço. Que, depois de apunhalar na pedra ao nosso lado, parecia estar preso.

Ayden me empurrou para os braços de Logan. — Leve-a daqui! — Então ele correu para a costa, Matthias bem atrás dele.

Logan e eu corremos em direção ao túnel. Uma sombra golpeou acima. Algas penduradas bateram no meu rosto. Eu provei a água suja e tropecei. Um tentáculo bateu em Blake. Ele voou pelo ar, em seguida, bateu e girou no chão rochoso.

Comecei a ir até ele, mas Logan gritou — Abaixe-se! — e nós dois pulamos para o chão à medida que mais e mais tentáculos chicoteavam através do ar.

Engrenagens gemeram. Juntas rangeram. Metal guinchou. A superfície da piscina espumava quando um grande número de antenas balançando surgiu do centro de um redemoinho em crescimento, onde as correntes rodavam em um poço escuro. Sobre as marés colidindo, o zumbido alto de lâminas ecoou, como se alguém tivesse acabado de ligar um colossal depósito de lixo.



Ayden e Matthias arrancaram Jayden para fora da água e o trio correu, Matthias gritando — Mova-se, mova-se, mova-se!

Logan e eu alcançamos Blake, que estava sendo ajudado por Tristan. Algo passou assobiando e pedra explodiu nos pés de Tristan. Um arpão espetou no chão. O tentáculo gemeu, tentando se libertar. Atrás de nós, mais uma dúzia serpenteava, prontas para atacar.

Alguém me empurrou para frente e eu corri para dentro do túnel, os braços levantados, como se eu pudesse de alguma forma parar o enorme, arpão do robô lula.

O túnel curvava e ziguezagueava, e quando os sons das corredeiras girando e membros de metal chicoteando desvaneceu, paramos. Eu caí ao lado de Jayden sentado no chão, cabeça nas mãos.

Matthias se encostou na parede ao lado dele, ofegante. — Todo mundo está bem?

— Eu acho, — Tristan engoliu em seco e apertou o peito — que eu estou tendo, — muita respiração ofegante — um ataque de pânico.

— Quando você não tem? — Eu disse.

Ayden desabou ao lado de seu irmão, sacudiu e estalou os dedos, esfregando as mãos. — Nada ainda. Porcaria.

— Meus poderes foram... impedidos. — Jayden soltou respirações profundas, seus longos cabelos negros pingando em seu rosto. — Eu não entendo.

— Eu entendo. — Matthias olhou com seus olhos cinzentos frios na minha direção. — Muito bem, idiota. Você nos quebrou.

— Oh, cale a boca. — Ayden disse cansado.

— Isso. — eu disse, mas honestamente não sabia se Matthias estava errado.

— Verifiquem seus telefones. — Ayden pegou seu telefone e todos eles seguiram o exemplo, andando em volta para ver se poderiam encontrar um sinal com os dispositivos à prova de água. Sem sorte.

— Fascinante. — Jayden passou um dedo ao longo da parede onde a água escorria. — Tenho certeza que é temporário. Talvez Flint inventou



um elixir para colocar na água como uma medida de segurança para anular ataques de caçadores.

— Então pare de tocá-lo! — Tristan bateu as mãos de Jayden para longe da parede.

Levantei e me movimentei no lugar para gerar algum calor, porque minhas roupas molhadas estavam fazendo meus dentes baterem. — Onde estão Blake e Logan?

Gritos ricochetearam nas paredes, transformando-se em gritos de guerra quando os dois Garotos Malditos correram rápido pelo túnel e pararam.

Matthias fez uma careta. — Onde você conseguiu isso?

Blake e Logan usavam capacetes de cavaleiro medieval e empunhavam longas e brilhantes espadas. Bem, Blake empunhava enquanto Logan balançava e tropeçava com o peso.

Blake levantou a viseira, revelando um sorriso de orelha a orelha. — Adivinha quem encontrou o tesouro de Flint!



CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

Movendo-se mais fundo no túnel, Logan arrastou a ponta de sua espada na pedra, deixando um rastro de faísca até que Blake a roubou, equilibrando ambas as lâminas em seus ombros. Algas caíam do teto, mas os caras mantinham o ritmo constante na escuridão.

Tristan enganchou seu braço no meu. — Tenho um mal pressentimento sobre isso.

— Então não ataque você mesmo o albatroz[14]. — Mathias rosnou do preto infinito.

— Quase lá. — Blake disse com alegria borbulhante.

Momentos depois eu senti o ar mudar, tornar-se menos denso. Nós tínhamos nos movido para dentro de um espaço aberto.

Havia um barulho de *thunk-thunk-thunk-thunk*. Lâmpadas vitorianas saltaram para vida até que o lugar todo estivesse iluminado em um suave brilho amarelo.

A sala se estendia muito ampla no final e ainda estava no escuro, mas o que estava visível brilhava com um requintado e aparentemente infinito tesouro. Escadas em cada lado conduziam para uma segunda sala em volta do perímetro e era igualmente sobrecarregada com acres de antigas riquezas.

De um lado da entrada, armaduras – duas delas faltando capacetes e espadas que Blake se recusava a devolver – pareciam prontas para a batalha. Do outro, ficavam pesados sarcófagos de múmias esculpidos e embaçados ao longo dos séculos.

Todo o resto era mais coisa do tipo tesouros tendenciosos.

Caixotes e troncos empilhados em todos os lugares estavam cheios com extravagância e história. Alguns estavam abertos revelando um esconderijo de joias de ricas e profundas cores, caixas ornamentadas

[14] Albatroz no inglês é usado não como um pássaro, mas sim como uma metáfora que se refere a um peso morto difícil de carregar.



exóticas, pedaços de roupas do século passado provavelmente pegas de algum tipo de realeza, pequenas estátuas, brilhantes grotescas armas e várias coisas que eu não reconhecia exceto por imaginar que arqueólogos e ladrões estariam babando ao verem.

Havia urnas com duas vezes a minha altura, túmulos de mármore de antigos templos, mobília que desejavam retornar para algum castelo e pilares maciços que pareciam como se sua última tarefa fosse sustentar o Parthenon.

Estátuas estavam por toda parte. Algumas bonitas, a maioria assustadora. Criaturas demoníacas. Asas, chifres, presas, garras. E várias gárgulas grotescas como algumas das que guardavam a escola.

No centro da sala estavam largas mesas de madeira com metal embutido e pedras preciosas. Pergaminhos empoleirados e mais artefatos de ouro cobriam a superfície. O lugar todo brotava com a recompensa de um vasto tesouro perdido.

Eu virei para o australiano. — Ainda um albatroz?

O portão atrás de nós caiu, bloqueando nossa única saída conhecida. Como uma guilhotina.

Matthias fez uma careta. — Definitivamente.

Tanto para minha lâmpada vitoriana.

Com músculos esticados, Blake tentou empurrar o portão para cima, exceto que por uma ou duas polegadas ele não se mexeu, mesmo quando os outros garotos ajudaram.

— Nós temos que encontrar alguma pedra pequena nisso tudo? — Tristan lamentou.

Yep. Não estava parecendo bom. Eu dei de ombros. — Pelo menos não temos que lutar com qualquer segurança doida ou monstros mecânicos.

Algo se moveu com muita energia e passou por minha cabeça, destinado aos Garotos Malditos. Eles caíram ou mergulharam fora do caminho. Um som metálico lançou-se como se embutido na grade do portão e oscilou pelo impacto.

Em uma *infinidade* de fúria, flechas, lanças, dardos e flechas de bestas cortaram através do ar. Matthias me puxou pelos meus tornozelos.



Eu bati em minhas costas. Os projéteis mortais voadores *golpearam* o chão arenoso ao redor de nossos pés e *zuniam* fora das paredes.

— Você tinha que abrir sua boca grande. — Matthias rosnou.

Eu mergulhei atrás de um tronco transbordando com tecidos finos. Ayden correu para o meu lado.

Matthias rolou para trás de um caixote e examinou um rasgo em seu casaco. — Oh, vamos lá. É novo!

— Não é nossa maior preocupação. — Ayden agarrou.

— Eu fui atingido! — Tristan gritou detrás de uma tumba.

Logan bateu no ombro de Tristan. — Sou eu!

— Oh. Deixa para lá!

— Nós precisamos de terreno alto! — Jayden chamou de trás de uma montanha de caixotes quase cobrindo ele e Blake.

Eu dei uma espiada. No segundo andar, as estátuas tinham ganhado vida, disparando com armas afiadas e muita determinação. Ayden me puxou de volta.

— O terreno alto foi tomado. — eu disse. — Segurança Sally! Abortar! Desligar! Cessar...

Armas de metal enrolaram-se ao redor de meus ombros. Um dos cavaleiros sem cabeça me arrancou da linha de fogo. Eu torci e chutei, mas tudo que eu consegui foi a possibilidade de quebrar um dedo.

— Blake! — Ayden gritou.

Blake jogou uma das espadas pelo ar. Ayden disse — Pule! — Eu agarrei os braços do cavaleiro na minha frente e levantei meus pés altos. Em um movimento contínuo de graça impressionante, Ayden pegou o cabo da lâmina e balançou em um amplo arco, cortando limpo através dos joelhos do cavaleiro.

Estilhaços e parafusos voaram quando o cavaleiro *retiniu* no chão. Eu rolei para longe observando o óleo jorrar como petróleo dos membros decepados. As mãos do cavaleiro blindadas apertaram ao redor de meu tornozelo, me arrastando por todo o terreno. Ayden balançou de novo e com um guincho de metal no metal, espetou a espada dentro de sua barriga. O cavaleiro convulsionou mais uma vez e então parou.



— Jeito de salvar a dama, cara!

Eu corri para fora da abertura e me agachei atrás do sarcófago de madeira. — O que eles são?

— Eu acho que... — Ayden ofegou — São uma forma mecanizada de alguns artefatos de Flint.

— Maldito gênio do mal. — Eu balancei minha cabeça. — Eu odeio esse tipo de cara.

— Aurora! — Jayden gritou detrás de seu esconderijo. — Você pode desmilitarizar o cofre!

— Palavras pequenas! — Ayden disse. — Como?

— Eu traduzi isso! — Jayden ergueu o diário com a espiral dupla e bateu no símbolo da capa. — Essa formação gráfica indica que há um sensor que...

Lascas explodiram quando uma flecha bateu no sarcófago na minha frente e queimou através da madeira. Eu atirei meus braços sobre meu rosto e deslizei de volta para a parede, encarando com os joelhos fracos a ponta mortal da flecha que tinha penetrado e parado somente a centímetros do meu peito.

— Não preciso saber *como* funciona! — Eu gritei sobre o que quer que fosse que Jayden continuava explicando.

— Entendido. — Jayden virou freneticamente através das páginas. — Esse diário lista as localizações das travas e suas finalidades...

Flip, flip, flip.

Blake espreitou sobre seus ombros. — Que língua é essa?

— Há uma trava de desativação atrás da estátua de Buda de um imperador da Dinastia Liao. — Jayden disse. — Mas... tem nove metros de altura e três peças, e eu não vejo nada semelhante aqui então talvez haja outra sala de tesouro o que significa...

— Jayden! — Tristan retrocou. — Há um *aqui?!*

— Me deixe... — Sim! — Jayden estapeou a página. — Essa parede atrás da Tumba de Alexandre o Grande.

Eu segui sua linha de visão. — Você quer dizer a tumba de mármore a várias dezenas de metros de distância?



Por favor diga não, por favor diga...

— Sim.

Merda.



CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

Eu soprei uma respiração profunda. Então mais duas. Tentando sugar coragem, encostada contra um sarcófago egípcio antigo como apoio.

Enquanto Jayden tinha subido um pilar de pedra alto para reconhecer a área, o resto dos caras amontoados em algum lugar à minha direita estavam discutindo a estratégia para que eu chegasse na trava do sensor. O plano envolvia Ayden e eu correndo através do espaço aberto enquanto evitava o esquadrão de máquinas assassinas-psicóticas de Flint e suas Mortais OVPNI (Objetos Voadores Pontudos Não Identificados).

Fácil, certo? Então por que minha respiração estava falhando?

Não, era mais como um rangido. Espere. Isso não era eu.

A tampa do sarcófago egípcio balançou aberta com um *surdo* estremecimento. Senti um fedor, em seguida, algo horrível enrolou-se em torno da borda da madeira. Dedos. Longos, revestidos de couro, descamados pela secura, com unhas amarelas e acastanhadas, uma pendurada por um fio de roupa desgastado. Ou carne retorcida.

Eu engoli em seco. — Isso não está acontecendo.

Mas com certeza, um oh-tão-super-bruto cadáver mumificado de alguma antiga realeza egípcia cambaleou ao redor do canto e virou seu rosto enfaixado de branco em minha direção.

Houve um gemido.

Isso era eu.

Eu meneei minha perna em seu estômago, senti os ossos desmoronarem. Rei Tut tropeçou, o movimento fez um buraco desintegrar e pulverizar em seu intestino, mas ele continuou vindo.

Eu subi ao redor do sarcófago e chutei-o mais duro. Ele balançou, mas não caiu, lançando a si mesmo para o alto. A múmia virou-se para mim. Eu recuei alguns passos, então corri todo o declive, me lançando para o alto e agarrando o caixão de madeira pintado feito um bebê coala



com sua mãe. Quando balançou para frente de novo, eu inclinei meu peso nele e em um movimento muito lento, ele tombou.

Enquanto eu o percorria para baixo, a tampa fechou e todo o peso da tumba egípcia caiu no resto da múmia. Com um impacto de chocalhar os ossos, isso quebrou a realeza que devia estar a muito tempo morta dentro de uma confusão nebulosa de linha, engrenagens, faíscas e poeira. Eu rolei para fora e desviei meu rosto, tentando não respirar algum vírus bizarro. Ou maldição antiga.

Uma lança explodiu na sujeira perto de meu quadril. Eu rolei para o lado.

Algo sobre um círculo cinza. Uma das estátuas de gárgula de granito tinha levantado voo. Fez uma volta súbita em U e dobrou suas asas como um falcão mergulhando para sua presa. Eu.

Rolei de novo. A gárgula bateu no chão. Pedaços de pedras explodiram ao apedrejar e contundir, fios desgastados giraram para fora como fogos de artifícios. Um já foi, mas mais de seus camaradas estavam esticando suas asas e obscurecendo o ar.

Junto com uma nova chuva de flechas. Eu estava pronta para uma estiagem.

Me afastando, eu avistei uma adaga, a agarrei e me inclinei contra uma tumba de mármore preto brilhante, ainda ofegante.

Tristan correu em uma espécie de gingado curvado. — Consiga abrigo!

Com um grunhido, ele empurrou a tumba de pedra até abri-la, agarrando minha jaqueta e me jogando dentro. Eu pousei em uma pilha de alguma coisa dura e desconfortável. Eu tossi e ondulei longe do ar espesso e imundo.

Tristan fechou a tampa, exceto por uma fenda pequena. Quando eu pisquei através da luz borrada e fraca, minha pele enrugou e rastejou sobre si mesma. Eu gritei, estridente e horrorizada. Eu estava cara a cara com o rosto de um esqueleto sem lábios sorrindo exposto ao ar livre de um cadáver morto a muito tempo.

Não que um cadáver estivesse alguma vez vivo.



Minhas mãos empurraram as sobras esfarrapadas de um smoking, batendo de lado em um chapéu garbosamente colocado acima enquanto eu me afastava dos ossos. Seus braços moveram-se. Ele estendeu o braço e me segurou em um... *aperto mortal.*

Oh, sim, lá estava meu senso de humor macabro.

Mãos em punhos, eu retalhei em um frenesi louco em minha melhor reencenação da cena no chuveiro do filme *Psicose*, com uma abundância de gritos perfurantes – meus – exceto o sangue.

A tampa do túmulo deslizou para fora.

— Sinto muito! — Tristan me puxou para fora. — Não pensei muito bem nisso de novo. — Ele deu tapinhas no meu ombro. — Você está bem?

Eu golpeei ele e o encarei. — Eu estou *bem?*

Alguém teve a coragem de rir. — Legal, companheiro.

Caramba, eu sabia quem.

De seu poleiro no topo da coluna antiga, Jayden gritou. — Há um esconderijo de armas na mesa perto da tumba!

Ele saltou para baixo enquanto Blake empurrava sobre a coluna para fornecer mais cobertura, depois arrastava-se ao longo de um trono alto de encosto dourado. Eu empilhei caixotes até que nós estávamos protegidos por todos os lados.

O resto dos caras deu um salto mortal, virou de volta e mergulhou para se juntar a nós. Exibidos.

Jayden apontou através da longa extensão no espaço aberto. — É um caminho limpo.

O caminho que ele indicou corria entre uma sebe do tesouro e uma parede de pedra branca acabando em uma mesa gigante que abrigava várias armas em frente a uma estátua de bronze de três metros de altura, de uma figura em um cavalo, segurando uma lança de guerreiro. Além daquela que estava na tumba e na parede detrás da tumba, eu encontrei a espiral semelhante a uma gravura de homem da caverna que deveria encerrar os ataques.

Deveria.



Eu só tinha que correr pela linha de fogo antes. Às vezes era tão incrível ser eu.

— Vá no três. — Matthias balançou um engradado de pratos sobre o pilar, depois os jogou no ar. Flechas sobrevoaram.

— Não sou rápida o bastante. — eu disse.

Ayden apertou meus ombros e olhou em meus olhos. — Sim, você é. Vá na frente e eu estarei bem atrás, cobrindo você com isso. — Ele levantou o escudo do cavaleiro. — Em seguida eu alcançarei as armas, atirarei algumas para os caras e nós todos cobriremos você enquanto você desliga a segurança e salva o dia.

Ele tem tanta fé em mim. Era tão adorável.

E tão completamente estúpido.

Logan agarrou várias pequenas estátuas e deslizou suas costas contra o trono. — Nós fornecemos cobertura a vocês dois.

— E criaremos uma distração. — Jayden adicionou.

— Viu? — Ayden sorriu em encorajamento. — Sem problema.

Não, sem problema. Apenas um desastre colossal.

— Não se preocupe, querida. — Blake girou a espada em uma mão e uma lança na outra. — A única coisa a ficar perto do seu bumbum bonito sou eu.

— Blake!

Isso era loucura. Eu nunca conseguiria. Eu tropeçaria, cairia, me tornando uma almofada de alfinetes.

— Um. — Matthias arriscou uma espiada para o segundo andar.

Tristan torceu suas mãos. — Ela vai morrer.

— Obrigada. — Eu cravei os olhos. Não ajudava ouvir meus próprios pensamentos em voz alta. Mas de alguma forma sua falta de fé estimulou minha coragem e um desejo enérgico de provar seu erro.

Eu afundei em uma postura de corredora, Ayden agachou-se atrás de mim e ergueu o escudo.

Matthias me deu aceno. — Trê...

— Espere. — Ayden agarrou meu braço.



Oh, obrigada Deus. Eu desmoronei contra o pilar, o corpo tremendo tão forte que eu estava perto de convulsionar. Energia foi embora. Fugiu gritando e levou a coragem com ela.

— Fique aqui. — Ayden derrubou o escudo, reunindo vários pratos de porcelana, e jogou-os no caminho que nós supostamente deveríamos tomar.

Engrenagens acionaram e ressoaram. Em locais esporádicos ao longo da parede vazia, pedaços de pedras deslizaram para longe como janelas abrindo. Então, com o sol silvando como se nós perturbássemos um ninho de cobras, dardos dispararam das aberturas, despedaçando os pratos antes que eles batessem no chão.

— Você está brincando comigo? — Eu limpei as mãos em meus jeans. — Isso é loucura.

— Essa é clássica. — Ayden disse. Os outros caras assentiram. Meu olhar era vazio quando ele disse — Os atiradores no segundo andar querem nos afugentar para a linha de fogo. O esconderijo de armas é uma isca para nos encorajar a fazer isso.

Eu senti frio. — Uma emboscada.

— Como eu disse, clássica. — Ayden tirou sua jaqueta.

— O que você está fazendo? — Eu não achava que meu coração poderia bater ainda mais forte. — Nós ainda não estamos *indo!*

— Não você. Apenas eu. — Ele sorriu. — Não se preocupe, minha mãe faz esse tipo de coisa o tempo todo.

— É verdade. — Jayden confirmou. — E nesse exercício, Ayden é o melhor de nós todos.

Quando o resto dos garotos começou a atirar coisas no caminho, aquilo produziu um fluxo interminável de dardos mortais, e Ayden olhou com intensidade, quase em transe.

— O que nós estamos fazendo? — Eu perguntei a Tristan enquanto eu agarrava um pequeno baú e atirava.

— Os dardos são acionados por sensores de movimento. — Tristan disse. — Nós continuamos atirando coisas para ativá-los, de modo que Ayden pode estudar suas disposições e memorizar as trajetórias.



Ayden acenou uma mão casualmente. — Você apenas tem que ler a posição dos projéteis e navegar ao redor deles. Sem problemas.

— Sério? Sua mãe é doida. — eu disse.

— Mas de um modo bom. — ele sorriu afetado. — Eu alcançarei as armas, enviarei algumas como nós planejamos e alguém conseguirá com que você atravesse e desligue a segurança. Sem problemas.

Ele continuava dizendo isso. Eu não tinha certeza se ele entendia o que isso significava.

— Eu estou pronto. — Ayden estava em pé atrás do trono, fitando as paredes e saltando na ponta de seus pés, e com seu rosto em uma máscara dura de determinação, correu para linha de fogo.



CAPÍTULO SESSENTA E SETE

Era uma coisa bela – e assustadora – de assistir.

Dardos disparavam transversalmente em uma rápida sucessão enquanto Ayden movia-se como se estivesse trabalhando em uma rotina solo de ginástica. Ele saltava, virava, torcia, girava e rolava. Em um ponto ele caiu de joelhos, inclinando para trás de modo que sua cabeça deslizou no chão, depois mudou de posição, girou em sua barriga e então estava de pé de novo, contorcendo seu corpo para confundir os furos letais de um grande montante de mísseis mortais.

Ayden deslizou debaixo de outra mesa, e em seu mergulho final ele caiu no outro extremo da sala, embaixo de uma grande mesa de madeira onde se escondeu entre as pranchas que a prendiam.

Ayden bateu no chão. — Sim!

Nós todos aplaudimos. Pelo menos, eu aplaudi quando finalmente liberei aquela respiração que eu prendi.

Os dardos cessaram o fuzilamento. Um suave estalido farfalhou beco acima seguido por um *ressoar*. Quase como um relógio antigo preparando-se para badalar a hora. Nós examinamos a sala procurando pela fonte do som.

E o encontramos.

Na mesa acima de Ayden, a estátua de bronze do guerreiro bárbaro se moveu. O garanhão empinou, as pernas arranharam o ar em movimentos robóticos, vapor cresceu de seu focinho.

— Ayden, cuidado! — Eu gritei e apontei.

Ayden olhou para o perigo, mas ele não podia ver através da mesa acima dele onde o guerreiro levantou a lança.

— Mova-se! — Os garotos gritaram.

Mas era muito tarde. O guerreiro mergulhou sua lança através da espessa madeira da mesa como se fosse gelatina.



Matthias arrastou os braços para frente esperando lançar todas as sombras na sala em um ataque que demolisse a estátua. Blake deslizou o chão com suas palmas e torceu como se ele pudesse explodir a mesa para o alto e despedaçá-la em meras lascas de madeira. Logan torceu seus braços como se misturasse um vórtice volátil em um tornado dentro do esquecimento. Tristan esmagou sua cabeça nas mãos, olhos duros em concentração tentando movimentar Ayden. Jayden estendeu as mãos vazias para criar uma onda que aniquilaria tudo em seu caminho para salvar seu irmão.

Mas era tudo uma ilusão porque nada aconteceu. Nós não tínhamos poderes aqui. Parece que eu era a única que lembrava disso.

Eu ergui meus braços para trás novamente, então atirei nele. Minha explosão de poder não aconteceu, mas eu não esperava que acontecesse. Eu não tinha anos do luxo de comandar poderes, e nesse caso, isso era um trunfo. Então eu joguei o punhal em vez disso. Ele disparou da minha mão e cruzou a sala.

Dardos dispararam pelas paredes, tentando bater na arma.

Eles perderam, e a lâmina enterrou-se nas entranhas do bárbaro, arrancando-o do cavalo do tamanho de um poodle que saltou na mesa com um estrangulado apito estridente de vapor e desapareceu no maciço tesouro. Antes que ele fosse, o guerreiro mergulhou a lança através da mesa e para baixo no lado inferior, mas apenas algumas polegadas. Eu estava muito orgulhosa de mim mesma.

Até que eu vi Ayden esparramado no chão. Sangrando. E ele não estava se levantando.



CAPÍTULO SESSENTA E OITO

— Ayden! — Jayden deu um salto, plantando as mãos no pilar e se lançando para fora da linha de fogo.

Matthias pulou e agarrou a camisa de Jayden. Flechas e dardos *sibilaram e sussurraram*. Matthias passou um braço em torno do pescoço de Jayden e o arrastou chutando e gritando de volta para nosso abrigo. As pontas das lâminas estalavam para fora do pilar e faziam um som sibilante acima de nossas cabeças.

— Blake! — Matthias latiu.

Blake, seu rosto sombrio, pegou Jayden e o restringiu em seus braços maciços.

— Eu consigo! — Logan disse.

— Muito perigoso! — Matthias decretou. — Encontraremos uma outra maneira!

Logan agarrou seu paletó e afrouxou a gravata. — Eu vou.

— Cara, não! — Blake tentou agarrá-lo também.

Logan se abaixou para fora de seu caminho. Jayden contorceu-se livre. Matthias e Blake lançaram-se em Jayden para evitar que ele corresse cegamente para os dardos. Logan abaixou-se em uma posição de corredor.

— Tristan, pare-o! — Matthias disse.

Tristan e eu avançamos. Agarramos as pernas de Logan. Seguramos. Ele lutou. Medo golpeou através da minha cabeça, pronto para explodir em minhas veias enquanto eu procurava ao redor por alguma coisa, algo para ajudar Ayden.

— Eu estou bem. — A cabeça de Ayden ergueu-se.

Eu respirei aliviada. Demorou para nos avisar.

Ayden empurrou-se para fora do chão.

— Cuidado! — Tristan gritou.

Ayden fez uma pausa e cuidadosamente evitou a lança espetada através da madeira enquanto sentava e se inclinava contra a base da mesa.



Eu não podia parar de encarar o sangue em seu ombro, vermelho berrante contra sua camiseta branca.

— Tome cuidado, companheiro. Nós estaremos bem aqui. — Matthias virou um olhar escuro para Jayden. — Nós apenas temos que formar *um plano* antes de irmos e acabar sendo mortos.

— Me corte. — eu disse.

— O quê? — Ao meu redor, todos os Garotos Malditos ficaram paralisados.

Os olhos de Matthias estreitaram-se. — Eu não imaginei isso, imaginei?

— Ayden, atire uma faca! — Eu disse.

— Não! — Tristan e Jayden gritaram.

— Sim! — Logan respondeu.

Ayden assentiu. — Bom plano!

— Bom? — Tristan piscou. — Vocês dois estão brigados?!

Algo ressoou. Dardos silvaram. Uma faca com um punho com filagramas de ouro bateu na parte de trás do trono sobre a cabeça de Blake. Eu me movi para agarrá-la.

Blake puxou-a primeiro. — Baby, você não está pensando direito.

— Ela nunca está. — Matthias pegou a faca e estendeu-a para mim. — Mas agora parece que isso pode funcionar para nós.

Eu sorri afetadamente. — Cuidado, Australiano, isso quase soou como um elogio.

Eu estendi a mão para pegar a faca, mas Matthias agarrou meu pulso, recuou para trás e golpeou a lâmina dentro da minha mão.

Eu gritei. O Australiano sorriu.

Ok, foi apenas uma picada. Em meu dedo. Mas seu mergulho de assassino em série e olhar de deleite enlouquecido fez meu coração parar de bater.

Uma gota de sangue escorreu.

— Você é um idiota. — Eu pulei para trás, mas ele não me soltou. — Ei!



— Espere. — Ele olhou ao redor, parou por um instante, então limpou meu dedo sangrento no chão.

— Oh, obrigada. — Eu puxei minha mão de volta com força. — Se eu pegar a Peste Negra, vou infectar você primeiro.

Algo roncou mais alto que a luta. O chão tremeu. Os OVPNI pararam de lançarem-se através do ar porque até mesmo a Segurança Sally notou nossa mais nova chegada.

Da escuridão no outro extremo da sala, Fido deslizou em suas superabundantes pernas. Ao me ver, ela levantou a cabeça, abrindo sua boca. Das profundezas de sua barriga, ela bradou um forte rugido de T-Rex.

A Segurança Sally renovou seu ataque. Flechas e dardos ficaram presos na pele de Fido ou simplesmente ricochetearam em sua pele. Mas as lanças atingiram forte, e eu vacilei em empatia cada vez que elas atingiam. Fido rosnou e estalou, recebendo batida após batida, mas não recuou. Quando a visão de uma gárgula desagradável desceu de cima, ela pegou-a com suas antenas, balançando-a duro na parede. Despedaçando-a em uma chuva de lodo de óleo gosmento que encharcou o resto das estátuas.

Nada como ter minha própria demônio diva-homicida.

Tristan gemeu. — Estamos mortos.

— Nope. — eu sorri. — Ela é nossa graça salvadora. Fido, por ali! — Eu apontei para Ayden.

Enquanto ela deslizava sobre nós para chegar a Ayden, eu pulei para cima e corri.

Alguém gritou — Espere!

Mas eu não parei.

Ao invés disso, eu corri sobre a barriga de Fido, usando sua parede de pernas em movimento como cobertura dos dardos. Quando alcançamos a mesa onde Ayden estava, Fido enroscou seu corpo ao redor enquanto eu avançava para fora de suas pernas e investia para o pequeno de espaço entre a tumba de Alexandre o Grande e a parede. Com passos laterais espasmódicos e usando dedos trêmulos para sentir sobre a rocha áspera



até a gravura, eu me movi além, rezando para um dado não explodir do nada.

Calor queimou sob minha mão. Uma espiral dupla, na altura do peito. Obrigada, deuses.

Abaixo de mim, a pedra começou a rachar verticalmente, depois duas pequenas portas se abriram. Dentro havia uma caixa de cobre com um botão verde que estava aceso, um vermelho que não estava, e uma alavanca de bronze. Eu puxei.

As luzes desligaram. Seguidas por gritos estridentes.

As luzes piscaram novamente.

Eu encontrei minha respiração e gritei. — Funcionou? O que aconteceu?!

— Sua idiota! — Matthias berrou. — Você matou todos nós!



CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

— Isso não foi engraçado. — Tristan disse.

Blake puxou uma lança do lado de Fido. — Foi um pouco engraçado.

Matthias sorriu afetado para mim. — Apenas uma vez eu gostei de ver sua cara.

Ele, Tristan e Logan estavam tentando abrir o portão com as armas que pegaram da mesa.

A alavanca tinha desligado a segurança. O melhor palpite era que as luzes ligaram e desligaram em um tipo de reinício, desligando os tesouros mecanizados. Os gritos foram em grande parte de Tristan e Logan sendo aterrorizados e foi o comentário de Matthias que me assustou até a morte, o que solidificou seu status de idiota.

Como se houvesse dúvida nisso.

Com um gemido patético, Fido caiu sobre sua barriga. Sua grande língua molhada começou a lamber suas feridas. Blake pulou em cima da mesa, acariciando-a carinhosamente com uma de suas mãos enquanto puxava as armas que passaram por sua armadura blindada de pele com a outra.

Ayden sentou-se em um tronco de madeira, Jayden ao seu lado. Eu estava de costas no chão em frente a eles, joelhos dobrados. Aliviada e exausta.

— Jayden, eu estou bem. Pare com isso. Eu não preciso tirar minha camiseta. — Ayden afastou as tentativas de seu irmão de olhar a ferida em suas costas. — A ponta da lança apenas pegou no meu ombro. Nada profundo.

Jayden estava claramente preocupado. — Mas você entrou em colapso. Eu posso avaliar melhor sua ferida se você tirar sua camisa.

Uma imagem súbita de músculos lisos e tensos passou pela minha imaginação. Eu me apoiei nos cotovelos para uma melhor visão, porque repentinamente me ocorreu que Ayden era o único dos Garotos Malditos



que eu ainda tinha que ver sem camisa – ele era o único deles que eu apalpei, então eu tinha uma ideia – um problema que seria corrigido em meros segundos. Eu tentei não salivar demais.

— Não. — Ayden disse. — Apenas levante a parte de trás.

Repentinamente jogando de estudante tímido? E ele não olhou para mim. Hum.

Enquanto Jayden verificava a ferida, Ayden cutucou meu ombro com seu dedo do pé. — Eu totalmente impressionei você com minhas habilidades ninjas de evasão de dardos, não é?

— Absolutamente. — eu disse. — Você também tirou vinte anos da minha vida. Tem certeza que você está bem? Você devia tirar sua camiseta.

Ayden levantou uma sobrancelha.

Muito óbvio? Provavelmente.

— Sabe. — Eu dei de ombros. — Para fins médicos somente.

Houve *um ressoar e uma batida,* então Matthias disse. — Não vale a pena a bagunça.

— Bom. — Blake puxou o último dardo de Fido e sorriu de orelha a orelha. — Agora vamos à caça ao tesouro?

Ninguém tinha um plano melhor, então...

Nós estamos aqui pelo que pareceram horas. Atualmente, Ayden e eu estávamos vasculhando a papelada na mesa de madeira por pistas que pudessem ser uma dica sobre uma pedra. O resto dos caras estavam espalhados pela sala. Quando eu joguei de lado outra folha de pergaminho como se fosse roupa suja no quarto de Lucian, Ayden o pegou com uma só mão, estremecendo um pouco ao desenrolar com muito cuidado.

— Oh meu Deus! — ele exclamou olhando para cima do roteiro elegante. — Isso foi assinado pelo Rei Louis IX!

— Nerd. — Blake riu de algum lugar em meio a sala.

— Aurora. — Ayden disse — talvez você deva olhar as coisas que são... menos frágeis. — Ele colocou o documento de lado como se fosse um artefato precioso.

Ok, então talvez fosse, mas era muito menos precioso do que minha vida.



— Bem. Eu irei passar por mais caixas de joias — Eu olhei ao redor com desespero. — Mas isso parece tão sem esperança.

— Eu ajudarei. — Quando Ayden empurrou-se para ficar em pé, ele fez uma careta e levou a mão ao peito. Com meu olhar preocupado, ele começou a dar de ombros, então pensou melhor nisso e parou. — Eu disse a você, não é nada.

Ele continuava dizendo isso, mas algo não estava certo. Jayden tinha inspecionado a ferida de lança e a considerado uma “ferida pequena” que era “sem ameaça a vida” embora, o “pontilhado anômalo” ao redor da ferida fosse “desconcertante” e ele queria poder ir ao laboratório fazer alguns testes. Os movimentos de Ayden deixavam claro que ele estava com dor, mas ele permaneceu de boca fechada e não me deixou chegar perto o bastante para verificar por mim mesma. Eu estava preocupada.

Houve um estrondo.

— Porcaria estúpida – Blake! — Matthias gritou. — Eu não consigo alcançar! Esse negócio estupido de sem poderes – urgh! Há uma outra sala aqui. Tristan, me siga.

— Por que eu?

— Se apressem. Todos continuem procurando por uma saída!

Nós tínhamos verificado a parte de trás de onde Fido tinha emergido, mas era uma dúzia de labirintos de túneis escuros ramificados em diferentes direções onde ninguém queria o risco de se perder. Quando eu tentei alcançá-la para sairmos, ela rolou sobre sua barriga para que eu a coçasse. Meus sussurros para demônios requeriam algum trabalho.

Na parte de trás, encontramos algumas máquinas de construção que pareciam mais novas. Estranhas versões deformadas de equipamentos modernos de Flint para o dia a dia. Tratores, escavadeiras, perfuradoras de túneis e muito mais. Se o impulso viesse, nós poderíamos cavar nosso caminho para fora dali com a mesma máquina que Flint tinha usado para construir o lugar.

Eu bocejei e tropecei sobre a urna caída enquanto seguia Ayden corredor abaixo. Eu estava gelada, molhada, exausta, coberta de pó, presa,



exausta, machucada, *exausta,* e o melhor de tudo, sem uma única coisa para me manter viva. A preciosa pedra de Rose.

Caça ao tesouro era horrível.

Nas periferias, uma estátua de anjo se moveu. Eu gritei e mergulhei por cobertura. Eu estava prestes a gritar para Ayden fazer o mesmo quando o anjo falou.

— Aurora? — Jayden saiu detrás da estátua.

— Jeez! — Eu rosnei. — Não faça isso. Eu pensei que outra estátua tinha ganhado vida para me comer.

Jayden balançou meu braço. — Nós precisamos de sua ajuda para discernir se existe uma saída.

Eu estava muito cansada para lhe pedir uma lição vocal.

— Vá. Eu faço isso. — Ayden me cutucou para longe e então virou-se para analisar outro baú.

Jayden me levou pelo labirinto de luxuosas antiguidades até uma câmara distante, onde Logan esperava na parede.

— O que eu estou divagando? — Eu esfreguei meus olhos.

Jayden franziu a testa. — Nada, você não disse uma palavra.

— Toque isso. — Logan bateu na dupla espiral gravada na parede.

— É o símbolo de Flint para o Divinicus e a Bellator. — Jayden ergueu o diário. — A espiral maior curvada em círculos indica sensores que reagem a você, enquanto a espiral geométrica quadrada maior marca sensores que reagem ao Bellator. Juntos eles reagirão a qualquer um desses.

— Essa é a única que conseguimos encontrar por perto. — Logan disse. — Veja se abre...

— Um egresso. — Jayden parecia entusiasmado. — Eu já disse a ela.

Pelo meu olhar em branco, Logan esclareceu — Uma saída.

Bati minha mão no símbolo da Divinicus/Bellator. Calor queimou. Alguma coisa retumbou abaixo. Eu pulei para trás e observei a camada superior da rocha na parede apenas... desaparecer.

Em seu lugar foi revelado uma miscelânea de metal que parecia uma parte maciça de uma caixa de quebra-cabeça, parte porta de cofre do Fort

Knox. Grossas hastes, barras retangulares, engrenagens de vários tamanhos, parafusos de corrediças, maçanetas, puxadores, alavancas, todas unidas em um intrincado bloqueio mecânico. Então, como uma enredada aglomeração de serpentes, se desvanecendo diante de nossos olhos com mais ruídos e uma série de *zumbidos, cliques e estalos*. Finalmente, com um suspiro colossal, como se nós tivéssemos acordado um gigante dormindo por milhões de anos, a porta rolou ao abrir.

— BEM VINDOS AO SANTUÁRIO. — entoou a Segurança Sally.

Tossindo ar morto e poeira, nós contemplamos a escuridão.

— Bem? — Eu disse.

Logan deu um sorriso fraco. — Isso parece melhor, então...

— Tag[15]. Está com você. — Jayden sorriu. — Veja como eu aprendi coloquialismos lúdicos. Refere-se ao jogo de dar um tapa e vocês voltam para...

— Yep, eu entendi. — Eu dei-lhe um olhar nivelado. Tanto para grandes e maus caçadores de demônios. Eu dei um passo hesitante a frente. Então outro, olhos e ouvidos esticados ao seu limite para alcançar através da escuridão e espaço silencioso, nervos contraindo-se ao máximo. Quando eu cruzei o limiar, luzes acenderam. Eu gritei e cambaleei para trás, colidindo com Logan e Jayden.

— Não pare. — Jayden pediu. — Nós estamos prestes a...

— Conseguir um tiro de dardos envenenados. — eu estalei. — Talvez. Eu não sabia e nem mesmo você. Não se precipite. — Jayden fez um barulho exasperado, mas Logan colocou uma mão reconfortante em meu ombro.

Eu entrei mais profundo na sala, quase tendo que empurrar através da atmosfera densa. Um leve cheiro de ozônio contraiu minhas narinas. Ar espesso e seco rastejou sobre minha pele carregando um frio que me fez estremecer. Eu inicialmente vacilei quando as lâmpadas vitorianas se

[15] É um jogo de origem britânica que envolve um ou mais jogadores perseguindo outros jogadores para tentar dar um tapa (marcando) o outro, geralmente com as mãos. Seria algo semelhante a brincadeira do carimbado no Brasil (Sul).



reordenaram para a vida, mas então o espaço iluminou-se e minha cabeça girou para cima e para baixo e para os lados.

— Caramba. — eu respirei.

O final da sala estava ainda escuro, mas eu podia dizer que era enorme e alcançava cerca de quatro andares de altura. Paredes de pedra foram esculpidas com várias palavras, perfeitamente organizadas em colunas e linhas. Eu não podia lê-las, mas imaginava que o idioma era latim.

Linhas de estantes feitas de pedra esculpidas erguiam-se através do centro da sala, cada prateleira empilhando volumes atrás de volumes de livros. A maioria com capa de couro. Todos antigos.

Nós andamos pelos corredores, os pescoços ameaçando se deslocar à medida que nos esticávamos para vê-los.

Certo que isso era impressionante, mas eu suspirei. — Ótimo. Mais porcaria para se olhar.

— Que lugar é esse? — Logan soou maravilhado.

— Um inferno de uma biblioteca. — Blake girava em círculos.

Jayden saltava. — Quando vocês chegaram aqui? Vocês deveriam estar procurando pelo artefato de pedra solicitado por Rose. Você é o perito da terra.

— Eu estou deixando Matthias gritar com Tristan para variar.

— Volte!

— Não. Eu estou cansado. É tão difícil. É como tentar encontrar uma batata frita em uma bolsa de areia.

Eu corri meus dedos através das lombadas de couro, notando os títulos em latim. Alguns também tinham intervalos de datas listadas, todas do século passado.

Uma luz cintilou na parte traseira da sala. Até o momento que eu fui passar pelo último corredor, o brilho tinha se tornando estável. Não havia saída, mas apesar de minha exausta – eu mencionei isso? – condição, eu reconhecia o frio quando sentia.

Era como um pequeno apartamento. De um século diferente.



Em frente e no centro estava uma grande escrivaninha. Ela parecia velha e francesa. Havia uma área de estar, uma pequena cozinha que continha um fogão de ferro à moda antiga e uma grande pia de granito com grandes torneiras metálicas de água. Perto dali uma pequena mesa de pinho com duas cadeiras foram colocadas em frente a uma porta que dava para a escuridão.

Mais atrás, um canto mantinha uma banheira de pés enormes. Em outro, havia um espelho dourado de corpo inteiro, e uma brilhante coleção colorida vintage a moda vitoriana. Prateleiras de lindos vestidos em matizes vibrantes e quilômetros de tecidos cintilantes. Prateleiras de elaborados chapéus decorados com penas, laços e fitas. Fileiras de sapatos e botas delicados.

Enfiada contra a parede estava uma cama de dossel envolta com pesadas tapeçarias. Havia um grande colchão extra macio coberto com rendas pálidas. Bem menos exigente do que a Cachinhos Dourados, meu corpo cansado doía para descansar na pilha felpuda bonita. Somente por um minuto. Ou vinte.

Eu bocejei quando passei pela escrivaninha, dando uma olhada para algo que descansava no topo. Eu tropecei. Meu coração vomitando e engolindo em minha garganta, gritando com entusiasmo.

Blake me agarrou pela cintura.

Logan caiu na postura de caçador, braços para cima como se ele sustentasse um arco invisível, dedos agarrando o nada. Ele fez uma careta. — Eu odeio isso.

Jayden franziu o cenho brevemente para suas mãos vazias enquanto Blake me movia para trás de seu corpo.

— O que foi, querida?

Eu apontei e sufoquei. Logan e Jayden espreitaram de um lado para outro da escrivaninha, punhos para cima, prontos para atacar.

Então eles olharam um para o outro e relaxaram.

— Dificilmente um perigo. — eu consegui dizer finalmente. — Essa foi minha reação de “isso me assustou pra caramba”.



Jayden inclinou-se sobre a escrivaninha, estudando o objeto do meu horror. — Um esqueleto. Sexo feminino. Anos sessenta, eu imagino.

Por que qualquer cara adolescente sabia isso?

— Quem é ela? — Eu estapeei minha bochecha, tentando manter meus olhos abertos enquanto a adrenalina caia. Não funcionou. Eu me inclinei contra Blake, que bagunçou meu cabelo.

O esqueleto sentado na cadeira caiu sobre a mesa, como se ela tivesse colocado a cabeça para baixo em um cochilo e não acordasse mais. Órbitas vazias me encaravam, cabelo cinza, surpreendentemente longo, espesso e drapeado atrás dela. Os restos de um vestido azul caiam pendurados em seus ossos. Uma corrente de ouro estava em volta de seu pescoço, um relógio de bolso dourado.

Debaixo de sua mão ossuda, que ainda segurava uma caneta preta e prata em seus dedos, Logan pegou o livro de capa de couro encadernado e o abriu. — As páginas estão em branco.

— Fantástico. — Eu precisava atirar em algo, então agarrei o livro.

Calor arrebatou minhas mãos, para cima dos meus braços. Palavras, sons e imagens jogadas através de mim, borradas, em seguida apunhalaram meus olhos, entraram em minha cabeça. Torres, barras de aço frias, figuras camufladas, rostos perdidos atrás de capuzes escuros. *Corra!* Meu cérebro chiou pela sobrecarga.

Eu soltei o livro. Mas as ondas de visão continuavam vindo. Eu agarrei meu crânio. Abri minha boca para falar, mas uma torrente correu para minha cabeça. Tudo ficou escuro. E eu sucumbi ao alívio da inconsciência.



CAPÍTULO SETENTA

Corra! Agora! Antes que eles percebam o que você carrega! Corra! Agora!

As palavras dançavam na minha cabeça mais e mais. Enchendo a escuridão.

Alguém me embalou contra um peito sólido. Vozes me acordavam.

— Coloque-a na cama.

— Não. É velha. E uma senhora morta dormiu nela.

— Ela não estava morta quando dormiu nela. Ela morreu na mesa.

— Perto o bastante. Eu seguro a baby.

Os braços ao redor de mim apertaram.

— OK. Logan, mais água.

Um rangido estridente. Uma onda de água. Eu tentei falar.

— Baby se moveu!

— Eu disse a você, os sinais vitais dela estão bons. Dê a ela um momento. Isso ajudará.

Água fria esguichou em meu rosto. Eu gaguejei. Tentei dar um tapa para afastá-lo.

— Querida, acorde!

— Acalme-se.

— *Você acalme* a si mesmo, garoto lógico. — Blake disse. — Eu sou um cara apaixonado. E comecei a ficar chateado. Especialmente quando minha melhor garota entra em colapso depois de fazer palavras mágicas aparecerem em um livro. — Blake me sacudiu. — Querida? — Meus olhos abriram. — Ela voltou!

Ele era ótimo em anunciar o óbvio.

Eu pisquei, esperando sentir dor, considerando o mal funcionamento cerebral que tive antes de apagar, mas...

— Eu estou bem. — Eu bati no ombro de Blake.



Ele começou a me colocar na cadeira, mas me contorci até ficar de pé. Eu estava me sentindo forte e um tipo de... formigamento. Eu não queria sentar. Ou ficar parada.

Logan estendeu um cálice de estanho. — Jayden disse que a água é boa para beber.

Eu levantei e bebi o sabor fresco do líquido frio em um único gole, então larguei a taça na mesa. Jayden colocou uma mão em minha testa. — Sem febre. Alguma dor? Náusea?

— Nope. — Me afastei dele, esticando meu corpo agitado. — Mas o diário de Elizabeth com certeza fez impacto. Uau.

— Como você sabe que o nome era Elizabeth? — Jayden disse. — Depois que você tocou o livro, palavras apareceram na página e nós acabamos de ler que isso pertenceu a...

— Elizabeth Grace Flint. — Eu inclinei minha cabeça para o lado para estalar meu pescoço. — Irmã de Nathan. Ele construiu aquelas cavernas para ele se esconder do Mandatum porque ela sabia demais.

— Sobre o quê? — Blake perguntou.

Corra! Agora!

— Está tão quente aqui, hein? — Eu reuni meu cabelo para cima e abanei a parte de trás do meu pescoço. — Sobre as coisas habituais. Escândalos. Sexo. Algum encobrimento. E o fato de que o Mandatum assassinou o último Divinicus.



CAPÍTULO SETENTA E UM

— Você não está fazendo nenhum sentido. — Jayden estava freneticamente virando as páginas do diário de Elizabeth. — Os arquivos de Flint mencionam uma irmã, mas não há nada aqui sobre assassinato.

— Confie em mim. Há. Porque o que está lá dentro. — eu apontei para o livro — está aqui. — Eu apontei para minha cabeça. Eu acenei para Jayden enquanto ele abria a boca. — Quando eu toquei o diário...

— As palavras iluminaram-se como tinta invisível vindo a vida. — Blake disse.

Eu balancei em meus calcanhares. — Certo. Então toda a informação correu para fora direto para minha cabeça.

Logan olhou de relance para os outros dois garotos. — Elizabeth. Ela era uma Scriptor[16]?

— Seu argumento é sensato. — Jayden assentiu. — Eles são os únicos caçadores que podem comunicar a palavra escrita dentro da mente um do outro.

— Mas em diferentes fusos horários, e depois de estarem *mortos?* — Blake balançou sua cabeça. — Eu nunca ouvi sobre um Scriptor fazer isso.

— Você nunca ouviu sobre Ernest Hemingway também. — Logan disse.

Blake fez uma careta. — Aquele idiota da aula no terceiro período?

Eu fiz uma busca pela sala como uma pedra pulando na água até meu olhar se estabelecer na parede distante. Eu corri para ela e deslizei minha mão sobre um dos entalhes em Latim. A pedra retumbou, a superfície lisa rachou em um retângulo, e uma gaveta deslizou da parede. Eu apontei para os livros encadernados em capa de couro dentro.

— Estes são mais de seus diários durante os anos que ela esteve aqui em Gossamer Falls. Mas aqueles... Blake me levante.

[16] Escritor em latim.



Mãos em minha cintura, Blake me ergueu e me colocou em seus ombros. Eu apoiei minha mão na parede, coloquei um pé em seu outro ombro, afastei sua cabeça com minha outra mão, coloquei o outro pé em seu outro ombro, e consegui ficar em pé de uma forma surpreendentemente estável. Nesta altura eu podia tocar alguns dos escritos mais altos. Eu corri minha mão sobre os entalhes à minha esquerda. Mais um estrondo e outra gaveta rolou aberta da pedra.

— Mais diários. — eu oscilei na ponta dos dedos dos pés, Blake permanecendo como pedra sólida embaixo de mim. — Esse e o outro nível tem alguns de quando ela estava vivendo com o Divinicus. Na Europa pela maior parte do tempo, mas eles viajavam muito por questões de segurança. E aqueles. — Eu apontei para os níveis mais elevados, em seguida, movi meu dedo para sala ao redor — São os diários escritos sobre ou por todos os outros Divinicuses – ou é Divinic-i? – ao longo dos séculos. A história completa.

Os olhos de Jayden acompanharam lentamente ao longo da sala. Ele engoliu em seco duramente e limpou sua garganta antes de falar em um tom áspero e reverente. — Você está me dizendo que nós temos... *As Crônicas do Divinicus Nex?*[17]

Eu dei um tapinha na pedra. — Acho que sim.

— Mas isso é impossível. — Os polegares de Jayden estalaram dentro e fora das juntas. — Você está falando sobre algo que o Mandatum guarda com o máximo de sigilo e segurança.

— Que seja. — Eu dei de ombros. — Mova-se. Blake, pegue. — Eu pulei para o ar, pernas retas e braços abertos, e cai nos braços de Blake.

— Legal, querida. Nós poderíamos ser líderes de torcida juntos.

— Certo. — Eu estourei de seus braços para meus pés, correndo até as estantes altas de pedra, e bati minhas mãos sobre as colunas. — Esses são recriações de todos os livros que Elizabeth alguma vez leu. Incluindo, mas não limitado, as coisas do Mandatum. Coisas como história, registros contábeis, arquivos pessoais. Coisas que estariam nos...

[17] Divinicus Nex Chronicles, fazendo referência ao título da série.



— Nos arquivos do Mandatum. — Jayden mal respirava enquanto vagava atordoado pelos corredores de livros, pescoço esticado para olhar as prateleiras altíssimas. — Ela roubou esses? Por esse ato por si só, eles viriam atrás dela. Como poderíamos não saber que isso estava desaparecido? Seria uma catástrofe para a sociedade. E como ela conseguiu todas essas informações secretas? Apenas poucas pessoas do alto nível têm acesso.

— Ela não roubou. — eu disse. — Ela recriou. Ela tinha memória fotográfica de tudo que ela já viu ou leu. Livros, documentos, imagens, pessoas. Até mesmo algumas coisas auditivas como conversas e músicas. O que quer que fosse que ela experimentasse estava em sua cabeça para sempre e ela passou anos escrevendo tudo isso. Bem, não sempre *escrevendo,* exatamente. — Eu rodei meus dedos ao redor de minhas têmporas. — Ás vezes ela podia tipo ver isso dentro do papel. Eu não tenho muita certeza de como isso funciona. Ainda. Eu tenho que começar a ler, ler, ler. Mais, mais e mais.

— De jeito nenhum um Scriptor poderia fazer isso. — Blake disse.

Eu agarrei um livro, mas antes que eu pudesse abri-lo, Logan arrancou-o das minhas mãos. — Talvez mais tarde.

Eu fiz uma careta. — Por que não agora?

— Você parece um pouco... acabada. — Logan disse. — Eu ainda estou confuso. Ela era uma caçadora fugitiva?

— Talvez. Eu preciso ler mais, mas... você está certo. Depois. — Eu dei uma olhada nos livros, então fechei meus olhos, dedos puxando meus cabelos. — Ela...ela...

Corra! Agora! Tanta coisa se embaralhava no meu cérebro, desesperada para se libertar. Linhas de informação, dizeres, títulos, nomes, localizações, elas continuavam pipocando mais rápido do que eu poderia juntá-las. *Corra!* Parecia como se aranhas rastejassem sobre minha pele. Eu cocei minha palma da mão.

— Querida, você está bem?

— Certo. Bem. — Eu respirei fundo. Mãos em punhos. Isso é incrível. Pela primeira vez eu sabia mais do que eles. Eu poderia finalmente ter



mais controle sobre toda a porcaria de Divinicus Nex. Eu tinha conhecimento, e acesso a mais. Mas primeiro eu tinha que... que... o quê? Ordenar o que eu já tinha. Organizar as informações ricocheteando ao redor do interior da minha cabeça.

— Não uma fugitiva. — Eu prendi meu cabelo atrás de minha orelha, me concentrando. — Elizabeth esteve com o Divinicus por anos como sua biógrafa.

Jayden assentiu. — Cada Divinicus tem um, mas porque ela veio para cá e criou isso?

Eu enchi minhas bochechas com ar depois o soprei, balançando minhas mãos pata aliviar o formigamento. — A Bellator construiu isso com Nathan Flint porque o Mandatum ia matar os filhos do Divinicus.

— O que! — Jayden gritou.

— A Bellator. — Blake disse pacientemente. — É a caçadora quente que tem a conexão sobrenatural especial com o Divinicus. Eles compartilham um laço físico e emocional, e ela se torna sua companheira e protetora por quanto tempo ele viva. Sério, cara, tente nos acompanhar.

As mãos de Jayden fecharam em punhos apertados, que ele balançou para Blake. — É claro que eu sei o que uma Bellator é!

— Então pare de fazer perguntas estúpidas.

— Mas o que Aurora está falando não faz sentido! — Jayden quase gritou. — Os filhos do Divinicus e da Bellator são sagrados.

— Exatamente. — eu disse. — O que torna uma criança gerada a partir do caso de Elizabeth com o Divinicus uma blasfêmia.

A cabeça de Jayden balançou de lado a lado como se estivesse em curto circuito.

— Elizabeth não poderia ter ficado grávida com os bebês do Divinicus por que o Divinicus era somente sexualmente íntimo com a Bellator.

Eu rolei meus olhos. Então cocei. — Este é o motivo pelo qual Elizabeth era uma mulher morta ambulante. Quebrar todas as regras quando ela se apaixonou pelo Divinicus... Mesmo que a Bellator estivesse de coração partido, ela não podia deixar eles matarem o bebê. — Eu bati meus dedos no ombro de Blake. — Ajude-me a descer mais livros.



— Talvez você deva trazer Ayden. — Logan empurrou o gigante.

— Yep. — Blake me disparou um olhar estranho antes de correr para fora.

— Mas eu preciso – argh. — Eu limpei minhas mãos suadas em meus jeans. Imagens de repente dispararam em minha cabeça, mostrando onde eu conseguiria as respostas para minhas perguntas. — Coluna quarenta, linha cinco, volume setenta e dois. — Eu dei risadinhas. — Oh, isso é muito melhor do que rastrear demônios.

— Aurora! — Jayden deslizou uma mão sobre minha boca. — Nós concordamos que você manteria suas habilidades um segredo.

Eu empurrei ele. — Segredo, segredo. Você não vê? É o porquê as espirais reagem ao meu toque. Esse lugar foi feito para o Divinicus. — Agarrando sua camisa, eu aproximei nossos rostos. — Esse lugar foi feito *para mim!* — Eu sorri. — Isso não é ótimo?

— Talvez você deva sentar. — Jayden disse.

— De jeito nenhum. Isso é incrível! Esse é o *meu* santuário agora. A última Bellator não quis matar uma mulher grávida ou sua alma gêmea, então ela fez um lugar para esconder e proteger todos eles. Não apenas seu Divinicus, mas cada um depois dele. Então eu posso ser livre. Wow. Bellator conserta todas as coisas. Onde está o meu? Eu estou com sede. — Eu corri até a pia, abri a torneira, empurrei minha boca para a corrente de água, e bebi. Então eu enfiei minha cabeça sobre o fluxo. — Ah. Me sinto melhor. Estranho que uma caverna subterrânea seja tão quente. — Eu puxei minha cabeça para fora e retirei o excesso de água. — Olhe, eu sou um cachorro!

Ayden veio correndo. Ele parecia bom. Realmente bom.

Suas maças do rosto estavam coloridas. Cabelo com gel despenteado a perfeição. Jeans ajustados e jaqueta de couro impressionante com as cicatrizes e imperfeições de ser um grande e sexy caçador de demônios. Sem mencionar o sorriso sabido que revirava meu estômago.

Embora ele não estivesse sorrindo agora.

Franzindo a testa, ele deu uma olhada rápida para seu irmão. — O que está errado com ela?



— Nada. — Eu corri e serpentei um braço ao redor de seu pescoço. — Especialmente agora que você está aqui, lábios de açúcar. — Meus dedos deslizaram em seu cabelo, puxando sua boca contra a minha. Ele tinha um sabor gostoso. Menta. E todo meu. Mas ele me afastou.

Eu plantei um monte de beijos em seu rosto e pescoço. — Oláááááááááá, lindo.

Blake disse — Ela deve pensar que você sou eu.

Ayden puxou minha cabeça para trás e levantou minhas pálpebras com seus polegares. — Seus olhos estão vermelhos. Ela tomou alguma coisa?

— Eu dei água a ela. — Logan bateu em Jayden. — Você disse que era boa.

— Não é a água. — Jayden disse.

— Talvez foi quando ela foi atingida com o livro?

— Quem bateu nela com um livro? — Ayden soou como se ele estivesse pronto para bater em alguém. Eu continuei beijando ele.

Logan golpeou Blake então disse a Ayden. — Ninguém. Blake quis dizer que a informação do livro de alguma maneira bateu para dentro de seu cérebro. E de repente ela *sabia* todas as coisas.

— Então a querida começou a agir como se ela tivesse tomado uma combinação de muita cafeína e açúcar e ganhado adrenalina.

Ayden escutou com uma ansiedade crescente enquanto os garotos relatavam os eventos, que eram *chatos* demais, então eu me afastei e saltitei para o corredor.

— Aurora!

Eu corri a frente de Ayden e subi em uma estante de livros, balançando com uma mão só. — Olhe, eu sou um macaco!

— Desça!

— Mas eu ainda não descobri o que estava errado. — Eu agarrei de volta as prateleiras. — A Bellator contrabandeou uma Elizabeth grávida – vamos chamá-la de Lizzy, faz ela soar corajosa – para seu irmão, Nathan, em Gossamer Falls e depois, a Bellator e o Divinicus também planejavam



fugir para cá. Para esse lugar. — Eu oscilei de uma prateleira de novo para gesticular em direção a sala.

Embaixo, Ayden rosnou — Aurora, pare de fazer isso!

— Estraga prazeres. — Eu agarrei de volta. — Nathan construiu isso como um esconderijo. Eventualmente, ele teria lhes conseguido nomes novos, novos documentos, novas vidas. Mas...

— Eles foram descobertos? — Blake disse.

— Não a encoraje. — Ayden disse enquanto ele e Logan subiam atrás de mim.

— Eu não sei. — Meu pé escorregou. Meu queixo bateu contra a pedra, mas eu evitei minha queda. Provei cobre. Sangue. Tinha um pouco na minha língua, mas não doeu. Eu continuei subindo. — Ela escreveu sobre isso. Deve estar aqui. — Eu arruinei toda a prateleira e então subi, subi, subi!

Jayden apontou para a parede. — Eu acho que você acusou que seus diários estavam naquela gaveta lá.

Minha cabeça puxou ao redor. — Oh, certo! — Eu pulei para baixo.

— Jayden! — Ayden estava irritado.

— Desculpe. Mas essa alegoria é fascinante.

Blake me conduziu para longe da parede. — Peguei ela.

— Não! — Eu lutei contra o gigante, olhando por cima do meu ombro para as massas de informação apenas esperando para eu absorvê-las. — Ainda há muito para saber.

— Vamos lá, querida. — Blake me puxou junto. — Diga-nos o que aconteceu a Nathan e Elizabeth.

— Lizzy. — eu corrigi. Eu cocei a palma da minha mão. Então meu couro cabeludo. Muita coceira. — Nathan escondeu o filho dela, mas o Mandatum capturou e torturou Nathan até a insanidade antes que ele dissesse a Lizzy onde ele escondeu o bebê, então Lizzy se escondeu aqui... — Eu olhei de relance sobre os ombros de Blake para o cadáver. — Ela parece triste.

— Provavelmente porque está morta. — Blake disse.



Quando Blake virou-se para olhar para trás também, eu escorreguei de seus braços.

— Querida!

Ayden fez uma careta. — Blake.

— Ela me enganou.

— Tão sozinha e assustada. — Eu murmurei ao me aproximar do esqueleto, agarrando um vestido azul meia noite e segurando ele contra mim em frente ao espelho. — Nathan capturado. Sua criança desaparecida. Ela procurou por anos, usando o santuário como sua base. — Eu agarrei o chapéu gotejando penas e véus, e coloquei em minha cabeça. — Escondendo-se em túneis, vendendo peças de seus tesouros quando precisava de dinheiro. Mas sem bebê. Eventualmente, ela não podia viajar e... morreu. E isso é tudo que eu sei até ler, ler, ler! — Eu girei e quase caí.

Ayden me pegou. — Não vai acontecer.

Eu bati meu pé. — Mas eu tenho que fazer isso.

Uma súbita e afiada dor floresceu na parte de trás da minha cabeça. Eu esfreguei-a, tentando aliviar a pressão chegando, apertando ao redor do meu crânio. Não ajudou. Ficou pior. Pontos de luz moveram-se em minha visão. Meus joelhos cederam.

Um bando de ruídos deixou as coisas piores. Os caras estavam falando. Ficando mais alto. Discutindo. Cada palavra era como um furador de gelo minando minhas habilidades.

— E não há como tirá-la! — Ayden gritou. — Vocês deveriam estar procurando uma saída!

— Há uma na parte de trás. — Eu apontei em direção ao miniapartamento. — No outro elevador.

— Nós nem mesmo sabemos onde ele leva. — Jayden protestou.

— Tem... várias saídas. — Eu assobiei ar através dos dentes cerrados, escolhidas através do inferno escaldante em formação. — O mais perto é um... túnel... perto das cataratas.

— Querida sabe do que está falando.



— É velho! — Jayden estalou. — Os mecanismos podem quebrar. Nós ficaremos presos.

O interior de minha cabeça era um campo minado. Cada novo som desencadeando uma nova explosão, sugando toda minha energia. Meus olhos fecharam com força. Alguma coisa fez cócegas no meu nariz. Eu esfreguei e meus dedos voltaram com sangue. Não era o melhor sinal. Mas melhor do que matéria cerebral vazando.

— Não se preocupe. — Ayden estava perdendo a paciência. — Vamos, caras. Vamos sair.

— Por favor, pare. — Minhas entranhas torceram. Eu me afastei ao cair de joelhos e vomitar.

Pelo menos não desmaiei. Embora isso devesse ser preferível do que sentir um machado psíquico cair na minha cabeça rasgando meu tecido cerebral suavemente. Ou Ayden batendo em minhas bochechas enquanto ele segurava meu rosto. Sua expressão vacilando entre a fúria e o medo.

— Seus olhos estão loucamente vermelhos.

Meu coração acelerou. — Mudaram de cor? Eu estou me transformando? — Eu belisquei meu rosto. — Em quê?

— Não. — Ayden disse suavemente, afastando minha mão para o lado e acariciando minha bochecha. — Eu quero dizer que eles estão injetados. Relaxa. Pegue isso. — Ayden empurrou algo através de meus lábios. Uma bala. Então ele me ergueu em seus braços e beijou minha testa. — Nós tiraremos você fora daqui.

Eu comecei a descansar minha cabeça em seu peito, mas sua camisa estava úmida. Ele fazia uma careta a cada passo.

— O que está errado? — Minha boca ficou seca. Repentinamente minha dor não importava. — Oh, Deus.

— Não é nada. — ele murmurou.

Não, era alguma coisa. Encharcando sua camiseta.

Sangue. Muito sangue.

— Você está ferido. — Eu me contorci. — Ayden, pare! Me coloque no chão.



Ele caiu sobre um joelho. Então, sem a menor cerimônia, ele me deixou cair. Mas eu não podia reclamar. Ele não poderia me ouvir se eu fizesse.

Ele caiu no chão.



CAPÍTULO SETENTA E DOIS

— Ayden! — Minhas mãos pairavam com medo de tocá-lo.

Blake correu e com um único puxão rasgou a camisa ensanguentada de Ayden ao meio.

Minha respiração foi absorvida.

Seu peito estava salpicado com vergões vermelhos, alguns pretos no centro, não tanto sangrando quanto gotejando. Linhas roxas irregulares corriam entre os vergões, como alguma versão macabra de ligar os pontos.

Jayden derrapou em seus joelhos, em seguida, começou a inspecionar cuidadosamente os danos.

— Isso não pode ser. — Seus lábios se apertaram. — Parece como se ele foi... queimado.

— Quando a lava saiu do portal. — eu disse. — Talvez tenha batido nele.

— Nem mesmo a lava o incomoda. Nada quente o abala.

— Você tem certeza? Talvez fosse uma lava especial porque é do Mundo em Espera, porque ele estava bem quando estava derretendo as correntes depois que ele parou meus dedos de... – a realização fria esfaqueou meu peito. Eu caí no chão. — Oh, merda. Fui eu. Eu... eu... eu fiz isso. — Eu me afastei.

— Querida, acalme-se.

Eu apontei para Ayden, minhas mãos tremendo como se eu segurasse uma britadeira. — Quando ele me derrubou para cortar a conexão, o material explosivo estava cozinhando meus dedos e deve ter batido em seu peito. Mas eu nunca pensei... ele não disse... eu sinto muito. — Eu rastejei de volta e alisei o cabelo de sua testa.

— Ayden. Acorde. Por favor.

Ele estava quente, começando a suar e tremer. E mesmo eu podia ver o olhar nos olhos de Jayden, estava claro que nós não tínhamos muito tempo.



CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

Nós corremos para o túnel que conduzia ao quarto de Lizzy e encontramos a treliça de metal do elevador e, como um pé tamanho 44 tentando usar um tênis tamanho 38, nos apertamos. Logan subiu e pairou de lado, movendo suas mãos em movimentos estranhos. Blake estava embalando Ayden como se seu amigo ferido fosse feito de um vidro frágil como papel fino e sem falar uma palavra. O resto de nos deu a ele tanto espaço quanto se podia.

Rosto imprensado contra o metal, eu soquei os botões no painel de controle antes da Segurança Sally falar. — ENTRE COM O DESTINO PEDIDO.

Quando senti o peso dos olhares questionadores a respeito de como eu sabia o código apropriado, eu evitei contato visual porque, ei, eu não tinha nenhuma maldita ideia. Eu estava prosseguindo no conhecimento que veio de um lugar que eu não podia explicar. Se eu estivesse errada, nós descobriríamos em breve.

E eles podiam me matar então.

Com um *som estridente*, uma sacudida e jorrar de óleo, metal e alguma coisa acre – provavelmente terror – nós começamos a ir para cima com um *clang* instável, viajando em silêncio como um C4 compacto, e tão volátil quanto.

Eu era uma esquizoide emocional.

Às vezes eu parecia vazia. Eviscerada, oca e dormente. Em seguida eu olhei para Ayden oscilando dentro e fora da consciência, e um milhão de singelas navalhas pontiagudas afiadas esfaqueou sem piedade através do meu corpo, me deixando fria e me contorcendo enervantemente. Em seguida eu limpei o suor de minha testa com mãos instáveis e percebi que eu ainda estava exaltando o que quer que seja que o santuário fez para mim. Ou eu podia ser inundada com culpa – e choque – sobre deixar Ayden às portas da morte.



Queimando o Garoto Maldito que era impossível *de queimar.*

Ninguém estava dizendo isso, mas eles tinham que estar me odiando naquele momento. Saber que eu fiz aquilo. Eu tinha a trivial sensação que eles deviam estar até com um pouco de medo de mim.

Ei, eu mesma me assustava.

Poderia ser por esse motivo que minha respiração ficou parada. Em seguida, a energia ondulou através de meu interior, borrifando fúria como um mar tempestuoso em penhascos irregulares. Minhas mãos se arrepiaram e quando eu olhei para baixo, elas começaram a brilhar. Eu rapidamente as enfiei nos bolsos.

Um vento girou em torno do espaço apertado e Logan disparou. — Meus poderes voltaram — apenas quando o elevador sacudiu para parar, a porta abriu para nos deixar tropeçar para dentro do túnel.

— Finalmente! — Jayden arremessou algumas lâminas de gelo então empurrou Blake e verificou os ferimentos de Ayden.

Com o som de engrenagens girando, o elevador simplesmente desapareceu, coberto por um revestimento de pedra, lisa exceto por um pequeno entalhe de uma imperceptível espiral dupla.

À distância podíamos ouvir as turbulentas águas das cataratas, e usando o mapa holográfico do túnel em seus telefones, Logan e Matthias nos conduziram para fora. Eu corri de leve ao lado de Blake, mãos escondidas, com medo de tocar Ayden, enquanto eu observava Jayden trabalhar. Olhos de um escuro azul esverdeado, ele pairava suas mãos sobre o peito ferido de Ayden.

— Jayden. — em engoli em seco duramente. — Eu sinto muito. O que eu posso fazer? Eu não queria machucá-lo.

— As queimaduras parecem superficiais. — As palavras de Jayden eram cortantes, frias, estéreis. Ele fez uma careta. — Exceto que ele *não poderia* ser queimado, elas são normais e não um risco a vida. Certamente não o fariam reagir desse modo. — Com uma mão correndo sobre o ombro de Ayden, Jayden sacudiu para provar. — Oh, não.

Meu estômago embrulhou. — O quê?



— Shhh! — Jayden colocou a palma da mão no pescoço de Ayden então, com uma expressão cada vez mais sombria, ele a moveu gentilmente ao longo da clavícula de Ayden e sobre o ombro ferido. — Não são queimaduras. — Seu pomo de Adão ondulou. — É toxina.

Minhas sobrancelhas uniram-se. — O que é toxina?

— Em seu sangue! — Jayden deixou escapar então pareceu surpreso com sua própria explosão e retornou sua compostura de volta. — Eu posso ler a composição do plasma. Está contaminada. O ponto de origem é a punção da lança.

Eu murmurei. — A lâmina estava envenenada? — Jayden assentiu gravemente, e eu quase caí. Não fui eu. Mas minha pequena sensação de alívio durou apenas um instante. — Você pode consertá-lo, certo? Com seus poderes aquosos. Apenas sugue isso para fora!

— Não é assim tão fácil. — As narinas de Jayden inflaram enquanto suas mãos trabalhavam na ferida, olhos espiralando mais brilhantes enquanto um vapor pálido descolava-se de Ayden. — Eu estou extraindo tanto quanto posso, mas uma dose fatal já se infiltrou em sua corrente sanguínea. — Ele se encolheu quando o corpo de Ayden teve espasmos. O vapor se dissipou.

— Isso é o máximo que eu ouso. Agora o melhor que eu posso fazer é desacelerar seu fluxo sanguíneo para diminuir a aceleração da toxina através de seu sistema.

Na palavra "fatal" minha mente quase desligou. Eu pisquei as lágrimas de volta. — Isso nos dá tempo para salvá-lo?

Jayden assentiu. — Quanto mais rápido nós o levarmos ao laboratório em casa, melhor. Blake, *mova-se!*

Nós chegamos na velocidade turbo-boost[18] e logo corremos para a caverna iluminada pelo brilho das algas escuras que nos davam a visão da parte de trás da cachoeira. O rugido era ensurdecedor. Névoa emergia da água batendo e assumindo o brilho verde assustador.

[18] É uma tecnologia implementada pela Intel em certas versões de suas CPUs baseadas na microarquiteturas Nehalem, como: Sandy Bridge, Ivy Bridge, Haswell e Broadwell, incluindo o Core i5 e o Core i7



Jayden explodiu em uma corrida mortal.

Eu tropecei quando a visão me bateu. Foi rápida. Tristan me puxou na posição vertical. Eu me recuperei e corri para frente gritando. — Jayden, pare! — mas era muito tarde.

Ele separou as águas da queda e caminhou direto para a emboscada.



CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

Eu corri atrás de Jayden de qualquer maneira, gritando coisas como “Pare! ” e “Emboscada!”, mas o barulho da cachoeira suprimiu quaisquer avisos. Logan pegou meu braço e me empurrou de volta para Tristan, que apesar dos meus esforços, me manteve no lugar enquanto o prodígio de cabelos brancos desenhou seu arco e disparou.

A flecha foi como um míssil nas costas de Jayden, com o objetivo de cortar sua espinha em duas.

Que diabos?

Ignorante do perigo, Jayden movimentou-se em alta velocidade em direção a abertura na água, as sombras das mãos de Matthias despejando. Elas lamberam através do ar e enrolaram-se ao redor da cintura de Jayden, em seguida ele foi arrancado de seus pés e arrastado para trás para dentro da caverna.

A flecha passou por cima de um Jayden caído e se dirigiu diretamente ao líder da emboscada.

Rose.

Em pé do lado de fora das quedas com um sorriso de satisfação, ele inclinou sua cabeça, mostrando um leve interesse, mas zero de preocupação com a flecha disparada em sua direção. Ele nem mesmo tentou se mover quando a flecha espetou seu coração.

Mais ou menos.

Quando a flecha atingiu seu peito, a forma de Rose simplesmente ondulou como fumaça de uma chaminé, e a flecha passou inofensivamente através dele, dissipando-se em uma nuvem branca pálida enquanto ela enterrou-se na areia atrás dele.

— Boa noite, garotos. Aurora. — Rose cintilou em uma forma parecendo mais sólida em pé com os pés plantados abertos, um polegar enganchado o bolso da frente do jeans escuro que estava enfiado em botas de cano alto de couro. Sua camisa era branca, com punho na altura dos



pulsos com um decote V aberto que mostrava seu peito tonificado e bronzeado. Suas longas ondas de cabelos dourados foram puxadas para trás e amarrados em uma fita preta. Muito pirata.

Ele estendeu uma mão de luva de couro. — Encontraram o que nós precisamos?

— Chame seus demônios. — eu disse. Minha visão tinha mostrado seis monstros alados empoleirados na cachoeira acima e mais sete marinhos à espreita logo fora da minha linha de visão.

A cabeça de Blake sacolejou. — Que demônios?

— Adoraria. — Rose deu de ombros e cruzou os braços. — Mas se eu fizer isso, você sairá e parará a busca.

— Quem disse que nós não encontramos?

Todos nós olhamos para Ayden, que tinha falado apesar de estar quase inconsciente enquanto inclinava-se contra Blake.

— Eu peguei... aqui. — A voz de Ayden tinha um estranho gargarejo. Ele cortou em uma tosse seca.

— Excelente. — Rose estendeu a mão.

Jayden praticamente dilacerou as roupas de seu irmão gêmeo. — Cadê?

— Fique com ele. — Ayden arquejou por uma longa respiração — venha aqui e pegue.

Jayden agarrou a camiseta de seu irmão gêmeo. — Você não tem tempo.

— Muito... perigoso. — Ayden falou lentamente, para dar ênfase ou porque ele estava piorando. — Ele não pode. — ele estremeceu. — entrar. Ele. Nos enganou.

— Onde? Enganou como? — Eu balancei minha cabeça. — Não importa. Blake, pode sentir a pedra nele?

Blake sussurrou. — Ele não tem uma. — mas colocou Ayden para baixo e ajudou Jayden a saquear seus bolsos.

Rose deu um assobio. — Eu estou esperando. E eu não sou um homem paciente. Odeio assassinar alguém antes do café da manhã. Tende a estragar meu apetite.



— Não... saiam. — Ayden lutou para levantar-se, mas perdeu a batalha e caiu para trás. — Não... é... humano.

— Eu entendi. — Com as mãos trêmulas, Tristan me empurrou para trás dele. — Rose não pode entrar.

— A casa de Aurora. — Logan disse, reajustando seu aperto no arco e flecha e visando diretamente Rose.

— E na escola somente depois que os escudos caíram.

Os garotos estavam solucionando um quebra-cabeça que eu não podia compreender.

Jayden moveu-se para cair em frente ao seu irmão. — Ele nunca teve a intenção de invadir nossa casa.

— Ele queria nos pegar do lado de fora. — Matthias fitou Rose com temor. E uma ansiedade crescente.

— O macacão de vinil foi uma distração brilhante de minha parte. Vocês garotos são tão reprimidos. — O sorriso de Rose iluminou a noite. — Levou tempo o bastante. E agora que vocês têm um homem caído. Tsk, tsk. — Fumaça rosa enrolou em seus dedos. Seus olhos começaram a brilhar.

— Todo mundo de volta ao santuário! — Matthias empurrou-se para trás.

Eu fiquei onde estava. — Ayden morrerá se não conseguirmos ajudá-lo.

Tristan puxou meu braço. — Rose não é humano.

— Então o que ele é? — Eu bati.

Na praia, uma alta trincheira revestida de homem emergiu da névoa, braços ligeiramente longe de seus lados, mãos abertas, como se ele estivesse prestes a se envolver em um tiroteio a moda antiga, na empoeirada rua principal de uma cidade.

Sob a aba abaixada de um chapéu de feltro, ele tinha o perfil de um machado. Ângulos ásperos, linhas afiadas. Olhos pálidos brilhavam tão frios que eles pareciam como se saíssem de uma geleira.



Ele deu um passo ao lado de Rose. Uma arma mantida estável em sua mão, o cano pressionado firmemente contra os cabelos inumanos dourados.

— Ele é um deus. — o homem disse.

Então ele puxou o gatilho.



CAPÍTULO SETENTA E CINCO

Eu enfiei as minhas mãos nos meus ouvidos, o *bang* ricochetou através da caverna. Tristan nos jogou para além da massa de Blake. Logan preparou para disparar seu arco, mas Matthias bateu seus braços para baixo.

— Timing perfeito, Jenny! — Matthias fechou o estranho em um abraço e tapa das costas.

Eu espreitei ao redor. Rose não estava à vista.

— Não me agradeça ainda, afilhado. — O homem – Jenny? – deu um passo para trás, tirou outra arma automática e apontou ambas para cima. Seis tiros. Demônios gritaram e as conexões que eu tinha com eles pela visão desapareceram. — Não matei ele. Apenas o assustei para que teletransportasse para águas seguras por um feitiço.

— Vamos. Ainda que temporariamente, é tudo que nós precisamos. — Matthias disse. — Meu companheiro caiu.

Jenny, com um sotaque irlandês grosso como o mingau da Tia M, era alto e extremamente volumoso. Mas isso era devido ao seu colete mortal.

Um negócio letal feito por encomenda.

Continha oito armas no coldre em frente ao seu torso em duas colunas. Outras duas armas penduradas abaixo das axilas em coldres nos ombros. Mais duas em seus quadris. Seu cinto pingava com uma variedade de bainhas de facas. Aquilo eram granadas?! E também uma faca muito longa ou uma curta espada estava amarrada em sua coxa. Uma escopeta de cano serrado amarrada na outra. Os punhos de mais dois itens afiados apontavam para fora de suas costas, atravessadas atrás de suas costas.

— Jenny? — Tristan guinchou. — O desonesto caçador de demônios, Jenny? Um dos mais procurados pelo Mandatum por traição, assassinato, roubo, extorsão...



— Cala a boca! — Jayden disse quando um demônio se esgueirou das águas atrás dele. Ele girou, puxou o gatilho mais uma vez e voltou as costas para nós, sem se preocupar com a dispersão de pó preto de hélio e o vórtice no chão. — Faca? Tiros?

— Veneno.

— Depressa, Blake. — Jayden sacudiu uma mão para Ayden deitado no chão, inconsciente uma vez mais. — A conclusão mais lógica é que a ponta de uma lança foi mergulhada em veneno Curare[19], mas há *vários* venenos Curare originários da América do Sul, e afim de formular um antídoto eu terei que usar o laboratório para limitar qualquer tubocurare ou...

— *Ou...* — Jenny abriu caminho para passar por Blake e ficou de joelhos perto de Ayden. De dentro das profundezas de seu assustadoramente abarrotado casaco, ele extraiu a seringa com uma agulha do comprimento do Texas. — Nós só poderíamos cuidar disso agora.

Em um movimento rápido, ele usou os dentes para arrancar a tampa da agulha, apunhalou a agulha no peito de Ayden, empurrando o êmbolo para baixo, e então tirou a coisa toda. Ayden convulsionou uma vez mais e ficou imóvel.

— Veja. — Jenny se levantou, tampou a agulha e recolocou a seringa vazia dentro de seu casaco — Certo como chuva.

Eu juntei minha mandíbula e golpeei os pés de Jenny. — O que você fez?!

Jayden parecia prestes a desmaiar. — O que foi isso? Nós nem mesmo fizemos um diagnóstico sobre a composição química!

— Não precisa. — Jenny deu de ombros. — É minha própria mistura. Cuida da maioria das coisas.

Jayden gaguejou. — *Ma-maioria* das coisas?

— Relaxa, homem da água. Não deve demorar.

[19] Curare é um nome comum a vários compostos orgânicos venenosos conhecidos como venenos de flecha, extraídos de plantas da América do Sul. Possuem intensa e letal ação paralisante, embora sejam utilizados medicinalmente como relaxante muscular ou anestésico



— Ahhhhh! — Ayden gritou e empurrou-se em uma posição sentada, me afastando no processo. Ele inclinou-se, respirando fundo.

— Viu? — Jenny parecia entediado.

— Você é louco? — Eu me arrastei de volta para Ayden, colocando minha mão em sua bochecha ardente.

Jayden ajoelhou-se perto de seu irmão e disparou um olhar venenoso para Jenny. — Se você tiver causado qualquer dano permanente, eu vou… vou causar uma quantidade interminável de problemas.

Ayden pegou minha mão na sua. Ele olhou para cima. Seus olhos rodavam em um laranja brilhante.

— Você ficará bem. — eu disse.

Ayden me atirou de costas e pulou em cima de mim. Sua boca atacou a minha, suas mãos fixando meus pulsos contra a areia. Uau!

Seu peso levantou-se e eu fiquei atordoada.

— Hum — Eu toquei meus doídos – não de uma forma ruim – lábios.

— Desculpe, moça. — Jenny estava segurando Ayden e agarrando sua jaqueta. — Esqueci sobre esse efeito colateral.

Ayden parecia um pouco desorientado, mas estava se ajustando, seus olhos retornando para a cor de chocolate escuro.

Jenny o empurrou para o lado e me puxou para meus pés.

— Então, Matty, essa é sua mais nova membra da equipe?

— Eu nunca disse isso.

— Não precisa. — Com um malandro olhar de soslaio, o homem me olhou de cima abaixo em uma espécie de modo clínico. — Donal Jensen. Me chame de Jenny. — Ele pegou minha mão em um áspero aperto de pedra de aço e a balançou vigorosamente, a pele de lixa friccionando minha palma. — Uma boa espectadora, mas inútil como um bule de chocolate, a menos que você possa lutar. Soube que vocês têm alguns problemas com poderes.

— Acho que sim. — Hum… Cacciatori não mencionou “Donal Jensen” e “ordem de execução” em uma mesma sentença? Eu olhei ao redor por ajuda, mas além de Matthias, os outros pareciam tão surpresos quanto eu. — Seu pai sabe que você está lutando com os Gregos?



CAPÍTULO SETENTA E SEIS

Jenny estava na casa dos cinquenta. Talvez. É Difícil dizer. Em parte por causa das cicatrizes que brilham em uma união horrivel entre seu rosto e garganta, junto com alguns arranhões frescos em sua bochecha. Ele deve ter sido bonito um dia. Até as diversões masoquistas da vida cortarem muito no mármore resistido de sua pele, e sem dúvida esfarrapando sua alma junto. Ele colocou as mãos nos quadris, empurrando de volta o casaco. O metal brilhou.

Aquilo era um facão?

Nós havíamos nos mudado para a praia fora das cataratas, para que Ayden pudesse conseguir um pouco de ar fresco e se recuperar. Sua cabeça descansava no meu colo, com os olhos fechados. Fazendo o meu melhor esforço para ignorar o sangue seco em sua camisa, eu acariciava seus cabelos macios com meus dedos, enquanto a outra mão seguia tocando outras partes. O ombro, braço, mão, rosto. Qualquer coisa para manter o contato. Qualquer coisa para me assegurar que ele estava aqui e vivo.

— Jaysus. Vocês jovens filhotes não sabem nada — Jenny rosnou.

Para ser justa, ele rosnava para tudo. Sua voz falhava em cada sílaba como uma motosserra no concreto.

Ele olhou para baixo, seu nariz curvo nos meninos. — Não é culpa de vocês, eu acho. O Mandatum gosta de segredos. Especialmente gosta de manter silêncio sobre os deuses.

— Então — disse Matthias — quando te chamei para ajudar com seus poderes e mencionei Rose, você sabia que ele na verdade era Eros?

Os dedos de Tristan penteavam seu cabelo loiro em uma bagunça dispersa. — Nós estamos saindo com o deus grego do amor?

— E desejo — disse Jenny. — E também conhecido como Cupido. Mas de qualquer forma, Rose é um dos seus apelidos. Ele acredita que é inteligente misturando as cartas. Tudo sobre mitos é verdadeiro. E quando



você o descreveu, Matty, não foi cuidadoso. Você alegrou o meu dia. — Ele bateu na parte de trás do Australiano. — Tenho acompanhado o bastardo desde que ele deixou o portal de Paris, matou alguns bons caçadores pelo caminho, e foi para a América do Norte. Tudo se encaixa. Agora estou apenas esperando para fazer a conexão com Afrodite.

— A mãe dele. — Oh, bem, eu sabia alguma coisa. Eros, Afrodite. Mitos e vida real começaram a colidir. Minha cabeça doía.

— Sim, moça. O boato é que Afrodite finalmente saiu de seu esconderijo e foi quem conseguiu tirar Eros do inferno há algumas semanas. Ela precisa dele para ajudá-la com um plano mestre para abrir portais e desencadear um exército de demônios de proporções épicas, a fim de ...

— Dominar o mundo? — Eu disse.

— Exatamente, menina. — Jenny coçou a bochecha, abrindo os arranhões recentes e manchando-se de sangue. — Mas só me preocupo com a captura de Afrodite para usar como isca para chegar a Artemis. Ele tocou uma faca em seu cinto.

— Isca? — disse Matthias. — Por que Artemis viria por Afrodite?

— Vingança. — Dei de ombros. — Elas se odeiam. Algo sobre ser responsável pela morte dos favoritos de cada uma. Eu acho.

— Tão poética e inteligente. — Jenny sorriu. — Você deve ser irlandesa.

Matthias fez uma careta. Fiz uma careta de volta.

— O problema que eu tive no rastreamento de Artemis é que a deusa da caça é uma solitária inveterada — disse Jenny enquanto andava pela areia. — Ela não precisa ou não quer alguém ou alguma coisa, quer apenas que a deixem sozinha. Ela está se escondendo, permanecendo fora do radar, mas odeia Aphrodite com uma paixão nascida de séculos de maldade, e se eu oferecê-la como um sacrifício, Artemis não vai perder a oportunidade de vingança. Estou certo disso.

— Por que você não me contou? — Matthias parecia magoado.



Jenny colocou a mão no ombro de Matthias. — Porque, garoto, eu não podia arriscar que você chamasse um Código Olimpo antes que eu pudesse chegar aqui e cuidar das coisas eu mesmo.

— Espere um minuto. — Minha cabeça estava girando. — Código Olimpo?

Ayden estremeceu e levantou a mão para esfregar os olhos. — Toda vez que os deuses aparecem, o protocolo determina que o Mandatum seja informado. Equipes, no plural, do mais alto nível de guardas Sicarius são enviados para cuidar deles.

Senti frio. Mandatum. Aqui. Em abundância.

— Porque ir contra eles, sem respaldo, bem ... — Tristan mordeu uma unha. — Gossamer Falls e todos nela poderiam acabar em uma pilha de cinzas.

— Mundos foram conhecidos por desaparecer — disse Logan com um ar sombrio. Ele havia retirado o lenço do bolso e continuava o redobrando.

Engoli em seco. — Então, os deuses são deuses de verdade?

— Não. — disse Jenny com desgosto. — Eles são demônios. Mortiferos e mais perigosos, porque são os mais poderosos. E inteligentes. Não tenho certeza de onde vieram, mas com seu encanto e boa aparência incrivelmente humana, os bandidos vis foram capazes de convencer as pessoas de que eram os mesmos deuses que os humanos já adoravam.

— Causando estragos e levando todos os tipos de vantagens. — Tristan caiu na areia, como se seus joelhos tivessem cedido.

— Você conhece as histórias, Madame Mitologia — disse Ayden. — Eles são um grupo desagradável. O Mandatum desmantelou a maioria deles séculos atrás. Os poucos que permanecem, especialmente Afrodite e Ártemis, estão na lista dos mais procurados pelo Mandatum. Eros saiu há algumas semanas, quando estávamos na maratona do Alfred Hitchcock. — Sua testa franziu em sulcos profundos. — Por que eu não fiz a conexão?

Nenhum de nós fez, companheiro — disse Matthias. — Não é como se tivéssemos uma foto atual.

Jayden assentiu. — E seus trajes funcionaram para nos distrair da sua verdadeira forma. Engenhoso.



— Você disse que 'Cassanova' escapou. — Eu bati na minha testa. Essa foi a noite em que eu tive minha visão Divinicus Nex de Rose, uh, de Eros. — E abrir o portal para o exército de Afrodite é a razão pela qual Eros quer essa pedra. Não há nenhuma irmã para salvar.

Jenny bufou. — Apenas brincando com sua compaixão. Eles gostam de manipular. Especialmente com a família. — Os olhos pálidos de Jenny brilharam. — Vão embora. Levem seus entes queridos. Eu não tenho nada a perder. Eu vou lidar com isso. Eu vou matá-los.

— Ou morrer tentando. — Matthias negou com a cabeça. — Não vamos te abandonar.

— Isso é a culpa falando, garoto. — O irlandês reajustou seu chapéu. — Não se meta em apuros por um cadáver. Artemis me matou há oito anos atrás. — Jenny mostrou os dentes e falou com uma voz tão fria que deveria ter exalado gelo. — Estou tentando retribuir o favor.

Matthias parecia triste e comovido. Todos pareciam.

— Por que você quer vê-la morta? — Perguntei.

Jenny terminou de recarregar suas armas e pegou um pano para lustrá-las. — Artemis vêm sendo caçada por séculos. Mas a minha equipe e eu éramos os únicos que já nos aproximamos dela. Assim, para nos distrair de seu rastro, ela matou minha esposa e minha filha. — Seu tom era realmente assustador quando ele ajustou a mira de um cano de uma arma e, em seguida, substituiu-a no coldre.

Senti um arrepio. Em seguida, fiz uma careta. — Matou sua filha? Isso é estranho.

— Estranho? — Jenny me deu um olhar duvidoso. — Talvez você não compreenda como demônios operam, moça. Eles matam inocentes.

— Eu sei. — Eu cocei a cabeça. — Mas, de acordo com o mito, Artemis é a protetora dos jovens. Não faz sentido matar um.

Jenny riu com amargura. — Demônios fazem sentido? Você tem muito a aprender. Auto-preservação. Isso faz sentido.

— Acho que sim. — eu disse calmamente. — E eu sinto muito. Sobre sua família.



— Não chore por mim, garota. — Ele torceu um sorriso feio. — Esta é uma boa notícia. Passei oito anos e quebrei todas as regras do Mandatum perseguindo essa carniceira e isto é o mais próximo que eu estive. — Suas mãos foram para o punho de uma espada curta. — Desta vez, não vou perdê-la.

O chão tremeu embaixo de nós. Ondas espirraram na margem. Jenny colocou as mãos em suas armas. Levantei e ajudei Ayden a levantar quando um enorme demônio irrompeu da água.

Jenny sacou as armas, apontou e disparou.

Era Fido.

— Não! — Eu gritei e pulei na frente dela.

O cano da arma explodiu. Luz varreu. Minhas mãos levantaram. A bala me atingiu. Mas não era como uma... uma bala. Era mais como um maldito trem de carga!

A força me fez levantar no ar e me bateu para trás através do ar, retirando o oxigênio dos meus pulmões, o controle de meus membros e consciência do meu cérebro.

Apagaram-se as luzes.



CAPÍTULO SETENTA E SETE

Meu corpo estava pesado e desajeitado quando eu caí no chão.

Um chão mole, irregular e malcheiroso. Com um céu vermelho e nuvens negras acima.

— Não, não, não!

Me levantei para sentar. Cadáveres por todas as partes. Camadas deles. Desde embalsamados suaves e frescos, a esqueletos em decomposição com a carne separando-se dos ossos. Eles cobriam cada centímetro do solo.

Bem, eles estavam no chão.

Bem-vinda ao Mundo em Espera. População, eu.

— Aí está você, marinheira!

E uma anja alegre.

Ela estava à minha direita em traje de gala, como de costume. Um uniforme de marinheiro branco elegante, com gola quadrada azul marinho, amarrado com um nó no peito, e um chapéu branco brilhante com uma pequena âncora dourada. Seus delicados sapatos de salto azul marinho, se sustentando logo acima do cemitério transbordante de decadência humana. Seus olhos eram os mesmos mar azul tropical enquanto seu cabelo estava bem amarrado em um coque na nuca.

Sutil não estava no vocabulário do meu anjo da guarda.

— De onde você vem? — Ela deu um pequeno sapateado e terminou com uma pirueta. — Não que eu esteja reclamando. Eu adoro quando me visita.

— Gloria — eu sussurrei seu nome, mas meu volume aumentou rapidamente. — Onde você esteve?!

— Longe de casa. – Ela acenou a mão com desprezo antes de oferecê-la a mim. — Mas basta de mim, como tem passado?

Eu agarrei a mão dela e me puxei para cima. Tinha pedaços de porcaria presos em minhas pernas nuas, e lama em minhas panturrilhas



porque eu usava um vestido leve, embora desta vez eu usasse botas cano curto para manter o lodo afastado dos meus dedos dos pés, mas, em seguida, a lama infiltrou pelas minhas pernas e entrou nas botas, se acumulando em meus pés e em volta deles e... *splash splash.*

Estremeci.

— Como tenho passado? Você é a pior anjo da guarda de todos os tempos! — Eu ataquei furiosamente.

Splash splash.

— Com quem eu devo falar sobre esta escolha ridícula de vestuário? Botas de cano curto em um pântano na altura dos joelhos! — Fiz um gesto com as mãos para o chão, em seguida, cruzei os braços num acesso de raiva. — É sério. A pior de todos os tempos!

— Isso é um pouco dramático. E injusto. — Ela colocou a mão na cintura e inclinou o quadril. — Porque, sinceramente, com quem você pode me comparar?

Ela tinha um bom argumento.

Mas eu ainda consegui bufar com indignação. — Bem, se você é a melhor que existe...

— Eu gosto de pensar assim. – Ela se manifestou.

— Então, por que eu levei um tiro? Oh céus. — Minhas mãos bateram freneticamente no meu corpo em busca de furos jorrando sangue. — Estou morta?

— Se você não quer levar um tiro, então não deveria ir saltando na frente de balas. — Seu tom era excessivamente paciente. — Aurora, posso salvá-la de muitas coisas, mas não de si mesma. E você não levou um tiro, você foi alvo de tiros. Uma diferença significativa. Além disso, você não precisa de mim. Você lidou com isso muito bem. — Seu sorriso era brilhante.

— Sério? — Eu joguei minhas mãos apontando o arredores. — Exatamente como se acaba neste buraco do inferno, literalmente?

Gloria franziu os lábios. — Verifique sua mão.

Eu levantei ambas. Uma delas estava fechada em um punho rígido. Me deu trabalho desenrolar os dedos.



— Esta é...? — Olhei com espanto para o pequeno pedaço de metal embalado em minha palma. — Eu parei uma bala?

Gloria caminhava – deslizava – ao redor. — Não, boba. Você não é o Superman. Ou Supergirl. Você ativou sua habilidade de defesa e saltou para o Mundo em Espera antes da bala te atingir. Vim junto de você na viagem, mas não tenho poder aqui. Você está a salvo.

— A salvo? – Quis colocar a bala que detive — não importa o que ela disse — no meu bolso, mas não estava usando calças — vestido estúpido — em vez disso, coloquei-a em meu sutiã. Pelo menos ela estava ali. — O Mundo em Espera não é seguro.

Gloria fez um som de sopro — risada. – Comparado com ser baleada, é sim.

Uivos famintos foram ouvidos pela paisagem em decomposição. Eu vi vários corpos escuros inclinados ao longe, rastejando em minha direção, sua pele de couro esticada sobre suas formas esqueléticas.

— Claro. Até eu ser comida por ghoulies.

Ela balançou a cabeça com tristeza e suspirou. — Um dia você vai entender. — Em seguida, ela se inclinou para procurar entre os corpos.

Eca.

Rangi os dentes. — Por que você não explica para mim agora? Por que você não me disse que tinha um demônio/deus grego atrás de mim? Você não pode ir toda ninja para cima de Eros e se livrar dele?

— Toda Ninja? — A risada de Gloria tilintava como sinos de vento. — Oh, eu senti falta nossas pequenas conversas. Você é muito engraçada. Não, querida. Limitações, lembre-se. Expliquei tudo isso.

— Você não me disse nada. — Eu bati minhas mãos aos meus lados, porque bater o chão com meu pé seria muito... mole. — Dizer que há limitações não explica quais são essas limitações. Há uma grande diferença.

— Porque isso é uma limitação. Oh, aí está você, minha beleza. — Seus olhos brilhavam com prazer. Com o polegar e o indicador, ela agarrou gentilmente a ponta de um osso de dedo no mar de cadáveres e puxou. O



resto da mão e um braço inteiro deslizaram para fora com alguns ruídos molhados totalmente grotescos.

Duplo eca.

Gloria manteve os olhos fixos no membro que tinha tendões e músculos pendurados em uma confusão espessa e fibrosa. — Tudo o que você precisa saber é que eu estou mantendo a minha parte no trato. Sua família está segura. Eros. — Ela fez um som de desgosto, como se uma bola de pêlo estivesse presa em sua garganta. — Pensando que ele poderia passar por cima do meu trabalho. O arrogante. Agora, é melhor você voltar para os Meninos Malditos antes que eles tenham um ataque.

— Finalmente. — Quanto mais cedo eu estiver fora daqui, melhor.

Eu esperei. Ela me ignorou. Muito extasiada com a mão grotesca. A mão começou a se mover, dedos mortos se abriam e fechavam. Ela riu.

— Gloria?

— Minhas desculpas. — Ela ficou em linha reta, ombros para trás, e usando a mão que não segurava o braço assustador meio morto, me deu uma forte saudação. — Sim, sim, capitã. — Ela relaxou. — Agora vá embora. — E ela voltou a estudar o braço, levantando-o, movendo para um lado as partes viscosas suspensas, para inspecionar cuidadosamente a área que havia sido arrancado de um ombro.

— Ir embora? Você tem que me tirar voando para fora daqui!

Ela parecia confusa. — Não vou te tirar voando... — Sua expressão esclareceu. — Oh, eu vejo o mal entendido. Às vezes você pode ser muito... — ela pensou por um momento. — Creio que "grossa" é o termo apropriado. Uma metáfora que significa que o seu cérebro é demasiado denso para o pensamento inteligente...

— ... Eu sei o que significa grossa!

— Oh, bem, então é isso.

— Você pode só me tirar daqui!

— Sensível, sensível. Ok, uma última vez, querida. Ela me colocou debaixo do braço e estendeu suas enormes asas brancas com listras azuis marinho náutico. Quando giramos para o céu enegrecido, me recusei a



pensar no membro amputado que ela ainda segurava na outra mão, que eu juro estava tentando se agarrar a mim.

— Mas lembre-se disso. — Gloria continuou em uma grande voz. — Somente quando os poderosos voluntariamente caem nas profundezas de seus medos, podem realmente renascer na liberdade de sua grandeza.

— Que seja. — Meu estômago ficou enjoado enquanto subíamos mais alto. Não olhe para baixo, não olhe para baixo, não olhe... Altura. Não é a minha praia. Eu engoli a bile. — Então é coisa dos deuses demônios se disfarçarem também? Eros parece gostar.

— Ele faz isso agora? — Ela disse lentamente. — Bem, acho que imitação é a forma mais sincera de lisonja. — Ela não parecia lisonjeada. — Vou ter que encontrar uma maneira de mostrar-lhe o meu apreço pela sua... homenagem.

Ok, agora ela acaba de soar assustadora.

Mas eu não tive tempo para refletir, porque ela gritou: — Levantar ancôras! — E me jogou entre as nuvens escuras em direção a um ofuscante, brilhante e ...

Uh, oh.



CAPÍTULO SETENTA E OITO

Água. Em todo meu redor. Escura. Gelada.

Entrei em pânico, dei uma respiração curta antes que eu pudesse evitar, me engasguei e cuspi. Provavelmente porque eu não esperava cair no Oceano Ártico. O que ela estava pensando?

Eu lancei meus braços e bati os pés, nadando em direção a luz. Não aquela luz. Espero.

A luz da lua incidia sobre o que é melhor ser uma superfície de água gelada - que Gloria pensou ser adequada...

Eu vi algum tipo de movimento perto do luar, então algo o bloqueou. Desespero ameaçou unir-se ao meu terror esmagador. Então, de repente, mãos puxaram meus braços, me puxando abruptamente para fora da água e me jogando em um solo arenoso.

De quatro, eu engasguei e vomitei a água que tinha inalado. Tinha o gosto muito pior desta vez. A respiração voltou, áspera, mas constante, e uma mão reconfortante esfregou minhas costas. Através das mechas molhadas do meu cabelo, vi a floresta. O lago. Bom. Eu ainda estava em Gossamer Falls, em terreno familiar. Minha cabeça virou para o meu salvador, pronta para agradecê-lo.

Eu gritei. Cambaleando para longe.

O deus demônio Eros, ainda no ridículo traje de pirata, agarrou meu tornozelo com um punho de ferro e me arrastou pela areia. Ele saltou e caiu com todo seu corpo sob minhas costas, me prendendo no chão.

— Eu sei que isso parece ruim — disse ele em meu ouvido.

Acho que saltamos de um passado mal a absolutamente horrível. A pressão e o calor me rodearam. Uma luz brilhou. De mim. Eros gritou. Seu aperto afrouxou. O empurrei para removê-lo de cima mim e chutei seu lado com força.

— Ai! — Ele rolou pela praia, em seguida, sentou-se e esfregou os braços e peito. — O que foi isso?



Sentei com as mãos para fora, mas o poder que tinha vibrado sobre a minha pele tinha desaparecido. Nada brilhava. Tentei evocar de novo a energia. Nada aconteceu.

Merda.

Me senti uma espécie de idiota com as minhas mãos para fora, então fingi que estava sacudindo a areia das mãos e o olhei. – Há mais por vir a menos que você fique longe.

Ele levantou suas mãos em sinal de rendição. – Nunca planejei te matar. Tudo isto não é o que você pensa.

— Sem brincadeiras. *Eros*. — Eu cuspi. — Com você nada foi o que pensei. Salvar sua irmã? Que estupidez.

— É a minha esposa.

— Oh, agora é a sua esposa. — Eu estava fazendo uma espécie de passo de caranguejo — rastejando para longe dele, mas fiz uma pausa. — Se isso for verdade, por que me disse que era sua irmã?

Ele encolheu os ombros. – Achei que você poderia simpatizar melhor com uma irmã em perigo. Estaria mais disposta a ajudar. Por outro lado, você veria uma esposa como uma ameaça e teria menos disposição para ajudar.

— Ameaça a quê? Olhei em volta, tentando escapar não tão sutilmente.

— Minha afeição, é claro. — Ele suspirou. — Quando você se apaixonasse por mim, como todas as mulheres.

Eu bufei. – Nem em sonho.

— Sim, sua falta de ardor foi mais que inesperada — disse ele, pensativo. — A eternidade de precedentes provou que meus encantos são universalmente irresistíveis. Minha simples presença pode incitar paixões das pessoas em minha volta. Como demonstrado pelo casal em sua sala de aula. E pretendentes amorosos da jovem Selena.

Eu o olhei. – Você causou tudo isso?

— Puramente involuntário — disse ele casualmente, como se os fins justificassem os meios egoístas. — Embora a minha presença tenha sido benéfica para as finanças da família Lahey.



— Por quê?

— As pessoas da cidade têm comprado uma superabundância de flores graças a minha influência. Não há de quê. — Ele assentiu. — E agora vamos trabalhar juntos para libertar minha amada esposa de sua miserável tortura infligida por Afrodite.

— Você é uma obra de arte. A resposta é não. Eu vou cair em... — Parei, meu cérebro fazendo as conexões. — Espera. Esposa? — Eu balancei minha cabeça enquanto as peças se encaixavam. — Tipo, Psiquê?

— Assim como em seus livros de mitologia. — Ele brincou com os punhos rendados de sua camisa de mangas bufantes. — Só que Psiquê não é uma mera mortal. Ela era Mandatum. Uma caçadora.

— Ok. Agora você está dizendo loucuras.

— Sim. — Seu sorriso se tornou melancólico. — Foi uma loucura. É por isso que concordei com as mentiras da minha mãe. Mas o amor nem sempre faz sentido. Eu, de todas as pessoas, deveria saber disso. — Ele fechou os olhos por alguns instantes. — Eu era um tolo, mas não mais. Você pode me ajudar a fazer isso direito, pombinha. Quando Afrodite enganou Psiquê para ir ao Hades para me salvar, ela nunca escapou. Nenhum final feliz como o mito. Eu tento resgatá-la a séculos. Você é a única chance, Aurora. Por favor.

Respirei fundo e sabia o que tinha que fazer. – Está bem.

Eros se sacudiu, sua cara contorcendo-se de surpresa. – Está bem?

— Com todo o inferno lançado contra mim, eu não perderei a chance de um deus demônio me dever uma. É uma ótima oportunidade. Me ajude a levantar. — Eu estendi a mão.

Eros sorriu, alívio relaxando seu corpo quando ele fechou a distância e se elevou sobre mim.

Me concentrei, tentei fazer minha mão estendida brilhar de novo, mas não senti nada.

Seria o Plano B.

Eu joguei um punhado de areia em seu rosto. Eros bloqueou com o braço, mas já era tarde demais. Ele gritou e cambaleou. Chutei seus tornozelos e cambaleei para trás. Levantei e pulei para dentro da floresta.



Eros gostava de transformar sua história triste em algo que pudesse atrair a minha simpatia. Não desta vez. Me engane uma vez e só. Meu único arrependimento foi não tê-lo explodido. Não, meus poderes foram lançados apenas para queimar meu namorado que não poderia ser queimado. Típico.

— Ayden! — Gritei e me lancei sobre alguns arbustos espinhosos. — Fido!

— Eles estão muito longe — a voz de Eros veio logo à frente.

Eu derrapei até parar, folhas mortas e sujeira voaram. Não podia vê-lo. Eu recuei contra uma árvore.

Quando Eros falou, parecia mais perto. — Nosso tempo é limitado. Você deve ouvir.

Eu corri em um ângulo para a praia. Uns poucos passos e eu estaria sobre a areia. O lago rodou na costa, o reflexo da dança lua sobre a superfície escura. Eu pensei no arco-íris e nos filhotes de cachorros e demorei um par de respirações calmantes tentando sugar um pouco de energia.

— Correr não vai ajudar nenhum de nós. — Eros soou bem atrás de mim. — Afrodite quer o Nex como seu animal de estimação e ela é implacável. Eu não sou o primeiro que ela enviou. Fiskick, contratado pelo traidor Mandatum para matar você, estava secretamente trabalhando para a minha mãe e se encarregou de recuperá-la para ela.

Hmmm. Memórias de uma outra tentativa de sequestro não ajudavam minhas vibrações de filhotes de cachorro e borboletas.

Eu estava a poucos passos da praia, quando ele apareceu imediatamente na minha frente. Corri para o lado, tropeçando em um joelho, me recuperei e me escondi atrás de uma árvore. Limpei uma linha de suor da minha testa e olhei ao redor. Eros estava longe através da areia à beira da água, os braços cruzados sobre o peito. Ele não estava sequer respirando com dificuldade.

— Quando Fiskick desapareceu, e tenho certeza de que foi cortesia sua e dos Meninos Malditos, ela se virou para mim — disse ele. — Eu só concordei em ajudá-la, porque ela prometeu resgatar Psiquê. É o que ela



faz. Utiliza sua família, os Meninos, o que for preciso até que você não tenha escolha a não ser fazer o que ela quer. Você vai ajudá-la a construir seu exército de demônios, então destruirá o Mandatum, e o mundo.

Eu sabia que iria até os confins da Terra para proteger minha família. Mas eu estaria disposta a acabar com a Terra? Com a humanidade? Ou escravizá-los para os gostos de demônios?

— E se eu não fizer? – disse.

— Então ela te matará.

Sim. Como eu imaginei.

— Enquanto ela residir neste mundo, você e todos que ama não estarão seguros. — disse ele. Consiga a pedra. Resgate minha esposa. E eu vou ajudá-la a se livrar dela para sempre. — Ele se virou e olhou diretamente em minha direção, com os olhos que todos, ao longo dos tempos, têm achado irresistíveis. — Eu tenho um plano.

Eu também. Me curvei, e escorreguei na direção em que eu tinha certeza que o carro de Logan estava estacionado. E com sorte, por perto de um irlandês com cicatrizes de batalha e rápido no gatilho, a quem eu poderia usar como escudo humano enquanto ele lidava com essa loucura mitológica.

Ei, eu não disse que era um plano de longo prazo. Neste ponto, apenas chegar na sala de aula amanhã seria um motivo de comemoração. Já era hora de entregar a tarefa. Cara, eu nunca sairia do último ano.

Uma nuvem explodiu na minha frente. Antes que eu pudesse ir de porta em porta, Eros agarrou minha mão. Algo raspou meu dedo. Eu joguei uma mão aberta contra o seu nariz. Ele saltou para trás antes de atingi-lo, suas mãos levantadas em súplica.

Olhei para o anel que ele colocou no meu dedo O pedaço de metal formigava na minha pele e raios de luz de repente dispararam para fora da pedra oval. Uma força subiu pelo meu braço. Nada bom. Eu acho.

— O que é isso! — Eu arranquei o anel e o joguei na areia.

Uma vez fora do meu dedo, a pedra parou a rotina de feixe de luz, mas ainda brilhava. Grande como um ovo, brilhando com iridescentes azuis, verdes e rosa escuro, deslumbrante em sua beleza, girando através



da joia como se contivesse uma galáxia completa dentro. Estrelas brilhantes, cometas lançados, planetas, sóis brilhantes, e espirais de efervescência.

— É mais uma demonstração de boa fé. — Eros manteve distância. — Te dá um grande poder. Apenas o que cada Divinicus precisa. Semelhante à pedra que você deve encontrar, mas... diferente. Leve-o com você. Deve ajudar a localizar a pedra que necessitamos. Elas compartilham uma conexão.

Eu apontei para o anel. — Quando você faz surpresas como essa, eu não confio em você! Além disso, por que você me ajudaria?

— Porque isso me ajuda.

— Agora faz sentido.

— Afrodite é um monstro. Não quero ser um escravo dela mais do que você deseja ser escravizada pelo Mandatum. – Suas mãos se fecharam em punhos. — O que eu me importo com exércitos e governar o mundo? Não sou o Deus da Guerra.

— Tudo o que você faz é mentir, ameaçar e manipular. — Recuei para a praia pensando que fazer um mergulho seria melhor do que tentar correr mais rápido que Eros na floresta. — E desde quando você demonstra um sinal de boa fé?

— Eu te levei ao tesouro. Mantive o traidor e seus demônios distantes enquanto te avisei do desastre iminente. E... e... Eu sequestrei Jayden!

— Sequestrou? — Eu pisquei. — Isso é algo que o vilão faria!

Eros olhou para a floresta. — Não temos tempo para que eu explique tudo o que fiz ou as complexidades envolvidas. Você deve confiar em mim.

— Não, não devo. – respondi.

— Então acredite nisso. — Seus olhos verde jade brilharam com desespero e medo. — Se não encontrarmos a pedra antes que Artêmis e Afrodite cheguem, acabou. Para todos nós.

— Uau. — Eu dei um passo para trás. — Quem falou em Artêmis? E se ela e Afrodite estão juntas, isso não é...



— Apocalíptico? Você não tem ideia. — Ele inclinou a cabeça, ouvindo, em seguida, virou-se e gritou para dentro da floresta. — Por aqui, menino apaixonado!

Sons de estalos foram ouvidos, em seguida, Ayden saiu rapidamente da floresta para a praia.



CAPÍTULO SETENTA E NOVE

De uma só vez, Ayden iluminou seus braços e os explodiu como lança-chamas. Eros desapareceu de vista e apareceu a metros de distância, a salvo, ileso.

Ayden continuou disparando enquanto corria pela areia para se colocar diante de mim, mirando em Eros, que havia fugido de todos os disparos teletransportando-se por toda praia. *Puf, Puf, Puf.*

— Você está bem? Ele te machucou? — Ayden perguntou sobre seu ombro. — Quando você desapareceu com Fido, eu pensei que você estava morta.

— Eu também, mas estou bem. É uma longa história. — Eu ainda estava formigando pelo anel. Parte de mim queria agarrá-lo e sentir algum poder pulsando através do meu corpo, mas a parte que não confiava em Eros ou em qualquer coisa que ele me deu venceu. — Mas Eros não me machucou.

— E nem vou. — Eros curvou-se profundamente. — Não pretendo fazer nenhum dano, jovem Ayden. Eu até encontrei sua amada primeiro e a salvei das águas turbulentas. Você e eu queremos a segurança e o bem-estar dela.

Ayden me olhou de volta.

— Isso é verdade. — eu disse. — Ao menos a parte de me salvar.

— Perdoe-me, Eros. — O tom de Ayden era sarcástico. — Mas considerando que você já ameaçou matá-la, eu sou um pouco cético.

— Apenas uma brincadeira de mal gosto.

— Brincadeira? — Ayden riu. — Por que eu acreditaria que um deus demônio iria querer a segurança e o bem-estar da Divinicus Nex? Isso é loucura.

Um sorriso astuto deslizou para os lábios de Eros. — Então você sabe.



Eu congelei. Então minha cabeça girou lentamente para estudar o perfil de Ayden, a mandíbula, lábios pressionados em uma linha dura.

Eu finalmente encontrei minha voz. — Qual deles te contou?

— Ninguém me contou. — Ayden disse entre os dentes, a raiva entrecortando as sílabas. — *Você* deveria ter me contado.

— Então como é que você sabe?

— Como eu poderia não saber! Fomos treinados para procurar por esse tipo de coisa. Claro que o aspecto feminino me desconcertou no princípio. Mas vamos lá!

— Por que ninguém pensou em me dizer que eles sabiam?

— Talvez alguns de nós estivessemos esperando você confiar o suficiente em vez de ser tão paranóica e pensar que eu... que eles te trairiam. Mas eu... eles estão realmente cansados de esperar que isso aconteça e eu... eles... Ah, dane-se — Ayden chutou a areia. — Por que você não confia em mim? Fiquei esperando e esperando, tentando dar-lhe todas as oportunidades para revelar seu grande segredo. Mas não consegui nada!

— Isso deve ter sido frustrante — disse Eros com muita simpatia.

— Foi! — Ayden disse, então olhou para Eros. — Fique fora disso! Mas, falando sério, Aurora, você realmente acha que eu trairia você? Ou que eu não poderia lidar com isso? Que me assustaria? Isso é tão ofensivo.

— Na verdade — disse Eros. — Talvez eu pudesse sugerir sinceridade mas...

— Cale a boca! — Ayden e eu gritamos. Ele atirou chamas em Eros.

O demônio desapareceu e reapareceu no lado oposto. Ayden saltou para ficar na minha frente.

— O quê? — Eros parecia atônito. — Amor e romance são minhas especialidades. Eu posso ajudar. E isso é bom. — Ele fez gestos encorajadores com as mãos. — Continue. Vamos colocar tudo para fora.

Ayden tentou fazer churrasco dele novamente, *puf*, em seguida, virou-se para mim. – Eu pensei que você sabia como me sinto. Quer dizer, eu estou disposto a ter aulas de controle com a minha mãe para não matá-la quando nós... eu... você sabe.



Eros apareceu em nosso lado, balançando a cabeça com compaixão. — Eu entendo seu desconforto.

— O desconforto dele? E quanto a mim? — Minha voz guinchou. — Sua mãe?

Sim, minha mãe. — Ayden agarrou. — E é uma longa e embaraçosa história da qual nao quero falar agora. — Ele bufou. — Se você não se importa.

— Parece um bom lugar para parar. — Eros esfregou as mãos. — Eu sugiro que vocês se beijem e se reconciliem agora e seguiremos com isso mais tarde. Talvez depois de evitarmos o desencadeamento do apocalipse dos demônios.

— Nós não estamos do mesmo lado! – O corpo inteiro de Ayden zumbia em chamas. De repente, sua mão disparou com uma explosão estreita, mas em chamas de fogo.

Desta vez Eros não se transformou em fumaça. Mas sua manga sim.

Fogo saia da camisa de pirata branca transparente, queimando todo o tecido e a pele de Eros.

Ayden agarrou seu peito e caiu sobre um dos joelhos, gemendo. Suas chamas se apagaram. Me movi para perto dele, mas vi Eros levantar os olhos, furioso, surpreso e indignado. O deus demônio parecia pronto para atacar.

Peguei o anel da areia. O poder surgiu novamente. Feixes de luz saltaram da pedra.

— Cai fora — Eu avisei, o poder da pedra ou a minha própria fúria ferviam meu sangue.

Eu não sei o que o anel fez, mas a julgar pela expressão de Eros pouco antes de desaparecer deixando para trás uma fumaça rosa, eu estava segurando uma espécie de bomba atômica. Ele reapareceu na outra extremidade da floresta, lançando um olhar assassino em direção a Ayden.

— Vou te perdoar desta vez, caçador — Eros rosnou. — Por que você está protegendo sua amada. Como eu. Estamos do mesmo lado. Você verá.

— Duvido — eu cuspi.



Mantendo minha mão para cima, luz continuando a brilhar através da maravilhosa pedra, eu me aproximei de Ayden que permaneceu caído. Eu não sabia como usar o anel ou como ele se sairia contra o mais poderoso tipo de demônio, mas se Eros fizesse um movimento contra Ayden, eu estava disposta a morrer lutando.

Baixei a voz para um tom ameaçador. — É melhor começar a ajudar ao invés de ser um monstro egoísta e enganoso, ou vou chamar o Mandatum eu mesma, gritando "Código Olimpo" tão rápido e alto que o Sicarius vai te enviar de volta ao inferno antes que você saiba o que o atingiu. E o que acontecer com Psiquê... Encolhi meus ombros, fria e indiferente. — Bem, isso é com você.

Me preparei para a ira divina, mas em vez disso, os olhos verdes de Eros se inundaram com uma dor desconsolada.

— Como sempre foi — disse ele suavemente. Em seguida, assentiu. — Como quiser.

E virou fumaça.

Eu lancei o anel na areia e senti sua energia desvanecer do meu corpo.

Ayden sentou-se. — Isso foi corajoso. E sexy. Não admira você ser minha heroina.

Me ajoelhei ao seu lado. Principalmente porque meus joelhos cederam. Ameaçar deuses demoníacos sobrenaturais era mais difícil do que parecia.

— O que aconteceu? – eu perguntei.

— Queimaduras. — Ele fez uma careta de dor. — Por que dói tanto?

Sangue fresco brotou em sua camisa. Minha pele se congelou. Lutei para manter minha expressão neutra.

— Provavelmente. Mas eu sei o que fazer. — Engoli em seco e o ajudei a ficar em pé.

Estremecendo, ele colocou o braço sobre os meus ombros, em seguida, olhou para baixo e franziu a testa. — O Deus do Amor propôs noivado para a minha namorada?



— Nem perto. — Peguei o anel semi enterrado na areia. Ele acendeu na minha mão, depois apagou quando o coloquei no bolso. — Vou te contar mais tarde. Já que estamos sendo honestos, eu deveria te contar sobre o meu anjo da guarda.

— Fofo. — Ele riu, mas depois viu meu rosto. — Você não está brincando.

— Não. Oh, e eu mesma me enviei para o Mundo em Espera. E parei uma bala. — Não importa o que Gloria dissesse.

— O que? — Ele tropeçou. — Se você estava no Mundo em Espera, por que você desapareceu em vez de entrar em coma como da última vez?

Pensei seriamente e cheguei a uma brilhante conclusão. — Não faço ideia.

Ele riu. — Ok, me diga o que você sabe. Sou todo ouvidos. A propósito, você perguntou "*qual deles"* me disse que você era a Divinicus. Quem mais sabe?



CAPÍTULO OITENTA

Ainda estava escuro, apenas uma hora antes do nascer do sol, enquanto eu corria acompanhada dos Meninos Malditos para o lado da minha casa até a porta da garagem. Eu sacudi a maçaneta. Trancada. Estúpida Tia M e sua surpresa.

— Blake, abra – disse rapidamente.

Certamente seus poderes incluíam abrir fechaduras de metal.

Ele olhou o restante dos Meninos.

— Não é uma boa ideia — disse Ayden. De novo.

— Eu preciso verbalizar minha concordância.

— É tudo o que você tem feito, Jayden. — Pela primeira vez eu o entendia.

— Envolver pessoas de fora é um péssimo plano. — Jayden mal continha sua frustração. — Eu disse que poderia cuidar dos ferimentos. Em uma inspeção mais minuciosa, eles não são tão alarmantes. Francamente, eu acredito que ele simplesmente está hipersensível porque nunca tinha conhecido queimaduras e a magnitude do mal-estar que elas incitam.

Blake riu. — Jayden acaba de te chamar de bebê.

A parte de trás das minhas pálpebras coçavam de exaustão. Eu tive o suficiente.

— Exatamente, Jayden. — Eu sussurrei. — Ele nunca teve queimaduras, mas eu consegui queimá-lo de alguma forma. E enquanto Padre Bancroft sempre conserta vocês com o seu poder de cura, ele está fora da cidade, e mesmo assim não poderíamos procurá-lo porque você não pode explicar como Ayden poderia sofrer uma lesão que não deveria sofrer, sem explicar que eu existo, e você não pode fazer isso, caso contrário eu estarei ainda mais em perigo, isso é tudo minha culpa, minha bagunça, e eu estou tentando corrigir, o que significa usar o meu pai,



porque não importa como vocês são inteligentes, ele é um médico treinado a mais tempo do que vocês estiveram vivos e não tem poderes mágicos de cura, ele é o melhor homem para o trabalho, então vocês vão esperar na garagem enquanto eu vou buscá-lo. — Eu inalei uma respiração longa e usei cada grama de energia restante para atirar a todos os Meninos meu olhar mais desagradável. — Agora calem a boca e me sigam. Ou vou fazer vocês pagarem.

Todos se calaram.

Exceto Blake.

— Pagar como? — Ele sussurrou. — Porque eu poderia entrar totalmente nesse papel de dominatrix que você está fazendo. Estamos falando de chicotes, couro e algemas ou...? Ai! Logan, cara, você está seriamente reprimido. Quer que Aurora te dê umas palmadas? Ai! Isso realmente dói. Você andou se exercitando?

— Eu odeio dizer isso — disse Matthias com óbvia relutância. — Quer dizer, eu realmente odeio dizer isso, mas ela está certa. Ele deve ser examinado por um profissional. Nós apenas temos que ter uma história.

— Já tenho uma. Blake? — Fiz um gesto para a porta.

Blake tremulou uma mão. Houve um clique. Virei a maçaneta e entrei esperando os aromas de um canteiro de obras — de metal, madeira, óleo e tinta — mas cheirava a limpeza, a algo polido.

Huh.

Antes que eu pudesse dizer-lhes para ter cuidado com os fios soltos, houve um zumbido e luzes piscaram à vida. As coisas começaram a se mover. Eu tropecei em alguma coisa. Alguém esbarrou em mim. Então olhei de boca aberta para o que costumava ser nossa garagem.



CAPÍTULO OITENTA E UM

— Ela construiu isso sozinha? — A voz de Tristan pingava com admiração. — Incrível.

Estávamos todos olhando, exceto Blake, que tinha começado a erguer os pesos jogados no canto, mas Tristan estava babando sobre o sistema ridiculamente complexo de Tia M como uma criança numa loja de doces.

Quando as luzes acenderam, apenas parecia um bando de armários elegantes, construídos. Mas a medida que observávamos, painéis deslizavam para longe, prateleiras e computadores pareciam ser alimentados por cabos vindos das paredes, e em alguns momentos, estávamos olhando para um computador incrível que parecia que poderia monitorar satélites espaciais.

Em Marte.

Várias estações individuais de computador, outra em uma mesa grande com um par de telas grandes na parede, e todos os tipos de armazenamento, juntamente com impressoras e uma grande quantidade de dispositivos eletrônicos, a maioria dos quais eu não reconheci.

— Uau — Tristan disse enquanto ele e Jayden abriam um armário e verificavam componentes do computador. — Esta é a próxima geração de super computadores.

Jayden assentiu. — Mas como ela poderia adquirir tecnologia que não deveria existir?

— Eu acho que ela constrói ela mesma. — Dei de ombros. — Não parece tão diferente de outros computadores.

— Mas é. Por dentro. — Tristan fechou cuidadosamente a porta do armário. — Sabe o que isto significa?

— Que minha tia exagerou?

Os olhos de Tristan brilhavam de excitação. — Isso, e este sistema não só é mais rápido e mais inteligente, quase um tipo de Inteligência Artificial, ele é também — ele fez uma pausa, como se esperasse um rufar



de tambores, em seguida, sussurrou a próxima palavra como se fosse a resposta para o universo. — indetectável. Mesmo pelo Mandatum. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou o rastreador Mandatum que tinha saído do demônio lava gorila. — Eu posso encontrar quem acessou isso por último.

— Finalmente, uma boa notícia. — Exausta demais para o entusiasmo, acenei para Ayden sentar. — Espere aqui. Vou pegar meu pai. Tristan, comece.

— Com prazer. — Tristan esfregou as mãos, em seguida, estalou os dedos enquanto se sentava na mesa grande, Jayden pendurado por cima do ombro. Tristan jogou o rastreador para Logan. — Encontre o número de série.

Olhei em volta. — Onde está Matthias?

A porta da cozinha se abriu e Tia M exclamou: — Ah ha!

Tristan girou, caiu da cadeira e, em seguida, levantou as mãos. — Aurora disse que eu podia tocá-lo!

Logan largou o rastreador e juntou-se ao resto dos rapazes que estavam apoiados na porta.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Tia M exigiu.

— Desculpe — eu disse. — Eu não queria estragar a surpresa.

— Não, eu quero dizer ... — Tia M percorriam olhos pequenos em todo o grupo, em seguida, apontou um dedo para mim. — Você não fugiu?

Eu empalideci. — Bem, duh. Eu estou bem aqui.

Não é exatamente uma mentira.

— Oh. — M empurrou os óculos no nariz. — Hummm, você pode querer ir contar para seus pais então. Eu já soei o alarme.

— M!

— Eu vi uma cama vazia. — disse ela, sem falsa modéstia. — Adolescentes são impulsivos, autoindulgentes e irresponsáveis. Eles não consideram as consequências a longo prazo de suas ações sobre si ou para outrem, então eu pensei que você estava fora fazendo algo estúpido com seu namorado. — Ela levantou um ombro. — Ou foi sequestrada.

Eu ouvi o bater dos pés irritados de papai acima. Ótimo.

Tia M engasgou. — Santos Hackers, Batman.



As mãos de Tristan foram para cima novamente. — Eu não fiz isso!

M deu-lhe um olhar de dor enquanto rebolava e tentava se inclinar, sua mão se erguendo e alcançando.

O rastreador.

Eu corri e peguei. — Não é nada, Tia M. Eu vou jogá-lo fora.

— Não se atreva! — Ela arrancou de minhas mãos. — Oh, está desligado. — M riu com mais de um toque de histeria. — Não acho que eu trouxe qualquer um destes comigo. Gravidez. Frita o cérebro.

— Essa coisa é sua? — Tentei arrancar o rastreador de volta, mas M guardou o material em um lugar que eu não iria. Seu sutiã.

— Um dos meus muitos dispositivos patenteados. Ninguém mais tem. Ou pode duplicar minha mistura especial. Eu cuidarei disso.

Ela voltou para casa. Com a única pista credível que eu tinha sobre o traidor que estava tentando me assassinar. Os rapazes partilhavam meu olhar de pânico.

— M, espere! — Corri atrás dela pela porta da cozinha.

Papai, com seu cabelo saindo em todas as direções, estava agarrando o telefone. — Vou ligar para o Xerife Payne!

— Depois a Interpol! — A mãe gritou. — Eles podem tê-la tirado do país à essa altura!

— Pai! — Eu peguei seu pulso.

Papai parou enquanto discava. Mamãe deixou cair as chaves do carro e bolsa.

— Oh, sim — M disse enquanto passava por eles — Aurora estava na garagem.

Papai deu-lhe um olhar duro. — Você não acha que deveria verificar antes de me acordar me dizendo que minha filha estava fora de casa me tornando um avô?

— Como eu poderia saber que ela estaria arruinando a minha surpresa, brincando com o meu trabalho de arte? Ela falhou na aula de informática.

— Eu tirei um B!



— B-menos. O que é falhar. O que ficaria bem em comparação com o que suas notas parecem agora, graças aos Meninos Malditos.

O choro de Oron explodiu pela casa.

— Fantástico. — Mamãe tirou sua jaqueta e se arrastou para cima.

A voz de meu pai era mais áspera do que a barba por fazer. — M, você realmente tem que...

— Ir ao banheiro. — Tia M acariciou seu estômago. — Bebê na minha bexiga. — Ela cambaleou para fora.

Fui atrás dela, lutando por um plano para tirar o rastreador, mas papai deu um passo na minha frente e agarrou meus ombros.

— Nós podemos ter exagerado. — disse ele. — Mas vamos transformar isso em uma oportunidade positiva para ter uma conversa. Eu sei que nós tivemos *A Conversa* antes.

Ah não.

— Pai, eu realmente tenho que falar com a Tia M. — Eu desviei dele.

Ele me bloqueou. — E sua mãe vem encorajando você a estar aberta aos seus sentimentos e confiar no amor.

— Sim, nós cobrimos tudo isso.

— Mas eu só queria dizer que, às vezes, na sua idade, o amor muitas vezes pode ser confundido com... — ele me olhou bem nos olhos — luxúria.

Oh Deus.

— Pai, por favor — eu engasguei.

Ele vagou na cozinha. — Eu já fui adolescente uma vez, e sei como...

— Ai credo. Basta parar. — Eu olhei para a porta da garagem. Estava fechada. Mas... eu ouvi risos? — Você não tem que se preocupar.

— Não que Ayden seja um cara ruim. Mas ele é um cara e você é uma menina bonita e no calor do momento...

Se ele soubesse a ironia dessa afirmação.

Bati as mãos sobre os ouvidos. — Lalalalalalala.

— Bem... Mas você sabe o que estou dizendo. Eu quero que você saiba que você pode falar comigo sobre qualquer coisa. Mesmo... — ele respirou fundo — sexo.

— Pai!



Abri a porta da garagem, ignorando as altas gargalhadas dos meninos — é claro que eles ouviram cada palavra humilhante — e apontei para Ayden, caído e pálido, com a camiseta manchada de vermelho escuro.

— Ele está sangrando.

O sorriso de Ayden foi fraco. — Não é nada, senhor.

O rosto de papai ficou estranhamente neutro.

— Bem, filho, boa coisa que você é um médico. Oh, certo. Você não é. Eu sou. — A voz de papai estava dura como aço. — O que faz de você o paciente e me deixa no comando. Aurora, pegue minha bolsa médica. Meninos, o coloquem na mesa. — Papai foi até a pia e começou a lavar as mãos. — Porque eu estou disposto a arriscar toda a minha carreira no diagnóstico de que isso. — indicou o peito de Ayden — é alguma coisa.



CAPÍTULO OITENTA E DOIS

Com Oron dormindo no ombro de Lucian, o clã Lahey, menos Selena e Tia M, junto com os Meninos Malditos, menos Matthias, formaram um semicírculo tranquilo atrás de papai para vê-lo colocar os toques finais nas feridas de Ayden.

Não era assim que eu sonhei desfrutar a visão da forma seminua de Ayden. Não, a fantasia não incluía uma multidão boquiaberta. E por falar nisso, não tinha papai tratando Ayden de lesões fatais que eu infligi.

Eu me senti como um raio da morte ambulante.

Mas eu me senti muito melhor com ele cuidando dos ferimentos. Eu sabia que ele salvaria o dia.

Assim, com a preocupação um pouco amenizada, mordi o lábio e deixei meu olhar derivar sobre o físico sem camisa de Ayden, uma distração bem-vinda do abismo da culpa.

Enquanto papai trabalhava nas feridas, que eram em sua maioria concentrados em sua parte superior do tórax, Ayden tencionava muitas vezes, me dando uma vista magnífica para o grande número de músculos que rasgavam com seus bíceps esculpidos. Ombros largos. Abdômen digno do cinzel de Michelangelo.

E aquela pele. Lembrei da sensação. Esticada. Suave. Quente e saltando para a vida sob o meu toque.

Um calor fraco manchou meu rosto com a lembrança. Quando percebi que Ayden estava observando minha avaliação, meu rubor se alastrou para níveis infernais. Eu mantive meus olhos desviados pelo resto da atuação do meu pai.

Papai arrancou as luvas de plástico. — Você pode vestir sua camisa agora.

Merda. Com o show quase no fim, eu arrisquei outro olhar — escancarado — para o colírio nos olhos que era o torso de Ayden. Ei, uma



menina tem que aproveitar quando puder. E Ayden seminu definitivamente ativou uma séria reação química.

Papai olhou a camisa ensanguentada de Ayden. — Talvez não.

Mamãe disse — Lucian, vá buscar uma de suas camisetas.

— Claro, mas, uh — Lucian passou de um pé para outro — Eu não acho que vai caber. Pode ser... — Ele desceu Oron e disse baixinho — Um pouco pequeno. Talvez.

Luna bufou. — Você acha?

— Cale-se!

— Isso serve. — Ayden agarrou sua camisa, mas minha mãe a pegou rapidamente.

— Sem chance. Crianças, subam e me ajudem a encontrar alguma coisa.

Com a saída deles, papai fechou sua bolsa médica. — E estas lesões são de...

Eu pulei rapidamente. — Como eu disse, foi uma coisinha a laser super idiota de Jayden, que ficou louco e Ayden foi pego no fogo cruzado. — Eu sorri apertado, nervos arruinados pela cara estoica do meu pai. — Certo, Jayden?

Jayden rangeu os dentes, parecendo que estaria mais feliz mascando vidro. — Certo.

Ayden, Logan, Tristan, e Blake cobriram a boca para esconder os sorrisos às custas de Jayden.

— E com os pais fora da cidade, eles me chamaram para vir vê-lo. — eu disse. — Porque você é o melhor que existe.

Apelar à vaidade do pai não poderia machucar.

— Uh-huh. Ok, antes de tudo, Sr. Esperto. — Ele deu um olhar severo sobre Jayden — sem mais experiências perigosas.

— Entendido — Jayden deu um aceno duro. — Porque agora percebo que, apesar do meu QI a nível de gênio, um super laser...

— Super idiota — Ayden corrigiu.

Jayden atirou um olhar mordaz para seu irmão. — Um laser super idiota... é, aparentemente, além do meu alcance da cognição para controlar



com segurança, e os meus dias como um operador imprudente de tais equipamentos de alto nível estão no fim.

Papai balançou a cabeça, satisfeito. — Em segundo lugar, eu vou precisar tratar a ferida regularmente, então...

— Feito, senhor. — Ayden saudou. — Estarei aqui de manhã e de noite.

Papai olhou de mim para Ayden. — Como isso é diferente das últimas semanas?

— Pai! — Corei.

Ele se levantou e pegou sua bolsa médica. — E em terceiro lugar, eu vou te levar para o hospital agora para alguns testes. Para nos certificar de que não há qualquer dano interno.

A ladainha rugindo de protestos dos Meninos Malditos beirou a loucura. Pareciam um bando de avós, mas papai não estava ligando para nada disso.

— Desculpe, senhores, é assim que vai ser, ou nesse momento eu chamo uma ambulância e ligo para os pais de todos. Tenho certeza de que o xerife ficará feliz em fornecer uma escolta policial para o hospital.

Ayden me puxou de lado. — Aurora, faça alguma coisa.

— Claro — Eu assenti. — Ei, pai. Ayden diz que você está certo e que você dois devem usar o carro dele para ir ao hospital. Ele até vai deixá-lo dirigir. Certo, Ayden?

Ayden limpou a mão na boca para que ele pudesse murmurar por trás dele — Não é o que eu quis dizer.

Através dos dentes cerrados do meu enorme sorriso, eu disse — Eu sei.

— Aquele esportivo vermelho? — Papai sorriu. — Legal. Vamos nessa, Kemosabe.[20]

[20] Usado na série de TV Lone Ranger, Kemosabe tornou-se um termo muito popular. Significa olheiro de confiança ou amigo fiel. Ao contrário da crença popular, este termo é nativo americano na realidade. Pode ser usado enquanto conversa com amigos ou irmãos. Ele também pode ser usado sarcasticamente quando se fala de uma pessoa desleal e pouco confiável a quem não se gosta.



Eles estavam indo para o carro, Ayden vestindo uma das camisas havaianas brilhantes e floridas do meu pai, quando o taser da Tia M foi ouvido no pátio lateral, e o que parecia ser um corpo bateu contra o muro.

Alguém gritou por misericórdia.



CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

Tia M estava em uma posição de esgrima e tinha um aperto forte em seu Taser. Apesar de sua barriga, ela conseguiu saltar para se levantar. Van Helsing estava ao seu lado, assobiando, seus pelos levantados.

— Peguei! — Ela gritou. — Fique aí ou faço de novo! Alguém me dê minha arma tranquilizante!

— Santos e pecadores, mulher. Eu não sou nenhum pervertido! — Jenny estava deitado de costas, casaco aberto.

Ele tinha perdido a maior parte do arsenal, agora vestindo apenas as duas armas nos coldres em seu ombro. Mas sua aparência geral ainda era de serial killer.

Matthias correu até ele. — Não se preocupe! Ele está comigo!

Tia M não se moveu. — O que o filho do xerife faz andando com um foragido desses?

Matthias chegou respirando pesadamente. — Ele é, uhhh, um policial disfarçado. Velho amigo de meu pai. Detective Jen... nings está na cidade para surpreender o meu pai para... seu aniversário.

— Então o que ele está fazendo rondando aqui? — M quis saber.

Matthias engoliu em seco. — Ele veio comigo... enquanto verificava Ayden, queee está indo bem, certo?

— Estará em breve. — disse o pai. — Vou ter que ligar e desejar um feliz aniversário a seu pai.

— Não! — Matthias riu sem jeito. — Você não pode.

Pai franziu a testa. — Por que não?

— Ele não pode achar que alguém sabe porque ... — O cérebro de Matthias estava girando suas rodas, sem encontrar nenhuma tração.

Já que eu estava sempre feliz em ajudar meu companheiro de equipe favorito, eu disse — Porque Matthias vai fazer uma grande festa de aniversário surpresa e Jen... o Detective Jennings é o convidado surpresa então ele tem que se esconder e não podemos mencionar nada, caso



contrário vai estragar a surpresa. E a melhor parte é que estamos todos convidados. Será logo. Ele ainda está trabalhando nos detalhes, mas promete que vai ser enorme. Uma grande celebração. Certo, Matthias?

O sorriso do Australiano poderia congelar as cataratas do Gossamer Lake. Duas vezes. — Absolutamente.

— Eu amo surpresas. — Papai cutucou M para trás e arrancou o Taser de seus dedos. Então ele ofereceu a Jenny uma mão amiga. — Prazer em conhecê-lo Senhor, desculpe, Detective Jennings. Peço desculpas sobre o mal-entendido. — Ele baixou a voz. — Tem sido uma... gravidez difícil.

— Sem problema. — Jenny lançou um olhar ácido para M. Ela zombou de volta.

— Festa? — Mamãe bateu a cabeça para fora de uma janela do andar de cima. — Posso levar alguma coisa?

— Não. — eu disse — Matthias já tem tudo pronto. Ele é um cara festeiro.

— Sim. Esse sou eu. — Matthias empurrou Jenny ao virar a esquina. — Aurora, eu tenho algumas questões sobre a festa. — Ele agarrou meu braço e me arrastou. Assim que estavam fora de vista, ele sussurrou — Venha até a minha casa depois da escola para que Jenny possa conferir seus poderes. Meu pai não estará hoje, então a barra estará limpa.

— Por que eu tenho que ficar longe do seu pai? Eu gosto dele. — Tão encantadoramente oposto do irritado Australiano.

— Porque você vai estragar a coisa toda. Como sempre.

— Isso não me diz nada.

— Cale-se e ouça. — Matthias olhou por cima do ombro. — Apenas lide com a coisa de explosão de luz. Não diga a Jenny que você pode viajar para o Mundo em Espera ou... que tem visões ou sonha com demônios.

— Você não confia nele?

— Claro. É só que ... — Os olhos do Australiano derivaram para longe.

— Você meio que não confia.

— Ele tem seus próprios planos. Pode ser um pouco... desequilibrado quando se trata de Artêmis.



— Você está dizendo que ele iria me usar para chegar até ela?

— Eu estou dizendo para não dar chance. Vejo você depois da escola. Não se atrase, ou eu não vou lembrá-lo de trocar as balas de verdade.

A primeira luz do nascer do sol se arrastou ao longo do horizonte. O início de mais um dia estelar.



CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

Na cozinha, usando luvas de borracha de bolinhas roxas, porque mamãe achava que até mesmo os utensílios mais mundanos devem ser descaradamente berrantes, eu larguei a panela na água com sabão da pia e esfreguei com vigor. Olhei pela janela, mas mesmo as luzes cintilantes do nascer do sol e os requintados aromas alegres do jardim não conseguiam iluminar meu humor.

Depois que Ayden e papai saíram, eu tinha tentado um cochilo rápido, enquanto Luna tomava banho. Mas enquanto eu deveria estar - não, eu estava - exausta, quando eu fechei meus olhos minha mente começou a repassar a noite louca, e depois pareceu ficar na visão de Ayden deitado à beira da morte.

Meu instinto arrancou cada vez, chocando o meu sistema com adrenalina. Tornei-me como um fio, nervosa, pronta para explodir. Os cenários de "E se" eram infinitos. Tudo poderia ter ido em uma direção... fatal. E o denominador comum do desastre?

Eu.

Irônico como a Tia M e Bancroft queriam nos separar porque estavam preocupados que Ayden e os rapazes representavam um perigo para mim quando a verdade era que eu era a ameaça real. Para todos eles. Quer dizer, caramba, eu trouxe deuses demoníacos à sua porta. Algo que até o Mandatum considerava tão cataclísmico que chamava as equipes de Sicarius, seus assassinos mais letais. E os meninos sequer pediram reforços.

Por minha causa.

Talvez M e Bancroft estivessem certos... mas pelas razões erradas. Talvez, depois de passarmos por isso, eu devesse considerar manter distância.

— Vamos! Se sairmos mais cedo, a mãe vai nos comprar café da manhã de verdade. — Lucian agarrou seu casaco numa cadeira da cozinha



e pegou sua mochila, e depois a minha que estava no chão. — Encontro você no carro.

— Não! — Eu deixei cair a panela e rasguei minha mochila de seu ombro.

— Qual o problema? — Disse Lucian. — Eu estou sendo bom!

E eu também. Eu só não podia explicar que eu tinha escondido as esferas flamejantes de Flint na minha mochila. A julgar por todos os psicopatas querendo um pedaço da minha carne, eu percebi que deveria estar armada. Não acho que as minibombas ativariam com o meu irmãozinho, mas é melhor prevenir do que ter que ir ao hospital costurar membros decepados. Eu lancei a mochila debaixo da mesa.

— Desculpa. Tenho um... delicado... projeto de arte lá. Encontro você no carro. — Eu o empurrei para fora antes de voltar para a pia. — Você é o melhor irmão!

— E você a mais estranha.

— Você não está pronta ainda? — Mamãe apressou para a cozinha e pegou as chaves do gancho. — Temos de ir.

— Estou tentando. — eu esfreguei mais duro. — Mas aveia queimada exige uma luta considerável.

— Deixe-o de molho. Oh, seu pai ligou.

Meu coração tropeçou em si mesmo. — Como está Ayden?

— Bem. Seu pai ordenou que ele não fosse a aula e descansasse. — Mamãe andou até mim. — Então, vocês dois estão bem? Ele não é a razão pela qual você está parecendo um zumbi não é? Porque eu vou...

— Não, mãe — eu interrompi antes que ela chegasse às ameaças homicidas. — Estamos bem. Eu só não tive muito — mais para zero — sono.

— Você está tendo pesadelos de novo? — Ela parecia preocupada. — Devemos colocar você no terapeuta de novo?

— Não. — Eu dei um tapinha no braço dela. — Apenas me dê alguns dias para me recuperar. — E parar um apocalipse demônio sem matar a todos nós.



— Bem. Por agora. Encontro você no carro. Se apresse. — Ela beijou minha testa e desapareceu no foyer. — Selena, o que está fazendo? Não, você não pode ir nua. Eu não me importo se Bubbles está nu, pegue suas roupas das escadas e as vista novamente. Sim, agora. Tudo bem, você pode vestir sua camiseta para trás. M! Vamos. Luna e Lucian já estão na van. — A porta da frente se abriu. — Ayden? O que você está fazendo aqui? — Eu deixei cair o pote. Sabão espirrou na minha boca. — Você deveria estar em casa descansando. Ordens do Dr. Lahey.

— E eu vou. — eu ouvi Ayden dizer. — Mas, primeiro, eu estava esperando deixar Aurora na escola.

— Por que há uma Maserati na minha garagem?

— Deixei o meu carro com o Dr. Lahey. Ele parecia gostar de conduzi-lo.

— Aposto que sim. — Mamãe murmurou. — Crise de meia-idade, aqui vamos nós.

— Então, sobre Aurora?

— Não tenho certeza — Mamãe estalou. — Você a fez chorar no outro dia. Eu não gosto disso.

Eu me encolhi.

— Nem eu, senhora.

— Mas você consertou?

— Eu acredito que sim.

— Mm-hmm. — Mamãe parecia cética. — Se acontecer novamente, eu posso começar a remover partes do corpo. — Pausa. — Tipo as suas.

— Sim, eu entendi, senhora.

Mamãe riu. — Brincadeira, bobo. — Em seguida, ela gritou — M!

— Nossa, você é como uma banshee. — Disse a Tia M.

— Você anda como um pato.

— Você sabe que esses hormônios em fúria me deixam propensas a explosões violentas.

— Faça seu melhor, Patolino. Ayden, Aurora está na cozinha.



— Mas sem trapaça — Tia M avisou, apontando para a barriga. — Porque é *isso* que acontece e não é bonito. Você deverá ver o tamanho do meu -

— Ooookay, M, andando.

— Calma, banshee, eu ia dizer pé.

— Aurora! — A mãe gritou. — Ayden está aqui.

Gee. Você acha? Tentei tirar as luvas que não estavam melhorando meu look, mas... tarde demais.

Ayden entrou pela cozinha. Debaixo da jaqueta de couro, ele usava uma camiseta nova. Uma fina camada de ataduras era visível através do tecido, mas sem sangue escorrer. Ele parecia muito vivo e muito mais do que bem. Absolutamente lindo, de fato. Meus joelhos tremiam. Arrepios ondularam sobre cada polegada da minha pele. Eu tive que trabalhar para controlar minha respiração.

Calma, menina. Distância, lembra?

— Não podia resistir vir para outro envenenamento? — Eu levantei o pote de água. — Aveia da Tia M deve resolver.

— Não. — ele disse suavemente — eu não pude resistir vir até você.

Arrepios renovados e multiplicados. Como eu poderia resistir a isso? Mais importante, por que eu iria querer? Porque, Aurora, estar perto de você poderia tê-lo matado. Você deve recuar. Começando agora.

— Você parece bem. — Alguns poderiam dizer até comestível. Rangi os dentes e voltei a esfregar o pote. — Mas papai está certo. Você deve ir para casa e descansar. Vou pegar carona com a mãe quando ela voltar.

— Merda. — murmurou. — Eu sabia que você ia fazer isso.

— Fazer o quê? — Virei a cabeça e pulei. Ele ficou ao meu lado.

— Culpar a si mesma. Você provavelmente está pensando até em terminar comigo, manter distância. De todos nós.

Isso foi assustador. Olhei para baixo. — Pode não ser uma má ideia.

— Esqueça. Ideia horrível. Não vai acontecer. — Ayden pegou meu rosto em suas mãos. — Eu sei o que você está passando. Eu fiz a mesma coisa. Até fugi de casa para protegê-los.

Minha testa franziu. — Quem?



— As pessoas que eu amava. — Suas mãos deslizaram para os meus ombros. — Quando eu era jovem, aprendendo a controlar o meu poder, eu queimei muitas delas. Agora você me queimou. Acontece. Todos nós passamos por isso, Aurora. Alguns mais extremos do que outros. Olhe o que aconteceu com Tristan.

Eu joguei a esponja. — Isso só prova como é perigoso!

— É claro que é perigoso, mas fugir não vai resolver o problema. — Ele inclinou meu queixo para cima com os nós dos dedos e me forçou a olhar para ele. — Não vai funcionar de qualquer maneira. Você não vai se livrar de mim assim tão fácil.

— A não ser que eu o leve para o Mundo em Espera por acidente.

— Então eu esperaria por você para vir me resgatar. — disse ele facilmente. — Talvez até vestindo alguma roupa de couro.

Eu bufei. — Não. É geralmente algum vestido estúpido.

— Sério? — Disse ele com interesse. — Baixo? Corte baixo? Acho que eu mencionei que eu sou um grande fã de... várias partes do corpo. Tem decote?

Um riso pulou de meus lábios. — Cale-se.

— Riso. Muito melhor. — Ele inclinou a cabeça e sorriu. — Olha, nós temos famílias para nos ajudar a lidar com tudo isso, você não. Então, vou ser aquele a lhe dizer.

— Dizer o que?

Suas mãos em concha no meu pescoço, os polegares acariciando ao longo da minha mandíbula, seus olhos escuros cheio de compaixão e confiança enquanto falava em um tom baixo, confiante. — Não é sua culpa. Você é perfeita. Você vai dominar seus poderes. — Ele manteve os olhos fixos nos meus. — E eu vou estar lá a cada passo do caminho para ajudar, porque nós estamos nisto juntos e nada, absolutamente nada que você possa fazer vai me assustar. — Ele colocou um beijo suave na minha testa.

Inclinei-me para o toque e fechei os olhos. — Mas é tão arriscado.

— Mas vale a pena.

— Mas eu não deveria.

— Mas você quer.



Sim, eu queria.

Meu coração estava pulando, meu estômago se agitando. Os sinais clássicos. Claro, enquanto eu odiava machucá-lo, estar longe dele era muito mais doloroso do que eu queria aguentar. Covarde.

Ele me estudou por um longo momento. — A verdade é que você me quer tanto quanto eu quero você. Vamos apenas lidar com isso.

Lidar com isso? Eu tinha dificuldade em dizer isso em voz alta.

Aqueles olhos sensuais cor de chocolate quente estavam cheios com promessa, chutando minhas emoções em um arco triplo de desejo. Eu respirei fundo. O cheiro de couro, sândalo, e … Ayden era uma combinação feliz.

Eu soltei a respiração em um suspiro. — Você está muito seguro de si mesmo.

Ele riu — Não, eu sou muito certo de você. — Ele deslizou a mão pelo meu braço. — Poderiam aqueles terem sido… arrepios?

— Uh. — Eu lambi meus lábios. — Não.

Ele me deu um sorriso torto enquanto seus dedos acariciavam minha pele. — A evidência parece contestar sua declaração.

Uau, mesmo a fala de um advogado pareceria sensual saindo daqueles lábios deliciosos. Minha pele estava tão arrepiada como um livro em Braille, confessando tudo o que eu não poderia dizer. E seus dedos longos e delgados liam cada palavra.

— Vou tomar isso como um sinal positivo. — Seus olhos percorriam meu rosto e, eventualmente, pousaram na minha boca. Seus lábios abriram ligeiramente entreabertos e uma respiração pesada caiu completamente. Sua cabeça começou a mergulhar, então parou. Ele fechou os olhos por um instante, parecendo repensar o movimento. Então ele ficou mais reto, levantando meu pulso para mostrar a luva de bolinhas roxa. — E essas? Extremamente sexy. — disse ele, os olhos brilhando com diversão.

— Sim, não são…

Minha voz tremeu, então eu calei a boca e imediatamente arranquei as luvas como se elas estivessem em chamas. Bem, uma luva saiu fácil,

mas então a mão livre estava tão suada - provavelmente porque minha temperatura estava nos céus - que eu não consegui agarrar direito a borracha estúpida, não importa o quanto eu tentasse.

— Permita-me — Ayden disse, agarrando o meu braço para parar os movimentos espasmódicos.

Então, segurando meu olhar refém, ele começou a tirar a luva. Muito lentamente, polegada por polegada. Com a minha pele exposta, a brisa perfumada floral sussurrou através da janela e esfriou as gotas de suor.

Eu tremi, mas não por causa do frio. Algo baixo na minha barriga esticou, tremendo. Engoli em seco, depois separei meus lábios na esperança de que isso facilitaria a respiração. Não muito. Meu lábio inferior tremeu tanto que eu tive que mordê-lo para reprimir o movimento. O movimento chamou a atenção de Ayden, e paixão escureceu seu olhar.

Finalmente me livrando da luva, ele jogou-a na pia com um pequeno splash na água ensaboada, e quando seus olhos finalmente alcançaram os meus, meu corpo estava tão quente e pesado que eu quase caí contra a bancada.

Ok, eu caí.

Ayden gentilmente torceu meu braço para trás e para frente, estudando-o desde o cotovelo até a ponta dos meus dedos, aparentemente extasiado com esta parte normal da minha anatomia. Ele respirou e soltou uma rajada suave do vento quente que secou toda a umidade. Calafrios viajaram pelo meu corpo em ondas. Meus olhos se fecharam.

Quando eu finalmente consegui levantar minhas pálpebras, Ayden estava sorrindo. Eu observei, fascinada, quando ele baixou os lábios em direção ao ponto sensível dentro do meu pulso. Seus lábios se separaram, então eu senti sua boca se movendo contra a minha pele. E sua língua, quente e úmida.

Ele estava bebendo de mim. Ou me secando. Não importa. A sensação lânguida de seu toque espalhou por mim, me derretendo como o açúcar no chá quente. Eu estava presa.

Sua boca viajou pelo meu braço. Dentes levemente prendendo minha pele enquanto sua língua girava com uma magia seriamente sedutora.



Terminações nervosas despertaram uma atenção deslumbrante. Quando os lábios atingiram o interior sensível do meu cotovelo, eu pulei, em seguida, quase entrei em colapso com um tremor fraco.

Sua bochecha roçou o meu braço e sobre a minha clavícula, fazendo cócegas na minha carne. Boca e língua encontraram a curva do meu pescoço. Minha mão escorregou para a seda de seu cabelo, os dedos torcendo, segurando-o firme, com medo de que ele abandonasse esta tarefa monumental e importante, me deixando na vontade. E, oh, como eu queria.

Sua boca se moveu para o oco da minha garganta e para o outro lado, traçando uma gargantilha de beijos de parar o coração. Pulmões lutaram para respirar. Mas, sinceramente, se este era o preço para não respirar, eu estava disposta a pagar.

Minha outra mão agarrou a borda da bancada, porque minhas pernas tinham se liquefeito oficialmente.

Ayden agarrou minha cintura, me levantando. Meus braços em volta do seu pescoço. Ele serpenteou um braço sob minha camiseta e nas minhas costas, me esmagando contra ele. Ele levantou a cabeça, os olhos quase pretos. Respiração ou tinha parado completamente ou estava ofegante muito rápido para eu acompanhar. Quem sabia? Quem se importava?

Sua palma se mudou deliberadamente para o meu lado, traçando as linhas do meu corpo. Finalmente, cobrindo meu pescoço, sua mão guiou minha cabeça para baixo para que nossas testas se tocassem. Sua boca se moveu mais perto da minha. Quase se tocando. Quase.

Senti sua respiração. Quente. Querendo. Chegando em curtas e rápidas respirações. Assim como a minha. E quando eu não aguentava mais, meus braços apertados, diminui a distância e pressionei meus lábios famintos nos dele. E essa boca suntuosa que já tinha entregue tal magia ao meu corpo, agora operava milagres em meus lábios.

Era como fogo explodindo em minha corrente sanguínea. Minha pele queimou. Sua boca se moveu sobre a minha, lenta, em seguida, rápida, dura, e então macia. Moldando contra a minha. Degustando. Línguas se



emaranhando. Ele não desacelerava. Uma e outra vez, girando a tensão no meu núcleo, criando uma necessidade que doía para se libertar.

Ayden fez um ruído estrangulado, em seguida, me levantou em seus braços e varreu o espaço na mesa da cozinha, quase me batendo na superfície de madeira, lábios nunca deixando os meus, me beijando com uma fome voraz.

Eu senti isso também.

Minhas mãos empurraram o casaco de seus ombros. Ele me soltou por tempo suficiente para deixá-lo cair no chão. As bordas das suas pupilas brilhavam. Um anel de fogo queimava de fora para dentro. Suas mãos agarraram meu rosto, emaranhadas no meu cabelo enquanto ele me beijava longo e duro, devastando minha boca. Quase brutal, mas não o suficiente.

Eu arqueei meu corpo contra ele. Ele me segurou mais apertado.

Minhas mãos deslizaram sob a camiseta, os dedos amassando a curva de suas costas, sentindo calor, músculos ondulando embaixo. Ele era como uma loja de doces. E eu estava sem açúcar. E ainda tinha que me preencher.

Eu me inclinei para trás. Seu corpo seguiu, manteve-se contra mim, seus lábios devorando os meus. Com minhas costas na mesa, eu senti o peso dele, seu corpo duro, tenso, inflexível. Meu próprio gritou por... Eu não tinha certeza do que. Mas a pele ajudaria. Pele e contato próximo. Contato mais próximo.

Eu passei minhas mãos para cima de suas costas, e envolvi uma perna ao redor de sua coxa. Eu entrei em um turbilhão de desejo. Pensamento limpo deixou minha cabeça vazia onde agora reinava o desejo supremo. Aleluia.

Suas mãos deslizaram para os meus quadris. Eu pressionei mais perto, sentindo o calor entre nós se intensificar. Era uma coisa tangível. Uma conexão que...

Ayden se afastou. Estendi a mão para ele, mas com xingamentos irritados, ele se afastou de mim.

Me sentei.



— Não. — ele estendeu a mão. — Fique para trás. — Seus olhos não estavam mais brilhantes, estavam realmente cheios de chamas. Tufos de fumaça saiam de seus ombros.

— Sinto muito. — eu disse asperamente.

— Oh, Deus. — As palavras pareciam arrancadas dele. — Por favor, não. Sou eu quem... — sua mão em espiral no ar deixava um fio de fumaça — problema.

Eu limpei o suor da minha testa, tentando recuperar o fôlego. — Eu não diria que é um problema.

— Sério? — Sua mão passou pelo seu cabelo seriamente confuso. — Eu quase ateei fogo em você.

— Quase? — Eu disse com um sorriso malicioso. — Eu estava em chamas.

Ele cobriu o rosto com as mãos, mas pelo menos ele estava rindo.

De repente, lembrei de suas feridas, porque eu finalmente conseguia pensar direito. — Desculpa. Eu sequer pensei. Dói?

Ele tinha um olhar de espanto cômico. — Doer? Oh sim. Mas não da maneira com que você está preocupada.

Um rubor encheu minhas bochechas. — Quer um pouco de água?

Suas mãos penteiam para trás em seu crânio. — Uma mangueira poderia ser melhor.

Eu ventilei meu rosto. — Para você e para mim.

Eu deslizei para fora da mesa, mas Ayden me parou, seu olhar sério.

— Aurora, eu não queria... — ele engoliu em seco, limpando a garganta — Eu não deveria ter... começado. Quero fazer isso direito... não, ah... deixar você desconfortável... ou qualquer coisa.

— Oh, era desconfortável, tudo bem. — Eu ofereci um olhar tímido. — Mas não da maneira com que você está preocupado.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Senhorita Lahey, você está flertando comigo?

— Bem, se você tem que perguntar, eu não estou fazendo a coisa certa.



Sua risada retumbou baixa, deslizando calor debaixo da minha pele. Eu o puxei para mim, apoiando-o contra a mesa, arriscando uma tempestade literal enquanto seus lábios tocavam os meus com uma promessa de...

— É assim que bebês são feitos!

Eu recuei e derrubei uma cadeira. — Tia M!

— Sexo mata!

— M, sério. — Mamãe entrou na cozinha e revirou os olhos.

Minha tia acariciou sua barriga. — Matou a minha cintura. — Então ela gargalhou.

Quem era a banshee agora?

— Ayden e Rory sentados em uma árvore. — Selena começou a cantar — fazendo b-a-b-ê-s.

— Mamãe!

— Selena — Mamãe reclamou. — Essa não é a ortografia correta.

— Obrigada, isso foi útil. — Peguei a cadeira. — O que vocês estão fazendo de volta?

— Ela esqueceu Bubbles. — disse a mãe.

— E eu tenho que fazer xixi. — M saiu da cozinha com pressa.

Mamãe nos deu um longo olhar. — Vocês dois pode querer arrumar o cabelo. — Ela pegou o casaco de Ayden do chão e estendeu-o para ele. — Antes de entrar no carro de Ayden e nos seguir até a escola.



CAPÍTULO OITENTA E CINCO

Tecnicamente, era o meu carro. A Maserati foi meu presente descontroladamente extravagante dos pais de Ayden por salvar Jocelyn de ser explodida em pedaços. Também foi o presente descontroladamente extravagante que meus pais não me deixaram aceitar. Pelo menos eu posso dirigi-lo ocasionalmente.

Como agora.

Bom Deus, este bebê podia ronronar. Como um gato da selva com esteroides. Linhas elegantes, curvas sedutoras, musculoso, motor poderoso. Não era uma máquina, era um monumento de perfeição mecânica, respondendo a todos os meus toques.

Bem como eu respondia a Ayden.

Estávamos quase na escola e nenhum de nós tinha dito uma palavra. Então Ayden finalmente olhou na minha direção e ambos começamos a rir. Ayden foi o primeiro a recuperar o fôlego.

— Nem foi nada constrangedor.

— Nem um pouco. — Eu levantei a mão do volante para enxugar as lágrimas. — Você tem certeza de que não doeu?

— Confie em mim, eu não tenho queixas. Na verdade, eu ficaria feliz se você encostasse um pouco para podermos continuar nossa... conversa.

Eu corei. — Sim, exceto que minha mãe não para de nos observar pelo retrovisor. Sem mencionar Luna e Lucian.

Na parte de trás da van logo à frente, meu irmão e irmã ficavam apontando para nós e rindo histericamente. Acenei. Eles esquecerem disso? Sem chance.

— Sim. — Ayden sorriu — a não ser por isso.

Seguimos mamãe através dos enormes portões de ferro forjado da escola, e enquanto ela deixava Luna e Lucian, eu fui para o estacionamento.



— Vou pesquisar informações sobre Flint em casa para saber mais sobre a pedra. — disse Ayden. — Então, o resto dos caras vai ajudar depois da escola, enquanto você fica com Matthias e Jenny para trabalhar em seus poderes. A menos que você me queira lá?

— Não. Melhor aproveitar essa festa sozinha. Mas obrigado. — Eu estacionei ao lado do carro de Jayden e me encostei no assento. — Então o que vamos fazer se ou quando encontrarmos a pedra?

— Usá-la para derrubar os deuses e salvar você. — Ayden disse, acariciando gentilmente a mão no meu rosto.

Eu sorri. Sobre o ombro de Ayden, vi os estudantes felizes ao iniciar o dia no ar enevoado da manhã que caia sobre a mansão gótica, indiferente à ira catastrófica iminente de deuses demoníacos.

Suspirei com mais de um pouco de inveja. — Você já se perguntou o que é ser normal?

Ayden enfiou a mão por cima do meu pescoço e me puxou para perto, os lábios roçando os meus quando falou — eu odiaria, porque assim eu nunca teria conhecido você.

Pouco antes de fecharam, brasas brilharam em seus olhos, em seguida, sua boca cobriu completamente a minha, fazendo minhas entranhas se revirarem de excitação. Comecei a responder ao beijo.

— Você deveria estar se recuperando em casa! — Jayden enfiou a cabeça pela janela de Ayden.

Ayden se afastou com um rosnado. — Só vim deixá-la. — Ele subiu a janela.

— Hey! — Jayden saltou para trás para evitar ser estrangulado.

Eu ri e quando a janela fechou, eu perguntei — Você contou a ele que sabe sobre mim?

— Não tive a chance. Quando ele não estava me repreendendo por não descansar, ele ficou falando sobre os estúpidos manuais de Flint. Ele está me deixando louco. — Ayden descansou sua testa na minha. — Então, eu quero mexer com ele primeiro. — Os lábios de Ayden capturaram os meus. Quente e duro.



— Isso *não* é recesso de inatividade! — Jayden bateu no vidro. — Dr. Lahey claramente d... Agh! — Logan puxou Jayden por trás.

Com qualquer chance de um clima romântico irrevogavelmente destruído, Ayden e eu saímos. Ao invés de ouvir o discurso de Jayden, Ayden deslizou para o banco do motorista do carro de seu irmão, e derrapou para fora do estacionamento enquanto eu caminhava até a escola. Não que as coisas ficaram muito melhores lá.

Porque Matemática, a minha primeira e pior aula do dia, estava prestes a piorar.

Tristan e eu, ambos exaustos, estávamos cuidando de nosso próprio negócio - aka, cochilando na parte de trás da sala - quando Katie, a super atleta e super alta da minha aula de Educação Física – que estava sentada na minha frente nessa aula – bateu na minha cabeça com um jornal enrolado. Eu estava prestes a usá-lo como um travesseiro, quando Tristan arrancou de debaixo da minha cabeça.

Um segundo depois, ele disse: — Oh, não. Não, não, não. — e quando eu olhei ele estava segurando o papel na frente do meu rosto. — O que você fez?

Pisquei para me concentrar e ler a manchete.

“CORAÇÃO DO LOBO SOLITÁRIO DOENDO POR BEIJO DE AMOR VERDADEIRO. ”

Embaixo estava uma foto de Matthias - provavelmente retirada da parede de stalker de Mika - e uma história que ela tinha escrito sobre como ele era ... bem, o título diz tudo.

Oh, cara.

Eu disse a Tristan — Não fui eu. — Não exatamente.

— Sim, foi. — disse Katie sobre o ombro.

— Obrigado, Katherine — Eu cerrei um sorriso. — Tão útil.

Ela virou-se em seu assento. — Você nos disse que Matthias estava no mercado para uma namorada. Agora Mika está determinada a certificar-se que ele está feliz, mesmo que não seja com ela.

— Pelo amor de Deus. — eu disse — Eu não acho que ela faria toda uma história sobre isso.



Em seguida, Tristan começou a reclamar sobre como essa publicidade ostensiva era extremamente ruim, e Katie começou a reclamar que é melhor eu não mexer com Mika. Nesse ponto, a minha professora de matemática, a senhora que gosta de complicar as coisas, ficou incomodada e trouxe Tristan e eu até o quadro branco - porque atletas estrelas eram aparentemente imunes a humilhação pública - para sofrer constrangimento indevido, nos dando problemas ridiculamente difíceis para resolver.

A Sra. LTMTC bateu um dedo contra o quadro branco na minha frente. — Você vai resolver esse problema em breve?

Ao meu lado, trabalhando em sua própria equação, Tristan pulou com a voz dela e deixou seu marcador cair. Ele olhou ao redor atordoado e confuso como se tivesse acabado de acordar de um sonambulismo. O que era perfeitamente possível dado o quão exaustos nós estávamos.

— Pode apostar! — Eu dei a Sra. LTMTC um caloroso polegar para cima. — Eu amo Álgebra.

— Isto é Pré-cálculo.

A classe riu.

— Certo. — eu disse.

— Se você não começar a estudar, logo estará de volta para Álgebra. — ela me disse.

— Quão rápido eu poderia fazer isso acontecer? — Eu murmurei sob a minha respiração.

Mais risos da multidão. Acho que não murmurei.

— Pare de piorar a situação. — Tristan assobiou.

Sra. LTMTC nos encarou e passou por nós para lidar com a classe. Sobre o que? Não tenho certeza. Não tenho certeza porque eu tinha desenhado um rosto sorridente como uma resposta.

Todos as minhas preciosas células cerebrais foram orientadas para resolver a equação complexa de permanecer viva. De jeito nenhum eu poderia fazer um cálculo com mais letras que números em meu estado atual. Eu estava quase delirante.

Risque isso. Eu estava além de delirante.



Eu destampei o marcador tentando lembrar do começo da aula, mas já que eu estava cochilando durante a maior parte dela, eu não estava tendo muita sorte.

— Se os deuses demoníacos gregos não me matarem, meus pais vão depois de ver meu boletim — eu sussurrei.

— Vamos sobreviver ao Código Olimpo primeiro. E pare de colocar Matthias no centro das atenções. Devemos ser discretos. — Tristan reprimiu um bocejo. — Como é que eu vou escrever a resposta sem um marcador?

Eu apontei para o que ele tinha deixado cair no chão. Quando ele pegou, eu perguntei — Você tem a resposta?

— Não. É um rosto sorridente?

Merda. Eu tinha desenhado outro.

Esfreguei, em seguida, foquei no quadro. Estava um pouco embaçado. Eu escrevi algumas coisas.

— Eu só quero acabar com Eros e Afrodite e ir para a cama. — eu sussurrei.

— Menos conversa, mais solução! — Disse a Sra. LTMTC. — Senhorita Lahey, isso são numerais romanos?

— É a resposta correta? — Eu disse.

— Não.

— Então não são numerais romanos. — Limpei os numerais romanos do quadro.

Ela virou-se para responder à pergunta de um estudante. Ufa.

Tristan pareceu aliviado, depois voltou para o seu problema. — Se você apenas pudesse rastrear Afrodite e nos levar até sua localização,

— Nós poderíamos acabar com ela. Eu sei.

— Uh, não. — Ele fez uma pausa para bocejar. — Eu estava esperando que ela estivesse muito longe e nós poderíamos anonimamente avisar o Mandatum para enviar algum time Sicarius para levá-la antes que ela chegasse perto de nós.

— Oh. Isso faz mais sentido. — Depois de um bocejo meu, eu quase quebrei o marcador enquanto escrevia no quadro e bufei. — Você não acha

que eu tentei? Mas eu mal posso controlar demônios que estão tão perto como aqui em Gossamer Falls.

— Eu sei. Aquele demônio gorila estava quase em cima de você até você notar. Detecção de longo alcance é muito mais útil. — Tristan olhou para a frente como se realmente começasse a ler a equação. — Eu me pergunto por que você é diferente. — disse ele, distraído. — Talvez seja apenas uma questão de treinamento. Gostaria de saber mais sobre como as visões Divinicus funcionam.

— Eu também.

Comecei a copiar o trabalho de Tristan. Não fiquei orgulhosa disso, mas eu prometi ao universo que eu estudaria a sério depois. No entanto, Tristan estava certo, descobrir como utilizar meus poderes de longo alcance seria...

Espere um segundo.

Minha mão parou a cópia. Minha cabeça virou na direção de Tristan.

Eu encarei. — O que você disse?

— Que eu realmente não sei como suas visões Divinicus... — Tristan congelou. Deixou cair o marcador novamente.

— Oh, merda. — eu disse.

Ele sabia. Medo gelou sobre a minha pele. Eu estava cansada de viver com o terror de ser descoberta. Esperando o laço do carrasco da desgraça estrangular a liberdade da minha vida.

Agarrei sua camisa. — Quem te contou?! A quem mais você disse?

As mãos de Tristan voaram para proteger o rosto. — Não me fira!

Meu aperto afrouxou. — Ferir você?

— Pearl disse que você ameaçou feri-la!

— Eu nem sei o que isso significa![21]

— Nem eu! Mas eu não sei o que um Divinicus pode fazer!

Sra. LTMTC virou para nós. — Meu Deus! — Ela deu uma palmada rápida e sorriu. — Vocês resolveram! Maravilhoso. Ah, o sino. Não se esqueçam da lição de casa amanhã.

[21] No original, o termo usado é SMITE, que na tradução literal significa desbaratar.



Estudantes reuniram suas coisas e eu comecei a me mexer, quando todos, incluindo a Sra. LTMTC saíram. Interessante porque não houve nenhum sino já que a aula ainda tinha mais trinta minutos antes de acabar, e nós definitivamente não resolvemos as equações.

Depois que eles saíram, eu disse — O que aconteceu? — Então eu vi os olhos de Tristan brilhando com redemoinhos de ametista. Eu golpeei seu ombro. — Foi você? Por que você não fez isso antes de ela nos arrastar até aqui ?!

Tristan olhou horrorizado. — É contra o protocolo Mandatum. E antiético!

Revirei os olhos. — Oh, pelo amor de Deus. Para que servem seus poderes se você não usá-los?

— Eles são perigosos. Regras estão em vigor por uma razão.

— Como entregar a Divinicus ao Conselho Superior?

— Eu não vou entregar você. — Tristan massageava seu rosto. — Quem mais sabe? Pensei que tinha destruído toda a filmagem.

— Filmagem?! — Meu grito ecoou pelas paredes da sala de aula agora deserta. — Você me gravou fazendo coisas de Divinicus?

— Shh! — Tristan olhou por cima do ombro. — Não exatamente. Eu só vi o suficiente do nosso vídeo de vigilância com você ao redor da cidade lutando com demônios, e juntando com todo o resto, eu descobri. Aliás, você deixa os demônios chegarem muito perto. Já que temos um traidor, você estaria muito mais segura sob a proteção do Mandatum. Tendo seu próprio guarda Sicarius, segurança toda hora, comendo lagosta, estando segura.

— E longe da minha família — eu bati.

— O Mandatum iria protegê-los também. — Disse Tristan. — Provavelmente. Eles são, basicamente, realeza junto com você.

— Prisioneiros *reais*. — Eu esfreguei minhas têmporas contra a dor que ameaçava.

— Mas...

— Eu vou te ferir!

— Você nem sabe o que isso significa!



— Mas eu sei. — disse a Sra. LTMTC enquanto caminhava de volta para a sala. — E isso nunca é bonito.

Tristan estava sem palavras, mas eu entendi.

— Eros. — eu disse olhando para os olhos brilhantes da professora. — Pare de fazer isso com as pessoas. Não pode ser bom para eles.

Ele, Eros, no corpo da professora, deu um sorriso cansado. — Neste caso, eu pensei ser necessário para ajudar. Eu a fiz enviar a classe para a biblioteca para estudar, em vez de causar uma comoção quando tentaram ir para a próxima aula cedo demais.

— Oh — Tristan disse, ainda um pouco de olhos arregalados e muito cuidadoso. — Não pensei nisso.

— Claro. — Eros assentiu. — Devo cumprimentá-lo sobre a extensão impressionante de seus poderes. Você capturou as mentes de toda a sala em um momento de estresse e quase sem pensar. Não é de surpreender que, como uma criança destreinada, você teve um efeito tão devastador sobre seus pais.

Houve um momento de silêncio, então os olhos de Tristan brilharam com um roxo brilhante e ele gritou — Não fale sobre meus pais, seu filho da ...!

A professora curvou imediatamente, embalando a cabeça, gemendo.

Eu agarrei o braço de Tristan, que, como todo o seu corpo, estava tremendo. — Tristan, pare. Você está machucando ela, não Eros.

Tristan piscou. Focou. Ele virou para mim. Seus olhos ainda tinham o suficiente de um fraco brilho e minha cabeça sentiu uma pontada afiada e dolorosa, e eu estremeci. Ele parecia aterrorizado, agarrando meus ombros quando a luz em seus olhos morreu imediatamente. — Eu sinto muito. Eu não queria. Por favor.

— Estou bem — eu assegurei a ele, a dor passou, então eu olhei para Eros, ou... para a professora — Deus, isso era confuso — Existe um motivo para esta visita além de causar problemas?

— Desculpas. — Eros falou com o que parecia intensa sinceridade. — Eu não quis ofender. Eu não me ofendi. Você está certo sobre minha linhagem materna. É sobre suas obras sobre as quais eu estou aqui para



te avisar. Afrodite está quase terminando de reunir seus reforços para o cerco em cima de Gossamer Falls. Ela chegará em dois dias.

Os olhos da professora ficaram normais de novo e ela piscou, confusa, firmando-se na mesa com uma mão.

— O que aconteceu? Está tudo bem? — Perguntou ela.

Eu chamei a atenção de Tristan e disse o que ambos estávamos pensando.

— Nem perto.



CAPÍTULO OITENTA E SEIS

Matthias enviou uma mensagem de que me encontraria na casa dele. Então, depois da escola, mais do que um pouco nervosa, eu comecei a dirigir para uma tarde divertida com um Menino Maldito que me odiava e o padrinho sanguinário odiado dele com um desejo de morte que planejava usar balas verdadeiras para alavancar meu jeito de lutar em menos de dois dias, quando uma deusa demônio planejava desencadear um exército de demônios. Ou tentar me matar. Quem não estaria feliz?

Eu virei na última das muitas curvas para a remota localização de Matthias no topo da alta montanha e na chegada eu tive certeza que eu tinha feito uma curva errada em algum lugar porque...

Eu esperava que a casa de Matthias estivesse cheia de teias de aranha, gotejando com ossos de suas vítimas, e totalmente assustadora. Provavelmente porque imaginei que coincidiria com seu temperamento moroso, patológico, taciturno e francamente desagradável.

Eu estava errada.

Cercada por flores silvestres e árvores de fruto, a cabana de madeira de dois andares era compacta, limpa e absolutamente singular. Era de um tom manchado de louro-claro com janelas cobertas com venezianas verdes e tinha uma varanda coberta em volta de todo o primeiro andar, que ostentava peças de mobiliário exterior coloridas e almofadadas com estampas florais brilhantes. Havia alimentadores de pássaros pendurados nos beirais onde as pequenas criaturas aladas voavam, incluindo um colibri solitário que bebia o líquido vermelho de uma flor de plástico gigante, luz solar cintilando de um caleidoscópio de penas iridescente. Da chaminé de pedra, fumaça saia, deixando um rastro preguiçoso no céu.

Eu estava errada, porque eu tinha esquecido um aspecto muito importante da vida do Australiano. O homem que estava em pé na varanda. Mesmo que ele não devesse estar aqui.



Era fácil apreciar o exterior lindo de quarenta e poucos anos do Xerife Payne. Ele tinha ombros largos, queixo quadrado, olhos castanhos e um sorriso de milhões de dólares. Honestamente, as damas da cidade praticamente se alinhavam para confessar crimes para que pudessem ser interrogadas pelo Xerife Bonitão e ter uma chance de serem revistadas.

Mas enquanto o sorriso poderia iluminar um quarto - e a libido da população feminina – ele convivia apenas com as famílias dos Meninos Malditos. E a aliança de ouro que ele usava mantinha supostas pretendentes longe.

Ele comandava um navio de aplicação da lei de forma séria, parecia ter um sexto sentido e, consequentemente, os poucos crimes que ocorriam em Gossamer Falls eram rapidamente resolvidos e encerrados.

Segurei o volante da Maserati, instinto gritando para dar meia-volta e sair fora daqui. Os rapazes deixaram claro que eu não deveria falar com ele. Mas era tarde demais para uma grande fuga, porque ao me ver, ele desceu os degraus, entregando aquele sorriso de alta tensão, deu um tapa no capô do carro, e fez sinal para que eu estacionasse ao lado da sua SUV. Minha porta se abriu antes que eu terminasse.

— Bem, este dia acabou de ficar mais lindo!

E esse sotaque australiano pesado só adicionava ao seu charme. Como ele poderia ser perigoso?

Eu sorri e acenei, o que na linguagem do Xerife Australiano deve ter significado me puxar para um abraço esmagador. Em seguida, ele me segurou no comprimento do braço, o olhar sinistro de repente.

— Eu sei porque você está aqui. — disse ele gravemente. — E eu tenho que dizer, este é um crime grave.

Merda, ele já estava em cima de mim. Eu ia sim embora. Para a cadeia. Uma masmorra pequena e escura. Me preparei para correr dele.

Seu rosto se iluminou. — Uma ofensa grave que você não veio mais cedo! — Ele apertou meus braços. — Olhe para você. Cor em suas bochechas, faísca em seu olho. Isso é para um certo jovem?

— Uh...

— Você está aqui para ver Matthias, certo?



— Sim, mas...

— Eu sabia! — Ele deu um passo para trás e sacudiu um dedo sabido. — Eu sabia que estava acontecendo algo sobre garotas. Eu sou o xerife, afinal de contas. Mas onde estão minhas maneiras? Entre, entre. — Ele me levou até a varanda, balbuciando enquanto me levava até a casa.

Olhei ansiosamente por cima do ombro, procurando uma maneira de sair sem levantar bandeiras vermelhas. Se os caras apenas tivessem me dito *por que* eu deveria ficar longe. Idiotas.

— Eu estou sem prática. — Xerife Payne riu e apertou meu cotovelo. — Nós raramente recebemos visitantes. Em parte culpa minha. É difícil ser social e ser xerife. Nunca se sabe quem você pode ter que prender, certo? Matthias deve estar em casa em breve. Posso oferecer um pouco de chá? Não, eu aposto que você é uma garota de limonada. Eu faço sozinho. Com limões da nossa própria árvore. Sente. Vou pegar um copo.

Por enquanto, tudo bem. Ele estava tão falador, eu sequer precisei falar.

Ele puxou uma cadeira na mesa de pinho na cozinha que se abria a partir da sala e oferecia uma vista deslumbrante do vale e do lago cintilante abaixo. A casa estava cheia de mantas e flanelas, móveis de couro e apelo geral masculino, embora arrumado e limpo, com alguns toques femininos como almofadas florais e cortinas de renda. As paredes estavam cobertas de prateleiras, todas recheadas até a borda com livros. O fogo na lareira de pedra repelia o frio da noite chegando.

Como poderia o irritado Australiano ficar tão bravo cercado por isso?

Um borrão babão de presas e garras voaram para fora do nada e me atacou. Eu gritei.

— Sadie, fora! — Ao comando do xerife, o demônio se sentou.

Eu ainda podia ver suas presas.

E língua.

Porque ele estava sorrindo. Rabo abanando um tum-tum sólido contra a parede, e reconhecidamente, o olhar era amigável.

— Você tem um pastor alemão?



Xerife Payne acariciou atrás das orelhas do cão. — Pastor-belga Malinois. Ela é francesa. Oo-la-la. Um cão de polícia aposentado, mas — ele tocou a ponta do seu nariz. — seu focinho ainda funciona como um campeão. Não é mesmo, linda? — Ele arrepiou sua pele. — Não gosta de cães?

— Eu tenho um gato.

— Oh. Não se preocupe, ela vai descobrir isso.

Sadie deitou-se, deixando cair o queixo nas patas, olhos castanhos suaves seguindo cada movimento meu. Cada vez que eu olhava em sua direção, a cauda espessa varria o chão, mas ela ficou onde estava.

O xerife colocou meu copo de limonada na mesa, em um porta copos. Ele sentou perto de mim enquanto eu tomava um gole. Definitivamente caseiro e delicioso.

Ele sorriu. — Então, a quanto tempo você e Matthias estão saindo?

A limonada vomitou saindo pela minha boca. E pelo nariz.

Não tão gostoso.

— Whoa! — Xerife Payne recuou, em seguida, levantou-se para pegar guardanapos. — Desculpa. Não quis te assustar. Estou tão acostumado a interrogar, que tendo a ir direto ao ponto.

A cabeça de Sadie tinha subido na comoção, mas caiu de volta. Cauda varrendo com vigor.

Limpei a garganta e bati no meu queixo seco. — Você não me assusta. É só que... Eu sinto muito. — Isso foi um pouco estranho. — Matthias e eu não estamos namorando.

— Oh. — Ele se sentou de volta, o rosto pensativo, sombreado com a decepção. — Eu tinha certeza que ele tinha alguém. Mas... você tem certeza?

Eu bufei, então fiz o meu melhor para cobrir com uma tosse estrangulada. — Muita certeza.

— Tanto para minhas habilidades de detetive. — Ele tamborilou com os dedos sobre a mesa.

— Não que ele não seja realmente bonito. — Eu me sentia mal agora e queria fazer as pazes com ele. Como eu poderia falar bem de seu filho?



— Ele é completamente observador. — O xerife tinha um olhar distante. — Parecido com a mãe.

— E ele é tão encantador.

Quem disse isso? Eu? Oh, cara. Fale sobre forçar a barra. Mas a referência à sua esposa deixou o xerife parecendo muito melancólico.

— Quero dizer, ele é tão galante e suave. — Agora eu não conseguia calar a boca. — Todas as meninas na escola estão morrendo de vontade de sair com ele. — Isso tinha alguma verdade. — Ele provavelmente só está tentando decidir, sabe, qual das muitas garotas levar a um encontro. — Isso não era.

Olhei para cima do meu guardanapo. Xerife Payne estava me dando um olhar estranho.

— Você acha que Matthias é encantador?

— Claro! — Eu falei com entusiasmo para cobrir a mentira. Matthias estava me devendo muito. — E generoso e... Deus, eu poderia continuar e continuar. Um raio de sol no dia de todos. — Pelo menos Selena provavelmente pensava assim. O xerife ainda parecia estranho, então eu perguntei: — Algo errado?

— Nem um pouco. — Ele balançou a cabeça, mas sua expressão se transformou. O olhar distante e melancólico desapareceu quando ele se concentrou em mim. De repente, me senti como uma espécie recém-descoberta que estava sendo estudada pelo cientista louco.

E sabia que eu tinha cometido algum tipo de erro terrível.

Eu me contorci, começando a me levantar. — Talvez eu deva ir.

— Não, por favor. — O xerife pôs a mão no meu pulso. O toque era leve, então por que pareceu tão pesado? Me sentei de novo. Seu sorriso brilhante estava de volta. — Matthias deve chegar a qualquer minuto. Por que você disse que queria vê-lo? — Ele se recostou na cadeira, braços cruzados, olhos avaliadores.

Ok, eu definitivamente me sentia como se tivesse acabado de entrar em areia movediça.

— Eu não disse. — Eu brincava com meu guardanapo. Bebia limonada.



Ele manteve o silêncio, sua expressão genial, mas tanto ele quanto Sadie me observavam de perto.

Provavelmente alguma técnica de interrogatório. Fique tranquilo, então o criminoso - que seria eu - derramava suas entranhas. O silêncio era um grande abismo aberto que eu tinha um enorme desejo de preencher. Eu fechei minha boca e olhei em volta procurando distração.

— Oh, olhe. — Eu pulei para os meus pés e agarrei uma foto de um desses armários antigos de biblioteca. Aqueles com muitas mini gavetas que continham cartões de índice. — É Matthias? Ele parece tão jovem. E quem é... — Agora, olhando para as outras fotos, eu não sabia o que dizer.

Um Matthias de oito ou nove anos de idade, com cabelo despenteado pelo vento, estava entre um jovem xerife Payne e uma mulher de cabelos escuros. Quem sabia que o sombrio e rabugento Matthias podia parecer tão tonto e despreocupado com um sorriso brilhante, que rivalizava com o do pai com as covinhas em pleno vigor.

A mulher tinha os olhos de Matthias, de um azul tão pálido que puxava para o cinza. Ela usava óculos antiquados de aro de chifre em um rosto bonito cheio de ângulos suaves, e seu cabelo ondulado estava puxado em um rabo de cavalo curto.

Sobre os ombros de Matthias se empoleirava uma jovem, com talvez cinco anos, cujos braços estavam envolvidos em volta do pescoço dos dois adultos. Ela tinha sido apanhada no meio da risada, e apertava os olhos quase fechados, a boca aberta em um sorriso de orelha a orelha. Ela tinha o rosto redondo da mulher, mas seu cabelo era castanho reto e cheio como o do xerife.

Ele se aproximou e ficou ao meu lado.

— Essa é Tilly, minha esposa, a mãe de Matthias, e Bindi, sua irmã. Estávamos no parque perto de nossa antiga casa em Sidney Harbor. — Ele apontou. — Ali fica a Harbour Bridge e a Sydney Opera House.

Meus dedos se arrastaram sobre o vidro. — Que bela família. — eu disse suavemente. — E tão feliz.

— Obrigado. — ele concordou. — Sim, foi devastador quando as perdemos.



Meu estômago se agitou como se estivesse caindo pedaços de gelo. — Desculpe. Eu não queria... — lembrá-lo do momento mais horrível de sua vida? Boa, Aurora.

— Não se preocupe. Há muitos bons momentos para se lembrar. — Com um toque delicado, o xerife colocou a foto no gabinete e deu um sorriso amargo. — Matthias nem sempre foi assim... sombrio. Ele era um menino doce. Sempre rindo. Fazendo piadas.

Sim, isso não combinava. Mas uma coisa era certa. Este menino adorável e feliz não matou sua família.

— Adorava a mãe e irmã — o xerife continuou. — Fico feliz que ele passa o tempo com Selena. Bindi não era muito mais velha do que ela quando... coisas aconteceram, por isso é bom para ele.

— Selena adora seu BFF Matty. — sorri. — Quando ele está com ela ele é como uma pessoa diferente. Todo doçura e luz. Dificilmente reconhecível.

— Eu achei que você disse que ele era encantador?

Desviei o olhar de seu sorriso irônico. — Oh, ele é, uh, dolorosamente encantador.

— Boa — Xerife Payne riu, sua testa franzindo. — Selena o chama de Matty? Inacreditável.

— Isso é ruim?

— Não. — ele disse rapidamente, mas aquele olhar melancólico estava de volta. — É só que... é como o chamávamos. Mas quando sua mãe e Bindi foram embora, ele insistiu em Matthias. O fato de que ele permite que você...

— Ah não. Apenas o resto da minha família recebe esse privilégio. Se eu fizer isso, ele vai querer minha cabeça. — Eu sorri. — Da maneira mais encantadora possível, é claro.

— Claro. — ele sorriu de volta. — Mas de qualquer forma, é um bom sinal. Então, sinta-se em casa. Vou estar ali fora. Você pode esperar no quarto dele. No andar de cima, segunda porta à direita. Avise se precisar de alguma coisa.



Ele me puxou para um abraço e saiu. Sadie seguiu atrás me acariciando com seu nariz frio, molhando minha mão e, em seguida, correu atrás dele.

Olhei em volta. — Ok, isso foi um pouco... incomum. — Eu deixei escapar um longo suspiro e mexi os ombros para aliviar a tensão. — Mas você fez bem, Aurora. O que quer que seja que os preocupavam, não foi um problema. Está tudo bem.

Eu me dei um tapinha mental por trás e notei a escada.

Matthias não gostaria que eu entrasse neste quarto. Não, romper seu santuário privado seria considerado totalmente fora dos limites. Ele ia enlouquecer.

Eu olhei para a esquerda. E à direita. Em seguida, fugi pelas escadas de dois em dois degraus, corri pelo corredor, e deslizei sobre sua porta aberta.

Foi quando as coisas ficaram totalmente estranhas.



CAPÍTULO OITENTA E SETE

Eu entrei devagar, hesitante, mas nenhuma armadilha para Aurora me espetou quando cruzei o limiar. As coisas não começaram estranhas. Apenas surpreendentes.

Tábuas de madeira polida cobriam as paredes e piso, com tapetes colocados aqui e ali. O teto ficava em um ângulo inclinado e tinha uma grande claraboia. Obras de artes - pareciam paisagens inglesas de todas as coisas - pairavam ao redor do quarto, exceto quando estantes embutidas cobriam uma parede, as estantes mantinham livros alinhados em fileiras e algumas fotografias emolduradas. Em frente havia uma janela saliente com um assento e uma cama mahogany, e mesas no final em ambos os lados mantendo ricas lâmpadas vitrais da Tiffany combinando. Havia um velho baú ao pé da cama, e não muito longe da porta aberta de um closet havia um grande armário.

Construída no canto distante estava uma pitoresca lareira de pedra com uma cadeira de balanço de couro na frente e uma luminária Tiffany de pé ao lado. Era um ótimo lugar para leitura, evidenciado pelo livro e caneca de café deixados na lareira.

O quarto era limpo, sem uma meia suja à vista - o oposto da catástrofe do quarto de Lucian - assim como quente, aconchegante, e convidativo - tão diferente da desastrosa personalidade de Matthias.

A cama foi feita para especificações militares, nítidas e suaves. Eu corri minha mão sobre a colcha que cheirava a recém-lavada e foi claramente feita à mão por alguém com grande habilidade. O tecido macio estava desgastado em vários lugares onde a mão cuidadosa tinha costurado e remendado reparos, alguns antigas, outros novos, mas tudo feito com precisão meticulosa.

O designer do edredom era um impressionante mural elaborado que descrevia três distintas paisagens australianas. Sertão, floresta tropical, e a cintilante linha costeira artisticamente misturavam-se de uma para a



outra, com detalhes intricados de flora e fauna tão habilmente integrados, que era uma delícia descobrir algo novo quanto mais perto você olhasse. A borda era delimitada com peças emolduradas, cada uma representando um animal nativo. O coala de costume, canguru, crocodilo, ornitorrinco, juntamente com aranhas assustadoras, cobras e lagartos, bem como animais do oceano, pássaros coloridos, e várias criaturas que eu não pude identificar.

Eu me movo para o final da cama e abro o baú. Um perfume floral agradável sobe. Mais colchas em um caleidoscópio de cores estavam cuidadosamente dobradas. Em cima delas estava uma caixa de costura bem abastecida forrada de veludo juntamente com vários livros com capas brancas.

Abri um dos volumes e encontrei páginas preenchidas com caligrafia. Cada entrada começava com “Querida mamãe” e terminava com “Eu sinto sua falta. Amor, Matty. ”

— Oh, caramba. — Eu fechei o livro.

Uau. Diários. Os pensamentos e emoções mais profundas de Matthias.

Eu poderia finalmente ter alguma séria vantagem - hum, quer dizer, finalmente, compreender suas inatas complexidades. Muito tentador.

Eu abri o volume que eu segurava, em seguida, fechei e verifiquei um pouco mais.

Não, eu não ia lê-los. Tanto quanto eu o odiava, isso seria muito errado. Eu tenho alguns escrúpulos - sim, eu sei, surpreendeu até mim mesma - mas eu queria confirmar uma teoria, e eu confirmei.

Matthias tinha começado estes diários após sua mãe morrer. Era uma prestação de contas de suas experiências diárias desde que a perdeu, como se ele estivesse entrando na escola e quisesse mantê-la atualizada sobre sua vida.

Eu recoloquei os diários com cuidado, fechei o baú, e caí na cadeira de balanço de couro, ruminando nas profundezas insondáveis Daquele Antipático.



Eu balançava para frente e para trás no assento confortável. Em cada um dos braços de madeira curvas, iniciais foram riscadas com uma mão infantil. Meus dedos traçaram sobre o M.P. à esquerda e, com um sentimento de profunda tristeza, sobre B.P. à direita.

Ugh. Isto estava começando a ficar demais.

Procurando por uma distração, eu peguei a caneca da lareira e cheirei. Chá, não café. O livro parecia velho. Eu o peguei, li o título, e ri.

— Sim, certo — eu disse a ninguém.

Abri o livro. E parei de balançar. Meu queixo caiu, mas eu a fechei, com medo de babar sobre esta pedra preciosa em minhas mãos enquanto eu delicadamente virava as páginas para confirmar que...

Santa mãe da literatura de romance.

Era Jane Austen. *Orgulho e Preconceito*. Publicado em 1813. Uma *primeira* edição.

— De jeito nenhum. — Eu fechei com força. Então me encolhi. — Desculpe. — Eu acariciei a capa com reverência antes de colocá-lo de volta sobre a lareira.

Meus olhos percorriam o espaço e se estabeleceram nas estantes. Eu me levantei e atravessei o quarto tão rápido que a cadeira balançou forte para frente, pegou um pouco de ar, e balançou de volta. Com crescente descrença e confusão, meu olhar passou por cima dos títulos nas prateleiras. Eu empurrei para o lado algumas fotos emolduradas de um jovem Matthias e sua família e peguei alguns livros para confirmar que...

Filho da mãe.

Eu bati minha bunda em uma prateleira mais baixa e inclinei a cabeça para trás, tentando dar sentido a essa revelação. A obra de arte na parede ao lado da janela chamou minha atenção. Eu me movi para olhar de perto. Extravagantes jardins ingleses cercavam uma grande mansão, mas não era uma foto ou pintura, era um quadro, coberto de vidro, com a tapeçaria habilmente trabalhada.

Eu chequei o resto das “obras de arte” e com certeza, todas tapeçarias. A maioria eram grandes telas de majestosas mansões britânicas que de alguma forma pareciam vagamente familiares, mas também havia



algumas obras muito pequenas de Coala feito a nível de iniciante, um talento infantil.

Ouvi gritos do lado de fora e corri para a janela. Muito absorta na minha espionagem, que eu não escutei Matthias chegar. Na frente, ele discutia com o pai. Mãos voavam em todas as direções.

— Por que eu não deveria convidá-la para entrar? — Xerife Payne soou exasperado. — Reece está constantemente resmungando sobre os meninos sempre estarem no rancho.

Reece? Oh, o tio gigante que, junto com Blake, gerenciava o rancho dos caras. Os Garotos Malditos não foram legais em me deixar falar com ele também.

— Eu não vou para o rancho. — Matthias puxou o cabelo para trás. — Ele deveria dizer a eles para irem embora, se não gosta.

— Claro que ele gosta. Ele gostaria ainda mais se você estivesse lá também. E eu gostaria que todos vocês estejam aqui algum dia. Mas eles nunca vêm aqui. Então, quando temos um convidado. Uma menina. Uma menina agradável com quem você está saindo...

— Nós não estamos saindo.

— Eu sei que vocês não são românticos, mas vocês têm saído. E apesar do que Bancroft pensa, eu acho que é ótimo. Contanto que você tenha cuidado.

— Como você sabe que não somos... românticos? — Matthias fez a última palavra soar como um vírus comedor de carne.

— Ela me contou. Que é outra coisa...

— *Contou*? Você a interrogou? E perguntou sobre nós sermos *românticos*?

Sim, vírus comedor de carne de novo.

— Sim, Matthias. Amarrei-a em uma cadeira no porão, enfiei uma lâmpada em seu rosto, e a torturei até que ela falasse. Meu Deus, me dê um pouco de crédito.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Foi uma conversa amigável.

— Você não tem conversas amigáveis.



— Talvez eu teria se você já tivesse amigos para ter conversas amigáveis. Ela disse que tem um monte de meninas na escola que gostam de você. Não há nenhuma regra que diz que você não pode namorar.

— Você está brincando comigo? — A voz do Australiano atingiu um novo tom. — Não há nenhuma menina.

— Isso me pareceu duvidoso. O que me lembra...

— É sobre aquela maldita história no jornal? Ela vai pagar por isso, confie em mim. Onde ela está agora?

— Em seu quarto, mas antes de você...

— O quê! — Seu tom poderia quebrar o vidro.

Matthias virou-se para olhar para a janela de seu quarto. Eu pulei para trás e bati contra a estante. Será que ele me viu? Eu não olhei, mas ouvi pés correndo. Um livro despencou em cima do meu ombro. Eu me arrastei para pegá-lo.

— Matthias, eu preciso falar com você sobre algo! — Seu pai gritou. — Maldição!

Passos soaram subindo as escadas. Eu tinha acabado de empurrar o livro caído no lugar quando o Australiano encheu a porta. Seus olhos frenéticos varreram o quarto quando ele sacudiu para trás as ondas de cabelo que caíam sobre a sua testa.

— O que você tocou?

— Você vai pulverizar tudo atrás de piolhos?

Seus olhos pálidos se estreitaram. — Talvez.

— Então eu toquei em tudo.

— Muito engraçado. — Sob seu tom seco estava um fio subjacente de pânico conforme seus olhos continuavam correndo para o baú, em seguida, para as estantes de livros. — Você chegou cedo.

— Não, você está atrasado.

— Você deveria ter esperado por mim lá fora. E nunca, nunca fale com meu pai. Eu lhe disse para ficar longe dele.

— O Sr. Hospitalidade não aceitava um 'não' como resposta. Você disse que ele deveria estar fora.



— Ele estava. Ele está agindo de forma estranha. — Matthias estava inquieto. — Acho que ele sabe de alguma coisa. O que você disse a ele?

— Nada. Mas você pode me dizer algo. — Eu dei um passo mais perto da estante e passei a mão ao longo da borda. Ele ficou tenso. — Sobre a sua... eclética, digamos, escolha de material de leitura. — Eu bati um dedo no meu queixo. — Eu tipo entenderia os épicos gregos, Shakespeare, Edgar Allan Poe - com certeza - e até mesmo Mark Twain, mas...

— Samuel Langhorne Clemens.

— Quem?

— Esquece.

Eu sabia que havia um insulto em algum lugar ali, só não tinha certeza onde, então eu ignorei.

— De qualquer forma, o que me deixa completamente perplexa é a biblioteca completa de literatura romântica clássica. — Eu esperava que meu sorriso tivesse uma vibração de gato Cheshire. — Há Jane Austen e as irmãs Bronte só para citar alguns. As primeiras edições de *Orgulho e Preconceito*, *Jane Eyre* e *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Ele suspirou e se apoiou contra a batente da porta. — Seu propósito?

— Meu propósito? Vamos lá. Você tem que admitir que estes são alguns títulos estranhos para qualquer cara, mas você? Qual é a história? — Eu ri. — Entendeu? História. Porque...

— Não é da sua conta — ele retrucou.

Eu serpenteei ao redor do quarto, apontando para as paredes. — E estes bordados?

Assim que me movi, Matthias quase correu até a estante, imediatamente prestando atenção sobre o livro que eu tinha derrubado. Ele resmungou algo em voz baixa, e pegando o volume antigo de onde eu o tinha recolocado, ele o colocou em outro lugar. Seu devido lugar, eu acho. Então ele pegou as fotos que eu tinha movido para o lado e as recolocou em suas posições originais.

— Qual é, Matthias — eu disse com uma risada perversa. — Eu peguei você agora. Despeje os seus segredos.



Eu estava quase esfregando as mãos de contentamento pensando como eu poderia usar esse conhecimento contra ele quando seus ombros caíram. Sua mão passou violentamente pelos cabelos. Quando ele finalmente me encarou, sua expressão era tão desesperada e derrotada que eu quase senti pena dele.

— Os meninos não sabem. Aurora, por favor, não diga a eles. *Por favor*. Eles nunca iriam entender. Eu estou te implorando. — Ele baixou o rosto em suas mãos.

— Hum. — Oh, caramba, seus ombros estavam tremendo? Caramba. — Ummm. Tudo bem. Sim, com certeza. — Devo dar tapinhas em suas costas ou algo assim? Não. Ele pode morder. E eu não tinha certeza de que ele estava com a vacina em dia.

Sua cabeça levantou, com o rosto vermelho. Ele piscou um olhar duro, parte suspeita, parte medo, parte esperança. — Você está brincando comigo? Você vai contar a eles, não é? — Ele gemeu. — Com certeza você vai! Agora todo mundo pode rir do triste, solitário e patético idiota.

— Não, eu prometo. — Guardar os segredos do Australiano? Isso era novo. — Eu não vou contar.

Sua expressão se transformou em alívio. — Obrigado. Eu vou contar em algum momento. Apenas... não ainda. — Ele se ergueu, voltando ao normal novamente. — Além disso, temos muito a fazer. Jenny está pronto para verificar seus poderes. E não se preocupe. A maioria das pessoas consegue sobreviver ao treinamento dele.

— *A maioria* das pessoas?

— Sim. Vamos.



CAPÍTULO OITENTA E OITO

Matthias se vestiu no closet, trocando a camiseta, jeans, jaqueta e botas por moletons e tênis. — Eu acho que Jenny estava brincando sobre as balas.

Oh, isso deixava tudo bem.

Ele olhou para cima de onde estava amarrando os tênis, seu olhar presunçoso. — Vai amarelar?

— É claro que não.

Sim, por favor. Onde está o formulário oficial de Amarelona?

— É só que eu tenho que estar em casa para o jantar ou a minha mãe estará com toda essa coisa da Interpol acontecendo.

Ele se levantou e deu uma tapa minhas costas. — Não esquenta, parceira. Você tem minha palavra. Jantar. Na hora. Vamos começar.

O segui para o andar de baixo. Indo para a minha condenação?

— Pai! Aurora e eu vamos sair.

O Xerife Gostoso saiu da cozinha, um pano de prato jogado por cima de seu ombro. — Tipo em um encontro?

Eu ri. Matthias se encolheu.

— Não, pai. Tipo em um treino. E você quer saber por que eu não digo nada a você.

— Venha novamente, Aurora. Eu faço torta de limão.

— Sim, sim. — Matthias agarrou meu cotovelo e me guiou para fora da porta. — Na verdade, é delicioso. Eu não quero dividir com você.

— Tchau, pessoal. Divirtam-se. — O xerife acenou. — Amo você, Matty.

— Eu amo você tam... — Matthias congelou. E empalideceu.

Ele se virou para dizer algo a seu pai, mas o xerife tinha sabiamente deslizado de volta para a cozinha fora da vista. O que me deixou como a exclusiva destinatária do brilho dos olhos apertados do “Matty”. — Um sorriso assustador deslizou em sua boca, sua voz fria ameaçou.

— Vamos nos divertir um pouco.



CAPÍTULO OITENTA E NOVE

— Eu não estou me divertindo!

A trilha em ziguezague era quase vertical, considerada uma das caminhadas mais difíceis na montanha.

— Mas você está acompanhando. Pelo menos seu treinamento tem feito algum bem.

Eu estava orgulhosa de mim mesma por me manter no ritmo de Matthias. Com poucos sibilos. Mas não foi uma casualidade. Os meninos me levaram para cá várias vezes.

Matthias parou tão rápido que eu bati em suas costas. Ele bateu uma mão sobre a minha boca, e nós nos abaixamos para ficar fora de vista e fora do caminho. — Quieta. — ele sussurrou, em seguida, pegou um galho quebrado e deslizou sobre o chão.

Ouvi vozes, de homem e mulher vindo em torno de uma curva fechada da trilha. A diferença de tamanho era cômica. Reece, o tio de Blake, poderia ser confundido com um urso pardo, e a mãe de Logan, uma pequena instrutora de dança que mal alcançava um metro e meio usando saltos.

— Então, você perdeu o rastro. Grande coisa. — A mãe de Logan deu um tapinha no cotovelo de Reece, porque isso era o mais alto que ela podia alcançar. — Talvez fosse apenas alguns andarilhos aleatórios que não sabiam que não deveriam estar passando por sua propriedade. Talvez verificando as fontes termais. Provavelmente já foram embora. Que pena. Eu estava no clima para um estrondo. A aposentadoria pode ser muito chata.

— Um andarilho aleatório não poderia me despistar — Reece disse com indignação. — Não, isso era um caçador. Um bom. Vou alertar os outros e reiniciar o rastreamento amanhã. — Depois que eles passaram por nós, ele apontou para o chão. — Olha, Matthias e aquela menina Lahey estiveram aqui recentemente. Eles estão namorando agora?

Matthias abafou um barulho de dor.



— Ela deveria estar namorando Ayden. Bancroft não está feliz. Você sabe que ele está reclamando. Pessoalmente, eu acho que foi bom para os meninos. Logan saiu um pouco de sua concha.

— Eu concordo — Reece disse. — Uma pausa do Mandatum e da caça é saudável. Embora haja uma teoria...

As vozes desapareceram.

— Eles devem estar seguindo Jenny. — Matthias se dirigiu para a trilha e eu segui.

— Devemos avisá-lo?

— Ele já sabe.

Nós aceleramos o ritmo e depois de mais uma dúzia de ziguezagues, alcançamos o topo. Paramos em um prado pequeno, cercado por árvores altas, com um penhasco de um lado, uma queda de parar o coração em um desfiladeiro rochoso de corredeiras furiosas. Ele andou perto para espreitar por cima da borda. Meus joelhos formigavam, de repente fracos. Altura não é para mim.

— Tenha cuidado. — Eu me inclinei, descansando as mãos sobre os joelhos. — Onde está Jenny? Como isso está ajudando a controlar minha habilidade?

— Aqui. — Matthias fez um gesto para que eu o acompanhasse. — Vou te mostrar.

— Não, obrigada.

— Quer ajuda ou não?

— Tudo bem. — Eu andei lentamente, usando os passos laterais de bebê. O suor escorrendo dos meus poros.

Matthias estendeu uma mão. Após um momento de hesitação, eu peguei.

Sua outra mão agarrou ao redor, me agarrou forte, e com um grande arremesso, ele me jogou do penhasco.



CAPÍTULO NOVENTA

Queda livre.

Braços e pernas flácidos. Nada me parava. Em segundos eu estaria morta. Assassinada pelo Australiano.

Antes de eu mergulhar alguns metros, a respiração abandonou meus pulmões. Minha garganta fechou. A água branca abaixo, as rochas pontiagudas que se projetavam com os dentes cravados como de um monstro voraz, todas correram em minha direção, e eu sequer tinha o luxo de gritar.

Eu confiei nele, e agora eu ia morrer.

Vento gelado chicoteou no meu rosto, mas dentro, calor cintilou. Pressão apertou meu corpo. Minhas mãos agarraram o nada, começaram a brilhar e luz disparou, batendo na água abaixo, explodindo no ar como um gêiser e quebrando a rocha. Mas tudo que eu consegui foi me molhar. Nada parou minha queda.

Peguei velocidade, cai mais para perto do rio, a pulverização das corredeiras formigando sobre minha pele escaldante. Muito gelada de medo até mesmo para fechar os olhos para o impacto, eu ainda debati os meus membros em uma tentativa inútil para parar o espatifar do meu corpo na pedra serrilhada cutucando através de correntes correndo no rio.

Minhas mãos brilharam quentes novamente. Talvez eu pudesse explodir meu caminho para a China?

Algo deslizou em volta da minha cintura. Apertado. Com um puxão violento na minha barriga, meu corpo estremeceu uma vez, e eu deslizei em um arco suave sobre as corredeiras furiosas, água fria pulverizou sobre o meu rosto enquanto eu navegava apenas polegadas acima das pedras irregulares do desfiladeiro.



Suspensa por uma corda preta, ela me balançou como o Tarzan para cima e para baixo e para o precipício de onde eu fui jogada em uma pilha tremendo em um pedaço estéril do solo rochoso. Eu provei terra.

Sibilos frenéticos e finalmente engasgos expandiram os meus pulmões. Minha visão clareou. Matthias estava a várias jardas de distância, perto do topo do penhasco, pés amplamente plantados, mantendo as outras extremidades das duas cordas ainda envolvidas em torno da minha cintura. As cordas que me pegaram no meio da queda, e me levaram para a segurança.

Mas não eram cordas. Eram chicotes sombra. E o Australiano parecia extremamente satisfeito consigo mesmo.

— Como você se atreve! — Eu me enfureci.

Tentei me levantar, mas não consegui. Minhas pernas estavam flácidas. Eu caí.

Os chicotes ainda apertavam em volta do meu tronco. Com um rugido feroz com os dentes cerrados, eu fiquei de joelhos e os agarrei com toda a força que eu pude reunir. Embaixo das minhas mãos brilhantes, os chicotes chiaram. Levantei-os acima da minha cabeça e os puxei para baixo com fúria, chicoteando as armas do Australiano em um piscar de olhos ondulantes de volta para ele. Senti calor e formigamento em meus ombros, meus braços, e então faíscas alimentando minhas mãos e para as linhas pretas.

Era como se eu tivesse acendido um fusível.

A luz branca estalou ao longo das linhas escuras que me prendiam a Matthias, devorando a escuridão em um ritmo raivoso. Quando chegou ao final, uma luz explodiu e choveu faíscas brancas e azuis quebrando o contato entre nós e catapultou Matthias para trás através do ar.

Eu gemi e rolei em torno, apertando minha barriga. O chicote tinha evitado a minha queda, mas parecia que minha barriga tinha sido espremida pelas mãos de um gigante, torcida até que minhas tripas queriam jorrar para fora. Cabelo e sujeira estavam presos ao meu rosto coberto de suor. E eu fedia. Mas, considerando a alternativa, eu estava em ótima forma.



Minha boca se abriu em um sorriso enlouquecido. — Tome isso, seu Australiano dingo[22].

Eu esperava que fosse um insulto. Eu esperava um comentário impiedoso mordaz do infeliz que quase me matou, mas só havia silêncio. Isso... não estava certo.

— Oh, não. — Eu me empurrei com as minhas mãos e joelhos. — Não, não, não, não. — Rastejar era o meu único meio de transporte, mas me levou para a forma inclinada e imóvel de Matthias.

Ele estava de bruços, então eu o rolei. O sacudi. Ele não se moveu.

— Não se atreva! — Lutando contra o pânico, eu coloquei meu ouvido no seu peito.

Ba-batida, ba-batida.

— Graças a Deus. — Me debrucei sobre seu rosto. Ele estava respirando?

— Tente me dar um boca-a-boca e eu vou vomitar.

Me sentei no chão e deixei o alívio tomar conta de mim.

— Você não seria o único. — Eu soltei uma respiração pesada. — Caramba! Você me assustou de verdade.

Ele sentou-se sobre os cotovelos, fazendo uma careta. — Desde quando você se importa?

— Você está brincando? — Eu bati em seu peito. — Ninguém jamais acreditaria que eu te matei por acidente. Seu pai me prenderia na cadeia mais rápido do que você poderia dizer “Shrimp on the barbie”[23]. — Minhas mãos bateram levemente sobre seu torso. — E ele ainda pode se você estiver ferido. Tem algum dano? Queimaduras?

— Saia! — Ele bateu minhas mãos para longe e checou a si mesmo. — Pareço bem. — Sua cabeça caiu para trás e ele falou em voz alta. — Eu disse que funcionaria.

— Você não me disse nada! — Meus punhos bateram nele. Faíscas voaram.

[22] O dingo (Canis lupus dingo) é uma subespécie de lobo, assim como o cão doméstico, originária da Ásia e que se encontra atualmente em estado selvagem na Austrália e sudeste asiático.

[23] "Shrimp on the barbie" é uma frase originada de uma série de anúncios televisivos estrelada por Paul Hogan para a Comissão de Turismo Australiano, de 1984 a 1990.



— Ow, isso pica! — Ele me empurrou.

Estudei minhas mãos. O poder estava desaparecendo, mas ainda brilhava. E me sentia... animada.

— Bem feito! — Eu briguei com ele. — Você tentou me matar!

— Se eu tivesse tentado, você estaria morta, e eu não teria que ouvi-la tagarelar. — Ele sentava conforme eu desabei. — Foi um bom reembolso pela coisa do jornal, mas a verdade é que eu só tinha que testar a minha teoria.

— Quase me matando?

— Sim.

Eu dei uma gargalhada. Depois parei, porque vi que ele não estava brincando.

— Fique longe de mim. — Eu deslizei de volta.

— Relaxe, rainha do drama. — Ele se limpou e sentou-se. — Eu só precisava que você achasse que ia morrer para que o seu poder entrasse em ação. De nada.

— Você é insano.

— Não, moça. — Jenny caminhou pela floresta. Como é que ele podia andar com o peso de todas aquelas armas estava além de mim. — Ele só queria que eu visse como você funciona. — Ele olhou para Matthias. — Parece que talvez você tenha exagerado um pouco, amigo.

O Australiano fez uma careta. — Nada que eu não possa lidar.

— E você não me disse que ela pode pegar seus chicotes.

— Sim, companheiro, não sabia disso até agora.

— Ela é cheia de surpresas.

Matthias deitou sobre suas costas. — Eu sempre odiei surpresas.

Eu dei a ambos olhares de reprovação. — Acho que vocês dois poderiam me dizer algo que eu não sei?

Jenny colocou o chapéu para trás da cabeça. — Com os caçadores, nossas habilidades estão ligadas a nossas emoções.

— Eu *sei*. — Puxa, que decepção esse especialista.

— Na sua essência — Jenny disse — seu poder está ligado à sua vontade. No seu caso, aparece quando você está com medo por sua vida.



Sua vontade de sobreviver. — Ele agachou-se ao meu lado e virou-se para Matthias. — Mas se o demônio que a protegeu na noite passada foi qualquer indicação, eu apostaria um bom dinheiro que isso vai ajudar se alguém com quem ela se preocupa estiver ameaçada também. Sua vontade de proteger os entes queridos.

— Viu! — Eu gritei para Matthias. — Você poderia ter demonstrado, sem me colocar em perigo mortal.

Matthias torceu os lábios em um sorriso louco. — Nem de perto tão divertido.

— Tanto faz. Então, como todo esse conhecimento deveria ajudar a controlar a coisa de explodir?

— Coisa de explodir? — Jenny disse.

Eu balancei a cabeça. — É um termo técnico.

— Entendo. Bem, moça, é por isso que eu estou aqui. E é hora de descobrir.

Jenny me puxou para os meus pés. Quando ele se virou e foi embora, ele arremessou uma faca, mais como um punhal, para o alto. Enquanto a lâmina brilhava rodando à luz do sol, ele encolheu os ombros e deixou o casaco cair para a grama. O arsenal amarrado ao seu corpo estava em plena vista. Ele estendeu uma palma vazia apenas a tempo da adaga cair nela.

Em um borrão, ele virou-se e atirou.

Em mim.

A faca disparou em alta velocidade. Minha adrenalina picou, mas qualquer medo me congelou a muito tempo, ou eu estava exausta demais para me mover, porque a minha reação vacilou, músculos desaceleraram. Eu comecei a mergulhar para a direita, mas sabia que minha resposta lenta tinha me custado. Eu não ganharia da lâmina.

Eu levantei meus braços para, pelo menos, desviar do tiro mortal entre os meus olhos.

Matthias chutou meus pés, e eu caí duro. — Jenny! — Ele gritou.

Sentei, respirando com dificuldade. — Pare de tentar me matar!



— Teria apenas cortado você. — Jenny estava imperturbado quando ele se aproximou, chutou a faca para ar e a pegou. — Vamos, menina, me mostre suas habilidades.

Ele se afastou, sacudindo a cabeça para que eu o seguisse.

Sim. Nada além de bons momentos se seguiriam.



CAPÍTULO NOVENTA E UM

Em pouco tempo, eu estava pingando sangue, suor e lágrimas.

Tudo bem, sem sangue. E as lágrimas? Até agora eu consegui segurá-las apesar da mega frustração. Mas eu estava definitivamente suada. Galões de suor. Não é o meu dia ideal, mas historicamente, eu estava em mais um tipo de pesadelo de garota de qualquer maneira.

Não era todo esse drama. Jenny continuava tentando me fazer evocar o poder de explodir. E eu falhava, produzindo nada além de um par de faíscas.

— Quer que eu jogue você do penhasco de novo? — Matthias ofereceu.

Que cara generoso.

No entanto, Jenny decidiu que eu precisava de alguma adrenalina para agir, então trabalhamos em combate corpo a corpo. Eu não estava completamente ruim. O mais divertido foi praticar várias técnicas de luta de espadas curtas com Jenny.

Mas quando eu cansei - disse a mim mesma que era o grave problema de falta de sono - eu rapidamente perdi pequenas coisas como velocidade, agilidade e função cognitiva em geral. E os ataques apenas continuavam vindo.

Jenny enfiou um cotovelo nas minhas costas. Eu caí no chão rochoso. E lá fiquei. Realmente não me importando com meu rosto manchado de suor e baba que escorria ao lado da minha boca. Exaustão reivindicava cada músculo. E qualquer parte de mim que não estava dormente era uma maré fluindo de dor.

— Levante-se. — Jenny cavou um dedo do pé da bota no meu quadril. — Nós ainda não terminamos.

— Eu já. — Minhas palavras arrastadas deslocaram um pouco da poeira do chão.



Jenny colocou o pé debaixo do meu estômago e me virou. Eu gemi. Então eu gemi de novo, porque o gemido doeu. E o ciclo vicioso de dor continuou.

Ele enfiou a ponta da espada na areia e se agachou com uma mão no cabo da lâmina. — A única desculpa para desistir é estar morta.

Eu rolei minha cabeça para o lado e cuspi areia. — Querer estar morta conta?

O sorriso de Jenny foi diabólico. — Diga-me você.

A espada de repente balançou em um arco gracioso em direção ao meu torso.

Eu gritei, rolei para fora do caminho, e uma vez em pé, atirei a espada curta que de alguma forma ainda estava na minha mão.

Jenny dobrou os joelhos e inclinou-se para trás em uma contorção estranha o suficiente para se qualificar como algum movimento de yoga avançado. A lâmina passou por ele sem causar danos.

— É assim que eu gosto. — Ele apontou sua espada para mim, sua boca se abriu em um sorriso largo. — Eu posso trabalhar com isso.

Eu caí de joelhos. Eu acho que tem algo a ver com o fato de eu já não poder sentir minhas pernas.

— Sem frouxidão, moça. A diversão está apenas começando.

— Mais uma vez, eu não estou me divertindo.

Mas eu levantei. Algo frio foi empurrado na minha mão. Pisquei. Focando. Um punhal.

Jenny bateu no meu ombro, quase me derrubando. — Em seguida, eu quero que você...

Eu não me importava. Sem olhar, eu girei meu braço e joguei a faca. Só para calá-lo.

Soou um som agudo.

Eu tive que apertar os olhos para ter certeza, mas maldição se a faca não havia enterrado sua ponta no tronco de uma árvore. Um sorriso torto pateta curvou meus lábios.

— Eu acertei.

— Você acertou. Agora vá novamente.



E uma vez que eu comecei, eu não tinha vontade de parar. Especialmente quando eu continuava acertando alvo atrás de alvo. Energia começou a se movimentar dentro de mim. De repente, eu não estava cansada.

Jenny produziu uma fonte infinita de coisas afiadas. Punhais, espadas curtas, foices, machados, facões, algo pontudo circular. Nós caminhamos através da floresta encontrando novos alvos. Jenny, ocasionalmente, fornecia uma mão reconfortante no meu ombro.

Minhas entranhas estavam quentes e vibrando. Eu estava tonta. Era como uma longa corrida, quando as endorfinas ultrapassaram a exaustão, e eu senti que eu poderia correr para sempre.

Jenny colocou a mão no meu ombro e jogou uma maçã para o alto. Quando eu estendi a mão para a minha próxima arma, nada foi colocado em minha mão. Mas a memória muscular manteve meu corpo em movimento, meu braço cambaleou para trás, e minha mão disparou em direção à maçã. Energia ondulou pelo meu braço.

Luz explodiu.

O mundo explodiu.



CAPÍTULO NOVENTA E DOIS

Não o mundo inteiro. Só o meu. E a maçã. Como uma granada de frutas frescas.

Deixei minha mão cair e me afastei da luz brilhante e pedaços pegajosos e molhados que borrifaram no meu rosto.

— Yeah! — Eu pulei para cima e para baixo. Soquei o ar. — Vocês viram isso? — Adrenalina bombeou. Eu me senti tão bem! Eu queria comemorar. Abraçar alguém, mas...

Jenny era terrível e provavelmente cheio de armadilhas. E Matthias era... bem, Matthias. Então, meu pulo de alegria diminuiu. Juntamente com a minha euforia. Yippee.

Jenny ergueu um ombro. — Trabalho decente, moça.

Matthias não pareceu nada impressionado. — Já era hora.

Uau. Equipe de apoio matadora.

Olhei para as minhas mãos. Elas brilhavam. E vibravam. Quentes. Vivas. Talvez eu não devesse ficar tão animada que eu fosse ficar nuclear. E se eu não conseguisse parar? Comecei a tremer e as coloquei sob minhas axilas.

— Tenha controle. — Matthias estava irritado. — Você foi brilhante quase agora. — Ele se virou para Jenny. — Ela tende a entrar em pânico. Em seguida engasgar.

Faíscas arrastaram-se, meus dedos apontaram para os pedaços de maçã explodidos. — Você é cego? Eu fui incrível!

— Fomos *nós*, a propósito. — Jenny tirou o chapéu com a minha expressão perplexa e olhou diretamente para mim. Seus olhos estavam brilhando de um amarelo profundo. — Eu toquei em seu poder. Aumentei. Eu precisava que você estivesse exausta para que você não notasse. Caso contrário, você poderia ter lutado comigo.

Um desconfortável nó torceu dentro da minha barriga. — Espere. Você mexeu com meu poder?



— Apenas lhe dei um impulso, moça. — Ele abriu os braços. — Eu posso aumentar ou diminuir. É o que eu faço. Meu encanto... especial, se você entender assim.

— Sua habilidade de caçador? Bem, não é encantadora. É... rude e... — Olhei para os seus olhos amarelos, com os arranhões em seu rosto, em seguida, me aproximei e senti o cheiro do uísque. Eu bati em seu braço. Não foi forte, mas ele se encolheu. — Foi *você.* Fora da minha casa. Você me atacou.

Matthias deu a Jenny um olhar duro. — Isso é verdade?

Jenny esfregou o braço onde eu o havia tocado, depois deu de ombros, indiferente. — Só fui observar a moça sobre a qual você me ligou. Vi ela brincando com um demônio. Ela me viu e me atacou com uma pá.

— Eu não... — vi *ele* até que ele *me* atacou, mas não havia nenhuma razão para que eles soubessem que eu não estava tão pronta para a batalha, como eles pensam que eu estava.

— Tomei ação ofensiva. — Ele tocou os arranhões em seu rosto. — Mais dano para mim do que para você, criança.

Quando ele me tocou naquela noite, eu tinha tido a visão de Jayden e Rose. Ótimo, ele podia tocar em meu poder visão de Divinicus também. Meu sentimento desconfortável estava se transformando em irritado.

Cruzei os braços. — Essa coisa de tocar o poder que você tem, não faça em mim novamente.

— Não posso prometer isso, amor. — Jenny teve a coragem de oferecer uma piscadela brincalhona. — E além disso, nós somos uma boa equipe agora. Eu só ampliei o poder, foi seu objetivo que atingiu a maçã. Um bom tiro.

Nem sempre fiquei muito entusiasmada sendo essa aberração da natureza, mas eu gostava de ser a mestre da minha própria esquisitice. O fato de que ele poderia assumir o controle o transformou em um tipo de ladrão de corpo. Eu não gosto dele, e podia ver por que outros caçadores queriam encontrá-lo logo. E porque que o Mandatum gostaria de colocá-lo no gelo.



— Estou um pouco desapontado que ela não desapareceu de novo — disse Jenny para Matthias.

— Sinto muito. — Eu esperava que ele escorregasse no sarcasmo reunido nas minhas palavras.

— Não precisa ficar com raiva — Jenny disse. — Quando eu amplio o poder, é mais fácil para você identificar o sentimento. Agora você só tem que lembrar que - como uma memória muscular - você pode acessar novamente. Aqui, experimente sozinha.

Ele pegou uma pinha. Jogou no ar.

Eu explodi sem pensar - *bam*! Ele continuou atirando pedras, pedaços de madeira. Explodi todos. A energia irradiava de dentro - de nenhum lugar determinado - apenas correndo por toda parte. Fazendo cócegas na minha espinha, em ziguezague em meu peito. Até meus ouvidos formigavam.

— E você não está fazendo nada? — Eu disse.

— É mais forte quando eu toco em você — disse ele. — E eu posso fazer de longe, mas você tem a minha palavra, eu não estou fazendo nada agora. Sente-se melhor?

— Sim. — E eu me sentia. Poderosa. Finalmente algum tipo de controle. — E agora?

— Os meninos recalibraram os escudos em volta da cidade? — Jenny perguntou a Matthias.

— Eles não tiveram tempo de deixá-los impenetráveis ao nível dos deuses, mas o suficiente para atrasá-los e nos dar um aviso prévio.

— Boa. Então agora, moça, você vai para casa, treina ligar e desligar e descansa um pouco. Você vai precisar. — Jenny usou a ponta de uma espada para pegar primeiro o casaco, em seguida, o chapéu do chão para suas mãos. — Afrodite e seus muitos já enterraram civilizações inteiras. Todos nós vamos precisar estar em nosso melhor, mas especialmente você. Porque você é a nossa arma secreta. — Ele bateu o chapéu contra sua perna então o colocou sobre a cabeça. — Mas sem pressão.



CAPÍTULO NOVENTA E TRÊS

Olhei para o teto, até que ouvi Luna acordar de seu caixão. Então eu roubei o chuveiro antes dela, mas não foi tão relaxante quanto eu esperava. Pelo menos não temos escola hoje. Apesar de que isso só significaria que eu iria passar meu fim de semana procurando o esconderijo subterrâneo de uma senhora morta. Yippee. Mas primeiro eu planejava roubar o rastreador do quarto da Tia M.

Precisávamos de quaisquer pistas que o traidor pudesse fornecer. Além disso, M ter qualquer coisa relacionada com Mandatum me assustava. Não que eu pudesse fazer muito sobre sua lista de clientes. Obviamente, um monte de gente perigosa. Talvez sua paranoia não fosse tão... paranoica afinal.

Eu não consegui me comunicar com Ayden. Eu esperava que ajudasse com a minha invasão, mas no momento em que eu liguei, Jayden atendeu e disse que Ayden estava dormindo, me assegurando de que ele estava bem e se recuperaria totalmente em poucos dias. Estranho, porque ele com certeza parecia saudável e... vigoroso ontem na mesa da cozinha. Eu sorri.

Então percebi.

Merda. Talvez ele teve uma recaída por causa de ontem na mesa da cozinha. Talvez eu fosse algum tipo de viúva negra.

Lucian bateu na porta do meu banheiro. — Matty ligou!

Falando de vermes venenosos. — Ligo para ele de volta mais tarde.

— Bem. Da próxima vez que ele ligar, vou falar que você está ocupada demais no banheiro. Devo dizer que é o número um ou número dois? — Lucian riu. — Deve ser dois. Você está aí há muito tempo.

— Lucian, vá embora! — Matar pode fazer maravilhas para aliviar meu estresse.

Ele bufou e afastou-se. — Meninas não sabem apreciar o humor de banheiro.



Depois que terminei, eu saí para o tapete e peguei uma toalha, notando uma ligeira dor no meu ombro. Limpei o vapor do espelho para ver melhor. O ferimento estava um pouco irregular das aventuras de ontem, e os pontos tinham rasgado, mas não tinha sangrado, e parecia estar curando bem. As velhas cicatrizes que passavam por cima do meu ombro em linhas irregulares brancas e rosas, do ataque do beco, continuavam a desaparecer. A cicatriz que não estava desaparecendo muito era a linha vermelha no meu braço, uma cortesia da garra de um ghoulie durante a minha primeira passagem no Mundo em Espera.

Eu não usaria um vestido de baile sem mangas tão cedo.

Houve um baque no meu quarto. Em seguida, discussão. Toalha dobrada de forma segura, eu coloquei a minha cabeça para fora.

Van Helsing estava sentado em cima da minha cômoda com um olhar verde arrogante, a ponta de sua cauda contraindo em um ritmo arrogante. Isso era normal. O resto da cena não era. Ou pelo menos não costumava ser.

— Vocês estão brincando comigo? — Eu sibilei.

Logan cobriu os olhos. — Eu disse a eles que era uma má ideia. Voltem – Vão - Fiquem ai!

Tristan se virou e tentou empurrar Blake de modo que ele não olhasse para mim, mas isso não estava acontecendo.

Blake balançou as sobrancelhas. — É disso que eu estou falando, querida.

Eu segurei a toalha mais apertada. — Vocês não podem continuar fazendo isso.

— Eu discordo, gata. Eu poderia olhar para você tomar banho várias e várias vezes.

Jayden franziu a testa. — Nós pensamos em entrar e sair antes de você acabar. E tenha em mente, eu me abstive de entrar no chuveiro com você novamente.

— O quê? — Os olhos de Blake arregalaram. Logan e Tristan bateram nele repetidamente tentando fazê-lo virar. — Ow. Por que não sou

convidado para o banho? Querida, eu sou muito mais homem do que todos esses caras juntos!

Jayden bufou. — Como o resto de vocês, ela parece preferir tomar banho sozinha.

— Um banho comigo mudaria essa preferência. Ow! Ok, vocês estão sendo maus.

— Ayden está com vocês? — Meu coração pulou. — Ele parecia melhor ontem.

— Eu disse que ele necessita de solidão para curar-se. — Jayden não olhava para mim. — Você deveria dar isso a ele. Nós concordamos que eu agiria como namorado se a necessidade surgisse.

Desde quando? Mas ele parecia impaciente para que eu não continuasse esse assunto. — Você sabe que eu não posso sair para o santuário até depois do café da família. Eu vou pegar o rastreador do quarto da Tia M, e já que vocês estão aqui, vocês podem ajudar, mas... por que vocês estão aqui?

Jayden apontou para Blake, que segurava o anel que Eros tinha me dado.

— Eu não reconheço este tipo de pedra. Já que Blake lida com a terra, nós pensamos que ele poderia ser capaz de identificar sem termos que executar os testes no laboratório.

Eu me animei. — E você conseguiu?

— Por que, sim eu consegui, milady. — O peito de Blake inchou, os olhos castanhos brilharam. — Eu finalmente sei mais do que o gênio do Jayden. Deixe-me saborear o momento.

— Blake — Logan avisou.

— Tudo bem. — Blake fechou e abriu os olhos. — Momento saboreado. Mas Eros está brincando com você. Isto tem de ser uma farsa. Elas são muito raras. E mesmo que ele tivesse uma, ele nunca abriria mão dela.

— Porque, o que é? — Perguntei.



— É uma *réplica* de uma pedra umbra. — Blake a ergueu e girou. Cores cintilantes de luz solar refletiram nas facetas e piscaram através das minhas paredes do quarto.

Tristan olhou para longe. — Eu pensei que a pedra era apenas um mito.

— Não, é real — Blake disse. — Caçadores com potências da Terra sabem tudo sobre elas. Porque lidamos muito com minerais e pedras preciosas, se encontrarmos uma, nós deveríamos protegê-la com a nossa vida e entregar para o Alto Conselho imediatamente.

Jayden empalideceu. — Blake, devolva. — Ele tentou pegar o anel, mas o grandalhão apenas levantou a mão para fora do alcance.

— Fique longe! — Blake sorriu. — Querida, pegue!

Ouvi Jayden, Tristan, e Logan gritando — Não! — Até mesmo Helsing soltou um uivo de advertência. Mas é claro que eu peguei a pedra. Foi um reflexo.

E um grande erro.

Que eu percebi quase imediatamente, porque a energia da pedra disparou da minha mão e no meu braço, e encheu meu peito. Eu poderia cobrir, mas o brilho irradiava da palma da minha mão, feixes disparavam. Eu poderia muito bem estar tentando conter uma estrela.

Eu deixei cair a pedra, mas era tarde demais. Ela rolou no tapete, raios de luz banharam as paredes do quarto.

— Hum... — Eu respirei. Isso seria difícil de explicar.

— Você? — Os olhos de Blake ficaram enormes e olhavam para mim e a pedra no chão. — Você é o Divinicus Nex?

Eu gritei — O quê? Não! — Como diabos Blake, de todas as pessoas, fez essa constatação?

Blake embalou sua cabeça em suas mãos. — Mas... isso não pode... você não pode... — Ele girou uma vez, em seguida, voltou a apontar para mim. — Eu sabia! — Seu olhar saltou animadamente para cada um dos meninos. — Jayden estava certo. É ela! Ela é uma menina. O Divinicus Nex é uma menina! É Aurora!



Quando Blake agarrou o anel no chão, Logan, Tristan, e Jayden lançaram seu ataque.



CAPÍTULO NOVENTA E QUATRO

Já que não parecia prudente entrar em uma briga dos Garotos Malditos em qualquer momento, muito menos quando vestindo apenas uma toalha, eu fiquei de fora e os assisti lutar no chão. Entre grunhidos e maldições, eu reuni informações.

— Então, uma pedra umbra ativa, ou brilha, apenas quando um Divinicus toca? — Eu disse.

Jayden estava sentado na parte de trás da coxa de Blake, agarrando seu tornozelo, e inclinando-o para trás. — Correto. É como eles verificam a identidade Divinicus.

— Marcada, querida — Blake soava abafado com o rosto no chão. — Você está. Caras, me deixem levantar. Eu não vou entregá-la. Eu acho que é legal ter a Divinicus como minha namorada.

Esfreguei meus dedos juntos, lembrando a sensação da força pulsante da pedra. — Blake, tem certeza de que você não sabe o que a pedra faz?

Blake encolheu seu torso e ficou de costas, tanto Logan e Tristan deram uma balançada como se estivessem montados em um touro mecânico.

— Desculpe, querida. Como eu disse, eles não nos dizem muito mais do que entregar ao Conselho Superior o mais cedo possível porque o Divinicus a usa para algum tipo de poderes de rastreamento extra de demônio. É tudo muito secreto.

Minha testa franziu. — Eros disse que me daria um grande poder e ajudaria a encontrar a pedra que eu preciso, porque elas são semelhantes. Tem uma conexão.

A porta se abriu. Todos nós congelamos.

— Mãe, isso não é o que parece.

Mamãe colocou a mão em seu quadril. — Parece que um grupo de meninos estão lutando no chão do seu quarto enquanto você assiste. Vestindo uma toalha.



— Tudo bem — eu admiti — é o que parece, mas não é...

— Sexual? — Ela levantou as sobrancelhas.

— Mamãe!

Luna colocou a cabeça debaixo do braço de mamãe e respirou fundo. — Ela saiu de um triângulo amoroso para um bizarro pentágono sexual.

Blake levantou a cabeça. — Vote no Team Blake!

Mamãe revirou os olhos. — Meninos, saiam. Agora. Aurora, vista-se. E todo mundo desça as escadas. O café da manhã está pronto. Fiz quiche. Há bastante para todos.

— Primeiro café da manhã comestível em semanas — Luna disse.

Blake lambeu seus lábios. — Yum!

Mamãe verificou atrás da porta. — Ayden não está aqui, não é? — Eu balancei minha cabeça. — Então não há nenhum fator de luxúria. Embora o seu pai possa não ser tão fácil de lidar quanto eu. Então, senhores, *saiam*.

Quando ela saiu, mamãe arrastou Luna embora com ela.

Blake afastou os outros rapazes e se levantou. — Isso é ofensivo. Eu sou um cara muito lascivo.

— E um grande tagarela. — Logan bateu na parte de trás da cabeça de Blake. — Mas lembre-se, você não pode dizer a...

— Ayden! — Blake gritou.

— Certo — Tristan disse — ou...

— Não, é... — De olhos arregalados, Blake empurrou o queixo em direção a minha porta.

Nossas cabeças viraram.

Ayden enchia a porta, inclinando-se contra a moldura, de braços cruzados. — O que não podem me dizer?

Ele arqueou uma sobrancelha à espera de uma resposta. O silêncio parecia pronto para explodir.

Ayden se concentrou em Blake. — Vamos lá, elo fraco, desista.

Blake deixou escapar — Jayden estava no banho com Aurora!

Engasguei. — O que!

— Seu idiota! — Logan bateu em Blake repetidamente.



— Tecnicamente, isso é verdade. — Jayden disse. — Mas apenas uma vez.

Os braços de Ayden caíram. Junto com sua mandíbula.

Tristan deu um pulo e empurrou o ombro de Jayden. — Cale-se!

Eu puxei a toalha mais apertada. — Ayden, isso não aconteceu. Exatamente. Gente, ele já sabe a coisa do Divinicus.

— Oh, excelente. — Blake ficou aliviado. — Segredos? Não é para mim.

— Não brinca. — eu disse.

— Você contou a *Blake* antes de mim? — Ayden disse. — Inacreditável.

Blake ergueu as sobrancelhas. — O que isso deveria significar?

Eu levantei minha mão. — Eu não contei a ninguém.

— Meu Deus! Por que você está de toalha? — Ayden saltou para frente e arrancou sua jaqueta de couro. Uma mão ficou presa na manga, e ele chicoteou o braço para cima e para baixo tentando tirá-la. Finalmente livre, a jaqueta bateu no chão. Ayden a agarrou e praticamente mergulhou na minha frente na sua pressa de colocá-la sobre o meu peito e ombros.

— Você está bem? — Eu disse. — Não se machuque. O ferimento no peito pode abrir.

— Eu estou bem. — Ayden estreitou olhares desagradáveis sobre seu ombro enquanto ele apertava os braços em minha volta, segurando a jaqueta no lugar. — Por que vocês estão aqui? Vocês não deveriam estar aqui. — Ele nos levou em um passo estranho para o meu closet. — Não tenha pressa. Pegue roupas. Muitas delas.

Ele me empurrou para dentro e fechou a porta. No escuro, eu estendi a mão para o interruptor de luz, mas a porta se abriu novamente.

— Desculpe. — A mão de Ayden deslizou para dentro, tateando para encontrar o interruptor, e o ligou. — Não saia até... muitas e muitas roupas.

Enquanto me vestia, ouvi a tensão em sua voz.

— No banho? Que inferno, Jayden?



— Não assim — Tristan disse. — Foi a rotina habitual de surpresa dele no chuveiro.

— Aurora! Em uma menina! Mamãe e papai vão matá-lo se descobrirem.

— Eu já fui informado sobre meu erro.

— Se eu não te matar primeiro.

— Uau, Menino Fogo. Acalme-se.

— Blake, me solte.

— Talvez se você parar de esquentar.

— Sim — Logan disse — você está prestes a se acender.

— Eu estou prestes a acender em todos vocês!

— Ayden! — Saí do closet, ajustando a camiseta sobre meus quadris, e corri até a porta do quarto. — Eles estão certos. Acalme-se. Você vai ter toda a minha família aqui se não se acalmar- Ugh!

A porta explodiu abrindo com força suficiente para me jogar de costas contra a parede.



CAPÍTULO NOVENTA E CINCO

Matthias voou para dentro do quarto.

— Aurora?! — Ele parou para olhar para a multidão. — Vocês já estão aqui? Bom. Toda ajuda possível. Onde está Aurora?

— Aqui. — Eu me afastei da parede.

— Maldição! — Assustado, Matthias empurrou ao redor, em seguida, fez uma careta. — Pare de brincar. Isso é sério.

O Australiano irrompeu sobre minha cômoda e começou a esvaziar as gavetas em uma mochila preta pendurada no ombro. O resto de nós encaramos um ao outro, confusos. Helsing, ainda na cômoda arqueou as costas e assobiou.

— Cale a boca, gato. O resto de vocês, não fiquem aí parados, ajudem! — Matthias ordenou enquanto ele continuava seu ataque frenético no meu guarda-roupa. — Nós temos que sair daqui. Agora!

Eu caminhei em direção a ele, agarrei meu sutiã de suas mãos, e coloquei de volta na gaveta. Algo caiu no chão.

— É um projétil de arma de fogo? — Jayden disse.

Tristan empalideceu. — Por que você tem uma bala no seu guarda-roupas?

— Porque a querida é incrível.

Não poderia concordar mais com ele. — Conto mais tarde.

Antes que eu pudesse recuperar a bala do chão, Helsing pulou, colocou na boca, e correu para colocar debaixo do travesseiro roxo em sua cama, onde ele também mantinha as penas de Gloria. Em seguida, ele se agachou, carrancudo, como se desafiando qualquer um de nós a tirarmos dele.

Ótimo. Meu gato era um colecionador.

Virei-me para Matthias. — Qual seu problema?

— Você conversou com o meu pai. — Ele disse aquilo como se eu tivesse dado as senhas nucleares dos EUA à Coreia do Norte.



— Você ainda está bravo com isso? Eu não entreguei nada!

O olhar de Ayden foi para mim. — Quando você conversou com o pai dele?

— Ontem. Em sua casa.

Tristan gemeu. — O que você disse a ele?

— Ela mentiu! — Os olhos de Matthias estavam pálidos e selvagens conforme ele continuava colocando as minhas roupas dentro da bolsa. — Você mentiu para o meu pai!

— O que? Eu não menti.

— Você deve ter feito algo. — Matthias estava sem fôlego.

Eu sorri. — Bem, talvez sobre você ser encantador.

Todos os meninos imediatamente pararam. Matthias me lançou um olhar gelado.

— Você disse a ele que eu era encantador? Você é idiota?! Esquece. — Ele apontou um dedo afiado para mim. — Pergunta estúpida. Garota estúpida. Estúpida, estúpida, estúpida!

Eu sorri severamente. — E aí está o Matthias que eu vim a conhecer e detestar. Você está sendo ridículo. Eu não vou dizer a seu pai que eu acho que você é o maior idiota do planeta.

— Sim! — Matthias voltou a recolher as roupas. — Isso é exatamente o que você diria a ele, porque é a verdade.

O resto dos meninos murmuraram concordando.

— Oh, vamos lá — eu disse exasperada. — Isso não é legal. Nenhum pai quer ouvir isso sobre seu filho. Mesmo que seja verdade. Eu gosto do Xerife. Na verdade, ele é encantador.

— Então dissesse que *ele* é encantador. Porque é a verdade. E você sempre diga a verdade ao meu pai, ou não diga coisa alguma.

— Relaxa, cara — Blake disse. — Só porque ele sabe que a gata mentiu para ele não significa...

— Não! — Matthias cortou, frenético. — Ele não sabe. *Esse* é o problema. Quero dizer que ele sabe, mas... ele não sabe.

— Oh, não. — Ayden esfregou a palma da mão em seu rosto. — Você está dizendo que ele não percebeu que ela estava mentindo?



Matthias parecia doente. — Bingo, companheiro.

— Oh, não — Tristan murmurou. — Isto é ruim.

— Qual o problema? Quer parar? — Eu puxei meu sutiã para longe de Matthias novamente.

— Não — Matthias pegou de volta. — Porque você tem que sair da cidade. Sair do país!

— *Por quê*? — Eu roubei o sutiã de novo e o enfiei na gaveta.

— O pai dele é um detector de mentiras humano — Ayden disse. — É o poder dele.

— Fascinante! — Jayden estava quase alegre. — No entanto, é outra coisa a que você é imune, assim parece. Tipo o Ilusionismo de Tristan. E você consegue segurar os chicotes de Matthias. Talvez você deva tentar me afogar.

Eu olhei para ele. — Você está louco? Depois você vai querer que eu sufoque Logan!

— Excelente — Jayden sorriu. — Eu não tinha pensado nisso.

— O quê? — Logan recuou.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não entendo o problema com o xerife.

— Estúpida! — Matthias disse. Meu sutiã estava de volta sob o seu domínio, balançando para frente e para trás.

Ayden suspirou. — O problema é que o xerife sabe que você não acha que Matthias é encantador, então ele sabe que você mentiu. Normalmente, isso não seria um problema, mas, neste caso é, porque quando as pessoas estão mentindo, ele recebe uma leitura a partir de sua habilidade - uma sensação, vibração, tanto faz como você queira chamar - isto diz a ele que é mentira. Mas, aparentemente, quando você mentiu, o poder dele não detectou. Você é...

— Imune — eu disse quietamente.

— E nunca ninguém foi imune! Agora meu pai está fazendo perguntas. Perguntas dais quais eu não posso escapar sem mentir. Ele sabe que estamos escondendo alguma coisa. Ele está vindo aqui para



interrogá-la. E a nós. Não é bom. Todos nós temos que desaparecer, companheiros. Arrumem suas malas!

— Acalme-se — Ayden disse. — Vamos pensar sobre isso.

— E pare de pegar meu sutiã.

— Hum? — Matthias olhou para a lingerie em suas mãos. Seus olhos saltaram. — Ahhh! — Ele jogou no ar e vigorosamente limpou as palmas das mãos.

Blake pegou a roupa íntima. — Oh, sim.

— Blake! — Todos nós gritamos.

— Devolva! — Ayden estendeu a mão, mas no último minuto passou a mão pelos cabelos e olhou para longe. — Para Aurora.

Tristan olhou para o chão. Logan estava com sua camiseta puxada até a testa. Matthias continuava limpando as mãos nos jeans.

Blake levantou meu sutiã e estudou. — Gata, isto é melhor do que eu sonhei. Laço é sexy.

— Blake! — Peguei o sutiã, e o joguei no meu closet. — Eu não quero saber com o que você sonha.

— E pare de sonhar com... isso — Ayden acrescentou.

Eu virei para Matthias. — Eu não posso simplesmente desaparecer. Minha família iria pirar.

Matthias empalideceu. — Sua família. Será que eles podem mentir também?

Tristan engoliu em seco, sua pele parecia mais verde, mais a histeria aumentou em sua voz. — Se o seu pai descobrir que temos um Código Olimpo, ele vai ligar para todo o Mandatum. Eles vão levar todos nós daqui. Nos colocar na Sicarius. — Ele poupou um olhar de pânico para mim. — Aurora em algum laboratório.

— Isso não vai acontecer — Ayden disse sombriamente. — Todos relaxem.

— Vamos relaxar depois que pegarmos o rastreador enquanto todos estão lá embaixo para o café da manhã — eu disse a ele quando peguei minha mochila e fui em direção ao corredor. Esses meninos estavam



seriamente restringindo meu estilo de arrombar. — Você pode ser meu parceiro no crime. Eu estou chamando de Operação Bonnie e Clyde.

— Considerando que Bonnie e Clyde morreram brutalmente, eu tenho preocupações graves sobre seja o que for que esta operação implica — Jayden disse.

Eu também.



CAPÍTULO NOVENTA E SEIS

Enquanto eu trabalhava minhas ferramentas na maçaneta da porta do quarto da Tia M, os meninos obstruíram o corredor.

— Você está demorando muito.

— Cale a boca, Australiano — eu disse, irritada porque ele estava certo. — Você não tem que estar aqui para a Operação Butch Cassidy e Sundance.

— Você é tão idiota — Matthias disse. — Eles morreram em uma saraivada de balas. E, se sua tia nos pegar, vai acontecer conosco também. Além disso, esta não é uma missão. E nós não vamos nomeá-las de qualquer maneira.

— D.B. Cooper? — Eu disse.

Lucian surgiu no canto da escada e disse — Desapareceram e provavelmente caíram em algum topo da montanha. — Ele sorriu. — Em que tipo de missão vocês estão?

— Eiii, manooo. — Estendi as palavras para me dar tempo para uma brilhante história falsa. Então, a gazua escolheu cair no chão e eu apareci com — Isto não é o que parece.

Lucian cruzou os braços e nos olhou abaixado. — Parece que você está invadindo o quarto da M para encontrar algo que ela não quer que você tenha.

Eu fiz uma nota mental de nunca usar essa história com a minha família novamente.

— Sabe de uma coisa — Lucian disse. — Prometa que você vai procurar o meu Nintendo Entertainment System de 1983 e eu vou cobrir para você.

A mandíbula de Tristan caiu. — Isso é de colecionador.

— Por que você acha que eu estou enlouquecendo que ela pegou? Mas você vai ter que se apressar. Mamãe me enviou para levar você e os meninos para o café da manhã. — Ele apressou-se para baixo.



Ayden colocou as ferramentas caídas em minha mochila e disse — Blake. — O grandalhão girou um dedo, houve um clique, e a porta da Tia M abriu.

Exibido.

À primeira vista, nada no quarto parecia como um esconderijo óbvio, porque parecia que ninguém morava lá. Situada entre duas janelas, a cama estava feita com perfeição militar, não havia roupas jogadas, nem poeira nas mesinhas. Nem mala. Nenhum sinal de M.

— Tem certeza de que ela está ficando aqui? — Blake perguntou.

— Nós só temos um quarto de hóspedes, não dezenas como você, Sr. Nativo Americano Real Estate Tycoon.

— Ei — Blake protestou. — É Sr. Moreno Nativo Americano Real Estate Tycoon para você. E para que conste, a nossa casa tem apenas um. As cabanas são para os turistas do rancho.

— E quaisquer caçadores de passagem — Tristan. — Mas Blake está certo. Talvez ela se mudou para a garagem.

Abri o closet para mostrar a eles suas blusas sociais, saias e blazers passados, pendurados e arrumados em ordem. — Ela só gosta de deixar o mínimo de impressão.

Nós estávamos ocupados vasculhando o quarto, mas depois de vários minutos de busca, não achamos nada além de um par de pen drivers legais com pequenos teclados de senha de um lado e rotulados "CLASSIFICADOS" do outro. Blake tinha desistido completamente, preferindo sentar de pernas cruzadas no chão, de olhos fechados, como se estivesse meditando. Incrivelmente útil.

— Achei. — Logan se arrastou de debaixo da cama, mas a minha felicidade morreu quando eu vi que ele apenas segurava o vídeo game de Lucian.

Alguém abriu a porta. Eu pulei.

— Acabou o tempo — Lucian disse, então sorriu. — Você achou!

Fico feliz que alguém estava feliz.



— Fracasso da missão. Vamos. — Conforme Matthias passava por uma janela, seu corpo de repente sacudiu em contrações espasmódicas pouco antes de ele gritar como uma menina e cair no chão.

— Nós estamos mortos!



CAPÍTULO NOVENTA E SETE

Através da janela de frente para a rua, eu peguei um vislumbre da viatura do xerife antes de Matthias puxar meus tornozelos debaixo de mim.

Ótimo. Eu poderia ficar e arriscar ser descoberta e ser jogada em uma prisão Mandatum, ou desistir da busca pela única coisa que podia nos levar a descobrir o traidor que me tinha em sua mira. Ser a Divinicus deixava uma menina com escolhas impressionantes na vida.

Lucian espiou da janela. — Esse é o seu pai?

Matthias puxou os tornozelos de Lucian também.

Eu o levantei. — Relaxe. Lucian, atenda a porta. Diga a ele que nós não estamos aqui.

— Ele saberá que Lucian está mentindo — Matthias grunhiu. — Ou pior.

— Ah. Sim. Isso. — Eu fiz uma careta.

Lucian olhou boquiaberto para mim. — Você roubou outro carro?

— Não, eu não *pedi emprestado* outro carro — eu disse.

— Deve ter sido legal. Não se preocupe. Eu te devo uma. — Lucian acariciou seu vídeo game e se virou para a porta. — Vou me livrar do xerife.

— Não, não, não! — Eu agarrei o meu irmãozinho, mas nós Lahey somos de uma espécie rápida e Lucian já havia corrido.

Ayden se agachou e acenou para nós da porta. — Para a parte de trás! Vamos nos esconder na casa de Tristan.

— Porque o xerife não pensaria em procurar lá? — Tristan disse. — Por favor!

Matthias deu uma tapa no ombro de Blake quando ele rastejou passando o gigante. — Estamos indo.

— Uh-huh. — Blake permaneceu em sua pose reflexiva. — Logo atrás de você.

Corremos pelo corredor e estávamos no meio da escada antes de uma batida na porta da frente congelar o tempo.



— Chegando! — Tia M abriu caminho através da porta da cozinha para o hall de entrada. — Não te ensinaram a ter paciência na escola de policial? Ou como infringir os meus direitos inalienáveis?

Lucian saiu radiante da cozinha. Ele apontou para M, então para si mesmo e nos deu um sinal de positivo.

Com o aparecimento da minha tia, o nosso grupo nas escadas tinha se transformado em pedra.

Porque isso nos deixava tão imperceptíveis.

Mas surpreendentemente, M não pareceu notar. Helsing a encontrou na porta da frente e sua cauda começou a ter espasmos enquanto ela abria apenas uma polegada e dava uma piscadela irritada.

— Péssimo. O que você está fazendo aqui, Xerife? Você não pode entrar sem um mandado.

— Nenhum negócio oficial hoje, minha senhora — Xerife Payne estava alegremente educado, mas não conseguiu que Tia M se movesse da porta.

— Então você não deve ter negócios aqui. Adeus.

— Eu estava esperando falar com Aurora — Xerife Payne disse rapidamente.

— Aurora? — Tia M começou a fechar a porta, mas parou o movimento.

Então ela se virou e olhou. Para nós.

Oh, merda.

Eu deslizei minha mão para cima e para baixo em toda a minha garganta e espasmodicamente balancei a cabeça.

Ela mordeu o lábio, então reabriu uma fresta da porta, e voltou sua atenção para o xerife. — Por quê?

— Ela está saindo com meu filho, Matthias, um pouco. Pensei que eu deveria passar por aqui para que pudéssemos todos nos conhecer melhor.

— Por quê?

— Por quê? — Xerife Payne parecia confuso.

— Isso é o que eu disse, policial. Como você se torna um executor do governo com a audição ruim assim?



Enquanto ela falava, Tia M moveu sua mão atrás das costas, para a sua blusa dobrada na sua cintura, e muito, muito lentamente puxou...

Uma arma.

Oh, merda, merda, *merda*!

Fiz gestos mais frenéticos, mas M não olhava para mim. A tensão dos meninos parecia que estava pronta para explodir.

Eu lhes disse baixinho — É só uma arma tranquilizante — mas quando isso saiu da minha boca, percebi o absurdo de pensar que isso deixava a situação melhor. Porque se ela atirasse no xerife com qualquer tipo de arma, todo o inferno iria se libertar, e não teria nada a ver com um exército de demônios vindo através de algum portal.

Xerife Payne limpou a garganta. — Existe alguma chance de que eu pudesse falar com Gemma e Clyde?

Atrás da porta, Tia M segurava a arma ao lado de seu ombro. — Por que você não quer falar comigo? É porque eu estou gorda?

— Você não está gorda.

— Então você é surdo *e* cego?

Enquanto Xerife Payne se esforçava para conversar com M, Lucian ria e gesticulava para que nós descêssemos. Tia M nos deu um olhar de lado e um aceno quase imperceptível, sacudindo o cano da arma para trás e para frente para nos encorajar a seguir em frente.

Conforme nós nos aproximávamos da cozinha, ouvi uma profunda voz familiar. Eu me virei, colidindo com os meninos e chiando — Bancroft está aqui! — Então freneticamente os enxotei para o outro lado da casa. Eles desapareceram no corredor. Empurrei Lucian forte, mandando-o tropeçando pela porta da cozinha, sussurrando — Mantenha-os ocupados! — Eu me virei para seguir os Garotos Malditos e fazer minha grande fuga, mas, em vez disso, soltei um estrangulado — Aglck! — E derrapei a um impasse, porque o meu caminho estava bloqueado.

Problemas. Com um P maiúsculo.



CAPÍTULO NOVENTA E OITO

Ou neste caso, M.

Eu bati em sua barriga e teria caído se Tia M não tivesse agarrado o meu braço. Meus olhos olharam ao redor da sala, com medo. — Onde está o xerife? Ah, não. Você não...

— Atirou nele? Nah. Ele está esperando lá fora. Eu posso distrair um policial imbecil durante o sono. Acho que nossa conversa no café da manhã está arruinada. Mas eu não vou deixá-lo interrogar minha sobrinha, por isso, fuja daqui e leve eles. — Ela ofereceu sua arma tranquilizante, em seguida, retirou seu Taser também.

Eu recuei. — Tia M, eu acho que não é uma boa ideia.

— Não tenha medo de usá-los. Em qualquer pessoa ou... coisa. — Ela bateu as armas em minha palma. — Porque com certeza, eu tenho os meios e perspicácia mental para tirar você de qualquer confusão que você alguma vez encontre. Exceto estar morta. — Ela bateu no meu ombro.

— Obrigado. — Eu beijei sua bochecha. — Amo você.

— Sim, sim. Vá embora. — Ela cambaleou até a porta da frente e riu como uma mulher louca. — Eu tenho um policial com quem lidar.

Ayden veio pelo corredor quando eu enfiei a arma na parte de trás da minha cintura e o Taser no meu bolso. Ele levantou uma sobrancelha. — Armas?

— É como ela mostra que se importa. E, no momento, elas estão mais seguras em minhas mãos do que nas dela.

Blake correu atrás de nós com um enorme sorriso. — Você me deve. — Ele levantou o rastreador.

— De jeito nenhum. — Eu dei-lhe um abraço, então peguei o pequeno pedaço de equipamento. — Onde estava?

— Escondido dentro da placa do interruptor de luz — Blake disse. — Misturado com os outros componentes, por isso levou mais tempo. Mais difícil de isolar. Mas eu continuo com o meu status de incrível. Abraços



são bons, gata, mas vamos lá. Um grande beijo. Bem na boca. Você sabe que quer. Eu salvei o dia. O Garoto Fogo está indo mal.

— Em seus sonhos — Ayden disse e me arrastou para fora.

Uma leve garoa caía, umedecendo meu suéter. Estava frio. Eu deveria ter trazido um casaco.

Os meninos estavam esperando por nós no Suburban de Tristan. Ayden pulou no terceiro lugar com Matthias, Tristan estava no banco do passageiro, e eu me apertei no segundo lugar ao lado de Blake e Jayden. Atrás do volante, Logan ligou o motor e acelerou o caminhão através das estradas sinuosas da montanha como se fosse um carro esporte na rodovia. Ao nosso lado, a floresta era um borrão, mesmo sem a inicial chuva que vinha mais forte e apedrejava o vidro. Logan ligou os limpadores do para-brisa. Eu segurei firme.

— Porque você demorou tanto? — Matthias afundou no banco de trás. — Isso foi malditamente muito perto!

— Eu não vejo qual o grande problema. — Virei para o Australiano. — Seu pai não pode dizer que eu estou mentindo, então eu vou mentir. Brincar de burra.

— Isso não vai requerer muito esforço — Matthias murmurou.

— Quero dizer qualquer coisa sobrenatural. Tipo demônios.

— Mas nós não somos imunes — Matthias olhou com raiva. — E depois de você, é atrás de nós que ele virá procurando informação.

— Não podemos fugir do seu pai para sempre — Ayden disse a ele.

— Só por agora — Matthias disse calmamente e olhou para fora da janela.

— Não importa, todos nós vamos morrer amanhã de qualquer jeito — Tristan disse. — Não tem como encontrar a pedra a tempo.

— Nós temos um presente. — Blake levantou a pedra umbra.

— Enquanto é desanimador, o pessimismo de Tristan é justificado — Jayden suspirou. — Estive lendo o manual.

— Oh, dê um tempo — Ayden gemeu. — Ninguém se preocupa com esquemas de filtragem complexas, sistemas de vapor e alavancas escondidas que controlam tudo.



Jayden lhe lançou um olhar sujo. — Meu ponto é que o cofre do tesouro está eficazmente escondido debaixo do lago, e é de uma magnitude grande o suficiente para diminuir as chances de que a busca da Aurora tenha sucesso a tempo.

— Gente, eu estava pensando... — Praticamente toda a noite com pensamentos que me mantiveram acordada e aterrorizada. — Que talvez vocês devessem chamar o Código Olimpo.

Logan quase saiu da estrada.

— De jeito nenhum! — Ayden disse.

— Se isso se trata da minha liberdade ou todos na cidade morrerem em uma guerra demoníaca... — Eu engoli. Respirei fundo. — Eu posso lidar com uma cadeia de luxo. — Melhor do que milhares de mortes na minha consciência. — Tristan disse que eu teria lagosta todos os dias.

— Até o traidor matar você — Ayden retrucou.

— Lagosta é superestimada — Tristan resmungou.

— Não vai acontecer, querida.

— Como se eu já não tivesse pensado em entregar você? — Matthias deslizou um olhar calculista sobre mim. — Só um milhão de vezes. Se eu achasse que todos nós ficaríamos mais seguros, eu o faria, mas pelo menos por agora...

Alarmes dos telefones dos meninos encheram o carro.

— Demônios! — Tristan gritou. — Eles estão violando o escudo...

O resto das suas palavras foram abafadas quando minha visão empurrou minha cabeça para fora do carro. Eu não fui para longe, mas gostaria de ter ido. Uma nuvem de gafanhotos devoradores e demônios estavam em movimento. E muito perto. Criaturas dementes cheias de chifres, asas, lâminas, garras, fogo, espinhos, sangue. Mais do que o suficiente para encher o ginásio da escola.

Liderando todos eles, estava uma linda mulher loira com um vestido branco esvoaçante torneando suas abundantes curvas, pernas bem torneadas que espreitavam de fendas de coxa alta. Ao lado dessa supermodelo estava Eros.



Ele chamou minha atenção, quase como se soubesse que eu estava observando, e disse à mulher. — Que bom que você pode fazer isso mais cedo, mais exaltada e bonita. Antes da data prevista por um dia inteiro.

— Estou adiantada? O tempo humano me entedia. Além disso, surpresas são a melhores maneiras de garantir que você está ajudando em vez de me sabotar — disse a mulher (vamos dar um salto selvagem aqui e chamar essa bomba sexual de Afrodite). Em seguida, ela pareceu apontar diretamente para mim enquanto falava com os demônios. — Peguem a menina para mim. O resto eu quero morto.

Minha mente cambaleou de volta para o carro. Matthias estava gritando.

— Então me diga quanto tempo nós temos!

— Nenhum! — Eu gritei e agarrei o ombro de Logan. — Pare! Vire...

Demônios colidiram no carro.



CAPÍTULO NOVENTA E NOVE

Com um guincho violento de metal, o veículo tomou um impacto vicioso. A parte frontal do motorista sofreu o impacto enviando a parte traseira sem controle para a direita, rodas deslizando no asfalto molhado. Minha cabeça voou para a esquerda, pronta para quebrar através da janela. Blake me esmagou contra o seu peito, me envolvendo como um airbag pessoal, um casulo de segurança.

Nós tomamos outra batida e a gravidade desapareceu. O carro capotou no ar, caindo para fora da estrada. O mundo girou e turvou conforme nós ficamos fora de controle, de alguma forma rápido e em câmera lenta ao mesmo tempo. Vidro cintilou. Estilhaços choveram e cortaram. O carro foi esmagado e quebrado, guinchou, gemeu, e balançou sobre quatro rodas. Talvez três. Porque a SUV balançou como uma mesa sem uma perna, em seguida, balançou e virou para o lado.

Um silêncio torceu. O som abafou. Meu coração batia tão rápido que ecoava contra o zumbido nos meus ouvidos. Gritos abafados. Chiados. Gemidos. Gritos cada vez mais perto. Tudo fora de foco. Eu senti cheiro de gasolina, pinheiro, óleo, e... sangue.

Eu pisquei. Limpei a sujeira e lascas de vidro dos meus olhos. Eu vi Logan cortar o cinto de segurança com uma fatia de ar comprimido e alcançar um Tristan sangrento. Vermelho brotava por toda parte de Ayden e Matthias quando eles balançaram Jayden, que pendia mole.

— Blake? — Eu empurrei o grandalhão caído em cima de mim. Sangue escorria da parte de trás de sua cabeça.

Logan atirou uma mão e o teto do carro explodiu com um guincho de ar. Isso nos deu espaço para respirar, e um pedaço de vista. Demônios fervilhavam descendo a colina e através das árvores como um exército de formigas vermelhas maníacas.

Eu desafivelei e esmaguei o vidro quebrado. Ignorando a dor crivando sobre o meu corpo, eu tentei ficar com os outros Garotos Malditos



conscientes que se arrastaram para fora do carro. O mundo tremeu. Eu usei o carro de apoio e alcancei Blake.

Mas outra visão veio. Eu tropecei para o lado, deslizei ao longo do metal amassado enquanto minha mente cambaleava para fora do meu corpo, me lançando através da floresta em empurrões curtos e grossos, como um filme falhando. Desnorteante. Eu senti náuseas.

Em um empurrão final, eu parei na frente de uma árvore. Uma árvore comum. Não um demônio. Talvez o acidente tenha quebrado os meus poderes.

A casca da árvore comum de repente não era tão comum. Esticou. Inchou. Como se a árvore estivesse coberta com uma membrana plástica e algo estava preso dentro, tentando sair.

Um galho estourou da superfície, ficando maior, mais grosso, então moldado em um braço musculoso. No final, os dedos foram se formando, um polegar, a palma da mão, até que, finalmente, uma mão inteira abria e flexionava. Aquilo atingiu a frente da árvore, agarrou a superfície da membrana maleável, e puxou.

Um corpo saiu.

Separou-se da casca e a forma humana abriu e revelou uma suave pele cor de oliva e um rosto cheio de belos ângulos e uma dignidade selvagem. Tatuagens escuras passavam em todo o corpo dela parecendo antigas tribais em redemoinhos, mais espessos em torno de seus braços. A julgar pela coroa de chifres no topo de seu cabelo preto, eu aposto que o vestido que mal se agarrava a sua forma magra musculosa era pele de um veado de verdade. Seus olhos brilhavam prata, como a lua cheia em uma noite escura e sem nuvens.

Minha visão falhou de novo, começou a fazer o caminho de volta, mas parou quando a mulher se ajoelhou e jogou as mãos no chão. Quero dizer *dentro* do chão. Enterrou seus antebraços no solo duro da montanha cheio de pedras que era massa de vidraceiro. Em torno dela, a terra desmoronou quando garras explodiram através da superfície, rasgando e cortando até que uma matilha de lobos selvagens se arrancou das profundezas.



Os quase-cães do inferno circularam a mulher com respeito, rosnando, latindo, e estalando de entusiasmo. As pontas dos dentes brilhando de sangue. Os olhos prateados brilharam. Chifres, afiados como lâminas, brotaram de suas espinhas e cobriram suas caudas.

A mulher estendeu um braço e uma grossa tatuagem veio à vida, deslizando sobre sua pele como uma serpente. Chegou à palma da sua mão e desenrolou-se no ar para formar um arco. Sua outra mão afastou a corda conforme outra tatuagem deslizava de seu dedo em uma flecha. Ela levantou a arma e apontou.

Ártemis. Tinha que ser. A deusa da caça chegou.

Ela assobiou uma vez. Os cães param para olhar para ela.

— Traga — disse ela, e soltou a flecha.

Minha visão bateu de volta. Muito rápido. Eu fiquei tonta e caí. Uma sombra pairava sobre mim. Eu olhei para cima. Gritei. Um bicho demônio purulento estava perto, sem pele e com os olhos sangrando e uivando de raiva, levantando o tipo de espada que degolaria minha cabeça de uma só vez.

O demônio balançou. Metal brilhou.

Mergulhei de lado, puxando o taser do meu bolso. Muito perto para atirar, enfiei diretamente na perna viscosa do monstro. Houve um chiado molhado. Um fedor horrível. A criatura parou o balanço no meio. Parabéns para mim! Mas depois de um breve momento onde eu fui pulverizada por uma furiosa cabeça balançando, saliva voando, a lâmina continuou seu arco mortal apontada para o meu pescoço.

Eu me arrastei para me proteger. Vi minha mochila no chão. Tinha uma mão nela. Eu ia usá-la para bloquear o ataque - porque nylon era tão robusto contra aço - quando houve um súbito perfeito baque, e a flecha da mulher enterrou diretamente entre os olhos do demônio.

O monstro cambaleou por um momento, parecendo confuso. Em seguida, a cabeça explodiu. Cérebro e ossos salpicaram contra o carro antes do diabinho explodir em uma névoa e girar no chão, sua espada caindo inofensivamente aos meus pés.



Eu inclinei minhas costas contra uma das rodas. Ártemis estava me ajudando?

Um perfeito som agudo. Uma flecha cortou os meus bíceps e enterrou na calota do carro. Ouch! O sangue escorria do corte fino superficial.

Não. Ela estava me caçando.

O chão tremeu. Olhei para o meu sangue pingando na sujeira.

Ferveu.

Longe, vi através do que agora tinha se tornado uma neve agitada, os demônios de Afrodite trovejaram descendo a colina em uma onda sanguinária de malevolência. Ayden gritou meu nome. A terra na frente do bando bárbaro explodiu como um vulcão expelindo quando Fido estourou a partir do solo. Terra e pedras choveram. Seu grito feroz trouxe minhas mãos para os meus ouvidos e, literalmente, explodiu alguns demônios em pedaços, como se uma bomba fosse detonada em suas barrigas.

Com ferocidade implacável, ela pegou bocados de demônios grotescos e os esmagou com um aperto, cortando os outros em dois com suas pinças. Alguns saltaram sobre ela, presas rasgando a pele, enquanto outros zumbiam passando e continuavam diretamente para nós.

Uma parede de chamas irrompeu em frente a massa de demônios. Alguns evaporaram quando bateram nela, mas o resto parou e se afastou com gritos desumanos de fúria. Uma pausa para nós. Até que as feras aladas voaram de baixo para cima.

Logan e Ayden começaram a atirar. Matthias puxou um Tristan inconsciente para fora do carro, gritou alguma coisa e apontou para trás do Suburban, em seguida, se juntou a luta, jogando seus chicotes de sombra para as ameaças voadoras. Alguns demônios fizeram uma pausa através da parede de fogo, correndo em nossa direção em chamas. Os meninos os derrubaram, mas não havia mais jeito. Eram muitos.

E estavam se aproximando de ambos os lados, sem o conhecimento dos rapazes, que ainda não viram os cães do inferno de Ártemis. Todos vindo para cá. Todos vindo atrás de mim.



Ainda presa na minha mão, a mochila começou a chocalhar, movendo-se como se algo estivesse vivo. Eu a deixei cair. Assisti ela se sacudir e pular.

— Oh! — Eu disse quando entendi. Eu abri o zíper da mochila. As bolas espetadas de metal de Flint voaram para fora e oscilaram em volta de mim como naves alienígenas. — Hum... — Eu apontei para os demônios voando acima. — Ataque!

Eu gostaria de dizer que elas estavam obedecendo ao meu comando, mas as pequenas retalhadoras já estavam em movimento antes de eu dizer a segunda sílaba. Seus espinhos picaram e suas motosserras zumbiram em ação. Chamas iluminaram suas extremidades e as esferas giraram navegando no ar, rasgando através de demônios com facilidade.

Prestativo, sim. Mas não o suficiente para esse público crescente de diabinhos fanáticos.

Corri para o caminhão, balançando Blake. — Acorde!

Ele gemeu e piscou. Em seguida, murmurou — Ei, querida, eu preciso de boca a boca. — Seus lábios franziram.

Eu o beijei. Curto e doce, porque... Eu não sei!

— Gata! — Ele acordou. — Não é legal. O Garoto Fogo não aprovaria!

— Mexa-se. Eles precisam de você! — Gritei.

Machados de guerra se transformaram nas mãos de Blake antes de seu primeiro pé bater no chão, e antes do segundo bater, eles os tinha jogado neles. Uma no crânio de um demônio no outro lado da parede de fogo de Ayden, e a outra na lâmina mergulhando do ar em direção a Matthias. Blake agitou os braços. Mais machados de guerra apareceram em suas mãos, a terra dividiu ao longo da linha de demônios, árvores foram arrancadas, pedras voaram, e...

Esse Cavaleiro Maldito estava em modo guerreiro completo. Virei para Tristan quando ele cambaleou e pegou Jayden que começou a falar em grandes palavras que eu não conseguia entender. Então, eu sabia que ele estava bem.

Eu inalei um forte cheiro de gasolina, assim que Tristan gritou — Ayden, vai explodir!



Ayden virou-se e golpeou os braços no ar, assim que o Suburban explodiu em um brilhante *kaboom* estrondoso!

Mergulhei para me cobrir, esperando calor e uma onda de pressão, mas não veio. Em vez disso, as chamas se reuniram em uma bola de fogo enorme e resvalou para o ar, jogando uma dúzia de demônios para voar acima. Quando caiu, Logan atirou uma flecha para dentro, e a esfera iluminou para um nível escaldante. Caiu no chão e rolou ao longo do grande prado, acertando os demônios em seu caminho.

Tossindo contra a fumaça, eu corri para o lado de Matthias. Ele rosnou — Faça o seu poder funcionar!

Eu abri e fechei minhas mãos. Nada. — Eu não posso. Ainda.

— Típico. — Seu chicote estalou e cortou um demônio em dois. — Então fique fora do caminho!

— Eu tenho um plano!

— Não estou interessado. — Ambos os chicotes envolveram-se em torno do pescoço de um demônio e a cabeça cortou.

— Ele me coloca em perigo mortal.

Os olhos de Matthias deslizaram em minha direção. — Estou ouvindo.



CAPÍTULO CEM

Deixei os meninos na poeira, saltando sobre árvores caídas, me abaixando sob ramos de pinheiro. Em pleno vigor, minhas visões Divinicus me avisam que, assim que eu corri, os dois – eu contei, são dois! - exércitos de demônios tinham mudado o curso atrás dos rapazes e agora estavam atrás de mim. Ganhando uma velocidade constante.

Como se os gritos e armas arremessadas passando rente a minha cabeça não fosse suficientemente claras.

Mas daria aos meninos o tempo necessário. Tinha que dar.

Correr ao longo de um rio estrondoso abafava um pouco dos chamados sedentos e sanguinários dos meus fãs psicóticos.

Minha visão lampejou sobre um demônio vindo de cima. Outro no meu rastro pelo chão. A parte mais legal foi que isso não me deixou atordoada, e eu não pisquei completamente. Eu vi os demônios, vi suas posições, trajetórias, e ainda vi onde eu estava indo. Mais como uma segunda e terceira visões, acontecendo todas de uma vez. Um pouco estranho, mas eu poderia me acostumar com isso.

E eu podia usar isso.

Eu saltei sobre um tronco caído, peguei um galho saliente, balancei para o lado, e bati rolando chão, na lama, quase até a beira do rio. O demônio atrás de mim pulou o tronco, e aterrissou - onde eu deveria ter estado - quando a besta alada caiu do céu e o agarrou em vez de mim.

Eu sou tão boa.

A árvore acima explodiu quando uma flecha atravessou. Choveram estilhaços. Eu levantei, pronta para correr.

Fui atingida do lado por algo grande e malcheiroso. Me lançou para um giro da morte, chapinhando dentro da água rasa na margem do rio. O frio úmido encharcou através da minha pele. Quando finalmente parei, eu agarrei a garganta do animal peludo em cima de mim e olhei para um show de horror.



Um rosto de presas. Sem olhos, sem nariz, sem orelhas, apenas um gigante e escancarado buraco de fileiras e fileiras de dentes serrilhados e duas presas maiores se agigantando em minha direção. Parecia uma tarântula, mas enorme e muito mais assustadora. Líquido babava de uma presa. Eu virei o meu rosto. Pingou sobre meu cabelo, chiou. Meu nariz enrugou com o queimado. Através da fumaça, eu vi uma perna peluda subir, pronta para me espetar com sua extremidade espinhada.

Pressão, calor e baldes de pânico inundaram o meu sistema e lançaram um quente branco estrondo sônico. O demônio tarântula explodiu no ar, pairando em meio a flocos de neve caindo do alto, em seguida, as pernas se debateram quando a gravidade o puxou para baixo. Eu levantei a mão.

Poder. Doce, poder glorioso que eu senti até a minha medula, brilhou nos meus dedos e rasgou a barriga gorda do monstro. Tripas salpicaram e caíram, então rodaram em um vórtice preto e desapareceram antes da bagunça pegajosa espirrar sobre mim. Ufa.

Eu sorri para a minha pele brilhante. — Bem a tempo.

Eu me arrastei através da água, para a praia, e atirei as minhas mãos para o rebanho correndo. Uma lancinante energia branca pegou toda a linha de frente do bando e explodiu um buraco de um quilometro de comprimento através do centro do resto. As árvores e arbustos não desapareceram, foram deixados enegrecidos e fumegantes.

Os gritos de guerra dos diabinhos desapareceram quando toda a milícia cambaleou, parou e ficou boquiaberta.

Eu ouvi os grilos cantando.

Ok, realmente não ouvi, porque os grilos estavam muito longe, encolhidos em seus buracos, mas você entendeu. Os demônios ficaram atordoados em silêncio. Por minha causa.

— Sim — eu ri. — Eu posso fazer isso. Portanto, fique no inferno...

Um quase cão do inferno coberto de espinhos saltou de trás. Eu abaixei, ele passou por cima, escorando no meu ombro enquanto eu rolava de joelhos e o explodia. Momentos de diversão. Até que eu gritei de dor.



Uma flecha rasgou minha camisa e cortou a pele sobre as minhas costelas. Não tão divertido.

Como se alguém apertasse o botão de play, a horda de demônios de repente fervilhava para a frente, gritos de guerra rugindo no máximo.

— Oh, fala sério! — Eu corri forte e rápido, jogando explosões de raios sobre meus ombros.

Eu não era tão precisa, mas não precisa ser quando minha energia rasgava através de camadas de demônios. Mas mais monstros preenchiam as lacunas e, pior ainda, cada explosão parecia estar mais fraca do que a última.

Será que o meu poder de explodir tem limites? Precisa de algum tipo de recarga?

Eu ponderaria esse pensamento assustador depois, porque eu tinha acabado de correr toda a floresta. Então, tinha o rio. Que caia sobre os penhascos para massa de água imponente que era Gossamer Falls.

Pulando irritantes obstáculos como árvores, os demônios voadores caíram do céu como mísseis. Eu ziguezagueava, desviava, tropeçava, lutava para ficar de pé na terra cada vez mais escorregadia, e cambaleava sempre para frente, ganhando velocidade, mesmo quando o chão estremeceu e se desintegrou em volta de mim, até que eu finalmente cheguei à borda.

E em um grande salto, pulei sobre os penhascos.



CAPÍTULO CENTO E UM

Meus braços e pernas se debatiam. Vento soprava, água rugia, névoa borrifava, e minha barriga escavou com terror. Eu não conseguia pensar. Caindo tão rápido, fora de controle. Sem uma alavanca. Tive que torcer o meu corpo... Foi mais difícil do que eu pensava... Lutei para...

No meio da queda eu girei. De frente para o céu, eu atirei uma tempestade de luz nos demônios no penhasco, acertando alguns, mas demorei demais. Outros já pularam para o ar e despencaram atrás de mim.

Um mordeu a perna da minha calça. Eu chutei, mas não soltei. O tecido rasgou. Eu agarrei o seu pescoço, disparei luz. Seu rosnado se transformou em um som agudo e o demônio se desintegrou em minha mão. Mais duas bestas vieram rapidamente, asas dobradas, mandíbulas abertas. Um travou suas garras na minha perna. A boca do outro fechou quase delicadamente em meu braço, e os dois se agitaram vigorosamente, quebrando a minha queda, começando a me levar para cima e para longe da minha sentença obscura, onde meus medos mais profundos seriam realizados.

De baixo, calor brilhou em uma chama de fogo violento irregular, e um demônio afogou-se em chamas. Água espirrou horizontalmente das cataratas e alongou-se em uma lança de gelo, espetando outro demônio através da barriga. Mal teve tempo de gritar quando sacudiu parando e a carne rasgando, antes de desaparecer em uma névoa negra.

Libertando-me das duas ameaças, eu estava mais uma vez mergulhando no ar, fora de controle, o vento chicoteando o meu cabelo através dos meus olhos, mas eu podia ver mais demônios mergulhando rápido, me atingindo. Eu levantei minhas mãos, pronta para uma explosão.

Uma linha preta disparou do fundo da cachoeira e se envolveu em volta da minha cintura. Eu segurei apertado. As águas caindo se



separaram, e eu girei através da abertura para dentro da caverna atrás das cataratas, as algas verdes iridescentes nas paredes iluminando meu caminho.

Matthias soltou o chicote em volta do meu corpo. Eu dei uma cambalhota no chão, em seguida, levantei e corri passando Jayden que estava mantendo a abertura na cachoeira. Matthias estendeu a mão, puxando as sombras escuras da caverna, e as lançou sobre o lago, tecendo-as em uma rede coesa.

Demônios caíram do penhasco em linha reta na malha de sombras de Matthias e ficaram presos como insetos em papel mata moscas. Peguei uma das linhas esticadas de Matthias e derramei energia nela.

Chuviscando faíscas azuis e brancas, luz alimentou ao longo das linhas escuras até que toda a rede se iluminou como se eletrificada. Demônios gritavam em agonia enquanto seus corpos se contorcendo desapareciam em espessas névoas pretas perfumadas com enxofre e o cheiro doce de carne queimada. Ayden atirou fogo extra. Jayden jogou o que parecia ser estrelas ninja de gelo brilhante.

Eu sorri. — Eu disse a vocês que iria funcionar.

— Você não nos disse nada! — Ayden apagou as chamas em seus braços. — Você simplesmente desapareceu. Então Matthias disse...

— Que eu tinha um plano brilhante?

— Que todos deveríamos montar em Fido através dos demônios para as cavernas enquanto você corria para se matar!

Matthias deu de ombros. — Foi o que eu esperava.

— Você é um idiota! — Ayden deu um soco no ombro do Australiano, em seguida, me esmagou contra o seu peito. Ele estava tremendo.

— Cuidado — Eu murmurei. — Suas chamas.

— Chega de falar das estúpidas chamas! Eu não me importo! — Ele agarrou minha camiseta com ambas as mãos, empurrou nossos corpos juntos e me beijou.

Foi forte e profundo e desesperado. E eu amei cada segundo. Me deu emoções e calafrios, arrepios e sentimentos brilhantes. Coloquei meus



braços em volta de seu pescoço e o beijei de volta. Adrenalina bombeou através de mim. Era bom estar viva. Bom estar em seus braços.

Alguém tossiu e disse — Impulsos coitais devem ser adiados uma vez que atualmente há muitos demônios disputando a oportunidade de nos matar.

Alguém fez ruídos de vômito e disse — Se eu tiver que assistir mais disso, vou me matar.

Ayden empurrou quando alguém e bateu em seu ombro.

Um momento depois, ele liberou minha boca, mas continuou segurando minha camiseta e me deu um olhar de granito. — Não me assuste assim novamente. *Nunca mais.*

— Tudo bem, tudo bem — Jayden disse impaciente — é isso que a extensa legião de demônio busca?

Eu ri. — Não por um longo sh- ataque!

Eu empurrei Ayden para Matthias quando uma flecha navegou entre nós e os cães atravessaram através da névoa da cachoeira.

Nós corremos. Ayden lançou o braço em um círculo. Chamas dispararam em torno das paredes da caverna, chiando nas algas molhadas, permeando um aroma de sopa de legumes. Uivos assustados desaceleraram as bestas, mas não o suficiente.

Corremos para os túneis, batemos nas passarelas de metal, e fomos rápido para o portal na caverna. Fido olhou para cima de onde estava lambendo as feridas de Blake. Logan ajoelhou ao lado de um Tristan gemendo.

— Boa menina. — Eu dei um tapinha em seu lado. — Agora vá encontrar abrigo.

Logan se levantou, puxando seu arco. — Temos companhia?

— Vamos esperar que sim — eu disse e fui em direção à parede do portal.

Os cães entraram na caverna. Agachando-se e arrastando os pés, batendo uns nos outros conforme mais e mais chegavam e enchiam o espaço. Outros demônios de feias proporções pressionavam-se por trás deles.



Ayden iluminou seus braços em chamas. Blake, Logan, e Jayden começaram a acelerar o ritmo também.

— Não! — Eu disse, observando os cães de perto. — Deixe-os!

— A segunda fase do seu plano? — Ayden me deu um olhar por cima do ombro, em seguida, seus olhos se arregalaram. — Cuidado!

Atrás de mim, o portal começou a brilhar e quebrar. Lava escorreu. Ayden correu em minha direção.

Eu mergulhei no chão duro, derrapei em direção ao portal, girando sobre minhas costas quando eu bati na pedra. Acima de mim, a pedra tremia dentro e fora da existência, soltando a gosma completamente. Senti o calor quando deslizou um caminho cambaleante em direção ao meu rosto.

— Aurora não! — Matthias levantou a mão. — Esta parte não parece tão boa.

A linha de frente dos cães saltou com rosnados ferozes. Bati minha mão sobre a dupla espiral abaixo do portal.

A fúria do inferno convergiu sobre nós, e um segundo depois, o chão se abriu.



CAPÍTULO CENTO E DOIS

Nós caímos no tobogã. Gritos ecoaram. Ayden passou os braços em volta de mim, e atingimos a água juntos, em seguida, pulamos para a superfície. O resto dos Garotos Malditos chapinharam na piscina. Todo mundo pegou as videiras penduradas no teto e escalamos para sair da água.

Os cães chapinharam.

— INFILTRAÇÃO DEMONÍACA. — Segurança Sally chegou na hora certa.

A agua girou abaixo de nós. Tentáculos atacaram a partir da superfície. Enquanto o monstro enrolava suas garras em torno de demônios, nós balançamos - desajeitadamente da minha parte - para a costa. Eu caí, tropeçando na superfície rochosa enraizada. Ayden me firmou com um braço em volta da minha cintura e me puxou alinhada contra ele.

— Não sei com o que Matthias estava preocupado — ele sorriu. — Eu amo seus planos.

— Uh, pessoal? — Tristan apontou um dedo trêmulo.

O redemoinho e tentáculos cuidaram de alguns demônios, mas vários foram para a costa. Uma guelra viscosa irrompeu da agua e agarrou meu tornozelo. Meus pés cambalearam, Ayden me girou para fora do caminho, em seguida, Matthias me arrancou dos braços de Ayden e me empurrou para o túnel.

— Encontre a pedra!

Eu parei. — Para que eles possam desencadear um exército de demônios maior do que com o qual estamos lidando?!

— Não, idiota. Assim, podemos usá-la para abrir o portal e empurrar os deuses para o inferno!

— E você acha que os meus planos são ruins?



Balançando a cabeça, corri para os túneis verdes misteriosos e coloquei o anel de Eros no meu dedo. Poder cantarolava ao longo do meu braço, aquecendo meu corpo. A pedra se iluminou como o mini universo. Feixes de luz brilharam, salpicaram em cascata sobre o espaço como uma lanterna de caleidoscópio.

Quando senti o anel puxar na minha mão, suave como quando um Oron recém-nascido pegava meus dedos, eu deixei a força me guiar para frente, deslizando sob a porta entreaberta e para a sala de tesouro, uma confusão da nossa última visita violenta, mas os artefatos estavam desligados, imóveis.

— Cuidado. — Um Tristan em pânico agarrou meu braço, enquanto ele e Blake se juntavam a mim. — Nós estamos provavelmente mais seguros enfrentando os demônios do que neste lugar.

— Pare de ser um bebê — Blake entrou na sala. — Estamos perfeitamente seguros.

Algo *gemeu*. Blake deu um grito, me colocou na frente de seu peito, e olhou em volta a procura de perigo.

Logan mergulhou sob o portão. — Sou só eu.

Eu olhei para Blake. — Você está seriamente me usando como escudo humano?

— Desculpe, querida. Mas este lugar gosta muito mais de você do que de mim.

— Quem é o bebê agora? — Tristan murmurou.

— Demônios chegando! — Ayden e Jayden deslizaram por baixo do portão.

— Blake, solte-a! — Matthias gritou, ajudando os outros meninos a descer o portão. — Aurora, ligue!

Corri através da sala e encravei a fenda entre a tumba e a parede. Bati minha mão sobre a dupla espiral. A pedra se dividiu, revelando a alavanca e os dois botões. O vermelho estava aceso.

O portão estalou quando algo pesado se chocou. Rosnados babados saturaram no ar.

— Prontos? — Eu gritei.



— Agora! — Tristan guinchou.

Eu torci a alavanca, a luz mudou de vermelho para verde, e eu me afastei. Alguém - ou alguma coisa - me agarrou e me empurrou para trás da placa de mármore.

— Espere — disse Ayden.

Um demônio grotescamente grande ergueu a porta para que mais do seu tipo pudesse entrar. O resto dos Garotos Malditos, armados com escudos e armas, correram em direção a eles. As máquinas de ataque de Flint voltaram à vida. Flechas, lanças e vários projéteis voando, voaram para cima. A maioria visando os demônios. Mas alguns atacaram os Garotos Malditos também.

— Esta foi uma ideia terrível — eu sussurrei.

— Tenha um pouco de fé. Nós vamos conseguir. — Ayden deixou cair à armadura sobre a minha cabeça e a mexeu sobre o meu torso. — Vá, ache a pedra.

— Claro. — Apenas me deixe passear pela armadilha mortal sozinha, sem poderes.

Algum do sarcasmo espirituoso na minha cabeça deve ter sido traduzido para o meu olhar, porque ele me deu um olhar seu próprio e disse — Não se preocupe, eu não vou deixá-la ir sozinha novamente. Eu tenho um guarda-costas substituto.

Ayden assobiou e no tempo que levou para que ele me desconcertasse com um beijo profundo e íntimo, Fido retumbou na parte de trás da sala do tesouro.

— Vá! — Ayden gritou enquanto se afastava, e com um sorriso quase insanamente feroz, agarrou armas para se juntar a luta.

Fido agiu como um escudo extra quando eu corri, abaixei, teci e cortei, correndo através das medidas de segurança mortais. Meu lado doía da flechada, e cada torção do meu torso picava do sangue encrustado puxando a minha pele. Tossi na poeira e fumaça, e engasguei com o cheiro pungente de sangue, enxofre, suor, óleo, carne e metal queimando. Meus ouvidos zumbiam com os ruídos ensurdecedores da luta.



Embora os feixes tenham diminuído a um brilho sutil, a pedra no meu dedo girou com vida brilhante. Eu lutava para me concentrar no design do anel e não na batalha travada contra os Garotos Malditos, seguindo o facho para a parede gravada com a dupla espiral na entrada do santuário de Lizzy.

Porque fazia sentindo manter uma arma dessa magnitude em seu quarto.

Eu virei para Fido. — Vá ajudar os meninos.

Ela se afastou. Eu me contorci para tirar a armadura, a joguei no chão, depois levantei a mão sobre o símbolo.

A cauda do lagarto, grosso como um poste de telefone, chicoteou em torno de meus tornozelos e puxou meus pés para fora de debaixo de mim. Quando eu caí, minha cabeça bateu na parede. Sangue lambuzou minha visão conforme monstruosidades jurássicas, uma coberta de cruzes parecendo algo entre um dragão de komodo e um velociraptor, me arrastaram sobre o chão.

— Não! — Eu chutei, torci, rolei sobre minhas costas. Algo duro picou minha espinha. Eu toquei em baixo e tirei o que só poderia ser considerada como uma tentativa desesperada.

A arma tranquilizante da Tia M. A última no meu arsenal. Eu apontei e apertei o gatilho.

O dardo enterrou na costa escamosa. O demônio gritou, mas não me soltou.

Sim, essas coisas funcionavam melhor no Discovery Channel e não em criaturas sobrenaturais.

O demônio se virou, furioso, boca aberta. A respiração quente e pútrida banhou o meu rosto. Tentei sair correndo de volta, mas a cauda ainda me segurava. Eu estava considerando a ridiculamente louca - e em última análise suicida - opção de bater com a pistola nele quando...

A criatura caiu. *Baque.* E não se mexeu.

Eu fiquei livre. — De jeito nenhum. — Meu olhar incrédulo saltou da arma para o demônio caído. — Tia M, você é... *incrível!*

Devo chutar a besta? Certificar-me de que está desmaiada?



Não, sua idiota. Corra. Corra enquanto ele está desmaiado! Corri para a parede, bati a mão sobre o símbolo espiral, e depois que a pedra desapareceu e a caixa de quebra-cabeça mecanizada de engrenagens e alavancas destravou a porta - o que pareceu durar uma eternidade - eu tropecei para dentro.

Dentro do santuário, o anel tremia com mais força, quase me puxando para fora dos meus pés conforme ela puxava minha mão para frente, passando pelas montanhas de livros de Lizzy, que monopolizava uma cama. Mas nenhuma pedra piscando esperava em uma bandeja.

Mordi o lábio e olhei em volta. Vamos. Tinha que haver alguma coisa. Alguma pista, uma dica.

Uma agitação. Ligeira, mas vindo da...

— Seu idiota! — Tristan gritou quando ele entrou no santuário dando uma cambalhota estranha no ar. Logan seguiu, mas executou um salto mortal gracioso antes de pousar levemente em seus pés.

Ele olhou para trás. — Bela jogada.

Blake veio deslizando para dentro, agarrando desequilibradamente o topo de um baú do tesouro coberto de dardos. — Encontrou?

— Ainda não — eu disse. — Shhh!

A agitação veio novamente. Vindo da cabeceira da cama. Eu pulei na cama, poeira voou em uma confusão de mofo no ar, e coloquei o ouvido na madeira lustrosa. Sim. Definitivamente uma agitação. Estudei os entalhes e tracei os dedos sobre um símbolo enterrado nela.

Uma espiral dupla.

Eu pairava uma mão sobre ela, me encolhendo com a antecipação de um piso desaparecer, parede - ou a vida. Respirei fundo e... Pressionei minha palma.

Algo clicou. Uma gaveta deslizou para fora. No topo do veludo verde profundo estava um colar de metal reluzente, a pedra central do mesmo tamanho que o meu anel enorme. Ele tremia com o poder.

Acho que eu não tenho que comprar joias por um tempo.

Algo *bateu.* Coberto de eixos, dardos e lanças, uma canoa de cabeça para baixo com as pernas colidindo contra as bordas da entrada, em



seguida, saltou e raspou o seu caminho ao longo dos lados e deu uma guinada para dentro do quarto.

— Nós parecemos ridículo! — A voz Matthias ecoou por debaixo do barco.

— Se você pudesse dar uma inútil cambalhota, não estaríamos fazendo isso, não é? — Ayden retrucou.

— Oh cale a boca! — Matthias atirou a canoa. — Você não consegue nem fazer uma flexão com essas chamas.

— Blake! — Logan achatou as palmas das mãos sobre a porta de pedra e se esforçou para fechá-la, mas seus pés escorregaram para trás.

Garras, patas e mandíbulas empurraram-se através da abertura com rosnados molhados e gritos inumanos. A porta empinou fortemente e abriu um pouco mais. Um grosso braço de couro com dois cotovelos alcançou através e travou suas garras em volta da garganta de Logan. Seu grito se reduziu para um som estrangulado e deturpado quando o demônio apertou. Logan apalpou o seu pescoço, mas não conseguiu sair do aperto implacável. Seu rosto ficou vermelho.

Com um rugido digno de uma mãe urso protegendo seu filhote, Blake trovejou para cima, agarrou o demônio no pulso e cotovelo, em seguida, arrancou com uma torção brutal. Houve um alto ruído crepitante, e o braço do demônio se rasgou em dois. Os pedaços pingavam com o osso quebrado e o longo, e molhado, tendão despedaçado.

Ou músculo. Ou ambos. Mas tudo brutal.

Do outro lado da porta, o animal lamentou. Blake jogou os pedaços cortados para o lado. A mão caída mexeu ao longo do solo rochoso em direção a Logan que esfregou o pescoço e dançou para fora do caminho, soltando a porta. Demônios começaram a surgir através.

Blake pisou na mão que não morria, em seguida, bateu todo o peso contra a porta e empurrou. A pedra fechou, cortando mais algumas partes do corpo do demônio no processo, e o prendeu no lugar.

— Ha — Blake sorriu. — Deixe-os lidar com o tesouro possuído.

— Aurora, você cuidou do ponto alto da nossa perseguição? — Jayden perguntou.



Olhei em volta, depois para cima, e o encontrei pendurado no teto.

— Como você...? — Eu balancei a cabeça. — Sim. Vamos derrubar três deuses demoníacos com uma pedra brilhante.



CAPÍTULO CENTO E TRÊS

Nós fomos pelo elevador de Lizzy e saímos correndo para dentro do túnel, correndo através da caverna atrás das cataratas. Jayden separou a água das cataratas, e quando começamos a seguir o caminho de pedras para a praia, derrapamos até parar. Os exércitos de demônios se reuniram ao redor, no céu, acima do lago ou no lago, convergindo para a entrada.

Mas havia algo muito pior do que demônios.

Matthias me empurrou para as sombras, fora de vista, e soltou um em pânico: — Pai?!

Xerife Payne bombeava uma espingarda com uma mão e soprou três demônios do céu. Em seguida, ele baixou um olhar de aço contra o seu filho. — Nós não vamos ter uma "conversa amigável" quando chegarmos em casa.

O xerife não estava sozinho. Eu permaneci escondida quando Ayden bateu em seu irmão.

— Você chamou mamãe e papai?

Jayden sacudiu a cabeça, igualmente horrorizado.

— Não. — A Sra. Ishida disse calmamente, em seguida, abaixou-se graciosamente quando o Sr. Ishida desembainhou uma espada, e balançou sobre sua esposa, e cortou a cabeça de um cão espreitando da água. — Mas deveria ter chamado.

Ninguém sequer se encolheu quando um demônio explodiu do lago e lançou-se sobre a Sra. Ishida em um abraço de urso mortal.

Eu comecei a... a - eu não sei, fazer *alguma coisa*! - mas espinhos de prata explodiram de repente da Sra. Ishida e espetaram o demônio.

Então com um agudo gemido de um liquidificador - ou motosserra - os arames farpados começaram a girar. Rápidos. Basicamente transformando as entranhas do monstro em um elástico liso. Ele mal teve tempo de gritar de agonia antes de desaparecer em uma névoa negra.



As lâminas de prata permaneceram salientes de todo o corpo da Sra. Ishida. Ela suspirou. Eles retraíram. Mas sua apertada roupa preta estava furada e despedaçada.

— Querido. — Ela estendeu a mão para o marido. — Faça, por favor.

Sr. Ishida jogou sua espada em Ayden que a pegou com facilidade, em seguida, pegou a mão de sua esposa. Em segundos o tecido remendou de volta, e...

Uau. *Ela* sabia como usar um macacão de couro.

Por que eu namoro um cara com pais assassinos? Única explicação? Desejo de morte.

Com um grito sobrenatural, um demônio gigante parecendo um dragão que literalmente respirava fogo, caiu através do céu. Montando-o como um cavalo selvagem estava uma pequena morena. Quando a besta mergulhou em direção a nós com suas mandíbulas cheias de presas abertas, a mulher apunhalou sua mão no interior do pescoço do animal, em um movimento vicioso e...

Arrancou sua coluna vertebral.

Minhas viagens ao Mundo em Espera foram à única razão de eu não estar vomitando.

O chão estremeceu quando o demônio dragão caiu na parte rasa da praia. A mulher que o trouxe para baixo apontou um dedo para os meninos, a vértebra sangrenta que ela tinha acabado de arrancar balançava livre em seu aperto, pingando... Fluidos e outras coisas.

Logan fez uma careta. — Estou de castigo?

Sua mãe olhou. — Muito de castigo.

Ela deu uma pirueta para sair do demônio imóvel e caminhou para nós, alisando o cabelo em um coque bailarina, enquanto atrás dela, a besta — sem espinha, eu não conseguia evitar — explodia em pó preto e desaparecia.

Eu me abaixei ainda mais quando um gigante arrastou-se para fora da floresta, um machado do tamanho de um pneu de trator casualmente descansando no seu ombro...

— Tio Reece?! — Blake acovardou-se atrás de Logan.



Quando o casal de idosos caminhou atrás de tio Reece, Tristan gritou — Vocês estão vivos!

A Sra. Ishida murmurou para ninguém — Por que ele acha que alguma coisa poderia matá-los?

Tristan correu para dar um abraço grupal em seus avós.

— É claro que estamos vivos — seu avô disse. — São as hordas de demônios que vão morrer, não nós. Sua avó estava no seu melhor. E não se esqueça do seu presente. Mostre a ele, querida.

Tristan sorriu para o seu presente, puxando um gorro colorido com pompons nas laterais. — Eu amei!

— É lã iaque — sua avó disse. — E o nosso xerpa[24] disse que o abençoou com um feitiço de proteção. Agora, o que é isso que ouvimos sobre algumas travessuras que você tem feito?

— Desculpe — Tristan disse timidamente. — Eu sei que errei.

— Você está brincando? — Sua avó irrompeu em um sorriso enorme. — Esta é a primeira coisa perigosa que você faz!

— Nós estamos tão orgulhosos de você! — Seu avô lhe deu uma tapinha nas costas.

— O quê? — A mãe de Logan estalou.

A avó de Tristan lhe lançou um olhar. — Não questione o nosso estilo parental.

Matthias acenou com a mão empurrando sobre o peito de seu pai. — Você está com o colete de Jenny?

O xerife abandonou seu sorriso megawatt e realmente parecia ameaçador. A aura letal foi ajudada pelo fato de que ele estava coberto com todos os tipos de armas e usando um arsenal no colete de Jenny.

— Não. Jenny estava com o *meu* colete — ele retrucou. — Foi o meu projeto! Ele roubou!

[24] Os xerpas são uma etnia da região mais montanhosa do Nepal, no alto dos Himalaias. Na língua xerpa, shyar significa "leste"; pa é o sufixo significando 'povo': daí a palavra shyarpa ou xerpa. Nos anos recentes, muitos xerpas migraram para a Índia.



— Céu Misericordioso. — Revirando os olhos, Jenny saiu da caverna quando ele disparou um tiro sobre seu ombro, acertando o cão demônio que estava rosnando atrás dele. — Você ainda está preso a isso?

— Você! — Matthias rosnou. Luzes piscaram. — Você arrastou meu pai para isto?!

Jenny bufou. — Claro.

Sadie, o cão demônio dos Payne, correu da floresta carregando em sua boca os restos rasgados e sangrentos do apêndice de algum demônio, que ela deixou cair rapidamente para que ela pudesse saltar para o céu e morder furiosamente. Sem se preocupar em olhar para cima, Xerife Payne casualmente engatilhou a arma de cano duplo e explodiu vários demônios que mergulhavam no céu. Sua outra mão puxou uma enorme arma e derrubou mais alguns.

Sorrindo, ele esfregou o topo da cabeça de Sadie e disse — Essa é minha garota — com afeto genuíno. Cauda abanando, ela se afastou, nariz para o chão, farejando vorazmente, quando o xerife virou uma carranca para Matthias. — Você realmente acha que pode lidar com um deus grego, e muito menos três?

Sra. Ishida murmurou — Típico dos adolescentes.

— Acham que podem conquistar o mundo — Sr. Ishida concordou.

— Nós conseguimos. — Tristan deu um high five para seus avós. — E nós ganhamos.

— Você explodiu todo o...

— Mãe, deixa pra lá. — Logan arrastou os pés.

O tio de Blake riu. — Ela apenas está com raiva... — Ele pegou um olhar fulminante da pequena morena —...a única coisa que eu concordei em não falar. Nunca.

— Os deuses ainda não estão no portal. — Jenny olhou para mim e piscou.

— Boa. Nos dá tempo para montar uma armadilha — a mãe de Logan disse.

Sr. Ishida pegou sua espada e tirou a gosma preta nela. — Meninos, os segure aqui. Nós lidaremos com os Olimpianos.



Os Garotos Malditos começaram a gritar, os pais gritaram de volta. Houve um definitivo — Claro que não! — vibrando definitivamente de ambos os lados. Todos sabiam que as chances de sobrevivência eram mínimas. Inexistentes, se você perguntasse a Tristan.

Eu olhei para o túnel escuro na parte de trás da caverna, pensando se talvez eu devesse tentar combater isso sozinha. Definitivamente não era uma boa ideia, mas eu não gostava da ideia de ser responsável por um monte de corpos.

Jenny levantou as mãos. — Eu sou o perito aqui!

O xerife acenou para ele. — Então nos diga!

Jenny assentiu como um sábio que sabe de tudo. — Os meninos vão contra os Olimpianos.

— Ha! — Matthias apontou um dedo para seu pai pouco antes de todos os pais começaram a gritar novamente.

Jenny disparou três tiros no ar para silenciá-los, cortando alguns demônios também. — Eles já sabem mais ou menos como trabalhar com o poder de Aurora, e ela é a melhor chance que temos para ganhar deles.

A avó de Tristan franziu o rosto. — A vizinha medrosa e apavorada demais para sair de casa?

Bati uma mão sobre meu rosto. Tanta coisa para ser discreta. Mas se eu pudesse ficar escondida...

— *Au! Au, Au! Au!* — Abanando felizmente o rabo como se ela tivesse acabado de ganhar um jogo de esconde-esconde, Sadie saltou na minha frente e não se calava.

Cachorros. Eu os odiava.

— Eu não estava com muito medo de sair de casa. — Eu dei um passo para fora da caverna. — Ok, talvez às vezes, mas você pode me culpar por tudo isso?

Sra. Ishida sorriu para os outros pais. — Eu disse que ela podia ver demônios.

Ayden ficou boquiaberto. — Vocês sabiam?

— Dã — Sr. Ishida bufou.

— Por que ninguém disse nada? — Eu disse.



— Negação plausível — todos eles ecoaram.

— Oh.

Jenny bateu em minhas costas. — Eu só preciso deixar Aurora irritada o suficiente para ativar seus poderes para que eu possa amplificá-los. Vou aumentar o dos meninos também, mas a maneira mais rápida para conseguir que Aurora comece é colocar seus filhos em uma experiência de quase-morte.

Segurei a mão de Ayden. — Isso é um plano fracassado, isso se eu ouvi um!

A mãe de Logan cruzou os braços. — Faz todo o sentido.

— Fizemos algo semelhante em Veneza. — Tio Reece concordou.

— Foi Istambul. — Xerife Payne trocou a munição de sua arma e bateu no lugar.

Tio Reece girou o machado. — Não, eu tenho certeza...

— De qualquer forma — Sra. Ishida cortou — funcionou como um encanto.

Sr. Ishida disse — Vão meninos, e fiquem alerta. Vamos cuidar das coisas aqui fora. — Ele se virou para sua esposa. — Querida, você tem um pouco... — Ele limpou alguma gosma preta de sua bochecha.

— Certifiquem-se de que sangrem muito.

— Vovó! — Tristan empalideceu.

— O que? Eu disse sangrar *muito*, não sangrar *até morrer*.

CAPÍTULO CENTO E QUATRO

Os Garotos Malditos me empurraram pelos túneis para o portal.

— Ainda não gosto deste plano — eu resmunguei.

— Vocês vão ficar bem. — Jenny estava cheio de confiança. Mas o que você pode esperar de um lunático? — Quando os deuses aparecerem, façam tudo o que puder para ajudá-los a conseguir abrir o portal usando... — Ele fez uma pausa. — Onde está a maldita pedra que eles querem?

— No meu sutiã.

— Legal, querida.

— Escolha interessante. — Jenny deu de ombros. — De qualquer forma, você fica perto dos deuses.

Ayden me parou com um braço protetor. — Nós não concordamos com isso.

Ah, claro, agora ele estava do meu lado.

Matthias me deu um empurrão para frente. — Quanto menor a chance de ela sobreviver, melhor soa para mim.

Jenny recarregou suas armas. — Quando eu aumentar seus poderes, quanto mais perto ela estiver dos deuses, melhor a chance que ela tem para nos ajudar a explodi-los de volta através do portal aberto. Sem mais treinamento, ela é melhor a curta distância. Vai ser fácil.

— Temos definições muito diferentes de fácil. — Eu tomei uma respiração instável. — E aquele exército de demônios esperando por Afrodite? Você está certo que o portão irá mantê-los se algum passar?

— Com força total e prontos para começar — Tristan disse, parecendo ridiculamente adorável em seu chapéu brilhantemente colorido de lã iaque, os pompons balançando enquanto ele batia com concentração em seu tablet. — Eu posso controlar tudo daqui. Vou abaixar o portão, e mantê-lo até que todos nós estejamos deste lado. Seguros.



— Confie em mim, moça, você pode fazer isso — disse Jenny. — Nós somos o melhor apoio que existe. Com todos trabalhando juntos, vamos derrubar este monte e...

Jenny parou. O sangue drenou de seu rosto, armas escorregaram de seus dedos e fizeram barulho na terra.

Ártemis estava diante do portal, cães agachados e babando ao redor dela. Em seus braços, ela segurava uma menina que tremia, com talvez nove anos de idade, com um chocante cabelo vermelho rubi mais brilhante do que o meu, e olhos verdes pálidos brilhando com lágrimas de terror.

Eu vacilei como todos os garotos energizados.

— Ah, ah, ah. — As unhas de Ártemis, longos pedaços de obsidiana preta, enrolaram em torno da garganta da menina.

— Jen? — A voz de Matthias sacudiu. — Aquela é... ?

— Minha menina? — Jenny mal conseguia recuperar o fôlego. — Chloe?

Ártemis me estudou com um sorriso ou um rosnado. — Eu quero negociar. Uma menina pela outra.

Definitivamente um rosnado.

Jenny colocou uma mão no meu ombro. — Estou ouvindo.

Ayden me puxou para longe do olhar escuro do caçador sugador de energia. — Nós sequer sabemos se é realmente ela.

Jenny piscou lentamente, o olhar confuso desaparecendo de seus olhos. — Muito certo.

Ele se abaixou para pegar suas armas.

Ártemis inclinou a cabeça. — É simples. Dê Aurora e minha pedra para mim, além da promessa de nunca me caçar de novo, e eu vou lhe dar sua preciosa filha.

Jenny balançou a cabeça e mordeu o lábio com tanta força que sangrou. — Eu aceito.

— O que?! — eu disse.

Os meninos se juntaram em um protesto coletivo.

Mas Jenny estava pronto.



Ele bateu um pé no peito de Blake, o grandão caindo derrubou Tristan e Logan. Jayden arremessou uma lâmina de gelo, mas perdeu sua forma e espirrou inofensivamente no ombro de Jenny, ao mesmo tempo em que as chamas de Ayden apagaram-se e os chicotes sombra de Matthias desapareceram para a não-existência.

Os gêmeos Ishida congelaram quando Jenny os mirou com o cano de suas duas armas. — Fácil, rapazes. Vocês não têm poderes. Eu sou o único com armas.

— Jen. — Matthias deu um passo para o homem enlouquecido, mas Jenny atirou no chão a seus pés e o Australiano saltou para trás. — Eles nunca encontraram o corpo dela, mas isso não significa que Ártemis manteve Chloe viva todo esse tempo. Você não pode confiar em um deus.

Os lábios de Jenny se curvaram em um sorriso cruel. — Até mesmo a moça disse que a deusa demônio não mataria uma jovem.

— Eu não disse isso... exatamente. — Meio que disse. Que bela boca grande, Aurora. — E mesmo se eu estiver certa, ela vai não apenas entregá-la.

— Ártemis! — Jenny disse, sem tirar os olhos dos meninos. — Envie Chloe. Vou mandar Aurora. — Jenny acenou a arma para mim. — Estou indo. E de um abraço em Ártemis. Por mim.

Abraço? Claro, porque isso faz sentido. Olhei para ele. Duro. Tentei ler seu rosto. Será que ele tem algum plano brilhante? Mas sua expressão não entregava nada.

Eu lhe lancei um olhar sujo.

— Aurora, não. — Ayden estava furioso. — Jenny, você não pode!

— Você faria o mesmo, rapaz. Vá Aurora. Hora do show.

— Vai ficar tudo bem — eu disse para Ayden. Parecia que ele não acreditou em mim. Então éramos dois. Mas mesmo se não fosse Chloe, que escolha eu tinha? Uma criança estava com problemas.

Uma vez que Ártemis deu na menina um empurrão, eu olhei para a deusa e andei para frente. Ela tirou seu arco e o manteve apontado sobre Chloe. Agarrei-me ao terror se construindo dentro, tentando acender em energia que eu pudesse atirar. Quando cheguei mais perto, percebi que a



pedra umbra deve estar funcionando porque a parede portal atrás de Ártemis estava mudando. Partes dela turvaram. Estava começando a abrir.

Algo clicou no fundo do meu peito e roubou o fôlego quando o calor queimou. Voltei a olhar para Jenny, seus olhos já brilhavam amarelos, encharcando os poderes dos meninos, mas ele olhou diretamente para mim, e... assentiu. Eu acho. Foi tão rápido.

Então energia correu através de mim. Um pico de energia. Tinha que ser dele. Eu me pendurei nisso, abanando as chamas, sentindo a força crescer.

Chloe e eu passamos uma pela outra na piscina com as estalactites soltando um pinga-pinga constante sobre a superfície borbulhante. Eu dei a menina de olhos arregalados o que eu esperava ser um sorriso tranquilizador. Parece que não funcionou. Seus lábios tremeram e a respiração vindo em tufos, às lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Chloe, está tudo bem. Você estará segura. — Eu estendi a mão e apertei sua mão tremendo. Tão pequena, mas seus dedos agarraram forte com desespero. — Eu prometo.

— Continuem se movendo — Ártemis ordenou.

Mulher sem coração.

A raiva brilhou através de mim em uma massa efervescente. A criança estava petrificada. Eu tinha que tirar minha mão da dela. Ela me deu um olhar de angústia, como se eu estivesse abandonando-a. A ira que senti pela deusa alimentou meu poder.

Calor. Pressão. Energia se construía dentro de mim. Eu não estava brilhando ainda, mas estava chegando, e quando isso acontecer, eu traria e derrotaria Ártemis.

Tirei meus olhos da menina e me forcei a me afastar. Foi quando Chloe atacou. Com um gemido miserável, seus braços fecharam em mim por trás, o rosto enterrado nas minhas costas, sua pequena forma tremendo incontrolavelmente.

— Ajude-me! — Ela gritou num sussurro áspero, antes do seu corpo sacudir em soluços angustiantes.



— Pare! — Eu gritei, significando várias coisas. Por mim e Jenny, então eu não energizei e queimei a menininha. Ártemis apontou uma flecha em meu peito. O mundo desacelerou para que eu pudesse descobrir o que fazer.

— Traga ela! — Ártemis ordenou.

Chloe abraçou mais apertado, chorando, sacudindo a cabeça. Jenny estava gritando alguma coisa.

Eu tirei o colar e o segurei sobre a borbulhante água da piscina fumegante. — Relaxe, ou eu vou soltar, e ninguém vai tê-la.

— Não! — Ártemis se encolheu de medo e baixou o arco. — Eu não posso perder novamente. — Os cães de caça recuaram.

Ok, bom. Eu não tinha certeza que reação eu iria receber, mas essa estava trabalhando a meu favor.

Eros apareceu ao lado de Ártemis e engasgou com ela, horrorizado. — Você se atreveu a quebrar a promessa duas vezes? Eu disse que pegaria sua pedra preciosa. Uma vez que resgatasse Psiquê, Afrodite é toda sua.

Ártemis estava olhando fixamente para a pedra, mas enquanto eu observava, seu medo inicial desvaneceu-se em fúria.

— E eu sabia que não podia confiar em você, Eros — a caçadora rosnou. — Eu deveria ter percebido quando você insistiu em sequestrar um Garoto Maldito, em vez de me deixar matar um. Eu pensei que talvez você tivesse simplesmente ficado suave, mas agora vejo que você brincou comigo como uma tola. Esperando me atrair para cá com suas mentiras sob falsos pretextos.

— Eu não menti — Eros disse. — Eu negociei de boa-fé.

— Dificilmente. — Ártemis apontou para o colar que eu segurava. — Porque essa não é a minha pedra. — Ela levantou o arco e flecha.

— Não, não é — uma bela voz sussurrou em meu ouvido quando o colar foi arrancado da minha mão. — É minha.



CAPÍTULO CENTO E CINCO

Tive tempo suficiente para notar que Afrodite cheirava a todas as minhas sobremesas favoritas em uma só pessoa, agarrei seus ombros e bati nela com uma cabeçada.

Ela gritou e cambaleou para trás. Estendi a mão para Chloe. Ártemis atirou uma flecha diretamente para o cérebro de Afrodite. Estava a polegadas de enterrar entre os olhos da Deusa do amor quando Afrodite a pegou com uma mão e a empurrou sob meu queixo, a ponta escavando na pele macia.

Eu congelei.

— Cessar! — Afrodite fechou a mão no ombro de Chloe. — Ou a criança vai perder seu coração. — Suas alongadas unhas em garras afiadas enrolaram e pressionaram no tecido sobre o peito de Chloe. Pequenos aguilhões de sangue floresceram na blusa branca amassada.

— Deixe-a ir — eu disse, o movimento tirou um fio de sangue do meu pescoço quando a flecha pressionou mais profundo. — Me leve.

Reprimi o desejo de usar meu poder, com muito medo de pegar Chloe no fogo cruzado.

— Com o tempo, meu animal de estimação. Não tenho nenhuma dúvida. — Afrodite curvou um sorriso calculista e disparou a flecha para Ártemis que desapareceu em uma nuvem de fumaça, em seguida, a deusa do amor me empurrou de lado e arrastou Chloe para o portal.

Eu olhei para as costas de Afrodite, meus dedos se contraindo com poder. Eu dei vários passos em direção a ela. Se eu pudesse conseguir um tiro limpo...

Afrodite virou, empurrando Chloe com um giro violento, fazendo a criança choramingar e fazendo com que seus olhos ficassem enormes e brilhantes.



A deusa zombou com malícia. — Sinto a paixão de seu ódio, seu desejo de se vingar, mas conheço isso. Vou matá-la se você tentar me impedir. Afaste-se.

Minhas narinas inflaram. — Tudo bem. — Eu levantei minhas mãos e me afastei.

— Observe-a — Afrodite disse para Eros, em seguida, virou-se para ficar na frente do portal, deleitando-se de seu triunfo. Ela ergueu o colar no alto e o apontou em direção ao portal, olhando encantada para as seções ampliando em um borrão brilhante onde a rocha estava diluindo e saindo através de um fraco brilho de vermelho escuro.

Uma linha direta para o Mundo em Espera e sua horda de demônios recrutas.

Meu cérebro estava perdendo a coragem. Fugindo, lutando por um lugar tranquilo para se desligar até que tudo isso acabasse, mas eu forcei um aperto firme em seus lados e o obriguei a pensar. Todos os deuses estavam aqui, o meu poder estava pronto, pronto para atacar, então quando o portal abrir, eu o uso para empurrá-los através dele.

Fácil, assim como Jenny disse. Apenas um problema. Não posso deixar que Chloe fosse pega no fogo cruzado.

— Afrodite, você tem o que você queria. — Eu ficava recuando, enquanto procurava uma maneira de voltar para os deuses sem ser notada, porque Jenny estava certo. Eu era melhor a curta distância. — Deixe a menina ir e me leve. Eu sou muito mais valiosa.

Afrodite cuspiu — eu vou ter você em breve, animal de estimação. Não se atreva em apressar meu triunfo. — Ela ergueu o colar mais alto e falou com uma voz grandiosa. — Meu exército vai chegar em breve. A hora da minha glória é... é... — Ela fez uma pausa.

Seu braço segurando o colar baixou lentamente. O portal, que momentos antes estava abrindo, agora começou a solidificar novamente, quase de volta para a pedra dura.

— O que está acontecendo? — Ela praticamente gritou. — Eros? Por que fechou? Deveria abrir. Deveria permanecer aberto para que sua patética amante pudesse trazer meu exército!



Eros arrancou o colar de sua mãe, o estudou de perto, em seguida, engoliu em seco e fechou os olhos por um longo momento.

Ele falou suavemente. — Esta não é a Pedra do Portal. — Então ele olhou para mim com acusação e angustia. — Como você pôde?

— Como eu pude o quê? — Senti o pânico crescer. Isso não faz sentido. — Eu usei a outra para encontrá-la. Como você disse. Tem que ser a pedra!

Afrodite olhou para Eros. — Tem certeza de que essa não é a pedra que precisamos? — Ela viu a confirmação no rosto de Eros, viu o portal quase completamente fechado. Ela virou-se para mim, os dentes à mostra. — A criança vai pagar por seus erros. — Ela levantou Chloe, que se contorceu e gemeu quando as garras de Afrodite penetraram no tecido e carne.

Mais sangue no branco.

— Eu não sei! — Eu corri para frente. — Posso encontrar a pedra certa! Eros, você disse que tínhamos dois dias, então me dê mais tempo! — E uma chance clara para atirar nesta *bruxa* desagradável!

Uma arma disparou. A explosão ecoou quando a bala tocou a parede de pedra atrás da cabeça de Afrodite.

Mirando com sua arma, Jenny gritou — Não!

Com um olhar assassino, Afrodite golpeou seu braço através do ar. A arma de Jenny foi arremessada de sua mão. Ele já estava puxando outra, quando um golpe do braço da deusa o catapultou para trás. Ele colidiu com Tristan, que girou para o lado, as bordas do chapéu girando de forma irregular. O tablet foi arrancado das mãos de Tristan e bateu contra uma pedra, quebrando e despedaçando.

Afrodite gargalhou com triunfo, em seguida, segurando Chloe na frente dela, ela virou-se para o resto dos Garotos Malditos. Seu rosto se iluminou com uma alegria maníaca. Eles se espalharam, tendo cobertura atrás de pedras. Exceto Ayden que mergulhou na piscina borbulhante.

Conforme o sangue se espalhava sobre sua camisa, Chloe gritou de dor, então de repente mordeu a mão de Afrodite. A deusa gritou, seu aperto afrouxou, e eu corri contra ela, derrubando as duas no chão. Eu bati



contra o portal. Estremeci e gritei, e a parede de pedra começou a afinar e se dissipar novamente. Ondas escaldantes de calor rolaram através.

— Está abrindo! — Afrodite sorriu com insanamente, então estreitou os olhos para mim. — O que você está fazendo? Você está com a verdadeira pedra?

— Corra! — Eu disse a Chloe.

A menina corajosa tentou, mas Afrodite agarrou seu tornozelo. Eu pulei em cima da deusa e bati em seu belo rosto com meus punhos. Eu estava me sentindo bastante vigorosa, até que ela empurrou uma mão no meu peito, e eu saltei para cima, minhas costas batendo no teto, o corpo ficando preso por uma força invisível.

Ouvi um estrondo e um clique de engrenagens. A partir do teto ao redor de mim, rocha desmoronou. Eu senti a pressão sobre a parte inferior das minhas costas. A rede de metal tinha começado a se alimentar da pedra e começou a baixar, me puxando para baixo junto com ela.

Com um *boom* ensurdecedor, a água na piscina disparou em linha reta em um jato de vapor, quebrando as estalactites como palitos. Então Fido estourou da piscina com Ayden agarrando-se a ela como um treinador de algum bizarro espetáculo Supernatural do Sea World. Seus ridiculamente muitos pés derraparam até parar, quando uma dúzia de cães raivosos de Ártemis cresceu do solo como ervas daninhas. Com um grito de fúria, minha diva Contrato de Sangue confrontou o bando monstruoso. Eles se agacharam, rosnaram, dentes arreganhados e babando. Em seguida, eles atacaram.

Fido não vacilou. Ela pegou dois cães pulando na boca dela, os esmagando ao esquecimento. Durante uma cambalhota graciosa para sair do seu corpo peludo, Ayden incinerou mais três.

Conforme os outros garotos se juntaram para lutar contra os cães restantes, Matthias atirou um chicote em torno da cintura de Chloe e tentou puxá-la das garras de Afrodite. Mas a deusa girou a menina para que o chicote enrolasse ao redor do seu corpo, mais e mais alto até que cercaram a garganta da menina e apertaram como um laço. Chloe tateou

inutilmente em seu pescoço, ruídos estrangulados balbuciaram por seus lábios.

Matthias desenrolou o chicote e disparou mais dois para Afrodite. Ela apontou seu braço e várias das estalactites caídas levantaram do chão e dispararam como lanças em direção ao Australiano. Ele mergulhou para se proteger, mas uma cortou seu ombro. Ele foi para trás da rocha e seus chicotes sombra desapareceram.

Entre a força de Afrodite ainda me segurando, e a rede me empurrando para baixo, eu senti como se tivesse sendo dividida em duas. Dor e medo tomaram conta de mim. Eu não conseguia pensar.

Chloe gritou. Mais sangue escorreu em sua camiseta.

Cavei através do pânico e encontrei uma onda de poder. Faíscas irromperam dos meus dedos. Luz irradiou e disparou em direção à deusa psicopata. Seus olhos se arregalaram e ela desapareceu, se teletransportando em uma nuvem de fumaça. Liberada de seu poder, eu bati forte no chão.

Energia correu pelos meus braços. Eu rolei para longe, preocupada que Chloe ainda estivesse perto e eu atirasse nela ou em qualquer outra pessoa, mas quando eu olhei em volta, Chloe não estava à vista.

— Eros! — Eu levantei, deslizando e caindo em poças rasas de água morna, olhos examinando a caverna. — Onde está Chloe?

Mas ele não respondeu, muito ocupado correndo ao longo do portal cintilante, gritando — Psiquê!

Tossi no ar espesso e úmido que vinha através do portal. Cheirava a compostagem queimado e algo pior. Pisquei, me movi para limpar a sujeira do meu rosto suado e vi que meus dedos pareciam brilhar que nem o Quatro de Julho. A luz zumbindo das pontas cresceu mais e giraram em linhas irregulares de energia elétrica, crepitando em todo o chão da caverna, pulsando com vida.

As linhas de energia se moveram ao longo do chão como se estivesse procurando, e despedaçaram um dos cães de Ártemis como papel. Um sangrento papel picado de intestino.



A força segurou, me dominou, arrastando minhas mãos para frente, levantando-as. Eu não conseguia me afastar. As extremidades da luz girando se aproximaram do portal, tremendo com rajadas de luz até que...

Com um rugido concentrado, a minha energia bateu na parede, e o portal rasgou aberto.



CAPÍTULO CENTO E SEIS

Tudo tremeu. Sujeira caiu do teto. Eros foi jogado ao chão quando raios de luzes laranja surgiram no meio do outro lado do portal, conectados com a luz dos meus dedos formigando, e causou mais teias pulsantes de energia elétrica saltando de minhas mãos em rajadas brilhantes de cores não naturais.

As linhas irregulares de poder pareciam vivas. Vorazes, caçando. Alfinetes e agulhas sobrecarregaram o meu corpo. Eu empurrei minhas mãos, tentei afastá-las, mas elas estavam presas. Os feixes brilhando as prendiam irrevogavelmente ao portal e o horror além do mundo.

O Mundo em Espera.

E nesta versão? A terra de fogo e enxofre. Não que eu soubesse o que é enxofre.

Rolando sobre a paisagem de fogo, fluxos de lava curvavam em torrentes, restos de corpos caindo dentro de sua corrente grossa, fumegante. Na distância, vulcões entraram em erupção. Fogo espontaneamente explodiu vindo do solo em chamas. O vento quente soprava uma tempestade, queimando meu rosto.

Essa não era a minha noite.

Matthias correu para mim. — Precisamos sair daqui! — Ele apontou para a rede de metal atrás de nós que agora estava mais do que meio caminho para baixo. — Tristan não pode parar. Precisamos chegar do outro lado antes de chegar ao chão. Desligue o seu poder!

— Eu não posso! — Eu puxei as minhas mãos para trás, mas as amarras brilhando apenas afastaram um pouco, como se eu estivesse presa em uma goma.

— Eu posso. — As mãos cheias de cicatrizes de Jenny apertaram sobre meus ombros, com os dedos prestes a quebrar minha clavícula. Mas, em vez de dissipar, a minha onda de energia intensificou.

Matthias gritou — Jenny, desligue os malditos poderes dela!



— Estou tentando! Mas ela está... — A voz de Jenny quebrou em tensão.

— Ela está o quê? — Ayden estava frenético.

As mãos de Jenny permaneceram apertando mais, o suor pingando do seu queixo. — Ela está puxando o meu poder!

Eu lutei contra o impulso do portal. — Eu não estou tentando!

Jenny lutou, seu corpo baixou, os dentes cerrados, grunhindo a cada passo, ele me arrastou para trás, tentando me levar para trás da rede demônio antes que abaixasse completamente. Mas estava devagar. As crepitantes linhas de energia continuavam alongando, puxando contra nós, recusando-se a libertar o meu domínio sobre o portal.

Ayden estendeu a mão para mim. — Eu ajudo!

Eu gritei — Não! — Assim que Jayden arrastou seu gêmeo de volta para a segurança dos braços de Blake.

— Encontre Chloe! — A voz de Jenny tremeu com esforço e desespero.

Alguma coisa respingou aos meus pés.

Um crânio.

Em decomposição. Um globo ocular pendia para fora como um catarro infectado.

Tristan gritou. Eu queria, mas não podia, meus pulmões falharam do esforço hercúleo para me tirar dessa bagunça terrível.

Outro crânio respingou.

Uma figura borrada estava quase dentro do portal. Do outro lado. Alguém estava no Mundo em Espera. Jogando partes do corpo para fora.

— Impossível! — Eros ficou de pé, chocado, arranhando o portal. — Aurora, mantenha aberto! Por favor, apenas tempo o suficiente para Psiquê conseguir sair! Ela está aqui!

— Eros! — Afrodite apareceu na frente do portal, de frente para ele, de costas para nós. — Onde está meu exército? Sua amante de sorriso afetado deveria trazê-los. Nós tínhamos um acordo!

Outro crânio voou através do portal e atingiu Afrodite na cabeça.

— Como ela ousa! — A deusa fervia, então rosnou seu veneno em Eros. — Sua traição vai custar-lhe tudo!



Eros continuava arranhando o portal. — Consiga que ela saia e eu faço o que você pedir!

— Tarde demais! — A voz fria de Afrodite ecoou. — Para todos vocês!

Em uma fúria violenta, ela virou-se para nós, e pavor cortou minha barriga.

Ela estava com Chloe.

Afrodite segurou a menina soluçando pelos cabelos, usando-a como escudo. Elas estavam tão perto do portal. Perto demais. Tanto ela quanto o cabelo de Chloe levantaram para frente e pra trás, e começaram a ser sugados para dentro.

Jenny finalmente me soltou para trás para o caminho da rede de metal. Ele olhou para cima e viu sua filha. Com uma chave de braço gutural de dor, ele arrancou as mãos de cima de mim e deu uma guinada em direção ao portal, mas suas pernas cederam. Ele entrou em colapso e sufocou com um patético — Chloe! — Antes de seus olhos se fecharem, e ele ficar imóvel.

Os bonitos olhos loucos de Afrodite pousaram em mim.

— Feche o portal e venha comigo! — Ela teve que gritar para ser ouvida sobre o rugido da minha energia e o estrondo da porta na sua descida constante. — Ou vou destruir todos que lhe são queridos. Feche agora!

— Não até que você solte Chloe. — Eu não sabia como fazer isso sob quaisquer circunstâncias, mas Afrodite não precisa saber disso. Então eu blefei. Mais ou menos. Que outra opção eu tinha se não dar a ela o que ela queria? A vida de uma garota estava em jogo. — Liberte ela e eu vou com você e faço o que quiser. Com a minha ajuda você pode governar o mundo. — Até eu encontrar uma maneira de destruir você.

— Saia daí então — Afrodite disse com um brilho satisfeito em seus belos olhos. — Vamos selar o acordo.

A mão no cabelo de Chloe caiu para o ombro da garota. A outra me alcançou em um gesto muito elegante para um negócio tão vil. Engoli em seco e dei um passo para frente. Alguém gritou — Não!



Uma mão saiu do portal. Em uma nota surpreendente - porque todo o resto tem sido até agora completamente mundano - não estava em decomposição. Ela agarrou um punhado do cabelo de Afrodite e puxou.

Afrodite caiu para trás, seu corpo foi sugado pelo portal e para dentro do infernal Mundo em Espera. O que teria sido motivo de celebração, exceto...

Que ela levou a filha de Jenny com ela.

A rede estava quase completamente para baixo, pronta para nos fechar para fora do portal. E Chloe do outro lado.

Meu corpo reagiu antes da minha mente tomar a decisão.

Eu parei de lutar contra a energia e, ao invés, alimentei mais com as minhas mãos, deixando os fluxos de luzes irregulares manterem o portal aberto, aumentando a conexão. Então eu corri para frente e fiz o meu melhor em correr, sobre o meu lado e por baixo da rede. Eu tinha apenas espaço suficiente para passar, as bordas de metal tão perto que elas rasgaram a minha camiseta antes de baterem forte em seu caminho no chão de pedra e enterrarem-se profundamente.

Eu fui cortada.

Eu não tinha tempo para me preocupar com isso porque eu já estava de pé, usando a força das crepitantes amarras brilhantes ainda disparando das minhas mãos para me ajudar a ganhar velocidade enquanto eu corria diretamente para o portal.

E pulei para dentro.



CAPÍTULO CENTO E SETE

O chão do Mundo em Espera provou ser escorregadio. Felizmente, os ossos dos corpos em decomposição forneciam tração suficiente para derrapar e parar com um barulhento mastigar.

Meu estômago estremeceu. Peguei a bainha do meu vestido - porque, sim, eu estava usando um, já que aparentemente o Mundo em Espera tinha algum código absurdo de vestimenta formal. Meus olhos lacrimejaram do mau cheiro repugnante de enxofre misturado com carne podre em um assado lento. Meus poros escorriam suor como se despejassem baldes de um barco afundando. Eu não conseguia decidir se o suor jorrando era de medo ou da maldita lava de milhões de graus pulsando ao redor.

Um grito desviou a atenção das visões de ser queimada viva que estavam subitamente piscando na minha mente.

Seja qual for a coragem que eu tinha conseguido reunir, murchou enquanto eu olhava para o demônio.

Afrodite pareceu velha diante dos meus olhos. A pele brotando manchas hepáticas, então franzindo sobre si mesma em dobras. Na verdade, ela não estava envelhecendo tanto como se deteriorando. Como aconteceu com Eco. Apenas mais lenta. De alguma forma, deixando toda essa coisa de fusão bruxa má ainda mais horripilante.

Um dos cadáveres pegou-se da lama sangrenta da paisagem e abordou Afrodite. Eles acabaram no chão, gritando, socando, arranhando. Carne literalmente voando. Tão... Nojento.

Houve um grito.

Mas não de mim.

Chloe tentou lutar para ficar de pé, mas caiu mais profundamente na areia movediça de carne podre. Eu *esguichei* para o lado dela - usando botas de chuva até os joelhos, finalmente! - e a puxei para os meus braços.



— Está tudo bem. Vou tirar você daqui — eu assegurei a ela e girei em direção ao portal. — Venha com... Merda!

Uma formação rochosa estranha bloqueou o caminho. Olhei em volta, mas havia apenas mais Mundo em Espera. Nenhum portal. Nenhum Garoto Maldito ou um Jenny caído, nem mesmo uma lasca de luz branca, onde o portal deveria estar. Sem saída para onde eu pudesse enviar Chloe de volta.

Eu levantei uma mão, mexi os dedos, tentando evocar os feixes de luz brilhante que abrem o portal para nos encontrar um caminho de volta para casa.

Nada.

Ok, nada bom. Mas eu ainda tinha Gloria. Em algum lugar. Certo? Ela precisava fazer sua coisa de anjo, destruir Afrodite e deixar tudo certo com o mundo.

— Cuidado! — Chloe agarrou-se a mim.

Eu não olhei rápido o suficiente.

Uma enorme asa me jogou contra a formação rochosa onde o portal deveria estar. Estúpido, estúpido Mundo em Espera.

O apêndice - apenas um - que me bateu, brotou das costas de Afrodite como uma casaca, a gigante asa morcego com larvas pingando das feridas escorrendo. A Deusa do Amor nunca esteve tão sexy.

Chloe gritou alto o suficiente para destruir tímpanos. Eu não podia culpá-la. Minha mão deslizou através do chão... coberto de morte, procurando por uma arma, osso, qualquer coisa, quando Afrodite caminhou em direção a nós.

O cadáver que esteve lutando com Afrodite mergulhou de novo, mas desta vez a deusa o pegou pelo pescoço, levantando a carcaça viva para fora do chão, pernas chutando.

Mas... não era um cadáver.

Sob as manchas de verde e fuligem, a pele era de um rico bronzeado cor de mel. Cachos cor de âmbar encaracolados pairavam sobre olhos azuis pintarroxos que brilhavam com ódio. E restava um pequeno,



esfarrapado e queimado vestido branco, que cobria uma forma voluptuosa que deixava Afrodite no chinelo.

Mesmo nesta residência horrível, ela estava deslumbrante. Um pouco pior que desgastada, especialmente coberta com toda a gosma, mas fisicamente intacta, e neste lugar, era praticamente uma supermodelo.

Afrodite rosnou — Psiquê, eu devia ter te matado no momento em que pus os olhos em você. Ugh!

O pontapé de Psiquê mergulhou através do estômago de Afrodite e ambas caíram.

Eu encontrei uma ilha segura de rocha não derretida para Chloe ficar.

— Fique aqui! — Eu disse a ela, em seguida, corri e pulei nas costas de Afrodite, enganchando meu braço em volta do seu pescoço. Sua garganta apodrecendo esmagou e escorreu ao redor do meu bíceps. Engasguei. A Deusa do Amor cheirava a animais atropelados.

Um estridente uivo encheu o ar.

Na distância, figuras monstruosas começaram a descer no lado íngreme de um vulcão em fúria. Pele de couro azul esticada sobre corpos esqueléticos. Eu podia ver o brilho de suas presas daqui.

Na verdade não. Minha imaginação estava trabalhando horas extras para liquefazer minhas entranhas através do terror desprezível.

Afrodite virou, batendo as asas, e me jogou. Minhas costas bateram no chão. Ela pairava sobre mim, agarrando meu rosto com a mão meio-esquelética, e esmagou a minha cabeça no terreno com um estalo borbulhante.

Eu preferia concreto.

Lutando contra a náusea, eu bati o joelho nas costelas de Afrodite. Ouvi um ruído satisfatório. Ela gritou. Eu balancei um cotovelo. Rachando o seu rosto. Um pedaço de carne rasgou, e era pegajoso como celofane molhado, enrolou no meu braço, em seguida, escorregou para o meu peito.

Eu grunhi tão alto, que somente os cães podiam ouvir.

Então eu chutei meus pés no estômago da deusa. Seus braços giraram, e ela caiu para trás.

Oh, meu Deus.



Com um indicador selvagem, Afrodite atingiu uma lagoa borbulhante de lava. Seus gritos atravessaram o ar. Na distância, uivos agudos rugiam dos Smurfs demoníacos. Eu rolei para longe da visão de Afrodite afundando no espesso líquido alaranjado fervendo, seus últimos gritos de afogamento em desespero, gorgolejos molhados.

Algo deslizou no meu peito. Olhei para baixo. E gritei. Um pedaço da bochecha de Afrodite ainda se apegava à minha pele. Em pânico, eu agarrei, mas ficava deslizando entre meus dedos, e...

Unhas, com crosta de sangue, perfurou o pedaço e o atirou para longe. A beleza ligada a elas ofereceu uma mão e um sorriso chocantemente de dentes brancos.

— Eu sou Psiquê. — disse ela com uma formalidade educada.

— Aurora. — Limpei as palmas das minhas mãos na saia antes de balançar sua mão, era bizarro essa sutileza social neste terreno baldio. Olhei em volta com um olhar cauteloso. — E aquele exército de demônios que você deveria trazer?

— Os reuni como ordenado. Sou uma serva obediente, afinal de contas — disse Psiquê com uma pequena reverência presunçosa. — Então os mandei através do portal errado. Avisados por Eros, os caçadores Mandatum estavam esperando. Foi uma festa de morte demoníaca.

— Hmmm. — Eu tive um pensamento. — Esse portal não seria no Nepal, não é?

— Eu estou incerta. — Os dentes brancos brilharam novamente. — Através da carnificina da destruição dos demônios, tive a sorte de vislumbrar picos cobertos de neve de montanhas de proporções majestosas.

— Sim. Parece correto. Então, por que você não é um zumbi pingando carne como o resto deles por aqui?

Atrás de mim, uma voz alegre respondeu. — Psiquê não pertence aqui.

Virei, então balancei a cabeça com uma risada. Chloe estava encolhida contra Gloria, que estava vestida como Mary Poppins, completa com guarda-chuva, bolsa, e o chapéu com a margarida. Embora o cabelo rosa estivesse escondido – ela era toda Gloria.



— É por isso que o Mundo em Espera não a pegou depois de todo esse tempo — Gloria disse, então apertou os ombros de Chloe. — Nem a minha querida Chloe.

— Lembra-se da parte toda sobre ser o pior anjo da guarda de sempre? — Eu apontei um polegar sobre meu ombro. — É disso que eu estou falando. Eu tive que cuidar de Afrodite sozinha.

— E você foi... — Gloria levantou o guarda-chuva acima de sua cabeça, balançando para frente e para trás enquanto cantava a próxima série de sílabas. — *Super-cala-fragil-istic-expi-ali-doe-cious!* — Ela girou o guarda-chuva de volta para baixo, e com um sorriso brilhante, recolocou um braço ao redor de Chloe. — Honestamente, eu não sei por que você está reclamando.

— O-Olá? — Chloe estava usando uma venda nos olhos.

— Não tenha medo, criança. — Gloria bateu no ombro da menina e sussurrou para mim — Pensei que seria melhor que ela não visse mais.

— Vamos todas ficar seguras em breve, Chloe — eu disse. — E não nos jogue no lago, Gloria. A propósito, o meu corpo voltou para casa em coma neste momento?

— Não, claro que não — disse Gloria. — Você entrou inteiramente neste reino de corpo e alma.

Sim, como se isso explicasse tudo.

— Tanto faz — eu disse. — Vamos, Psiquê, todas nós vamos sair daqui. Gloria, vamos embora.

Gloria de repente parecia taciturna. — Oh, meu Deus.

Eu gemi. — Eu não vou gostar disso, não é? Deixe-me adivinhar, mais de suas limitações estúpidas?

Gloria mordeu um dedo. — Eu estou limitada a remover um ser humano que não pertence aqui. Como seu anjo da guarda, eu devo escolher você. A menos que você recuse. O livre-arbítrio e tudo mais.

— Ha. Ha-ha. Não é engraçado. Isso não faz muito sentido. — Eu balancei minha cabeça e puxei Chloe dos braços de Gloria e a segurei com força contra mim. — Nenhuma de nós pertence aqui, e eu não vou deixar



qualquer uma delas para serem devoradas pelas piranhas azuis que estarão aqui a qualquer minuto.

Chloe estremeceu e me agarrou mais apertado. Ótimo, Aurora, aterrorize a criança ainda mais.

— Desculpe. — Gloria levantou as mãos em um gesto de impotência, sua felicidade murchando como um moribundo rosa. — As regras foram criadas por uma razão. Se eu não cumprir, vou perder minhas asas. Cair como Afrodite caiu.

Eu pisquei. — Afrodite era um anjo caído?

Psiquê assentiu. — Assim como Eros. É por isso que tivemos tanta dificuldade em capturá-los. Acreditamos que eles sejam demônios. Mas seus poderes vão muito além.

Olhei com raiva para Glória. — Jesus, isso teria sido um conhecimento útil há alguns dias atrás.

Gloria deu de ombros. Chloe tremeu. Smurfs demoníacos gritaram.

Antes que eu pudesse completamente apreciar como minha vida era fantasticamente uma merda, Psiquê se lançou para Chloe.

— Não! — Eu gritei, empurrei Chloe para Gloria, e bati o punho no rosto de Psiquê. Ow. Você pensaria que meus dedos teriam endurecido até agora.

Psiquê gritou. — O que no Hades foi isso?

— Eu não vou deixar você usar uma criança para salvar a si mesma — eu disse. — Apenas uma sai daqui, e é Chloe. Agora afaste-se.

— Eu não estava! — Psiquê esfregou sua mandíbula. — Eu temia que você fosse sacrificar a inocente. Ela está aqui por causa da minha má aplicação de vingança. Quando eu puxei Afrodite para cá, eu não possuía o conhecimento que a criatura vil segurava a criança. — Psiquê abaixou a cabeça. — Então estamos de acordo sobre o que deve ser feito.

Olhei para a miserável paisagem. Meu coração caiu no que parecia ser um tanque de ácido, mas mais uma vez, que escolha eu tinha? Lágrimas encheram e derramaram sobre meu rosto.

Meus lábios tremiam enquanto eu empurrava Chloe para os braços de Gloria. — Cuide da minha família. Eles vão precisar da sua ajuda. E



você pode de alguma forma dizer aos Garotos Malditos... dizer a Ayden que... — Minha garganta fechou. Palavras não eram mais uma opção.

— Não seja boba. — Gloria me deu palmadinha na cabeça com o guarda-chuva.

— Ow! — Eu disse palmadinha? Foi mais como uma pancada.

— Diga a eles você mesmo. — No meu olhar de questionamento, ela suspirou e sacudiu a cabeça com exasperação. — Eu só posso tirar um, mas você pode remover qualquer um e quantos você achar necessário. Você conseguiu sair antes. Desta vez, leve Psiquê com você.

— Uau! — Acenei minhas mãos no ar. — Eu não sei como sair. Você sempre me tirou!

— Eu já tirei? — Gloria me deu um olhar desconfiado. — Além disso, você mesma disse. Você não precisa mais de mim.

— Quando eu disse isso!

— Acredite em si mesma, Aurora. Como eu sempre acredito. — O guarda-chuva de Gloria abriu com um estalo nítido. Faixas coloridas dispararam nas bordas.

— Chega dessa porcaria vaga, Gloria. Me dê respostas diretas.

— Eu já lhe disse, mas... tudo bem. — Ela olhou petulante. Eu vacilei quando suas asas se abriram. Deslumbrante branco com bolinhas cor de rosa quente. Legal. Ela falou em uma cadenciada canção. — Sempre tome o terreno elevado e uma rede aparecerá, quando você saltar para a sua fé depois de ter abandonado o medo.

Então ela sorriu.

— Só isso? — Eu grunhi. — Não ajuda. Em absoluto. Fale algo que faça sentido.

— A fraqueza é sua força. O medo é sua salvação.

— Gloria! — Eu nadei através da carne e osso para ficar na frente dela. — Pare de falar em enigmas e metáforas misturadas e me diga como vamos sair daqui!

— Eu já disse. Mas, primeiro, eu poderia sugerir... — Ela olhou por cima do ombro... —...que é melhor começar a correr.



Suas asas bombearam fortemente, as rajadas deram um vento quente que mandou ela e Chloe para o ar. Eu me achatei no chão. Quando olhei para cima, vi os demônios azuis esqueléticos.

Se aproximando.



CAPÍTULO CENTO E OITO

Correr com a mulher de um velho anjo caído de séculos de vida em uma dimensão demoníaca enquanto uma horda de monstros nos perseguia não era a minha ideia de união feminina.

— Ela disse terreno elevado, não é? — Psiquê ofegou. — O que ela quer que a gente faça?

— Quem sabe? Ela diz um monte de coisas estúpidas. — Eu pulei ao longo de uma corrente de lava. — Apenas continue correndo!

Estávamos indo para um afloramento de formação rochosa no alto e tínhamos uma vantagem temporária sobre os demônios, mas eles estavam ganhando. Eu só ficaria confortável quando estivéssemos separados por dimensões diferentes.

Eu nunca tinha ficado tão feliz que Tristan e eu tínhamos caminhado - sem correr - para a casa dos Ishida todas aquelas manhãs. Psiquê e eu chegamos ao rochedo sem entrar em colapso. Meus joelhos tremeram com o pensamento de escalar. Alturas. Eu odiava alturas. Olhei para trás. Apesar da vertigem já star deformando minha visão, eu podia dizer que os demônios estavam apenas alguns minutos longe. E isso era uma estimativa generosa.

— Vamos. — Enfiei minhas estúpidas botas em pontos de apoio, agarrei uma borda, e me puxei para cima.

Escalamos em silêncio. Com exceção dos ocasionais grunhidos ou gritos. Tentei não focar no fato de que os demônios estavam parecendo cada vez menos como uma horda de pequenas formigas e mais como esquilos raivosos.

Ganhando de nós.

A escalada foi lenta no início. Procurávamos apoio, conseguimos um bom aperto, nós nos puxávamos para cima. Procurar, agarrar - muito repetitivo, muito cansativo, e muito *eu não queria fazer*. Mas à medida que subíamos mais, ramos nus e raízes retorcidas cresciam das rochas para



acelerar nossa subida. Claro, os ramos tinham muitos espinhos sedentos de sangue, mas eu tentei focar no positivo.

— Estamos quase no topo! — Psiquê gritou de vários metros acima.

— Você está quase no topo — eu murmurei. — Exibida.

— Quando você estiver aqui o tempo que eu estou, escalar é uma necessidade.

Eu engoli um pouco de ar quente. — Então, se apaixonar por Eros vale tudo isso?

— Claro. Amor vale qualquer sacrifício. — Psiquê soltou uma raiz para que eu agarrasse.

— Foi exatamente o que Eros disse.

Ela suspirou. — Ele é um verdadeiro romântico. Nosso tormento não é culpa dele. Ele sabia que eu era uma caçadora, é por isso que ele nunca queria que eu visse seu rosto. Quando quebrei nosso acordo, o vi por quem ele realmente é, e o meu amor por ele era tão profundo que eu não me importava.

— Ele não acreditou em você? — Eu ofeguei.

— Ele correu antes que eu pudesse lhe assegurar a verdade da minha devoção.

Algo bateu na minha cabeça. — Ow! — O crânio ricocheteou no meu ombro e caiu. Eu quase perdi o meu aperto.

Psiquê se encolheu. — Desculpas.

— Cuidado! — Nós continuamos escalando. — Então o que aconteceu?

— Afrodite convenceu o meu verdadeiro amor que eu o trai.

— Os deuses do amor são bons traidores.

— Afrodite disse que eu estava usando seu amor para capturá-lo e levá-lo de volta para o Mandatum. — Ela fez uma pausa para alcançar outra pedra longe. — Ele fugiu, com o coração partido. Desesperada para encontrá-lo, e não sabendo da traição de Afrodite, eu procurei a ajuda dela. Ela me disse que ele tinha ido ao submundo, e para salvá-lo eu deveria entrar através do portal de Hades.



— Ela é útil desse jeito. — Alguns grunhidos mais tarde, atingi o nível onde ela estava sentada em uma pequena saliência. Crânios olhavam de soslaio. Esqueletos empoeirados dormiam. Como eles chegaram até aqui, eu não tinha ideia. Mas eu não ia sofrer o mesmo destino.

Psiquê tinha um sorriso melancólico. — O amor deixa você...

— Estúpida. Louca. Desesperada. Entendi. — Eu desabei no pequeno nicho apenas suficientemente grande para nós duas.

Meus dedos tremiam pior do que as minhas pernas. Eu descansei minha testa contra a pedra grossa. Um erro, porque isso me deixou olhando para baixo. O orgulho de chegar tão alto manchado por imagens vívidas de um país manchado de sangue.

Os demônios quase nos alcançaram. Suas garras espetando nas rochas. Melhor do que esteroides para ajudá-los a penetrar na pedra.

Novo plano.

Eu agarrei os crânios e ossos ao redor - felizmente desprovidos de qualquer carne - e os joguei para baixo. Psiquê entendeu a ideia e jogou esqueletos inteiros. Os ossos ricochetearam e quebraram nas pedras, bem como os demônios. Os demônios gritaram em protesto e caíram, levando seus companheiros demônios junto. Estendi a mão para mais ossos, mas estávamos sem munição. Tirei minhas botas e as enviei voando, pegando mais alguns monstros. O rebanho diluiu. Mas ainda havia uma maldita manada.

— Vamos! — Eu me balancei para um galho e subi mais alto, Psiquê bem em meus calcanhares.

— Qual é o plano? — Ela perguntou.

— Chegar ao topo.

— E depois?

— Elaborar o resto do plano.

Eu usei uma raiz grossa para agarrar o meu caminho ao longo da borda e para a pedra plana e lisa. O chão em horizontal estava vastamente sendo mal utilizado. Ajudei Psiquê subir, então nós arrancamos crânios incorporados na pedra e os jogamos com entusiasmo sobre a borda.



Apesar de nossos tiros acertarem o monte, enviando vários despencando para baixo para o esquecimento, os demônios pareciam se multiplicar. O tempo era um luxo que nós não possuíamos.

— Há um problema — Psiquê disse.

— Só um? — Eu descansei. — Incrível.

Mas era um assustador.

Nós alcançamos o topo. Um grande planalto. Uma ilha flutuante de rocha árida um milhão de milhas acima do solo cheio de lava. Nenhum lugar para correr ou se esconder. Nenhuma arma. E um bando de demônios convergindo sobre nós a qualquer momento.

Avaliando a situação?

Psiquê teve a coragem de dizer em voz alta.

— Estamos mortas.



CAPÍTULO CENTO E NOVE

— Não tão rápido Senhorita Desgraça e Tristeza — eu disse. — Nós podemos descer pelo outro lado. — Me arrastei até a borda oposta. Mais demônios uivavam logo abaixo de nós. Eu pulei para trás. — Ou não.

— Por que ela nos diria para subir? Estamos presas! Ela é exatamente como Afrodite!

— Não! — Pelo menos eu esperava que não. — Ela tinha razão.

Na minha direita, garras arranharam. Uma mão com garras bateu sobre a borda, seguida de um sorriso sem lábios cheios de presas. Eu chutei sua cabeça oval. A criatura voou em espiral para o ar livre, agarrando seus muitos amigos, tentando conseguir aderência.

— Eros. — Psiquê deixou cair o rosto em suas mãos. — Eu nunca vou vê-lo novamente?

— Um pouco de fé seria bom. — Eu andei. Esfreguei minhas têmporas. — Eu saí daqui antes.

— Como?

Eu apontei um dedo para o céu. — Gloria me levou voando.

— E?

— E é isso. Ela nem mesmo faz um bom trabalho. Ela sempre - Aw, *não!* Não, não, não, não, *não*!

Psiquê balançou os meus ombros. — Sempre o que?

— Me deixa cair. — Olhei por cima da borda. — De bem lá no alto. Esse tipo de alto. — Meu estômago embrulhou. — Eu não posso acreditar que ela está me obrigando a fazer isso. — Eu bati meus pés. — Maldito salto de fé.

Psiquê olhou por cima da borda. — Você quer dizer...?

— Sim.

Ela engoliu em seco. — Oh não, não, não.

— Vê, foi o que eu disse.



Um mar de garras enrolou sobre a borda do planalto. Nós estávamos sem tempo. Cercadas. Ofegos pesados sussurrados passaram das matrizes irregulares de dentes e presas. Olhos negros sem pálpebras se iluminaram com nossa visão. Os demônios praticamente babavam. Alguns segundos mais e eles teriam todos os seus eus grotescos no terreno plano. Conosco.

Psiquê sacudiu a cabeça e gritou: — Eu não posso!

— Sim, bem, nem eu posso.

— Não!

— Sim! Se você quiser ver Eros novamente. Você disse que o amor vale qualquer sacrifício. Aqui está sua chance de provar isso. É hora de fazer ou morrer. Você vem comigo?

Eu estendo minha mão.

Ela solta um suspiro e agarra a minha mão com a sua. — Eu estou com você. — Ela piscou para conter as lágrimas. — Minha amiga.

Agarrando uma a outra pela nossa querida vida, corremos em direção a borda. Com um lamento triste, um demônio estendeu a mão para mim. Saltei sobre sua cabeça e fui para a borda, agarrando Psiquê forte para ter certeza que ela se juntaria a mim nesta loucura.

Nós pulamos.

Vendo a terra vermelho brilhante muito, muito abaixo. Engasguei com o meu coração, que foi parar na minha garganta, e percebi que eu deveria ter pensado nisso.

Talvez Gloria quisesse dizer que havia uma maneira não-fatal. Ou talvez eu precisasse me colocar em perigo a fim de que as restrições de Gloria fossem canceladas e ela poderia voar e nos salvar.

Sim. Eu gostava dessa.

Eu gostei muito menos conforme o terreno foi ficando mais perto. Psiquê gritou mais alto. Oh, não mais alto. Isso foi eu finalmente me juntando.

Vento rasgou através dos meus ouvidos, parecia esmagar tudo ao meu redor. Minha pele queimou. Pulmões esvaziaram. Não consegui respirar. Fechei os olhos ao perceber que...

Gloria não estava vindo.



CAPÍTULO CENTO E DEZ

Eu bati, derrapando e girando no chão duro e frio. Dor bateu um ritmo constante em meus ossos e cantou um arremesso no alto da minha mandíbula. Não é o tipo *oh-meu-Deus-estou-morrendo de dor*. Era do tipo de dor *isso-vai-dar-uma-contusão.*

Do tipo *vivo*.

Um gemido me incentivou a agir. Não muita ação. Só porque eu estava viva não significa que eu não me machuquei. Gravemente. Mas eu me movi através da dor para arrastar o meu corpo para me movimentar e sair do chão, notando uma vantagem imediata. Sem cadáveres.

Ao meu lado, Psiquê estava lentamente desenrolando-se de uma bola, com a boca aberta em choque e dor.

— Você está bem? — Eu disse.

— Não. — Ela estremeceu um fôlego. — Mas vou ficar.

— Bom. — Eu cambaleei para os meus pés. — Porque nós temos um problema.

— Você está vestida como um homem?

Olhei para baixo. Meus tênis e jeans habituais conseguiram voltar, a lama e musgo da caverna de Gossamer Falls agarrando-se como cola, mas nenhuma gosma de humano ou uma pulseira feita a partir de intestinos. Yay.

— Esse não é o nosso problema.

Psiquê rolou sobre seu lado, seus braços muito instáveis para empurrar-se para cima. — Onde estão seus amigos? Onde está Eros?

— Esse é o problema. — Eu coloquei as mãos nos quadris. — Eu não tenho ideia de onde estamos.

Nós tínhamos aterrissado em um polido piso de concreto cinza - Não admira que o meu corpo estivesse me xingando. As paredes brancas com



grandes obras de arte pareciam que deveriam estar em um museu. Um conjunto de portas duplas brilhantes. Uma grande mesa retangular forrada com cadeiras de couro. Como alguma sala de reuniões corporativa. Do teto, luz florescente piscava do branco ao pálido azul-rosa. A sala estava vazia, exceto uma muito eu e minha nova companheira imortal confusa.

Ela lutava para respirar. — Estamos vivas?

— A menos que o céu tenha atualizado seus portões de pérolas para portas de aço, sim. — Eu a puxei para cima.

— Oh! — Psiquê se iluminou. — Estamos em uma base da sociedade. Estamos seguras!

Sociedade? Certamente ela não quis dizer *aquela* sociedade.

Meu estômago entrou em queda livre. Vinha fazendo muito isso ultimamente. Pelo menos desta vez, meus pés estavam firmemente no chão.

Eu estrangulei meu grito a um sibilo. — Por que você diria isso?

Psiquê apontou para cima das portas e também para o centro da longa mesa de conferência, bem como sobre as costas das cadeiras de couro. O símbolo era evidente em cada uma. Quatro círculos fechados com uma enorme letra M no meio.

— Eu deveria ter ficado no Mundo em Espera — eu murmurei, de pé bem em uma base ou composto ou do que você quiser chamar isso, dos vilões Mandatum que *querem-colocar-algemas-em-mim*.

Acima de nós, luzes vermelhas piscaram. Eu olhei para cima.

Ah não.

Não era iluminação fluorescente.

O teto tinha um enorme buraco escancarado. A vista através do buraco não era do céu azul, mas de um céu vermelho. O céu do Mundo em Espera. Eu estava olhando para o penhasco de onde tínhamos acabado pular. Muito mais alto do que eu pensava. Entre a altura e o fato de que o Mundo em Espera estava apenas a poucos passos de distância, meu estômago estabeleceu - ou instável – ou extra nauseado.



Eu arranquei meus olhos de volta para a mais normal sala na terra, então nas pontas dos pés no chão, empurrei uma das portas, e espiei lá fora.

O corredor estava vazio. Paredes de pedra cortadas. Algumas portas fechadas. No final do corredor estava uma gótica janela pinázio com três painéis finos, arcos divididos por pilares de pedra verticais. Tudo estava calmo. Finalmente, as coisas do meu jeito.

Exceto... Eu dei uma dupla olhada. Fora da janela, sob o céu nublado, vi uma cidade. Cidade bonita. Cidade densa. Cidade cheia de arquitetura antiga. Água. Pontes. Quase como...

Engoli em seco. — De jeito nenhum.

Psiquê olhou por cima do meu ombro. — O que é?

— Chegar em casa vai demorar um pouco. — Eu bati uma mão no meu rosto esperando que isso fizesse minha cabeça parar de girar.

— O que é esse alto edifício de metal? — Ela perguntou.

— Ah... hum... Torre Eiffel. — Era difícil falar com o meu queixo no chão. — Nós estamos em Paris, na maldita França.



CAPÍTULO CENTO E ONZE

Eu bati a porta e caminhei pela sala vazia. Os passos frenéticos me ajudavam a esquecer que tínhamos desembarcado em outro *continente*.

Não pense sobre isso. Pense em como vamos escapar de uma base Mandatum de alta tecnologia. Fácil. Claro. Uma risada boba fez cócegas na minha garganta. Os Ishida tinham jatos particulares. Eu podia conseguir um croissant enquanto eu esperava. Se Psiquê apenas...

— Cale a boca e me ajude a descobrir uma maneira de sair daqui!

Dor flutuou em seus olhos.

OK. Um pouco dura demais. Mas eu de alguma forma aterrissei através do Atlântico no acampamento base das pessoas que tentavam me matar - tal a minha sorte - enquanto Psiquê me atingia com milhões de perguntas sobre a "terra estranha" chamada França e eu não tinha tempo para uma aula de geografia.

— Desculpe. — Debrucei-me contra a parede e envolvi as minhas mãos em volta da minha cabeça. — Vou te mostrar um mapa ou algo assim, uma vez que estivermos em casa. Mas não estamos seguras. Essas pessoas, o Mandatum, se conseguirem me prender, eu estou morta.

Ela colocou um dedo nos meus lábios, olhos arregalados. Esforcei-me para ouvir o que ela ouvia. Nada. Diferente do meu coração batendo.

— O qu...?

Ela apontou para cima. Dentro da abertura para o Mundo em Espera, algo continuava aparecendo ao longo da borda do portal apenas para desaparecer um segundo depois. Era enervante.

Psiquê olhou para o portal. — O que é isso?

— Não vamos ficar por aqui e descobrir. — Eu recuei, querendo ir embora. Mas eu de alguma forma abri um portal que eu acho que não deveria estar aqui, e eu não tinha ideia de como fechar.

As portas se abriram.



Eu pulei na frente de Psiquê. O cara que entrou congelou ao nos ver. Em seguida, ele cambaleou um passo para trás.

— *Nossa*! — ele murmurou, os olhos negros registrando choque. — *Fiamma*?

Ele era atarracado, usava um casaco pesado, seu longo cabelo castanho ondulado estava puxado para trás em um rabo de cavalo. O olhar, o sotaque, me fez lembrar de um conquistador. Definitivamente espanhol. Espanhol do tipo espanhol.

— Hum... — Esse foi o começo da minha linha inteligente para nos tirar dessa bagunça. Quando ele se virou, foi também o fim de tudo.

Então eu corri. Para frente. E bati as portas na cara do Espanhol.

Quase.

Ele levou um golpe na testa, mas enfiou o pé na porta para não fechar. Esforcei-me contra ele. Ele a empurrou aberta com uma onda de força, o que me bateu na parede. Ar chiou nos meus pulmões, e eu deslizei no chão. O espanhol tropeçou para dentro da sala, caindo sobre um joelho, logo abaixo do portal recém-aberto.

Olhos colados em mim, ele parecia doente. Atordoado. Como se estivesse olhando para um fantasma.

— *Impossível*. — Ele se levantou devagar, deu um passo em minha direção.

Eu enrolei meu punho.

Um braço azul de couro estendeu a mão a partir do portal aberto. Garras rasgaram o casaco do Espanhol e o puxou para cima.

— Não! — Eu me lancei no ar, envolvi um braço em torno da cintura do Espanhol, e atirei minha outra mão para cima.

Energia correu pelo meu braço. Teias de luz estouraram dos meus dedos. O portal piscou brilhando. Eu virei minha cabeça, senti um choque, como se eu tivesse batido em um búfalo, em seguida, o Espanhol e eu caímos no chão, seu corpo batendo em cima do meu.

Pesado. Não conseguia respirar. Não conseguia tirá-lo. Em seguida, o peso se foi. Eu ofegava. Alguém me virou. Empurrou o cabelo do meu rosto.

— Como você fez isso?



Psiquê entrou em foco. Ajudou-me a sentar.

Eu olhei para um teto. Era concreto sólido. O portal foi fechado. Muito melhor do que quando eu abri um buraco no edifício, que quase caiu em cima de nós. Eu estava ficando melhor nisso. Ou simplesmente foi sorte.

— Como? — Eu esfreguei os olhos com as palmas das minhas mãos. — Não tenho certeza.

O Espanhol estava no chão, ao lado da porta aberta, inconsciente ou...

— Ele está morto?

— Não — Psiquê disse. — O portal fechou quando a criatura o puxou para cima. Ele bateu forte no teto, então vocês dois caíram. Ele simplesmente não está consciente.

Algo se contraiu no outro lado do Espanhol.

— Caramba! — Eu afundei de volta.

— Não temas. — Psiquê se aproximou, pegou o braço azul cortado, e o trouxe para que pudéssemos dar uma olhada.

Embora o porquê dela pensar que eu queria um olhar mais atento estava além de mim. Cor de sangue imediatamente pingou acima do cotovelo.

— Foi cortado quando o portal fechou, mas não representa uma ameaça agora.

A pele estava manchada, quase escamada.

— Eu acho que é um demônio. — Eu estendi um dedo.

A mão com garras se contraiu fechando.

— Yaaaglg! — Eu gritei e quase caí de novo.

Psiquê gritou também, mas em algum outro idioma, então ela jogou o braço para longe. Eu quase esperava que isso cavasse suas garras no chão e começasse a rastejar em direção a nós, mas não se mexeu novamente.

— Fique de olho nisso — eu disse a ela quando verifiquei novamente a condição do Espanhol.

Sem sangue, sem furos. Mas ele precisaria de um novo casaco. Virei seus bolsos esperando encontrar uma arma, um telefone celular, uma



pista. Qualquer maldita coisa que pudesse me ajudar a entender essa catástrofe colossal. Pensando bem, eu não me importava com isso, e só em como sair dela.

— O outro está chegando — Psiquê disse.

— Que outro?!

Psiquê pegou minha mão e nos arrastou para fora da sala e para o corredor. Passos se aproximavam rápidos. Olhei ao redor esperando por um sinal néon de saída, mas não vi nada. Nenhum lugar para esconder. Sem escapatória.

Exceto... Eu parei, virei, olhei de volta para a sala.

Psiquê me empurrou. — Eu não vou voltar para o Mundo em Espera!

— Psiquê, conseguimos uma vez, podemos conseguir novamente.

— Não! — Ela esmurrou um punho contra a parede. — *Nada* do que eles possam fazer para nós aqui é pior! Confie em mim. Você tem alguma ideia de quanto tempo eu venho tentando sair?!

Alguns milênios, mas quem está contando?

— Mas eu posso nos tirar. — Provavelmente. — E Gloria vai ajudar. — Provavelmente. Mas na verdade, ela estava agindo de forma estranha.

— Não! Ela pode ajudar você, mas eu poderia ser abandonada. Aqui, eu tenho uma chance. Eu sou Mandatum. Eles não vão me prejudicar. E não é o *inferno*.

Ela tinha um ponto. Vários na verdade. Mas eu me sentia um pouco diferente sobre a situação. Eu poderia ir sozinha, mas... Eu poderia abrir o portal? Subir mais um penhasco antes de ser comida? Será que desembarcaria no mesmo lugar? E se eu acabasse em que região plana e estéril como da primeira vez? Sem um penhasco a vista? Eu não poderia correr para sempre.

Eu xinguei sob a minha respiração, lágrimas de frustração borrando minha visão.

Passos correndo. Eles correram para mais perto. Então Psiquê olhou por cima do meu ombro e disse — Nós nos rendemos.

Virei. — Não, não nos rendemos.



Uma figura feminina apareceu vestindo calça cargo e blusa. Vinte e poucos anos. Pele morena escura. O cabelo preto em uma única trança até os quadris, com duas facas serrilhadas tinindo juntas, conforme elas pendiam em sua extremidade. Sexy, mortal, e muito além do meu nível.

Me entregar soou realmente bom. Levantei minhas mãos para cima, palmas viradas, tentando não deixá-las tremer. Sem chance.

La Femme Nikita olhou para mim, sua expressão mudando de ameaçadora para mortalmente chocada. — *Fiamma?*

Eu estreitei meus olhos. Por que eles continuavam me chamando assim?

— *Fiamma!* — A voz de algum cara novo ecoou, saltando nas paredes para que eu não pudesse dizer o quão perto ele estava. Ótimo.

Por cima do ombro Nikita disse — Eu a achei!

Vento soprou contra as minhas costas. Os olhos de Nikita se arregalaram e ela deu um pulo para trás. Uma flecha chiou passando minha bochecha. Pegou Nikita na cabeça e ela caiu.

— Não! — Eu corri para a menina, olhando para Ártemis que segurou uma flecha pronta para atirar em mim. — Você não tinha que matá-la!

Nikita choramingou e então se acalmou, mas seu peito subia e baixava. Ela estava viva, apenas presa pela flecha de Ártemis, porque antes que dela se enterrar no chão, a deusa tinha atirado através da trança na base do seu crânio, não através de seu crânio. Grande vantagem. Nikita estava simplesmente fria porque bateu a cabeça no chão.

Ártemis deu um sorriso de lobo. — Você está com a minha pedra.

— Talvez? — Eu gritei. Eu pensei que eu se tivesse a pedra de Afrodite, isso não terminaria bem. Eu cavei no meu sutiã, em seguida, segurei o anel que Eros tinha me dado na praia. — É esta?

Ela respirou fundo, os olhos brilhando de alívio. — Sim. Dê para mim. — O anel começou a brilhar. Ártemis dobrou, fazendo uma careta. Ela estendeu a mão. — Rápido.

Houve mais gritos de vários corredores. Eu não podia vê-los, mas as pessoas - os Mandatum - vinham de todas as direções.



— Não! — Psiquê agarrou meu braço. — Ela tocou nesta pedra umbra, por isso tornou-se a Pedra Ártemis, e já que você a controla, você se tornou mestre dela. Ordene-a a fazer o que você quer.

— Silêncio! — Ártemis estava pronta para disparar uma flecha em Psiquê.

— Pare! — Eu disse. E engraçado o suficiente, Ártemis parou, com as mãos tremendo enquanto ela olhou para a minha companheira. — É verdade? Você tem que fazer o que eu digo?

— Não é assim tão simples — Ártemis parecia sombria. — Não há perigo. Pode traz consequências. Há sempre um preço.

— *Fiamma!* — A voz do cara estava perto. Portas se abriam e fechavam.

Eu levantei o anel. — Tire-nos aqui, e você pode ter sua pedra.

Psiquê fez um ruído de protesto, mas eu a ignorei.

Os olhos de Ártemis se estreitaram cautelosos. — Que truque é esse?

As pessoas estavam gritando, chegando mais perto. Eu lutei contra o impulso de correr. Eu não tinha para onde ir.

— Nenhum truque — disse eu, coração batendo. — Eu tenho pavor de ser controlada por esses idiotas, e não vou fazer isso com outra pessoa. Mas aqui está o acordo. — Eu segurei o anel. Feixes dispararam. Energia passou por mim. Poder. Me senti bem.

Ártemis endureceu e estremeceu. — Seu preço?

— Seja boa — eu disse. — Você quer ser deixada sozinha? Tudo bem. Não mate, mutile, *sequestre* ou prejudique qualquer pessoa como uma completa regra geral, ou eu vou ir toda Divinicus Nex e caçar você.

— Como se você pudesse — Ártemis zombou.

— Eu matei Afrodite. — Eu levantei minha cabeça. — Algo que você não conseguiu fazer há séculos.

Seu sorriso de lobo estava de volta. — De fato. — Ela inclinou a cabeça. — Você tem meu voto solene.

Ela estendeu sua mão. Antes que eu pudesse dar-lhe o anel, Psiquê me parou com um toque no meu braço.



— E você deve a Aurora um favor — disse Psiquê. — A qualquer hora, em qualquer lugar e para qualquer coisa que ela deseje.

Eu estava prestes a dizer não, porque tudo que eu queria era sair daqui, mas quase imediatamente Ártemis deu a Psiquê um olhar astuto, em seguida, assentiu. — Concordo. — Ela pegou a pedra da minha mão, segurando-a contra o peito, e suspirou.

Então ela sumiu de vista. Foi embora.

Psiquê se virou para mim. — Você tem que negociar com uma maior demonstração de força e poder. Os deuses só cedem um alto respeito por aqueles quem extraem uma recompensa adequada para os presentes e ações concedidos a eles.

— Uau — eu disse. — Isso soa realmente sofisticado e tudo mais, mas olha o quão bom isso me fez, porque ela simplesmente nos deixou aqui desamparadas, e a qualquer segundo, caçadores Mandatum vão virar a esquinar, e nós seremos cercadas. Então que jeito de ir, menina. Super habilidades de negociação.

— *Fiamma!* — Atrás de mim, eu ouvi o cara correr para o corredor. Ele estava sem fôlego.

— Achou — eu sussurrei — Eu estou aqui.



CAPÍTULO CENTO E DOZE

Lágrimas transbordaram, minha barriga esvaziou com desespero, comecei a levantar as mãos e me virar. Correr não adiantava. Não agora.

Então o mundo turvou, rodou, e eu estava rodeada por uma correnteza de lodo marrom. As corredeiras lamacentas deslizavam junto comigo. Luz entrava e saía. Eu estava envolvida nas profundezas escuras da mofada água da lagoa, agitando com a sujeira, óleo e detritos. O cheiro era pútrido, mas caso contrário, a experiência era energizante. Endorfina abastecendo.

Momentos depois, senti um solavanco, e eu estava de pé, equilibrando o meu balanço, mas me sentindo balanceada.

Eu estava em uma clareira cercada por uma floresta. Folhas úmidas e terra foram esmagadas sob os meus pés. Névoa serpenteava. Aves piavam. O ar cheirava a molhado, a terra de uma chuva recente e neve. O pinheiro era pungente. A cachoeira trovejava longe. Sem Torre Eiffel à vista. Aleluia.

Ártemis se inclinou contra uma árvore, pálida, respirando pesadamente, sua respiração embaçando no frio. Psiquê estava em suas mãos e joelhos, sacudindo a cabeça e gemendo.

— O que há de errado? — Eu disse.

Psiquê fez uma careta. — Teletransporte. Nunca fica mais fácil. Deve ter sido de uma viagem de grande distância.

— Isso foi teletransporte? — Eu saltei sobre o meu pé. — Impressionante. Eu me sinto bem. Energizada e... com formigamento. O que há de errado com vocês?

Ambas olharam para mim como se eu fosse louca.

Eu sacudi um dedo para Ártemis. — Me assustou lá. Pensei que você descumpriu o nosso acordo.



Com esforço, a deusa ficou de pé e agarrou minha camiseta, puxando nossos rostos para perto. — Eu mantenho minha palavra, mas não se engane, você sempre deve ter medo de mim.

Ainda energizada pelo teletransporte - ou apenas sendo estúpida - Eu pisquei. — O mesmo para você, boneca.

Seus olhos se estreitaram, então ela me soltou e se afastou, seu arco e flecha posicionando em seu braço conforme ela atirava uma flecha para dentro da floresta. Gritos foram capturados, então um furacão de folhas explodiu nela em fumaça, e ela desapareceu.

— Sim. — eu disse. — Que boa conversa.

Entre um estouro de pés correndo, os gritos tornaram-se mais claros.

— Aquela flecha quase me acertou. Eu pensei que a deusa gata era totalmente Team Blake.

— Ninguém é Team Blake!

— Você está apenas ciumento porque a gata me beijou. Não é minha culpa, cara. É a minha magnitude animal.

— Ela o quê! Mentiroso. De jeito nenhum!

— Talvez Aurora deseje experimentar uma diversidade erótica. Não é incomum com jovens do sexo feminino.

— Ela não está experimentando.

— Talvez não com você, Garoto Fogo.

— Tudo bem, é isso. Vou queimar outra camiseta. Com você nela.

— Ow! Cuidado, você vai começar um incêndio!

— Cale-se! Precisamos encontrar a nossa idiota.

Psiquê caiu contra uma árvore. — Devemos correr?

— Nah — eu sorri. — Apenas um deles quer me matar.

— Você é uma menina estranha.

— Olha quem fala. Rapazes!

Os passos fizeram uma pausa, em seguida, andaram novamente com um coro de "Aurora*!"* e "*Gata!"* e até mesmo um "*eu sabia que não tivemos a sorte de nos livrar dela"*.



Eu estava oferecendo uma mão para ajudar Psiquê quando fui abordada e girada para o ar. Ayden me esmagou contra ele. Abracei-o de volta, enterrando meu rosto em seu ombro.

Braços grossos levantaram nós dois do chão em um abraço de esmagar os ossos.

— Gata, se você pular em um portal de novo, eu vou terminar com você. — Blake beijou o topo da minha cabeça.

— Eu não. — Ayden murmurou no meu pescoço. — Eu vou atrás de você.

Eu sorri. Então não conseguia respirar. E meu ombro doía. E o meu braço. E o meu lado. — Blake, nos coloque no chão.

— Claro. — Blake nos colocou de pé, em seguida, passou um braço em volta da minha cintura. — Mas a gata fica comigo.

— Solte-a. — Jayden cravou seus dedos contra a minha garganta. — Eu preciso analisar seus sinais vitais.

— Eu estou bem. — Outra que eu não conseguia erguer o braço de Blake, que estava cavando no corte da flecha.

— Ela estava no inferno. — Logan agarrou a mão de Blake, plantou um pé contra a coxa do gigante e levantou de volta. — Precisamos ter certeza de que ela está bem.

— Nah-uh. — Blake empurrou Logan. — As experiências mostram que a gata está segura em meus braços.

— Não seja absurdo.

— Ela está bastante segura nos meus. — Ayden disse.

— Você poderia queimá-la até as cinzas. — Tristan apontou.

Matthias sorriu — Eu não reclamaria.

— Porque você estaria chorando. — eu disse. — Completamente perdido sem mim.

— Oh, por favor.

— Eu ficaria! — Blake disse.

— Solte-a! — Logan pulou atrás de Blake e prendeu-o em uma chave de braço.



— Alguém já mencionou que vocês brigam como mulheres velhas? — Eros perguntou.

Blake finalmente me soltou. — Cara, não importa o que um idiota com uma toga pensa.

Eros permaneceu na extremidade do grupo. Ele usava um longo e fluído manto branco que pendia de um ombro e mostrava o seu impressionante peito e braços musculosos. Muito grego. Muito semelhante a um deus.

— Aurora, eu entendo que você passou por muitas coisas. Mas você viu...

— Eros? — Psiquê se afastou da árvore.

Eros congelou, como se não pudesse acreditar em seus olhos, em seguida, seu sorriso iluminou a noite. — Psiquê.

Eles correram um para o outro como amantes em um filme romântico.

Até que Psiquê desapareceu em chamas.



CAPÍTULO CENTO E TREZE

Através da parede de fogo que rodeava Psiquê, ela estava ilesa, mas absolutamente presa e assustada. Ela encolheu-se para trás, segurando os braços sobre o peito. — Eros!

Eros voltou sua fúria sobre Ayden. — Caçador, eu vou acabar com você.

Ayden, com os braços em chamas, andou até ficar na frente da prisão flamejante de Psiquê. — Não, não vai. Pelo menos não antes de eu acabar com ela.

Seus olhos brilhavam tão fortes que eu pensei que fogo sairia deles também.

Sua voz era baixa e calma. E perigosa. — Você nos prometeu informações sobre o traidor. Conte-nos para que possamos proteger a *minha amada* — Ayden zombou e deu um espalmo sutil. O círculo de fogo diminuiu ao redor de Psiquê. Ela gritou. Eros endureceu. — Ou eu vou destruir a sua.

Eros olhou Ayden de cima abaixo. — Caçador, eu dei-lhe uma chance. Agora você foi muito longe.

— Dê o melhor de si — disse Ayden quando seus braços explodiram em chamas. — Desta vez eu não vou perder.

— E desta vez, ele não está sozinho — Matthias disse conforme o resto dos rapazes se aproximavam por trás dele.

— Eros, conte a eles! — Psiquê gritou. — A menos que você seja o verme sem escrúpulos que o Mandatum me alertou. Em meu juramento, se você se tornar uma sombra de Afrodite e não tiver a honra do homem por quem me apaixonei, eu, sozinha, irei arrastá-lo para o Conselho Superior.

— Ouch — eu disse. — Eu acho que o grande deus mau acaba de levar uma.



Os olhos de Eros brilharam com violência. Então seus ombros relaxaram uma fração. — Claro. Vou honrar minha palavra. Eu tinha planejado dizer a vocês de qualquer maneira.

— Estou perdendo a paciência. — Jayden inclinou a cabeça.

Psiquê gritou novamente.

— Paris! — Eros desabafou. — Afrodite tinha um contato na sede de Paris. É por isso que eu vim através daquele portal. Seu contato enfraqueceu as medidas de segurança. Afrodite e Vermis se separaram pouco tempo depois de eu chegar.

— Vermis é o nome do traidor? — Finalmente tínhamos algo de concreto.

— Não — Eros sacudiu a cabeça. — Vermis é como Afrodite chamava o traidor. Eu não sei o nome verdadeiro.

— Vermis é Latim para verme — disse Jayden.

— Adequado — disse Ayden. — Por que eles se separaram?

— Depois de usar Aurora para encontrar a pedra, Afrodite a queria viva para ajudar a controlar o exército. O único desejo do traidor era Aurora morta. Quando eles não concordaram, Afrodite enviou o contato de Vermis de volta — Eros fez uma careta — em pedaços.

— Em vez de rasgar contratos, deuses rasgam pessoas — eu disse. — Legal.

— Essa é a minha mãe. — Eros deu de ombros. — Aurora, o traidor perdeu vocês antes de você se mudar para cá. Eco foi enviado por Vermis para dar apoio para Fiskick, agente duplo da minha mãe. Ambos desapareceram antes de revelar sua localização. Agora o traidor envia demônios com rastreadores para caçar o Divinicus.

— Como o macaco vulcão? — Eu disse.

— Sim — Eros sorriu. — A noite do nosso primeiro encontro. Além disso, o traidor busca o conhecimento da menina.

Eu fiz uma careta. — Que menina?

— Sua amiga Heather — disse Eros.

Eu recuei. — Ela não é minha amiga. Não mais. O que ela tem a ver com isso?



— Sua sobrevivência, é claro. — O tom de Eros deixou claro que ele estava cansado de lidar com idiotas. Ele poupou um olhar preocupado para Psiquê, em seguida, pressionou as palmas das mãos, como se estivesse rezando por paciência. — Orquestrado por Vermis, o ataque no beco deveria tê-la matado. O traidor desejava respostas a respeito do porque isso não aconteceu. Em relação aquela noite, a mente de Heather está em ruínas da manipulação do Ilusionista, ela tem pouca memória, mas de todos os ataques, sua mente é a que menos ficou danificada. Ela está presa na Novo.

— De jeito nenhum — disse Tristan.

— Então, basicamente, Vermis a sequestrou e a forçou a ficar na Novo para que os gurus que ajudam com os dados de um Ilusionista pudessem desvendar suas memórias daquela noite? — Eu acho que ia vomitar.

— Exatamente — Eros assentiu. — Ela está recebendo o melhor dos cuidados. Apesar das tentativas de ressuscitar suas memórias não terem funcionado até agora, Vermis acredita firmemente que com certa... assistência, as respostas serão encontradas.

— Ela está no mesmo lugar que o meu pai? — Disse Tristan, mastigando uma borda. — Ele está em perigo com este verme também?

— Absolutamente não. — Eros disse com firmeza. — Vermis entende que não deve arriscar chamar atenção prejudicando o seu pai. Tenha certeza de que ele está bem cuidado. Agora, você pode usar esta informação para encontrar pelo menos um link para o traidor, se não uma identidade. Creio ter sido de grande ajuda para os seus empreendimentos.

— E você jura, por sua honra, que isso é tudo o que você sabe? — Perguntou Ayden.

— Eu não tenho nenhuma razão para ser reticente. Eu só concordei em ajudar minha mãe a encontrar Aurora porque ela prometeu resgatar Psiquê. Mas eu sabia que, mesmo se o encontrasse, nunca poderia ser verdadeiramente livre, então eu concordei em entregar ela para Ártemis. Minha lealdade não favorece Afrodite. Se você pegá-la, eu posso ajudar com o interrogatório. — A expressão dele ficou feia. — Por todos os anos



que o meu amor sofreu, gostaria de aproveitar reembolsando na minha mãe.

— Sim. — Eu pensei em Afrodite caindo no poço de lava. — Não vai acontecer tão cedo. Ela foi destruída. — Certeza que eu consegui a referência correta.

Um sorriso cruel ondulou sobre a linda boca de Eros. — Um destino que ela há muito merecia. Devo-lhe minha gratidão.

— Isso é verdade — eu disse. — E eu vou pedir um favor. Na verdade, uma vez que eu salvei sua esposa e livrei você da sua mãe psicopata, vou pedir dois favores, porque de acordo com uma super boa amiga minha, deuses levam em grande consideração aqueles que, o que era? — Eu bati meu dedo no meu queixo em um repouso pensativo. — Oh, sim, aqueles que extraem recompensas adequadas por serviços prestados. Ou algo assim. Então, eu quero um voto solene que você vai cumprir dois favores quando eu pedir. Temos um acordo? Porque, caso contrário, Ayden apenas pode ter que...

O fogo em torno de Psiquê ardeu mais brilhante. Ela gritou.

O sorriso cruel de Eros cortou em minha direção com tal fúria que eu pensei que ele poderia tentar me ferir. Então eu senti o resto dos meninos moverem-se em um grupo coletivo atrás de mim, e Eros recuou.

— Você tem meu voto solene. — Ele sacudiu a cabeça em uma curva dura. — Como prometido, você pode ter isso também. — De algum lugar nas dobras brancas de sua toga, ele produziu um quadrado de pano e desdobrou. O colar de pedra umbra brilhava intensamente. — Não era o que buscávamos, mas eu não tenho nenhum uso para essa coisa.

— Se isso não abre o portal, o que faz? — Eu disse, com cuidado para mantê-la embrulhada conforme eu colocava no bolso.

Eros levantou um ombro em um gesto elegante. — Cada pedra é um mistério a ser desvendado. Deixo em suas mãos dignas. — Ele alisou o tecido de seu traje grego. — Agora, eu gostaria de ter minha esposa e ir embora. Temos muitos anos para compensar.



Ayden e Eros se enfrentaram, por vários momentos de crescente tensão. Em seguida, o fogo dispersou e Ayden se moveu para o lado. Psiquê caiu nos braços de Eros.

Depois de um abraço ardente, ela se virou para mim com um sorriso malicioso. — Muito bem. Ou é, desse jeito... arrasou menina? Suas habilidades de negociação melhoraram imensamente. Eu vou garantir que ele mantenha a promessa. E também, porque eu te devo minha vida.

Eros olhou de Psiquê para mim de novo. — Eu acho que eu não aprovo esta aliança.

— E, no entanto não há nada que você possa fazer para impedir isso, meu amor. — Ela beijou sua bochecha e me deu um sorriso deslumbrante. — Fique bem, minha amiga. E obrigado. — Ela fez um gesto em direção a uma árvore. — Agora, Eros, eu poderia descansar antes de teleportar. Não quero repetir a experiência tão cedo.

Conforme Eros a levava, eu tive uma súbita pontada de medo. — Onde está Chloe? Ela está bem? Ela é realmente a filha de Jenny?

— Parece que sim — disse Matthias, e eu vi totalmente ambas as covinhas. — Não muito tempo depois que você desapareceu, ele recebeu um telefonema de um convento na Grécia. Chloe foi deixada lá há oito anos. Quando eles não conseguiram encontrar seus pais, eles a criaram.

— Mas onde ela está agora?

— De volta ao convento — Ayden disse com um sorriso malicioso. — História engraçada. Ela desapareceu hoje. As freiras estavam frenéticas. Mas, então, ela simplesmente apareceu. Nenhuma memória do que aconteceu, exceto que alguma freira maluca em um hábito roxo a encontrou vagando na aldeia e a levou de volta. Deu-lhe uma grande pena-cor-de-rosa com um número de telefone estampado nela. Insistiu que era o pai dela e as freiras precisavam ligar para ele. Então elas ligaram. Jenny está a caminho.

— Ele vai ter que provar que é pai dela — disse Matthias. — Mas desde que seja Chloe, eles vão ficar bem.

— É ela. — Eros levantou-se, segurando a mão de Psiquê, enquanto ela sentava contra uma árvore. — Ártemis nunca mataria uma inocente.



— Só sequestraria uma. E matar sua mãe. Sim, ela é uma gracinha. — Eu respirei fundo. — Obrigada, Gloria.

— Como você sabe, gata? — Perguntou Blake.

Minha testa franziu. — Sabe o que?

— A freira estranha que encontrou Chloe hoje e deu o número de Jenny. O nome dela era irmã Gloria.

Eu apontei para Ayden, um enorme sorriso no meu rosto. — Eu te disse!

— Eu sei — Ayden riu. — E eu disse a eles que tinha que ser o seu anjo da guarda.

Matthias bufou.

— O quê! — Eros guinchou. — Seu anjo da guarda é Gloria? — Sua voz falhou na última palavra. Ele se virou mais pálido que Logan.

Psiquê acariciou a mão dele. — Ela era adorável.

— Adorável? Ela é um monstro! — Eros penteou os cabelos mais e mais com os dedos. — E eles dizem que os deuses são ruins. Ela é... ela é...

Mordi o lábio, sorrindo. — Sabe, ela não parecia muito feliz que você estava usando fantasias.

— Você *contou* a ela! — Ele puxou Psiquê para os seus pés.

— Eros, ainda não, ainda estou...

Ele a tomou em seus braços. — Estamos indo embora agora!

Um *poof* de fumaça rosa depois, eles foram embora.

Enquanto Tristan reclamava sobre a destruição de seu carro, todos nós fizemos uma pausa e relaxamos, nos sentindo muito bem. Até que assassinos cobertos de morte e parecendo prontos para mais ação saíram da floresta.



CAPÍTULO CENTO E CATORZE

Os rapazes levantaram as mãos em sinal de rendição. Eu me encolho atrás de Ayden. Tão corajosa.

Xerife Payne ficou no meio do grupo de pais, avós e tios. — Meninos...

A voz de Blake explodiu por toda a paisagem — Jayden estava no chuveiro com Aurora!

Sr. Ishida engasgou — Ayden, eu estou muito decepcionado com você.

Ayden ficou vermelho. — Ele disse *Jayden*!

Sra. Ishida gemeu. — Jayden, nós já falamos sobre as inadequações. E com uma menina?

— Fui informado sobre o meu erro!

— Cala a boca! — Matthias disse aos rapazes, em seguida, virou-se para os pais dos garotos. — Sabemos que temos algumas explicações para dar.

— Não. — Xerife Payne sacudiu a cabeça. — Nós falamos com Jenny, e ele nos assegurou que é melhor não sabermos mais detalhes.

— O quê! — Meus olhos arregalaram. — Não que eu esteja reclamando, mas... por que estamos liberados?

— Negação plausível. — todos responderam ao mesmo tempo.

Xerife Payne parecia especialmente ameaçador com o colete coberto, que também estava coberto de... gosma de demônio. — Mas, senhores, se alguma vez vocês se envolverem em uma situação dessas novamente e não nos convidar para a festa...

— Nós sabemos — disse Logan. — ficar de castigo.

Sua mãe se levantou nas pontas dos pés e apontou um dedo para nós. — Muito de castigo.

— Ufa — Blake limpou sua testa. — Eu pensei que íamos ficar de castigo agora.

— Oh, vocês estão de castigo agora. — Tio Reece disse conforme resto dos pais assentiam e murmuravam concordando.



A mãe de Logan apontou o dedo novamente. — Muito de castigo.

— Mas tem detalhes a seguir — Sr. Ishida disse suavemente. — Todo mundo vá para casa. Exceto Aurora. Melhor vir e limpar-se antes de ir para casa. Eu posso reparar suas roupas. Mas esse cabelo. — Ele ergueu as mãos em um gesto de impotência.

— O quê? — Eu toquei meu cabelo. Oh.

— E, além disso, mocinha... — Sra. Ishida me acertou com um olhar penetrante e um dedo apontado para o meu peito. Eu me encolhi, aterrorizada que um longo, sabre brilhante estivesse prestes a disparar do seu dedo e espetar meu coração. — Você virá com mais frequência. Vou supervisionar seu treinamento em artes marciais.

— Vou ensinar sobre as armas — disse a mãe de Logan.

— Eu queria as armas — Tio Reece lamentou.

A discussão amigável continuou conforme os adultos se afastavam.

— Deixe-os em paz. — Foi a avó de Tristan. — Vocês sempre querem sufocá-los.

— Isso não é verdade.

— Eu sinto saudades disso.

— Eu também.

— Talvez devêssemos...

Suas vozes desapareceram quando eles sumiram dentro da floresta.

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso — Tristan resmungou.

— Você? — Eu disse. — Por que eu não posso simplesmente ficar com aulas de dança? — Eu suspirei e me virei para Ayden. — O que foi aquele mergulho na piscina?

Jayden cruzou os braços. — Sim, diga a ela, Ayden.

— Tudo bem. — Ayden atirou ao seu irmão um olhar cansado. — Porque Jayden estava tentando mostrar o quão inteligente ele é e sua conversa fiada incessante sobre toda a porcaria mecânica que ele estava lendo nos manuais de Flint, isso ficou preso no meu cérebro mesmo eu querendo ou não, então eu sabia que havia uma alavanca secreta



escondida na piscina que eu poderia usar para baixar a rede manualmente.

Jayden franziu os lábios. — Isso é quase uma avaliação precisa da minha contribuição.

— Boa jogada — Eu assenti. — E Fido?

Ayden riu. — Nenhum indício. Ela só explodiu na...

— O sistema de filtração na parte inferior da piscina — Jayden disse rapidamente.

— Então ela quebrou a maldita rede novamente — Matthias resmungou. — E saltou através do portal. Nós pensamos que ela estava com você.

— Eu queria que ela estivesse — eu disse. — Poderia tê-la usado para matar os demônios. — Tristan me deu um olhar assustado. — Não pergunte. De qualquer maneira, nós terminamos certo? Missão cumprida?

— Absolutamente, gata. E eu apelidei de Operação Demônios Mortais — disse Blake.

— Nós não vamos nomear as missões! — Matthias fez uma careta. Então uma contração em seus lábios ameaçou desencadear uma covinha. — Mas se formos, companheiro, esse não é ruim.

— Concordo. — Ayden bateu no ombro de um Blake sorridente. — Mas ainda temos muito com o que nos preocupar. Há o traidor à solta.

— E o que vamos fazer sobre o tesouro? — Disse Tristan. — E essa pedra umbra extra.

Jayden acrescentou — Temos um santuário com informações sem fim para classificar.

— Por que a gata abriu um portal?

— E sugou o poder de Jenny — disse Logan, movendo-se um pouco longe de mim.

Matthias estreitou um olhar hostil para mim. — E nós temos que descobrir como escrever relatórios para o Mandatum acreditáveis enquanto cobrimos a maior parte da verdade, a fim de salvar nossas peles e proteger uma aberração idiota como você.



— Sim, sim, sim — eu disse. — Mas nossa equipe sobreviveu a um Código Olimpo e matamos uma horda de demônios. — Eu fiz uma profunda reverência. — De nada.

— *De nada*? — Matthias cuspiu. — Você é a razão pela qual estamos nessa confusão! E você não é parte desta equipe.

Droga. Pensei que isso teria escapado dele. — Se você não tivesse sentido ciúmes de Ayden e me jogado em seu carro, Eros nunca teria vindo em meu socorro, o que iniciou todo este fiasco.

— Não tente colocar a culpa em mim!

— O lobo solitário não negou que ele amava Aurora. — Blake riu e se esquivou da porrada do Australiano.

— Ugh. — Ayden caminhava ao meu lado e colocou a mão na minha cintura. — Agora eu tenho que competir pelo seu afeto com Blake *e* Matthias.

Revirei um encolher de ombros dramático. — Eu tento afastá-lo sem ferir seus sentimentos, mas ele está tão apaixonado. É embaraçoso. Mesmo com todas essas outras meninas atrás dele.

— Eu não gosto de você, maldição!

Blake suspirou. — Parece que ele confessa demais.

CAPÍTULO CENTO E QUINZE

Era um luau e tanto.

O quintal dos Ishida, com grama até a praia, praia até o lago, parecia uma ilha paradisíaca.

Tochas Tiki, um porco assando no chão, uma banda, caras com cavaquinhos, uma pista de dança, brilhantes camisas havaianas, e saias de capim, e naturalmente, toneladas de comidas coloridas. Havia dançarinos de fogo - os favoritos de Ayden. E garotas do hula - as favoritas de Blake. E todos estavam descalços, bebendo em canudinhos nos abacaxis e coco vazios. Os Ishida até mesmo transportaram algumas palmeiras.

Tia M viajou para um “local secreto” com meu tio, mas o resto dos Laheys, junto com todas as famílias dos Garotos Malditos, estava aqui desfrutando da grande farra do Xerife Payne. Uma vez que o xerife havia descoberto sobre a mentira da festa de aniversário - eu contei para ele - ele fez Matthias planejar uma – sugestão minha.

Os meninos estavam sem camisa, usando colares de flores perfumadas em torno de seus pescoços e saias de capim sobre suas sungas - não poderia ficar melhor do que isso. As queimaduras de Ayden estavam cicatrizando muito bem e tudo estava certo com o mundo. Pelo menos durante os últimos dias desde que os deuses tinham desaparecido, de uma forma ou de outra. Foi uma pausa agradável do terrível e desastroso.

Da varanda do segundo andar da sala de jogos, eu assisti a mãe e o pai na praia tentando dançar limbo - sim, não pergunte.

Ayden subiu os degraus com bebidas frescas de coco e me entregou uma. — Se divertindo?

Tomei um gole da fruta, olhando para a cena alegre. — Sim. Especialmente porque é tudo tão... normal e não-letal. — Eu sorri. — O que significa que não vai durar. Vamos encarar os fatos, desastre segue



cada movimento meu. Como um pato recém-nascido dentro de um tsunami.

— Isso... não faz sentido — disse ele. — Mas parece que você precisa de um abraço e, sendo seu namorado oficial, estou contratualmente obrigado a fornecer. — Ayden colocou nossas bebidas no corrimão e abriu os braços com um suspiro dramático. — É um peso. Eu posso suportar.

Eu me afastei. — Sem abraço. Vai machucar as feridas que eu infligi.

— Oh vamos lá. Eu ia até mesmo oferecer um beijo porque sou um doador. E, independentemente das reivindicações do meu irmão idiota que tenta me castrar e manchar a minha longa e bem merecida reputação de durão, eu não sou um bebezão.

Então, apesar dos meus protestos, que foram hesitantes na melhor das hipóteses, porque eu não sou tão estúpida em diminuir a chance de me aninhar no corpo quente e nu de Ayden - tudo bem, quase nu - Ele me puxou para perto. Minha bochecha se estabeleceu em seu peito, que pareceu sólido e reconfortante.

E nu.

Eu quase ri. Controle-se, Aurora.

— Aproveite a vitória. — Sua voz envolveu-se em torno de mim como uma canção de ninar calmante. — Porque com o tesouro além de tudo o que aprendemos e vamos aprender, eu acho que nós temos, finalmente, uma vantagem sobre a concorrência. Sem mencionar que você está usando seus poderes como uma profissional agora.

Eu bufei. — Irresponsabilidade sobre o uso da palavra profissional, mas eu vou aceitar. — Eu me inclinei para trás para olhar para ele, e aqueles olhos que eram tão fáceis de me fazer derreter. — Eu provavelmente deveria ir ao santuário para ler mais.

— Vamos juntos. — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Depois da festa. Apenas você e eu. Eu poderia levar a sobremesa. Alguma coisa de chocolate. E cidra espumante que você gosta.

— Hmm. Muito romântico. Especialmente se deixarmos o esqueleto perto.



— Claro, tente matar a felicidade. Mas isso não vai funcionar. — Em um movimento rápido, ele me virou e me mergulhou para baixo. Minha respiração ficou presa e eu agarrei seus bíceps, músculos de aço sob as palmas das mãos. Seus olhos brilharam quentes e provocantes. — Eu sou o mestre do romance. — Ele abaixou sua boca para a minha.

— Eu amei! — Selena gritou.

Ayden começou a me soltar, então me pegou. Eu gritei.

— Brincadeira — disse ele com um sorriso diabólico. — Porque, com certeza, agora que eu tenho você, eu nunca vou te soltar.

Minha irmã jogou os braços em torno de Matthias quando os dois entraram na sala de jogos, então ela passou correndo por nós e para a praia segurando um livro e deixando restos de papel de embrulho colorido em seu rastro. Nos vendo, ela cantou — Fazendo um b-e-b-ê — o que não foi nada embaraçoso. Mesmo quando Matthias fez ruídos de vômito.

— Continuando — Ayden deixou um leve beijo em meus lábios, em seguida, me levantou e me levou para dentro da sala de jogos. — O que você deu a ela? — Ele perguntou para Matthias.

Ao me ver, Matthias fechou o sorriso indulgente que sempre surgia perto de Selena. — *Orgulho e Preconceito*.

— Eu amo — disse Blake. — Heathcliff e Elizabeth foram feitos um para o outro.

— É Darcy. Ou Catherine dependendo do... — Logan balançou a cabeça. — Deixa pra lá.

Eu lancei um olhar cauteloso para o Australiano. — Você disse que os meninos não sabiam sobre sua... *coleção.*

Matthias tentou parecer sério, então o riso retumbou em sua garganta. Suas covinhas apareceram.

— Você deveria ter visto seu rosto. Pensei que você ia desabar. — Ele colocou a palma de sua mão na testa e falou com uma voz aguda boba. — Não, Aurora, por favor, não diga a eles.

Seus ombros tremeram. Com riso. Que, agora que penso nisso, foi provavelmente por isso que eles estavam tremendo antes. Quando



descobri os livros. Quando ele - puta merda, o Australiano pregou uma peça em mim.

Apertei os olhos. — Não foi engraçado.

Ok, foi um pouco engraçado.

— Foi impagável. — Matthias enxugou os olhos e apontou um dedo zombeteiro. — Você achou que estava mantendo um grande segredo.

Ayden lançou um olhar irritado para o Australiano. — Você contou a ela a história toda?

Matthias tentou conter sua alegria — Hey, ela invadiu minha casa, meu quarto, falou com meu pai e queria discutir romance. Eu tinha que ter um pouco de diversão. Você pode contar a ela.

— Oh, não — Ayden sacudiu a cabeça. — Você não vai me trazer para isso novamente. Você conta a ela.

— Alguém me conte!

Matthias revirou os olhos. — Bem. Minha mãe era uma bibliotecária. Esses livros eram seus favoritos. — Quando Ayden gesticulou para Matthias continuar, o Australiano rangeu os dentes, em seguida, falou com suas palavras cortadas, cada sílaba afinada com precisão. — Mamãe lia para Bindi, mas eu me recusava a participar. Chamava-as de estúpidas. Depois que ambas foram... mortas, eu li cada um. Agora eu mantenho os livros seguros. Só para prevenir. Aí está. Feliz?

Não exatamente. Eu não sabia o que dizer. A história era doce e triste e aqueceu meu coração de um jeito estranho e complicado.

Então minha testa franziu. — Para prevenir o que?

Algo ondulou sob a superfície da expressão cuidadosamente neutra do Australiano, mas ele a enterrou muito rapidamente para eu ler. — Nós acabamos.

— Não até que você me dê crédito por eu manter seu segredo. Isso mostra que eu sou uma parte da equipe.

Matthias fez uma careta. — Não era um segredo.

— Eu não sabia disso.

— Manter segredos é perigoso. — disse Matthias. — O fato de que você ainda está disposta a mantê-los mostra que você não entendeu, e você



não é parte da equipe. — Ele girou nos seus calcanhares de pedestal e se dirigiu para a porta.

Olhei para as suas costas. Eu odiava quando ele estava certo. Eu inclinei meus ombros.

Ayden agarrou meu braço. — Aurora, não.

Eu soltei — Eu sou a Divinicus Nex.



CAPÍTULO CENTO E DEZESSEIS

Matthias congelou. Foi um silêncio mortal.

Então não era.

— Não! Não! Não! — Matthias gemeu e colocou as mãos sobre as orelhas. Ele correu ao redor da sala. O resto dos meninos estavam em vários estágios de aflição, gemendo e grunhindo.

— O que foi? — Eu estava tão orgulhosa de ter confessado. — Você disse que segredos eram perigosos. Você queria que eu fosse honesta, se eu sou parte da equipe.

— Essa foi sua interpretação. — Jayden disse para Matthias.

Matthias se jogou no sofá, pegou um travesseiro e cobriu o rosto com ele, resmungando — Não faça parecer que ela está fazendo sentido. Como se ela não fosse uma idiota.

Tanta falta de consideração para minha revelação.

Matthias levantou-se e caminhou pela sala. — Eu já sabia que você era a Divinicus, eu só não *sabia.*

— Falando sobre segredos — eu disse. — Por que ninguém nunca disse nada?

— Porque eu não sou um idiota. — Matthias grunhiu. — Porque, enquanto sua identidade permanecia tecnicamente apenas uma teoria, eu tinha uma negação plausível. Até que foi confirmado. Agora mesmo. Por você. O que significa que você é uma idiota. Mais uma vez. Obrigado. Meu mundo está de volta ao normal. — Sua risada tinha um toque maníaco. — Você perdeu a parte onde eu moro com um detector de mentiras humano? Claro, ele disse que não faria perguntas, mas isso é o que ele faz. Como um abutre beliscando ossos. — A mão de Matthias fez o formato de um bico simulando pegar algo no ar. — Beliscando, beliscando, beliscando.

Tristan enfiou a cabeça na sala secreta. — Odeio interromper seu colapso, Matthias, mas nós temos uma nova crise.

Claro que tínhamos.



Na sala secreta, nos reunimos ao redor do computador de Tristan e Jayden se reuniu nas peças sobressalentes.

— Parece o Frankenstein — disse Blake.

— Ela pode não ser bonita — Tristan disse com orgulho — mas apenas ela conseguiu se conectar ao computador da Tia M, o que significa que podemos acessar a qualquer coisa e ficar invisíveis. Mesmo se eu invadir o Mandatum.

— O que você encontrou, companheiro?

— Primeiro, Eros estava certo. Heather está na Novo.

Com a menção da minha velha amiga, minha barriga contraiu-se como se tivesse ingerido um enxame de abelhas com raiva.

Rangi os dentes contra as memórias do ataque, e perguntei — Ela está bem? — Eu não tenho sentimentos calorosos em relação a ela, mas eu não queria que ela sofresse. Minhas emoções eram totalmente confusas. — Devemos ir... ajudá-la de alguma forma?

— Eu ainda não fui capaz de acessar seus registros. — Disse Tristan. — Mas eu a vi em imagens de segurança. Parece muito bem, tanto quanto eu posso dizer. Vou visitar meu pai logo para que possamos falar com ela e descobrir. Em segundo, eu descobri quem assinou o rastreador que estava no demônio gorila que estava perseguindo Aurora. A crise vem em como as duas situações estão relacionadas.

— Que é? — Perguntou Ayden.

— A pessoa que assinou o rastreador e a pessoa que autorizou a entrada de Heather em Novo e está pagando a conta são as mesmas. — Tristan bateu em uma tecla e uma das telas se iluminou com a imagem de uma mulher.

— Oh. Não — eu sussurrei.

Ayden colocou o braço em minha volta. Meus joelhos desequilibraram, e eu me inclinei contra ele. Senti frio. Não consegui respirar. Porque eu conhecia essa mulher. Todos nós conhecemos.

Longas ondas de cabelos pretos, inteligentes olhos escuros amendoados, sua figura voluptuosa e as pernas grandes.



— Madame Sophina Cacciatori. — Minhas pernas gelaram oficialmente. Eu tinha que sentar. — O caçador Mandatum encarregado de encontrar e proteger o Divinicus Nex, está tentando me matar na verdade?

— Não é uma prova — disse Tristan. — Mas ela está posicionada na sede em Paris, onde Eros disse que ele saiu do portal porque era a localização do contato de Afrodite. Além disso, Cacciatori assina um monte de negócios pessoais, e mesmo eu não tendo conseguido seguir seus movimentos, aqui está uma coisa interessante. — Um documento surgiu em outra tela, e Tristan apontou para uma linha particular. — Confira essas datas que ela estava fora da área.

Eu entendi imediatamente e fiquei fria. — Ela estava fora a negócios pessoais durante o tempo em que fui atacada no beco. Então... Cacciatori orquestrou isso? Ela é Vermis?

— Não é definitivo. — O tom de Jayden era grave. — E nós precisamos comprovar fatos irrefutáveis. No entanto, com esta evidência particular e sua aparente conexão com Heather e Novo, é o que o vernáculo chamaria de uma “prova cabal”.

Tristan concordou. — Vou continuar verificando mais.

— Se for Cacciatori, não quero que ela nos vigie ainda mais de perto do que ela já está — disse Matthias. — Todo mundo revise o seu relatório da missão uma última vez para que eu possa enviá-los.

Ayden colocou uma bebida do coco em minha mão e beijou meu rosto. — Vá para a festa. Divirta-se. Eu estarei lá em breve. — Em seguida, ele e o resto dos meninos se afastaram para se concentrar na papelada.

Eu estava dormente. Não estava pronta para me juntar à multidão dançando limbo, então me afundei na cadeira mais próxima. A sala estava tranquila, apenas os teclados estalando e o borbulhar usual das misturas no laboratório de Jayden. Perto de mim, Blake cutucou meu ombro.

— Não se preocupe, gata, seus cavaleiros malditos sempre protegem sua rainha. — Ele colocou algo redondo na minha cabeça e voltou para sua papelada.



Tudo ficou escuro. Eu não estou falando sobre as telas de computador ficando pretas, eu estou falando que eu fiquei cega. Pisquei várias vezes, mas ainda não conseguia ver nada.

— Rapazes? Matthias? Ei, Sr. Príncipe das Trevas, isso não é engraçado.

Nenhuma resposta a minha piada nada surpreendente. Eu tinha certeza que meu título inteligente para o Australiano teria, pelo menos, conseguido uma risada de Blake.

Então a sala iluminou e entrou em foco.

Havia apenas um problema. Eu não estava mais no Kansas.



CAPÍTULO CENTO E DEZESSETE

Eu estava parada sozinha no meio de um escritório muito moderno, muito estranho.

O piso frio cor de creme, paredes brancas, claraboias por onde passavam estrelas brilhando no céu à noite. A sala estava nas sombras, apenas uma pequena luminária iluminava, mas eu podia ver as prateleiras elegantes revestindo as paredes que prendiam livros e pequenos objetos.

— Uh, meninos? — Eu me virei.

Um suspiro indicou espanto.

O escritório não tinha quatro paredes. Apenas três e um extenso chão ao teto de vidro que oferecia uma vista de quatro andares do centro de comando de algo semelhante a N.A.S.A., abrigando centenas de pessoas trabalhando diligentemente na frente do equipamento tecnológico avançado.

— O que diabos eu fiz?

Infelizmente, elfos não apareceram com a resposta. Peguei uma pilha de arquivos.

Esqueça isso. Minhas mãos passaram pelas pastas e a mesa. Como se eu fosse um fantasma. Só para ter certeza de que minha mente não estava pregando peças em mim, eu tentei novamente.

Não. Os arquivos, mesa, gavetas, a cadeira, a lâmpada. Eu não podia tocar em nada, não conseguia sentir nada. Eu e Gasparzinho. Só que em vez de amigável, eu estava apavorada.

Ainda mais quando na escrivaninha vi a foto de uma mulher e um menino. Oh querido Senhor, se eu não estava morta eu estava prestes a estar. Eu corri para a porta. Minha mão passou pela maçaneta. Ótimo.

Assim que eu percebi minha idiotice de não correr através da porta, ela abriu. Eu pulei para trás.

O intruso deu uma dupla olhada, então congelou, seus olhos ficando selvagens em torno das bordas e concentrando-se em mim. Ele ficou tão



quieto que eu comecei a me perguntar se ele era um robô e o seu botão de pausa estava pressionado. Um robô realmente bonito pronto para a passarela. Será que a Armani faz robôs para isso? Ou talvez eu realmente era um fantasma e ele não podia me ver.

Em seguida, ele assoprou uma palavra. — *Fiamma.*

Ótimo. De novo não. Que decepção a minha teoria do Gasparzinho.

— Desculpa. Não a conheço. Eu sou apenas... eu. — Eu limpei minha garganta. — Alguma serva sem rosto. Deixando alguns arquivos. Para a Senhorita Madame Sophina Cacciatori. Cujo escritório é esse. No qual estamos. — Eu estava tão impressionante quanto possível. O dono do escritório era uma suposição, mas eu reconhecia a mulher na foto. Cacciatori.

Cova do leão, aqui vou eu.

Cuidando em manter seus olhos me seguindo, Armani fechou a porta e a trancou. Isso não poderia ser bom. Um olhar não tão sutil me revelou que não havia outros meios de fuga.

Sua voz profunda tinha um sotaque sutil. — Você está ainda mais bonita do que eu me lembro.

— Claro. — Quem ele pensava que eu sou? Devo ter algum sósia. Meus olhos percorreram o chão, mas nenhum sinal de um alçapão. Eu até mesmo verifiquei por uma espiral dupla que pudesse oferecer alguma escapatória secreta porque, bem, eu estava desesperada. E muito assustada.

Minha atenção voltou para o Armani para encontrá-lo em pé muito perto, um sorriso gentil em seus lábios. Eu recuei. — Uau!

— Eu não queria assustá-la. — Ele estendeu a mão para mim e sua mão passou pela minha.

Ele congelou novamente. Eu também. Espelhar a loucura parecia ser apenas o curso de ação mais seguro.

— Você não está aqui. — Sua voz tremia tanto quanto a mão que pairava sobre a minha bochecha.

Eu vacilei. — Eu sou o fantasma do futuro de Natal que está aqui para dizer a você que trancar meninas em escritórios termina mal para



você. Polícia, perseguição, um tempo na prisão. — Eu considerei dar alguns golpes de karatê para assustá-lo, mas na minha forma não sólida atual, não via muito sentido.

— Você não pode estar morta. Eu ainda não salvei você.

Eu contemplei como essa lógica soou mais tarde. Então, por uma fração de segundo, eu me perguntei se eu estava morta. Mas isso não fazia sentido. Não que fizesse muito no momento.

— Me salvar de quê?

— Ártemis. Ela pegou você. Mas como você está aqui? — Confusão dissipou de seu rosto, substituído por um olhar frio, de controle de calculado. — Você está usando um Holocom.

— Eu estou o que?

— Alguma coisa na sua cabeça? — Seus dedos cutucaram através da minha testa.

Minhas mãos enterraram-se no meu cabelo, mas eu não podia sentir a coisa que Blake tinha colocado lá. A coisa redonda de metal. — Oh, droga.

Holocom. Ele deveria estar quebrado.

— Não, isso é bom. — Ele correu ao redor da mesa, derrubando a cadeira no chão em sua ânsia de chegar ao computador. — Onde você estava antes de você chegar aqui? Você está usando tecnologia Mandatum. Eu posso rastreá-la.

E eu aqui pensando que o meu pior cenário não poderia ficar pior. — Terra do Nunca. Segunda estrela a direita.

Seu rosto se contorceu com a confusão. — Diga-me seu verdadeiro nome. Sua localização. Qualquer coisa. Por favor, *Fiamma*.

Por que ele acha que me conhece? Eu recuei.

Sua boca achatou em um sorriso sombrio quando seus dedos voaram sobre o teclado. — Pelo menos eu sei que você é americana.

Porcaria! — O que? Eu malditamente não sou... companheiro.

— Esse pode ser o pior sotaque australiano que eu já ouvi.

— Isso é porque... Eu sou britânica. Vida longa à rainha!



Ele me jogou um olhar divertido e continuou pressionando teclas. — Nem britânica também.

— Tudo bem, tudo bem, eu sou uma moça da Irlanda. Bom dia, rapaz!

— Então você não está na Austrália, Inglaterra ou na Irlanda. Obrigado.

— De nada — eu resmunguei, em seguida, estendi a mão para o teclado. — Pare!

Ele não teve que se preocupar. Eu não conseguia segurar nem se minha vida dependesse disso. O que dependia.

Ele se inclinou sobre a mesa, uma mecha de cabelo caindo sobre a testa. Quando olhou para cima, seu olhar duro brilhou com determinação astuta.

— Eu não sei o que eles disseram, quem está prendendo você. — Seus olhos se estreitaram. — Ou por que você quer me iludir. Mas você não pode. Nada vai me parar. Eu sou o único que pode protegê-la. Ajude-me a encontrá-la e eu vou fazer você entender. Pode confiar em mim. — Estendeu a mão.

Eu me encolhi e recuei.

— Não! — Seus olhos brilharam com fúria quando ele bateu com o punho na mesa, sacudindo os conteúdos. — Eu não vou deixá-la escapar! — Ele começou a se mover em direção a mim e depois parou. Ele respirou fundo e deu a volta na mesa com lentidão deliberada, a palma levantada. — Sinto muito. Eu não deveria perder o controle.

Seus olhos desfocaram, seu corpo parou. Talvez a coisa de congelar seja um carrapato de alguma espécie. Seja lá o que for estava passando rapidamente.

Ele piscou, então falou, suas palavras correndo. — Eles estão chegando. Por favor. Onde está você? Eu preciso do seu *nome*!

Agarrei na minha cabeça. Se eu pudesse arrancar o capacete estúpido que me mantinha presa neste pesadelo.

— Não, não tente... Não vá! Ainda não. — Suas mãos pairavam sobre meus braços. — Me dê algo. Qualquer coisa. Eu posso levá-la embora. Para sempre.



Isso é o que eu temia.

Eu balancei minha cabeça. — Meninos, me tirem daqui. — Eu acho que os Garotos Malditos não podem me ouvir, mas eu estava ficando sem opções.

— Homens estão mantendo você em cativeiro? — Seu rosto escureceu em uma expressão letal. — Quem são eles? Eu posso matá-los. Eu vou matar todos eles. Com prazer. — Sua voz retumbou com uma borda selvagem, de aço. — Quando eu te encontrar. Em breve. Isso eu prometo.

O computador emitiu um sinal sonoro. Ele olhou para baixo. Seu sorriso se tornou primordial. — Eu peguei você. América do Norte. Claro. Não é costa-leste. Ou Centro-Oeste. Isto é...

O mundo ficou preto. Dor rachou através do meu crânio. Alguém puxou meu cabelo.

— Saiu!

— Ela está fora!

— Eles estão nos rastreando!

— Termine isso!

— Nós estamos tão ferrados!

— Ela é tão idiota!

A sala secreta. Os Garotos Malditos. Não admira que eu estivesse com dor.



CAPÍTULO CENTO E DEZOITO

— Gata, eu sinto muito. Como eu poderia saber que Tristan consertou o Holocom?

— Quão perto eles nos rastrearam? — Ayden exigiu.

— Oeste dos Estados Unidos. — Tristan estava no chão, enroscando algo no computador. — Talvez Califórnia.

Logan fez um barulho de chiado.

Ayden rangeu os dentes. — Por que você não o desligou mais rápido?

— Eu não podia. O Holocom ainda não estava conectado ao meu computador. — Tristan se mexeu desconfortavelmente. — E não fui eu que encerrei o rastreamento. Alguém fez isso.

Uma súbita tranquilidade encheu de tensão — Quem?

— Eu não sei. Mas quando eu tentei rastrear de volta, eles me tiraram do sistema. — Tristan deu uma bufada irritada. — Como se eu fosse algum hacker de jardim de infância. Eu não gosto disso.

Jayden veio de detrás do bar segurando uma caneca. — Isso é singularmente semelhante a quando eu tentava rastrear quem removeu o meu pedido de análise do DNA de Aurora no sistema Mandatum.

Matthias parecia sombrio. — Assim, em ambos os casos, é alguém com uma habilidade estelar de hackear e de vigilância de alta tecnologia, e é apenas coincidência que o poder de Madame Cacciatori seja de eletrônica. Ela é uma especialista em computador. Mas por que fazer isso? Tem certeza de que era o escritório dela?

— Sim. — Eu agarrei a xícara de chá de laranja e canela que Jayden colocou em minhas mãos trêmulas. — Ela estava na foto sobre a mesa. Mais jovem. O cabelo mais curto. Mas definitivamente era ela. Abraçando um menino. Em um barco.

— Descreva o cara que achava que conhecia você. — Disse Ayden. — Tristan pode colocá-lo no reconhecimento facial para identificá-lo.



Bebi o chá, esperando que as especiarias doces acalmassem minhas entranhas se retorcendo. — Tudo bem. Alto. Eu acho.

— Você *acha*? — Matthias grunhiu.

— Estou tentando!

O chá derramou. Ayden o colocou sobre uma mesa e segurou minhas mãos. — Continue.

Eu concordei. Respirei fundo. — Ele era alto, bem construído. Ombros largos.

— Assim como eu, gata?

— Não tão grande.

— Sim, acho que não. Ninguém nunca é.

Logan o acertou. — Deixe ela se concentrar.

— Apenas dizendo.

Eu flutuei minha mão sobre meu queixo. — Ele tinha um sombreado desalinhado. Como se ele não tivesse feito a barba por alguns dias. Queixo afiado. — Eu ouvi Tristan digitar. — O cabelo era... castanho médio, mas com mechas mais claras. Grosso. Não curto, mas não por muito.

Matthias resmungou — Você poderia ser menos específica?

— Cale a boca! — Eu dei um olhar raivoso em seguida, pressionei os punhos em minhas têmporas, tentando segurar a imagem. — Ele tinha cachos na parte de trás do pescoço. Ou... mais ondulado que encaracolado. E seus olhos eram... escuros? Mas não marrom. Eu não sei. A sala estava escura, então eu não tenho certeza.

Ayden franziu a testa. — Você tem certeza que nunca o viu antes?

— Não. Mas... ele era familiar de alguma forma. — Algo incomodava meu cérebro, então eu estalei os meus dedos. — A voz! Um sotaque! Era sutil, mas... italiano. Como o da Madame Cacciatori, mas não tão pesado quanto o dela. Isso ajuda, certo?

— Claro. — Matthias estava em seu habitual apoio e entusiasmo. — Nós já reduzimos alguns milhões de rapazes italianos de cabelos castanhos. Brilhante.

— Eu acho que conseguimos mais do que isso. — Blake caiu em uma cadeira de escritório com rodinhas, e afastou Tristan para lado para digitar no teclado esqueleto do computador Frankenstein. — Ele era sexy?

Minha testa franziu. — O que isso tem a ver com alguma coisa?

Blake me lançou um olhar, olhos castanhos penetrantes, sem qualquer forma de diversão e tolerando nenhum argumento. — Apenas me responda. Ele era sexy? Voz profunda?

Eu soltei o ar. — Sim. Ele era bonito.

— Eu perguntei se ele era sexy.

— Eu acho que sim. Eu estava muito assustada para me preocupar se ele era atraente. E, sim, a voz era profunda.

— Ele era um pouco mais velho do que nós? Talvez vinte ou algo assim?

— Eu suponho.

— Com um nariz aristocrático?

Pisquei. — Eu nem sei o que isso significa.

— Não importa. — Com gesto dramático, o dedo indicador de Blake bateu em uma tecla. — É ele?

Em uma rápida sucessão, o banco de telas de computadores de grandes dimensões que revestem as paredes se iluminou. Cada uma contendo a imagem do cara que eu tinha visto alguns momentos atrás. Ele usava um smoking, com o cabelo mais escuro do que eu lembrava e penteado à perfeição, sua expressão grave em vez de selvagem.

Eu balancei a cabeça. — É ele.

Matthias deu um passo a frente para uma melhor olhada. — Blake, quem é ele e como você o descobriu?

— O cara é meu herói. — Blake se inclinou para trás, com as mãos atadas atrás da cabeça. — Vocês não o reconhecem? Da última conferência na Europa, ele é o instrutor que me expulsou do curso de sedução.

Tristan respirou fundo — Oh, não.

Logan se jogou em uma cadeira, flácido. Os polegares de Jayden começaram a estalar. Matthias murmurou — Filho da... — e virou-se, ambas as mãos passando através de seu cabelo. Ayden olhou para a foto,

silencioso e completamente imóvel, mas os músculos de sua mandíbula ondularam sob a pele muito pálida.

Virei em um círculo lento, meus olhos varrendo cada tela. — Quem é ele?

Blake olhou para Ayden que estudou o chão por um momento, depois levantou cintilantes olhos de âmbar para mim.

— Seu nome é Cristiano. — Ayden limpou a garganta. — Cristiano Cacciatori.

Arrepios tomaram conta de mim. E não do tipo bom. Meus joelhos ameaçaram me derrubar.

— Sophina Cacciatori? A caçadora Mandatum encarregada de me rastrear? A que pensamos ser a traidora tentando me matar? Essa Cacciatori?

— Sim. — Ayden segurou o meu olhar. — Cristiano é filho dela.

Então meus joelhos desistiram. Ayden me pegou e me ajudou a sentar em uma cadeira. Eu chiei uma respiração. — Ele disse que queria me proteger, talvez por isso... ele não esteja com ela?

— Os melhores assassinos muitas vezes atraem suas vítimas com falsas declarações — disse Jayden.

— Claro — Eu assenti.

Todo mundo sabia disso.

— Ele chamou você de Fiamma, certo? — Logan empurrou Blake para fora do caminho para usar o computador. — É chama em italiano. Como os caçadores quase...

— Me pegarem em Paris — eu confirmei.

Duas telas de computador piscaram novas imagens mostrando o Espanhol e La Femme Nikita do meu encontro em Paris.

— São eles — eu disse. — Quem... — Minha voz sufocou. Será que eu realmente queria saber?

Logan disse algo próximo a reverência — Eles são membros da equipe de Cristiano.

— Mas sua equipe é... — Tristan engoliu em seco.

— É o quê? — Perguntei.



Ayden puxou uma respiração profunda e lançou uma palavra em um suspiro sombrio. — Sicarius.

Não, eu realmente não quero saber.

— É a Elite Mandatum, o mais cruel esquadrão assassino — disse Jayden.

Eu estremeci. — Sim, Jayden, eu sei.

Ele continuou — E esta equipe específica possui a reputação mais letal e prolífica em rastrear suas presas, que por algum motivo agora inclui...

— Eu! Sim, Jayden. Eu entendi isso também. Mas por quê? Como eles me conhecem?

Ninguém tinha uma resposta. Muito menos eu. Deixei cair o meu rosto em minhas mãos. Ayden me puxou para seus braços, tentando me consolar. Mas era difícil respirar com este laço apertando ao redor do meu pescoço.

Uma brisa entrou pela varanda. Eu senti o cheiro de churrasco, ouvi música animada, cantos, e riso alegre. Normal e não-letal.

Sim, eu sabia que não ia durar.

O Mandatum estava na caça. Aproximando-se. Com o seu melhor esquadrão assassino.

Vindo atrás de mim.

